
A Lança do Deserto
TENS CORAGEM PARA ENFRENTAR A ESCURIDÃO?
PETER V. BRETT
1001 MUNDOS

Ficha Técnica

Título original: The Desert Spear
Título: A Lança do Deserto
Colecção Mil e Um Mundos
Texto © Peter V. Brett
Capa © Larry Rostant
Traduzido para Língua Portuguesa
por Renato Carreira
Revisão Gisela Miravent
ISBN: 9789895578290
Edições Gailivro
[Uma chancela do grupo Leya]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide — Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01
© 2010, Edições Gailivro
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E mail: gailivro@gailivro.pt
www.gailivro.leya.com
www.leya.pt

Para Dani e Cassie, por serem os elementos constantes
que me servem de âncora.

Agradecimentos

A Lança do Deserto foi, de longe, a obra mais longa e exigente que alguma vez tentei. Tecer os pontos de vista de oito personagens numa história coerente foi esgotante para a minha mente frágil e não teria conseguido sem o apoio dos meus amigos e familiares e, acima de tudo, dos leitores das versões iniciais do texto, que perderam o seu tempo a ler os primeiros esboços do livro e facultaram críticas e conselhos que ajudaram a evoluir a história que agora têm perante vós. A minha gratidão a: Myke, Matt, Dani, Stacy, Amelia, Jay, Mãe, Denise, Cobie, Jon, Nancy, Sue, Joshua (o meu agente), Anne & Emma (as minhas editoras), Laura (a minha revisora), os meus editores e tradutores internacionais e todos os fãs do primeiro livro que perderam tempo a escrever-me para agradecer e para me encorajar enquanto me debatia com o esforço de tornar *A Lança do Deserto* o meu melhor trabalho, mesmo com a vida virada do avesso pela chegada de um novo bebé e pela carreira. Obrigado a todos. Não sei o que seria de mim sem vós.

Prólogo

Demônios da Mente

333 DR Inverno

ERA A NOITE ANTES DA LUA NOVA, durante as horas de maior escuridão em que até o estreito crescente luminoso se escondera. Numa pequena mancha de negrume pleno por baixo dos ramos grossos de um aglomerado de árvores, uma essência malévola ergueu-se do Núcleo.

A névoa escura condensou-se lentamente num par de demónios gigantescos, com as suas rijas peles castanhas espessas e nodosas como casca de árvore. Com quase três metros de altura, as suas garras curvas raspavam na floresta o tapete gelado de vegetação rasteira e agulhas de pinheiro ao farejarem. Um murmúrio baixo soou nas suas gargantas enquanto olhos negros perscrutavam as imediações.

Satisfeitos, afastaram-se e assentaram os quartos traseiros no chão, prontos para o salto. Atrás, a mancha de negrume pleno ampliou-se e a corrupção enegreceu o tapete florestal à medida que um novo par de formas etéreas se materializava.

Estas eram mais esguias, não passando muito além do metro e meio, com pele suave cor de carvão muito diferente da armadura rude dos seus irmãos de maior tamanho. Nas extremidades dos seus dedos delicados, as garras pareciam frágeis, finas e lisas como unhas cuidadas de mulher. Os dentes afiados eram curtos, dispondo-se em fila única numa boca sem focinho.

As cabeças eram inchadas, com enormes olhos sem pálpebras e crânios altos e cónicos. A pele sobre os crânios apresentava saliências
e texturas, pulsando à volta de vestígios de chifres.

Durante longos momentos, os dois recém-chegados entreolharam-se, com as testas pulsando, enquanto uma vibração carregava o ar entre os dois.

Um dos demónios maiores captou movimento nos arbustos e adiantou-se com ligeireza assustadora para arrancar uma ratazana ao seu esconderijo. O nuclita aproximou o roedor, estudando-o com curiosidade. Ao fazê-lo, o focinho do demónio adquiriu características de ratazana, com nariz e bigodes agitando-se enquanto lhe crescia um par de incisivos longos. A língua alongou-se para testar o gume dos dentes.

Um dos demónios esguios voltou-se para olhar, com a testa pulsando. Com o

movimento de uma garra, o demónio mimético eviscerou a ratazana e lançou-a para longe. Obedecendo a uma ordem dos príncipes nuclitas, os dois miméticos mudaram de forma, tornando-se enormes demónios do vento.

Os demónios da mente silvaram quando deixaram a mancha de negrume pleno e foram tocados pela luz das estrelas. O frio transformou o seu hálito numa névoa, mas não deram sinais de desconforto, deixando marcas de cascos na neve. Os miméticos baixaram-se e os príncipes nuclitas aproximaram-se das asas para montarem os seus dorsos e erguerem-se no céu.

Passaram sobre muitos demónios comuns a voarem para norte. Grandes e pequenos, encolheram-se à passagem dos príncipes nuclitas e seguiram o chamamento que vibrou depois dela.

Os miméticos aterraram sobre um ponto alto e os demónios da mente deslizaram para o chão, contemplando a vista. Um vasto exército ocupava a planície, com tendas brancas salpicando a terra onde a neve fora transformada em lama gelada por acção de muitos pés. Grandes bestas de carga com bossas agrupavam-se em círculos de poder, cobertas com mantas para as resguardar do frio. As guardas em redor do acampamento eram fortes e as sentinelas, com faces cobertas por pano negro, patrulhavam o perímetro. Mesmo àquela distância, os demónios da mente conseguiam sentir o poder das suas armas guardadas.

Além das guardas do acampamento, os corpos de dúzias de demónios comuns cobriam o campo, esperando que a estrela do dia os incendiasse.

Demónios comuns da chama foram os primeiros a alcançar a elevação onde os príncipes aguardavam. Mantendo uma distância respeitosa, iniciaram uma dança de adoração, guinchando a sua devoção.

De forma igualmente repentina, os demónios imobilizaram-se. A noite tornava-se mortalmente silenciosa enquanto a grande hoste de demónios se agrupava, atraída pelo chamado dos príncipes nuclitas. Demónios comuns da madeira e da chama erguiam-se lado a lado, esquecendo o seu ódio racial, e demónios comuns do vento descreviam círculos no alto.

Ignorando a reunião, os demónios da mente mantinham os olhos fixos na planície, com os crânios pulsando. Após um momento, um deles olhou o seu mimético, transmitindo-lhe a sua vontade, e a pele da criatura moldou-se e inchou, assumindo a forma de um colossal demónio da rocha. Em silêncio, os

demónios comuns ali reunidos, seguiram-no pela elevação abaixo.

No alto, os dois príncipes e o segundo mimético esperaram.

E observaram.



Quando se aproximaram do acampamento, ainda camuflados pela escuridão, o mimético abrandou o passo e fez sinal aos demónios da chama para que avançassem.

Sendo os nuclitas mais pequenos e mais fracos, os demónios da chama tinham olhos e bocas incandescentes por não conseguirem esconder as chamas interiores. As sentinelas avistaram-nos prontamente, mas os demónios eram rápidos e, antes que as sentinelas conseguissem fazer soar o alarme, lançaram-se sobre as guardas, cuspindo fogo.

As chamas cuspidas silvaram ao embater nas guardas, mas, obedecendo aos demónios da mente, os demónios da chama concentraram-se na neve amontoada fora do perímetro, com o seu hálito flamejante transformando-a prontamente em vapor escaldante. Seguras atrás das guardas, as sentinelas permaneceram incólumes. Mas ergueu-se um nevoeiro quente e denso, fazendo-lhes arder os olhos e conspurcando o ar que respiravam, mesmo com a protecção dos véus.

Uma das sentinelas correu pelo acampamento fora, fazendo soar um grande sino. Quando o fez, as outras lançaram-se corajosamente além das guardas para golpear os demónios da chama mais próximos com as suas lanças guardadas. Sentiram a magia percorrer as armas quando estas penetraram as escamas grossas e sobrepostas.

Outros demónios atacaram pelos flancos, mas as sentinelas trabalhavam em uníssono, cobrindo-se entre si com os escudos guardados. Ouviam-se gritos vindos do acampamento quando outros guerreiros correram para se juntarem à batalha.

Mas, a coberto da névoa e da escuridão, a hoste do mimético avançava. Num momento, os gritos das sentinelas eram de vitória e, no seguinte, eram de choque quando os demónios emergiram da cobertura vaporosa.

O mimético lidou prontamente com o primeiro humano que encontrou, varrendo-lhe os pés com a sua cauda pesada e segurando uma das pernas. O

guerreiro indefeso foi erguido pela perna e a sua coluna estalou como um chicote. Os desafortunados guerreiros que enfrentaram o mimético a seguir foram atingidos pelo cadáver do seu camarada caído.

Os outros demónios seguiram-lhe o exemplo, com diferentes níveis de sucesso. As poucas sentinelas não tardaram a ser derrotadas, mas muitos demónios eram demasiado lentos para se aproveitarem do sucesso, demorando-se a devorar os cadáveres em vez de se prepararem para a leva seguinte de guerreiros.

Mais e mais homens velados saíram do acampamento, formando linhas e matando com eficiência fluida e brutal. As guardas nas suas armas e escudos cintilavam repetidamente na escuridão.

Na elevação, os demónios da mente observavam a batalha, impassíveis, não mostrando qualquer preocupação pelos demónios que as lanças inimigas faziam tombar. O crânio de um deles palpitou quando enviou uma ordem ao seu mimético na planície.

De imediato, o mimético lançou um cadáver a um dos postes de guarda em redor do acampamento, fracturando-o e abrindo uma brecha. Na elevação, houve nova palpitação e os restantes nuclitas abandonaram o combate com os guerreiros e introduziram-se no acampamento inimigo pela brecha.

Apanhados de surpresa, os guerreiros voltaram-se para ver tendas em chamas, enquanto demónios da chama corriam por todo o lado, e ouviram os gritos das suas mulheres e crianças quando os nuclitas de maior dimensão conseguiram superar guardas chamuscadas.

Os guerreiros gritaram e correram para os seus entes queridos, esquecendo por completo a disciplina de batalha. Momentos depois, as unidades compactas e invencíveis tinham-se fragmentado em milhares de criaturas isoladas, sendo pouco mais do que presas.

O acampamento parecia estar prestes a ser vencido e reduzido a cinzas, mas, nesse momento, uma figura emergiu do pavilhão central. Vestia-se totalmente de preto, como os guerreiros, mas a sua túnica exterior, o turbante e o véu eram do branco mais puro. Rodeava-lhe a testa um diadema de ouro e, nas mãos, trazia uma grande lança de metal brilhante. Os príncipes nuclitas silvaram ao vê-lo.

Ouviram-se gritos quando o homem se aproximou. Os demónios da mente desprezavam os grunhidos e gritos primitivos que passavam por comunicação entre humanos, mas o significado era claro. Os outros eram insignificantes. Esta

era a sua mente.

Por acção do recém-chegado, os guerreiros recordaram a sua posição e regressaram à anterior coesão. Uma unidade destacou-se para selar a brecha exterior. Outras duas combateram as chamas. Uma terceira conduziu os indefesos a local seguro.

Libertados de outras preocupações, os restantes percorreram o acampamento e os demónios não puderam resistir-lhes durante muito tempo. Em minutos, o acampamento estava tão coberto de corpos de nuclitas como o campo exterior. O mimético, continuando disfarçado de demónio da rocha, não tardou a ser o único nuclita sobrevivente, demasiado rápido para ser atingido por lanças, mas incapaz de quebrar a muralha de escudos sem revelar a sua verdadeira natureza.

Uma palpitação no alto e o mimético desapareceu numa sombra, desmaterializando-se e esgueirando-se para fora do acampamento por uma minúscula nesga nas guardas. O inimigo ainda o procurava quando o mimético voltou a ocupar o lugar junto do seu mestre.

Os dois nuclitas esguios mantiveram-se sobre a elevação durante vários minutos, trocando vibrações silenciosas. Depois, em uníssono, voltaram os seus olhos para norte, onde se dizia estar a outra mente humana.

Um dos demónios da mente voltou-se para o seu mimético, ajoelhado com a forma de um gigantesco demónio do vento, e subiu-lhe pela asa estendida. Enquanto era envolvido pela noite, o demónio da mente que ficou para trás voltou a contemplar o acampamento flamejante do inimigo.

Seção 1

Uma Vitória sem Honra

Um

Forte Rizon

333 DR Inverno

A MURALHA DE FORTE RIZON ERA UMA PIADA. Mal chegava aos três metros de altura e tinha apenas meio metro de espessura. As defesas combinadas da cidade eram inferiores às do mais insignificante dos doze palácios de um Damaji. Os Vigias nem sequer precisavam das suas escadas reforçadas com aço. Bastava-lhes saltar e alcançarem o topo da minúscula muralha, içando-se sobre ela.

— Gente tão fraca e negligente merece ser conquistada — disse Hasik. Jardir grunhiu, mas sem dizer nada.

A guarda avançada da elite guerreira de Jardir chegara a coberto da escuridão, com milhares de pés calçados com sandálias pisando os campos de pousio cobertos de neve que rodeavam a cidade. Enquanto os hortelões se acobardavam atrás das suas guardas, os krasianos tinham enfrentado a noite infestada de demónios para avançarem até ali. Os próprios nuclitas abriam caminho para a passagem de tão grande número de Guerreiros Santos.

Reuniram-se defronte da cidade, mas os guerreiros velados não atacaram de imediato. Os homens não atacavam outros homens de noite. Quando a luz da aurora começou a iluminar o céu, baixaram os véus, para que o inimigo pudesse contemplar as suas faces.

Ouviram-se alguns gemidos breves quando os Vigias dominaram os guardas na casamata e um guincho quando os portões foram abertos para admitir a hoste de Jardir. Com um rugido, seis mil guerreiros dal’Sharum invadiram a cidade.

Antes que os rizonanos percebessem o que acontecia, os krasianos estavam sobre eles, pontapeando portas e arrancando os homens às suas camas, lançando-

os nus para a neve.

Com a sua terra arável aparentemente infinita, Forte Rizon era muito mais populosa do que Krasia, mas os homens rizonanos não eram guerreiros e caíram diante dos homens treinados de Jardir como a erva é vencida pela foice. Os que resistiram foram punidos com músculos rasgados e ossos quebrados. Os que lutaram, foram mortos.

Jardir olhou-os, com mágoa. Cada homem mutilado ou morto era mais um que não poderia encontrar a glória na Sharak Ka, a Grande Guerra, mas era um mal necessário. Não podia transformar os homens do Norte em armas contra os demónios sem primeiro os temperar como o martelo do ferreiro molda uma ponta de lança.

Mulheres gritaram enquanto os homens de Jardir as moldavam de outra forma. Outro mal necessário. A Sharak Ka estava próxima e a geração seguinte de guerreiros teria de ser gerada por homens e não por cobardes.

Após algum tempo, Jayan, o filho de Jardir, pousou um joelho na neve diante do pai, com a ponta da lança manchada de sangue.

— A cidade é nossa, pai — disse Jayan.

Jardir acenou afirmativamente.

— Se controlamos a cidade, controlamos a planície.

Jayan saíra-se bem na sua primeira missão como comandante. Tivesse a batalha sido contra demónios e teria sido o próprio Jardir a liderar a carga, mas não mancharia a Lança de Kaji com sangue humano. Jayan era jovem para envergar o véu branco de um capitão, mas era o primogénito de Jardir e o Sangue do Libertador fluía-lhe nas veias. Era forte e resistente à dor. Guerreiros e clérigos moviam-se com reverência em seu redor.

— Muitos fugiram — acrescentou Asome, surgindo atrás do seu irmão. — Avisarão a gente dos povoados, que também fugirá, para escapar à limpeza da lei do Evejah.

Jardir olhou-o. Asome era um ano mais novo do que o irmão, mais pequeno e mais esguio. Vestia a túnica branca de um dama, sem armadura nem arma, mas Jardir não se deixava enganar. O seu segundo filho seria facilmente o mais ambicioso e perigoso dos dois e os dois superavam nestas duas particularidades qualquer um das suas dúzias de irmãos mais novos.

— Fogem por agora — disse Jardir. — Mas deixam para trás as suas reservas

de comida e debandam para o gelo macio que cobre as terras verdes no Inverno. Os fracos morrerão, poupando-nos o trabalho de os matar e os meus homens encontrarão os fortes a seu tempo. Estou satisfeito convosco, meus filhos. Jayan, escolhe homens para encontrarem edifícios capazes de conter os cativos antes que morram de frio. Separem os rapazes para o Hannu Pash. Se conseguirmos afastar deles pela força esta fraqueza nortenha, talvez alguns consigam elevar-se acima dos seus pais. Os homens fortes serão usados como carne para canhão em batalha e os fracos serão escravos. Qualquer mulher em idade fértil poderá ser fecundada.

Jayan bateu com um punho no peito e acenou afirmativamente.

— Asome, faz sinal aos outros dama para começarem — disse Jardir. Asome respondeu com uma vénia.

Jardir observou o seu filho vestido de branco enquanto este se afastava para lhe obedecer. Os clérigos espalhariam a palavra de Everam entre os chin e os que não a aceitassem nos corações tê-la-iam forçada pela garganta abaixo.

Mal necessário.



Nessa tarde, Jardir andou para trás e para diante sobre os pisos cobertos por grossos tapetes da mansão que tomara como seu palácio rizonano. Era um tugúrio quando comparado com os seus palácios em Krasia, mas, após meses a dormir em tendas desde que deixara a Lança do Deserto, o sabor vago a civilização era recebido com agrado.

Na sua mão direita, Jardir segurava a Lança de Kaji, usando-a como alguém usaria uma bengala. Não precisava de apoio, claro, mas a arma ancestral desencadeara a sua ascensão ao poder e nunca estava longe do seu alcance. O pé da lança embatia sonoramente sobre o tapete a cada passo.

— Abban está atrasado — disse Jardir. — Mesmo viajando com as mulheres após o nascer do Sol, já deveria ter chegado.

— Nunca compreenderei por que toleras aquele khaffit entre nós, pai — disse Asome. — O comedor de porco deveria ser morto por ter erguido os olhos para te olhar e, no entanto, aceitas o seu conselho como se fosse um nosso semelhante na tua corte.

— O próprio Kaji usava khaffit em tarefas que lhes são adequadas — lembrou Jardir. — Abban sabe mais sobre as terras verdes do que qualquer outro homem e um líder sensato deverá usar tal conhecimento.

— Que há para conhecer? — perguntou Jayan. — Os hortelões são todos fracos e cobardes. Eles próprios não são melhores do que os khaffit. Nem sequer são dignos de lutar como escravos ou servir de carne para canhão.

— Não sejas tão lesto a afirmar conhecimento de tudo o que existe — recomendou Jardir. — Apenas Everam conhece todas as coisas. O Evejah diz-nos que devemos conhecer os nossos inimigos e sabemos muito pouco do Norte. Se devo envolvê-los na Grande Guerra, precisarei de fazer mais do que matá-los, mais do que dominá-los. Preciso de os compreender. E, se todos os homens das terras verdes não forem melhores do que khaffit, quem melhor do que um khaffit para me explicar os seus corações?

Nesse momento, ouviu-se uma batida na porta e Abban entrou, coxeando. Como sempre, o gordo mercador vestia sedas ricas e femininas, parecendo escolher trajes faustosos intencionalmente para ofender os austeros dama e dal'Sharum.

Os guardas troçaram e empurraram-no enquanto passava, mas eram demasiado sensatos para lhe negar entrada. Independentemente dos seus sentimentos pessoais, bloquear o caminho de Abban podia despertar a ira de Jardir, algo que nenhum homem desejava.

O khaffit aleijado apoiou-se pesadamente sobre a bengala enquanto se aproximava do trono de Jardir, com gotículas de suor sobre a face anafada e vermelha, apesar do frio que se fazia sentir. Jardir olhou-o com desprezo. Era claro que trazia notícias importantes, mas Abban limitou-se a arfar, tentando recuperar o fôlego em vez de as partilhar.

— O que se passa? — explodiu Jardir quando a sua paciência se esgotou.

— Precisas de fazer alguma coisa! — exclamou Abban. — Estão a incendiar os celeiros!

— O quê?! — disse Jardir, pondo-se de pé e segurando o braço de Abban. Apertou-o com tamanha força que o khaffit gritou de dor. — Onde?

— Na ala norte da cidade — respondeu Abban. — O fumo é visível da porta.

Jardir apressou-se a chegar à escadaria de entrada, avistando de imediato a coluna de fumo. Voltou-se para Jayan:

— Quero os fogos extintos e os responsáveis trazidos à minha presença.

Jayan acenou afirmativamente e desapareceu nas ruas, seguido por guerreiros treinados movendo-se como aves em formação. Jardir voltou-se novamente para Abban.

— O cereal é necessário para alimentar o povo durante o Inverno — afirmou Abban. — Cada grão. Cada partícula. Adverti-te.

Asome lançou-se para diante, prendendo o pulso de Abban, torcendo-lhe o braço atrás das costas e fazendo-o gritar.

— Não te dirigirás ao Shar'Dama Ka nesse tom! — rosnou-lhe.

— Basta — disse Jardir.

Abban caiu de joelhos assim que Asome o libertou. Colocou as duas mãos nos degraus e pressionou a cabeça entre elas.

— Dez mil perdões, Libertador — implorou.

— Ouvi o teu conselho cobarde contra uma incursão ao Norte frio –
disse Jardir enquanto Abban rastejava no solo. — Mas não atrasarei o trabalho de Everam por esta… — pontapeou a neve sobre os degraus –
tempestade de gelo. Se precisarmos de comida, vamos tirá-la aos chin das terras que nos rodeiam, que vivem em abundância.

— Com certeza, Shar'Dama Ka — disse Abban, sem erguer a cabeça.

— Levaste demasiado tempo a chegar, khaffit — disse-lhe Jardir. — Preciso que localizes os teus contactos mercadores entre os cativos.

— Se continuarem vivos — disse Abban. — Centenas de mortos jazem pelas ruas.

Jardir encolheu os ombros.

— A culpa é tua por seres tão lento. Vai. Questiona os teus companheiros de ofício e encontra-me os líderes destes homens.

— Os dama vão matar-me assim que lhes der uma ordem, mesmo que o faça em teu nome, grande Shar'Dama Ka — recordou Abban.

E era verdade. Pela lei do Evejah, qualquer khaffit que se atrevesse a dar ordens aos seus superiores seria morto sem apelo e muitos eram os que invejavam a posição de Abban no conselho de Jardir e a quem agradaria o seu fim.

— Enviarei Asome contigo — disse Jardir. — Nem o clérigo mais fanático se atreverá a desafiar-te.

Abban empalideceu quando Asome avançou, mas acenou afirmativamente.

— Farei como ordena o Shar’Dama Ka.

Dois

Abban

305-308 DR

JARDIR TINHA NOVE ANOS quando os dal’Sharum o levaram para longe da sua mãe. Era uma idade precoce, mesmo em Krasia, mas a tribo de Kaji perdera muitos guerreiros nesse ano e precisavam de reforçar as fileiras antes que as outras tribos tentassem apoderar-se dos seus domínios.

Jardir, as suas três irmãs mais novas e a mãe, Kajivah, partilhavam um quarto único no bairro de adobe dos Kaji junto ao poço seco. O seu pai, Hoshkamin, morrera em batalha dois anos antes, vitimado pelo ataque da tribo de Majah a um poço. Era costume que um dos companheiros de um guerreiro caído recebesse as suas viúvas como esposas e zelasse pelos seus filhos, mas Kajivah dera à luz três filhas seguidas, um mau prenúncio que nenhum homem aceitaria em casa. Viviam com uma pequena provisão de alimentos assegurada pelos dama locais e, não tendo mais nada, tinham-se uns aos outros.

— Ahmann asu Hoshkamin am’Jardir am’Kaji — disse o instrutor Qeran —, virás connosco ao Kaji’sharaj para encontrar o teu Hannu Pash, o caminho que Everam te destinou. — Atravessava-se na porta com o instrutor Kaval, dois guerreiros altos e imponentes nas suas túnicas negras com os véus vermelhos dos instrutores. Olhavam, impassíveis, enquanto a mãe de Jardir chorava e o abraçava.

— Precisas de ser o homem da tua família, Ahmann — disse-lhe Kajivah. —

Por mim e pelas tuas irmãs. Não temos mais ninguém.

— E serei, mãe — prometeu Jardir. — Tornar-me-ei um grande guerreiro e construir-te-ei um palácio.

— Disso não duvido — disse Kajivah. — Dizem que fui amaldiçoada por ter trazido ao mundo três raparigas depois de ti, mas eu digo que Everam abençoou a nossa família com um filho tão grande que não precisou de irmãos. — Abraçou-o com força, molhando-lhe a face com as suas lágrimas quentes.

— Basta de choro — disse o instrutor Kaval, pegando no braço de Jardir e puxando-o. As suas irmãs olharam enquanto era levado da minúscula casa.

— É sempre assim — disse Qeran. — As mães nunca conseguem largá-los.

— Não tem homem que zele por ela — replicou Jardir.

— Não te foi dada a palavra, rapaz — bradou Kaval, atingindo-o com força na cabeça. Jardir conteve um grito de dor quando o seu joelho embateu contra o pavimento de arenito da rua. O seu coração impelia-o a ripostar, mas controlou-se. Por mais que o Kaji precisasse de guerreiros, os dal'Sharum matá-lo-iam por tamanha afronta sem pensar mais do que um homem prestes a esmagar um escorpião com a sua sandália.

— Todos os homens de Krasia zelam por ela — disse Qeran, inclinando a cabeça para a sua porta. — Derramam o seu sangue para a manter segura enquanto chora pelo seu filho miserável.

Viraram numa esquina, dirigindo-se para o Grande Bazar. Jardir conhecia bem o caminho, pois ia ao mercado com frequência, mesmo que não tivesse dinheiro. Os cheiros de especiarias e perfume eram uma mistura intoxicante e gostava de olhar as lanças e as lâminas curvas de aparência malévola nas tendas dos armeiros. Por vezes, lutava com outros rapazes, preparando-se para o dia em que seria um guerreiro.

Era raro que os dal'Sharum entrassem no bazar. Tal sítio não era digno da sua presença. Mulheres, crianças e khaffit dispersaram, abrindo caminho para os instrutores. Jardir observava os guerreiros com cuidado, esforçando-se por imitar o seu porte.

«Um dia», pensava, «abrirão caminho para a minha passagem.»

Kaval conferiu uma lousa escrita a giz e ergueu os olhos para uma grande tenda decorada com estandartes coloridos.

— É este o sítio — disse, motivando um grunhido a Qeran. Jardir seguiu-os

enquanto erguiam o pano que cobria a entrada e passavam sem se anunciarem.

O interior da tenda cheirava a incenso e estava coberto com ricas carpetes, pilhas de almofadas de seda, suportes de carpetes penduradas, cerâmica pintada e outros tesouros. Jardir passou um dedo por uma peça de seda e a sua suavidade fê-lo estremecer.

«A minha mãe e irmã deviam vestir-se com este tecido», pensou. Olhou as suas calças e colete castanhos, sujos e rasgados, e ansiou pelo dia em que poderia envergar o negro de um guerreiro.

Uma mulher ao balcão guinchou ao avistar os instrutores e Jardir ergueu os olhos para ela no momento em que cobria a face com o véu.

— Omara vah'Haman vah'Kaji? — perguntou Qeran. A mulher acenou afirmativamente, arregalando os olhos de medo.

— Viemos pelo teu filho, Abban — disse Qeran.

— Não está aqui — respondeu Omara, mas os seus olhos e mãos, as únicas partes do corpo visíveis por baixo do grosso pano negro, tremiam. — Mandei-o fazer entregas esta manhã.

— Revista as traseiras — disse Qeran a Kaval. O instrutor respondeu com um aceno e dirigiu-se para a divisória de pano além do balcão.

— Não, por favor! — gritou Omara, atravessando-se no seu caminho. Kaval ignorou-a, empurrando-a para o lado e desaparecendo nas traseiras. Ouviram-se mais guinchos e, um momento depois, o instrutor reemergiu, trazendo pelo braço um rapaz de colete castanho, boné e calças largas, mas de muito melhor pano que o traje de Jardir. Talvez fosse um ou dois anos mais velho do que Jardir, encorpado e bem alimentado. Foi seguido por várias raparigas mais velhas, duas de castanho e três de negro, com as faces descobertas e os toucados de mulheres solteiras.

— Abban am'Haman am'Kaji — disse Qeran —, virás connosco ao Kaji'sharaj para encontrar o teu Hannu Pash, o caminho que Everam te destinou. — As palavras fizeram o rapaz tremer.

Omara gritou, agarrando o filho e tentando puxá-lo para trás.

— Por favor! É demasiado pequeno! Mais um ano! Suplico-vos!

— Silêncio, mulher — disse Kaval, empurrando-a para o chão. — O rapaz já passou a idade certa e está gordo. Se ficar contigo mais um dia, acabará por ser um khaffit como o seu pai.

— Orgulha-te, mulher — disse-lhe Qeran. — O teu filho terá a oportunidade de se erguer acima do seu pai e de servir Everam e os Kaji.

Omara cerrou os punhos, mas deixou-se ficar onde caíra, com a cabeça baixa, chorando sem grande alvoroço. Nenhuma mulher se atreveria a desafiar um dal'Sharum. As irmãs de Abban abraçaram-na, partilhando a sua dor. Abban estendeu-se para elas, mas Kaval puxou-o para longe. O rapaz chorou e gritou enquanto o arrastaram para fora da tenda. Jardir ouvia as mulheres chorar mesmo depois de a pesada cobertura de pano se fechar e de serem rodeados pelo clamor do mercado.

Os guerreiros ignoraram os rapazes durante a viagem para o campo de treino, deixando-os seguirem-nos. Abban continuou a chorar e a tremer.

— Por que choras? — perguntou-lhe Jardir. — O caminho que temos diante de nós está iluminado pela glória.

— Não quero ser guerreiro — disse Abban. — Não quero morrer.

Jardir encolheu os ombros.

— Talvez te chamem para ser dama.

Abban estremeceu.

— Isso seria pior. Foi um dama que matou o meu pai.

— Porquê? — quis saber Jardir.

— Porque lhe entornou acidentalmente tinta sobre a túnica — respondeu Abban.

— Os dama mataram-no por isso? — perguntou Jardir.

Abban acenou afirmativamente, com os olhos inundados de lágrimas.

— Partiu-lhe o pescoço nesse momento. Foi tão rápido… estendeu as mãos, ouviu-se um estalo e o meu pai caiu. — Engoliu em seco. — Agora sou o único homem que resta para cuidar da minha mãe e irmãs.

Jardir pegou-lhe na mão.

— O meu pai também morreu e dizem que a minha mãe está amaldiçoada por ter tido três filhas seguidas. Mas somos homens dos Kaji. Conseguiremos superar os nossos pais e trazer honra às nossas mulheres.

— Mas tenho medo — soluçou Abban.

— Também eu. Um pouco — admitiu Jardir, olhando o chão quando o disse. Um momento mais tarde, alegrou-se. — Façamos um pacto.

Abban, criado entre os mercadores implacáveis do bazar, olhou-o com

suspeição.

— Que tipo de pacto?

— Ajudar-nos-emos um ao outro a suportar o Hannu Pash — disse Jardir. — Se caíres, amparar-te-ei. Se eu cair, tu… — sorriu e bateu com a mão no ventre redondo de Abban — almofadas-me.

Abban guinchou e esfregou a barriga, mas não se queixou, fitando Jardir, com espanto.

— Falas com sinceridade? — perguntou, secando os olhos com as costas da mão.

Jardir acenou afirmativamente. Caminhavam pela sombra dos toldos do bazar, mas segurou o braço de Abban e puxou-o para o Sol.

— Juro pela luz de Everam.

Abban esboçou um sorriso amplo.

— E eu juro pela coroa de jóias de Kaji.

— Não se atrasem! — bradou Kaval, fazendo-os acelerar o passo, mas Abban passara a mover-se com confiança.

Os instrutores traçaram guardas no ar quando passaram pelo grande templo de Sharik Hora, murmurando preces a Everam, o Criador. Além do Sharik Hora ficava o campo de treino e Jardir e Abban tentaram olhar para todo o lado ao mesmo tempo, fitando os guerreiros ocupados com os seus exercícios. Alguns trabalhavam com escudo, lança ou rede, enquanto outros marchavam ou corriam em fileira. Vigias erguiam-se no alto de escadas, sem qualquer apoio, aprimorando o seu equilíbrio. Outros dal’Sharum martelavam pontas de lança e escudos guardados ou praticavam sharusahk, a arte da luta desarmada.

Havia doze sharaji, ou escolas, rodeando o campo de treino, um para cada tribo. Jardir e Abban pertenciam à tribo de Kaji e, portanto, foram levados para o Kaji’sharaj. Aí, iniciariam o Hannu Pash, de onde sairiam como dama, dal’Sharum ou khaffit.

— O Kaji’sharaj é muito maior do que os outros — comentou Abban, erguendo o olhar para o alto da enorme tenda. — Só o Majah’sharaj consegue aproximar-se.

— Claro que sim — disse Kaval. — Achas que é por coincidência que a nossa tribo se chama Kaji, o mesmo nome do Shar’Dama Ka, o Libertador? Somos os filhos das suas mil mulheres, sangue do seu sangue. Os Majah — cuspiu — são

apenas sangue do fraco que governou quando o Shar’Dama Ka deixou este mundo. As outras tribos são-nos inferiores de todas as formas. Nunca o esqueças.

Foram levados para a tenda e receberam bidos, tangas simples de pano branco. As suas roupas castanhas foram levadas para serem queimadas. Eram nie’Sharum. Não eram ainda guerreiros, mas também já não eram rapazes.

— Um mês de ração e de treino árduo queimar-te-á as gorduras, rapaz — disse Kaval quando Abban despiu a camisa. O instrutor esmurrou-lhe o ventre redondo, enojado. Abban curvou-se para diante, mas Jardir amparou-o antes que caísse, segurando-o até ele recuperar o fôlego. Depois de trocarem de roupa, os instrutores levaram-nos para a caserna.

— Sangue novo! — gritou Qeran enquanto eram empurrados para uma divisão ampla e sem mobiliário, repleta de outros nie’Sharum. — Ahmann asu Hoshkamin am’Jardir am’Kaji e Abban am’Haman am’Kaji! Passam a ser vossos irmãos.

Abban corou e Jardir percebeu de imediato porquê, tal como todos os outros rapazes presentes. Por não referir o nome do seu pai, Qeran tornara claro que Abban era filho de um khaffit, a casta mais baixa e desprezada da sociedade krasiana. Os khaffit eram cobardes e fracos, homens que não conseguiam suportar a vida guerreira.

— Ah! Trazes-nos o filho gordo de um comedor de porcos e uma ratazana esquelética! — gritou o maior dos nie’Sharum. — Leva-os para fora! — Os outros rapazes riram.

O instrutor Qeran rosnou e esmurrou o rapaz na face. Embateu violentamente contra o piso de pedra, cuspindo sangue. O riso cessou.

— Podes troçar quando despires o bido, Hasik — disse-lhe Qeran. — Até lá, são todos ratazanas esqueléticas e comedores de porco khaffit. — Com isto, voltou costas com Kaval e saíram.

— Vão pagar por esta, ratazanas — ameaçou Hasik, pronunciando a última palavra com um estranho silvo. Arrancou o dente solto da boca e atirou-o a Abban, que se encolheu quando o sentiu. Jardir colocou-se diante dele e rosnou, mas Hasik e os seus companheiros já se tinham afastado.

Pouco depois de chegarem, receberam malgas e a panela da ração foi trazida. Faminto, Jardir dirigiu-se para a panela e Abban foi ainda mais lesto, mas um dos rapazes mais velhos bloqueou-lhes o caminho.

— Pensam que comerão antes de mim? — perguntou. Empurrou Jardir contra Abban e ambos tombaram ao chão.

— Levantem-se se querem comer — disse o instrutor que trouxe a panela. — Os últimos rapazes na fila passam fome.

Abban guinchou e puseram-se de pé. A maioria dos rapazes já estava na fila, por ordem aproximada de tamanho e força, com Hasik à frente. Ao fundo da fila, os rapazes mais pequenos lutavam ferozmente para evitar os últimos lugares.

— Que faremos? — perguntou Abban.

— Vamos para a fila — disse Jardir, segurando o braço de Abban e arrastando-o para o meio da fila, onde os rapazes eram mais leves do que o bem alimentado Abban. — O meu pai dizia que fraqueza revelada é pior do que fraqueza sentida.

— Mas não sei lutar! — protestou Abban, tremendo.

— Estás prestes a aprender — disse Jardir. — Quando atirar alguém ao chão, cai-lhe em cima com toda a força.

— Posso fazer isso — concordou Abban. Jardir guiou-os até um rapaz que rosnava em desafio. Encheu o peito de ar e colocou-se diante de Abban, o maior dos dois rapazes.

— Vão para o fim da fila, ratazanas! — rosnou.

Jardir não disse nada, esmurrando-o no estômago e pontapeando-o nos joelhos. Quando caiu, Abban fez o que lhe competia, desabando sobre o rapaz como um pilar de arenito. Quando se ergueu, Jardir já ocupara o seu lugar na fila. Fitou os que o seguiam e abriram espaço também para Abban.

Uma concha única de ração nas malgas foi a sua recompensa.

— Só isto? — perguntou Abban, chocado. O distribuidor fitou-o com severidade e Jardir apressou-se a afastá-lo. Os cantos da sala estavam já ocupados pelos rapazes mais velhos e tiveram de se encostar a uma das paredes.

— Vou morrer à fome com isto — disse Abban, mexendo a ração aguada na malga.

— Mesmo assim, temos mais sorte do que alguns — disse Jardir, apontando um par de rapazes cobertos de nódoas negras sem nada para comer. — Podes comer parte da minha — acrescentou, vendo que Abban não se alegrava. —

Nunca me deram tanto em casa.



Dormiram no chão de arenito da caserna, com cobertores finos como único escudo contra o frio. Habituado a partilhar o calor da mãe e das irmãs, Jardir aninhou-se contra o corpanzil de Abban. À distância, ouviu a Trompa de Sharak e soube que uma batalha se iniciara. Precisou de muito tempo para adormecer, perdendo-se em sonhos gloriosos.

Acordou sobressaltado quando outro cobertor fino lhe foi lançado sobre a cara. Debateu-se com força, mas o tecido foi torcido atrás da sua cabeça e preso com firmeza. Ouviu o grito abafado de Abban a seu lado.

Começou a sentir golpes vindos de todos os lados. Pontapés e murros esgotando-lhe o fôlego e fazendo-lhe estremecer o cérebro. Jardir agitou os membros selvaticamente, mas, apesar de sentir vários dos seus golpes atingirem alvos, não conseguiu travar a ofensiva. Pouco depois, deixava-se cair, inerte, suportado apenas pelo cobertor sufocante.

Quando achou que não conseguiria aguentar mais e que estaria prestes a morrer, sem ter conquistado o paraíso ou a glória, uma voz familiar disse:

— Bem-vindos ao Kaji’sharaj, ratazanas — com o S final sibilando pela abertura do dente que faltava a Hasik. Os cobertores foram libertados, deixando-os cair ao chão.

Os outros rapazes riram e voltaram aos seus cobertores enquanto Jardir e Abban se encolhiam e choravam na escuridão.



— Põe-te direito — silvou Jardir, enquanto aguardavam a inspecção matinal.

— Não consigo — gemeu Abban. — Não dormi nada e até os ossos me doem.

— Não o mostres — disse Jardir. — O meu pai dizia que o camelo mais fraco atrai os lobos.

— O meu ensinou-me a esconder até os lobos se irem — replicou Abban.

— Pouca conversa! — berrou Kaval. — O dama vem inspeccionar-vos, miseráveis.

Nem Kaval nem Qeran olharam duas vezes para os cortes e nódoas negras quando passaram por eles. O olho esquerdo de Jardir estava inchado e quase fechado, mas a única coisa que os instrutores notaram foi a postura curvada de Abban.

— Endireita-te! — disse Qeran e Kaval sublinhou a ordem com um estalar do seu chicote de couro nas pernas de Abban. Abban gritou de dor e quase caiu, mas Jardir amparou-o a tempo.

Ouviu-se um riso e Jardir rosnou a Hasik, que se limitou a sorrir.

Na verdade, Jardir sentia-se pouco mais forte do que Abban, mas recusava-se a mostrá-lo. Mesmo sentindo a cabeça às voltas e com os membros doridos, endireitou as costas e manteve o seu olho são atento à aproximação do Dama Khevat. Os instrutores afastaram-se do clérigo, saudando-o com vénias submissas.

— É uma infelicidade que os guerreiros dos Kaji, a linhagem do Shar'Dama Ka, o Libertador, se vejam reduzidos a esta amostra miserável — troçou o dama, cuspindo no pó do chão. — As vossas mães devem ter misturado mijo de camelo com a semente dos seus homens.

— É mentira! — gritou Jardir, não se conseguindo conter. Abban olhou-o, incrédulo, mas o insulto ultrapassara a sua capacidade de contenção. Quando Qeran se lançou sobre ele com velocidade assustadora, Jardir percebeu que cometera um grande erro. O chicote do instrutor deixou uma linha de fogo onde lhe tocou a pele nua, fazendo-o cair ao chão.

Mas o dal'Sharum não parou aí.

— Se o dama te diz que és um filho do mijo, é verdade! — gritou, chicoteando Jardir repetidamente. Vestindo apenas o seu bido, Jardir não podia fazer nada para minorar os golpes. Sempre que se torcia para proteger uma parte ferida, Qeran encontrava nova área de pele para rasgar. Gritou, mas conseguiu apenas encorajar o ataque.

— Basta — disse Khevat. Os golpes pararam de imediato.

— És um filho do mijo? — perguntou Qeran.

Jardir sentiu que os seus membros eram feitos de pão molhado quando tentou levantar-se. Manteve os olhos no chicote, erguido e preparado para novo ataque. Sabia que, se prosseguisse com a insolência, o instrutor o mataria. Não morreria com glória e o seu espírito passaria milénios fora dos portões do paraíso, com os

khaffit, olhando os que eram acolhidos nos braços de Everam e esperando a reencarnação. A possibilidade aterrou-o, mas o nome do seu pai era a única coisa que tinha no mundo e não o mancharia.

— Sou Ahmann, filho de Hoshkamin, da linhagem de Jardir — disse, tão calmamente quanto conseguiu. Ouviu exclamações de espanto dos outros rapazes e preparou-se para o golpe.

A face de Qeran contorceu-se com a raiva e ergueu o chicote, mas um gesto breve do dama deteve-o.

— Conheci o teu pai, rapaz — disse Khevat. — Destacou-se entre os homens, mas não conquistou grande glória na sua curta vida.

— Então conquistarei glória para ambos — prometeu Jardir.

O dama grunhiu.

— Talvez o faças. Mas não hoje. Hoje és menos que um khaffit. — Voltou-se para Qeran. — Lança-o à fossa. Para que homens a sério caguem e mijem sobre ele.

O instrutor sorriu, esmurrando Jardir no estômago. Quando se curvou para diante, Qeran segurou-o pelo cabelo e arrastou-o para a fossa. Pelo caminho, Jardir olhou Hasik, esperando outro sorriso, mas a expressão do rapaz mais velho, como a de todos os nie'Sharum ali reunidos, era um misto de descrença e medo lívido.



«Everam contemplou o frio negrume de Nie e não sentiu nele qualquer satisfação. Criou o Sol para lhe dar luz e calor, preenchendo o vazio. Criou Ala, o mundo, e fê-lo girar em torno do Sol. Criou o homem e as bestas que o serviriam. E viu o Seu Sol dar-lhes vida e amor.

Mas, durante metade do seu tempo, Ala voltava-se para o lado negro de Nie e as criaturas de Everam sentiam medo. Por isso, criou a lua e as estrelas para reflectirem a luz do Sol, recordando-lhes durante a noite que não tinham sido esquecidos.

Assim fez Everam e sentiu-se satisfeito.

Mas também Nie tinha vontade. Contemplou a criação que maculava o seu

perfeito negrume e sentiu-se despeitada. Tentou esmagar Ala, mas Everam manteve-se firme e a Sua mão foi travada.

Mas Everam não foi suficientemente rápido para bloquear por completo o toque de Nie. O toque mais ligeiro dos dedos sombrios alastrou no Seu mundo perfeito como uma praga. O negrume denso do mal de Nie infiltrou-se em rocha e areia, foi soprado pelo vento e transformou-se numa mancha oleosa na água pura de Ala. Percorreu as florestas e o fogo derretido que borbulhava por baixo da terra.

Nesses locais, os alagai enraizaram e cresceram. Criaturas do negrume, com a destruição da criação como seu único objectivo e a morte das criaturas de Everam como única alegria.

Mas eis que o mundo girou e a luz do Sol iluminou e aqueceu as criaturas de frio negrume de Nie, destruindo-as. O dador de vida queimou a não-vida e os alagai*gritaram.*

Desesperados por uma fuga, fugiram para as sombras, sepultando-se no mundo, infectando-lhe o núcleo.

Aí, no escuro abismo do coração do mundo, cresceu Alagai'ting Ka, a Mãe dos Demónios. Aia da própria Nie, esperou apenas que o mundo girasse para poder tornar a enviar os seus filhos para semearem destruição.

Everam viu-o e estendeu a Sua mão para purgar o mal do mundo, mas Nie manteve-se firme e a mão de Everam foi travada.

Também ele tocou o mundo uma última vez, concedendo aos homens os meios de voltar a magia dos alagai *contra si própria. Concedendo-lhes as guardas.*

Vendo-se preso numa luta por tudo o que criara, Everam não teve escolha senão afastar-se do mundo e lançar-se sobre Nie, lutando sem cessar contra a Sua gélida força.

E, o que sucedia no alto, foi duplicado em baixo.»

Todos os dias do primeiro mês de Jardir no sharaj foram iguais. De madrugada, os instrutores traziam os nie'Sharum para o Sol tórrido, forçando-os a

permanecer de pé durante horas enquanto o dama falava da glória de Everam. Os seus ventres estavam vazios e os seus joelhos fracos com exaustão e falta de sono, mas os rapazes não protestavam. Ver Jardir, regressado do seu castigo, fedorento e ensanguentado, ensinara-os a todos a obedecer sem questionar.

O instrutor Qeran golpeou violentamente Jardir com o seu chicote.

— Por que sofres? — perguntou.

— Alagai! — gritou Jardir.

Qeran voltou-se para Abban e chicoteou-o.

— Por que é necessário o Hannu Pash?

— Alagai! — gritou Abban.

— Sem os alagai, o mundo seria um paraíso, protegido pelo abraço de Everam — disse o Dama Khevat.

O chicote do instrutor voltou a atingir as costas de Jardir. Desde a insolência do primeiro dia, levara duas chicotadas por cada uma sofrida por qualquer outro rapaz.

— Qual é o teu propósito nesta vida? — gritou Qeran.

— Matar alagai! — gritou Jardir.

O instrutor estendeu a mão, segurando Jardir pelo pescoço e puxando-o para perto.

— E como morrerás? — perguntou, baixando a voz.

— Nas garras dos alagai — respondeu Jardir, sufocando. Tentou recuperar o fôlego quando o instrutor o libertou, assumindo a posição de sentido antes que Qeran encontrasse novo motivo para o chicotear.

— Nas garras dos alagai! — gritou Khevat. — Os dal'Sharum não morrem nas suas camas! Não são vitimados pela doença ou pela fome! Os dal'Sharum morrem em batalha e ganham o paraíso. Iluminados pela glória de Everam, banham-se e bebem de rios de leite fresco e mel e têm virgens sem conta a si devotadas.

— Morte aos alagai! — gritaram todos os rapazes em uníssono, erguendo os punhos. — Glória a Everam!

Após estas sessões, recebiam as suas malgas e a panela da ração era trazida. Nunca havia o suficiente para todos e mais do que um rapaz passava fome em cada dia. Os mais velhos e maiores, liderados por Hasik, tinham determinado a sua ordem na fila e eram os primeiros a encher as malgas, mas até mesmo eles

apenas recebiam uma concha cada um. Pedir mais ou entornar ração numa rixa junto à panela era um convite à ira dos instrutores sempre presentes.

Enquanto os rapazes mais velhos comiam, os nie'Sharum mais jovens e mais fracos lutavam entre si com afinco por um lugar na fila. Depois do espancamento da primeira noite e do dia passado na fossa, Jardir passou dias sem conseguir lutar, mas Abban aprendera bem a usar o seu peso como arma e conseguiu sempre assegurar-lhes um lugar, mesmo que fosse próximo do fim.

Quando as malgas ficavam vazias, iniciava-se o treino.

Havia circuitos de obstáculos para aumentar a resistência e longas sessões a praticar sharukin, grupos de movimentos que compunham os exercícios de sharusahk. Aprenderam a marchar e a acertar passo em velocidade. Com nada nas barrigas além da ração rala, os rapazes tornaram-se paus de lança, delgados e duros como as armas com que treinavam.

Por vezes, os instrutores enviavam grupos de rapazes para emboscarem os nie'Sharum de sharaji vizinhos, espancando-os com severidade. Não havia nenhum local seguro, nem mesmo no interior da fossa. Alguns dos outros rapazes, como Hasik e os seus amigos, montavam por trás os rapazes derrotados das outras tribos, investindo contra eles como se fossem mulheres. Era uma desonra grave e Jardir fora forçado a pontapear mais do que um atacante entre as pernas para evitar tal destino. Um rapaz Majah conseguiu puxar o bido de Abban uma vez, mas Jardir pontapeou-o com tanta força na face que o seu nariz jorrou sangue.

— A qualquer momento, os Majah podem atacar para capturar um poço — disse Kaval a Jardir quando o procuraram depois do ataque. — Ou os Nanji podem vir roubar as nossas mulheres. Precisamos de estar sempre prontos para matar ou morrer.

— Odeio este sítio — lamuriou-se Abban, quase a chorar, quando o instrutor partiu. — Mal posso esperar pela Lua Minguante, quando puder voltar para a minha mãe e para as minhas irmãs, mesmo que seja só até a lua recomeçar a crescer.

Jardir abanou a cabeça.

— Ele está certo. Baixar a guarda, mesmo que por um momento, é um convite à morte. — Cerrou o punho. — Pode ter acontecido ao meu pai, mas não me acontecerá a mim.

Depois de os instrutores completarem as lições de cada dia, os rapazes mais velhos supervisionavam a repetição e eram tão lestos a punir como os dal’Sharum.

— Mantém os joelhos dobrados enquanto te voltas, ratazana — rosnou Hasik enquanto Jardir repetia um sharukin complexo. Sublinhou a recomendação com um pontapé atrás dos joelhos, fazendo-o cair sobre o pó. — O filho do mijo não consegue fazer uma simples transição! — berrou Hasik aos outros rapazes, rindo. Os seus S continuavam a silvar pelo vão onde Qeran lhe partira um dente.

Jardir rosnou e lançou-se sobre o rapaz mais velho. Poderia ter de obedecer aos dama e aos dal’Sharum, mas Hasik era apenas nie’Sharum e não aceitaria insultos ao seu pai de alguém como ele.

Mas Hasik era também cinco anos mais velho e estava prestes a deixar o seu bido. Era muito maior do que Jardir e tinha anos de experiência na arte letal da luta desarmada. Segurou o punho de Jardir, torcendo-o e endireitando o braço, fazendo cair o cotovelo com força sobre o membro imobilizado.

Jardir ouviu o estalo e viu o osso romper-lhe a pele. Seguiu-se um longo momento de horror crescente até sentir a dor.

E gritou.

A mão de Hasik cobriu-lhe a boca, bloqueando-lhe os urros e puxando-o para si.

— Da próxima vez que me atacares, filho do mijo, hei-de matar-te — prometeu.



Abban apoiou o braço intacto de Jardir e arrastou-o até ao pavilhão das dama’ting, no extremo oposto do campo de treino. A tenda foi aberta quando se aproximaram, como se fossem esperados. Uma mulher alta vestida de branco dos pés à cabeça manteve a cobertura de pano aberta, apenas com mãos e olhos visíveis. Indicou uma mesa no interior e Abban apressou-se a colocar Jardir sobre ela, ao lado de uma rapariga vestida também totalmente de branco como uma dama’ting. Mas a sua face, jovem e bela, permanecia descoberta.

As dama’ting não falavam com os nie’Sharum.

Abban curvou-se depois de colocar Jardir no seu lugar. A dama’ting indicou a

saída com a cabeça e o rapaz quase tropeçou na sua pressa para sair. Dizia-se que as dama’ting conseguiam ver o futuro e que lhes bastava olhar um homem para adivinhar a sua morte.

A mulher avançou até Jardir, que sentia a visão toldada por um véu de dor. Não conseguiu perceber se era jovem ou velha, bela ou feia, severa ou doce. Parecia acima de coisas tão mesquinhas, com a sua devoção a Everam superando todas as preocupações mortais.

A rapariga ergueu um pequeno pau enrolado várias vezes com pano branco e colocou-o na boca de Jardir, fechando-a com cuidado. Jardir compreendeu e mordeu.

— Os dal’Sharum acolhem a sua dor — sussurrou-lhe a rapariga enquanto a dama’ting se dirigia a uma mesa para recolher instrumentos.

Sentiu uma pontada quando a dama’ting limpou a ferida e uma explosão de agonia quando lhe torceu o braço para colocar o osso no sítio certo. Jardir mordeu o pau com força e tentou fazer o que a rapariga recomendara, abrindo-se à dor, apesar de não compreender por inteiro. Durante um momento, a dor pareceu superior ao que conseguiria suportar, mas, então, como se tivesse passado uma porta, tornou-se algo distante, um sofrimento cuja existência conhecia mas do qual não fazia parte. Abriu a boca e o pau caiu, não sendo mais necessário.

Enquanto Jardir descontraía, voltou-se para observar a dama’ting. Trabalhava com eficiência tranquila, murmurando preces a Everam enquanto cosia músculo e pele. Moeu ervas numa pasta que aplicou sobre o ferimento, enrolando-a em pano limpo ensopado numa mistura branca e densa.

Com força surpreendente, ergueu-o da mesa e deitou-o numa enxerga dura. Levou-lhe um frasco aos lábios e Jardir bebeu, sentindo-se imediatamente quente e zonzo.

A dama’ting voltou-se, mas a rapariga deixou-se ficar por um momento.

— Os ossos tornam-se mais fortes depois de serem partidos — sussurrou, confortando-o enquanto Jardir adormecia.

Acordou e viu a rapariga ao lado da sua enxerga. Pressionava-lhe um pano

húmido sobre a testa. Fora aquela frescura que o despertara. Os seus olhos dançaram-lhe sobre a face descoberta. Achara a sua mãe bela, mas não era nada quando comparada com aquela rapariga.

— O jovem guerreiro desperta — disse, sorrindo-lhe.

— Falas — disse Jardir, por entre lábios secos. O seu braço parecia envolto em pedra branca. As ligaduras da dama'ting tinham endurecido enquanto dormia.

— Serei algum animal para não falar? — perguntou a rapariga.

— Comigo, queria dizer — explicou Jardir. — Sou apenas um nie'Sharum. — E muito longe de ser digno de ti, acrescentou, mentalmente.

A rapariga acenou afirmativamente.

— E eu sou uma nie'dama'ting. Receberei o meu véu em breve, mas ainda não o uso e posso falar com quem desejar.

Pousou o pano, erguendo uma malga fumegante de ração de aveia até aos seus lábios.

— Suponho que te matem à fome no Kaji'sharaj. Come. Ajudará os feitiços da dama'ting a sarar-te.

Jardir engoliu rapidamente a comida quente.

— Como te chamas? — perguntou, depois de terminar.

A rapariga sorriu enquanto lhe limpava a boca com um pano macio.

— Que atrevimento, para um rapaz que quase não tem idade para o seu bido.

— Desculpa — disse Jardir.

Viu-a rir.

— O atrevimento não é motivo para remorsos. Everam não aprecia os tímidos. Chamo-me Inevera.

— A vontade de Everam — traduziu Jardir. Era uma expressão ouvida com frequência em Krasia. Inevera confirmou com um aceno.

— Ahmann — apresentou-se Jardir. — Filho de Hoshkamin.

A rapariga tornou a acenar com a cabeça, como se aquela informação fosse funesta. Mas havia alegria nos seus olhos.



— É forte e pode retomar o treino — disse a dama'ting a Qeran no dia seguinte. — Mas terá de comer com regularidade e, se lhe acontecer novo dano

ao braço antes de retirar as ligaduras, culpar-te-ei por isso.

O instrutor curvou-se.

— Será como a dama’ting ordena. — Jardir recebeu a sua malga e foi-lhe permitido ser o primeiro da fila. Nenhum dos outros rapazes, incluindo Hasik, se atreveu a questionar, mas Jardir sentia os seus olhares de ressentimento nas costas. Preferia ter de lutar pela comida, mesmo com um braço engessado, em vez de ser alvo de tais olhares. Mas a dama’ting dera uma ordem. Se não comesse voluntariamente, os instrutores não hesitariam em enfiar-lhe a ração pela boca abaixo.

— Vais ficar bom? — perguntou Abban enquanto comiam no seu sítio costumeiro.

Jardir acenou afirmativamente.

— Os ossos saram mais depressa depois de serem partidos.

— Prefiro não testar essa hipótese — disse Abban. Jardir encolheu os ombros. — Pelo menos, a Lua Minguante começa amanhã — acrescentou. — Podes passar alguns dias em casa.

Jardir olhou o gesso e sentiu-se profundamente envergonhado. Seria impossível escondê-lo da mãe e das irmãs. Quase não passara um ciclo no sharaj e já as envergonhava.



A Lua Minguante era um ciclo lunar de três dias, durante o qual se dizia que o poder de Nie se encontrava no auge. Os rapazes no Hannu Pash passavam aquele período com as famílias, para que os pais pudessem olhar os seus filhos e recordar o que os fazia lutar durante a noite.

Mas o pai de Jardir partira e o seu filho duvidava que conseguisse orgulhá-lo. A mãe, Kajivah, não fez qualquer referência ao seu ferimento quando regressou a casa, mas as irmãs mais novas de Jardir não tiveram igual discrição.

Entre os outros nie’Sharum, Jardir habituara-se a vestir apenas o seu bido e as sandálias. Junto das irmãs, todas cobertas da cabeça aos pés com túnicas castanhas, mostrando apenas as mãos e as faces, sentia-se nu e não havia forma de camuflar o gesso.

— Que te aconteceu ao braço? — perguntou Hanya, a mais nova das irmãs,

assim que chegou.

— Quebrei-o no treino — disse Jardir.

— Como? — perguntou Imisandre, a mais velha e mais próxima de Jardir. Pousou a mão sobre o seu outro braço.

O seu toque compreensivo, outrora um bálsamo para Jardir, conseguia agora multiplicar-lhe a vergonha por dez vezes. Afastou-lhe o braço.

— Parti-o no treino de sharusahk. Não é nada.

— Quantos rapazes foram precisos? — perguntou Hanya. E Jardir recordou a ocasião em que espancara dois rapazes mais velhos no bazar depois de um deles ter troçado dela. — Aposto que foram pelo menos dez.

Jardir franziu o sobrolho.

— Um — disse.

Hoshvah, a irmã do meio, abanou a cabeça.

— Devia ter três metros de altura. — Jardir sentiu vontade de gritar.

— Parem de importunar o vosso irmão! — disse Kajivah. — Preparem-lhe um lugar à mesa e deixem-no em paz.

Hanya levou as sandálias de Jardir, enquanto Imisandre puxava o banco à cabeceira da mesa. Não havia almofadas, mas cobriu a madeira com um pano limpo para se sentar. Após um mês a sentar-se no chão do sharaj, até aquilo lhe parecia um luxo. Hoshvah apressou-se a trazer as malgas de barro rachado que Kajivah enchera com o conteúdo da panela fumegante.

Na maior parte das noites, a família de Jardir comia apenas cuscuz simples, mas Kajivah poupava o seu estipêndio e, na Lua Minguante, havia sempre legumes e molho. Na sua primeira Lua Minguante em casa depois de iniciar o Hannu Pash, havia até alguns pedaços duros de carne impossível de identificar misturados na malga de Jardir. Era mais comida do que via há muito tempo e cheirava a amor materno, mas Jardir percebeu que o seu apetite era pouco, sobretudo quando notou que as malgas da mãe e das irmãs não tinham carne. Forçou-se a engolir a comida para não insultar a mãe, mas o facto de comer com a mão esquerda só lhe aumentou a vergonha.

Depois da refeição, rezaram em família até ouvirem o chamamento dos minaretes do Sharik Hora, assinalando o ocaso. A lei do Evejah ditava que, quando soasse o chamamento dos minaretes do Sharik Hora, todas as mulheres e crianças deveriam ir para baixo.

Até a modesta casa de adobe de Kajivah tinha uma cave reforçada e guardada com uma ligação à Subcidade, uma vasta rede de cavernas que uniria toda a Lança do Deserto em caso de brecha.

— Vão para baixo — disse Kajivah às filhas. — Preciso de falar a sós com o vosso irmão. — As raparigas obedeceram à ordem e Kajivah convidou Jardir para o canto onde estavam pendurados a lança e o escudo do seu pai.

Como sempre, as armas pareciam julgá-lo. Jardir sentiu intensamente o peso do gesso, mas havia alguma coisa que o esmagava ainda mais. Olhou a sua mãe.

— O Dama Khevat disse que o pai não conquistou honra quando morreu — disse Jardir.

— Então o Dama Khevat não conheceu o teu pai como eu — disse Kajivah. — Dizia sempre a verdade e nunca levantou a mão contra mim em fúria, apesar de lhe dar três filhas, umas atrás das outras. Manteve-me de esperanças e colocava carne sobre a mesa. — Olhou Jardir nos olhos. — Existe honra nestas coisas, tal como existe honra na morte de alagai. Repete isto sob o Sol e recorda-o.

Jardir acenou afirmativamente.

— Assim farei.

— Usas o bido agora — disse Kajivah. — Isso significa que já não és um rapaz e que já não podes descer connosco. Terás de esperar à porta.

Jardir tornou a acenar.

— Não tenho medo.

— Talvez devesses — disse Kajivah. — O Evejah diz-nos que, na Lua Minguante, Alagai Ka, o pai dos demónios, caminha pela superfície de Ala.

— Nem ele conseguiria passar os guerreiros d’A Lança do Deserto — disse Jardir.

Kajivah ergueu-se, retirando a lança de Hoshkamin da parede.

— Talvez não — disse, colocando-lhe a lança na mão esquerda.

— Mas, se o fizer, caber-te-á a ti mantê-lo longe da nossa porta.

Chocado, Jardir recebeu a arma e Kajivah acenou com a cabeça uma única vez antes de seguir as suas filhas para baixo. De imediato, Jardir dirigiu-se para a porta, com as costas direitas, suportando toda a noite e as duas que se seguiram.

— Preciso de um alvo — disse Jardir. — Para quando a dama’ting me retirar o gesso e precisar de voltar a lutar por um lugar na fila.

— Podemos fazê-lo juntos — disse Abban. — Como fazíamos antes.

Jardir abanou a cabeça.

— Se precisar da tua ajuda, vão achar que sou fraco. Preciso de lhes mostrar que estou mais forte depois de sarar. Ou passarei a ser um alvo para todos.

Abban acenou afirmativamente com a cabeça, considerando a questão.

— Terás de te posicionar mais adiante na fila do que o lugar que deixaste, mas não tão adiante que provoques Hasik e os seus aliados.

— Pensas como um mercador — disse Jardir.

Abban sorriu.

— Cresci no bazar.

Observaram a fila com cuidado durante os dias seguintes, prestando atenção ao centro, onde Jardir esperara antes de ser ferido. Os rapazes que ocupavam essa posição eram alguns anos mais velhos e muito maiores. Marcaram alvos potenciais e começaram a observar esses rapazes com cautela durante o treino.

O treino foi semelhante ao que já conheciam. O gesso duro mantinha os ossos do braço de Jardir no sítio certo enquanto corria pela pista de obstáculos e os instrutores forçaram-no a lançar com a mão esquerda durante os exercícios de lança e rede. Não lhe foi dado qualquer tratamento especial nem o teria desejado. O chicote não lhe tocou as costas com menor frequência e Jardir sentiu-se grato por assim ser, acolhendo a dor e sabendo que cada golpe provava aos outros rapazes que não era fraco, apesar do seu ferimento.

Passaram-se semanas e Jardir esforçou-se com afinco, praticando sharukin sempre que podia e repetindo mentalmente os exercícios antes de adormecer em cada noite. Surpreendentemente, descobriu que podia lançar e esmurrar tão bem com a mão esquerda como com a direita. Começou até a golpear os oponentes com o gesso, recebendo com agrado o impulso doloroso quando este o afligia como um vento quente do deserto. Sabia que, quando a dama’ting lhe cortasse finalmente o gesso, o ferimento tê-lo-ia tornado melhor.

— Acho que terá de ser Jurim — disse Abban, por fim, na noite antes de o gesso de Jardir ser retirado. — É alto e forte, mas esquece as lições e limita-se a tentar vencer os adversários pela força.

Jardir concordou com um aceno.

— Talvez. É fraco e ninguém me desafiaria se o derrotasse. Mas pensava em Shanjat. — Indicou com a cabeça um rapaz esguio pouco além de Jurim na fila.

Abban abanou a cabeça.

— Não te deixes enganar pelo tamanho. Por algum motivo Shanjat está à frente de Jurim. Os seus braços e pernas atacam como chicotes.

— Mas não é preciso — disse Jardir. — E perde o equilíbrio quando falha os golpes.

— O que é raro — advertiu Abban. — Tens melhores hipóteses de derrotar Jurim. Não regateies tanto que acabes por arruinar o negócio.

A manhã ia a meio no dia seguinte quando Jardir regressou do pavilhão das dama'ting e os rapazes já se tinham reunido na fila para a ração. Jardir inspirou fundo, flectiu o braço direito e avançou, dirigindo-se para o centro da fila. Abban já ocupara o seu lugar, mais atrás, e não o ajudaria, como tinham combinado.

«É o camelo mais fraco que atrai os lobos», ouviu dizer o pai. E o conselho simples escudou-o contra o medo.

— Para trás, aleijado! — bradou Shanjat, vendo-o aproximar-se.

Jardir ignorou-o e forçou-se a sorrir amplamente.

— Que Everam te ilumine por guardares o meu lugar — disse-lhe.

O olhar nos olhos de Shanjat era de incredulidade. Era três anos mais velho que Jardir e consideravelmente maior. Hesitou por um momento e Jardir aproveitou a oportunidade para o empurrar com força, lançando-o para fora da fila.

Shanjat cambaleou, mas foi rápido e conseguiu apoiar-se, erguendo uma nuvem de pó ao tentar recuperar o equilíbrio. Jardir poderia ter-lhe pontapeado as mãos ou os pés enquanto se equilibrava, mas precisava de mais do que uma mera vitória se queria dissipar rumores de que o ferimento o deixara fraco.

Ouviram-se uivos de júbilo e a fila da ração curvou-se, rodeando os dois rapazes. A expressão chocada desapareceu da face de Shanjat e foi substituída por um esgar de fúria quando contra-atacou.

Jardir girou como um bailarino para evitar os golpes iniciais de Shanjat, tão velozes como Abban advertira. Por fim, como esperara, Shanjat perdeu-se num golpe não pensado que o desequilibrou ao falhar o alvo. Jardir deu um passo à esquerda, esquivando-se ao braço e cravando o cotovelo direito no rim de Shanjat como se fosse uma lança. Shanjat gritou de dor ao cambalear.

Jardir voltou-se e aplicou outra cotovelada nas costas de Shanjat, lançando-o

por terra. Tinha o braço magro e pálido depois de semanas por baixo do gesso, mas sentia os ossos mais fortes, tal como dissera a dama'ting.

Mas Shanjat segurara-lhe o tornozelo, puxando-o e caindo sobre ele. Lutaram no pó, onde o peso de Shanjat e o seu maior alcance eram a sua grande vantagem. Prendeu a cabeça de Jardir num braço, usando a mão esquerda para forçar o punho direito sobre a sua traqueia.

Quando o mundo começou a enegrecer, Jardir receou que tivesse escolhido mal o alvo, mas acolheu a sensação como acolhia a dor, recusando-se a desistir. Pontapeou com força para trás, atingindo Shanjat com um golpe esmagador entre as pernas e fazendo-o afrouxar o braço com um uivo de dor. Jardir libertou-se e colou-se a Shanjat, fazendo com que os seus golpes perdessem força quando conseguiam atingi-lo. Lenta e laboriosamente, colocou-se por trás do oponente, golpeando com força quaisquer pontos vulneráveis: olhos, garganta, estômago.

Finalmente numa posição favorável, Jardir segurou o braço direito de Shanjat e torceu-o para trás das costas, pressionando os dois joelhos contra as costas do rapaz mais velho. Quando sentiu o cotovelo prender, encaixou-o no ombro e içou o braço.

— Aaahhh! — gritou Shanjat. E Jardir soube que seria simples partir-lhe o braço, como Hasik lhe fizera.

— Estavas a guardar-me o lugar, não? — perguntou Jardir, erguendo a voz.

— Vou matar-te, ratazana! — berrou Shanjat, batendo no chão com a mão livre enquanto se contorcia e debatia, sem conseguir desalojar Jardir.

— Di-lo! — exigiu Jardir, erguendo ainda mais o braço de Shanjat. Sentiu o membro dele forçado e soube que ele não suportaria muito mais.

— Antes iria para o abismo de Nie! — gritou Shanjat.

Jardir encolheu os ombros.

— Os ossos tornam-se mais fortes depois de partidos. Goza a tua estadia com as dama'ting. — Com um esforço acrescido, sentiu o osso quebrar e o músculo rasgar. Shanjat gritou de agonia.

Jardir ergueu-se, lentamente, olhando os rapazes reunidos à procura de sinais de outro desafio, mas, ainda que visse muitos olhares arregalados, nenhum parecia disposto a vingar Shanjat, que gemia no chão.

— Abram alas! — bradou o instrutor Kaval, abrindo caminho entre a multidão. Olhou primeiro para Shanjat e, depois, para Jardir. — Ainda há esperança para

ti, rapaz — grunhiu. — Todos para a fila — gritou. — Ou despejaremos a ração na fossa! — Os rapazes apressaram-se a ocupar os seus lugares, mas Jardir fez sinal a Abban entre a confusão, convidando o amigo a ocupar o lugar atrás de si.

— Ei! — gritou Jurim, o rapaz que se seguia. Mas Jardir fê-lo recuar com um olhar, abrindo espaço para Abban.

Kaval pontapeou Shanjat.

— De pé, ratazana! Não tens as pernas partidas. Não esperes que te levemos ao colo às dama'ting depois de seres vencido por um rapaz com metade do teu tamanho! — Segurou o braço saudável de Shanjat e colocou o rapaz de pé, arrastando-o para o pavilhão dos curativos. Os rapazes na fila uivaram e gritaram enquanto se afastava.

— Não compreendo — disse Abban. — Por que não se rendeu?

— Porque é um guerreiro — disse Jardir. — Render-te-ás quando os alagai vierem por ti?

O pensamento fez Abban estremecer.

— Isso é diferente.

Jardir abanou a cabeça.

— Não, não é.

Hasik e alguns dos outros rapazes mais velhos começaram a treinar nas muralhas do Labirinto pouco depois de o gesso ser retirado a Jardir. Despiram os bidos no Labirinto um ano depois e os que sobreviveram, incluindo Hasik, começaram a pavonear-se pelo campo de treino com as suas novas vestes negras, visitando o grande harém. Como todos os dal'Sharum, evitavam ao máximo o contacto com os nie'Sharum depois disso.

O tempo passou rapidamente para Jardir, com os dias seguindo-se numa sequência interminável. As manhãs eram passadas a ouvir o dama exortar as glórias de Everam e da tribo de Kaji. Aprendeu os traços das restantes tribos krasianas e os motivos da sua inferioridade. Aprendeu porque os Majah, acima de todos, eram cegos às verdades de Everam. O dama falou-lhes também de outras terras e dos chin cobardes do Norte, que tinham abandonado a lança e viviam como khaffit, tremendo diante dos alagai.

Jardir nunca se contentou com o lugar que ocupava na fila para a ração, sempre preocupado em avançar até onde as malgas ficavam mais cheias. Escolhia como alvo os rapazes à sua frente e enviava-os para o pavilhão das dama'ting um por um, trazendo sempre Abban consigo. Quando completou onze anos, estavam no início da fila, diante de vários rapazes mais velhos, e todos lhes davam grande espaço.

As tardes eram passadas com treino ou correndo como alvos para as redes dos dal'Sharum. À noite, Jardir ficava deitado na pedra fria do chão do Kaji'sharaj, forçando os ouvidos para captar os sons distantes da alagai'sharak e sonhando poder um dia erguer-se entre os homens.

Enquanto o treino progredia, alguns dos rapazes eram escolhidos pelo dama para formação especial, orientando-os para as vestes brancas. Deixavam o Kaji'sharaj e nunca mais eram vistos. Jardir não foi escolhido para tal honra, mas não se importou. Não desejava passar os seus dias curvado sobre pergaminhos antigos ou gritando louvores a Everam. Nascera para empunhar a lança.

O dama demonstrou maior interesse em Abban, que conhecia as letras e os números, mas o seu pai era khaffit, algo que não lhe agradava, mesmo que, tecnicamente, a vergonha não fosse transmitida aos filhos de um homem.

— É melhor que lutes — disse, por fim, o dama a Abban, espetando-lhe um dedo no peito amplo. Abban mantivera muita da sua corpulência, mas os rigores constantes do treino tinham substituído a gordura por músculo. Com efeito, tornava-se um guerreiro formidável e suspirou de alívio quando ficou claro que não seria chamado para vestir de branco.

Outros rapazes, demasiado fracos ou lentos, eram expulsos do Kaji'sharaj como khaffit, forçados a usar novamente as roupas castanhas das crianças durante o resto das suas vidas. Era um destino terrível, trazendo vergonha às suas famílias e negando-lhes qualquer esperança de alcançar o paraíso. Os que tinham coração de guerreiro ofereciam-se frequentemente como Iscos, provocando os demónios e atraindo-os para as armadilhas do Labirinto. Era uma vida breve, mas trazia honra e permitia a ascensão ao Paraíso que estaria perdido de outra forma.

No seu décimo segundo ano, foi permitido a Jardir o seu primeiro vislumbre do Labirinto. O instrutor Qeran levou os nie'Sharum mais velhos e mais fortes à grande muralha guardada, nove metros de arenito erguendo-se sobre o campo de matança dos demónios que, outrora, fora ocupado por um distrito inteiro da

cidade, nos tempos antigos em que Krasia fora mais populosa. Estava repleto com os restos de casas e com dúzias de muralhas mais pequenas de arenito. Aquelas tinham seis metros, com guardas gravadas na superfície. Algumas percorriam grandes distâncias e descreviam curvas apertadas, enquanto outras eram apenas uma única laje ou um ângulo. Juntas, formavam um labirinto que escondia precipícios, concebido para aprisionar os alagai até ao Sol nascente.

— A muralha sob os vossos pés — disse Qeran, batendo com o pé — guarda as nossas mulheres e crianças, e até os khaffit — cuspiu do alto da muralha — dos alagai. As restantes muralhas — abarcou com as mãos as muralhas retorcidas do Labirinto — mantêm os alagai presos connosco. — Cerrou o punho depois de o dizer e o orgulho óbvio que sentiu foi partilhado por todos os rapazes. Jardir imaginou-se a correr por aquele labirinto, segurando lança e escudo. Sentiu o coração elevar-se de orgulho. A glória esperava-o naquela areia ensopada de sangue.

Caminharam sobre a muralha até alcançarem uma ponte de madeira que podia ser recolhida com uma grande roldana. Permitia a passagem para uma das muralhas do Labirinto, estando todas ligadas por arcos de pedra suficientemente próximos para permitir saltar. As muralhas no interior do Labirinto eram mais estreitas, com menos de meio metro de espessura nalguns locais.

— O topo das muralhas é traiçoeiro para os guerreiros mais velhos — disse Qeran. — Exceptuando os Vigias. — Os Vigias eram dal'Sharum das tribos de Krevakh e Nanji. Lidavam com escadas e cada homem transportava uma escada com calços de ferro medindo quatro metros de comprimento. As escadas podiam ser unidas a outras ou usadas de forma isolada e os Vigias eram tão ágeis que conseguiam equilibrar-se no topo de uma escada sem apoio enquanto observavam o campo de batalha. Os Vigias Krevakh eram subordinados da tribo Kaji, os Nanji dos Majah.

— Durante o próximo ano, prestarão assistência aos Vigias Krevakh — disse Qeran — seguindo as movimentações dos alagai e transmitindo-as aos dal'Sharum no Labirinto. Também servirão de mensageiros, levando e trazendo ordens dos kai'Sharum.

Passaram o resto do dia a correr no alto das muralhas.

— Precisarão de conhecer cada centímetro do Labirinto tão bem como conhecem as vossas lanças! — disse Qeran enquanto corriam. Rápidos e ágeis,

os nie’Sharum gritaram, entusiasmados, saltando de muralha para muralha e percorrendo as pequenas pontes arqueadas. A alegria que sentiam fazia rir Jardir e Abban.

Mas a corpulência de Abban não se prestava ao equilíbrio e, numa ponte estreita, escorregou, caindo da muralha. Jardir lançou-se para lhe apanhar a mão, mas não foi suficientemente rápido.

— Que Nie me leve! — amaldiçoou-se, depois de sentir os dedos rasparem levemente os de Abban.

Abban emitiu um grito breve antes de embater no chão e Jardir conseguia ver do alto dos seis metros que ele tinha as pernas partidas.

Um riso cortante, como o berro de um camelo, chegou-lhe aos ouvidos. Jardir voltou-se e viu Jurim com as mãos apoiadas sobre os joelhos.

— Abban tem mais de camelo do que de gato! — gritou.

Jardir rosnou e cerrou a mão num punho, mas, antes que pudesse erguê-lo, o instrutor Qeran surgiu.

— Achas que o teu treino é uma piada? — perguntou. Antes que Jurim conseguisse gaguejar uma resposta, Qeran segurou-o pelo bido e lançou-o sobre Abban. Gritou durante os seis metros da queda e embateu no chão com força, permanecendo imóvel.

O instrutor voltou-se para os outros rapazes.

— A alagai’sharak não é uma brincadeira. É melhor que morram aqui em vez de envergonharem os vossos irmãos durante a noite. — Os rapazes deram um passo atrás, acenando afirmativamente.

Qeran voltou-se para Jardir.

— Corre e informa o instrutor Kaval. Enviará homens para os levar às dama’ting.

— Seria mais rápido se fôssemos nós a chamá-las — atreveu-se a dizer Jardir, sabendo que o destino de Abban dependeria desses minutos preciosos.

— Só homens podem entrar no Labirinto, nie’Sharum — disse Qeran. — Corre antes que os dal’Sharum precisem de vir buscar três em vez de dois.

Jardir aproximou-se tanto quanto permitia o seu atrevimento quando a

dama’ting veio falar com o instrutor Qeran depois da refeição nocturna daquela noite, esforçando-se por ouvir as suas palavras murmuradas.

— Jurim partiu vários ossos e houve grande hemorragia interna, mas recuperará — disse ela, falando como se discutisse um assunto tão insignificante como a cor da areia. Os seus véus escondiam qualquer expressão. — Abban partiu as pernas em vários pontos. Voltará a andar, mas não poderá correr.

— Conseguirá lutar? — perguntou Qeran.

— É demasiado cedo para dizer — respondeu a dama’ting.

— Se é esse o caso, deverias matá-lo — disse Qeran. — Antes morto que khaffit.

A dama’ting ergueu-lhe um dedo e o instrutor encolheu-se.

— Não te cabe a ti determinar o que se passa no pavilhão das dama’ting, dal’Sharum — silvou.

De imediato, o instrutor entrelaçou as mãos como se orasse e curvou-se tanto que a sua barba quase roçou o chão.

— Imploro o perdão da dama’ting — disse. — Não quis desrespeitar.

A dama’ting acenou com a cabeça.

— Claro que não. És um dal’Sharum, instrutor. E acrescentarás a glória dos teus instruendos à tua no Além, quando te sentares entre os mais queridos por Everam.

— A dama’ting honra-me — disse Qeran.

— De igual forma — disse a dama’ting —, ser-te-á favorável uma recordação do teu lugar. Pede uma penitência ao Dama Khevat. Vinte vergastadas com a cauda de alagai serão suficientes.

Jardir engoliu em seco. A cauda de alagai era o mais doloroso dos chicotes: três tiras de couro entrelaçadas com farpas de metal ao longo de metro e meio de comprimento.

— A dama’ting é piedosa — disse Qeran, mantendo a vénia. Jardir fugiu antes que algum dos dois o visse e pensasse no que teria ouvido.



— Não devias estar aqui — disse Abban quando Jardir passou por baixo da aba do pavilhão das dama’ting. — Se te apanham, matar-te-ão!

— Queria apenas ver que estás bem — disse Jardir. Era verdade, mas os seus olhos perscrutaram a tenda com cuidado, desejando sem grande esperança voltar a ver Inevera. Não houvera sinais da rapariga desde o dia em que Jardir partira o braço, mas não lhe esquecera a beleza.

Abban olhou as suas pernas estilhaçadas, cobertas com gesso em processo de endurecimento.

— Não sei se voltarei a estar bem, meu amigo.

— Tolice — considerou Jardir. — Os ossos tornam-se mais fortes depois de serem partidos. Não tardarás a regressar às muralhas.

— Talvez. — Abban suspirou.

Jardir mordeu o lábio.

— Falhei. Prometi apanhar-te se caísses. Jurei-o pela luz de Everam.

Abban pegou-lhe na mão.

— E tê-lo-ias feito, não duvido. Vi como mergulhaste para apanhar a minha mão. Não foi por culpa tua que caí. Considero a tua promessa cumprida.

Os olhos de Jardir encheram-se de lágrimas.

— Não voltarei a falhar-te — prometeu.

Nesse momento, uma dama'ting entrou na divisória, flutuando em silêncio do interior do pavilhão. Olhou-os e cruzou o seu olhar com o de Jardir. Jardir sentiu o coração saltar-lhe no peito e a face gelar. Foi como se tivessem mantido o olhar durante uma eternidade. A expressão da dama'ting era impossível de adivinhar sob a opacidade dos seus véus brancos.

Por fim, inclinou a cabeça para a aba da saída. Jardir respondeu com um aceno de cabeça, mal acreditando na sorte. Apertou a mão de Abban uma última vez e saiu da tenda, apressado.



— Encontrarão demónios do vento no alto das muralhas, mas não deverão enfrentá-los — disse Qeran, andando para um lado e para o outro diante dos nie'Sharum. — Esse dever caberá aos dal'Sharum que servirão. De qualquer forma, é importante que compreendam os vossos inimigos.

Jardir ouviu com atenção do seu lugar habitual no grupo, mas não conseguia esquecer a ausência de Abban a seu lado. Jardir crescera com três irmãs mais

novas e encontrara Abban no dia da sua vinda para o Kaji’sharaj. A solidão era uma sensação desconhecida.

— Os dama dizem-nos que o demónio do vento reside no quarto círculo do abismo de Nie — disse Qeran aos rapazes, apontando com a lança uma imagem alada gravada na parede de arenito.

— Alguns, como os tolos da tribo de Majah, subestimam o demónio do vento por lhe faltar a espessa armadura do demónio da areia — disse —, mas não se deixem enganar. O demónio do vento está mais distante da vista de Everam e é uma criatura muito mais nefasta. O seu couro também é capaz de resistir à ponta da lança de um homem e a velocidade do seu voo torna-o um alvo difícil de atingir. As suas garras longas — indicou as armas pérfidas com a extremidade da lança — conseguem arrancar a cabeça de um homem antes que perceba a sua presença e as suas mandíbulas semelhantes a um bico podem desfazer a cara de um homem com uma única dentada.

Voltou-se para os rapazes.

— Quais são as suas fraquezas?

A mão de Jardir ergueu-se, de imediato. O instrutor apontou-o com o queixo.

— As asas — respondeu Jardir.

— Correcto — disse Qeran. — Apesar de serem feitas da mesma membrana densa da pele, as asas de um demónio do vento esticam-se sobre cartilagem e ossos. Um homem forte conseguirá trespassá-las com a lança ou cortá-las se a sua lâmina for suficientemente aguçada e se a criatura estiver caída. Que mais?

Novamente, a mão de Jardir foi a primeira a erguer-se. Os olhos do instrutor passaram sobre os outros rapazes, mas nenhum ergueu a mão. Jardir era o mais jovem do grupo por mais de dois anos, mas os outros reconheciam a sua autoridade, como sucedia na fila da ração.

— São pouco ágeis e lentos em terra — disse Jardir, quando Qeran o indicou.

— Correcto — disse Qeran. — Quando forçados a aterrar, os demónios do vento precisam de levantar voo em corrida ou de trepar a algo que lhes permita elevarem-se. O espaço reduzido entre as muralhas do Labirinto foi concebido para impedir que o façam. Os dal’Sharum no topo das muralhas procurarão enredá-los ou prendê-los com boleadeiras pesadas. Será o vosso dever transmitir a sua localização aos guerreiros no solo.

Olhou as crianças.

— Quem sabe dizer-me qual o sinal para «demónio do vento caído»?

Jardir ergueu a mão.



Passaram-se três meses antes de Abban e Jurim se juntarem novamente aos nie'Sharum. Abban caminhou até ao campo de treino coxeando de forma notória. Jardir franziu o sobrolho ao vê-lo.

— As tuas pernas ainda te doem? — perguntou.

Abban acenou afirmativamente com a cabeça.

— Os meus ossos podem estar mais fortes depois de sararem — disse. — Mas não estão mais direitos.

— Ainda é cedo — disse Jardir. — Acabarão por sarar com o tempo.

— Inevera — disse Abban. — Quem poderá conhecer a vontade de Everam?

— Estás pronto para lutar por lugar na linha da ração? — perguntou Jardir, indicando o instrutor que se aproximava com a panela.

Abban empalideceu.

— Ainda não. Imploro-o — respondeu. — Se as minhas pernas cederem, ficarei marcado para sempre.

Jardir franziu a testa, mas acenou afirmativamente.

— Não te demores muito — disse. — Ou a tua inactividade marcar-te-á de forma clara. — Enquanto falava, caminharam até ao início da linha e os outros rapazes abriram alas a Jardir como ratos perante um gato, permitindo-lhe receber as primeiras malgas. Alguns olharam Abban com rancor, mas nenhum se atreveu a desafiá-lo.

Jurim não teve direito a igual luxo e Jardir observou-o com frieza, recordando ainda o riso trocista do rapaz mais velho quando Abban caíra. Jurim caminhava de forma um pouco hirta, mas não havia os sinais do coxear que afectava a passada outrora orgulhosa de Abban. Os rapazes na fila olharam-no de forma ameaçadora, mas Jurim dirigiu-se ao seu lugar habitual atrás de Shanjat.

— Este lugar tem dono, aleijado — disse Esam, outro dos nie'Sharum fiéis a Jardir. — Para o fim da linha! — Esam era um lutador dotado e Jardir assistiu ao confronto com algum interesse.

Jurim sorriu e abriu as mãos como se suplicasse, mas Jardir viu a forma como

posicionava os pés e não se deixou enganar. Jurim saltou para diante, segurando Esam e derrubando-o. Terminou num instante e Jurim regressou ao lugar que lhe pertencia por direito. Jardir acenou afirmativamente. Jurim tinha coração de guerreiro. Olhou Abban, que terminara já a sua malga de ração, completamente alheio ao combate, e abanou a cabeça com tristeza.

— Atenção, ratazanas — chamou Kaval, depois de as malgas vazias estarem empilhadas. De imediato, Jardir aproximou-se dos instrutores e os outros rapazes seguiram-nos.

— Que achas que se passa? — perguntou Abban.

Jardir encolheu os ombros.

— Não tardarão a dizer-nos.

— Um teste de virilidade espera-vos — disse Qeran. — Suportarão a noite e veremos quais de entre vós possuem coração de guerreiro. –

O medo fez Abban inspirar de forma ruidosa, mas Jardir sentiu entusiasmo. Cada teste aproximava-o mais da almejada túnica negra.

— Há alguns meses que não recebemos notícias da aldeia de Baha kad'Everam e receamos que os alagai possam ter penetrado as suas guardas — prosseguiu Qeran. — É verdade que os bahavanos são khaffit, mas descendem dos Kaji e os Damaji decretaram que não poderemos abandoná-los.

— Não poderemos abandonar a cerâmica valiosa que nos vendem, quer ele dizer — murmurou Abban. — Baha é onde reside Dravazi, o mestre oleiro, cujo trabalho enriquece todos os palácios de Krasia.

— Só pensas em dinheiro? — ripostou Jardir. — Mesmo que fossem os cães mais miseráveis sobre Ala, continuariam infinitamente acima dos alagai e mereceriam protecção.

— Ahmann! — bradou Kaval. — Tens algo a acrescentar?

Jardir voltou a colocar-se em sentido.

— Não, instrutor.

— Então tento na língua — disse Kaval. — Se não quiseres que ta corte.

Jardir acenou com a cabeça e Qeran prosseguiu.

— Cinquenta guerreiros, todos voluntários, farão o percurso de uma semana até Baha, liderados pelo Dama Khevat. Irão com eles como assistentes, transportando o seu equipamento, alimentando os camelos, cozinhando as suas refeições e afiando as suas lanças. — Olhou Jardir. — Serás o nie ka durante esta

viagem, filho de Hoshkamin.

Jardir arregalou os olhos. «Nie ka», «primeiro de ninguém», significava que Jardir seria o líder dos nie'Sharum, não apenas na fila para a ração, mas aos olhos dos instrutores e poderia comandar e disciplinar os outros rapazes de acordo com a sua vontade. Há anos que não havia um nie ka, desde que Hasik conquistara a sua túnica negra. Era uma honra tremenda e não era concedida nem aceite de espírito leve. Porque, com o poder do posto, vinha também a responsabilidade. Seria responsável perante Qeran e Kaval pelo fracasso dos outros rapazes. E seria punido de forma adequada.

Jardir curvou-se.

— Honras-me, instrutor. Peço a Everam que não me deixe falhar.

— É melhor que não falhes, se desejas manter o teu couro intacto –

disse Kaval, enquanto Qeran pegava numa faixa de couro entrançado e a atava à volta do bíceps de Jardir como símbolo de autoridade.

Jardir sentia o coração acelerado no peito. Era apenas uma faixa de couro, mas, naquele momento, parecia-lhe ser a própria Coroa de Kaji. Pensou na forma como o dama contaria aquilo

à sua mãe quando fosse receber o seu estipêndio mensal e sentiu-se inchar de orgulho. Começava já a honrar as mulheres da sua família.

E não era apenas isso, mas um verdadeiro teste de virilidade. Semanas de viagem em noite aberta. Veria os alagai de perto e conheceria o seu inimigo como mais do que desenhos de giz sobre lousa ou algo vislumbrado à distância enquanto corria pelo cimo de uma muralha. Era, verdadeiramente, um dia de novos inícios.

Abban voltou-se para Jardir depois de os nie'Sharum serem dispensados para regressarem às suas tarefas. Sorriu, esmurrando o bíceps de Jardir e a faixa de couro que o rodeava.

— Nie ka — disse. — Mereces a honra, meu amigo. Não tardarás a ser kai'Sharum, comandando guerreiros em batalha.

Jardir encolheu os ombros.

— Inevera. Que o dia de amanhã traga o que trouxer. Por hoje, esta honra basta-me.

— Estavas certo no que disseste antes, claro — disse Abban. — Por vezes, o meu coração torna-se azedo quando vejo a forma como os khaffit são tratados e

o que ouviste foi a expressão desse azedume. Os bahavanos merecem a nossa protecção e muito mais.

Jardir acenou afirmativamente.

— Soube que foi isso — disse. — Também eu me excedi, meu amigo. Sei que tens mais no teu coração do que a ganância de um mercador.

Apertou o ombro de Abban e os rapazes dirigiram-se para as suas tarefas, preparando a expedição.



Partiram ao meio-dia. Cinquenta guerreiros Kaji, incluindo Hasik, juntamente com o Dama Khevat, o instrutor Kaval, um par de Vigias Krevakh e o esquadrão de Jardir, composto pela elite dos nie'Sharum. Alguns guerreiros, os mais velhos, alternaram-se a conduzir as carroças de abastecimentos puxadas por camelos, mas os restantes marcharam a pé, liderando o cortejo através do Labirinto, até aos grandes portões da cidade. Jardir e os outros rapazes seguiram nas carroças de abastecimentos ao cruzarem o Labirinto, para não profanarem o terreno sagrado.

— Apenas os dama e os dal'Sharum podem pousar os pés sobre o sangue dos seus irmãos e antepassados — advertira Kaval. — Façam-no e submetam-se ao risco.

Quando saíram da cidade, o instrutor bateu com a lança na carroça.

— Todos para o chão! — bradou Kaval. — Marchamos para Baha!

Abban olhou Jardir com incredulidade.

— A travessia do deserto dura uma semana, apenas com os nossos bidos para nos protegerem do Sol!

Jardir saltou da carroça.

— É o mesmo Sol que nos queima no campo de treino. — Apontou os dal'Sharum que marchavam adiante das carroças de abastecimentos. — Mostra-te grato por teres apenas o teu bido — disse.

— Eles vestem-se de negro, absorvendo o calor, e, mesmo assim, cada homem transporta escudo e lança e a sua armadura por baixo da túnica. Se conseguem marchar, nós também conseguiremos.

— Vamos, não queres esticar as pernas depois de tantas semanas engessado? —

perguntou Jurim, aplicando uma palmada nas costas de Abban e sorrindo enquanto descia.

Os restantes nie'Sharum seguiram-nos, marchando enquanto Jardir marcava o passo com as carroças e os guerreiros. Kaval seguia atrás, vigiando-os, mas deixou o comando a Jardir. A confiança do instrutor fê-lo orgulhar-se.

A estrada do deserto era uma fileira de antigas placas indicadoras de direcção ao longo de um caminho de areia compacta e barro duro. O vento omnipresente soprava areia quente sobre eles. Acumulava-se na estrada, dificultando a marcha. O Sol aquecia a areia ao ponto de lhes queimar a planta dos pés através das sandálias. Mas, com tudo isso, os nie'Sharum, endurecidos por anos de treino, marcharam sem queixas. Jardir olhou-os e sentiu-se orgulhoso.

No entanto, depressa se tornou claro que Abban não conseguia acompanhar o rimo. Ensopado em suor, o seu coxear tornou-se cada vez mais pronunciado no terreno irregular e tropeçava com frequência. Numa ocasião, chocou contra Esam, que o empurrou com violência contra Shanjat. Shanjat também o empurrou e Abban embateu no chão com força. Os outros riram-se quando Abban cuspiu areia.

— Adiante, ratazanas! — gritou Kaval, batendo com a lança no escudo.

Jardir quis ajudar o amigo a erguer-se, mas sabia que isso apenas pioraria tudo.

— De pé! — gritou. Abban olhou-o com expressão de súplica, mas Jardir limitou-se a abanar a cabeça, pontapeando Abban para o seu próprio bem. — Acolhe a dor e levanta-te, tolo — disse, com uma voz baixa e dura. — Ou acabarás por te tornar um khaffit como o teu pai!

A dor nos olhos de Abban dilacerou-o, mas Jardir dissera a verdade. Abban também o sabia. Inspirou fundo e ergueu-se, cambaleando atrás dos outros. Aguentou-se durante algum tempo, mas voltou a atrasar-se para o fundo da fila, embatendo frequentemente contra outros rapazes e sendo empurrado. Kaval, sempre atento, notou e acelerou para caminhar junto a Jardir.

— Se ele te atrasar a marcha, rapaz — disse-lhe —, serás tu a levar com o chicote para que todos vejam.

Jardir acenou afirmativamente.

— Como queiras, instrutor. Sou o nie ka. — Kaval grunhiu e não disse mais nada.

Jardir dirigiu-se aos outros.

— Jurim, Abban, subam para as carroças — ordenou. — Vieram há pouco do pavilhão das dama’ting e não estão preparados para um dia de marcha.

— Mijo de camelo! — rosnou Jurim, apontando um dedo à face de Jardir. — Não viajarei na carroça como uma mulher apenas porque o filho do comedor de porco não consegue acompanhar o passo!

As palavras mal tinham saído da boca de Jurim quando Jardir o golpeou. Segurou-lhe o pulso e girou para exercer força sobre o seu ombro. O rapaz não teve escolha senão abandonar a resistência, evitando que Jardir lhe quebrasse o braço, e a pancada fê-lo cair de costas. Jardir não largou o braço, puxando enquanto lhe pousava o pé sobre a garganta.

— Viajas na carroça porque o teu nie ka to ordena — disse, elevando a voz enquanto a face de Jurim se avermelhava. — Se voltares a esquecê-lo, pagarás o preço.

A face de Jurim tornava-se roxa quando conseguiu um aceno afirmativo e encheu o peito de ar de forma desesperada quando Jardir o libertou.

— A dama’ting recomendou que aumentassem a distância percorrida em cada dia até recuperarem as forças — mentiu Jardir. — Amanhã, marcharão uma hora mais do que hoje. — Olhou Abban com frieza. — Os dois.

Abban acenou com a cabeça ansiosamente e os dois rapazes subiram para as carroças. Jardir viu-os ir, rezando por uma recuperação pronta de Abban. Não conseguiria salvar-lhe a face para sempre.

Olhou os outros nie’Sharum, que o fitavam, e gritou:

— Ordenei uma paragem?

Os rapazes apressaram-se a retomar a marcha. Jardir marcou o passo ao dobro da velocidade até alcançarem as forças que seguiam adiante.



A noite veio e Jardir ordenou aos seus nie’Sharum que cozinhassem as refeições e estendessem esteiras enquanto o dama e os Guardadores de Fosso preparavam o círculo de guardas. Quando o círculo ficou pronto, os guerreiros posicionaram-se no seu perímetro, voltados para fora, com escudos unidos e lanças preparadas, enquanto o Sol se punha e os demónios se erguiam.

Porque estavam próximos da cidade, os demónios da areia ergueram-se em

força, silvando aos dal’Sharum e lançando-se contra os guerreiros. Era a primeira vez que os via de perto e Jardir observou os alagai com frieza, memorizando os seus movimentos enquanto atacavam.

Os Guardadores de Fosso haviam feito bem o seu trabalho e a magia cintilava para repelir os demónios. À medida que estes embatiam contra as guardas, os dal’Sharum gritaram e fizeram avançar as lanças. A maioria dos golpes foi sustida pela armadura dos demónios da areia, mas alguns golpes precisos aos olhos ou às goelas abertas, conseguiam matar. Parecia um jogo para os guerreiros, que tentavam executar um golpe preciso num clarão momentâneo da magia. Riram e congratularam o punhado de homens que conseguia fazê-lo. Os que tinham conseguido iam comer, ao passo que os restantes continuavam a tentar enquanto o número dos demónios aumentava. Jardir notou que Hasik foi um dos primeiros a encher a sua malga.

Olhou o instrutor Kaval, saindo do círculo depois de matar também um demónio. O seu véu nocturno vermelho estava erguido. Era a primeira vez que Jardir o via daquela forma. O homem viu que era observado e chamou-o com um gesto. Jardir fez uma vénia profunda.

— Instrutor — disse. — Isto não é a alagai’sharak como nos foi ensinada.

Kaval riu-se.

— Isto não é a alagai’sharak de todo, rapaz. É apenas um jogo para nos manter as lanças afiadas. O Evejah ordena que a alagai’sharak ocorra apenas em terreno preparado. Não há fossos de demónios aqui, nem muralhas de labirinto ou pontos de emboscada. Seríamos tolos se deixássemos o nosso círculo, mas isso não impede que mostremos o Sol a alguns alagai.

Jardir tornou a curvar-se.

— Obrigado, instrutor. Agora compreendo.

O jogo prosseguiu durante algumas horas mais, até os demónios restantes decidirem que não havia brecha nas guardas e começarem a rodear o acampamento ou a sentar-se sobre os quartos traseiros, longe do alcance das lanças, observando. Os guerreiros de estômago cheio ocuparam-se da vigia, assobiando e provocando aqueles que não tinham conseguido uma morte e se dirigiam para a sua refeição.

Depois de todos comerem, metade dos guerreiros ocupou as esteiras e a outra metade posicionou-se num anel à volta do acampamento, como se fossem

estátuas. Após algumas horas de sono, os primeiros a repousar renderam os seus irmãos.



No dia seguinte, passaram por uma aldeia khaffit. Jardir nunca vira uma, apesar de existirem muitos pequenos oásis espalhados pelo deserto, sobretudo a sul e leste da cidade, onde fios de água brotavam do chão e abasteciam um pequeno charco. Era frequente que os khaffit que fugiam da cidade se aglomerassem em torno destes, mas, desde que se alimentassem a si próprios e não mendigassem junto à muralha ou atacassem mercadores de passagem, os dama de bom grado os ignoravam.

Também existiam oásis maiores, onde um charco maior significava que cem ou mais khaffit podiam reunir-se, frequentemente trazendo consigo mulheres e crianças. A estes os dama prestavam alguma atenção, com as tribos guerreiras a reclamarem oásis como reclamavam os poços da cidade, taxando os khaffit em trabalho e bens pelo direito de ali viverem. Ocasionalmente, os dama viajavam para as aldeias mais próximas da cidade, trazendo consigo os rapazes que encontrassem para o Hannu Pash e as raparigas mais belas como jiwah'Sharum para os grandes haréns.

A aldeia pela qual passaram não tinha muralha, apenas uma série de monólitos de arenito à volta do seu perímetro, com guardas antigas gravadas na pedra.

— Que sítio é este? — pensou Jardir em voz alta enquanto marchavam.

— Chamam Arenito à aldeia — respondeu Abban. — Vivem aqui mais de trezentos khaffit. São conhecidos como cães do fosso.

— Cães do fosso? — repetiu Jardir.

Abban apontou um gigantesco fosso no chão, um de vários na aldeia, onde homens e mulheres trabalhavam em conjunto, recolhendo arenito com pá, picareta e serra. Eram gente de ombros largos e musculatura abundante, muito diferentes dos khaffit que Jardir conhecia na cidade. As crianças trabalhavam com eles, carregando carroças e guiando os camelos que içavam a pedra dos fossos. Todos vestiam roupa castanha, homens e rapazes com coletes e boinas idênticas e as mulheres e raparigas com vestidos castanhos que deixavam pouco espaço à imaginação, com as faces, braços e até as pernas maioritariamente

expostas.

— Esta gente é forte — disse Jardir. — Por que determinação são estes homens khaffit? Serão todos cobardes? E as raparigas e rapazes? Por que não são chamados para o casamento ou para o Hannu Pash?

— Os seus antepassados talvez fossem khaffit por sua falha, meu amigo — disse Abban. — Mas estas pessoas são khaffit por nascimento.

— Não compreendo — disse Jardir. — Não existem khaffit por nascimento.

Abban suspirou.

— Dizes que apenas penso no comércio, mas talvez sejas tu quem não pensa suficientemente no assunto. Os Damaji desejam a pedra que esta gente extrai e trabalhadores saudáveis para fazerem o trabalho. Em troca, instruem os dama a não virem buscar as crianças destes khaffit.

— Condenando-as a passarem também as suas vidas como khaffit — disse Jardir. — Porque desejariam tal coisa os seus pais?

— Os pais podem comportar-se de forma bizarra perante homens que chegam para lhes levar os filhos — disse Abban.

Jardir recordou as lágrimas da sua mãe e os guinchos da mãe de Abban e não conseguiu discordar.

— Mesmo assim, estes homens dariam excelentes guerreiros e as suas mulheres seriam boas esposas, capazes de gerar filhos fortes. É um desperdício vê-los reduzidos a isto.

Abban encolheu os ombros.

— Pelo menos, quando um deles é ferido, os seus irmãos não se voltam contra ele como um bando de lobos.



Passaram-se outros seis dias de viagem antes de chegarem ao penhasco sobre o rio que alimentava a aldeia de Baha kad’Everam. Não encontraram outras aldeias khaffit pelo caminho. Abban, cuja família negociava com muitas das aldeias, disse que tal sucedia porque um rio subterrâneo alimentava muitos oásis perto da cidade, mas não se alongava muito para leste. A maioria das aldeias situavam-se a sul da cidade, entre a Lança do Deserto e as distantes montanhas do Sul, seguindo o curso desse mesmo rio. Jardir nunca ouvira falar de um rio

subterrâneo, mas confiava no seu amigo.

O rio diante deles não era exactamente subterrâneo, mas escavara um vale profundo com o passar dos séculos, cortando camadas incontáveis de arenito e barro. Conseguiam avistar o leito muito abaixo, apesar de se assemelhar a um regato quando visto de tão alto.

Marcharam para sul junto ao penhasco, de encontro ao caminho que descia para a aldeia e que se mantinha oculto até estarem quase sobre ele. Os dal'Sharum sopraram trompas de saudação, mas não houve resposta enquanto desciam pela estrada íngreme e estreita até à praça da aldeia. Mesmo ali, no centro do povoado, não se avistavam habitantes.

A aldeia de Baha kad'Everam fora construída em patamares escavados na face do penhasco. Uma escadaria larga e irregular subia em ziguezague, formando um terraço para casas de adobe em cada nível. Não havia sinais de vida e os panos que cobriam as portas esvoaçavam preguiçosamente com a brisa. Recordou a Jardir algumas das partes mais antigas d'A Lança do Deserto. Grandes porções da cidade tinham sido abandonadas com a redução da população. Os edifícios antigos eram o testamento de uma época em que era difícil contar o número de krasianos.

— Que aconteceu aqui? — perguntou Jardir, pensando em voz alta.

— Não é óbvio? — retorquiu Abban. Jardir fitou-o com curiosidade.

— Pára de olhar a aldeia e olha o que te rodeia — disse Abban. Jardir voltou-se e viu que o rio não parecera um regato por culpa da distância. As águas quase não cobriam um terço da profundidade do leito.

— Falta de chuva — disse Abban. — Ou um desvio do curso de água mais acima. A mudança terá tirado aos bahavanos o peixe de que dependiam para sobreviver.

— Isso não explicaria a morte de uma aldeia inteira — disse Jardir.

Abban encolheu os ombros.

— Talvez a água se tenha tornado inquinada quando o nível baixou, misturando-se com os sedimentos no fundo. De qualquer forma, pela doença ou pela fome, os bahavanos não terão conseguido manter as suas guardas. — Indicou as marcas de garras profundas nas paredes de adobe de alguns edifícios.

Kaval voltou-se para Jardir.

— Procura vestígios de sobreviventes na aldeia — disse. Jardir curvou-se e

dirigiu-se aos seus nie’Sharum, dividindo-os em grupos de dois e enviando cada grupo a um nível diferente. Os rapazes apressaram-se a subir as escadas irregulares com a facilidade com que corriam sobre as muralhas do Labirinto.

Depressa se tornou aparente que Abban estava certo. Havia sinais dos demónios em quase todos os edifícios. Marcas de garras em paredes e mobiliário e vestígios de luta por toda a parte.

— Mas não há corpos — notou Abban.

— Comidos — disse Jardir, apontando o que parecia uma pedra negra no chão, com alguns pedaços de matéria branca projectando-se da superfície.

— O que é? — perguntou Abban.

— Estrume de demónio — disse Jardir. — Os alagai comem as suas vítimas inteiras e defecam os seus ossos. — Abban cobriu a boca com uma mão, mas não foi suficiente. Correu para um canto para vomitar.

Reportaram os seus achados ao instrutor Kaval, que reagiu com um aceno de cabeça, como se não se sentisse surpreendido.

— Segue-me, nie ka — disse. Jardir seguiu-o enquanto o instrutor caminhava até ao local onde o Dama Khevat se reunia aos kai’Sharum.

— Os nie’Sharum confirmam que não há sobreviventes, Dama — disse Kaval. Os kai’Sharum eram-lhe superiores, mas Kaval era um instrutor e era provável que tivesse treinado cada guerreiro na expedição, incluindo os kai’Sharum. Como se dizia: «As palavras do véu vermelho têm mais peso do que as palavras do véu branco.»

O Dama Khevat acenou afirmativamente.

— Os alagai amaldiçoaram o chão quando violaram as guardas, aprisionando os espíritos dos khaffit mortos neste mundo. Consigo sentir os seus gritos no ar. — Ergueu os olhos para Kaval. — Aproxima-se um Quarto Minguante. Passaremos os primeiros dois dias e noites a preparar a aldeia e a orar.

— E na terceira noite da Lua Minguante? — perguntou Kaval.

— Na terceira noite, dançaremos a alagai’sharak — respondeu Khevat — para santificar a terra e libertar os seus espíritos, para que possam reencarnar com esperança de melhor casta.

Kaval curvou-se.

— Claro, Dama. — Olhou as escadas e edifícios pelo penhasco acima e o amplo pátio por baixo, conduzindo ao rio. — Serão sobretudo demónios do barro

— supôs. — Ainda que seja provável que surjam também alguns demónios do vento e da areia. — Voltou-se para os kai'Sharum. — Com a vossa permissão, ordenarei aos dal'Sharum que escavem fossos de demónio guardados no pátio e preparem pontos de emboscada nas escadas para os projectar do alto do penhasco para os fossos, onde esperarão o Sol.

Os kai'Sharum concordaram com gestos e o instrutor voltou-se para Jardir.

— Ordena aos nie'Sharum que limpem os edifícios dos destroços que possamos usar em barricadas. — Jardir acenou com a cabeça e voltou-se para se afastar, mas Kaval segurou-lhe o braço. — Certifica-te de que não haverá saques — advertiu. — Tudo deverá ser sacrificado na alagai'sharak.



— Tu e eu limparemos o primeiro nível — disse Jardir a Abban.

— O sete é um número mais afortunado — disse Abban. — Que sejam Jurim e Shanjat a limpar o primeiro.

Jardir olhou a perna de Abban com cepticismo. Abban conseguira acompanhar o ritmo da marcha, mas não deixara de coxear e era frequente que Jardir o visse a massajar a perna quando achava que ninguém olhava.

— Achei que o primeiro exigiria uma subida mais fácil por não teres a perna completamente sarada — disse Jardir.

Abban colocou as mãos sobre as ancas.

— Feres-me, meu amigo! — disse. — Estou saudável como o melhor camelo do bazar. Estavas certo quando me forçaste a exceder-me a cada dia e uma subida ao sétimo nível será benéfica.

Jardir encolheu os ombros.

— Como queiras — disse. E começaram a subir os degraus depois de transmitir instruções aos restantes nie'Sharum.

Os degraus irregulares de Baha tinham sido talhados na face do penhasco, ancorados em pontos estratégicos com arenito e barro. Alguns era tão estreitos como o pé de um homem e outros exigiam vários passos para alcançar o seguinte. A pedra gasta assinalava a passagem de muitas carroças carregadas, puxadas por bestas. Os degraus mudavam de direcção em cada patamar, de onde entroncava um caminho para os edifícios desse nível.

Não tinham subido muito quando a respiração de Abban se tornou ofegante e a sua face redonda começou a pingar suor. O coxear agravou-se e, no quinto nível, começou a silvar de dor com cada passo.

— Talvez tenhamos subido o suficiente para um dia — arriscou Jardir.

— Tolice, meu amigo — disse Abban. — Estou... — gemeu e expirou – ... forte como um camelo.

Jardir sorriu e bateu-lhe com a mão nas costas.

— Ainda faremos de ti um guerreiro.

Por fim, chegaram ao sétimo nível e Jardir voltou-se para olhar sobre a muralha baixa. No solo, os dal'Sharum dobravam as costas, escavando largos fossos de demónio com pás curtas. Os fossos eram abertos no limite do primeiro nível, para que um demónio projectado da mesma muralha sobre a qual Jardir espreitava, aterrasse no seu interior. Jardir sentiu uma pontada de excitação pela batalha próxima, mesmo que ele e os restantes nie'Sharum não fossem autorizados a combater.

Voltou-se para Abban, mas o seu amigo afastara-se pelo terraço, ignorando a vista.

— Devemos começar a limpar os edifícios — disse Jardir, mas Abban pareceu não ouvir, afastando-se e coxeando com porte decidido. Jardir alcançou-o no momento em que Abban se detinha diante de um grande arco, esboçando um largo sorriso quando ergueu os olhos para os símbolos gravados na pedra.

— Nível sete! Eu sabia! — exclamou. — O número de pilares entre o Paraíso e Ala.

— Nunca vi guardas como estas — disse Jardir, observando os símbolos.

— Não são guardas. São palavras desenhadas — disse Abban.

Jardir fitou-o com curiosidade.

— Como as que estão escritas no Evejah?

Abban acenou afirmativamente.

— Dizem: «Aqui, sete patamares sobre Ala para honrar Aquele que é Tudo, fica a humilde oficina de mestre Dravazi.»

— O oleiro de que falaste — rosnou Jardir. Abban acenou com a cabeça, avançando para afastar a cortina garrida que bloqueava a entrada, mas Jardir segurou-lhe o braço, puxando-o e fazendo-o voltar-se para si.

— Então consegues acolher a dor pelo lucro, mas não pela honra? —

perguntou.

Abban sorriu.

— Limito-me a ser prático, meu amigo. Podes comprar alguma coisa com honra?

— Sim. No Paraíso — respondeu Jardir.

Abban roncou.

— Não podemos vestir as nossas mães e irmãs a partir do Paraíso. — Libertou o braço e entrou na oficina. Jardir não teve escolha senão segui-lo, chocando contra Abban, que parara pouco além da porta, com a boca escancarada.

— O carregamento está intacto — sussurrou, com um brilho ganancioso nos olhos. Jardir seguiu-lhe o olhar e também arregalou os seus. Ali, cuidadosamente arrumadas em grandes estantes, estavam as peças de cerâmica mais ricas que alguma vez vira. Preenchiam o espaço. Potes, vasos e cálices, lâmpadas, pratos e taças. Tudo pintado com cores garridas e tinta dourada, e vidrado para obter um brilho impecável.

Abban esfregou as mãos, entusiasmado.

— Fazes ideia do que isto vale, meu amigo? — perguntou.

— Não importa — disse Jardir. — Não nos pertence.

Abban olhou-o como se fosse um tolo.

— Não é roubo se os donos morreram, Ahmann.

— Saquear aos mortos é pior que roubo — considerou Jardir. — É profanação.

— Profanação seria deitar fora o trabalho da vida inteira de um mestre artesão — argumentou Abban. — Há muitos outros destroços que poderão ser usados nas barricadas.

Jardir observou a cerâmica.

— Muito bem — disse, por fim. — Deixá-la-emos aqui. Que conte a história do talento deste grande khaffit, para que Everam contemple a sua obra e reencarne o seu espírito numa casta mais elevada.

— Que necessidade há de deixar provas para Everam se ele é omnisciente? — perguntou Abban.

Jardir ergueu um punho e Abban deu um passo atrás.

— Não tolerarei blasfémias ao nome de Everam — rosnou. — Nem a ti.

Abban ergueu as mãos em súplica.

— Não pretendia blasfemar. Quis apenas dizer que Everam conseguirá ver a

cerâmica tão bem no palácio de um Damaji como nesta oficina esquecida.

— Pode ser — concedeu Jardir. — Mas Kaval disse que tudo deverá ser sacrificado na alagai'sharak e isso inclui a cerâmica.

Os olhos de Abban focaram o punho de Jardir, ainda cerrado. Acenou afirmativamente.

— Claro, meu amigo — concordou. — Mas, se devemos realmente honrar este grande khaffit e recomendá-lo ao Paraíso, usemos os seus magníficos potes para transportar a terra que os dal'Sharum retiram para escavar os fossos de demónio. Tornará a cerâmica útil na alagai'sharak e mostrará a Everam o valor de Dravazi.

Jardir descontraiu, voltando a abrir a mão. Sorriu a Abban e acenou-lhe com a cabeça.

— Uma excelente ideia.

Escolheram as peças mais adequadas à tarefa e transportaram-nas de volta para o acampamento. Deixaram as restantes cuidadosamente empilhadas, tal como as haviam encontrado.



Jardir e os outros entregaram-se ao trabalho e os dois dias e noites passaram rapidamente com o campo de batalha da alagai'sharak a ganhar forma. Em cada noite, abrigaram-se no interior dos círculos, estudando os demónios e traçando os seus planos. Os patamares da aldeia tornaram-se um labirinto de pilhas de destroços escondendo nichos guardados que os dal'Sharum usariam como pontos de emboscada, saltando para empurrar os alagai do penhasco para os fossos de demónio ou para os enredar durante o tempo necessário a aprisioná-los em círculos portáteis. Havia postos de abastecimento guardados em cada nível. Aí, os nie'Sharum esperariam, prontos para levar lanças ou redes novas aos guerreiros.

— Permaneçam atrás das guardas até serem chamados — instruiu Kaval aos novatos. — E, quando saírem do círculo, façam-no com rapidez, passando directamente de uma área guardada para a seguinte até alcançarem o destino. Mantenham-se agachados atrás das muralhas, aproveitando todas as coberturas. — Obrigou os rapazes a memorizar o labirinto improvisado até conseguirem encontrar os nichos guardados de olhos fechados, se fosse necessário. Os

guerreiros acenderiam fogueiras para iluminar a luta e afastar o frio da noite no deserto, mas restariam sempre grandes bolsas de sombra onde os demónios, que conseguiam ver no escuro, manteriam a sua vantagem.

Jardir e Abban não tardaram a aguardar no posto de abastecimento do terceiro nível enquanto o Sol se punha. O penhasco estava voltado para leste e esperaram enquanto a sua sombra se alongava para cobrir o vale do rio, trepando pela parede rochosa como uma mancha de tinta. E, na sombra do vale, os alagai começaram a erguer-se.

A névoa jorrava do barro e do arenito, condensando-se em formas demoníacas. Jardir e Abban olharam, fascinados, os demónios a erguerem-se na praça, nove metros abaixo, iluminados pelas grandes fogueiras enquanto os dal'Sharum incendiavam tudo o que havia de inflamável em Baha.

Pela primeira vez, Jardir compreendeu verdadeiramente o que os dama lhe tinham dito durante todos aqueles anos. Os alagai eram abominações, fora da luz de Everam. A totalidade de Ala seria o paraíso do Criador sem aquela mancha pérfida. Encheu-se de desprezo até ao mais íntimo de si e soube que daria de bom grado a vida pela sua destruição. Segurou uma das lanças no nicho, imaginando o dia em que poderia caçá-los com os seus irmãos dal'Sharum.

Abban segurou o braço de Jardir e fê-lo voltar-se para ver o amigo apontar uma mão trémula à muralha do patamar a poucos metros de distância. A toda a volta, as névoas erguiam-se e, sobre a muralha, formava-se um demónio do vento. Enquanto aquela visão enchia Abban de óbvio horror, Jardir sentiu apenas raiva. Segurou a lança com mais força e pensou se conseguiria carregar sobre a criatura, derrubando-a da muralha antes de estar completamente formada fazendo-a cair nos fossos de demónio.

Abban apertou-lhe o braço com tanta força que se tornou doloroso. Jardir olhou-o e viu que Abban o fitava.

— Não sejas louco — disse-lhe.

Jardir olhou novamente o demónio, mas perdeu a hipótese nesse momento, quando o alagai libertava as garras do arenito e se deixava tombar na escuridão. Houve um ruído súbito e o demónio do vento voltou a erguer-se, com as suas enormes asas bloqueando as estrelas ao sobrevoar o terraço.

A pouca distância, um demónio do barro de cor laranja formou-se, quase indistinguível da parede de adobe a que se segurava. Era baixo e atarracado, do

tamanho de um cão pequeno, mas era, de igual modo, um assassino compacto de músculos volumosos, garras e placas couraçadas grossas e sobrepostas. Ergueu a cabeça achatada, farejando o ar. Kaval ensinara que a cabeça de um demónio do barro podia romper quase qualquer coisa, despedaçando pedra e amolgando o melhor aço. Testemunharam o seu poder em primeira mão quando o demónio carregou sobre eles, embatendo de cabeça contra as guardas que rodeavam o seu nicho. Faíscas prateadas de magia alongaram-se num padrão de teia desde o ponto de impacto e o demónio do barro foi repelido. Mas voltou a aproximar-se das guardas, de imediato, cravando as garras na face do penhasco enquanto movia repetidamente a cabeça, martelando as guardas e enchendo o ar de faíscas de magia.

Jardir pegou na lança e lançou-a contra as mandíbulas do demónio, como vira fazer aos dal'Sharum durante a travessia do deserto. Mas o demónio era demasiado forte e prendeu a extremidade da lança nos dentes. A ponta de metal torceu como argila quando o demónio abanou a cabeça, arrancando a lança das mãos de Jardir e quase conseguindo puxá-lo para fora da segurança do nicho. O demónio moveu a cabeça para o lado, lançando a lança na escuridão sobre a muralha.

Hasik observou o duelo do seu nicho no mesmo terraço. Posicionava-se como Isco e não tardaria a emergir para conduzir os demónios à sua perdição.

— Desperdiça outra lança, ratazana — gritou, com voz ainda sibilante depois de tantos anos — e lançar-te-ei sobre a muralha atrás dela! — Jardir sentiu-se queimar pela vergonha e curvou-se, recuando mais para dentro do nicho aguardando ordens.

Os Vigias Krevakh, equilibrados sobre as escadas, podiam passar de um nível ao seguinte em segundos. Observavam o campo de batalha do alto e faziam sinais aos kai'Sharum, que sopravam a Trompa de Sharak, iniciando a sua dança.

De imediato, Hasik saiu do nicho, gritando e gesticulando para atrair a atenção dos demónios próximos. Jardir olhou-o, fascinado. Fossem quais fossem os seus sentimentos por Hasik, a sua honra não conhecia limites.

Vários demónios do barro guincharam quando o viram, saltando em sua perseguição. As pernas curtas e poderosas destes moviam-se com velocidade aterradora, mas Hasik não se mostrou amedrontado, deixando-os entregar-se por completo à perseguição antes de começar também a correr, dirigindo-se para o

ponto de emboscada à sua frente, depois das primeiras barreiras. O demónio do barro sobre a muralha perto do nicho de Jardir saltou sobre ele quando passou, mas Hasik voltou-se e ergueu o escudo, repelindo o ataque, mas movimentando o escudo para que a magia projectasse o demónio sobre a muralha, fazendo-o guinchar ao tombar nos fossos. A primeira morte da noite.

Hasik correu a grande velocidade pelo labirinto de destroços, contornando as barreiras com uma ligeireza e agilidade que pareciam impossíveis em alguém com o seu tamanho. Deixou de ser visto por Jardir e Abban, mas ouviram-no gritar «Oot!» quando se aproximou da bolsa de emboscada. O grito era tradicional entre os Iscos, assinalando aos dal'Sharum num ponto de emboscada que se aproximavam alagai.

Houve gritos e centelhas de magia quando os guerreiros escondidos surpreenderam os demónios. Gritos dos alagai encheram a noite e o som arrepiou Jardir. Ansiava por também provocar guinchos de sofrimento aos demónios. Um dia...

Nisto, um Vigia, Aday, ergueu-se sobre a muralha à sua frente. As suas escadas de três metros bastavam para subir de um nível a outro.

Aday puxou a rija correia de cabedal presa ao seu pulso, içando a escada. Posicionou-a para trepar ao nível superior, mas um rugido vindo de cima fê-lo parar. Olhou nessa direcção no momento em que o demónio do barro saltava.

Jardir encolheu-se, mas não precisava de se ter preocupado. Rápido como uma serpente, o Vigia voltou a escada de lado para travar o demónio à distância de um braço, antes de atacar. Aday pontapeou a escada, lançando o alagai ao piso do terraço.

No tempo que o demónio do barro levou a recuperar, Aday recuou vários metros, estendendo os três metros da escada entre ambos. O demónio voltou a saltar, mas Aday prendeu-o com a escada e ergueu-a, projectando facilmente o pequeno demónio sobre a muralha. Em segundos, voltou a apoiar a escada.

— Tragam mais lanças para a Guarda Avançada na praça — gritou-lhes ao subir rapidamente para o nível seguinte, nunca tocando na escada com mãos e pés ao mesmo tempo.

Jardir segurou num par de lanças e Abban fez o mesmo, mas Jardir viu o medo nos seus olhos.

— Fica perto de mim e faz o que eu fizer — disse ao seu amigo. — Não é

diferente dos nossos exercícios diários.

— Mas é de noite — disse Abban. Mesmo assim, seguiu o amigo quando Jardir olhou em ambas as direcções e correu para o nicho de Hasik, curvando-se atrás da muralha para evitar ser avistado pelos demónios do vento que voavam em círculos sobre a aldeia.

Alcançaram o nicho e, daí, desceram os degraus até à praça. Demónios do barro caíram como chuva do alto à medida que os dal'Sharum os lançavam sobre as muralhas dos terraços. Os pontos de emboscada estavam posicionados com precisão e a maioria dos alagai caía directamente nos fossos de demónio improvisados. Quanto aos restantes, e aos demónios da areia que se tinham erguido na praça, a Guarda Avançada empurrava-os para os fossos com lanças e escudos. Guardas unilaterais estavam gravadas à volta da entrada e no fundo de cada fosso. Os alagai podiam entrar, mas não podiam sair. As lanças dos guerreiros não conseguiam trespassar a armadura dos alagai, mas podiam ferir, empurrar e forçar, fazendo os demónios cair no fundo.

— Rapaz! Lança! — gritou Kaval. Jardir viu que a lança do instrutor se quebrara ao meio enquanto defrontava um demónio da areia. Parecendo não se deixar abalar pela perda da arma, Kaval girou a haste partida com tamanha rapidez que se tornou um borrão veloz, cravando-a nas articulações dos ombros e ancas dos demónios, impedindo-o de se equilibrar noutra direcção que não aquela em que o instrutor desejava que seguisse. Kaval não parou de avançar, fincando os pés para conferir força aos empurrões e usando o escudo para aproximar o demónio da boca do fosso.

Mas, se o instrutor parecia não correr perigo por acção do demónio à sua frente, caíam outros dos terraços a todo o momento e a arma inferiorizada abrandava-o num momento em que precisava de acabar rapidamente com o demónio.

– *Acha!* — gritou Jardir, lançando uma lança. Ouvindo o grito, Kaval empurrou a haste partida contra a garganta do demónio e agarrou a lança intacta num rodopio veloz que lhe permitiu atacar logo a seguir com a nova arma. Num instante, o demónio da areia caiu no fosso com um urro.

— Não fiques aí especado! — bradou Kaval. — Acaba o que tens a fazer e volta ao teu posto! — Jardir acenou afirmativamente e afastou-se, abastecendo de igual forma os outros guerreiros, juntamente com Abban.

Quando ficaram sem lanças, voltaram-se para subir os degraus. Não tinham

percorrido grande distância quando um estrondo os fez voltar a cabeça. Jardir virou-se para ver um demónio do barro irado erguer-se sobre os pés e abanar a cabeça. Estava distante da Guarda Avançada e viu presas mais fáceis em Abban e Jardir.

— A bolsa de emboscada! — gritou Jardir, apontando o pequeno nicho guardado onde a Guarda Avançada se escondera até os demónios começarem a cair do alto. Enquanto o demónio do barro carregava sobre eles, os dois rapazes correram. Abban, apavorado, conseguiu mesmo adiantar-se.

Mas, quase a alcançar a segurança do nicho, Abban gritou quando a perna lhe falhou. Embateu violentamente no chão e foi claro que, daquela vez, não conseguiria erguer-se.

Jardir acelerou, saltando sobre Abban enquanto este tentava levantar-se. Suportou a maior parte do impacto, fazendo-os rebolar aos dois e voltando-se numa perfeita projecção de sharusahk que lançou o corpo pesado de Abban ao longo dos poucos metros que os separavam da segurança.

Jardir caiu no chão e permaneceu prostrado quando a manobra se concluiu. Previsivelmente, o demónio seguiu o movimento e saltou sobre Abban, embatendo contra as guardas do nicho.

Jardir ergueu-se, rapidamente, enquanto o demónio do barro abanava a cabeça para dissipar o choque. Avistou-o de imediato e, pior ainda, erguia-se entre ele e a segurança das guardas.

Não tinha arma nem rede e sabia que o demónio conseguiria superá-lo em velocidade em campo aberto. Sentiu um momento de pânico até recordar as palavras do instrutor Qeran:

«Os alagai não têm astúcia», ensinara o seu professor. «Podem ser mais fortes e mais rápidos do que nós, mas têm o cérebro de cães estúpidos. Revelam a sua intenção pelo porte e a simulação mais débil serve para os confundir. Nunca percam a cabeça e conseguirão sempre ver o amanhecer.»

Jardir ameaçou correr para o fosso de demónio mais próximo e, a seguir, voltou-se bruscamente e correu para os degraus. Contornou destroços e barricadas de memória, não perdendo tempo a confirmar com os olhos o que a cabeça sabia. O demónio guinchou e perseguiu-o, mas Jardir não pensou nele e concentrou-se no caminho que tinha defronte.

— Oot! — gritou, quando o nicho de Hasik se tornou visível, assinalando o

demónio que o perseguia. Poderia abrigar-se aí e Hasik conduziria o demónio para a emboscada.

Mas o nicho de Hasik estava vazio. O guerreiro teria corrido diante de outro demónio e estaria num ponto de emboscada a lutar.

Jardir sabia que se poderia albergar no nicho, mas o que faria ao demónio? Na melhor das hipóteses, poderia escapar ao combate e, na pior, poderia surpreender algum distraído e cair sobre ele antes que percebesse o que lhe acontecia.

Baixou a cabeça e correu.

Conseguiu distanciar-se do demónio do barro no labirinto improvisado, mas continuava a ser perseguido quando avistou o ponto de emboscada.

— Oot! — gritou. — Oot! Oot! — Acelerou com um último esforço, esperando que os guerreiros no interior ouvissem o seu chamado e estivessem preparados.

Contornou a última barreira e mãos velozes seguraram-no e puxaram-no para o lado.

— Achas que isto é um jogo, ratazana? — perguntou Hasik.

Jardir não conseguiu responder e nem precisou de o fazer porque o demónio carregou sobre o ponto de emboscada. Um dal'Sharum lançou uma rede, fazendo-o cair.

O demónio debateu-se, rasgando a rede de pêlo de cavalo entrelaçado como se fosse cordel e parecendo prestes a libertar-se quando vários guerreiros caíram sobre ele e o imobilizaram no chão. Um dal'Sharum foi golpeado pelas garras na face e caiu, gritando, mas outro substituiu-o, segurando duas das placas couraçadas sobrepostas do demónio e abrindo-as com as mãos, revelando-lhe a carne vulnerável por baixo.

Hasik empurrou Jardir, avançando e cravando a lança na abertura. O demónio guinchou e contorceu-se em agonia, mas Hasik girava selvaticamente a lança. O demónio emitiu um urro derradeiro e imobilizou-se. Jardir não conteve um grito de júbilo e ergueu o punho no ar.

Mas a sua alegria não durou porque Hasik largou a lança, deixando-a espetada no alagai morto e correndo para ele.

— Achas-te um Isco, nie'Sharum? — perguntou. — Poderias ter provocado a morte de homens, conduzindo alagai para uma armadilha que ainda não estava preparada.

— Não quis... — começou Jardir, mas Hasik esmurrou-o violentamente no

estômago e a resposta perdeu-se-lhe nos lábios.

— Não te permiti que falasses, rapaz! — gritou Hasik. Jardir percebeu a sua raiva e foi suficientemente sensato para se silenciar. — As tuas ordens eram que permanecesses no teu nicho e não que conduzisses alagai até à retaguarda de guerreiros não preparados!

— Foi melhor tê-lo guiado até aqui com um aviso do que deixá-lo liberto, Hasik — disse Jesan. Hasik olhou-o com ferocidade, mas silenciou-se. Jesan era um guerreiro mais velho, talvez contasse mesmo quarenta Invernos, e os restantes elementos do grupo aceitavam a sua autoridade na ausência de Kaval ou dos kai'Sharum. Sangrava profusamente da marca que as garras do demónio lhe tinham deixado na face, mas não mostrava sinais de dor.

— Não terias sido ferido... — começou Hasik, mas Jesan silenciou-o.

— Não será a minha primeira cicatriz provocada por um demónio, Assobiador — disse. — E cada uma é uma glória a ser valorizada. Agora, volta para o teu posto. Restam demónios para matar esta noite.

Hasik franziu a testa, mas curvou-se.

— Estás certo. A noite é jovem — concordou. Os seus olhos relampejaram para Jardir quando na direcção do seu nicho.

— Volta ao teu posto, rapaz — disse-lhe Jesan, pousando a mão sobre o ombro de Jardir.

O Sol nasceu, finalmente, e toda a companhia se reuniu junto aos fossos de demónio para ver os alagai arder. Baha kad'Everam voltava-se para leste e o Sol nascente não tardou a iluminar o vale. Os demónios uivaram nos fossos quando a luz encheu o céu e a sua carne começou a fumegar.

O interior dos escudos dos dal'Sharum era polido e espelhado e, enquanto o Dama Khevat liderava uma prece pelas almas dos bahavanos, um a um os guerreiros voltaram-nos para reflectir a luz para os fossos, de forma a que esta atingisse directamente os demónios.

Onde a luz tocava os demónios, fazia-os incendiar-se. Depressa, os alagai ardiam e os nie'Sharum aplaudiam. Vendo os guerreiros fazer o mesmo, alguns baixaram mesmo os bidos para mijar sobre os demónios, enquanto a luz de

Everam os expulsava do mundo pela chama. Jardir nunca se sentira tão vivo como naquele momento e voltou-se para Abban para partilhar a sua alegria.

Mas Abban não estava presente.

Julgando que o amigo continuaria em dificuldades pela queda da noite anterior, Jardir foi procurá-lo. Abban estava ferido. Não era o mesmo que ser fraco. Seriam pacientes e ignorariam a troça dos restantes nie'Sharum até Abban recuperar a força e, depois, lidariam directamente com quem troçara, pondo fim aos gracejos de uma vez por todas.

Procurou por todo o acampamento e Abban quase lhe escapou. Avistou-o, por fim, rastejando por baixo de uma das carroças de abastecimentos.

— Que fazes? — perguntou-lhe Jardir.

— Ah! — exclamou Abban, voltando-se, surpreso. — Estava apenas...

Jardir ignorou-o, avançando e espreitando por baixo da carroça. Abban pendurara ali uma rede, enchendo-a com as peças de cerâmica de Dravazi que tinham usado como recipientes, astutamente arrumadas com pano para impedir que embatessem ou que se partissem na viagem de regresso.

Abban abriu as mãos e sorriu quando Jardir se voltou para ele.

— Meu amigo...

Jardir interrompeu-o.

— Põe tudo onde estava.

— Ahmann — começou Abban.

— Põe tudo onde estava ou parto-te a outra perna — rosnou Jardir.

Abban suspirou, mas o suspiro era mais de exasperação do que de submissão.

— Volto a pedir-te que sejas prático, meu amigo. Ambos sabemos que, com esta perna, tenho maiores hipóteses de ajudar a minha família pelo lucro do que pela honra. E se, de alguma forma, conseguir tornar-me um dal'Sharum, quanto tempo sobreviverei? Nem todos os veteranos fortes que vieram a Baha voltarão vivos para casa. Quanto a mim, terei sorte se sobreviver à primeira noite. Que acontecerá então à minha família, se deixar este mundo sem glória? Não quero que a minha mãe seja forçada a vender as minhas irmãs como jiwah'Sharum por terem o meu sangue derramado como único dote.

— As jiwah'Sharum são vendidas? — perguntou Jardir, pensando nas suas irmãs, muito mais pobres do que as de Abban. As jiwah'Sharum eram esposas colectivas, mantidas no grande harém para uso de todos os dal'Sharum.

— Acreditavas que as raparigas eram voluntárias? — perguntou Abban. — Ser jiwah'Sharum pode parecer glorioso para as jovens e belas, mas raramente sabem quem são os pais das crianças que carregam na barriga e perdem a honra quando os seus ventres se tornam estéreis e as suas feições menos perfeitas. É preferível ter um único marido, mesmo que seja khaffit.

Jardir não disse nada, digerindo a informação. Abban aproximou-se, debruçando-se como se confidenciasse, apesar de estarem sozinhos.

— Poderíamos dividir os lucros, meu amigo — disse. — Metade para a minha mãe e metade para a tua. Quando foi a última vez que as tuas irmãs comeram carne? Ou tiveram mais do que trapos para vestir? A honra pode ajudá-las daqui a anos, mas um lucro fácil pode ajudá-las agora.

Jardir olhou-o, com cepticismo.

— Que importância fará um punhado de potes?

— Não são simples potes, Ahmann — disse Abban. — Pensa nisso! São as últimas obras de mestre Dravazi, usadas pelos dal'Sharum para auxiliar a vingança da sua morte e a libertação das almas khaffit de Baha. Serão preciosos! Os próprios Damaji os comprariam para os exibirem em lugar de honra. Nem sequer precisaremos de os limpar! A terra de Baha será melhor do que qualquer tinta dourada.

— Kaval disse que tudo deveria ser sacrificado para santificar o solo de Baha — disse Jardir.

— E assim foi — tornou Abban. — São apenas utensílios, Ahmann. Não são diferentes das pás que os dal'Sharum usaram para escavar os fossos. Não será saque se ficarmos com os nossos utensílios.

— Então por que será necessário escondê-los como um ladrão?

Abban sorriu.

— Parece-te que Hasik e os seus camaradas permitiriam que lucrássemos se soubessem?

— Suponho que não — concedeu Jardir.

— Então está decidido — disse Abban, pousando uma mão sobre o ombro de Jardir. Apressaram-se a arrumar a restante cerâmica no compartimento secreto.

Quase tinham terminado quando Abban pegou numa chávena delicada e a fez rebolar deliberadamente sobre a terra.

— Que fazes? — perguntou Jardir.

Abban encolheu os ombros.

— Esta chávena é demasiado pequena para ser usada como utensílio de trabalho — disse, erguendo-a e admirando a terra que a cobria. — O pó de Baha multiplicará o seu valor por dez.

— Mas é uma mentira — disse Jardir.

Abban pestanejou.

— O comprador nunca o saberá, meu amigo.

— Eu saberei! — gritou Jardir, retirando-lhe a chávena das mãos e arremessando-a ao chão. O embate despedaçou-a.

Abban guinchou.

— Seu idiota. Fazes ideia do que valia? — Mas, perante o olhar irado de Jardir, foi sensato, ergueu as mãos e deu um passo atrás. — Claro, meu amigo. Tens razão — concordou. Como se pretendesse sublinhar a sua compreensão, pegou noutra peça semelhante e limpa e arremessou-a também ao chão.

Jardir olhou os cacos e suspirou.

— Não envies nada à minha família — disse. — Não quero que a linhagem de Jardir lucre com esta... acção desonrosa. Preferiria ver as minhas irmãs a mastigar cereais duros do que a comer carne manchada.

Abban olhou-o com incredulidade, mas, por fim, limitou-se a encolher os ombros.

— Como queiras, meu amigo. Mas, se algum dia mudares de ideias...

— Se esse dia chegar e se fores realmente meu amigo, recusarás o que te pedir — disse Jardir. — E, se voltar a apanhar-te envolvido em alguma coisa semelhante, levar-te-ei pessoalmente aos dama.

Abban demorou-se a olhá-lo e acenou afirmativamente.



A noite caíra sobre a muralha krasiana e, à sua volta, Jardir sentia o clamor da batalha. Orgulhou-o pensar que, um dia, morreria como guerreiro Kaji no Labirinto.

— Alagai caído! — gritou o Vigia Aday. — Quadrante nordeste! Segundo círculo!

Jardir acenou afirmativamente, voltando-se para os outros rapazes.

— Jurim, informa os Majah no terceiro círculo de que a glória está próxima. Shanjat, diz aos Anjha que os Majah se afastarão da sua posição.

— Eu posso ir — ofereceu-se Abban. Jardir olhou-o com incerteza. Sabia que desonrava o amigo ao negar-lhe a vontade, mas o coxear de Abban não passara nas semanas que seguiram o regresso de Baha e a alagai'sharak não era um jogo.

— Fica comigo por agora — disse. Os outros rapazes sorriram e partiram.

O instrutor Qeran ouviu o diálogo e os seus lábios contorceram-se num esgar de repulsa ao olhar Abban.

— Faz-te útil, rapaz. Desembaraça as redes.

Jardir fingiu não notar o coxear de Abban enquanto obedecia. Voltou a posicionar-se junto a Qeran.

— Não podes poupá-lo para sempre — disse o instrutor em voz baixa, erguendo a luneta para esquadrinhar os céus. — Será preferível que morra como um homem no Labirinto do que regresse das muralhas coberto de vergonha.

Jardir pensou naquelas palavras. Qual seria o melhor caminho? Se enviasse Abban, poderia falhar o seu dever, arriscando a vida de guerreiros. Mas, se não o fizesse, Qeran acabaria por declarar o rapaz khaffit, um destino pior do que a morte. O espírito de Abban permaneceria sentado diante dos portões do Paraíso, nunca conhecendo o abraço de Everam e esperando a reencarnação, talvez durante milénios.

Desde que Qeran fizera dele nie ka, a responsabilidade pesara-lhe sobre os ombros. Pensou se Hasik, que antes detivera a honra, teria sentido a mesma pressão. Duvidava de que assim fosse. Hasik há muito teria matado Abban ou tê-lo-ia expulsado do grupo.

Suspirou, decidindo enviar Abban na próxima missão.

— Antes morto que khaffit — murmurou, sentindo o azedume das palavras na boca.

— Atenção! — gritou Qeran quando um demónio do vento mergulhou sobre eles. Juntamente com Jardir, conseguiram descer a tempo, mas Aday não foi igualmente veloz. A sua cabeça embateu pela parede abaixo em direcção a Jardir enquanto o corpo caía no labirinto. Abban gritou.

— Está a manobrar para novo ataque! — advertiu Qeran.

— Abban! A rede! — gritou Jardir.

Abban apressou-se a obedecer, favorecendo a perna sã ao arrastar a rede com

pesos até Qeran. Jardir notou que a dobrara de forma adequada para o lançamento. Era um ponto a seu favor.

Qeran recebeu a rede, sem nunca desviar o olhar do demónio do vento que regressava. Jardir observou-o com os seus olhos de guerreiro e percebeu que o instrutor calculava velocidade e trajectória. Estava tenso como uma corda de arco e Jardir percebeu que não falharia.

Quando o alagai se aproximou o suficiente, Qeran esticou-se como uma serpente e lançou a rede com um gesto fluido. Mas esta abriu-se demasiado depressa e, de imediato, Jardir percebeu porquê. Abban enredara o pé nas cordas que prendiam os pesos. Foi projectado pela força do arremesso de Qeran.

O demónio esquivou-se à rede, golpeando-a, e a Qeran com as asas. O alagai desapareceu de vista e o instrutor caiu, emaranhado na rede.

— Que Nie te leve, rapaz! — gritou Qeran, libertando-se e pontapeando as pernas de Abban. Com um guincho, Abban tornou a cair da muralha, desta vez sobre um Labirinto pejado de alagai.

Antes que Jardir tivesse tempo de reagir, ouviu-se um grito agudo e ele percebeu que o alagai se recompunha para os atacar novamente. Com Qeran emaranhado, não restava dal’Sharum para o travar.

— Foge enquanto podes! — gritou Qeran.

Jardir ignorou-o, correndo para as redes que Abban dobrara. Ergueu uma e o peso fê-lo gemer. Os rapazes treinavam com versões mais leves.

O demónio do vento passou sobre ele, impelido pelas asas de couro e mudou de direcção no céu para novo mergulho. Por um momento, cobriu a lua, desaparecendo, mas Jardir não se deixou enganar e conseguiu acompanhar calmamente a sua aproximação. Se chegara o momento de morrer, morreria com honra e levaria aquele alagai consigo para abrir os portões do Paraíso.

Quando o demónio se aproximou suficientemente para que Jardir lhe conseguisse ver os dentes, lançou. A rede de pêlo de cavalo girou enquanto os pesos a faziam abrir-se e o demónio do vento a atingia de cabeça. Puxando a corda para apertar a rede, Jardir afastou-se do seu caminho com uma cambalhota e viu a criatura tombar sobre o Labirinto.

— Alagai caído! — gritou. — Quadrante nordeste! Círculo sete! — No momento seguinte, ouviu um grito de resposta.

Estava prestes a voltar costas para libertar Qeran quando um movimento na

escuridão lhe captou a atenção. Abban segurava-se ao topo da muralha, com as unhas a sangrar fincadas na rocha.

— Não me deixes cair! — gritou Abban.

— Se caíres, morrerás como um homem e o Paraíso será teu! — disse Jardir. Não referiu o facto de Abban nunca poder ver o Paraíso de outra forma. Qeran veria que terminara o seu Hannu Pash como khaffit e a felicidade eterna ser-lhe-ia negada. Jardir sentiu o coração dilacerado, mas começou a afastar-se.

— Não! Por favor! — implorou Abban, com lágrimas escorrendo-lhe pela face suja. — Juraste! Juraste pela luz de Everam que não me deixarias cair. Não quero morrer!

— Antes morto que khaffit! — rosnou Jardir.

— Não me importa ser khaffit! — disse Abban. — Não me deixes cair! Por favor!

Jardir sentiu repulsa, mas não conseguiu evitar deitar-se no chão, puxando com força pelo braço de Abban. Abban esperneou e içou-se, conseguindo, por fim, trepar pelas costas de Jardir e alcançar a muralha. Deixou-se cair sobre o amigo, soluçando.

— Que Everam te abençoe — chorou. — Devo-te a vida.

Jardir empurrou-o.

— Enojas-me, cobarde — disse. — Desaparece da minha vista antes que mude de ideias e te empurre.

Os olhos de Abban arregalaram-se com o choque, mas curvou-se e afastou-se tão depressa quanto permitia a sua perna coxa.

Enquanto Jardir o via partir, um punho embateu violentamente contra o seu rim, lançando-o por terra. A agonia dominou-o, mas abriu-se a ela e a dor dissipou-se quando se voltou para olhar o atacante.

— Devias tê-lo deixado cair — disse Qeran. — Não lhe fizeste qualquer favor esta noite. O dever de um dal’Sharum é apoiar os seus irmãos na morte como em vida. — Cuspiu sobre o ombro de Jardir. — Sem ração durante três dias — disse. — Agora vai buscar a minha luneta. A alagai’sharak não espera por cobardes nem por tolos.

Três

Chin

333 DR

ABBAN REGRESSOU COM JAYAN E ASOME algum tempo depois. Arrastavam consigo vários chin nortenhos e um único dama.

— Este é o Dama Rajin, dos Mehnding — disse Jayan, fazendo o clérigo mover-se para diante. — Foi ele quem ordenou a queima dos silos. — Empurrou o dama com força e o homem caiu de joelhos.

— Quantos? — perguntou Jardir.

— Três, antes que conseguissem detê-lo — respondeu Jayan. — Mas teria continuado.

— Perdas? — Jardir olhou Abban.

— Precisarei de algum tempo para saber ao certo, Shar'Dama Ka — disse Abban. — Mas aproximar-se-á das duzentas toneladas. Cereal suficiente para alimentar milhares durante os meses de Inverno.

Jardir olhou o dama.

— Que tens a dizer?

— Está escrito no tratado do Evejah sobre a guerra que devemos queimar as provisões do inimigo para que não consigam atacar-nos — disse o Dama Rajin. — Resta cereal suficiente para alimentar a nossa gente durante muito tempo.

— Tolo! — gritou Jardir, golpeando-o com as costas da mão. Ouviram-se exclamações de espanto em redor. — Preciso de arregimentar os nortenhos. Não de os matar à fome! Os verdadeiros inimigos são os alagai... E parece-me que o esqueceste!

Estendeu a mão e segurou a túnica branca do dama, rasgando-a.

— Já não és dama. Queimarás as tuas vestes brancas e vestirás o castanho vergonhoso até ao fim dos teus dias.

O homem gritou enquanto o arrastavam para fora da mansão e o lançavam sobre a neve. Seria provável que pusesse fim à vida, se outro dama não o matasse primeiro.

Jardir voltou a olhar Abban.

— Quero que as perdas e as provisões restantes sejam calculadas.

— Poderá não restar o suficiente para os alimentar a todos — advertiu Abban.

Jardir acenou afirmativamente.

— Se não restar, passa pela lança os chin demasiado velhos para lutar ou trabalhar até bastar.

Abban empalideceu.

— Encontrarei... uma forma de maximizar o que resta.

Jardir sorriu sem qualquer humor.

— Acreditei que o farias. Agora, que fazem estes chin diante de mim? Quis que me trouxessem líderes, mas estes homens parecem mercadores khaffit.

— São os mercadores que governam o Norte, Libertador — explicou Abban.

— Nojento — considerou Asome.

— Seja como for, é a realidade — disse Abban. — Estes homens poderão ajudar a facilitar a conquista.

— O meu pai não precisa de... — começou Jayan. Mas Jardir silenciou-o com um gesto da mão. Indicou aos guardas que fizessem avançar os chin.

— Qual de vós lidera os restantes? — perguntou Jardir, expressando-se na língua bárbara do Norte. Os olhos dos prisioneiros arregalaram-se e os homens trocaram olhares. Por fim, um deu um passo adiante, endireitando as costas e erguendo a cabeça enquanto enfrentava o olhar de Jardir. Era calvo, com uma barba salpicada de grisalho, vestindo uma túnica de seda suja e rasgada. Tinha manchas na face onde fora agredido e o braço esquerdo estava suspenso junto ao peito. Era quase trinta centímetros mais baixo do que Jardir, mas, mesmo assim, tinha a aparência de um homem acostumado a ter as suas palavras obedecidas.

— Sou Edon, o Sétimo, duque de Forte Rizon e senhor das suas gentes — disse.

— Forte Rizon já não existe — disse Jardir. — Esta terra passará a ser conhecida como Fortuna de Everam. E pertence-me.

— O Núcleo! — rosnou o duque.

— Sabes quem sou, duque Edon? — perguntou Jardir, mansamente.

— O duque de Forte Krasia — respondeu o duque Edon. — Abban afirma que és o Libertador.

— Mas tu não acreditas que assim seja — disse Jardir.

— O Libertador não trará com ele assassinos, violadores e saqueadores — afirmou Edon.

Os guerreiros presentes prepararam-se para a explosão, mas Jardir limitou-se a acenar com a cabeça.

— Não surpreende que os homens fracos do Norte esperem um Libertador fraco — disse. — Mas não importa. Não peço a vossa crença. Apenas a vossa obediência.

O duque olhou-o, incrédulo.

— Se te prostrares diante de mim e jurares submeter-te a Everam em todas as coisas, a tua vida e as vidas dos teus conselheiros serão poupadas — disse Jardir. — Os teus filhos serão levados e treinados como dal'Sharum e serão honrados acima de todos os outros chin nortenhos. A tua riqueza e propriedade ser-te-ão restituídas, depois de descontada a décima parte como tributo. Ofereço-te tudo isto se me ajudares a dominar as terras verdes.

— E se recusar? — perguntou o duque.

— Então, tudo o que possuis me pertencerá — disse Jardir. — Verás os teus filhos perecerem pela lança e assistirás enquanto os meus homens emprenham as tuas mulheres e filhas. Passarás os dias que te restam envergando farrapos, comendo merda e bebendo mijo até alguém te matar por pena.

E assim, Edon VII, duque de Forte Rizon e senhor das suas gentes, tornou-se o primeiro duque nortenho a tocar o chão com a testa diante de Ahmann Jardir.

Jardir sentava-se no seu trono quando Abban voltou a trazer um grupo de chin à sua presença. Era uma cruel ironia que o khaffit gordo fosse o membro mais indispensável da sua corte, mas eram tão poucos os homens de Jardir que falavam o idioma nortenho. Alguns dos outros mercadores khaffit falavam um pouco, mas apenas Abban e o conselho interno de Jardir eram verdadeiramente fluentes. E, entre esses, apenas Abban preferia conversar com os chin em vez de matá-los.

Como todos os prisioneiros que Abban encontrou, também aqueles estavam famintos e tinham sido espancados, vestindo trapos imundos para se protegerem do frio.

— Mais senhores do comércio khaffit? — perguntou Jardir.

Abban abanou a cabeça.

— Não, Libertador. Estes homens são guardadores.

Jardir arregalou os olhos e endireitou-se rapidamente no trono.

— Por que foram tão maltratados? — perguntou.

— Porque, no Norte, considera-se que ser guardador é um ofício, como o ofício de moleiro ou carpinteiro — respondeu Abban. — Os dal'Sharum que saquearam a cidade não conseguiram distingui-los dos restantes chin e muitos morreram ou fugiram com as ferramentas da sua profissão.

Jardir praguejou em voz baixa. Em Krasia, os guardadores eram considerados a elite da casta guerreira e estava escrito no Evejah que mereceriam toda a honra. Até os guardadores nortenhos deveriam ser valorizados, para que a Sharak Ka fosse vencida.

Voltou-se para os homens, falando na sua língua e saudando-os com uma vénia.

— As minhas desculpas pela forma como foram tratados. Serão alimentados e vestidos com roupas finas. As vossas terras
e mulheres ser-vos-ão restituídas. Se soubéssemos que eram guardadores, teriam sido honrados como merece a vossa posição.

— Mataram o meu filho — disse um dos homens, com voz embargada. — Violaram a minha mulher e a minha filha. Queimaram a minha casa. E agora pedes desculpa? — Cuspiu sobre Jardir, atingindo-o na face.

Os guardas junto à porta gritaram e apontaram as lanças, mas Jardir travou-os com um gesto, limpando calmamente a saliva da face.

— Pagarei uma compensação pela morte do teu filho — disse. — E os restantes serão igualmente compensados pelas vossas perdas. — Aproximou-se do homem angustiado, erguendo-se sobre ele. — Mas aviso-te. Não voltes a forçar os limites da minha misericórdia. — Fez sinal aos guardas e os homens foram escoltados para fora.

— É lamentável — disse, deixando-se cair sobre o trono — que a nossa primeira conquista no Norte provoque tamanha devastação.

— Poderíamos ter negociado com eles, Ahmann — disse Abban, em voz baixa.

Ficou tenso, preparado para cair de joelhos se as suas palavras não fossem bem recebidas, mas Jardir limitou-se a abanar a cabeça.

— A gente das terras verdes é demasiado numerosa — disse. — Oito homens rizonanos por cada um dos nossos. Se lhes tivéssemos dado tempo para se organizarem, nem a nossa perícia superior em combate teria conseguido tomar a cidade sem perdas de que não recuperaríamos. Agora que o duque acolheu Everam, deverá ser mais fácil nos povoados, até avançarmos para a conquista da cidade chin construída no oásis.

— Lakton — disse Abban. — Mas advirto-te de que este «lago» das terras verdes é muito maior do que qualquer oásis. Foi-me dito por mensageiros que o volume de água é tamanho que não permite ver a margem oposta, mesmo num dia claro. E a cidade está tão distante da terra circundante que nem um tiro de escorpião conseguirá cobrir a distância.

— Será um exagero, seguramente — disse Jardir. — Se estes... homens-peixe lutarem como os de Rizon, cairão facilmente quando o momento chegar.

Nesse momento, entrou um dal'Sharum, batendo com a lança no chão.

— Perdoa a intrusão, Shar Darma Ka — disse o guerreiro, colocando os dois joelhos no chão e pousando a lança a seu lado antes de apoiar as mãos na terra. — Pediste para ser informado quando chegassem as tuas esposas.

Jardir reagiu com uma expressão de desagrado.

Quatro

A Perda do Bido

308 DR

JARDIR FOI CHICOTEADO com a cauda de alagai por permitir que Abban vivesse e as farpas arrancaram-lhe carne das costas. Os dias passados sem comida foram duros, mas recebeu o castigo como recebia a dor. Não importava.

Enredara um alagai.

Outros guerreiros tinham cortado as asas ao demónio do vento, prendendo-o num círculo guardado enquanto esperavam o Sol, mas fora Jardir a derrubá-lo e todos o sabiam. Conseguia vê-lo nos olhos espantados dos outros nie'Sharum e no respeito relutante dos dal'Sharum. Até os dama o olhavam quando acreditavam que ninguém via.

No quarto dia, Jardir sentiu-se fraco com a fome quando se dirigiu para a fila da ração. Duvidou de que lhe restasse força para lutar até contra o mais fraco dos rapazes, mas dirigiu-se para o seu posto habitual no início da fila, mantendo as costas direitas. Os outros recuaram, mantendo os olhos respeitosamente baixos.

Estendia a mão para a sua malga quando Qeran o segurou pelo braço.

— Nada de ração para ti hoje — disse o instrutor. — Vem comigo.

Jardir sentiu que um demónio da areia tentava cravar-lhe as garras no estômago, mas não se queixou, entregando a malga a outro rapaz e seguindo o instrutor pelo campo fora.

Em direcção ao pavilhão Kaji.

Jardir sentiu a face gelada. Não podia ser.

— Nenhum rapaz da tua idade entra no pavilhão dos guerreiros há trezentos anos — disse Qeran, como se lhe lesse os pensamentos. — Acho que és demasiado jovem e isto poderá ser o teu fim e um terrível desperdício para os Kaji, mas é o que diz a lei. Quando um rapaz enreda o seu primeiro demónio na muralha, é chamado para a alagai'sharak.

Entraram na tenda e dúzias de figuras vestidas de negro se voltaram para o olhar antes de regressarem à refeição. Eram servidos por mulheres, mas não eram mulheres como algumas que Jardir tivesse visto antes, cobertas da cabeça aos pés com pano negro grosso. Os véus destas mulheres eram de tule de cores garridas e as suas roupagens diáfanas não lhes escondiam as suaves curvas. Traziam os braços e as barrigas expostas, à excepção de jóias, e grandes aberturas laterais nas calças revelavam a pele nua das pernas macias.

Jardir sentiu-se aquecer ao vê-las, mas mais ninguém pareceu impressionado.

Um dos guerreiros olhou a mulher que o servia por um momento e, a seguir, largou a espetada e agarrou-a, deitando-a sobre o ombro. A mulher riu-se enquanto era transportada para uma divisão resguardada por panos e preenchida com almofadas coloridas.

— Passará a ser também o teu direito, se sobreviveres à próxima noite — disse Qeran. — Os Kaji necessitam de mais guerreiros. É dever dos homens gerá-los. Se te saíres bem, poderás merecer uma esposa que zele pelo teu lar, mas todos os dal'Sharum devem manter as jiwah'Sharum da sua tribo de esperanças.

Ver tantas mulheres em trajes reveladores abalou Jardir e examinou as suas faces jovens, quase esperando ver as irmãs entre elas. Ficou sem palavras quando o instrutor o conduziu até uma almofada junto à grande mesa.

Havia mais comida do que vira em toda a sua vida. Tâmaras, passas, arroz, borrego temperado com especiarias em espetos. Cuscuz e carnes quentes enroladas em folhas de videira. Sentiu o estômago às voltas, aprisionado entre a fome e a luxúria.

— Come bem e repousa — recomendou Qeran. — Esta noite, lutarás entre homens. — Aplicou-lhe uma palmada nas costas e saiu da tenda.

Jardir estendeu uma mão receosa para uma espetada, mas outra mão depressa a alcançou. Olhou quem o ofendera, descobrindo que Hasik o mirava.

— Tiveste sorte na outra noite, ratazana — disse Hasik. — Passa o dia a orar a Everam, pois precisarás de mais do que sorte para sobreviver a uma noite no Labirinto.



Jardir acompanhou os outros guerreiros ao Sharik Hora para receber as bênçãos dos Damaji antes da batalha da noite. Nunca antes estivera no interior do templo dos ossos dos heróis e a realidade do que aí viu fazia empalidecer qualquer coisa que pudesse ter imaginado.

Tudo no interior do Sharik Hora era construído com ossos limpos e envernizados dos dal'Sharum caídos na alagai'sharak. As doze cadeiras dos Damaji no grande altar erguiam-se sobre ossos das canelas e eram suportadas por pés de guerreiros. Os braços de cada cadeira haviam segurado, outrora, lança e escudo no combate contra os demónios. Os assentos eram as costelas polidas

que haviam protegido corações de guerreiros. As costas eram construídas com as colunas vertebrais que, noutro tempo, se tinham erguido rectas durante a noite. Os apoios para a cabeça eram crânios de homens que agora se sentavam ao lado de Everam no Paraíso. As doze cadeiras rodeavam o trono do Andrah, construído com os crânios dos kai'Sharum, os capitães da alagai'sharak.

Centenas de crânios e colunas vertebrais constituíam cada um das dúzias de enormes candelabros. Eram de ossos as centenas de bancos onde os fiéis oravam. O altar. Os cálices. As paredes. A grande cúpula do tecto. Guerreiros sem conta tinham protegido aquele templo com a sua carne e tinham-no construído com os seus ossos.

A nave colossal era circular e as paredes abrigavam uma centena de pequenos nichos, albergando esqueletos completos sobre pedestais de ossos. Eram os Sharum Ka, os Primeiros Guerreiros da cidade.

Guiados pelos dama, os kai'Sharum comandavam os guerreiros das suas tribos respectivas, mas, quando o Sol se punha, o Sharum Ka, designado pelo Andrah, comandava os kai'Sharum. O Sharum Ka presente era Kaji, tal como Jardir, um facto que o fazia sentir grande orgulho.

As mãos de Jardir tremiam ao olhar em redor. Todo o templo vibrava com honra e glória. O seu pai, morto numa incursão dos Majah e não na alagai'sharak, não era recordado ali, mas Jardir sonhava com o dia em que poderia acrescentar os seus ossos àquele sítio sagrado, trazendo honra ao seu pai, com o seu sacrifício recordado muito depois da morte. Não havia maior honra, naquele mundo e no seguinte, do que tornar-se uno com aqueles que tinham sacrificado as suas vidas antes dele e com todos aqueles, ainda por nascer, que, talvez dali a vários séculos, dariam também as suas vidas.

Os Sharum colocaram-se em sentido enquanto os Damaji imploravam as bênçãos de Everam para a batalha vindoura e também as de Kaji, o primeiro Libertador.

— Kaji — chamaram —, Lança de Everam, Shar'Dama Ka, que unificaste o mundo e nos libertaste dos alagai na primeira era, contempla estes bravos guerreiros que saem para a noite para se entregarem à luta eterna, combatendo os gai em Ala enquanto Everam combate Nie no Céu. Abençoa-os com coragem e força, para que possam erguer-se valentemente na noite e ver o amanhecer.



O escudo guardado e a lança pesada eram os mais pequenos e leves que Qeran conseguiu encontrar, mas Jardir sentiu-se um anão ao segurá-los. Tinha doze anos e o mais jovem dos guerreiros reunidos era mais velho por cinco anos. Fingia que nada o incomodava por se erguer entre eles, mas até o mais baixo entre estes o fazia sentir-se minúsculo.

— Os nie’Sharum são presos a outro guerreiro durante a sua primeira noite no Labirinto — disse Qeran —, para assegurar que a sua vontade não fraqueja quando os alagai se lançarem sobre ele. É um momento que testa os corações dos guerreiros mais corajosos. O guerreiro que te for atribuído será o teu ajin’pal, o teu irmão de sangue. Obedecerás a todas as suas ordens e ficarão unidos até à morte.

Jardir acenou afirmativamente.

— Se sobrevíveres a esta noite, as dama’ting virão procurar-te de madrugada — prosseguiu Qeran.

O olhar de Jardir voltou-se para o seu mentor.

— As dama’ting? — perguntou. Não receava enfrentar os alagai, mas as dama’ting continuavam a assustá-lo.

Qeran confirmou com um aceno.

— Uma delas virá prever a tua morte — disse, suprimindo um arrepio. — Apenas com a sua bênção te tornarás dal’Sharum.

— Dizem-nos quando morreremos? — perguntou Jardir, apavorado. — Não quero saber.

Qeran roncou.

— Não te dizem, rapaz. Conhecer o futuro compete apenas às dama’ting. Mas, se tiveres uma morte de cobarde no teu futuro ou a grandeza, saberão antes de perderes o bido.

— Não morrerei como um cobarde — disse Jardir.

— Não — concordou Qeran. — Não me parece. Mas poderás morrer como um tolo, se não deres ouvidos ao teu ajin’pal e se não fores cuidadoso.

— Ouvirei com atenção — prometeu Jardir.

— Hasik ofereceu-se para ser o teu ajin’pal — disse Qeran, indicando o guerreiro.

Hasik crescera muito em dois anos, desde que perdera o bido. Com dezassete anos e músculos enrijecidos pela comida rica dos dal'Sharum, facilmente teria mais trinta centímetros do que Jardir e o dobro do peso.

— Nada temas — Hasik sorriu. — O filho do mijo estará seguro comigo.

— O filho do mijo derrubou o seu primeiro alagai com menos três anos do que a idade que tinhas quando fizeste o mesmo, Assobiador — recordou-lhe Qeran. Hasik manteve o sorriso, mas o seu lábio tremeu.

— Honrará a tribo Kaji — concordou Hasik. — Se sobreviver.

Jardir recordou o som que ouvira quando Hasik lhe partira o braço e a promessa que lhe fizera em seguida. Sabia que Hasik procuraria o mínimo sinal de insubordinação, qualquer desculpa para o matar antes de perder o bido e de se tornar seu igual.

Por isso, Jardir acolheu o insulto como acolhia a dor, deixando-o passar sem provocar dano. Não permitiria que provocações o fizessem falhar, quando tinha uma possibilidade de glória ao alcance dos dedos. Se sobrevivesse àquela noite, seria um dal'Sharum, o mais jovem de que havia memória. E maldito fosse Hasik.



A sua unidade aguardou no segundo círculo, escondendo-se num nicho de emboscada. Havia um fosso camuflado no centro de uma pequena clareira, que não tardaria a ser preenchido com alagai esperando os raios mortíferos do Sol. Jardir segurou com mais força a lança e ajustou o escudo para descansar o ombro. Mas, mesmo que fossem pesados, a correia era o que mais o incomodava. Um metro de cabedal prendia o seu tornozelo à cintura de Hasik. Moveu o pé, desconfortável.

— Se não conseguires acompanhar-me, uso a lança em ti e corto a correia — disse Hasik. — Não o terei a minha glória interrompida por tua culpa.

— Serei como a tua sombra — prometeu Jardir, merecendo um grunhido de Hasik. Retirou uma pequena garrafa da túnica e puxou a rolha, bebendo um longo trago. Passou a garrafa a Jardir.

— Bebe isto. Dar-te-á coragem — disse.

— O que é? — perguntou Jardir, recebendo a garrafa e cheirando o gargalo.

Sentiu o perfume da canela, mas o odor fez-lhe arder as narinas.

— Couzi — disse Hasik. — Cereal fermentado e canela.

Jardir arregalou os olhos.

— O Dama Khevat diz que beber cereal ou fruto fermentado é proibido pelo Evejah.

Hasik riu-se.

— Nada é proibido aos dal'Sharum no Labirinto! Bebe! A noite está quase sobre nós!

Jardir olhou-o, desconfiado, mas, espalhados pelo nicho de emboscada, viu outros guerreiros bebendo de garrafas semelhantes. Encolheu os ombros, levando a garrafa aos lábios e bebendo profusamente.

O couzi queimou-lhe a garganta e tossiu, cuspindo parte do líquido. Sentia a bebida potente ardendo-lhe nas entranhas e revolvendo-se-lhe no estômago como uma serpente. Hasik riu-se e bateu-lhe nas costas.

— Agora estás preparado para enfrentar os alagai, ratazana!

Os efeitos do couzi não tardaram a fazer-se sentir e Jardir ergueu os olhos enevoados. O Labirinto enchia-se de sombras sob o Sol posto. Jardir viu o céu tornar-se vermelho e depois roxo, tingindo-se, por fim, de preto. Sentia que os alagai se erguiam fora das muralhas da cidade e estremeceu.

«Grande Kaji, Lança de Everam», orou, «se é verdade que descendo da tua linhagem, concede-me a coragem de te honrar a ti e aos meus antepassados.»

Não tardou a ouvir a Trompa de Sharak, seguida por um coro de catapultas na muralha exterior. Os gritos dos alagai começaram a ecoar pelo Labirinto.

— Cautela! — ouviu-se um grito vindo de cima e Jardir reconheceu a voz de Shanjat. — Iscos a caminho! Quatro de areia e um de chama!

Jardir engoliu em seco. Chegara o momento da glória.

Gritando «Oot!», os Iscos correram a toda a velocidade pelo nicho de emboscada, guinando apenas ligeiramente para evitar os fossos. Por cima, os Vigias acendiam fogueiras alimentadas a óleo diante de espelhos de metal polido e a luz inundou a área.

Os demónios da areia corriam em bando, com as longas línguas deslizando sobre fileiras de dentes afiados como lâminas. Eram do tamanho de homens, mas pareciam mais pequenos quando se agachavam sobre as quatro patas. As suas garras longas agrediam a areia e a pedra do chão do Labirinto e a cauda com

espigões chicoteava o ar. As rijas placas couraçadas apresentavam poucas fraquezas.

O demónio da chama era mais pequeno, do tamanho de uma criança, com garras malévolas e movendo-se a velocidade aterradora. As suas escamas minúsculas, iridescentes e duras como diamante sobrepunham-se de forma compacta. Os olhos e a boca reluziam com um brilho laranja e Jardir recordou as lições sobre o mortífero cuspo flamejante da criatura. Do lado oposto ao ponto de emboscada, havia um charco onde os guerreiros tentariam afogá-lo.

Novamente, ver os alagai fez Jardir sentir por eles um profundo desprezo. As criaturas eram uma praga em Ala, a mácula de Nie vinda para infectar a superfície. E, naquela noite, ajudaria a reenviá-los, gritando, para o abismo.

— Espera — advertiu Hasik, sentindo-o tenso. Jardir acenou afirmativamente, forçando-se a descontrair. O couzi continuava a fazer sentir os seus efeitos, aquecendo-o contra o frio da noite.

Os alagai passaram por ele, seguindo os Iscos. Dois deles correram sobre a lona que cobria o fosso de demónios, caindo com um guincho. Os outros demónios da areia pararam a tempo, mas o da chama contornou-o, saltando sobre as costas do Isco mais lento. Cravou as garras nas suas costas e mordeu-lhe o ombro com força. O guerreiro foi lançado por terra, mas não gritou.

— Agora! — gritou o kai'Sharum, liderando a carga do nicho de emboscada.

Jardir permitiu que o rugido guerreiro se erguesse do seu peito, juntando-se aos seus irmãos na noite e impelindo-o a avançar com os outros. Embateram contra os dois demónios da areia pela retaguarda, empurrando-os para o fosso.

O kai'Sharum voltou-se, arremessando a lança e arrancando o demónio da chama às costas do Isco. O outro Isco arrastou-o para a segurança das guardas, esforçando-se por estancar o fluxo de sangue.

Ouviu-se um grito e Jardir voltou-se para ver que o primeiro demónio da areia a cair no fosso tinha conseguido alcançar o topo, com a lona de camuflagem a proteger as garras das guardas. Içou-se do fosso com facilidade, usando os dentes para arrancar a perna do guerreiro mais próximo pelo joelho. O guerreiro gritou ao cair sobre os companheiros, abrindo uma brecha na muralha de escudos. O demónio guinchou e lançou-se sobre a brecha, com as garras estendidas.

— Escudo para cima! — gritou Hasik. E Jardir obedeceu a tempo de receber o

peso do demónio. Foi lançado ao chão, mas não antes de as guardas cintilarem, projectando o alagai para trás. O demónio aterrou encolhido e voltou a lançar-se novamente para ele, mas Jardir fez avançar a lança da sua posição agachada, atingindo-o entre as placas do peito. Cravou o pé da lança no chão e usou o impulso do demónio para o projectar.

Do ar, as boleadeiras de meia dúzia de guerreiros atingiram o demónio e fizeram-no cair ao chão, imobilizado. Começou a rasgar as cordas com os dentes e Jardir conseguiu ouvi-las quebrar com a pressão dos músculos tensos da criatura. Não tardaria a libertar-se.

O kai'Sharum fez sinal e um par de guerreiros avançou para se ocupar do demónio da chama enquanto os restantes rodeavam o demónio da areia com uma muralha de escudos unidos. Sempre que um guerreiro era atacado, os que se encontravam atrás dele golpeavam o agressor com as lanças. As armas não conseguiam perfurar-lhe a armadura, mas, mesmo assim, magoavam-no. Quando se voltava para os seus atacantes, os escudos voltavam a erguer-se e seguia-se o ataque dos guerreiros do lado oposto.

O Guardador de Fosso tinha afastado a lona das guardas, impedindo os restantes alagai de escaparem e os guerreiros começaram a empurrar o demónio, fazendo avançar a muralha de escudos. Por fim, a criatura alcançou o fosso e os guerreiros que aí se encontravam afastaram-se.

Jardir contou-se entre os que usaram as lanças para empurrar o demónio além das guardas de sentido único.

— Que a luz de Everam te queime! — gritou, enquanto golpeava. O demónio tropeçou e caiu no fosso.

Foi o momento mais emocionante da sua vida.

Jardir olhou além do ponto de emboscada. Dois dal'Sharum tinham o demónio da chama preso debaixo de água com as lanças num charco raso. A água emitia vapor e fervilhava enquanto o demónio se debatia, mas os guerreiros mantiveram-se firmes até ao seu último esforço.

O Isco ferido parecia em condição aceitável, mas Moshkama, o guerreiro com a perna decepada, jazia numa poça de sangue, ofegante e pálido. Viu que Jardir o olhava e fez sinal para que se aproximasse juntamente com Hasik.

— Termina o que o demónio começou — sussurrou. — Não desejo viver como um aleijado.

Jardir olhou Hasik.

— Fá-lo — ordenou Hasik. — Não é correcto deixá-lo sofrer.

Jardir lembrou-se de Abban. A que sofrimento teria condenado o seu amigo por não lhe dar uma morte de guerreiro?

«O dever de um dal'Sharum é apoiar os seus irmãos na morte como em vida», dissera Qeran.

— O meu espírito está preparado — gemeu Moshkama. Com dedos fracos e trémulos, abriu a túnica, movendo para o lado as placas de armadura em barro cozido, que tinham sido unidas ao pano, expondo o peito. Jardir viu-lhe nos olhos honra e coragem. Coisas que faltavam a Abban.

Fez avançar a lança com orgulho.



— Saíste-te bem, ratazana — disse Hasik, quando as trombetas soaram, assinalando que não restavam alagai vivos que não estivessem aprisionados no Labirinto. — Esperei que molhasses o bido, mas portaste-te como um homem. — Bebeu outro trago da garrafa de couzi e passou-a a Jardir.

— Obrigado — disse Jardir, bebendo e fingindo que o líquido ardente não lhe queimava a garganta. Hasik continuava a intimidá-lo, mas era verdade o que os instrutores diziam: derramar sangue em conjunto no Labirinto alterava as coisas. Passavam a ser irmãos.

Hasik caminhou para trás e para diante.

— Sinto sempre o sangue a arder depois da alagai'sharak — disse.

— Que Nie amaldiçoe os Damaji que decretaram que o grande harém permaneceria fechado até ao amanhecer. — Vários guerreiros manifestaram o seu acordo com grunhidos.

Jardir recordou o guerreiro que levara uma jiwah'Sharum ao ombro através das cortinas naquela manhã e corou.

Hasik percebeu.

— Excita-te, ratazana? — Riu-se. — O filho do mijo está ansioso por possuir a sua primeira mulher?

Jardir não disse nada.

— Com bido ou sem ele, acho que este continuará a ser um rapaz amanhã! —

troçou Manik, outro guerreiro. — É demasiado jovem para conhecer o verdadeiro propósito das dançarinas de almofada!

Jardir abriu a boca e voltou a fechá-la. Provocavam-no de propósito. Independentemente do que acontecesse no Labirinto, não deixaria de ser nie'Sharum até as dama'ting previrem a sua morte. Qualquer um dos guerreiros poderia matá-lo ao mínimo sinal de insolência.

Surpreendentemente, Hasik veio em sua defesa.

— Deixa a ratazana em paz — disse. — É o meu ajin'pal. Quando troças dele, troças de mim.

Manik encheu o peito de ar perante o desafio, mas Hasik manteve-se firme. Entreolharam-se durante um momento até Manik cuspir no chão.

— Bah — disse. — Não vale a pena esventrar-te apenas para troçar de um rapaz. — Voltou costas e afastou-se.

— Obrigado — disse Jardir.

— De nada — replicou Hasik, pousando-lhe uma mão no ombro. — É dever dos ajin'pal zelarem uns pelos outros. E não serias o primeiro rapaz a recear mais as dançarinas de almofada do que os alagai. As dama'ting ensinam as artes do sexo às jiwah'Sharum, mas os instrutores não ministram igual formação nos sharaji.

Jardir sentiu a face quente, pensando no que o esperaria nas almofadas além das cortinas, quando os véus fossem erguidos.

— Não temas — disse Hasik, batendo-lhe no ombro. — Ensinar-te-ei como fazer uma mulher uivar.

Esvaziaram a garrafa e um sorriso malicioso surgiu na face de Hasik.

— Vem, ratazana. Entretanto, sei como poderemos divertir-nos.



— Onde vamos? — perguntou Jardir, cambaleando enquanto Hasik o conduzia pelo Labirinto. O couzi fazia-lhe a cabeça andar às voltas e deixava-lhe os membros moles. As paredes pareciam mover-se por sua própria vontade.

Hasik voltou-se, com um sorriso amplo. O vão nos dentes onde Qeran o golpeara na primeira noite de Jardir no Kaji'sharaj era um buraco negro iluminado pelo luar.

— Onde vamos? — repetiu Hasik. — Já chegámos.

Jardir olhou em redor, confuso e, nesse momento, viu uma explosão de luz colorida diante dos olhos quando Hasik o atingiu com força na face.

Antes que conseguisse reagir, Hasik estava sobre ele, imobilizando-o contra o chão com a cara sobre o pó.

— Prometi que te ensinaria a fazer uma mulher uivar — disse.

— Nesta lição, serás tu a mulher.

— Não! — gritou Jardir, debatendo-se, mas Hasik forçou-lhe a cara contra o chão, fazendo os ouvidos retinir. Torcendo-lhe um braço atrás das costas, o guerreiro pesado segurou-o com uma mão enquanto usava a outra para baixar o bido de Jardir.

— Parece que perderás o bido duas vezes na mesma noite, ratazana! — riu-se.

Jardir sentiu o sabor do sangue misturar-se com o sabor da terra na noite. Tentou acolher a dor, mas, pela primeira vez, não conseguiu e os seus gritos ecoaram pelo Labirinto.



Ainda chorava quando a dama’ting o encontrou.

Deslizou como um fantasma, com as vestes brancas agitando delicadamente o pó do chão ao mover-se. Jardir parou de soluçar e olhou-a. Depois, a realidade ganhou contornos e conseguiu puxar o bido para cima. A vergonha dominou-o e escondeu a cara.

A dama’ting fez estalar a língua.

— De pé, rapaz! — gritou. — Enfrentas alagai com bravura, mas choras como uma mulher por isto? Everam precisa de dal’Sharum e não de khaffit!

Jardir desejou que as muralhas do Labirinto desabassem sobre ele, esmagando-o, mas não podia negar-se a cumprir as ordens de uma dama’ting. Ergueu-se, secando as lágrimas com a mão e limpando o nariz.

— Assim está melhor — disse a dama’ting. — Mesmo que tenhas demorado demais. Não me agradaria ter vindo até aqui para prever a vida de um cobarde.

As palavras magoaram Jardir. Não era um cobarde.

— Como me encontraste?

Voltou a estalar a língua e acenou-lhe com uma mão.

— Há anos que sabia como te encontrar.

Jardir fitou-a, incrédulo, mas era claro pela sua postura que não lhe importava minimamente aquilo em que acreditava.

— Aproxima-te, rapaz, para que possa ver-te melhor — ordenou.

Jardir obedeceu e a dama'ting segurou-lhe a cara, voltando-a para um e para o outro lado para ser iluminada pelo luar.

— Jovem e forte — disse. — Mas também o são todos os que chegam até aqui. És mais jovem do que a maioria, mas raramente isso será positivo.

— Vieste para prever a minha morte?

— Arrojado, também — murmurou. — Talvez haja esperança para ti. Ajoelha-te, rapaz.

Fê-lo e a dama'ting ajoelhou-se com ele, estendendo um pano branco para proteger as vestes imaculadas do pó do Labirinto.

— Que me importa a morte? — perguntou. — Estou aqui para prever a tua vida. A morte ficará entre ti e Everam.

Levou a mão às vestes, retirando uma pequena bolsa feita de feltro negro e espesso. Afrouxou os cordéis que a fechavam e despejou o conteúdo sobre a mão livre, com um ruído. Jardir viu mais de uma dúzia de objectos, negros e suaves como obsidiana, talhados com guardas que emitiam um brilho vermelho na escuridão.

— Os alagai hora — disse-lhe, erguendo os objectos para ele. Jardir engoliu em seco e encolheu-se ao ouvir o nome. Erguia os ossos polidos de demónios, moldados como dados de muitas faces. Mesmo sem lhes tocar, Jardir conseguia sentir o pulsar insistente da sua magia nefasta. — Voltamos à cobardia? — perguntou a dama'ting, com voz baixa. — Para que servirão as guardas senão para usar a magia dos alagai para os nossos fins?

Jardir controlou-se, voltando a aproximar-se.

— Estende o braço — ordenou ela, colocando o saco de feltro no colo e dispondo os dados sobre ele. Voltou a levar a mão ao interior das vestes e retirou uma lâmina curva decorada com guardas.

Jardir estendeu o braço, desejando que não tremesse. O corte foi rápido e a dama'ting apertou a ferida, manchando a mão com o seu sangue. Segurou os alagai hora nas duas mãos, sacudindo-os.

— Everam, dador de luz e de vida, imploro-te que permitas a esta humilde

servidora o conhecimento das coisas que estão para vir. Fala-me de Ahmann, filho de Hoshkamin, último ramo da linhagem de Jardir, o sétimo filho de Kaji.

Enquanto sacudia os dados, o seu brilho intensificava-se, passando-lhe entre os dedos até parecer que segurava carvões em brasa. Lançou-os, dispersando os ossos no chão que os separava.

Colocou as mãos sobre os joelhos e inclinou-se para diante, estudando as marcas brilhantes. Arregalou os olhos. Esquecendo subitamente a terra que sujava as suas vestes de um branco puro, a dama'ting rastejou em redor, lendo com atenção o padrão formado enquanto o brilho pulsante das guardas se dissipava lentamente.

— Estes ossos devem ter sido expostos à luz — murmurou, recolhendo-os.

Voltou a cortá-lo e a recitar o encantamento. Abanando-os com vigor, os dados voltaram a brilhar. Lançou-os ao chão.

— Não pode ser! — gritou, erguendo novamente os dados e lançando-os uma terceira vez. Até Jardir conseguiu perceber que o padrão voltou a não se alterar.

— O que é? — atreveu-se a perguntar. — O que vês?

A dama'ting ergueu o olhar para ele, estreitando os olhos.

— Não te compete conhecer o futuro, rapaz — disse. A raiva no seu tom de voz fez Jardir encolher-se, não sabendo se a culpa seria da sua impertinência ou do que vira.

Ou de ambas as coisas. Que lhe tinham dito os dados? Recordou a cerâmica que permitira que Abban roubasse de Baha kad'Everam e pensou se também ela conseguiria ver esse pecado.

A dama'ting recolheu os ossos e guardou-os na bolsa antes de se erguer. Guardou a bolsa e sacudiu o pó das vestes.

— Regressa ao pavilhão Kaji e passa o resto da noite em oração — ordenou, desaparecendo nas sombras tão rapidamente que Jardir duvidou da sua presença, momentos antes.



Qeran acordou-o com um pontapé enquanto os guerreiros em redor ainda dormiam.

— De pé, ratazana — disse o instrutor. — O dama chamou-te.

— Irei perder o bido? — perguntou Jardir.

— Os homens dizem que lutaste bem na noite passada — disse Qeran. — Mas a decisão não será minha. Apenas um dama poderá conceder a túnica negra a um nie'Sharum.

O instrutor escoltou-o até às câmaras interiores do Sharik Hora. Sentia o chão de pedra fria sob os pés como se fosse sagrado.

— Instrutor, é-me permitido fazer uma pergunta? — perguntou Jardir.

— Poderá ser a última pergunta que me colocas como teu instrutor — disse Qeran. — Certifica-te de que é boa.

— Quando a dama'ting te procurou, quantas vezes lançou os dados?

O instrutor olhou-o.

— Uma vez. Lançam-nos sempre apenas uma vez. Os dados nunca mentem.

Jardir quis dizer mais, mas contornaram uma curva e o Dama Khevat esperava-o. Khevat era o mais severo dos mestres de Jardir, o que lhe tinha chamado filho de mijo de camelo, lançando-o à fossa pela sua insolência.

O instrutor colocou uma mão sobre o ombro de Jardir.

— Cautela na língua se desejas mantê-la, rapaz — murmurou.

— Que Everam esteja convosco — saudou-os Khevat. O instrutor curvou-se e Jardir fez o mesmo. Com um aceno de cabeça do dama, Qeran girou sobre os calcanhares e desapareceu.

Khevat conduziu Jardir a uma pequena divisão sem janelas, repleta com pilhas de papel, cheirando a tinta e a óleo de candeia. Parecia um sítio mais adequado a um khaffit ou a uma mulher, mas até ali os ossos de homens caídos preenchiam o espaço. Formavam o assento para onde foi encaminhado Jardir e a mesa atrás da qual se sentou Khevat. As pilhas de papel eram mantidas no local devido com o peso de crânios.

— Continuas a surpreender-me, filho de Hoshkamin — disse Khevat. — Não acreditei em ti quando disseste que conquistarias glória suficiente para ti e para o teu pai, mas pareces determinado em provar que estava errado.

Jardir encolheu os ombros.

— Fiz apenas o que qualquer guerreiro faria.

Khevat riu-se.

— Os guerreiros que tenho conhecido não são tão modestos. Uma morte inteiramente tua e cinco assistências. Com que idade? Treze?

— Doze — disse Jardir.

— Doze — repetiu Khevat. — E ajudaste Moshkama a morrer na noite passada. Poucos nie'Sharum teriam tido estômago para tal.

— Era a sua hora — disse Jardir.

— Com efeito — concordou Khevat. — Moshkama não tinha filhos. Como seu irmão na morte, caber-te-á limpar os seus ossos para o Sharik Hora.

Jardir baixou a cabeça.

— Será uma honra.

— A tua dama'ting procurou-me na noite passada — disse Khevat.

Jardir ergueu os olhos ávidos.

— Perderei o bido? — perguntou.

Khevat abanou a cabeça.

— És demasiado jovem. Fazer-te regressar à alagai'sharak sem mais treino e sem te dar tempo para crescer custará aos Kaji um guerreiro.

— Não tenho medo de morrer — disse Jardir. — Se isso for inevera.

— Palavras de um verdadeiro Sharum — disse Khevat. — Mas não é assim tão simples. O Labirinto é-te negado por decreto da dama'ting até seres mais velho.

Jardir franziu a testa.

— Então devo regressar ao Kaji'sharaj em vergonha depois de me erguer entre os homens?

O dama abanou a cabeça.

— A lei é clara nesse aspecto. Nenhum rapaz que veja o interior do pavilhão dos Sharum poderá regressar ao sharaj.

— Mas, se não posso voltar e não posso erguer-me entre os homens... — começou Jardir. Subitamente, a dimensão do seu apuro tornou-se clara. — Tornar-me-ei khaffit? — perguntou, deixando-se dominar pelo terror puro pela primeira vez na vida. O seu medo das dama'ting não era nada quando comparado com aquilo. Sentiu-se empalidecer ao recordar como Abban suplicara pela vida.

«Prefiro morrer», pensou. «Atacarei o primeiro dal'Sharum que vir e não lhe deixarei escolha senão matar-me. Antes morto que khaffit.»

— Não — respondeu o dama. Jardir sentiu que o coração voltava a bater. — Talvez estas coisas não sejam importantes para as dama'ting, já que até o khaffit mais mísero é superior a uma mulher, mas não permitirei que um guerreiro caia

tão baixo quando superou todos os seus desafios. Desde os tempos do Shar'Dama Ka, nunca foi recusada a túnica negra a um rapaz que tenha derramado sangue de alagai no Labirinto. A dama'ting desonra-nos a todos com o seu decreto e, donzela de Everam ou não, é apenas uma mulher e não conseguirá compreender o que isso faria aos corações de todos os Sharum.

— Então que será de mim? — perguntou Jardir.

— Serás acolhido no Sharik Hora — disse Khevat. — Falei já com o Damaji Amadeveram. Com a sua bênção, nem sequer as dama'ting poderão negar-to.

— Serei um clérigo? — perguntou Jardir. Tentou camuflar o seu desagrado, mas a voz cedeu-lhe e soube que tinha falhado.

Khevat riu-se.

— Não, rapaz. O teu destino continua a ser o Labirinto, mas serás instruído aqui, connosco, até estares preparado. Estuda com afinco e poderás tornar-te kai'Sharum enquanto outros da tua idade ainda usam bidos.



— Esta será a tua cela — disse Khevat, depois de conduzir Jardir a uma câmara nas entranhas do Sharik Hora. O quarto era um cubículo de três metros por três talhado no arenito, com uma enxerga dura a um canto. Havia uma pesada porta de madeira, mas não tinha tranqueta ou ferrolho. A única luz provinha de uma lanterna no corredor, filtrada pelo postigo gradeado da porta. Por comparação com o espaço comunitário e com o chão de pedra do Kaji'sharaj, até aquilo lhe parecia um luxo, se não fosse a vergonha de ser trazido até ali e a negação dos prazeres do pavilhão Kaji.

— Aqui jejuarás e repelirás os demónios da tua mente — disse Khevat. — O teu treino iniciar-se-á pela manhã. — Partiu. Os seus passos ecoaram pelo corredor até o silêncio se tornar completo.

Jardir deixou-se cair sobre a enxerga, cruzando os braços sob a cabeça. Mas ficar deitado de bruços fazia-o pensar em Hasik e a raiva e a vergonha roeram-no até se tornarem insuportáveis. Pôs-se de pé com um salto e segurou a enxerga, gritando ao fazê-la embater contra a parede. Lançou-a ao chão, pontapeando a madeira e rasgando o pano até ficar ofegante e rouco, entre uma pilha de pedaços de madeira e farrapos.

Percebendo subitamente o que fizera, endireitou-se, mas não houve resposta ao ruído. Varreu os destroços para um canto e iniciou um sharukin. A série de movimentos formais do sharusahk permitiram-lhe concentrar-se como nenhuma oração conseguiria.

Os acontecimentos da semana anterior giravam em seu redor. Abban era agora um khaffit. Jardir sentia-se envergonhado por isso, mas acolheu o sentimento e viu a verdade que continha. Abban sempre fora khaffit e o Hannu Pash mostrara-o. Jardir adiara a vontade de Everam, mas não a tinha travado. Nenhum homem poderia fazê-lo.

«Inevera», pensou, aceitando a perda.

Pensou na glória e no orgulho de matar demónios no Labirinto e aceitou que poderiam passar muitos anos antes de voltar a sentir tamanha alegria. Os dados tinham falado.

«Inevera.»

Pensou novamente em Hasik, mas não fora inevera. Aí, falhara. Fora um tolo por beber couzi no Labirinto. Um tolo por confiar em Hasik. Um tolo por baixar as defesas.

Aceitara já a dor no corpo e a perda de sangue. Aceitara até a humilhação. Vira outros rapazes do sharaj serem montados e conseguia aceitar o que sentia. O que não conseguia aceitar era o facto de, naquele momento, Hasik se erguer entre os Sharum, julgando que vencera, julgando que Jardir fora quebrado.

Franziu a testa. «Talvez esteja quebrado», admitiu, em silêncio, «mas os ossos quebrados saram com maior força e terei o meu dia ao Sol.»

A noite caiu, assinalada apenas pelo apagar da lanterna no corredor, deixando a sua cela em escuridão plena. Mas o escuro não incomodava Jardir. Não havia guardas no mundo que pudessem comparar-se às do Sharik Hora e, mesmo sem elas, os espíritos dos inúmeros guerreiros guardavam o templo. Qualquer alagai que se atrevesse a entrar naquele local sagrado, seria queimado como se visse o Sol.

Jardir não teria conseguido dormir, mesmo que o tivesse desejado e, por isso, continuou o sharukin, repetindo os movimentos uma e outra vez até se tornarem parte dele, tão naturais como a respiração.

Quando a porta da cela se abriu, Jardir colocou-se de imediato em estado de alerta. Recordando a sua primeira noite no Kaji’sharaj, deslizou em silêncio para

a parede ao lado da porta e colocou-se em posição de combate. Se os nie’dama procurassem aplicar-lhe semelhantes boas-vindas, arrepender-se-iam.

— Se desejasse fazer-te mal, não te teria enviado para aqui para seres treinado — disse uma voz feminina familiar. Uma luz vermelha iluminou a dama’ting que conhecera na noite anterior. Segurava um pequeno crânio de demónio da chama, coberto com guardas que reluziam ferozmente na escuridão. Quando a luz lhe alcançou os olhos, já estes estavam fixos nos de Jardir, como se sempre tivesse sabido onde estava.

— Não me enviaste para aqui — atreveu-se a dizer Jardir. — Disseste ao Dama Khevat que deveria reenviar-me para o Kaji’sharaj, onde me cobriria de vergonha!

— Sabia que nunca o faria — disse a dama’ting, ignorando o seu tom acusatório. — Nem te teria tornado khaffit. O único caminho que lhe restava seria enviar-te para aqui.

— Sem honra — disse Jardir, cerrando os punhos.

— Em segurança! — silvou a dama’ting, erguendo o crânio de alagai. As guardas brilharam ainda mais e uma língua de chama projectou-se entre os dentes. Jardir sentiu o calor na face e recuou.

— Não queiras julgar-me, nie’Sharum — disse a dama’ting. — Farei o que achar melhor e tu farás o que te for ordenado.

Jardir sentiu as costas contra a parede e percebeu que não podia recuar mais. Acenou afirmativamente.

— Aprende tudo o que puderes no tempo que aqui passares — ordenou, enquanto partia. — A Sharak Ka aproxima-se.

As palavras atingiram Jardir como um golpe. Sharak Ka. A batalha final aproximava-se e ele participaria. Todas as suas preocupações mundanas desapareceram nesse instante enquanto a dama’ting fechava a porta e a escuridão voltava a rodeá-lo.



A lanterna no corredor voltou a acender-se após algum tempo e ouviu uma batida leve na porta. Jardir abriu-a ao filho mais jovem de Khevat, Ashan. Era um rapaz esguio, vestindo um bido que se alongava acima da cintura para cobrir

um ombro, assinalando-o como nie’dama, um clérigo em formação. Trazia um véu branco sobre a boca e Jardir soube que isso significava que estava no seu primeiro ano, em que não era permitido aos nie’dama que falassem.

O rapaz saudou-o com um aceno de cabeça e viu o que restava da enxerga no canto. Piscou-lhe o olho e curvou brevemente a cabeça, como se Jardir tivesse passado algum teste secreto. Ashan indicou o corredor com a cabeça e seguiu também nessa direcção. Jardir compreendeu e seguiu-o.

Chegaram a uma câmara ampla com piso de mármore polido. Dúzias de dama e nie’dama, talvez todos os que existiam na tribo, se erguiam ali, de pés fincados no solo, praticando sharukin. O rapaz acenou com uma mão, convidando Jardir a segui-lo e os dois ocuparam os seus lugares nas fileiras de nie, juntando-se à dança lenta, enquanto os corpos fluíam de posição em posição, com todos os presentes respirando em uníssono.

Havia muitos exercícios que Jardir desconhecia e a experiência foi muito diferente das lições brutais a que estava acostumado, durante as quais Qeran e Kaval praguejavam contra os rapazes, chicoteando aqueles cujos movimentos não fossem perfeitos e exigindo que se movessem com rapidez cada vez maior. Os dama treinavam em silêncio e recebiam as únicas instruções pela observação do dama que liderava os exercícios e pela observação dos que os rodeavam. Jardir achou os clérigos mimados e fracos.

Após uma hora, a sessão chegou ao fim. Iniciou-se, de imediato, um burburinho de conversa enquanto os dama se dividiram em grupos dispersos. O companheiro de Jardir fez-lhe sinal, indicando que deveria ficar ali e juntaram-se aos outros nie’dama.

— Têm um novo irmão — disse o Dama Khevat aos rapazes, apontando Jardir. — Com apenas doze anos sob o bido, Jardir, filho de Hoshkamin, tem sangue de alagai nas mãos. Ficará e aprenderá as práticas dos dama até as dama’ting o considerarem suficientemente adulto para envergar a sua túnica negra.

Os outros rapazes acenaram com a cabeça em silêncio e curvaram-se diante de Jardir.

— Ashan — chamou o dama. — Jardir precisará de auxílio com o seu sharusahk. Serás tu a ensiná-lo. — Ashan respondeu com um aceno afirmativo.

Jardir roncou. Um nie’dama? A ensiná-lo? Ashan teria, no máximo, a sua idade e Jardir erguia-se na fila da ração dos nie’Sharum à frente de rapazes maiores.

— Sentes que não precisas de instrução? — perguntou Khevat.

— Não, certamente que não penso tal coisa, honrado dama — respondeu rapidamente Jardir, curvando-se diante do clérigo.

— Mas sentes que Ashan é indigno de te instruir? — insistiu Khevat. — Afinal, é apenas um nie'dama, um noviço sem idade sequer para falar, e tu combateste entre os homens na alagai'sharak.

Jardir encolheu os ombros, sem saber o que fazer, sentindo precisamente aquilo, mas receando uma armadilha.

— Muito bem — disse Khevat. — Lutarás contra Ashan. Quando o derrotares, designar-te-ei um instrutor mais válido.

Os outros noviços recuaram, formando um círculo sobre o chão de mármore polido. Ashan posicionou-se no centro e curvou-se para Jardir.

Jardir olhou uma última vez para o Dama Khevat e retribuiu a vénia.

— As minhas desculpas, Ashan — disse, quando se aproximaram — mas precisarei de te derrotar.

Ashan não disse nada, assumindo uma postura de combate de sharusahk. Jardir fez o mesmo e Khevat bateu com as mãos.

— Comecem! — disse o dama.

Jardir avançou, lançando os dedos rígidos à garganta de Ashan. O movimento colocaria rapidamente o rapaz fora de combate, sem provocar danos permanentes.

Mas Ashan surpreendeu-o, girando velozmente do caminho de Jardir e aplicando-lhe um pontapé no flanco que o lançou ao chão.

Jardir voltou a erguer-se sem perder tempo, amaldiçoando-se por subestimar o rapaz. Voltou a atacar, com as defesas erguidas, e simulou um murro contra o maxilar de Ashan. Quando o rapaz se moveu para o bloquear, Jardir girou, movendo um cotovelo sobre o rim do lado oposto. Novamente, Ashan esquivou-se, posicionando-se da melhor forma, e Jardir girou também, aplicando o golpe que planeara desde o início. Um varrimento de pernas que complementaria com uma cotovelada no peito, fazendo o nie'dama cair de costas.

Mas a perna que Jardir quis varrer não estava onde devia e o seu pontapé encontrou apenas ar. Ashan segurou-lhe a perna, usando a força que Jardir aplicara contra ele e aplicando o preciso ataque que Jardir planeara. Enquanto Jardir caía, Ashan cravou-lhe um cotovelo no peito que lhe roubou o fôlego.

Embateu contra o chão de mármore com força, batendo com a cabeça, mas começou a erguer-se antes de sentir a dor. Não se permitiria ser derrotado!

Mas, antes de conseguir erguer-se sobre mãos e pés, um pontapé voltou a lançá-lo por terra. Embateu novamente contra o chão e sentiu um pé pressionando-lhe as costas. A perna esquerda que movia desesperadamente foi presa, tal como o braço direito, e Ashan forçou-os, ameaçando arrancar-lhos das articulações.

Jardir gritou, sentindo a visão toldar-se com a dor. Acolheu a sensação e, quando voltou a ver com clareza, vislumbrou uma dama'ting, observando-o da arcada sombria do salão.

Ela abanou a cabeça velada e afastou-se.



Nas entranhas do Sharik Hora, Jardir não conseguia distinguir o dia da noite. Dormia quando os dama o mandavam dormir, comia quando lhe davam comida e obedecia às suas ordens entre um momento e o outro. Havia um punhado de dal'Sharum no templo, treinando para se tornarem kai'Sharum, mas nenhum outro nie'Sharum. Era o mais baixo dos baixos e, quando pensava nos que, outrora, tinham obedecido às suas ordens, Shanjat, Jurim e os outros, e que poderiam estar a perder os bidos naquele momento, a vergonha quase o dominava.

Durante o primeiro ano, foi a sombra de Ashan. Sem emitir qualquer som, o nie'dama ensinou a Jardir o que precisava para sobreviver entre os clérigos. Quando devia orar, quando devia ajoelhar-se, como devia curvar-se e como devia lutar.

Jardir subestimara seriamente a perícia de combate dos dama. A lança podia ser-lhes negada, mas o mais fraco entre eles seria um adversário à altura de qualquer par de dal'Sharum na arte do combate desarmado.

O combate era algo que Jardir compreendia. Aplicou-se no treino, perdendo a vergonha no desempenho dos exercícios de fluidez incessante. Mesmo depois de as lanternas serem apagadas em cada noite, Jardir praticava sharukin durante horas, na escuridão da sua pequena cela.

Depois de os curtidores arrancarem a pele de Moshkana, Jardir e Ashan

levaram o corpo e ferveram-no em óleo, pescando os ossos e branqueando-os ao Sol no alto de minaretes que se erguiam para o céu do deserto. As jiwah'Sharum encheram três frascos de lágrimas sobre o seu corpo e o conteúdo destes foi misturado com a laca que usaram para cobrir os ossos antes de os entregarem aos artesãos. Os ossos de Moshkama e as lágrimas de quem o chorara aumentariam a honra do Sharik Hora e Jardir sonhou com o dia em que também ele se fundiria com o templo sagrado.

Havia outras tarefas, menos satisfatórias, menos honradas. Passava horas de cada dia aprendendo a falar pelo papel, usando um pau para copiar as palavras do Evejah para uma caixa de areia enquanto as recitava em voz alta. Parecia-lhe uma arte inútil, indigna de um guerreiro, mas Jardir recordava as palavras da dama'ting e esforçou-se, aprendendo rapidamente as letras. Depois, aprendeu matemáticas, história, filosofia e, finalmente, aprendeu a traçar guardas. Devorou aquele último conhecimento com avidez. Qualquer coisa que ferisse ou travasse os alagai recebia a sua total devoção.

O instrutor Qeran visitava-o várias vezes por semana, passando horas a orientar o treino de Jardir com a lança, enquanto os sábios dama lhe ensinavam tácticas e a história bélica desde os tempos do Libertador.

— A guerra é mais do que valor no campo de batalha — dizia o Dama Khevat. — O Evejah diz-nos que a guerra é, no seu cerne, engano.

— Engano? — repetiu Jardir.

Khevat acenou afirmativamente.

— Da mesma forma que simulas movimentos com a lança, o líder sensato deverá saber induzir em erro o seu adversário antes do início da batalha. Quando é forte, deverá parecer fraco. Quando é fraco, deverá parecer preparado para o confronto. Quando está suficientemente próximo para atacar, deverá parecer demasiado distante para não constituir ameaça. Quando reorganiza as fileiras, deverá fazer os inimigos acreditarem que o ataque está iminente. Será assim que fará o inimigo gastar as suas forças enquanto aumenta as suas próprias.

Jardir inclinou a cabeça.

— Não será mais honrado enfrentar directamente o inimigo?

— Não construímos o Grande Labirinto para podermos avançar e enfrentar os alagai directamente — respondeu Khevat. — Não há maior honra do que a vitória e, para alcançar a vitória, é necessário aproveitar cada vantagem, grande

ou pequena. É esta a essência da guerra e a guerra é a essência de todas as coisas, desde o mais reles regatear dos khaffit no bazar até às petições ouvidas pelo Andrah no seu palácio.

— Compreendo — disse Jardir.

— A ilusão depende do segredo — prosseguiu Khevat. — Se espiões descobrirem o nosso engano, retirar-nos-ão toda a força. Um grande líder deve manter o engano tão discreto que os seus conselheiros mais próximos ou mesmo ele próprio não pensem nele até chegar o momento de investir.

— Mas porquê travar a guerra, Dama? — atreveu-se Jardir.

— Hã? — replicou Khevat.

— Somos todos filhos de Everam — disse Jardir. — Os alagai são o inimigo. Precisamos de todos os homens para os enfrentar e, no entanto, matamo-nos diariamente sob o Sol. — Khevat olhou-o e Jardir não percebeu se o dama estaria irritado ou agradado com a sua questão.

— União — disse o dama, por fim. — Na guerra, os homens unem-se. E é esse poder colectivo que lhes dá força. Nas palavras do próprio Kaji durante a sua conquista das terras verdes: «A união vale qualquer preço em sangue. Contra a noite e as legiões incontáveis de Nie, antes cem homens unidos do que cem milhões tremendo de medo.» Recorda-o sempre, Ahmann.

Jardir curvou-se.

— Assim farei, Dama.

Cinco

Jiwah Ka

313-316 DR

APROXIMARAM-SE DELE TRÊS NIE’DAMA, vindos de todos os lados e, apesar de não conseguir vê-la, Jardir sentia que a dama’ting observava. Como fazia sempre.

Acolheu o momento como acolhia a dor, esquecendo todas as preocupações mundanas. Após mais de cinco anos no Sharik Hora, essa tranquilidade passara a vir sem esforço quando a convocava. Não existia «ele». Não existiam «eles». Existia apenas a dança.

Ashan foi o primeiro a avançar, mas Jardir simulou um bloqueio, girou e saltou para o lado para esmurrar Halvan no peito e fazendo com que o pontapé de Ashan encontrasse apenas ar. Segurou o braço de Halvan e torceu-o até o fazer cair por terra com facilidade. Podia ter-lhe deslocado o braço, mas era um teste de perícia maior deixar os seus oponentes sem dano.

Shevali esperou que Ashan recuperasse antes de avançar, atacando em conjunto com uma coordenação que orgulharia qualquer unidade de dal’Sharum.

Pouco importava. Os braços e pernas de Jardir tornaram-se um borrão de movimento, os golpes que bloqueavam assemelhavam-se à batida de um tambor, acompanhando o ritmo até à sua inevitável conclusão. Ao quinto golpe, Shevali deixou a garganta exposta por um instante e, como sempre sucedia no fim, a contenda resolvia-se entre Jardir e Ashan.

Conhecendo a velocidade de Jardir, Ashan tentou imobilizá-lo, mas os anos tinham coberto os ossos do adversário com carne. Aos dezassete anos, superava em altura a maioria dos homens e o treino constante transformara o seu físico magro num aglomerado compacto de músculo. Pouco depois de se aproximar, Ashan estava imobilizado no chão.

Riu-se, tendo passado há muito o seu ano de silêncio.

— Um dia, vencer-te-emos, nie’Sharum!

Jardir ajudou-o a erguer-se.

— Esse dia nunca chegará.

— É verdade — disse o Dama Khevat. Jardir voltou-se, o círculo de rapazes e instrutores desfez-se e o clérigo entrou, com a dama’ting a seu lado. Jardir sentiu a face gelar.

A dama’ting segurava nas mãos uma túnica negra.

A dama’ting conduziu-o a uma câmara isolada e, com as suas mãos, desenrolou-lhe o bido, puxando-o do seu corpo. Jardir tentou acolher a sensação das suas mãos no corpo nu, mas era a única mulher que alguma vez o tocara de forma tão íntima e, pela primeira vez em anos, não conseguiu encontrar paz. O corpo reagiu ao toque e receou que ela pudesse matá-lo pelo desrespeito.

Mas a dama’ting não fez qualquer referência à sua excitação enquanto lhe vestia uma tanga negra para substituir o bido. Seguiram-se as calças largas, as sandálias pesadas e a túnica de um dal’Sharum.

Com oito anos de bido, Jardir esperou que qualquer roupa lhe parecesse estranha, mas não estava preparado para o peso das vestes negras couraçadas de um dal’Sharum. Placas de barro cozido estavam presas em bolsas dispostas pela vestimenta. Jardir sabia que as placas podiam absorver grandes golpes, mas estilhaçavam-se com o impacto e precisavam de ser substituídas após cada confronto.

Estava tão distraído que, a princípio, não notou que o véu que lhe prendeu em torno do pescoço era branco. Quando percebeu, não conteve um gemido de pânico.

— Julgaste que o tempo passado entre os dama não teria qualquer valor, filho de Hoshkamin? — perguntou a dama’ting. — Juntar-te-ás aos teus irmãos dal’Sharum como seu mestre, como um kai’Sharum.

— Mas tenho apenas dezassete anos! — disse Jardir.

A dama’ting acenou afirmativamente.

— O kai’Sharum mais jovem em séculos. Tal como foste o mais jovem a derrubar um demónio do vento e o mais jovem a sobreviver à alagai’sharak. Quem poderá dizer que mais feitos conseguirás alcançar?

— Tu podes fazê-lo — disse Jardir. — Os dados disseram-to.

A dama’ting abanou a cabeça.

— Vi o destino a que aspira o teu espírito, mas o caminho até o alcançar está repleto de perigos e ainda poderá escapar-te. — Cobriu-lhe a face com o véu branco. O seu toque parecia quase uma carícia. — Esperam-te muitos desafios. Concentra-te no presente. Quando regressares ao pavilhão Kaji hoje, um dos Sharum desafiar-te-á. Precisarás de...

Jardir ergueu uma mão, silenciando-a. A audácia fez reluzir os olhos da

dama’ting.

— Com todo o respeito — disse Jardir, recordando as filas da ração do Kaji’sharaj —, compreendo o mundo dos Sharum. Quebrarei o desafiador diante de todos para que nenhum dos restantes se atreva a seguir o seu exemplo.

A dama’ting olhou-o por um momento e encolheu os ombros, com um sorriso nos olhos.



Jardir entrou com orgulho no campo de treino dos Kaji, seguido pelo Dama Khevat e pela dama’ting. Os dal’Sharum interromperam o treino ao vê-lo e ouviram-se murmúrios de reconhecimento quando viram a face de Jardir. Um deles riu-se.

— Vejam só! A ratazana regressa! — gritou Hasik, mantendo a dicção sibilante após tantos anos. O volumoso guerreiro fincou a lança no chão com vigor. — Levou apenas cinco anos a despir o bido! –

A frase fez rir vários guerreiros.

Jardir sorriu. Era natural que os Sharum testassem o valor de um novo kai e, inevera, era Hasik quem o fazia. O guerreiro poderoso continuava maior do que Jardir, mas este não sentia qualquer medo ao avançar.

Hasik olhou-o, friamente, sem receio.

— Podes ter um véu branco a cobrir-te a garganta, mas continuas a ser um filho do mijo — rosnou, demasiado baixo para ser ouvido pelos outros.

— Ah, Hasik, meu ajin’pal! — gritou Jardir. — Ainda te chamam Assobiador? Teria todo o gosto em fazer-te perder mais alguns dentes para resolver o problema que te aflige, se assim o desejares.

Em redor, ouviram-se risos dos Sharum. Jardir olhou-os e reconheceu muitos dos que tinham servido sob as suas ordens quando fora nie ka.

Hasik avançou, com um rosnado, mas Jardir deu um passo ao lado, aplicando um pontapé que fez cair o guerreiro de costas no chão. Manteve-se imóvel, pacientemente, enquanto Hasik o olhava com ferocidade, voltando a erguer-se sem qualquer dano.

— Matar-te-ei por isto — prometeu Hasik.

Jardir sorriu, lendo cada um dos movimentos de Hasik como se fossem letras

traçadas na areia. Hasik carregou com toda a força, erguendo a lança, mas Jardir rodopiou, desviando a extremidade aguçada para um lado e Hasik passou por ele, desequilibrado. Voltou-se e moveu a lança como um bastão, mas Jardir dobrou-se para trás como um tronco de palmeira ao vento, evitando o golpe sem mover os pés um único centímetro. Antes que Hasik conseguisse recuperar, endireitou-se e segurou a arma com as duas mãos, pontapeando-a e quebrando a haste grossa de madeira. Em seguida, aplicou um pontapé em cheio na face de Hasik.

Ouviu-se um estalo sonoro quando o maxilar fracturou, mas Jardir não ficou por aí. Deixou cair a extremidade da lança, mas continuou a segurar o resto da haste, avançando enquanto Hasik tentava erguer-se com dificuldade.

Hasik tentou esmurrá-lo e Jardir maravilhou-se ao pensar que, outrora, achara os seus golpes demasiado rápidos para seguir com o olhar. Após anos entre os dama, o punho pareceu-lhe lento como um caracol. Segurou o pulso de Hasik e torceu-o com força, sentindo o braço deslocar-se do ombro. Hasik gritou enquanto Jardir movia a haste da lança, despedaçando o joelho do guerreiro. Hasik tombou e Jardir pontapeou-o no estômago. Tinha o direito de o matar e os que o olhavam esperavam que fizesse isso mesmo, mas não esquecera o que Hasik lhe fizera no Labirinto.

— Agora, Hasik — disse, observado por todos os dal’Sharum da tribo Kaji —, ensinar-te-ei a ser uma mulher. — Ergueu a haste partida da lança. — E isto será o homem.



— Certifica-te de que não cai sobre a sua lança para pôr fim à vergonha — disse Jardir a Shanjat enquanto Hasik era levado para o pavilhão das dama’ting, uivando de dor e humilhação. — Não quero que o meu ajin’pal sofra danos permanentes.

— Como desejar o meu kai’Sharum — disse Shanjat. — Apesar de terem de retirar a lança antes que possa cair sobre ela. — Sorriu antes de se curvar diante de Jardir, apressando-se a alcançar o guerreiro ferido. Jardir seguiu Shanjat com o olhar, maravilhando-se com a rapidez com que os velhos padrões regressavam, apesar de Shanjat ter conquistado a túnica negra anos antes e de ele o ter feito

apenas naquele dia.

Jardir planeara durante anos a sua vingança de Hasik, enquanto dançava os movimentos do sharusahk na sua cela minúscula no Sharik Hora. Não bastaria que sofresse uma derrota. A vingança de Jardir teria de ser uma lição clara para todos os que pensassem em desafiá-lo. Se não tivesse sido Hasik a desafiá-lo, tê-lo-ia procurado e iniciaria ele próprio o duelo.

A justiça infinita de Everam determinara que cada passo se desenrolasse tal como imaginara, mas, agora que o seu triunfo se tornara completo, não lhe deu maior satisfação do que quando confrontara Shanjat pelo seu lugar na fila da comida dos nie'Sharum.

— Pareces ter as coisas bem controladas — disse o Dama Khevat, batendo com a mão nas costas de Jardir. — Vai ao pavilhão Kaji e possui uma mulher antes da batalha da próxima noite. — Riu-se.

— Possui duas! As jiwah'Sharum mostrar-se-ão ávidas por se deitarem com o kai'Sharum mais jovem em mil anos.

Jardir forçou-se a rir e a acenar com a cabeça, apesar de sentir um aperto no estômago. Nunca conhecera uma mulher. Exceptuando alguns vislumbres das jiwah'Sharum durante a noite que passara no pavilhão Kaji, nunca vira sequer uma mulher despida. Kai'Sharum ou não, restava-lhe um teste de virilidade que precisava de superar e, ao contrário da humilhação de Hasik e da morte do alagai, nada no seu treino o preparara para aquele desafio.

Khevat afastou-se e Jardir inspirou fundo, olhando o pavilhão Kaji.

«São apenas mulheres», disse a si próprio, dando um passo receoso em frente. «Devem proporcionar-te prazer e não o contrário.»

O segundo passo foi dado com maior confiança.

— Uma palavra — sussurrou a dama'ting, captando-lhe a atenção. Sentiu-se dominado, em simultâneo, pelo alívio e pelo medo. Como poderia ter esquecido a sua presença?

— Em privado — disse. Jardir concordou com um aceno, caminhando até ao limite do campo de treino com ela, longe dos ouvidos dos dal'Sharum presentes.

Tornara-se muito mais alto do que ela, mas continuava a sentir-se intimidado. Recordou a língua flamejante do seu crânio de demónio da chama e tentou convencer-se de que a sua magia de alagai não funcionaria em pleno dia, enquanto a luz de Everam os banhava.

— Lancei os alagai hora antes de te trazer a túnica negra — disse. — Se te deitares entre as jiwah'Sharum, uma delas matar-te-á.

Jardir arregalou os olhos. Tal coisa era inaudita.

— Porquê? — perguntou.

— Os ossos não nos dão porquês, filho de Hoshkamin — explicou a dama'ting. — Dizem-nos o que acontece e o que poderá acontecer. Talvez uma amante de Hasik procure vingar-se ou alguma mulher oriunda de uma família rival da tua. — Encolheu os ombros. — Dorme entre as jiwah'Sharum por tua conta e risco.

— Então não devo conhecer jamais uma mulher? — perguntou Jardir. — Que vida será essa para um homem?

— Nada de exageros — disse a dama'ting. — Poderás tomar esposas. Lançarei os ossos para te encontrar candidatas adequadas.

— Por que o farias? — perguntou Jardir.

— Os meus motivos só a mim dizem respeito — disse a dama'ting.

— E o preço? — perguntou Jardir. As histórias do Evejah referiam sempre um preço escondido para aqueles que usavam a magia dos hora para mais do que a sharak.

— Ah — disse a dama'ting. — Já não és tão inocente como pareces. Isso é positivo. O preço será que me tomes como esposa.

Jardir ficou imóvel. Sentiu a face gelar. Tomá-la como esposa? Impensável. Aterrorizava-o.

— Não sabia que as dama'ting podiam casar — disse, tentando ganhar tempo enquanto pensava freneticamente numa saída.

— Podemos, quando assim o desejamos — explicou. — As primeiras dama'ting eram esposas do Libertador.

Jardir voltou a olhá-la, com as vestes brancas grossas escondendo cada contorno e curva do seu corpo. O toucado cobria-lhe o cabelo na totalidade e o véu opaco estava erguido até ao nariz, abafando-lhe mesmo a voz. Apenas os olhos eram visíveis, brilhantes e zelosos. Havia neles algo de familiar, mas não podia sequer adivinhar a sua idade e muito menos a sua beleza. Seria virgem? Ou de uma boa família? Era impossível saber. As dama'ting eram retiradas às suas mães em muito tenra idade e educadas em segredo.

— Um homem terá o direito de ver a face de uma mulher antes de concordar em casar com ela — disse-lhe ele.

— Não nesta ocasião — replicou a dama'ting. — Não interessa se a minha beleza te apaixona ou se o meu ventre é fértil. O teu futuro é uma espiral contendo lâminas escondidas. Serei a tua Jiwah Ka ou passarás os teus dias a procurá-las sem o auxílio das minhas previsões.

Jiwah Ka. Não queria apenas casar com ele, queria ser a primeira entre as suas esposas. Uma Jiwah Ka tinha o direito de vetar e recusar qualquer Jiwah Sen, esposas secundárias, devendo-lhe todas elas obediência. Exerceria controlo absoluto sobre a sua casa e sobre os seus filhos e a sua autoridade apenas seria inferior à do marido. E Jardir não era tolo para não perceber que a sua intenção era controlá-lo também a ele.

Mas poderia recusar? Não receava enfrentar nenhum adversário que o desafiasse, mas a guerra era engano, como Khevat lhe ensinara, e nem todos os homens defrontavam os inimigos com lança e punho. Uma bebida envenenada ou um punhal nas costas poderiam enviá-lo para Everam sem glória que lhe permitisse assegurar a entrada no Paraíso, não lhe restando nada para a mãe e para as irmãs.

E a Sharak Ka aproximava-se.

— Pedes que te dê tudo — disse, lentamente, com a boca seca.

A dama'ting abanou a cabeça.

— Deixo-te a sharak — corrigiu. — Um Sharum não precisa de se preocupar com nada mais.

Jardir fitou-a durante longo tempo. Por fim, concordou com um aceno da cabeça.



A dama'ting não perdeu tempo depois de conseguir o seu acordo. Não passou uma semana até Jardir se ver diante do Dama Khevat, vendo-a professar os seus votos.

Jardir olhou a dama'ting nos olhos. Quem era? Seria mais velha do que a sua mãe? Suficientemente jovem para lhe dar filhos? Que encontraria quando se retirassem para o leito conjugal?

— Ofereço-me em matrimónio, de acordo com os preceitos do Evejah — disse —, como foi determinado por Kaji, Lança de Everam, que se senta à mesa de

Everam até lhe ser permitido renascer na Sharak Ka. Juro, com honestidade e sinceridade, ser-te uma esposa obediente e fiel.

«Será sincera ao dizer estas palavras», pensou Jardir, «ou será esta apenas uma nova forma de controlar a minha vida, agora que conquistei a túnica negra?»

Khevat voltou-se para ele. Jardir começou a recitar o seu voto, hesitante:

— Juro diante de Everam — disse, forçando as palavras a deixarem-lhe os lábios —, Criador de tudo o que existe, e diante de Kaji, o Shar'Dama Ka, receber-te no meu lar e ser um marido justo e tolerante.

— Aceitas esta dama'ting como tua Jiwah Ka? — perguntou Khevat e algo no seu tom de voz recordou a Jardir as palavras do dama quando lhe pediu para realizar a cerimónia.

«Estás seguro de que é isto o que desejas?», perguntara-lhe Khevat. «Uma dama'ting não é uma esposa comum a quem possas dar ordens e que possas espancar quando te for desobediente.»

Jardir engoliu em seco. Estaria seguro?

— Aceito — respondeu, lentamente, motivando um grande grito dos dal'Sharum reunidos, fazendo embater as lanças contra os escudos. A sua mãe, Kajivah, abraçou as irmãs mais novas, todas chorando de orgulho.

Jardir sentia o coração acelerado e parte dele desejou estar no Labirinto, dançando a alagai'sharak, em vez de estar na câmara parcamente iluminada e repleta de almofadas para onde se retiraram.

— Não temas. A alagai'sharak esperar-te-á amanhã! — riu-se Shanjat. — Esta noite, disputas outro tipo de batalha!

— Pareces pouco à-vontade — disse a dama'ting, ao correr as pesadas cortinas depois de entrarem.

— Poderia ser de outra forma? — perguntou Jardir, amargamente. — És a minha Jiwah Ka e nem sequer sei o teu nome.

A dama'ting riu-se. Foi a primeira vez que a ouviu fazer tal coisa. Era um som vivo e belo.

— Não sabes? — perguntou-lhe, retirando o véu e o toucado. Jardir arregalou os olhos, mas não pela juventude e beleza que viu diante de si.

Conhecia-a, afinal.

— Inevera — sussurrou, recordando a nie’dama’ting que falara com ele no pavilhão, tantos anos antes.

Viu-a acenar afirmativamente, sorrindo-lhe, mais bela do que se atrevera a sonhar.

— Na noite em que nos conhecemos — disse Inevera —, acabei de talhar os meus primeiros alagai hora. Foi o destino. A vontade de Everam. Tal como o meu nome. Os ossos de demónio são talhados na escuridão plena, apenas pelo tacto. Pode levar semanas a talhar um único dado. Passam-se anos até completar um conjunto. E, só então, quando o conjunto está completo, poderá ser testado. Se falhar, os ossos são expostos à luz e o processo deverá reiniciar-se. Se for bem-sucedido, a nie’dama’ting torna-se dama’ting e cobrimo-nos com o véu. Nessa noite, completei o meu conjunto e precisava de uma pergunta para colocar. Um teste para verificar se os dados detinham o poder do destino. Mas que pergunta seria? Então, recordei o rapaz que conhecera pouco antes, com os olhos arrojados e modos rudes e, enquanto sacudia os dados, perguntei: «Voltarei a ver Ahmann Jardir?» Dessa noite em diante — disse —,
soube que te encontraria no Labirinto depois da tua primeira alagai’sharak. Além disso, soube também que casaria contigo e te daria muitos filhos.

Com isto, moveu os ombros e as suas vestes brancas caíram. Jardir receara aquele momento, mas, quando a luz trémula lhe iluminou a nudez, o seu corpo começou a reagir e soube que passaria aquele último teste de virilidade, como passara os que o haviam antecedido.



— Jardir, levarás os teus homens para o décimo círculo — disse o Sharum Ka.

Era uma decisão tola. Três anos depois de receber o véu branco, cada kai’Sharum presente sabia que a unidade de Jardir era a mais feroz e mais bem treinada em Krasia. Jardir exigia muito dos seus homens, mas os dal’Sharum apreciavam-no e à glória que o esforço lhes valia, excedendo em número de mortes quaisquer três unidades combinadas. Seria um desperdício posicioná-los no décimo círculo. Era inaudito que os alagai penetrassem tão profundamente no Labirinto.

O Sharum Ka olhou Jardir com um esgar, esperando que se atrevesse a discordar, mas Jardir acolheu a desonra e deixou-a passar por ele.

— Como ordena o Sharum Ka — disse, curvando-se sobre a sua almofada para encostar a testa ao grosso tapete da sala de audiências do Primeiro Guerreiro. Quando se endireitou, a sua face era serena, apesar do desprezo que sentia pelo homem que tinha diante de si. O Sharum Ka deveria ser o guerreiro mais forte da cidade. Aquele homem era tudo menos isso. Tinha o cabelo manchado de grisalho e a sua face apresentava rugas profundas como as de um Damaji. Passaram longos anos desde que lutara no Labirinto e isso via-se no ventre gordo. Era dever do Primeiro Guerreiro liderar a carga na alagai'sharak e inspirar nos homens actos gloriosos e não orientar o combate atrás das muralhas do seu palácio.

Mas, enquanto ostentasse o turbante branco, a sua autoridade na noite era inviolável.

O Dama Ashan, clérigo da sua unidade, e os seus lugar-tenentes,
Hasik e Shanjat, esperavam à porta do palácio do Sharum Ka para escoltarem Jardir de volta ao pavilhão Kaji. Era apenas um kai'Sharum, mas rivais invejosos tinham já atentado contra a sua vida, mesmo dentro da própria tribo. O Sharum Ka não viveria para sempre e, porque o Andrah provinha da tribo de Kaji, era quase certo que um dos kai'Sharum Kaji seria designado para lhe suceder. Jardir interpunha-se nas esperanças de ascensão ao poder de muitos kai'Sharum mais velhos.

Os três homens nunca se afastavam muito dele desde que Inevera preparara casamentos entre eles e as irmãs de Jardir. Imisandre, Hoshvah e Hanya vestiam farrapos quando Jardir deixara o Sharik Hora, três anos antes, mas, agora, eram Jiwah Ka dos seus tenentes mais leais e tinham-lhe gerado sobrinhos e sobrinhas para fortalecer ainda mais essa lealdade.

— Que ordens temos? — perguntou Shanjat.

— Décimo círculo — respondeu Jardir.

Hasik cuspiu no chão.

— O Sharum Ka insulta-te!

— Acalma-te, Hasik — disse Jardir, mansamente. O guerreiro corpulento tranquilizou-se de imediato. — Acolhe o insulto e verás que passará por ti, permitindo-te ver o caminho traçado por Everam.

Hasik acenou afirmativamente, seguindo Jardir ao afastar-se do palácio. Hasik regressara do pavilhão das dama'ting, três anos antes, como um homem transformado. Continuava a ser um dos mais ferozes guerreiros Kaji, mas, como um lobo domado, entregara completamente a sua lealdade a Jardir... a única forma de preservar a honra depois da derrota humilhante.

— O Sharum Ka teme-te — disse Ashan. — E está certo em fazê-lo. Se continuares a conquistar toda a glória, o Andrah poderá cansar-se de ter um velho fraco no comando das suas forças, permitindo-te que o desafies para um duelo.

— Segundos depois de gritar «comecem», teríamos um novo Primeiro Guerreiro — disse Shanjat.

— Isso não acontecerá — disse Jardir. — O Andrah e o Sharum Ka são amigos há muito. O Andrah não atraiçoará o seu leal servidor, mesmo que os próprios Damaji o ordenem.

— Então que faremos? — perguntou Hasik.

— Tu regressas a casa, para junto da minha irmã e agradeces-lhe a refeição que, sem dúvida, te terá preparado — disse Jardir. — E, quando a noite cair, iremos para o décimo círculo e rezaremos a Everam para nos enviar alagai a que possamos mostrar o Sol.



Como sempre, Inevera esperava-o quando chegou aos seus aposentos no palácio Kaji. Baixara o vestido, expondo o seio que alimentava Anjha, a sua filha. Os filhos de Jardir, Jayan e Asome, seguravam-se ao vestido, fortes na sua pequenez infantil.

Jardir ajoelhou e abriu os braços e os rapazes lançaram-se sobre ele, rindo enquanto os erguia bem alto. Voltou a pousá-los e correram de volta para a mãe. Ver os filhos perturbou a sua serenidade por um momento, antes que pudesse acolher o sentimento. Não era apenas a sua reputação que o Sharum Ka manchava. Era também a deles.

— Algo te incomoda, marido? — perguntou Inevera.

— Não é nada — respondeu Jardir. Mas Inevera estalou-lhe a língua.

— Sou a tua Jiwah Ka — disse-lhe. — Não precisas de controlar o que sentes

comigo.

Jardir olhou-a e deixou-se descontrair.

— O Sharum Ka envia-me para o décimo círculo esta noite — disse, com desprezo. — Quantos guerreiros perderá enquanto a sua melhor unidade guarda um círculo vazio?

— É bom sinal, marido — disse Inevera. — Significa que o Sharum Ka te receia e às tuas ambições.

— De que servirá isso — disse Jardir — se me roubar todas as glórias futuras?

— Não lhe poderá ser permitido fazê-lo — concordou Inevera.

— Precisarás de encontrar a glória no Labirinto agora, mais do que nunca. Os ossos dizem-me que não resta ao Primeiro Guerreiro muito tempo neste mundo. A tua glória deverá superar a de todos quando for ao encontro de Everam, se desejas ocupar o seu lugar.

— Como poderei fazê-lo golpeando o vazio com a lança? — rosnou Jardir.

Inevera encolheu os ombros.

— A sharak pertence-te. Terás de encontrar uma forma.

Jardir grunhiu, mas acenou afirmativamente. Estava certa, claro. Havia coisas acerca das quais nem uma dama'ting o poderia aconselhar.

— O Sol levará horas a pôr-se — lembrou Inevera. — Fazer amor e dormir um pouco clarear-te-á as ideias.

Jardir sorriu e aproximou-se.

— Chamarei a minha mãe para se ocupar das crianças.

Mas Inevera abanou a cabeça, afastando-se dos seus braços estendidos.

— Não comigo. Os ossos dizem que Everalia está fértil. Se a possuíres por trás com grande vigor, dar-te-á um filho forte.

Jardir franziu o sobrolho. Everalia era a sua terceira esposa. Inevera não se dera ao trabalho de lha mostrar antes do compromisso, dizendo que a Jiwah Sen fora escolhida pelas ancas parideiras e por determinação dos alagai hora e não pela beleza.

— Sempre os ossos! — exclamou Jardir. — Por uma vez, gostava de decidir a esposa com que me deito!

Inevera encolheu os ombros.

— Deita-te com Thalaja, se preferires — disse, referindo-se à sua segunda esposa, mais bela do que a terceira. — Também está fértil. Pensei apenas que

preferirias um filho a outra filha.

Jardir cerrou os dentes. Desejava-a a ela, mas Khevat advertira-o de que, esposa ou não, Inevera era uma dama'ting e não poderia limitar-se a possuí-la como possuiria outras mulheres. Abriu a boca e voltou a fechá-la.

Seria verdade que lançaria os ossos por tudo? Por vezes, parecia-lhe que Inevera se limitava a usar as suas supostas previsões para o levar a agir como desejava, mas ainda não se enganara e era verdade que precisava de mais filhos se desejava restaurar a antiga glória da linhagem de Jardir. Importaria realmente a esposa que possuísse? Everalia era suficientemente atraente por trás.

Dirigiu-se para a câmara de dormir, despindo a túnica.



Esperaram.

Enquanto gritos de batalha ecoavam pelos níveis exteriores e demónios do vento guinchavam no céu, esperaram.

Enquanto outros homens se entregavam a Everam em glória, esperaram.

— Nenhum alagai avistado — disse Shanjat, apontando os nie'Sharum sobre a muralha.

— E continuará assim! — rosnou Hasik. Houve um murmúrio de concordância espalhando-se entre os homens de Jardir. Cinquenta dos melhores guerreiros dos Kaji agachados num nicho de emboscada. Esperando.

— Ainda resta tempo para encontrar a glória se nos juntarmos a outras unidades — disse Jurim.

Jardir sabia que teria de abafar a ideia antes que pudesse alojar-se na mente dos outros. Usou o pé da lança para golpear Jurim entre os olhos, derrubando-o.

— Vou trespassar o primeiro que abandonar o seu posto sem uma ordem minha — disse, erguendo a voz. Os outros acenaram afirmativamente enquanto Jurim se erguia com dificuldade, levando a mão à face ensanguentada.

Jardir olhou-os. Eram os melhores dal'Sharum que a Lança do Deserto tinha para oferecer. E sentiu vergonha profunda. A inveja do Sharum Ka era-lhe dirigida, mas eram os homens que sofriam. Homens nascidos e criados para matar alagai, vendo negado o seu destino por um velho que receava perder o poder. Não pela primeira vez, Jardir ponderou matar o Primeiro Guerreiro, com

ou sem desafio justo, mas tal crime seria desprovido de honra e era provável que lhe custasse a vida e o legado.

Nesse momento, uma trompa soou e Jardir voltou a aguçar os sentidos. O padrão sonoro dizia-lhe que era um pedido de auxílio.

— Vigias! — gritou. Os dois Vigias da sua unidade, Amkaji e Coliv, avançaram. Prenderam num instante as extremidades das suas escadas de três metros reforçadas com ferro, correndo para a muralha. Amkaji acabara de firmar a escada quando Coliv iniciou a escalada, subindo três degraus de cada vez. O seu peso parecia não se apoiar inteiramente sobre um pé antes de voltar a erguê-lo. Não tardou a alcançar o topo da muralha, observando o terreno. No momento seguinte, indicou com um gesto que Jardir poderia subir com segurança.

Jardir mostrara-se inseguro acerca dos Vigias quando assumiu o comando da sua unidade, pois pertenciam a outra tribo, os Krevakh. Mas aprendera a conhecer-lhes os corações e Amkaji e Coliv eram-lhe tão leais e dedicados à alagai'sharak como qualquer um dos seus irmãos de tribo. Os Krevakh dedicavam-se por completo a servir os Kaji, tal como a sua tribo rival, os Nanji, serviam os Majah.

Por lei, os dois Vigias pertenciam à unidade de Jardir dia e noite, pois recebiam treino especializado com armas e estilos de luta exóticos e possuíam talentos essenciais a qualquer kai'Sharum. Acrobacias. Recolha de informações. Ataques relâmpago.

Assassinatos.

Enquanto Amkaji segurava a escada, Jardir e Shanjat subiram à muralha. Coliv ergueu a sua luneta para Jardir.

— Tribo de Sharach, quarto círculo — disse, apontando.

— Descobre mais — ordenou Jardir, recebendo a luneta. E Coliv afastou-se, correndo com perfeito equilíbrio sobre a muralha estreita. Os Vigias não levavam consigo nem lança nem escudo que lhes aumentasse o peso e Coliv depressa desapareceu de vista.

— Os Sharach são uma tribo pequena — disse Shanjat. — Trazem pouco mais do que dúzias de guerreiros para a alagai'sharak. Só um tolo atribuiria o quarto círculo a uma unidade tão pequena.

— Um tolo como o Sharum Ka — replicou Jardir.

Coliv regressou pouco depois.

— Um grupo de alagai chegou até eles e conseguiu escapar ao fosso. Têm muitos guerreiros caídos e não há reforços suficientemente perto que não estejam também envolvidos em combate. Serão aniquilados em minutos.

Jardir cerrou os dentes.

— Não serão. Prepara os homens.

Shanjat pousou-lhe uma mão no braço.

— O Sharum Ka ordenou-nos que guardássemos o décimo círculo — recordou-lhe. Mas, vendo que Jardir acenava afirmativamente e não dizia nada mais, esboçou um largo sorriso.

— Não conseguiremos chegar ao quarto círculo a tempo, kai'Sharum — disse Coliv, olhando o Labirinto com a sua visão treinada. — Muitas batalhas nos separam. O caminho não está desimpedido.

— Então lança cordas — ordenou Jardir. — Quero todos os homens sobre a muralha.



Correram sobre o topo das muralhas como nie'Sharum. Cinquenta guerreiros adultos com equipamento de batalha completo. Era suficientemente traiçoeiro para rapazes descalços e ágeis, vestindo apenas bidos. O perigo aumentava para homens com sandálias e túnicas que suportavam o peso da armadura, transportando lança e escudo.

Mas eram dal'Sharum Kaji, a elite de Jardir. Correram sem medo, uivando de deleite ao saltarem de muralha em muralha, sentindo-se como rapazes enquanto o vento nocturno lhes atingia as faces e preparados para morrer como homens.

Jardir corria na dianteira e sentia-o mais do que qualquer um dos outros. O Sharum Ka ficaria furioso, mas que Nie o levasse antes de permitir que uma tribo inteira perecesse apenas para aplacar o orgulho do Primeiro Guerreiro.

Um percurso que teria exigido muito mais tempo no Labirinto foi percorrido em minutos sobre as muralhas e a unidade Sharach depressa se tornou visível. Havia mais de uma dúzia de alagai no nicho de emboscada, bloqueando todas as saídas. Pelo menos metade dos Sharach tinham caído e os que restavam mantinham-se em formação defensiva, de costas contra costas e unindo escudos à medida que os demónios atacavam por todos os lados.

Erguiam-se como homens diante de uma força muito superior de alagai e ver aquilo enfureceu o coração krasiano de Jardir. Não permitiria que mais dal'Sharum morressem naquela noite.

— Coragem, Sharach! — gritou. — Os Kaji chegam em vosso auxílio! — Foi o primeiro a cravar o gancho e a baixar uma corda para o seu nicho, descendo os seis metros com dois saltos rápidos. Nem sequer esperou pelos seus homens, carregando com o escudo guardado erguido e atingindo um demónio da areia pelas costas. As guardas cintilaram e o demónio foi projectado para longe do círculo vacilante de Sharach.

Jardir não pensou mais na criatura atordoada, movendo-se para o demónio seguinte com a lança erguida, repelindo-o com uma série de golpes nos pontos mais frágeis da sua armadura. Atrás dele, ouviu o rugido dos seus cinquenta guerreiros a descerem da muralha e soube que tinha a retaguarda protegida.

— Everam orgulhou-se ao ver como te erguias, irmão! — gritou
Jardir ao kai'Sharum Sharach, cujo véu branco estava vermelho de sangue. — Cuida dos teus feridos! Nós seguiremos o vosso exemplo glorioso e garantiremos que os Sharach sobreviverão para lutar outro dia!

O terceiro demónio que Jardir atacou voltou-se e prendeu a lança nas mandíbulas, quebrando a madeira. O impacto desequilibrou Jardir e a criatura segurou-lhe o escudo com as garras. Flectiu o braço de músculos salientes e as correias do escudo quebraram. Jardir embateu no chão com intensidade, esquivando-se ao avanço da criatura. Por um momento, a vantagem pertenceu ao demónio, mas o kai'Sharum Sharach embateu contra o seu flanco, repelindo-o.

— Os Sharach lutarão até ao fim, meu irmão! — gritou o kai'Sharum, mas o demónio da areia contra-atacou, usando a cauda para chicotear o guerreiro abaixo das guardas, derrubando-o. Preparou o salto letal.

Jardir olhou em redor. Todos os seus guerreiros estavam ocupados e não havia arma ao seu alcance.

«Nasci para morrer nas garras dos alagai», recordou a si próprio, rugindo ao erguer-se, interceptando o demónio da areia em pleno ar enquanto este se lançava sobre o kai'Sharum Sharach.

O demónio era muito mais forte do que ele, mas lutava por instinto, desconhecendo a brutal arte do sharusahk. Jardir segurou-lhe o braço e rodopiou, anulando a intensidade do seu ataque e projectando-o ao longo de cinco metros

para o fosso no centro do nicho de emboscada. O alagai caiu com um uivo, aprisionado até o Sol nascer para o banir do mundo para sempre.

Outro demónio da areia avançou para ele, mas Jardir esmurrou-o com força na garganta e pontapeou-o atrás dos joelhos, segurando a criatura e fazendo-a cair, torcendo-se para escapar aos seus dentes e garras enquanto usava a força do alagai contra o inimigo.

As grossas placas couraçadas do demónio rasgaram-lhe a túnica e atingiram-lhe a pele e sentiu os músculos forçados ao limite, mas, centímetro a centímetro, Jardir torceu-se cada vez mais para trás do demónio até conseguir o apoio necessário para se erguer. Era mais alto do que a criatura e, prendendo-lhe os braços com os seus atrás da cabeça, conseguiu erguê-la com facilidade. Esperneou e guinchou, mas Jardir fê-lo girar, mantendo-lhe as pernas distantes do corpo a cambalear para o fosso.

Com um grito, projectou o segundo demónio para o fosso, grato por ver que os seus guerreiros já tinham forçado a queda da maioria dos alagai. O fundo do fosso estava pejado de escamas e garras e as guardas gravadas nas paredes cintilavam furiosamente com as suas tentativas para escapar.

— Verei o Sol levar-vos a todos! — gritou Jardir.

Voltou-se novamente para a batalha, incendiado pelo triunfo e preparado para continuar a lutar, mas apenas alguns guerreiros se mantinham em acção e todos tinham os seus alagai controlados.

Os restantes guerreiros limitavam-se a olhá-lo, com olhos muito abertos.



Jardir e o kai’Sharum Sharach vigiaram o fosso durante o resto da noite. Os seus homens rodeavam-nos e houve grande júbilo quando o Sol brilhou sobre o fosso. Os demónios guincharam e fumegaram antes de irromperem em chamas e os homens sentiram orgulho ao presenciar como a luz de Everam os reduzia ao nada de onde tinham vindo.

Jardir e os outros Sharum baixaram os véus, como deviam fazer quando o Sol nascia. Durante o dia, os Sharach, aliados dos Majah, eram inimigos mortais dos Kaji. Jardir fitou o kai’Sharum com cautela. Desonrá-los-ia a ambos enfrentarem-se no terreno neutral do Labirinto, mas tais coisas não eram

inauditas.

Ao invés, o capitão Sharach curvou-se.

— A minha gente deve-te a vida.

Jardir abanou a cabeça.

— Não fizemos nada além do que ordena Everam. Nenhum dal'Sharum abandonaria um irmão e todos os homens são irmãos quando a noite cai.

— Estava presente quando o Sharum Ka te atribuiu o décimo círculo, onde nós deveríamos estar — disse o Sharach. — Percorreste grande distância e arriscaste muito por nós.

Outros guerreiros, com os seus fossos também em chamas, aproximaram-se enquanto deixavam o Labirinto. Dois inimigos mortais face a face. Começou a formar-se uma multidão e Jardir ouviu o burburinho da sua conversa. Uma e outra vez, ouviu os seus homens e os Sharach contar como lutara desarmado contra os alagai. O relato era enriquecido com cada narração e não demorou a ouvir homens dizer que tinha matado cinco demónios com as mãos nuas. Jardir vira guerreiros a exagerar feitos noutras ocasiões. Quando a noite voltasse a cair, teria enviado doze demónios para o fosso e, um mês depois, seriam cinquenta.

Um kai'Sharum Majah aproximou-se.

— Em nome dos Majah — disse —, agradeço-te por protegeres os Sharach. O Sharum Ka foi... pouco sensato ao colocá-los em risco.

As palavras do homem rondavam a traição, mas Jardir limitou-se a acenar com a cabeça.

— Os Sharach ergueram-se com valor — disse. — Inevera, foi-lhes permitido que vivessem para voltarem a lutar.

— Inevera — concordou o Majah, curvando-se mais do que um kai'Sharum se curvaria diante de outro. — É verdade que lançaste seis demónios ao fosso sozinho?

Jardir abanou a cabeça e abriu a boca para responder, mas foi interrompido por um grito quando a guarda de elite do Sharum Ka se tornou visível, abrindo caminho para o Primeiro Guerreiro.

— Desobedeceste às tuas ordens e abandonaste o teu posto! — vociferou o Sharum Ka, apontando Jardir.

— Os Sharach pediram auxílio e nós não enfrentávamos qualquer inimigo — disse Jardir. — O Evejah ordena-nos que protejamos os nossos irmãos na noite

acima de qualquer outra coisa.

— Não me cites o texto sagrado — ripostou o Sharum Ka. — Ensinava-o aos meus filhos quando o teu pai ainda vestia um bido e conheço muito melhor do que tu as suas verdades! Não te manda levar os teus homens para o alto das muralhas, deixando o teu círculo desprotegido enquanto proteges outro a meio Labirinto de distância!

— Desprotegido! — repetiu Jardir, espantado. — Não havia demónios no oitavo e muito menos no décimo!

— Não te cabe ignorar ordens e buscar glória que não te pertence, kai'Sharum! — gritou o Sharum Ka.

Jardir deixou-se levar pelo temperamento.

— Talvez as minhas ordens tivessem sido menos tolas se quem as deu não se escondesse no seu palácio até ao amanhecer — disse, sabendo, ao fazê-lo, que não seria mais grave se tivesse erguido a lança. Tamanho insulto ao Primeiro Guerreiro não seria permitido. Se fosse um homem, procuraria a lança mais próxima e atacaria Jardir naquele momento, matando-o diante dos homens ali reunidos.

Mas o Sharum Ka era velho e os homens sussurraram a forma como Jardir matara meia dúzia de demónios servindo-se apenas do sharusahk. Jardir não poderia atacar o Sharum Ka, mas, se o Sharum Ka o atacasse, poderia matá-lo e iniciar um processo de sucessão que o poderia colocar no seu lugar. Pensou se teria sido aquele o destino que os ossos de Inevera tinham previsto tantos anos antes.

Fitaram-se e Jardir soube que o Sharum Ka pensava o mesmo que ele e não tinha coragem de atacar. Esboçou um sorriso trocista.

— Prendam-no! — ordenou o Sharum Ka. De imediato, os seus guardas se moveram para obedecer.

As mãos de Jardir foram presas, uma grave desonra, mas, ainda que mostrasse os dentes aos guardas, não resistiu. Ouviu-se um burburinho de repúdio entre os guerreiros reunidos, até dos Majah. Seguraram lanças e ergueram escudos, superando em número os guardas do Primeiro Guerreiro.

— Que fazem? — perguntou-lhes o Sharum Ka. — Para trás!

Mas o burburinho aumentou de intensidade e homens posicionaram-se nas saídas do Labirinto, bloqueando-as. O Sharum Ka deu um passo receoso atrás.

Jardir captou-lhe o olhar e sorriu.

— Não façam nada — disse Jardir, erguendo a voz, sem afastar os olhos do Sharum Ka. — O Sharum Ka deu uma ordem e todos os Sharum devem obedecer. Everam decidirá o meu destino.

O alarido serenou quase de imediato, os homens desimpediram o caminho e a raiva do Sharum Ka pareceu duplicar ao perceber que Jardir controlava os guerreiros. Jardir repetiu o sorriso trocista, desafiando-o a atacar.

— Levem-no! — gritou o Sharum Ka. Jardir manteve as costas direitas e caminhou com orgulho enquanto os guardas lhe seguravam os braços e o escoltavam para fora do Labirinto.



Inevera aguardava no palácio do Andrah quando Jardir chegou.

«Teria visto também aquele dia, tantos anos antes?», pensou.

Os guardas seguraram-lhe os braços com maior firmeza quando se aproximou, mas não por receio de algo que Jardir pudesse fazer. Era Inevera quem os aterrorizava.

— Deixem-nos — ordenou Inevera. — Digam ao vosso mestre que o meu marido o esperará no salão de audiências do Andrah dentro de uma hora.

De imediato, os guardas libertaram os braços de Jardir e curvaram-se.

— Como ordena a dama’ting — gaguejou um, antes de se afastarem. Inevera roncou, desembainhando a lâmina guardada para cortar a corda que prendia Jardir.

— Fizeste o que devias esta noite — sussurrou, enquanto caminhavam. — Ergue-te com orgulho nas horas que virão. Na audiência com o Andrah, deverás provocar o Sharum Ka com palavras, mantendo-te submisso. Enfurece-o, mas não lhe dês qualquer pretexto para te atacar.

— Não farei tal coisa — disse Jardir.

— Fizeste-o no Labirinto — retorquiu Inevera. — Agora, será muito mais importante que o faças.

— Vês tudo — admitiu Jardir —, mas compreendes pouco, se pensares que baixarei o olhar diante deste homem. Desafiava-o a atacar-me.

Inevera encolheu os ombros.

— Fá-lo como desejares, mas mantém os pés firmes e as mãos quietas. Não se atreverá a atacar-te pessoalmente, mas, se o ameaçares, os seus homens abater-te-ão.

— Achas que sou um tolo? — perguntou Jardir.

Inevera respondeu-lhe com um grunhido.

— Enfurece-o. O resto será inevera.

— Como a dama'ting ordena — disse Jardir, suspirando.

Inevera acenou afirmativamente. Entraram numa sala de espera coberta com almofadas.

— Espera aqui — ordenou. — Encontrar-me-ei em privado com o Andrah antes do teu julgamento.

— Julgamento? — repetiu Jardir, mas ela já tinha saído.



Jardir nunca estivera suficientemente próximo do Andrah para lhe ver a face. Era velho e enrugado, com barba de um branco intenso. Era um homem gordo, apreciando claramente os festins. A sua corpulência era repelente e Jardir precisou de se recordar de que aquele homem fora o maior mestre de sharusahk do seu tempo, tendo derrotado os Damaji mais dotados para ascender ao Trono dos Crânios. Nos seus dias nas profundezas do Sharik Hora, Jardir vira o Damaji Kaji, Amadeveram, um homem que rondaria os sessenta anos, derrubar meia dúzia de dama jovens e talentosos no interior do círculo de sharusahk.

Olhou com maior atenção, procurando um indício do treino nos movimentos do Andrah, mas parecia-lhe que a presença constante dos guarda-costas e servos tinha tornado o homem desleixado. Mesmo ali, não hesitava em debicar uma bandeja de tâmaras açucaradas durante os procedimentos.

Os olhos de Jardir miraram os lados do trono do Andrah. Do seu lado direito, erguiam-se os doze Damaji, líderes de todas as tribos de Krasia. Vestindo túnicas brancas e turbantes negros, murmuravam entre si, queixando-se de terem sido afastados dos seus afazeres e convocados ao palácio quando o Sol pouco se erguera sobre o horizonte. À esquerda do Andrah, dois passos atrás do trono, erguiam-se as Damaji'ting. Como os Damaji, traziam toucados e véus negros, que contrastavam profundamente com as suas túnicas brancas. Ao contrário dos

Damaji, mantinham-se em perfeito silêncio, observando com olhos que pareciam penetrar tudo.

«Conhecerão o meu destino?», pensou Jardir. A seguir, olhou a sua Jiwah Ka, de pé a seu lado. «Ou saberão apenas o que Inevera lhes diz?»

— Filho de Hoshkamin — disse o Damaji Amadeveram, saudando Jardir —, relata-nos, por favor, a tua versão dos acontecimentos da noite passada. — Era Kaji, o Primeiro Ministro do Andrah, talvez o clérigo mais poderoso em Krasia, abaixo do próprio Andrah. O Andrah representaria todas as tribos, mas cabia-lhe designar o Sharum Ka e o Primeiro Ministro e Jardir aprendera nas suas lições que há séculos que um Andrah não designava para uma daquelas posições alguém de outra tribo. Fazê-lo seria considerado um sinal de fraqueza.

O Sharum Ka franziu o sobrelho, esperando claramente ser convidado a relatar a sua versão em primeiro lugar. Avançou para o tabuleiro de chá que lhe tinha sido preparado e ergueu uma taça. Jardir conseguia perceber pela forma errática como o vapor se erguia que as mãos lhe tremiam.

— Na ceia dos kai'Sharum da última noite, o Sharum Ka transmitiu as suas ordens, como sempre faz — começou Jardir. — Os meus homens conseguiram grandes sucessos na noite e estavam ávidos por enviar mais alagai para junto de Nie como pilhas de cinza.

O Damaji acenou afirmativamente.

— Os teus sucessos têm sido notados — disse. — E os teus professores no Sharik Hora falam de ti em termos muito elogiosos. Prossegue.

— Sentimo-nos abalados ao saber que seríamos colocados no décimo círculo — disse Jardir. — Não foi há muito tempo atrás que lutámos no primeiro, mostrando o Sol a cem alagai por cada guerreiro que perdemos. Depois, fomos passados para o segundo, seguindo-se o terceiro. Aceitámos com orgulho. Existe glória suficiente para todos nos níveis mais recuados. Mas, em vez de nos passar para o quarto círculo, como era esperado, o Sharum Ka atribuiu-o aos Sharach, designando-nos a sua posição tradicional no décimo.

Jardir viu o Damaji Kevera dos Sharach ficar tenso, mas não soube se era pela desonra de a «posição tradicional» da sua tribo ser tão desprovida de glória ou pela súbita mudança.

Olhou as Damaji'ting, mas não lhes via as faces e não sabia qual delas era Sharach. Pouco importava. Nenhuma delas esboçou a mínima reacção às suas

palavras.

— Os homens de Sharach são bravos guerreiros — disse. — Aceitaram a sua missão com orgulho. Mas os Sharach não contribuem com muitos guerreiros para a alagai'sharak. Mesmo que cada homem lutasse por dois — olhou Kevera — e é o que fazem, não possuem guerreiros em número suficiente para ocupar convenientemente um ponto de emboscada no quarto círculo.

O Damaji Sharach acenou afirmativamente e Jardir sentiu alívio.

— O que fizeste? — perguntou Amadeveram.

Jardir encolheu os ombros.

— O Sharum Ka deu uma ordem e eu obedeci.

— Mentiroso! — gritou o Sharum Ka. — Abandonaste o teu posto, filho do mijo dum camelo!

O insulto, que nenhum homem se atrevera a pronunciar desde que quebrara Hasik, golpeou Jardir com intensidade. Durante um centésimo de segundo, ponderou saltar e matar o homem ali mesmo, mesmo que isso lhe valesse uma morte rápida às mãos dos guardas do Andrah. Em vez disso, acolheu o insulto e sentiu-o atravessá-lo, deixando no seu rasto uma raiva fria e tranquila.

— Passámos metade da noite no décimo círculo — disse Jardir, sem sequer voltar a cabeça para o homem que falara. — Os Vigias não viram quaisquer alagai no nosso círculo, no nono ou no oitavo. Mesmo assim, esperámos.

— Mentiroso! — voltou a gritar o Sharum Ka.

Daquela vez, Jardir voltou-se para ele.

— Estavas presente, Primeiro Guerreiro, para negar a verdade das minhas palavras? Estavas no Labirinto? — O Sharum Ka arregalou os olhos e a raiva dominou-o. A verdade daquelas palavras atingiu-o com maior intensidade do que qualquer golpe.

Abriu a boca para retorquir, mas ouviu-se um silvo do Andrah. Todos os olhos se voltaram para ele.

— Paz, meu amigo — disse o Andrah ao Sharum Ka. — Deixa-o contar a sua história. A última palavra será tua.

Só então Jardir percebeu como os dois homens eram próximos. Ambos ocupavam os palácios respectivos há quase quatro décadas. Jardir tivera alguma esperança de que o Andrah pudesse desejar um Sharum Ka forte, mas ver a sua forma inchada provocou-lhe dúvidas. Se o próprio Andrah abandonara o

caminho dos guerreiros, poderia condenar o seu leal Sharum Ka pela mesma falha?

— Soou uma trompa pedindo auxílio — disse Jardir. — Porque não estávamos ocupados, trepei à muralha para ver se poderíamos responder. Mas o chamado veio do quarto círculo e muitas batalhas nos afastavam dessa posição. Estava prestes a descer novamente para o Labirinto quando o Vigia que enviei regressou, dizendo que os Sharach não tardariam a ser esmagados e enviados para o outro mundo.

Fez uma pausa.

— Todos os dal'Sharum esperam morrer no Labirinto. Uma dúzia de guerreiros, duas dúzias, talvez uma centena numa noite, que importa isso quando fazemos o trabalho de Everam? No entanto, há uma diferença entre perder homens e perder uma tribo. Que honra teria eu se não fizesse nada?

— Tu próprio disseste que o caminho estava bloqueado — notou Amadeveram.

Jardir confirmou com um aceno.

— Mas o meu Vigia conseguiu chegar lá e lembro-me de correr sobre o topo das muralhas com os meus homens quando éramos nie'Sharum. Perguntei a mim mesmo: «Haverá alguma coisa que um rapaz consiga fazer e um homem não?» Por isso, corremos sobre as muralhas, rezando a Everam para chegarmos a tempo.

— E que encontraram quando chegaram? — perguntou Amadeveram.

— Metade dos Sharach havia caído — respondeu Jardir. — Talvez restasse uma dúzia, mas todos estavam feridos. Enfrentavam igual número de alagai e, com o seu fosso exposto, os demónios sabiam como evitá-lo.

Novamente, Jardir olhou o Damaji Sharach.

— Os homens restantes erguiam-se com valentia na noite. O sangue dos Sharach, que se ergueram ao lado do próprio Shar'Dama Ka, corre forte nas suas veias.

— E depois? — insistiu o Damaji.

— Os meus homens juntaram-se aos nossos irmãos Sharach e vencemos os alagai, lançando-os ao fosso e mostrando-lhes o Sol.

— Diz-se que tu próprio mataste vários — disse Amadeveram, com orgulho notório na voz —, usando apenas sharusahk.

— Foram apenas dois os que lancei ao fosso dessa forma — disse Jardir. Sabia

que o véu da esposa esconderia uma expressão de desagrado, mas não se importou. Não mentiria ao seu Damaji, nem reclamaria glória que não lhe pertencesse por direito.

— Mesmo assim, o feito não é pequeno — disse Amadeveram.

— Os demónios da areia superam muitas vezes a força de um homem.

— Os anos que passei no Sharik Hora ensinaram-me que a força é relativa — replicou Jardir, com uma vénia.

— Isso não lhe diminui a traição! — rosnou o Sharum Ka.

— De que forma traí? — perguntou Jardir.

— Dei uma ordem! — gritou o Sharum Ka.

— Deste uma ordem de tolo — replicou Jardir. — Deste uma ordem que desperdiçou os nossos melhores guerreiros e condenou os Sharach à destruição. E, mesmo assim, obedeci!

O Damaji Majah, Aleverak, deu um passo adiante. Era um ancião, mais velho até do que Amadeveram. Assemelhava-se a uma lança, delgado como uma haste, mas alto e recto apesar de se aproximar dos setenta anos.

— O único traidor que aqui vejo és tu — lançou Aleverak ao Sharum Ka. — Devias defender todos os Sharum de Krasia, mas sacrificarias os Sharach apenas para suprimir um rival!

O Sharum Ka deu um passo para o Damaji, mas Aleverak não recuou, avançando e adoptando uma posição de sharusahk. Ao contrário de Jardir, um mero kai'Sharum, um Damaji podia desafiar e matar o Sharum Ka, abrindo a sucessão.

— Basta! — gritou o Andrah. — Aos vossos lugares! — Os dois homens obedeceram, baixando os olhos em sinal de submissão.

— Não permitirei que lutem na minha sala do trono como... como...

— Homens? — completou Inevera.

Jardir quase se engasgou com a sua audácia, mas o Andrah limitou-se a franzir a testa e não a repreendeu.

O Andrah suspirou, aparentando grande cansaço, e Jardir conseguiu ver o peso dos anos sobre ele. «Everam permita que morra jovem», pediu em silêncio.

— Não vejo aqui qualquer crime — disse, por fim, o Andrah. Olhou intensamente o Majah. — De ambos os lados. O Sharum Ka deu ordens como devia e o kai'Sharum tomou uma decisão no calor da batalha.

— Insultou-me diante dos meus homens! — gritou o Sharum Ka. — Isso dá-me o direito de o mandar matar.

— Com o teu perdão, Sharum Ka, mas não estás certo — disse Amadeveram. — O seu insulto dá-te o direito de o matares e não de mandares outros homens matá-lo. Se o tivesses feito, o assunto estaria encerrado. Posso perguntar por que não o fizeste?

Seguiu-se uma pausa enquanto o Sharum Ka ponderava uma resposta. Inevera tocou levemente com o cotovelo em Jardir.

Jardir olhou-a. «Não vencemos?», perguntaram os seus olhos, mas os olhos dela responderam com dureza.

— Porque é um cobarde — anunciou Jardir. — Não tem força suficiente para defender o turbante branco, esconde-se no seu palácio e envia outros para lutar por si, esperando que a morte o procure como a um khaffit em vez de a procurar no Labirinto como um Sharum.

O Sharum Ka arregalou os olhos e as veias na sua face e pescoço tornaram-se mais visíveis. Cerrou os dentes. Jardir preparou-se, esperando que o homem se lançasse sobre ele. Pelo olho da mente, imaginou as formas que lhe permitiriam matá-lo.

Mas não foi necessário, pois o Sharum Ka levou as mãos ao peito e caiu ao chão, contorcendo-se e espumando da boca antes de ficar imóvel.



— Sabias que aquilo aconteceria — acusou Jardir quando ficaram sozinhos. — Sabias que, se o enfurecesse o suficiente, o seu coração cederia.

Inevera encolheu os ombros.

— E se soubesse?

— Mulher tola! — gritou Jardir. — Não há honra em matar um homem desta forma!

— Cuidado com a língua — advertiu Inevera, erguendo um dedo. — Ainda não és Sharum Ka e nunca o serás sem mim.

Jardir franziu o sobrolho, pensando na verdade que existiria nas suas palavras. Seria seu destino tornar-se Sharum Ka? E, se assim fosse, o destino poderia ser alterado?

— Terei sorte se continuar kai’Sharum depois disto — disse.

— Matei o amigo do Andrah.

— Disparate — disse Inevera, esboçando um sorriso malicioso.

— O Andrah é... maleável. O posto está vazio e conquistaste glória que até os Majah reconhecem. Convencê-lo-ei de que poderá salvar a reputação apenas se te designar.

— Como? — perguntou Jardir.

— Deixa isso comigo — disse Inevera. — Tens outras preocupações. Quando o Andrah te colocar o turbante branco na cabeça, o teu primeiro anúncio será a intenção de tomar uma mulher de cada tribo como símbolo de unidade.

Jardir ficou escandalizado.

— Misturar o sangue de Kaji, o primeiro Libertador, com o de tribos inferiores?

Inevera espetou-lhe um dedo com força no peito.

— Serás Sharum Ka, se deixares de agir como um tolo e fizeres o que te digo. Se conseguires gerar herdeiros com laços em cada tribo...

— Krasia ficará unida como nunca antes esteve — concluiu Jardir. — Poderia convidar os Damaji a escolherem as minhas noivas — ponderou. — Isso favorecer-me-á.

— Não — disse Inevera. — Eu ocupar-me-ei disso. Os Damaji escolherão por motivos políticos. Os alagai hora escolherão por Everam.

— Sempre os ossos — murmurou Jardir. — O próprio Kaji também estava dependente deles?

— Foi Kaji a dar-nos as guardas proféticas — disse Inevera.



No dia seguinte, Jardir viu-se novamente na sala do trono do Andrah. Os Damaji murmuravam entre si quando entrou e as Damaji’ting observavam-no, enigmáticas como sempre.

O Andrah sentava-se no seu trono, movendo nas mãos o turbante branco do Sharum Ka. O aço sob o tecido ecoava com uma nota clara enquanto o Andrah o fazia girar com uma unha longa e pintada.

— O Sharum Ka foi um grande guerreiro — disse o Andrah, como se lesse os

seus pensamentos. Ergueu-se do trono e, de imediato, Jardir deixou-se cair de joelhos, abrindo os braços num gesto de súplica.

— Sim, Santidade — disse.

O Andrah acenou-lhe com uma mão.

— Não o recordas como tal, claro. Quando vestiste o teu bido, tinha já mais anos do que a maioria dos Sharum vê e já não conseguia enfrentar os alagai como um homem jovem.

Jardir baixou a cabeça.

— É um erro dos jovens pensarem que o valor de um homem depende apenas da força do seu braço — disse o Andrah. — Julgar-me-ias de igual forma?

— Com o teu perdão, Santidade — disse Jardir —, não és Sharum. Os Sharum são o teu braço na noite e esse braço deverá ser forte.

O Andrah roncou.

— Arrojado — disse. — Calculo que qualquer homem que tome uma dama'ting como esposa terá de o ser.

Jardir não disse nada.

— Procuraste provocá-lo a atacar-te — disse o Andrah. — Sem dúvida, acreditaste que um homem corajoso deveria morrer dessa forma.

Novamente, Jardir permaneceu em silêncio.

— Mas, se te atacasse, mostraria apenas que era um tolo — disse o Andrah. — E Everam tem pouca paciência para tolos.

— Sim, Santidade — disse Jardir.

— E, agora, está morto — disse o Andrah. — O meu amigo, um homem que mostrou o Sol a alagai sem conta, morto no chão em desgraça porque não soubeste mostrar-lhe o respeito que lhe era devido!

Jardir engoliu em seco. O Andrah parecia preparado para golpeá-lo. Não seria como Inevera prometera e a sua ausência era suspeita. Procurou apoio na sala, mas os olhos dos Damaji fitavam o chão enquanto o Andrah falava e as Damaji'ting limitavam-se a olhá-lo como se fosse um insecto.

O Andrah suspirou e pareceu tornar-se mais pequeno, regressando ao seu trono e deixando-se cair.

— Magoa-me ver um homem que atingiu tamanha glória morrer de forma vergonhosa. O meu coração exige vingança, mas é um facto que o Sharum Ka está morto e seria um tolo se ignorasse que, pela primeira vez em séculos, os

Damaji estão de acordo acerca de quem deverá ser o seu sucessor.

Jardir olhou novamente os Damaji. Poderia ser efeito da sua imaginação, mas pareceu-lhe que Amadeveram lhe esboçou um ligeiro aceno com a cabeça.

— Serás Sharum Ka — disse o Andrah, sem rodeios. — A noite será tua.

Jardir abriu as mãos e debruçou-se para diante sob os joelhos, encostando a testa à carpete grossa diante do trono.

— Serei o teu braço forte na noite — jurou.

— Farei o anúncio no Sharik Hora esta noite — disse o Andrah.

— Podes ir.

Jardir encostou novamente a testa ao chão, recordando as instruções de Inevera. Os Damaji começavam já a murmurar. Se pretendia falar, deveria fazê-lo naquele momento.

— Santidade — começou, vendo os olhos do Andrah voltarem-se para ele com irritação. — Peço a tua bênção e a dos Damaji para tomar uma esposa fértil de cada tribo, como sinal de união entre os Sharum.

O Andrah olhou-o, estarrecido, tal como os Damaji. Nem as Damaji'ting conseguiram esconder o seu interesse súbito.

— É um pedido invulgar — disse, por fim, o Andrah.

— Invulgar? — repetiu Amadeveram. — É inaudito! És Kaji! Não abençoarei o teu casamento com alguma...

— Não precisas de o fazer — interrompeu Aleverak, esboçando um sorriso amplo. — Estou mais do que disposto a conduzir a cerimónia, se o Sharum Ka desejar uma esposa Majah.

— Não duvido que te agradaria diluir o sangue puro dos Kaji — rosnou Amadeveram, mas Aleverak não mordeu o isco e limitou-se a sorrir.

— Também eu abençoarei o casamento com uma filha dos Sharach — disse o Damaji Kevera dos Sharach. Nos momentos seguintes, os restantes Damaji seguiram o exemplo, todos ávidos por uma voz permanente na corte do Primeiro Guerreiro.

— Não podereis concordar com isto! — disse Amadeveram, voltando-se para o Andrah.

— Sou eu o Andrah e não tu, Amadeveram — disse o Andrah.

— Se o Sharum Ka deseja unidade e os Damaji concordam, não vejo motivo para recusar. Tal como eu, o Primeiro Guerreiro eleva-se acima da sua tribo

quando recebe o turbante.

Jardir viu-o voltar-se para olhar as Damaji’ting pela primeira vez.

— Esta questão reside mais no reino das mulheres do que no reino daqueles que erguem a lança — disse, não se dirigindo a nenhuma das mulheres em particular. — Que dizem as Damaji’ting a esta proposta?

As mulheres voltaram as costas aos homens e reuniram-se para trocar sussurros abafados e impossíveis de compreender. Momentos depois, terminaram e voltaram-se novamente para o Andrah.

— As Damaji’ting não levantam qualquer objecção — disse uma delas.

Amadeveram franziu a testa e Jardir soube que tinha enfurecido o homem, talvez de forma irreparável, mas, naquele momento, não havia nada que pudesse fazer para o evitar. Tinha já três esposas Kaji, incluindo a sua Jiwah Ka. Teria de bastar.

— Então está decidido — disse Aleverak. — A minha neta acaba de completar catorze anos, Sharum Ka. É bela e não conheceu homem. Dar-te-á filhos fortes.

Jardir curvou-se numa vénia demorada.

— As minhas desculpas, Damaji, mas o dever de escolher as minhas noivas pertencerá à minha Jiwah Ka. Lançará os alagai hora para assegurar as bênçãos de Everam para cada união.

Ouviu-se novo burburinho entre as Damaji’ting e o sorriso amplo de Aleverak desapareceu por um instante, como sucedeu com os sorrisos de muitos dos outros Damaji. Mas era demasiado tarde para retirarem o seu apoio. A expressão de desagrado de Amadeveram transformou-se numa satisfação altiva.

— Basta de falar de esposas! — bradou o Andrah. — Tens a tua mercê, Sharum Ka. Vai-te e não perturbes mais a minha corte!

Jardir curvou-se a partiu.



— És tolo? — perguntou Amadeveram. Jardir não conseguiu sair do palácio do Andrah antes de o velho Damaji o alcançar, puxando-o para uma sala vazia.

— Claro que não, meu Damaji — respondeu Jardir.

— Aparentemente, apenas serei «teu» por algumas horas — considerou Amadeveram.

Jardir encolheu os ombros.

— Continuarei a dever fidelidade ao conselho dos Damaji, que fala pela tua voz. Mas, como Sharum Ka, devo representar os guerreiros de todas as tribos.

— O Sharum Ka não representa guerreiros, comanda-os! — gritou Amadeveram. — Seres Kaji prova que Everam deseja que os Kaji governem! Não podes insistir neste plano tresloucado.

— Para o bem de Krasia, posso e fá-lo-ei — disse Jardir. — Não serei um fantoche fraco ao teu serviço, como o último Sharum Ka. Os guerreiros precisam de unidade para serem fortes. Tornar-me uno com todos eles é a única forma de conquistar a sua devoção.

— Voltas costas à tua tribo! — gritou Amadeveram.

— Não. Volto-me de frente para as outras — disse Jardir. — Imploro-te que faças o mesmo.

— Que me volte para os nossos inimigos mortais? — disse Amadeveram, chocado. — Prefiro morrer em vergonha!

— Havia apenas uma tribo no tempo de Kaji — recordou-o Jardir. — Os nossos inimigos mortais partilham o nosso sangue.

— Não tens sangue de Kaji — disse Amadeveram, cuspindo nos pés de Jardir. — O sangue do Shar’Dama Ka transformou-se em mijo de camelo nas tuas veias.

A expressão de Jardir enegreceu e, por um momento, ponderou atacá-lo. Amadeveram era um grande mestre de sharusahk, mas Jardir era mais jovem, mais forte e mais rápido. Conseguiria matar o velho.

Mas ainda não era Sharum Ka. Matar Amadeveram serviria apenas para destruir os planos de Inevera e custar-lhe-ia o Trono da Lança.

«Estarei condenado ao sucesso sem honra?», perguntou a si próprio.



— O Sharum Ka está morto! — gritou o Andrah aos guerreiros reunidos no Sharik Hora. Os Sharum que preenchiam as fileiras de bancos do grande templo rugiram ao ouvir a notícia, batendo com lanças contra escudos em grande cacofonia que se destinava a anunciar a Everam a chegada do Primeiro Guerreiro. — Mas não abdicaremos da noite como fazem os do Norte! — gritou

o Andrah quando o ruído acalmou. — Somos krasianos! Sangue do próprio Shar'Dama Ka! E lutaremos até ao regresso do Libertador ou até a lança tombar das mãos do último nie'Sharum e Krasia ficar sepultada na areia!

Os guerreiros uivaram ao ouvir as suas palavras, erguendo as lanças no ar.

— E, assim, escolhi um novo Sharum Ka para liderar a alagai' sharak — disse o Andrah. — Quando era nie'Sharum, escolheram-no como Nie Ka e ergueu-se nas muralhas aos doze anos, o mais jovem a fazê-lo num século! Não passou seis meses nessa posição até enredar um demónio que matara o seu Vigia e lançara por terra o seu instrutor. Por isto, foi levado ao pavilhão Kaji, o mais jovem a conquistar essa honra desde o Regresso. Lutou com tamanha valentia na sua primeira noite na alagai'sharak que foi enviado para o Sharik Hora, estudando durante cinco anos com os dama para receber as suas vestes negras, tornando-se o kai'Sharum mais jovem desde o próprio Libertador!

Isto provocou um murmúrio entre os Kaji, que conheciam bem os feitos de Jardir. O Andrah hesitou por um momento, para permitir que o entusiasmo se espalhasse, e prosseguiu: — Há duas noites, comandou os seus guerreiros num arrojado auxílio aos Sharach, que se encontravam à beira da destruição, matando alagai com as mãos nuas enquanto os seus homens ainda preparavam as lanças!

O murmúrio aumentou de intensidade. Não havia homem, mulher ou criança em Krasia que não tivesse ouvido aquela história.

— Ahmann asu Hoshkamin am'Jardir am'Kaji, ergue-te diante do Trono dos Crânios! — ordenou o Andrah. Os guerreiros manifestaram ruidosamente o seu júbilo e fizeram bater as lanças contra os escudos quando Jardir surgiu, vestindo as vestes negras de Sharum e trazendo a cabeça descoberta.

Inevera caminhava silenciosamente a seu lado enquanto se dirigia para o Trono dos Crânios e se prostrava, ajoelhando-se rapidamente para apoiar a testa sobre o Evejah do Andrah, pressionando-o contra o tapete. O livro sagrado fora escrito com sangue de dal'Sharum em pergaminho fabricado com pele de kai'Sharum, encadernado com a pele de um Sharum Ka. Rachar-lhe-ia o crânio se mentisse enquanto o tocava.

— Serves Everam em todas as coisas? — perguntou o Andrah.

— Sirvo, Santidade — jurou Jardir.

— Serás o Seu braço forte na noite, cobrindo de honra os tronos do Sharik Hora?

— Serei, Santidade.

— Estás preparado para segurar as rédeas da alagai'sharak até ao regresso do Shar'Dama Ka ou até à tua morte? — perguntou o Andrah.

— Estou, Santidade.

— Então ergue-te — disse o Andrah, elevando bem alto o turbante branco do Sharum Ka para que todos o vissem. — A noite espera o seu Sharum Ka.

Jardir ergueu-se e o Andrah voltou-se para Inevera. Passou-lhe o turbante e esta colocou-o sobre a cabeça de Jardir.

Os Sharum rugiram e bateram com os pés, mas Jardir mal notou. Por que não fora o Andrah a colocar-lhe o turbante pessoalmente, como era costumeiro? Porquê passar a honra a Inevera?

— Basta de te deleitares com a tua glória e diz as palavras — sussurrou Inevera, arrancando-o à sua reflexão. Jardir sobressaltou-se e voltou-se para os Sharum reunidos. Eram quase seis mil lanças. Haviam sido dez mil, não muito tempo antes, mas o Sharum Ka anterior desperdiçara vidas. Jardir prometeu a si mesmo que não faria o mesmo.

— Meus irmãos na noite — disse Jardir. — Vivemos uma era gloriosa para qualquer Sharum! Sozinhas, as tribos de Krasia fazem os alagai tremer de medo, mas, unidos, não há nada que não possamos fazer!

Os guerreiros rugiram e Jardir esperou que o ruído cessasse.

— Mas, quando vos olho, vejo divisão! — gritou. — Os Majah sentam-se do lado oposto ao que é ocupado pelos Kaji! Os Jama evitam os Khanjin! Não existe uma tribo que não veja inimigos entre estas paredes! Devemos ser irmãos na noite, mas quem entre vós se ofereceu para se erguer entre os Sharach, cujos números foram dizimados?

Houve silêncio. Os guerreiros não sabiam como responder. Reconheciam a verdade das suas palavras, mas os ódios tribais eram profundos e não seriam facilmente ignorados, mesmo que se desejasse fazê-lo. E poucos o desejavam.

— Diz-se que o Sharum Ka não pertence a qualquer tribo — continuou Jardir. — Mas, para mim, isso é ainda pior! Que lealdade poderá ter um homem sem tribo? O Evejah diz-nos que a única lealdade verdadeira é a do sangue. Por isso — indicou com uma mão o Andrah e os Damaji nos seus tronos —, pedi aos nossos líderes que me permitissem unir o meu sangue ao de todos vós. Com a bênção do Andrah — continuou Jardir — os Damaji concordaram em casar-me

com filhas férteis das suas tribos, que me gerem filhos Sharum a quem serei sempre leal.

Instalou-se um silêncio chocado e, em seguida, ecoou pelo templo um rugido de aprovação de todas as tribos à excepção dos Kaji. Claramente, acreditaram que Jardir manteria a lealdade à sua tribo, como tinham feito todos os Sharum Ka anteriores, independentemente do que dissesse o Evejah.

«Que amuem», pensou Jardir. «Conquistá-los-ei no Labirinto.»

— E assim — entoou, acalmando novamente o templo —, logo que a minha Jiwah Ka escolha as minhas noivas, os Damaji concretizarão os rituais de matrimónio.

Nesse momento, Inevera deu um inesperado passo adiante, surpreendendo de igual forma Jardir, os Sharum e os líderes reunidos. Quereria falar? Era inaudito que uma mulher, dama'ting ou não, tivesse falado no Sharik Hora.

Mas, aparentemente, tudo o que Inevera fazia era inaudito.

— Que não haja demora — disse, erguendo a voz. — Avancem as noivas do Sharum Ka!

Jardir abriu a boca. Já tinha escolhido as noivas? Impossível!

Mas onze mulheres dirigiram-se ao grande altar do Sharik Hora, ajoelhando diante dos espantados Damaji das suas tribos. Jardir viu-as e sentiu-se afundar.

Eram todas dama'ting.

O palácio do Sharum Ka era mais pequeno do que o palácio Kaji, mas, enquanto esse albergava dúzias de kai'Sharum, dama e suas famílias, aquele pertencia apenas a Jardir. Recordou os anos passados a dormir sobre um pano imundo no chão apinhado do Kaji'sharaj e contemplou, maravilhado, o esplendor de tudo aquilo. Em todo o lado havia ricos tapetes, veludos e sedas. Comia em pratos de porcelana tão fina que receava tocá-los e bebia de cálices dourados incrustados de pedras preciosas. E as fontes! Não havia nada em Krasia mais valioso do que a água e, no entanto, até o quarto da sua mãe possuía uma fonte de água fresca.

Deitou Qasha sobre uma pilha de almofadas, deleitando-se com o agitar dos seus seios suaves claramente visíveis sob a roupagem diáfana. Tinha as pernas

cobertas com o mesmo tipo de tule, expondo-lhe o sexo, rapado e perfumado. A luxúria dominou-o quando caiu sobre ela e pensou que estar casado com doze dama'ting não era a tarefa árdua que receara.

Qasha dos Sharach era, de longe, a preferida de Jardir entre as novas esposas. Quase tão bela como Inevera, era muito mais obediente, despindo-se assim que lho pedia. A sua barriga permanecia lisa, mas, após seis semanas de casamento, já abrigava o seu filho, o primeiro gerado pelas novas esposas. Sabia que devia possuir outra, enchendo o palácio de ventres preenchidos que o unissem às tribos, mas a condição de Qasha conseguia apenas excitar ainda mais a luxúria que Jardir sentia por ela. Inevera parecia não se importar. Muito menos severa com as suas Jiwah Sen dama'ting, permitia que Jardir se deitasse com elas como desejasse. Jardir gostava de manter Qasha por perto, pois servia-o como devia fazer uma verdadeira esposa.

Rindo, Qasha empurrou-o e fê-lo deitar-se de costas, montando-o com avidez.

— Ossos de Everam, mulher! — gritou Jardir, gemendo quando ela se instalou sobre ele.

— Devo parecer tímida quando me deito sobre as almofadas com o Sharum Ka? — perguntou Qasha, erguendo-se e caindo com vigor. — Na noite passada, o próprio Andrah falou da glória que conquistaste no Labirinto desde que ascendeste ao cargo. É uma honra embainhar a tua lança. — Debruçou-se para ele, movendo o corpo de forma ritmada. — Uma mulher pode carregar dois filhos no mesmo ventre — sussurrou Qasha entre beijos perfumados.

— Talvez possas semear outro filho dentro de mim. — Jardir começou a responder, mas ela riu-se e abafou-lhe as palavras, dando-lhe um seio para sugar. Durante longos minutos, suaram e debateram-se na única batalha capaz de rivalizar com a alagai'sharak.

Quando terminaram, Qasha saiu-lhe de cima e deitou-se, erguendo as pernas para conter a sua semente.

— Estavas no palácio na noite passada, quando parti ao anoitecer — disse Jardir, após um momento.

Qasha olhou-o e, por um instante, o medo alterou-lhe a face bela antes de ser substituído pela máscara fria de uma dama'ting que Jardir se habituou a esperar das suas esposas sempre que falava de coisas além de fazer amor e crianças.

— Estava — admitiu.

— Então quando viste o Andrah? — perguntou Jardir. — Mulheres grávidas, mesmo que sejam dama'ting, estão proibidas de sair do palácio à noite.

— Enganei-me — disse Qasha. — Aconteceu noutra noite.

— Em que noite? — insistiu Jardir. — Em que noite levaste o meu filho por nascer da segurança do palácio sem minha autorização?

Qasha ergueu-se.

— Sou dama'ting e não te devo qualquer...

— És minha jiwah! — rugiu Jardir, silenciando-a. — O Evejah não prevê excepções para as dama'ting quando determina a obediência das esposas! — Era suficientemente mau que Inevera ignorasse essa lei sagrada como lhe apetecesse, mas não daria igual poder a todas as suas esposas. Era o Sharum Ka!

— Não passei além das guardas! — gritou Qasha, estendendo as mãos. — Juro!

— Mentiste quando referiste as palavras do Andrah? — perguntou Jardir, cerrando um punho.

— Não! — gritou Qasha.

— Então o Andrah esteve aqui, no meu palácio? — perguntou Jardir.

— Por favor, estou proibida de falar no assunto — disse Qasha, baixando os olhos em sinal de submissão.

Jardir segurou-a com firmeza, forçando-a a olhá-lo nos olhos.

— Só eu te posso proibir de fazer alguma coisa!

Qasha debateu-se e libertou-se, desequilibrando-se e caindo no chão. Irrompeu em lágrimas, tremendo enquanto escondia a face com as mãos. Parecia tão frágil e assustada que toda a raiva abandonou Jardir. Ajoelhou e pousou-lhe as mãos com delicadeza nos ombros.

— De todas as minhas esposas — disse —, és tu a que mais me agrada. Peço apenas a tua lealdade. Não serás punida pela tua resposta. Juro-o.

Olhou-o com olhos redondos e húmidos enquanto ele lhe afastava o cabelo da face, limpando-lhe as lágrimas com os polegares. Qasha recuou, olhando o chão. Quando falou, a sua voz era tão baixa que mal conseguiu ouvi-la.

— Nem tudo permanece tranquilo no palácio do Sharum Ka durante a noite — disse —, quando o mestre se ocupa da alagai'sharak.

Jardir conteve um impulso de fúria.

— E quando voltará o palácio a ser perturbado?

Qasha abanou a cabeça.

— Não sei — soluçou.

— Então lança os ossos e descobre — ordenou Jardir.

Olhou-o, escandalizada.

— Não poderia!

Jardir rosnou, sentindo que a fúria aumentava novamente, enquanto amaldiçoava em silêncio o dia em que desposara dama'ting. Mesmo que não trouxesse no ventre o seu filho, Jardir não poderia golpear Qasha e ela sabia-o. Havia um nível no abismo de Nie reservado aos homens que tinham agredido uma dama'ting.

Mas Jardir recusou-se a ser dominado por cada uma das suas esposas por não poder discipliná-las como o Evejah ensinava. Havia outras formas de a amedrontar.

— A tua desobediência cansa-me, jiwah — disse. — Lança-os ou enviarei os Sharach para o primeiro círculo e a tua tribo será devorada pela noite. Os rapazes serão expulsos do Hannu Pash como khaffit e as mulheres serão pegas das tribos menores. — Não faria tal coisa, claro, mas ela não precisava de o saber.

— Não te atreverias! — disse Qasha.

— Por que permitiria honra à tua tribo quando me negas a minha? – quis saber Jardir.

Começara a chorar abertamente, mas, mesmo assim, Qasha levou a mão ao saco grosso de feltro negro que cada dama'ting trazia sempre consigo. O seu estava preso à cintura nua por um fio de contas coloridas.

Habituado à prática, Jardir caminhou até às pesadas cortinas de veludo para as correr, bloqueando a luz que pudesse quebrar a magia e inutilizar os dados.

Qasha acendeu uma vela. Olhou-o, com o temor visível nos olhos.

— Jura — implorou. — Jura que nunca contarás à Jiwah Ka que fiz isto por ti.

Inevera. Claro que Jardir esperava que a sua Primeira Esposa estivesse no centro de qualquer intriga no seu palácio, mas dilacerava-o ouvi-lo. Era o Sharum Ka e continuava a não ser digno de conhecer os seus planos.

— Juro por Everam e pelo sangue dos meus filhos — disse Jardir.

Qasha acenou afirmativamente e lançou os ossos. Jardir observou a sua luz malévola e pensou, pela primeira vez, se não seriam a voz de Everam em Ala.

— Esta noite — sussurrou Qasha.

Jardir acenou com a cabeça.

— Guarda os ossos. Não voltaremos a falar disto.

— E os Sharach? — perguntou Qasha.

— Nunca teria exercido vingança sobre a tribo do meu filho — disse Jardir, pousando-lhe uma mão sobre o ventre. Qasha suspirou e pousou a cabeça no seu ombro, acalmando-se e permitindo que a tensão a abandonasse.



Enquanto o Sol chegava ao fim do seu arco, Jardir deixou Qasha adormecida sobre a cama de almofadas e vestiu a túnica negra, colocando sobre a cabeça o turbante branco. Escolheu a sua lança e escudo preferidos e desceu para jantar com os seus kai'Sharum.

Comeram carne com especiarias e beberam água fria, servidos pela mãe de Jardir, pelas esposas dal'ting e pelas suas irmãs. As suas esposas dama'ting permaneceriam, certamente, nas sombras, ouvindo as conversas, mas nunca se dignariam a servir à sua mesa, sendo ou não jiwah. Ashan, o seu conselheiro espiritual, sentava-se ao fundo da mesa, voltando-se para ele. Shanjat, que sucedera Jardir como kai'Sharum da sua unidade pessoal, sentava-se à direita de Jardir e Hasik, o seu guarda-costas pessoal, permanecia à esquerda.

— Quais foram as nossas perdas na última noite? — perguntou Jardir enquanto bebiam chá.

— Perdemos quatro, Primeiro Guerreiro — respondeu Ashan.

Jardir olhou-o, surpreso.

— Os Kaji perderam quatro guerreiros?

Ashan sorriu.

— Não, meu amigo. Krasia perdeu quatro. Dois Iscos e dois Vigias. Todos dal'Sharum que tinham passado o seu auge e que partiram para a glória.

Jardir retribuiu o sorriso. Desde que se tornara Sharum Ka, as perdas de cada noite tinham diminuído e as mortes de demónios aumentado.

— E os alagai? — perguntou. — Quantos viram o Sol?

— Mais de quinhentos — respondeu Ashan.

Jardir riu-se. Suspeitou que o número real seria metade daquele, sendo habitual que cada tribo exagerasse as suas presas, mas não deixava de ser uma noite

muito proveitosa, muito mais do que conseguira o Sharum Ka anterior.

— As tribos do oitavo círculo continuam sem conhecer a glória — disse Ashan. — Ponderávamos deixar os portões do Labirinto abertos durante mais tempo esta noite para assegurar que haverá alagai suficiente para todos matarem.

Jardir acenou afirmativamente.

— Dez minutos adicionais. Se não for suficiente, acrescenta dez amanhã. Estarei nas muralhas esta noite, inspeccionando os novos escorpiões e catapultas.

Ashan curvou-se.

— Como ordena o Sharum Ka.

Depois da refeição, partiram para o Sharik Hora, onde os Damaji louvaram os seus sucessos e abençoaram a batalha da noite vindoura. Quando os guerreiros se dirigiram para o Labirinto, Jardir demorou os seus dois tenentes.

— Tu usarás o turbante branco esta noite, Hasik — disse Jardir.

Uma luz selvática iluminou os olhos de Hasik.

— Como ordena o Sharum Ka. — Curvou-se.

— Não podes falar a sério! — disse Ashan. — Fazer um dal'Sharum passar pelo Sharum Ka é uma violação do nosso juramento sagrado!

— Tolice — considerou Jardir. — Há relatos no Evejah de como o Kaji preparava tais jogos com frequência, quando não desejava que os seus movimentos fossem conhecidos.

— Perdoa-me, Primeiro Guerreiro — disse Ashan —, mas não és o Libertador.

Jardir sorriu.

— Talvez não. Mas o que é o Evejah senão algo que o Shar'Dama Ka deixou para nos instruir?

Ashan franziu a testa.

— E se Hasik for descoberto?

— Não será — disse Jardir. — Com o seu véu nocturno, as equipas de catapulta não o reconhecerão, pois raramente me viram de perto. Hasik será visto no topo das muralhas por todos e ninguém entre os Sharum questionará que estive no Labirinto esta noite.

— Se estiveres enganado, será morto — advertiu Ashan.

Jardir encolheu os ombros.

— Hasik matou centenas de alagai. Se for esse o seu destino, acordará no paraíso.

— Não receio, Sharum Ka — disse Hasik.

Ashan roncou.

— Os tolos raramente receiam — murmurou. — Mas onde irás — perguntou a Jardir —, enquanto os outros julgarem que estás sobre a muralha?

— Ah — replicou Jardir, colocando o turbante negro de Hasik e prendendo o véu. — Isso só a mim dirá respeito.



As ruas de Forte Krasia eram silenciosas à noite. Todos os verdadeiros homens tinham partido para a batalha e os khaffit, as mulheres e as crianças estavam trancados na Subcidade. Como todos os palácios da cidade, o de Sharum Ka tinha muralhas e guardas próprias, com os níveis inferiores ligados à Subcidade em vários pontos. O palácio era tão inexpugnável para os alagai como qualquer outro no mundo, e apenas se um demónio conseguisse superar as muralhas exteriores de Krasia, o que, tanto quanto Jardir sabia, nunca acontecera.

Jardir escondia-se nas sombras. As suas vestes negras de dal'Sharum tornavam-no invisível na escuridão. Mesmo que houvesse alguém presente para ver, ninguém teria notado a sua passagem.

Os portões do palácio estavam fechados, mas os seus anos como nie'Sharum tinham-no ensinado a trepar muralhas com facilidade. Bastaram alguns momentos para descer da muralha pela face oposta.

Nada parecia fora do normal enquanto atravessava o complexo que constituía o palácio. As janelas estavam escuras e a torre permanecia em silêncio. Mesmo assim, as palavras de Qasha roíam-no. «Nem tudo permanece tranquilo no palácio do Sharum Ka durante a noite.»

Jardir moveu-se pelos corredores escuros e silenciosos do seu lar como se fosse um ladrão, usando tudo o que aprendera nas emboscadas aos alagai no Labirinto. Não permitia sequer que uma cortina esvoaçasse à sua passagem enquanto, um a um, verificava o interior dos salões de audiência e das salas de recepção, qualquer sítio que pudesse abrigar uma reunião dos que fossem suficientemente ousados para desafiar o recolher. Mas não encontrou ninguém.

«Como deve ser», pensou. «Estão todos nos níveis inferiores, barrados por dentro, como dita a lei. Foste um tolo por teres vindo. Ashan estava certo. Fazes

jogos com o teu dever para satisfação da tua curiosidade. Morrem homens na noite enquanto tu te esgueiras para o interior da tua própria casa.»

Estava prestes a partir, dirigindo-se de volta ao Labirinto, quando captou um som vindo dos seus aposentos. O ruído tornou-se cada vez mais nítido à sua aproximação. Espreitou por trás de uma cortina e viu dois kai'Sharum com a faixa branca da guarda pessoal do Andrah, erguendo-se diante da porta do seu quarto. Os sons tornaram-se mais claros e percebeu o que eram.

Os gritos de Inevera.

A raiva dominou-o, mais tórrida do que julgaria possível. Antes sequer de perceber que se movia, o seu punho estilhaçava a coluna de um dos kai'Sharum. O homem grunhiu, mas foi prontamente silenciado quando embateu no chão e Jardir lhe esmagou a garganta com o calcanhar.

O outro guerreiro rodopiou prontamente, movendo-se com a graça que se esperaria de um Sharum treinado no Sharik Hora, mas a raiva de Jardir não poderia ser contida. O guerreiro tentou segurá-lo, mas Jardir esquivou-se aos seus braços estendidos e ergueu-se atrás dele, prendendo o queixo do homem com uma mão e a nuca com a outra. Um movimento rápido e o homem caiu sobre a carpete, morto.

Jardir voltou-se, pontapeando a porta com força. Estava trancada por dentro, mas limitou-se a cerrar os dentes e a pontapear novamente, conseguindo arrancar a tranca e projectando a porta com estrondo para dentro.

Parou diante da cena que tinha à frente dos olhos, sentindo que uma lâmina o atingira no coração. Esperara encontrar o Andrah a forçar Inevera, mantendo-a deitada, mas era precisamente o oposto. A sua esposa, nua, cavalgava o gordo com o abandono com que Qasha o cavalgara a si naquela manhã. O Andrah olhou-o, com receio, mas estava imobilizado pelo peso ligeiro de Inevera. Jardir viu-a voltar-se e, na sua raiva, não conseguiu perceber se imaginava o ligeiro sorriso aos cantos da sua boca enquanto lhe roubava os últimos resquícios da honra.

Se, antes, a sua raiva ardera como uma fornalha, tornava-se agora semelhante ao quinto nível do abismo de Nie. Caminhou até um suporte na parede, escolhendo uma lança curta. Quando se voltou, o Andrah conseguira libertar-se de Inevera. Erguia-se, nu, no quarto de Jardir. O seu membro flácido quase se escondia por completo na sombra do seu enorme ventre. Aquela visão encheu

Jardir de repulsa.

— Pára! Ordeno-te que pares! — gritou o Andrah, enquanto Jardir carregava, mas a ordem foi ignorada e Jardir golpeou o homem na face com o pé da lança.

— Nem tu podes negar a um marido o seu direito! — gritou Jardir enquanto o Andrah embatia no chão. — Faço um favor a Krasia nesta noite! — Ergueu a lança para empalar o homem.

Inevera segurou-lhe o braço.

— Tolo! — gritou. — Arruinarás tudo!

Jardir voltou-se e golpeou Inevera na face, derrubando-a.

— Não receies, Jiwah infiel — disse, voltando-se novamente para o Andrah. — A minha lança depressa irá ao teu encontro.

Ergueu novamente a lança e o Andrah gritou, mas, nesse momento, tudo ficou laranja e vermelho e Jardir foi atingido por uma força inacreditável que o lançou para longe do seu alvo. As placas de barro cosidas no interior das suas vestes pesadas de guerreiro absorveram a maior parte do golpe, mas, quando recuperou do choque com a parede, descobriu que a roupa lhe ardia. Com um gritou, despiu-se.

Olhou Inevera, vendo que segurava o crânio de demónio da chama que trouxera ao seu primeiro encontro no Sharik Hora. Erguia-se, nua, diante de dois homens, sem qualquer pudor, sabendo que, mesmo agora, a sua beleza não conhecia rival. O ódio e a luxúria debatiam-se dentro de Jardir, procurando dominá-lo.

— Pára com esta tolice! — gritou Inevera.

— Não recebo ordens tuas — disse Jardir. — Reduz este palácio a cinzas se assim o desejares. Não me impedirás de matar este porco gordo e de te possuir sobre o seu cadáver! — O Andrah guinchou, mas Jardir rosnou, silenciando-o.

Inevera nem sequer vacilou, erguendo um objecto de pequenas dimensões na sua outra mão. Parecia um pedaço de carvão até a guarda cintilar, fazendo Jardir perceber que era também um alagai hora. O pedaço enegrecido de osso emitiu um ruído e projectou faíscas prateadas de magia, como um relâmpago dirigido a Jardir.

Foi erguido do ar e projectado novamente contra a parede. O corpo estremeceu-lhe com agonia além de qualquer coisa que pudesse imaginar. Tentou abrir-se a ela, mas a dor cessou tão rapidamente como começara, deixando apenas um

terror intenso no seu rasto. Voltou-se novamente para Inevera, mas viu-a erguer novamente o osso e o relâmpago atingiu-o uma segunda vez e outra ainda, após conseguir manter os pés no chão. Tentou erguer-se uma terceira vez, mas os membros não obedeceram aos seus comandos e os músculos eram afectados por espasmos incontroláveis.

— Por fim, entendemo-nos — disse Inevera. — Sou a vontade de Everam e é melhor que abandones qualquer intuito de me resistir. Se consegui conquistar-te o turbante branco por me deitar com um porco gordo, deverias agradecer-me pelo sacrifício que fiz e não tentar arruinar tudo.

— Porco gordo?! — gritou o Andrah, erguendo-se, por fim. — Eu...!

—... estás vivo apenas porque desejo que assim seja — disse Inevera, erguendo o crânio do demónio. Chamas mostraram-se entre as suas mandíbulas e o Andrah empalideceu.

— Foi-me necessário que apoiasses Jardir até conseguir conquistar os Sharum e os Damaji das outras tribos — disse. — Mas, agora que Qasha espera uma criança, os Sharum verão que é irmão de todos eles durante o dia, como durante a noite. Nunca conseguirás depô-lo.

— Eu sou o Andrah! — gritou o homem. — Posso arrasar este palácio com um gesto da mão!

Inevera riu-se.

— Então, terás uma guerra civil. E, mesmo que matasses Ahmann, que farias às dama'ting suas esposas? Irias violá-las e chaciná-las como é costumeiro? O Evejah é claro quanto ao destino dos que se atreverem a ferir uma dama'ting.

O Andrah franziu a testa, não conseguindo responder-lhe.

— Os portões do Paraíso passam a estar fechados — disse ela, lançando um pano de seda sobre os ombros para cobrir a nudez. — Talvez voltem a abrir-se da próxima vez que precisar de uma proclamação tua ou talvez envie Ahmann para que a escreva com o teu sangue. Mas, até lá, leva a tua lança velha e mirrada de volta para o teu palácio.

Sem sequer se preocupar em vestir-se, o Andrah reuniu a roupa nos braços e apressou-se a sair do quarto.

Inevera aproximou-se de Jardir, ajoelhando a seu lado. O fragmento de osso de demónio que usara para projectar relâmpagos desintegrou-se e varreu a cinza da mão, perdendo-se em pensamentos.

— És forte — disse. — Poucos homens conseguiriam erguer-se após um golpe. Menos ainda após três. Terei de usar um osso maior quando talhar um novo esta noite.

Estendeu-se para ele, tocando-lhe o cabelo e acariciando-lhe a cara.

— Ah, meu amor — disse-lhe, tristemente. — Como desejava que não tivesses presenciado isto.

Jardir tentou conter a língua, que lhe parecia ter inchado até encher toda a boca.

— Porquê? — conseguiu dizer, finalmente.

Inevera suspirou.

— O Andrah pretendia executar-te pela morte tão desonrosa do seu amigo. Fiz o que era necessário para te salvar a vida e para te conseguir o poder. Mas não receies. Aproxima-se rapidamente o dia em que o arrancaremos ao trono e, nesse dia, poderás castrá-lo com as tuas próprias mãos.

— Sabias... — começou Jardir, incapaz de completar a frase. Engoliu com força, tentando humedecer a língua, mas até isso parecia um esforço demasiado grande.

Inevera ergueu-se e trouxe-lhe água, levando-lha aos lábios e massajando-lhe o pescoço para o ajudar a engolir. Usou a sua cobertura de seda para lhe secar a boca, expondo um dos seios. Jardir tentou perceber como, naquele momento, conseguia continuar a desejá-la. Mas era inegável.

— Sabias que chegaria a isto — perguntou —, quando me fizeste matar o Sharum Ka? — Novamente, implorou aos membros que se movessem e, novamente, estes recusaram-se a obedecer.

Inevera voltou a suspirar.

— Viveste apenas vinte Invernos, meu amor, e até tu consegues recordar um tempo em que Krasia contava com dez mil dal’Sharum. Os Damaji mais velhos recordam quando o número era dez vezes superior e os pergaminhos antigos mostram que os nossos números atingiam vários milhões antes do Regresso. A nossa gente morre, Ahmann, porque lhe falta um líder. Não lhes basta um Sharum Ka forte ou um Andrah poderoso. Precisam do Shar’Dama Ka, antes que Nie espalhe os nossos últimos ossos sobre as areias.

Inevera calou-se, quebrando o contacto visual e pareceu ponderar cuidadosamente as palavras seguintes.

— Não perguntei aos dados se voltaria a ver-te naquela primeira noite —

admitiu. — Perguntei se existia um homem em Krasia que conseguisse arrancar-nos a disputas mesquinhas e conduzir-nos de volta à grandeza e apontaram-me um rapaz que encontrei a chorar no Labirinto.

— Sou o Libertador? — perguntou Jardir, com voz rouca e incrédula.

Inevera encolheu os ombros.

— Os dados nunca mentem. Mas também nunca dão certezas absolutas. Mostraram futuros em que homens acreditarão que sim, unindo-se sob o teu comando e outros futuros em que seguirão outro ou não seguirão ninguém.

— Então de que servem? — perguntou Jardir. — Se o que dizes é inevera, o destino decidirá.

— Não há destino, tal como o entendes — disse Inevera —, excepto o que determina que a Sharak Ka, a batalha final, se aproxima e com rapidez. Não poderemos deixar o futuro chegar sem uma orientação. Tenho-te observado desde o primeiro dia em que vestiste o bido, meu amor. És a maior esperança para a salvação de Krasia e conquistar-te-ei todas as vantagens, mesmo que isso custe a honra do meu corpo ou a tua.

Jardir olhou-a com olhos arregalados. As palavras fugiram-lhe, tal como lhe fugia o controlo dos membros. Inevera curvou-se e beijou-lhe a testa, com lábios macios e frescos. Ergueu-se novamente, olhando para baixo com tristeza e vendo-o contorcer-se de forma impotente no chão.

— Tudo o que faço, faço-o por ti e pela Sharak Ka — disse, saindo do quarto.

Seis

Falso Profeta

333 DR Inverno

— OS CHIN REVELAM SER ESCRAVOS IDEAIS — disse Jayan. — Até os mais fracos entre eles valorizam de tal forma as suas vidas que nunca encontrarão a coragem suficiente para resistir. Esta é, na verdade, uma grande conquista, pai. A tua glória não conhece limites.

Jardir abanou a cabeça.

— Mover alguns grãos de areia não é maior sinal de força do que ver o Sol será sinal de excelente visão. Não existe glória no domínio dos fracos.

— Mesmo assim, é-nos muito favorável — insistiu Jayan. — A nossa vitória revela-se completa e sem custos.

Do extremo oposto, Abban abafou uma gargalhada, sentado à sua escrivaninha.

— Tens alguma coisa a acrescentar, khaffit? — questionou Jayan.

— Nada, meu príncipe — disse Abban, prontamente, erguendo os olhos dos livros de registo. Ergueu-se e apoiou-se sobre a sua muleta de camelo, iniciando uma vénia demorada. — Apenas tossi.

— Insisto — disse Jayan. — Por favor, diz-nos o que tanto te divertiu.

Os olhos de Abban moveram-se para Jardir, vendo-o acenar afirmativamente.

— Pode não ter havido perda de dal'Sharum, meu príncipe, mas existiram custos — disse Abban. — Alimento, roupa, abrigo, transporte. Manter em movimento um exército tão vasto como o vosso tem custos fabulosos. O teu pai pode controlar as riquezas das doze tribos e também a Dádiva de Everam, mas até a sua fortuna conhecerá um fim.

Asome acenou com a cabeça.

— O Evejah diz-nos: «Quando a bolsa de um homem se esvazia, os seus rivais tornam-se mais ousados.»

Jayan riu-se.

— Quem se atreveria a opor-se a meu pai? Além disso, por que deverá o Shar'Dama Ka pagar pelo que seja? Conquistámos esta terra. Podemos tomar o que desejarmos.

Abban concordou com um aceno.

— Assim é. Mas um mercador roubado deixa de possuir capital para renovar a sua mercadoria. Podes levar todas as velas fabricadas por um artesão, mas, se não pagares o seu custo, ver-te-ás sentado na escuridão quando se extinguir o último pavio.

Jayan roncou.

— As velas são para khaffit fracos que veneram pergaminhos. Não têm qualquer importância para guerreiros que lutam durante a noite.

— Então substitui-as por madeira e aço — disse Abban, pacientemente, como se falasse com uma criança. — Pano para fardas e barro cozido para armaduras. Couro e óleo para arreios. Estas coisas não se materializam do ar e, se roubarmos agora cada semente e cada cabra, não restará nada para nos encher o estômago no próximo ano.

— O teu tom não me agrada, comedor de porco — rosnou Jayan.

— Cala-te e atenta nas suas palavras — disse-lhe Jardir. — O khaffit oferece-te a sua sabedoria, meu filho, e serias sensato em aceitá-la.

Jayan olhou o pai, chocado, mas depressa se curvou numa vénia.

— Claro, pai. — Os seus olhos fixavam-se em Abban com fúria.

Jardir olhou Asome, que mantivera o silêncio durante tudo aquilo.

— E tu, meu filho? Que dizes das palavras do khaffit?

— O indigno tem razão — concedeu Asome. — Ainda existe entre os Damaji quem sinta rancor da tua ascensão e usariam qualquer privação dos membros da sua tribo como pretexto para semear a discórdia.

Jardir acenou afirmativamente.

— E que farias para resolver este problema?

Asome encolheu os ombros.

— Mataria e substituiria os Damaji desleais antes que ganhem ousadia.

— Isso também semearia discórdia — notou Jardir. Olhou Abban.

— É demasiado caro manter o nosso exército na cidade — disse este. — Por isso, deve ser dividido pelas aldeias. — Os filhos de Jardir olharam o mercador gordo, incrédulos.

— Mandar destroçar as tropas? Que tolice é esta? — quis saber Jayan. — Pai, este khaffit é um cobarde e um tolo! Imploro-te que me deixes matá-lo!

— Rapaz idiota! — ripostou Jardir. — Julgas que o khaffit diz palavras que me são desconhecidas?

Jayan fitou-o, chocado.

— Um dia, meus filhos — disse Jardir, olhando de Jayan para Asome —, morrerei. Se desejam sobreviver nos dias que se seguirão, deverão procurar sabedoria onde ela se encontre.

Jayan voltou-se para Abban e curvou-se. A vénia foi minúscula, quase não passava de um aceno de cabeça, e havia nos seus olhos um desejo de morte do mercador gordo por o ter humilhado.

— Por favor, khaffit, partilha a tua sabedoria.

Abban retribuiu a vénia, mesmo que a muleta lhe permitisse curvar-se mais.

— Com a perda dos celeiros, o centro da cidade não conseguirá suportar todos os homens de Krasia sem privação, meu príncipe. Mas existem centenas de pequenas aldeias dispostas em redor desta cidade como os raios de uma roda. Pediremos ao duque das terras verdes para providenciar listas e dividi-los-emos pelas tribos.

— É um território vasto para manter — notou Asome.

Abban encolheu os ombros.

— Para manter contra quem? Nenhum exército nos ameaça e, como diz o meu príncipe, os chin são escravos ideais. Será melhor que os exércitos do Shar’Dama Ka dispersem até serem necessários, poupando-lhe a necessidade de pagar o seu sustento. Ao invés, cada parcela tomará um território que explorará e taxará, permitindo que as mulheres e os velhos plantem nova colheita na Primavera. Daqui a um ano, as tribos serão mais ricas do que alguma vez foram, com milhares de nie’Sharum das terras verdes. Dando riqueza às tribos em vez de privações, quando os noviços atingirem a idade, o Shar’Dama Ka controlará o maior exército que o mundo alguma vez conheceu, com lealdade fanática e, o que é mais importante, que se sustentará a si próprio.

Jardir olhou os filhos.

— Percebem agora a utilidade dos khaffit?

— Sim, pai — responderam os rapazes, curvando-se em vénias idênticas.



O Damaji Ashan entrou na sala do trono, ajoelhando-se com ligeireza e tocando o chão com a testa. As suas vestes brancas estavam salpicadas de sangue e havia um brilho sinistro nos seus olhos, abaixo do turbante negro.

— Ergue-te, meu amigo — disse Jardir. Ashan fora sempre o seu conselheiro mais leal, mesmo antes da subida ao poder. Agora, falava por todos os Kaji, a tribo mais poderosa de Krasia, e nomeara como sucessor o filho mais velho, Asukaji, sobrinho de Jardir e filho da sua irmã, Imisandre. Depois do próprio Jardir, nenhum outro homem no mundo era igualmente poderoso.

— Shar'Dama Ka, há notícias que deverás ouvir — disse Ashan.

Jardir acenou afirmativamente.

— O teu conselho é sempre bem-vindo, meu amigo. Fala.

Ashan abanou a cabeça.

— Será melhor que ouças as palavras directamente da sua origem, Libertador.

Jardir arqueou uma sobrancelha ao ouvir aquilo, mas concordou com um aceno, seguindo Ashan para fora da mansão, até às ruas geladas da cidade. Não muito longe do palácio de Jardir, situava-se uma das casas de oração dos chin. Era modesta e desprovida de adorno quando comparada com o grande Sharik Hora, mas uma estrutura impressionante pelos padrões do Norte: três pisos em pedra resistente e com guardas poderosas.

Ashan foi o primeiro a entrar e Jardir viu que os dama tinham feito mais do que limitar-se a reclamar o Templo. Já o decoravam com os ossos branqueados e lacados dos dal'Sharum caídos em batalha desde a partida da Lança do Deserto. Com os espíritos dos mortos honrosos para o guardar, nenhum edifício no Norte estaria mais seguro.

Desceram degraus de pedra que conduziam a um labirinto de catacumbas frias abaixo da estrutura.

— Os chin sepultavam os seus mortos honrados aqui — explicou Ashan enquanto Jardir estudava os nichos vazios nas paredes.

— Limpámos o espaço de lixo indigno e convertemos estes túneis a melhor fim.

Como se lhe tivesse sido ordenado que o fizesse naquele preciso momento, um homem gritou e a sua agonia ecoou pelas paredes subterrâneas. Ashan não deu atenção ao ruído, conduzindo Jardir através dos túneis até uma sala em particular. No interior, vários clérigos nortenhos (Protectores, como lhes chamavam) estavam pendurados pelos pulsos, suspensos de uma trave no tecto ao meio da sala. O topo das suas túnicas tinha sido rasgado e a sua carne era atravessada pelos cortes profundos da cauda de alagai, um chicote capaz de vencer a coragem até dos homens mais corajosos.

Ashan fez afastar com um gesto os dal'Sharum torturadores, aproximando-se de um dos prisioneiros.

— Tu — disse, apontando —, repete o que disseste ao Shar'Dama Ka, se te atreves.

O Protector ergueu a cabeça debilmente. Um dos seus olhos estava fechado pelo inchaço e escorriam lágrimas sem cessar do outro, riscando o sangue e a imundície que lhe cobriam a face.

— Va' p'ro Núc'eo — conseguiu dizer, tentando cuspir sobre Ashan. O esforço foi débil e a saliva ensanguentada escorreu-lhe pelo lábio inferior.

Como resposta, um dos torturadores avançou, segurando uma tenaz. Segurou a face do Protector com firmeza, forçando-o a abrir a boca e prendendo com a tenaz um dos seus dentes incisivos. Os gritos do homem ecoaram pela sala.

— Basta — disse Jardir, após um momento. O torturador parou de imediato, curvando-se e recuando até à parede. O Protector deixou-se cair e apenas as grilhetas nos pulsos o mantinham na vertical. Jardir aproximou-se dele, olhando-o com tristeza. — Sou o Shar'Dama Ka, enviado por Everam, que possui misericórdia infinita. Fala com verdade e porei fim ao teu sofrimento.

O Protector ergueu os olhos para ele e pareceu recuperar uma partícula da sua compostura.

— Reconheço-te — conseguiu dizer. — Afirmas ser o Libertador, mas não és.

— E como sabes isso? — perguntou Jardir.

— Porque o Libertador já veio — disse o Protector. — O Homem Pintado caminha na escuridão e os nuclitas fogem diante dele. Salvou o Outeiro do Libertador da destruição e lidará contigo a seu tempo.

Jardir olhou Ashan, surpreso.

— Não são apenas as palavras de um homem, Shar'Dama Ka — disse o

Damaji. — Outros chin falam deste infiel guardado. Precisarás de destruir o falso profeta e de o fazer com rapidez, se desejas assegurar o lugar que te pertence por direito.

Jardir abanou a cabeça.

— As tuas palavras lembram as da minha esposa, velho amigo.

Sete

O Homem das Terras Verdes

326 DR

– UM DIA, SEREI SHARUM KA! — gritou Jayan, cravando a lança no boneco de trapos que Jardir lhe fizera. Balouçou preguiçosamente da corda presa a uma das traves do tecto.

Jardir riu, deleitando-se com a energia do filho. Jayan tinha agora doze anos e já vestia o seu bido, nunca passando fome na fila da comida. Jardir começara a ensinar sharukin aos filhos no dia em que deram os primeiros passos.

— Eu também quero ser Sharum Ka — lamentou Asome, com os seus onze anos. — Não quero ser um estúpido dama. — Puxou o pano branco que usava sobre um ombro.

— Ah, mas serás a ligação do Sharum Ka a Everam — disse Jardir. — E, talvez, um dia, sejas Damaji de todos os Kaji. Ou até Andrah. –

Sorriu, mas, por dentro, concordou com o rapaz. Queria que os seus filhos fossem guerreiros e não clérigos. A Sharak Ka aproximava-se.

Inicialmente, Inevera quisera que fosse Jayan a dedicar-se às vestes brancas, mas Jardir recusou terminantemente. Foi uma das suas poucas vitórias sobre ela, mas pensou se teria sido realmente uma vitória. Era mais provável que ela tivesse desejado desde o início que fosse Asome a vestir-se de branco.

Os outros rapazes amontoaram-se em redor, observando os irmãos mais velhos com espanto. A maioria dos restantes filhos de Jardir era demasiado jovem para o Hannu Pash e precisava de aguardar para descobrir o seu caminho. Os segundos filhos seriam dama, os outros Sharum. Era a primeira noite da Lua Minguante, quando se dizia que as forças de Nie se erguiam na máxima extensão do seu poder e quando Alagai Ka percorria a noite. Nada dava força a um guerreiro para enfrentar a noite como ver os filhos.

«E filhas», pensou, voltando-se para Inevera.

— Agradar-me-ia que as minhas filhas pudessem também regressar a casa na Lua Minguante.

Inevera abanou a cabeça.

— A sua formação não deverá ser perturbada, meu esposo. O Hannu Pash das nie'dama'ting é... rigoroso. — Com efeito, as raparigas tinham sido levadas em idade mais tenra do que os seus filhos. Não via as filhas mais velhas há anos.

— Certamente não poderão todas tornar-se dama'ting — disse Jardir. — Precisarei de filhas para casar com os meus homens mais leais.

— E terás — replicou Inevera. — Filhas que nenhum homem se atreverá a magoar e que te deverão lealdade superior até à que merecerão os seus maridos.

— E que deverão a Everam lealdade superior à que merecerá o seu pai — murmurou Jardir.

— Assim é — concordou Inevera. Jardir sentiu o sorriso da esposa atrás do véu. Estava prestes a retorquir quando Ashan entrou. O filho deste, Asukaji, da mesma idade que Asome, seguia-o no seu bido de nie'dama. Ashan curvou-se.

— Sharum Ka, os kai'Sharum desejam que arbitres uma disputa.

— Estou com os meus filhos, Ashan — disse Jardir. — Não pode esperar?

— Perdão, Primeiro Guerreiro, mas creio que não.

— Muito bem — suspirou Jardir. — Que se passa?

Ashan voltou a curvar-se.

— Creio que será melhor que o Sharum Ka avalie o problema por si — disse.

Jardir arqueou uma sobrancelha. Ashan nunca se mostrara relutante em partilhar a sua opinião sobre qualquer outro assunto, mesmo quando sabia que Jardir discordaria.

— Jayan! — chamou. — Traz a minha lança e o meu escudo! Asome! As minhas vestes!

Os rapazes apressaram-se a obedecer enquanto Jardir se erguia. Para sua surpresa, Inevera também se ergueu.

— Acompanharei o meu marido.

Ashan curvou-se.

— Como desejar a dama'ting.

Jardir fixou nela um olhar intenso. Que saberia? Que lhe teriam dito os malditos ossos sobre aquela noite?

Deixando as crianças para trás, os três depressa se puseram a caminho, descendo os grandes degraus de pedra do palácio do Sharum Ka, voltado para o campo de treino dos Sharum. No extremo distante, situava-se o Sharik Hora e, de cada lado do campo, os pavilhões das tribos.

Junto à base dos degraus, bem no interior das muralhas do palácio, um grupo de Sharum e dama rodeavam um par de khaffit. Jardir irritou-se com o que via. Era um insulto ter pés de khaffit a conspurcar o solo dos domínios do Sharum Ka. Abriu a boca para dizer precisamente isso quando um dos khaffit lhe captou a atenção.

Abban.

Jardir não pensava no velho amigo há anos, como se o rapaz tivesse realmente morrido na noite em que violou o seu juramento. Mais de quinze anos se haviam passado desde então e, se Jardir se transformara do rapaz que fora, pequeno, magro e envergando bido, a mudança em Abban era ainda mais pronunciada.

O antigo nie'Sharum engordara muito, tornando-se quase tão grotesco como o Andrah. Continuava a envergar o colete e o barrete castanhos dos khaffit, mas, por baixo do colete, via-se-lhe uma camisa garrida e calças largas de seda multicolorida. Rodeara o barrete cónico castanho de um turbante de seda vermelha com uma pedra preciosa no centro. O cinto e os chinelos eram de pele de serpente. Apoiava-se sobre uma muleta de marfim esculpida para representar um camelo, com a axila apoiada entre as bossas.

— Que te faz pensar que és digno de te erguer aqui entre homens? — perguntou Jardir.

— Perdão, grande senhor — disse Abban, ajoelhando-se pressionando a testa sobre o pó do chão. Shanjat, agora um kai'Sharum, riu-se e pontapeou-lhe as costas.

— Olha para ti — rosnou Jardir. — Vestes-te como uma mulher e exibes a tua

riqueza imunda como se não fosse um insulto a tudo em que acreditamos. Devia ter-te deixado cair.

— Por favor, grande senhor — disse Abban. — Não pretendo insultar. Estou aqui apenas para traduzir.

— Para traduzir? — Jardir ergueu os olhos para o outro khaffit que viera com Abban.

Mas, afinal, o outro homem não era khaffit. Assim pareceu de imediato pela sua pele e cabelo claros, pela sua roupa e, ainda mais, pela lança gasta que o homem segurava. Era um chin. Um estrangeiro das terras verdes do Norte.

— Um chin? — perguntou Jardir, voltando-se para o seu dama. — Chamaste-me aqui para falar com um chin?

— Ouve as suas palavras — insistiu Ashan. — Verás.

Jardir olhou o estrangeiro, nunca tendo visto um chin de perto. Sabia que, por vezes, Mensageiros do Norte vinham ao Grande Bazar, mas não era sítio digno da presença de homens e as memórias da infância eram vagas, corroídas pela fome e pela vergonha.

Aquele chin era diferente do que Jardir imaginara. Era jovem. Teria a mesma idade que Jardir tivera quando recebera as vestes pretas e não era um homem particularmente corpulento, mas tinha uma aparência dura. Erguia-se e movia-se como um guerreiro, enfrentando o olhar de Jardir com arrojo, como um homem deveria fazer.

Jardir sabia que os nortenhos tinham abdicado da alagai'sharak, escondendo-se atrás das suas guardas como mulheres, mas as areias de Krasia cobriam centenas de quilómetros sem abrigo. Um homem que as atravessasse teria de enfrentar alagai cara a cara, noite após noite. Poderia não ser um Sharum, mas também não seria um cobarde.

Jardir olhou a forma rastejante de Abban e conteve a repulsa.

— Fala. Depressa. A tua presença ofende-me.

Abban acenou afirmativamente e voltou-se para o nortenho, dirigindo-lhe algumas palavras num idioma rude e gutural. O nortenho replicou com severidade, golpeando o chão com a lança para conferir ênfase às palavras.

— Este é Arlen asu Jeph am'Fardos am'Ribeiro — disse Abban, voltando-se novamente para Jardir, mas mantendo os olhos no chão. — Partiu de Forte Rizon, no Norte, e apresenta-te saudações, implorando permissão para lutar esta

noite ao lado dos homens de Krasia na alagai’sharak.

Jardir ficou atordoado. Um nortenho que desejava lutar? Era inaudito.

— É um chin, Primeiro Guerreiro — rosnou Hasik. — Pertence a uma raça de cobardes. Não é digno de combater!

— Se fosse um cobarde, não estaria aqui — disse Ashan. — Muitos Mensageiros chegam a Krasia, mas apenas este veio ao teu palácio. Seria um insulto a Everam não permitir que o homem combata, se assim o deseja.

— Não arriscarei o couro por um hortelão em batalha — disse Hasik, cuspindo sobre os pés do Mensageiro. Muitos dos Sharum presentes acenaram afirmativamente e resmungaram em concordância, apesar das palavras do dama. Afinal, parecia haver um limite para o poder dos clérigos.

Jardir ponderou com cuidado. Via agora por que Ashan quisera atribuir-lhe a decisão. Qualquer uma das escolhas traria repercussões.

Olhou novamente o hortelão, curioso por ver o seu valor em combate. Inevera previra que, um dia, conquistaria as terras verdes e o Evejah ensinava os homens a conhecer os seus inimigos antes do início da batalha.

— Marido — disse Inevera, em voz baixa, tocando-lhe o braço.

— Se o chin deseja erguer-se no Labirinto como um Sharum, deverá estar predestinado.

Não admirava que tivesse vindo. Sabia que havia algo de especial naquele homem e precisava do seu sangue para uma divinação eficaz. Jardir semicerrou os olhos, pensando no que não lhe diria, mas facultara-lhe a saída de uma situação difícil e seria um tolo se não a aceitasse. Voltou-se novamente para Abban, que continuava prostrado no chão.

— Diz ao chin que a dama’ting lhe lançará os ossos. Se lhe forem favoráveis, poderá combater.

Abban acenou afirmativamente, voltando-se para o estrangeiro e falando a sua rude língua nortenha. Um clarão de irritação iluminou a face do chin. Jardir conhecia bem o sentimento, tendo passado mais de metade da vida como escravo dos ossos. Trocaram palavras durante algum tempo antes de o chin cerrar os dentes e concordar com um aceno de cabeça.

— Levá-lo-ei de volta ao palácio para a previsão — disse Inevera.

Jardir acenou afirmativamente.

— Acompanhar-te-ei durante o ritual para tua protecção.

— Não será necessário — disse Inevera. — Nenhum homem se atreveria a levantar a mão contra uma dama'ting.

— Nenhum homem krasiano se atreveria — corrigiu Jardir. — É impossível dizer de que serão capazes estes bárbaros do Norte. — Sorriu. — Não arriscarei que a tua virtude imaculada seja conspurcada por te deixar sozinha com um deles.

Jardir sabia que ela lhe mostrava os dentes por trás do véu, mas não se importou. Estava determinado a ver o que se passasse entre ela e o hortelão. Fez sinal a Hasik e Ashan para o seguirem para que Inevera não conseguisse expulsá-lo sem testemunhas. Abban foi arrastado com eles, mesmo que a sua presença sujasse o chão do palácio. Precisaria de ser lavado com sangue para retirar a mácula.

Não tardou que Jardir, Inevera e o chin ficassem a sós numa divisão escura. Jardir olhou o estrangeiro.

— Estende o braço, Arlen, filho de Jeph.

O chin limitou-se a olhá-lo, com curiosidade.

Jardir estendeu o braço, simulando um corte superficial e erguendo-o sobre os alagai hora.

O chin franziu o sobrolho, mas não hesitou, arregaçando a manga e avançando de braço estendido.

«Mais corajoso do que eu fui na primeira vez», pensou Jardir.

Inevera fez o corte e, pouco depois, os dados brilhavam ferozmente nas suas mãos. O chin arregalou os olhos ao ver isto e observou atentamente. Os ossos foram lançados e Jardir avaliou rapidamente os resultados. Não tinha o treino de uma dama'ting, mas as suas lições no Sharik Hora tinham-lhe ensinado muitos dos símbolos nos dados. Cada osso de demónio possuía apenas uma guarda, uma guarda de previsão. Os outros símbolos eram apenas palavras. As palavras e o seu padrão contariam uma história do futuro... ou de um futuro possível.

Jardir viu os símbolos que significavam Sharum, dama e «um» antes que Inevera os recolhesse. Shar'Dama Ka. Que poderia significar aquilo? Certamente, um chin não poderia ser o Libertador. Estaria ligado a Jardir de alguma forma?

Para sua surpresa, Jardir viu Inevera agitar os dados e lançá-los mais uma vez, como não vira fazer a nenhuma dama'ting desde aquela primeira noite no

Labirinto. Na sua postura via apenas a calma característica das dama’ting, mas aquele segundo lançamento era eloquente.

Tal como o terceiro.

«O que quer que veja», pensou Jardir, «quer ter a certeza.»

Olhou o estrangeiro, mas, apesar de observar o ritual com atenção, era claro que via aquilo apenas como algum ritual primitivo necessário à entrada no Labirinto.

«Ah, filho de Jeph, se fosse assim tão simples.»

— Pode combater — disse Inevera, retirando um recipiente de barro do interior da túnica e besuntando a ferida do chin com uma pasta nauseabunda antes de a enrolar com pano limpo.

Jardir acenou afirmativamente, não tendo esperado mais do que um sim ou não. Acompanhou o chin para fora.

— Khaffit — disse, dirigindo-se a Abban. — Diz ao filho de Jeph que poderá começar na muralha. Quando enredar um alagai, ser-lhe-á autorizado que ponha os pés no Labirinto.

— Certamente que não! — disse Hasik.

— Everam falou, Hasik — ripostou Jardir. O guerreiro serenou.

Abban apressou-se a traduzir e o chin roncou, como se enredar um demónio do vento não fosse grande feito. Jardir sorriu. Podia aprender a gostar daquele homem.

— Regressa ao buraco de onde rastejaste — disse a Abban. — O filho de Jeph poderá ser digno de se erguer no topo da muralha, mas tu perdeste esse direito. Terá de se exprimir com a linguagem da lança.

Abban curvou-se e voltou-se para o estrangeiro, explicando. O chin ergueu os olhos para Jardir e manifestou a sua compreensão com um aceno. A sua face era severa, mas Jardir reconheceu a avidez nos seus olhos. Era a expressão de um dal’Sharum ao anoitecer.

Jardir moveu-se em direcção ao campo de treino, acompanhado pelos outros, mas Inevera segurou-lhe o braço. Ashan e Hasik voltaram-se, hesitando.

— Vejam se conseguem ensinar ao chin alguns dos nossos sinais de mão — disse Jardir. — Não tardarei a alcançar-vos.

— O chin será fundamental na tua ascensão a Shar’Dama Ka — disse-lhe Inevera, de forma directa, quando ficaram sozinhos.

— Acolhe-o como a um irmão, mas mantém-no dentro do alcance da tua lança. Um dia, terás de o matar, se pretendes ser louvado como Libertador.

Jardir fitou os olhos indecifráveis da mulher. «O que não me dizes?», pensou.



O estrangeiro não mostrou sinais de medo ou trepidação quando o Sol se pôs nessa noite. Ergueu-se com bravura sobre as muralhas, olhando o deserto com avidez e esperando os primeiros sinais do inimigo.

Na verdade, não era nada como Jardir imaginara a partir das suas lições sobre os homens efeminados do Norte. Quanto tempo se passara desde que um krasiano fora às terras verdes e vira pessoalmente o seu povo? Cem anos? Duzentos? Alguém deixara a Lança do Deserto desde o Regresso?

Dois guerreiros riam-se nas suas costas. Pertenciam à tribo de Mehnding, a mais poderosa a seguir aos Majah. Os Mehnding dedicavam-se inteiramente à arte das armas de longo alcance. Construíam as catapultas e os escorpiões, talhavam pedras para lançar e fabricavam os grandes ferrões dos escorpiões gigantes, grandes lanças que conseguiam cravar-se na armadura de um demónio da areia a trezentos metros. Apesar de serem menos hábeis com a lança do que outras tribos, a sua honra não conhecia limites, pois os Mehnding matavam mais alagai do que os Kaji e os Majah combinados.

— Quanto tempo sobreviverá até um alagai o matar? — perguntou um dos Mehnding.

— É mais provável que se molhe e fuja apavorado quando se erguerem — riu o outro.

O estrangeiro olhou-os. A sua expressão deixava claro que percebia ser motivo de troça, mas não dedicou mais atenção aos guerreiros, voltando a olhar novamente as areias no seu movimento constante.

«Acolhe a dor quando o seu alvo está à vista», pensou Jardir, recordando a troça que suportara na sua primeira noite no Labirinto.

Jardir aproximou-se dos dois guerreiros.

— O Sol põe-se e não têm nada melhor para fazer do que troçar do vosso meio-irmão? — perguntou, elevando a voz. Todos os que se encontravam sobre a muralha se voltaram para olhar.

— Mas, Sharum Ka — protestou um dos homens —, não passa de um selvagem.

— Um selvagem que procura o inimigo com o olhar enquanto se riem nas suas costas como khaffit! — rugiu Jardir. — Voltem a troçar dele e terão semanas no pavilhão das dama'ting para aprender cortesia. — Proferiu as palavras com calma, mas os dal'Sharum recuaram como se os tivesse golpeado.

Um grito do estrangeiro captou a atenção de Jardir. O homem bateu com a lança na muralha, gritando alguma coisa na sua língua gutural. Apontou o deserto e, subitamente, Jardir compreendeu.

Os alagai erguiam-se.

— Aos vossos lugares! — ordenou. Os Mehnding ocuparam-se dos seus escorpiões.

Fogueiras de óleo foram acesas e reflectidas com espelhos para o campo de batalha, iluminando aos Mehnding os alvos da sua arte mortífera.

O estrangeiro observou com atenção as equipas de cada escorpião. Um homem enrolava as molas enquanto outro colocava um ferrão. Um terceiro mirava e disparava. Os Mehnding conseguiam completar o processo em segundos.

Quando o primeiro ferrão se cravou num demónio da areia, o estrangeiro gritou de júbilo, erguendo o punho no ar como Jardir fizera na primeira noite em que o vira como nie'Sharum.

«Não têm escorpiões no Norte», percebeu, arquivando a informação.

Durante algum tempo, os ferrões zumbiam e as equipas de catapulta preparavam grandes pedras, cortando as cordas para libertar os contrapesos e lançar os projécteis sobre as fileiras crescentes de alagai, matando-os isoladamente ou em grupo.

Mas, como sempre acontecia, era como roubar grãos de areia a uma duna. Havia dúzias de demónios da chama e do vento, mas os demónios da areia eram como uma tempestade incessante capaz de desgastar uma montanha.

Os Mehnding concentraram-se num grande arco em redor dos portões do Labirinto, esperando a ordem. Quando os alagai se posicionaram da forma correcta, Jardir fez sinal a um nie'Sharum e este soprou uma nota longa e clara na Trompa de Sharak. Quase de imediato, os portões abriram-se. Os guerreiros mais velhos de cada tribo erguiam-se no interior, batendo com os escudos e provocando os demónios, desafiando-os a persegui-los.

A sua glória era infinita. O estrangeiro não conteve uma palavra de espanto.

Os alagai guincharam e carregaram sobre o Labirinto. Os Iscos gritaram-lhes e correram, conduzindo os demónios mais para o interior, por ângulos e curvas, até onde os homens das suas tribos respectivas se emboscavam.

Após vários minutos, Jardir fez sinal para que se fechassem novamente os portões. Os escorpiões afastaram-se e os portões fecharam-se com um ruído trovejante.

— Tragam as redes — disse Jardir ao nie'Sharum. — Embrenhar-nos-emos mais no Labirinto e testaremos o que vale o estrangeiro.

Mas o rapaz não se moveu. Jardir olhou-o, irritado, e viu-lhe terror na face. Olhando em redor, viu que muitos dos seus guerreiros estavam igualmente perplexos.

— O que... — começou a gritar, mas, nesse momento, à luz das fogueiras de óleo, viu um alagai percorrendo as dunas em direcção à cidade.

Mas não era um demónio comum. Mesmo à distância, Jardir conseguiu perceber que era enorme. Os demónios da areia eram maiores do que os seus primos da chama e do vento, descontando a envergadura de asas, mas nem os demónios da areia conseguiam ser maiores do que um homem e corriam sobre as quatro patas como cães, erguendo-se talvez um metro acima do chão no seu ponto mais alto.

O demónio que se aproximava erguia-se na vertical sobre pernas couraçadas com osso aguçado e tinha uma altura duas vezes superior à de um homem alto. Até a sua cauda espinhosa parecia superar a altura de um homem. Os chifres eram como lanças, as garras como facas de carniceiro e a sua couraça negra era tão grossa como dura. Um dos braços terminava numa articulação amputada, uma maça capaz de esmagar o crânio de um guerreiro.

Jardir nunca imaginara um demónio tão grande. Os seus homens ficaram paralisados, não percebia se pelo medo ou pela surpresa. Apenas o estrangeiro não parecia surpreso, fitando intensamente o gigante com ódio inegável.

Mas porquê? Parecia uma coincidência demasiado grande que tal criatura chegasse na primeira noite após um chin se apresentar nos degraus do seu palácio, implorando para combater. Qual seria a sua ligação com o demónio?

Jardir amaldiçoou a sua incapacidade de falar a língua bárbara do hortelão.

— Que esperam? — rugiu às equipas dos escorpiões. — Alagai são alagai!

Matem-no!

As suas palavras quebraram o feitiço e os homens prontificaram-se a obedecer. O hortelão cerrou o punho enquanto miravam e libertavam os ferrões, lanças colossais com pesadas cabeças de ferro. Ergueram-se num arco alto no céu e ganharam ímpeto enquanto desciam sobre o alvo.

O demónio gigante foi atingido por quase uma dúzia de ferrões, mas todos se quebraram contra a sua armadura, deixando a criatura incólume. Guinchou de fúria e voltou a avançar.

Subitamente, a cidade pareceu vulnerável. Jardir aprendera guardas no Sharik Hora e sabia que cada guarda atingia a sua máxima eficácia apenas contra um único tipo de demónio. As guardas gravadas nas muralhas de Krasia eram antigas e nunca tinham sido violadas, mas teriam sido testadas contra tal demónio?

Segurou o estrangeiro pelos ombros, voltando-o para si.

— Que sabes tu? — perguntou. — Que temos diante de nós, maldito sejas?!

O estrangeiro acenou afirmativamente, parecendo compreender, e olhou em redor. Aproximou-se de uma catapulta e tocou a pedra. A seguir, apontou o demónio.

— Alagai — disse.

Jardir respondeu com um aceno de cabeça, voltando-se para o Mehnding que comandava o engenho.

— Conseguem atingi-lo? — perguntou.

O dal'Sharum roncou.

— Um alagai daquele tamanho? Posso mirar apenas o braço intacto se assim o desejares.

Jardir bateu-lhe nas costas.

— Arranca-lhe a cabeça e cobri-la-emos de alcatrão como troféu.

— Manda aquecer o alcatrão — disse o guerreiro, ajustando a tensão e o ângulo da arma.

O estrangeiro aproximou-se de Jardir, falando rapidamente no seu feio idioma. Acenou com os braços, parecendo cada vez mais frenético por não conseguir explicar-se. Uma e outra vez apontou a catapulta, gritando aquela que parecia ser a única palavra que conhecia em krasiano:

— Alagai!

— Urra como um camelo — disse Hasik.

— Silêncio — gritou Jardir. Semicerrou os olhos, mas, nesse momento, o homem da catapulta disse-lhe:

— Prontos!

— Fogo! — ordenou Jardir. O estrangeiro lançou-se sobre o guerreiro que cortou a corda, mas Hasik agarrou-o, puxando-o para trás com violência.

— Sabia que não podíamos confiar num chin, Primeiro Guerreiro — rosnou. — Protege o demónio!

Jardir não tinha tanta certeza, fitando intensamente o homem, que se debatia selvaticamente nos braços de Hasik. Voltou a apontar, daquela vez para a muralha, gritando:

— Alagai!

Lições há muito consideradas pura lenda regressaram à memória de Jardir. Histórias de grandes demónios que atacaram as muralhas de Krasia na época do primeiro Libertador. De repente, tudo se tornou claro. O estrangeiro não apontava a catapulta. Apontava a pedra.

«Demónio da rocha», percebeu Jardir, com terror crescente.

— Demónio da rocha! — gritou, mas era demasiado tarde. Ouviu o braço da catapulta soltar a sua carga e voltou-se para olhar, impotente. Atrás dele, o estrangeiro berrava.

A pedra descreveu um arco pelo ar e foi como se homens e alagai sustivessem a respiração. O demónio da rocha de um único braço olhou a pedra, um penedo que exigira três guerreiros para ser colocado no sítio certo.

E então, de forma impossível, segurou a pedra com o braço intacto e voltou a lançá-la com terrível força.

O penedo atingiu os grandes portões, abrindo um buraco e projectando fracturas a partir do ponto de impacto. O demónio da rocha carregou, atingindo uma e outra vez o mesmo local. Viu-se cintilar a magia, mas as guardas estavam demasiado danificadas para provocarem qualquer efeito real. Os portões estremeciam a cada golpe e um dos lados soltou-se dos gonzos, caindo para dentro sobre o chão.

O demónio da rocha saltou para diante, rugindo enquanto corria para o interior do Labirinto. Atrás dele, outros demónios entravam pela brecha.

Jardir sentiu a face arder e, em seguida, enregelar. Não havia memória de os

grandes portões de Krasia terem sido violados. Os dal’Sharum aprisionados no Labirinto seriam caçados como animais e a culpa seria sua por não ter dado ouvidos ao estrangeiro.

«Conduzi o meu povo à ruína», pensou e, por um momento, tudo o que conseguiu fazer foi olhar em silêncio enquanto os alagai invadiam o Labirinto.

«Acolhe o medo, tolo!», gritou para si mesmo. «A noite ainda pode ser salva!»

— Escorpiões! — gritou. — Mudem de posição e iniciem fogo de cobertura enquanto selamos a brecha! Catapultas! Quero uma chuva de pedras que esmague qualquer alagai que entre e bloqueie a passagem aos restantes!

— Não podemos disparar a tão pouca distância — disse um dos homens. Outros acenaram em concordância e Jardir viu nas suas faces o mesmo terror que sentira no momento anterior. Precisavam de um terror mais imediato para os arrancar àquela sensação de impotência.

Esmurrou na face o homem que falara, fazendo-o cair sobre a muralha.

— Tanto me faz que tenham de lançar as pedras à mão! Façam como ordeno!

O véu nocturno do homem humedeceu-se com sangue e a sua resposta foi incompreensível, mas fez embater um punho contra o peito, prontificando-se a obedecer. Os outros Mehnding fizeram o mesmo, perdendo o medo no súbito turbilhão de actividade.

Jardir olhou o nie’Sharum.

— Faz soar o toque de brecha.

Enquanto o rapaz levava a trompa aos lábios, Jardir sentiu o peso do fracasso e a vergonha por tal ordem ser dada sob seu comando.

Mas depressa o peso se desvaneceu. Havia demasiado a fazer. Voltou-se para Hasik.

— Reúne tantos homens e Guardadores quantos conseguires e encontra-te connosco nos portões. Precisamos de selar a brecha.

Hasik emitiu um grito e correu, parecendo encantado pela possibilidade de se lançar sobre uma tempestade de alagai. Jardir correu sobre as muralhas em direcção ao ponto onde a sua unidade pessoal lutava sob o comando de Shanjat. Precisava dos seus homens para conseguir fazer o que era necessário. Os outros Kaji talvez sentissem ainda rancor de Jardir por trair a sua tribo, mas os homens que haviam lutado com ele todas as noites durante um ano, continuavam a ser completamente seus.

O estrangeiro acompanhou-lhe a passada e Jardir desejou possuir as palavras para o mandar embora ou o tempo para o fazer compreender. Mesmo que quisesse ajudar, um guerreiro sem treino conseguiria apenas atrapalhar a unidade experiente e coesa.

Ouviu-se um guincho no céu e o estrangeiro gritou:

— Alagai!

Caiu sobre Jardir, fazendo-os cair a ambos sobre as muralhas. Jardir sentiu a deslocação de ar provocada por asas de couro que o sobrevoavam.

Praguejou quando conseguiu separar-se do estrangeiro, procurando uma rede, mas não havia nenhuma por perto. Era inevitável que assim fosse. O hortelão ergueu-se com maior rapidez, mantendo-se agachado com a lança pronta enquanto o demónio do vento guinava e voltava a mergulhar.

«É corajoso, mesmo que seja um tolo», pensou Jardir. «Que espera fazer sem uma rede?»

Mas, à medida que o demónio se aproximava, o estrangeiro pousou subitamente um joelho no chão, movendo com força a lança longa. A extremidade recortada rasgou a membrana fina da asa direita do alagai perto da articulação do ombro e, com uma torção, usou-a como alavanca contra o próprio demónio, projectando-o de costas para a muralha.

O demónio não sofreu ferimentos sérios, mas o estrangeiro moveu-se com rapidez, segurando as correias do escudo que se pendurava folgadamente do seu braço e pressionando a face guardada contra o peito do demónio.

A magia cintilou, projectando a criatura e fazendo-a debater-se e guinchar como louca. Jardir não perdeu tempo a cravar a lança no olho do demónio atordoado. Aquele esperneou e gritou e Jardir puxou a lança e cravou-a no outro olho, torcendo-a até a criatura ficar imóvel.

O estrangeiro olhou-o, com a excitação visível nos olhos, e disse qualquer coisa na língua nortenha.

Jardir riu-se, batendo-lhe com a mão no ombro.

— Surpreendes-me, Arlen, filho de Jeph!

Juntos, correram sobre as muralhas até aos homens de Jardir.

Por todo o lado, havia guerreiros a lutar pela vida no Labirinto, mas Jardir não podia parar para os salvar. Se a brecha não fosse selada, o Sol erguer-se-ia sobre os farrapos de carne que seriam tudo o que restaria dos Sharum.

— Vendam caras as vossas vidas! — gritou enquanto os seus homens passavam por ele a correr. — Everam está atento!

Um rugido acompanhado de gritos ecoou pelo Labirinto, parecendo abalar até as muralhas. Algures atrás deles, o gigantesco demónio da rocha devastava os homens.

«Salta sobre os obstáculos que te surgem pela frente», disse a si próprio. «Nada mais importa se a brecha não for selada.»

Alcançaram o espaço diante dos portões e viram-no arruinado. Havia alagai e dal'Sharum mortos e moribundos, alvejados por dardos de escorpião ou despedaçados por dente e garra. Os Mehnding tinham conseguido empilhar entulho contra a porta destruída, mas os ágeis alagai trepavam a barreira sem esforço.

— Recuem! — gritou Jardir. E os poucos dal'Sharum esfarrapados que continuavam a luta afastaram-se e apressaram-se a sair do caminho.

Com escudos unidos, os guerreiros de Jardir correram a toda a velocidade para a brecha, em formação de dez homens lado a lado e em filas de dez. Ao lado de Jardir na dianteira, o estrangeiro corria, igualando a sua passada como se tivesse treinado com os dal'Sharum toda a vida. Podia ser um chin, mas o homem conhecia bem a lança e o escudo.

Os guerreiros nos flancos aumentavam a velocidade enquanto corriam, transformando a formação num V enquanto embatiam contra os demónios da areia que entravam pela abertura e os empurravam para os portões.

O choque foi intenso quando embateram contra a onda de alagai, mas as guardas nos seus escudos cintilaram e os alagai foram projectados para trás. Os guerreiros rugiram perante a resistência do inimigo e os mais recuados aumentaram o ímpeto, mantendo uma muralha brilhante de magia entre homens e demónios. Lentamente, os cem guerreiros de Jardir começaram a avançar à força para os portões.

— Filas traseiras! — gritou Jardir e as filas mais atrás moveram-se com velocidade, unindo escudos e avançando, abrindo uma área ampla entre o grupo dianteiro e o traseiro, permitindo aos Guardadores de Fosso fazerem o seu

trabalho. Os dal’Sharum de elite pousaram lanças e penduraram os escudos às costas, retirando placas de cerâmica vidrada dos seus sacos de batalha. Dois Guardadores alinharam as placas no chão diante da brecha. Outros ergueram as lanças e usaram-nas para ligar as placas entre si.

Jardir cravou a lança no olho de um demónio da areia, um dos pontos mais vulneráveis dos alagai. A seu lado, o estrangeiro enfrentou outro, trespassando com a ponta da lança a garganta de um demónio que lhe rugia. Garras afiadas tentaram atingi-los pelas brechas entre os escudos, iluminadas por faíscas de magia e todos tinham de se esquivar para um lado e para o outro para evitarem ser esventrados.

Ao aproximarem-se dos portões, Jardir arregalou os olhos para a horda amontoada à sua frente. Parecia-lhe que as dunas estavam cobertas de demónios de areia, todos tentando penetrar na fortaleza inimiga. Ferrões e penedos caíam sobre eles, mas eram como pequenos seixos lançados a um charco e rapidamente submersos.

A seguir, os Guardadores deram o sinal e Jardir e os seus homens começaram a recuar.

— Outra noite — prometeu Jardir aos demónios que se aproximavam e eram detidos pela magia cintilante das guardas de cerâmica. — Krasia voltará a lutar amanhã.

Voltou-se, vendo que não havia combates na área. Os demónios sobreviventes tinham fugido para o Labirinto.

— Vigia! — chamou Jardir, afastando-se dos seus homens. Em segundos, Coliv deixou cair uma escada do alto da muralha e desceu para transmitir informações.

— As notícias são más, Primeiro Guerreiro — disse o Vigia. — Os Majah reuniram-se no sexto círculo para suster a maior parte dos demónios da areia, mas há tribos dispersas lutando pelo Labirinto e poucos são os confrontos que lhes são favoráveis. O gigante está mais além, devastando unidades inteiras enquanto usa as garras para abrir caminho para os portões principais. Acaba de ser avistado no oitavo círculo.

— É impossível que consiga encontrar o caminho certo pelas curvas do Labirinto — disse Jardir.

— Parece seguir um rasto de algum tipo, Primeiro Guerreiro — disse Coliv. — Pára para cheirar o ar e ainda não seguiu na direcção errada uma única vez. Um

punhado de demónios da areia e da chama dançam a seus pés, mas não lhes presta atenção.

Jardir ergueu o véu para cuspir o pó que tinha na boca.

— Regressa à muralha e ordena aos Vigias que tracem um caminho que me permita reunir as tropas dispersas enquanto avançamos até aos Majah.

Coliv bateu com um punho no peito e correu para a sua escada, subindo rapidamente ao topo da Muralha. Jardir voltou-se para os seus homens e notou que o estrangeiro tentava comunicar com um dos Guardadores de Fosso, agitando as mãos enquanto o guerreiro o fitava, confuso.

— Nie está forte neste Quarto Minguante — gritou Jardir, captando a atenção de todos. — Mas Everam é mais forte! Devemos confiar Nele para nos conduzir até ao amanhecer ou toda Ala será consumida pelo negrume de Nie! Mostrem aos alagai o que significa enfrentar guerreiros da Lança do Deserto e saibam que o Paraíso vos espera!

Ergueu a lança no ar e os Sharum fizeram o mesmo, unindo as vozes num grande grito enquanto Jardir os liderava em direcção ao Labirinto.



Ao longo da noite, os homens de Jardir carregaram sobre as hostes demoníacas, empurrando-as para os fossos guardados e reunindo-se aos sobreviventes de unidades forçadas a recuar. Eram seguidos por mais de um milhar de guerreiros quando alcançaram os Majah, defendendo o corredor estreito que dava entrada no sexto círculo.

Os homens de Jardir carregaram violentamente sobre a retaguarda das fileiras dos alagai, usando os escudos guardados como cunha e abrindo caminho. Os Majah abriram uma nesga na sua muralha de escudos e os homens de Jardir entraram com a ligeireza de um exercício no seu Sharaj.

— Informa — disse Jardir a um dos kai’Sharum Majah.

— Estamos a conseguir resistir, Primeiro Guerreiro — disse-lhe o capitão —, mas não temos forma de empurrar os alagai para os fossos.

— Então não o façam — disse Jardir. — Ordena aos Guardadores que selem este círculo. Deixa um cento dos teus melhores homens de vigia e dirige-te ao sétimo círculo, a leste, para assistir os Bajin.

— Para onde irás? — perguntou o kai’Sharum.

— Enfrentar o gigante e enviá-lo de volta ao abismo de Nie — disse Jardir. Levou consigo os homens que os Majah podiam dispensar e dirigiu-se para os portões da cidade, rezando para não chegar demasiado tarde.



O demónio da rocha com um só braço erguia-se diante dos portões principais, golpeando as guardas. Grandes faíscas de magia iluminavam a noite e o ruído trovejante era ouvido por toda a cidade, mas as guardas ancestrais resistiam com firmeza ao ataque. O demónio rugia, expressando furiosamente a sua frustração.

A seus pés, guerreiros atacavam, cravando lanças de aço resistente do deserto, mas o demónio não se mostrava afectado. Enquanto Jardir observava, moveu a cauda de forma quase casual, destruindo escudos, quebrando lanças e projectando guerreiros corajosos pelos ares.

— Que Everam nos proteja — sussurrou Jardir.

— Pelo menos, os portões parecem resistir — disse Shanjat.

Jardir grunhiu.

— Mas resistirão até ao amanhecer? Atrever-nos-emos a correr esse risco?

— Que outra coisa poderemos fazer? — perguntou Shanjat. — Nem os escorpiões conseguem penetrar-lhe o couro e é demasiado grande para empurrar para um fosso. Ficaria com a cabeça acima do chão!

— Não passa de um demónio grande! — disse Hasik. — Com um número suficiente de guerreiros, conseguiremos derrubá-lo e prender-lhe os braços.

— O braço — corrigiu Shanjat. — Perderíamos muitos guerreiros dessa forma e não há garantias de que funcione. Nunca vi um alagai tão forte. Receio que seja o próprio Alagai Ka, chegado com o Quarto Minguante.

— Tolice — considerou Jardir, observando o demónio enquanto os seus tenentes discutiam. «Por Everam, encontrarei uma forma de te matar», jurou, em silêncio.

Estava prestes a ordenar uma carga, esperando que um ataque em força conseguisse derrubar a criatura, quando um dos seus Guardadores de Fosso se aproximou a correr.

— Perdoa-me, Primeiro Guerreiro, mas o chin tem um plano — disse o

homem. Jardir voltou-se para ver novamente o estrangeiro em animada conversa com os seus Guardadores, transmitindo por gestos frenéticos as suas intenções.

— O que é? — perguntou Jardir.

— Certamente não pretenderás confiar nele — disse Hasik.

— Tens algum plano que não envolva desperdiçar vidas numa carga contra aquela abominação cuspida pelo abismo? — perguntou Jardir. Vendo que Hasik não respondia, voltou-se novamente para o Guardador. — Qual é o plano?

— O chin sabe algo de guardas — disse o Guardador.

— Seria de esperar — murmurou Hasik. — Os chin apenas sabem esconder-se atrás delas.

— Silêncio — ripostou Jardir.

O Guardador ignorou o diálogo.

— O hortelão tem pedras guardadas que deverão conseguir aprisionar a criatura se conseguirmos atraí-la a um nicho e descobri-las após a sua passagem. A guarda para os demónios da rocha é semelhante à que usamos para os demónios da areia. As muralhas do Labirinto servir-lhe-ão como fosso até ao amanhecer.

Jardir examinou as pedras guardadas. Era verdade que continham guardas semelhantes às que usavam para os demónios da areia. Eram maiores e os ângulos eram diferentes, com uma falha numa das linhas. Tocou-as com um dedo.

— Há um nicho duas curvas depois da entrada do décimo círculo — disse.

— Conheço-o, Primeiro Guerreiro — disse o Guardador, com uma vénia.

Jardir voltou-se para Hasik e Shanjat.

— Mantenham-se atentos ao demónio. Não façam nada a não ser que as guardas nos portões dêem sinais de enfraquecimento. Se isso acontecer, quero todos os homens no Labirinto a atacar este monstro.

Os dois guerreiros ergueram os punhos até ao peito e curvaram-se; Jardir escolheu os seus três melhores Guardadores e acompanharam o estrangeiro ao recanto sem saída. Quando os cinco concordaram que as guardas nas muralhas e na entrada resistiriam, cravaram as pedras guardadas no local devido e cobriram-nas com uma lona cor de areia que pudesse ser removida com rapidez.

Jardir sentiu-se novamente impressionado pelo nortenho. Traçar guardas era um talento de elite em Krasia, reservado aos dama e aos poucos guerreiros que eles escolhiam pessoalmente.

— Quem és tu? — perguntou, mas o estrangeiro limitou-se a encolher os ombros, sem compreender.

Regressaram à frente de batalha, onde o demónio continuava o seu ataque sistemático a cada centímetro dos portões, buscando um ponto fraco.

Jardir olhou o alagai gigante e sentiu uma pontada de medo. Mas era o Primeiro Guerreiro. Não pediria a mais ninguém para atrair a besta.

«Ou sou o Libertador ou não», disse a si próprio, forçando-se a acreditar. Mas sabia que Inevera não se coibia de mentir sobre outros assuntos. Por que não sobre aquele?

Preparou-se, traçando uma guarda no ar e dando um passo adiante.

— Não, Sharum Ka! — gritou Hasik. — Sou o teu guarda-costas! Deixa-me atrair o demónio!

Jardir abanou a cabeça.

— A tua coragem honra-te muito, mas esta tarefa será minha.

O estrangeiro disse alguma coisa, movendo o braço como se cortasse algo, mas não havia tempo para decifrar as suas mensagens enigmáticas. Jardir enfrentou os seus medos e caminhou para o demónio, gritando e fazendo embater a lança contra o escudo.

O demónio ignorou-o, prosseguindo o ataque ao portão.

Jardir carregou, cravando com toda a força a lança numa junta da armadura do demónio atrás do joelho, mas a criatura limitou-se a golpeá-lo com a imensa cauda, como um cavalo enxotaria uma mosca.

Jardir dançou para fora do seu caminho, agachando-se quando a cauda espinhosa lhe voou sobre a cabeça. Olhou a lança e percebeu que a extremidade tinha sido partida.

— Mijo de camelo — murmurou, regressando às fileiras para receber uma lança nova de Hasik.

— Primeiro Guerreiro, olha! — gritou o seu guarda-costas, apontando. Jardir voltou-se e viu o estrangeiro avançando para o demónio.

— Imbecil! — gritou. — Que fazes? — Mas o estrangeiro pareceu nem sequer ter ouvido e muito menos compreendido. Parou antes de ficar ao alcance da criatura e gritou.

O demónio cessou o ataque ao ouvi-lo, voltando a cabeça e farejando o ar. Voltou-se para o estrangeiro e havia um brilho de reconhecimento nos seus olhos

horrendos.

— Sangue de Nie — sussurrou Hasik. — Conhece-o.

A besta emitiu um grande rugido e carregou, lançando para diante as garras do seu braço intacto, mas o estrangeiro foi lesto a afastar-se, virando-se e correndo para o nicho guardado.

— Abram alas! — gritou Jardir. Os seus guerreiros moveram-se em uníssono, saindo-lhe do caminho. Quando o demónio passou, Jardir perseguiu-o, seguido por todos os guerreiros ali reunidos.

O Labirinto estremecia com a força das passadas do demónio, erguendo grandes nuvens de pó atrás de si e tornando difícil avistar o estrangeiro. Mas o demónio continuou a rugir e a correr e Jardir pôde apenas presumir que o chin continuaria à sua frente.

Descreveram duas curvas apertadas e, à luz ténue das lanternas a óleo, Jardir viu o estrangeiro entrar no nicho. O demónio seguiu-o
e os Guardadores de Fosso saltaram do esconderijo para expor as guardas.

O demónio da rocha rugiu em triunfo, vendo a sua presa encurralada, lançando-se sobre o estrangeiro, que se voltou e carregou sobre a besta.

A magia cintilou e as garras do grande demónio rasparam o escudo do estrangeiro. Este foi projectado para trás pelo impacto, mas rebolou e voltou a erguer-se, ágil como um gato, passando a correr pelo demónio antes que ele conseguisse atacá-lo novamente.

As guardas foram expostas, e Jardir percebeu de imediato que o demónio da rocha tinha pisado uma das pedras centrais ao passar. A guarda estava estilhaçada e não podia ser reparada.

O estrangeiro também o viu. Jardir esperou que corresse para fora do nicho antes que o demónio se pudesse voltar, mas o nortenho voltou a surpreendê-lo. Apontou a guarda partida com a lança, gritou algo na sua língua gutural e voltou-se novamente para defrontar o alagai.

— Reparem a guarda! — gritou Jardir, mas não precisava de o ter feito. Os Guardadores de Fosso já o faziam, pintando um novo símbolo na pedra. Levariam um minuto a terminar.

O demónio golpeou novamente e novamente o estrangeiro se esquivou, sendo apenas atingido de raspão no escudo. Mas, daquela vez, o demónio estava pronto, movendo o coto do seu outro braço como uma clava gigante. O

estrangeiro conseguiu lançar-se ao chão e evitar o ataque, mas o demónio ergueu um pé para o esmagar enquanto estava caído e Jardir percebeu que ele não conseguiria erguer-se a tempo.

O trabalho dos Guardadores estava quase concluído. O estrangeiro morreria como um herói e Krasia ficaria segura. Jardir precisava apenas de abdicar do mistério do bravo nortenho e voltar as costas.

Ao invés, gritou e correu para o nicho.

Oito

Par'chin

326-328 DR

O DEMÓNIO DA ROCHA RUGIU E BATEU com um dos pés de garras afiadas no chão. Jardir deslizou de joelhos e escapou ao golpe, apoiando o escudo guardado no ombro enquanto o erguia sobre o corpo.

Sentiu os dentes e a coluna vibrarem. Sentiu que o ombro se deslocava e o braço com que segurava o escudo ficou inerte.

Mas a magia cintilou e o grande alagai foi projectado para trás, desequilibrado. Embateu contra uma das muralhas e as guardas na pedra cintilaram, lançando-o sobre a muralha oposta, que também cintilou. Guinchou de fúria, vendo-se projectado como a bola de uma criança.

O estrangeiro ergueu-se prontamente, segurando o ombro são de Jardir e erguendo-o do chão. Os Guardadores de Fosso tinham terminado o seu trabalho e, enquanto o demónio se debatia, os dois homens conseguiram cambalear para fora do nicho.

No momento seguinte, o demónio da rocha recuperou o equilíbrio e perseguiu-

os, mas as guardas do estrangeiro iluminaram a noite e foi novamente projectado. O nortenho gritou algo à besta e fez um gesto que Jardir percebeu ser tão obsceno no Norte como em Krasia. Voltou a rir.

— Que dizem os Vigias? — perguntou Jardir a Shanjat.

— Metade do Labirinto está perdida — replicou Shanjat. — Alguns guerreiros refugiam-se atrás de guardas em pontos de emboscada, mas a maioria foi recebida nos braços de Everam. Os Majah defendem a sua posição no sexto círculo. Os alagai não conseguiram penetrar as guardas aí.

— Quantos guerreiros perdemos? — perguntou Jardir, receando a resposta.

Shanjat encolheu os ombros.

— Não saberemos até ao amanhecer, quando os homens escondidos se mostrarem e os kai'Sharum conseguirem fazer a contagem.

— Faz um palpite — disse Jardir.

Shanjat franziu a testa.

— Não foi menos de um terço. Talvez metade.

O desagrado transpareceu na face de Jardir. Não havia um número de perdas tão elevado na mesma noite desde o Regresso. O Andrah pediria a sua cabeça.

— Se o Labirinto interno estiver livre de demónios, começa a levar os feridos para o pavilhão das dama'ting — disse.

— Deverias ir com eles, Primeiro Guerreiro — disse Shanjat. — O teu ombro...

Jardir olhou o braço, pendurado e inerte. Acolhera a dor e esquecera-a. Quando foi recordada, gritou-lhe até voltar a suprimi-la.

Abanou a cabeça.

— O braço pode esperar. Ordena aos Vigias que me venham fazer os seus relatórios aqui. O Sol não tardará a erguer-se e quero ver arder este alagai.

Shanjat respondeu com um aceno afirmativo e partiu, bradando ordens. Jardir voltou-se para olhar o demónio da rocha, atacando as guardas com as garras e rugindo de fúria de cada vez que tentava alcançar o estrangeiro. O hortelão erguia-se calmamente diante dele e os dois, humano e alagai, tinham o mesmo ódio nos olhos ao fitarem-se.

— Que aconteceu entre vós? — perguntou Jardir, sabendo que o estrangeiro não compreenderia.

Mas, surpreendentemente, o homem voltou-se, talvez desperto pelo tom de voz, e fez o mesmo movimento de corte com o braço que antes fizera. Estendeu o

braço direito e usou a outra mão para simular que o cortava, imediatamente abaixo do cotovelo.

Os olhos de Jardir arregalaram-se quando percebeu o que queria dizer.

— Cortaste-lhe o braço?! — Outros olhares se voltaram ao ouvir aquelas palavras. Quando o estrangeiro acenou afirmativamente, Jardir ouviu o eco do rumor que se espalharia pela cidade como areia soprada pelo vento.

— Subestimei-te, meu amigo — disse. — Honra-me ser o teu ajin'pal.

O hortelão encolheu os ombros e sorriu, não compreendendo as palavras que lhe eram dirigidas.

Pouco depois, a cor do céu nocturno alterou-se, indicando a proximidade do amanhecer. O demónio da rocha também a sentiu e endireitou-se, como num esforço para se concentrar. Jardir vira-o um milhar de vezes e nunca se cansava. Não tardava e o demónio descobriria que a pedra talhada sob a areia no chão do Labirinto o impediria de encontrar um caminho para o abismo de Nie no centro de Ala. Guincharia, esbracejaria e atacaria as guardas e, a seguir, os raios do Sol cairiam sobre ele e a luz de Everam reduzi-lo-ia a cinzas.

O alagai guinchou, mas, a seguir, fez algo que Jardir nunca antes vira. Escavou a areia do chão, expondo os grandes blocos de pedra que ali tinham sido colocados séculos antes. Com a sua única mão, o demónio quebrou a pedra, arrancando-lhe enormes fragmentos.

— Não! — gritou Jardir. Também o estrangeiro gritou em protesto, mas não fez diferença. Muito antes de o Sol se erguer o suficiente para conseguir ameaçá-la, a criatura regressou ao abismo.



Inevera aguardava quando coxearam de regresso ao campo de treino. Vendo o braço pendurado, voltou-se para Hasik.

— Trá-lo para o palácio — disse. — Se resistir, arrasta-o.

Hasik baixou a cabeça.

— Como ordena a dama'ting.

Jardir voltou-se para Shanjat enquanto Hasik o puxava.

— Encontra Abban e trá-lo aqui. Quando chegar, escolta-o e ao estrangeiro ao meu salão de audiências.

Shanjat acenou afirmativamente e enviou um mensageiro. Jardir e Hasik apressaram-se em direcção ao palácio, mas não tinham alcançado os degraus quando o campo de treino se encheu de dama'ting ocupando-se dos feridos e de mulheres chorando maridos e filhos cujo paradeiro desconheciam.

Seguiram-se os dama, que prontamente isolaram os homens das suas tribos no aglomerado de Sharum uma vez regressados do Labirinto. Momentos depois, a força unificada durante a noite fracturou-se como sucedia com o nascer de cada dia.

Jardir não tinha subido mais de metade dos degraus do palácio quando chegaram os palanquins. Os doze Damaji e o próprio Andrah, suportados pelas costas de nie'dama e flanqueados pelos seus clérigos mais fiéis.

Jardir parou onde estava, sabendo que nenhum ferimento estaria acima da necessidade de transmitir um relatório completo do que sucedera durante aquela noite maldita. Mas que poderia dizer? Perdera um terço dos guerreiros de Krasia e que tinha para mostrar em sua defesa?

— Que aconteceu? — quis saber o Andrah, avançando para ele. Inevera colocou-se ao lado de Jardir, mas, à luz do dia, com os Damaji atrás de si e com tamanho fracasso aos pés de Jardir, nem ela conseguiu assustar o Andrah.

Mesmo anos depois, avistar o gordo Andrah enchia Jardir de ódio e repulsa. Mas o dia que Inevera previra, quando poderia cravar a sua lança nele e cortar o que o tornava homem, parecia-lhe agora impossível. Jardir teria sorte se não terminasse os dias como khaffit.

— Os portões exteriores foram violados na noite passada — disse Jardir. — O inimigo pôde entrar no Labirinto.

— Perdeste os portões? — perguntou o Andrah.

Jardir acenou afirmativamente.

— Perdas? — perguntou o Andrah.

— Continuamos a contá-las — respondeu Jardir. — Centenas, no mínimo. Possivelmente milhares.

Os Damaji trocaram sussurros. Pelo campo de treino, o que ali se passava era observado com igual interesse por Sharum e dama.

— Espetarei a tua cabeça numa lança sobre os novos portões! — prometeu o Andrah.

Antes que Jardir pudesse responder, Hasik atravessou-se à sua frente,

prostrando-se diante do Andrah e pressionando a testa sobre os degraus.

— Que fazes, imbecil? — perguntou Jardir. Mas Hasik ignorou-o.

— Com o vosso perdão, meu Andrah — disse. — Mas a culpa não foi do Primeiro Guerreiro. Sem Ahmann Jardir, todos nós teríamos sido perdidos durante a noite!

Ouviram-se murmúrios de acordo entre os guerreiros reunidos.

— Içou-me de um fosso de demónio! — gritou um deles.

— O Primeiro Guerreiro liderou a carga que salvou a minha unidade — disse outro.

— Isso não explica como conseguiu perder os portões! — bradou o Andrah.

— Alagai Ka atacou os portões esta noite — disse Hasik. — Apanhou a pedra disparada por uma catapulta e arremessou-a, quebrando os portões exteriores. Foi apenas a resposta rápida do Primeiro Guerreiro que garantiu que não fôssemos totalmente vencidos.

— Estávamos na Lua Minguante, mas Alagai Ka não é visto em Krasia há mais de três mil anos — disse o Damaji Amadeveram.

— Não era Alagai Ka — disse Jardir. — Apenas um demónio da rocha vindo das montanhas.

— Mesmo isso é inaudito — considerou Amadeveram. — Que poderia ter trazido um deles para tão longe do seu lar montanhoso?

Hasik ergueu os olhos, perscrutando a multidão. Jardir silvou, mas, novamente, o seu tenente ignorou-o.

— Ele — disse, apontando o estrangeiro.

Todos os olhos se voltaram para o hortelão, que deu um passo atrás, percebendo que se tornara o centro da atenção geral.

— Um chin? — perguntou o Andrah. — Que faz um chin entre os Sharum de Krasia? Deveria estar nos casebres do mercado com os outros khaffit.

Um dama segredou ao ouvido de Amadeveram.

— Dizem-me que procurou o Primeiro Guerreiro na noite passada e implorou que o deixassem lutar — disse o Damaji.

— E autorizaste-o? — perguntou o Andrah a Jardir, incrédulo.

Inevera tornou-se tensa, mas Jardir serenou-a com uma mão. Podia ser poderosa em câmaras fechadas, mas, se uma mulher, mesmo que fosse uma dama’ting, o defendesse diante de guerreiros e dama reunidos, conseguiria

apenas piorar a situação.

— Autorizei — respondeu.

— Então esta ruína que se abateu sobre nós é culpa tua! — gritou o Andrah. — A cabeça do teu chin partilhará os portões com a tua! Que os bútios debiquem os vossos olhos!

Voltou-se para partir, mas Jardir não chegara ao fim. Sacrificara demasiado pelo estrangeiro para permitir que fosse executado. Inevera dissera que os seus destinos estavam unidos. Que assim fosse.

O braço inerte magoava-o e sentia-se cansado e dorido como resultado dos combates da noite. A cabeça rodopiava-lhe com a dor e o cansaço, mas acolheu tudo e alheou-se. Haveria tempo para descansar nos braços de Everam e ainda não tinha chegado a sua hora.

— Então devia tê-lo rejeitado? — perguntou, erguendo a voz, para que todos o ouvissem. — Vem até nós como inimigo dos alagai e deveríamos ter-lhe voltado as costas? Somos homens ou khaffit?

O Andrah parou e voltou-se novamente para Jardir. Tinha a expressão perturbada.

— Trouxe um demónio da rocha com ele! — gritou o Andrah.

— Não me importaria mesmo que o seu inimigo fosse realmente Alagai Ka — replicou, também com um grito. — Que a perdição se abata sobre Krasia quando recearmos suficientemente os alagai para rejeitar um homem durante a noite. Mesmo que seja chin!

Chamou o estrangeiro com um gesto e este subiu os degraus até meio, para que todos conseguissem vê-lo. Segurava a lança com firmeza, como se esperasse que a multidão se voltasse contra ele a qualquer instante. O olhar duro tornava claro que não se deixaria derrubar com facilidade.

«É intrépido», pensou Jardir. «Poderá haver melhor homem a quem ligar o meu destino?»

— Não se trata de um nortenho cobarde, trabalhando a terra como uma mulher — disse Jardir. — É um par’chin, um bravo forasteiro, que se ergue como um dal’Sharum! Que Alagai Ka venha! Se desejar o sangue deste estrangeiro, essa razão deverá bastar para que qualquer homem ansioso de se erguer com orgulho diante de Everam lhe negue esse intuito!

Shanjat gritou, manifestando o seu apoio, sendo prontamente imitado pela

centúria de Jardir. Num instante, todos os dal'Sharum tinham erguido as lanças e acrescentado as vozes ao grito.

— Erguemo-nos contra Nie durante a noite e contrariámos o seu grande servidor — disse Jardir. — Enquanto falo, arrasta-se de volta ao abismo, derrotado, tremendo com o medo provocado pelos dal'Sharum da Lança do Deserto!

O Andrah engasgou-se ao ponderar uma resposta, mas tudo o que pudesse dizer teria sido abafado quando os próprios dama na multidão se uniram ao grito.

O Andrah franziu a testa, mas perante um apoio tão avassalador a Jardir, não podia fazer nada. Deu meia-volta, sentando-se pesadamente no seu palanquim. Os nie'Sharum gemeram sob o peso ao fazerem subir as barras de transporte até aos ombros.

— Jogas um jogo perigoso — advertiu Amadeveram enquanto o Andrah era levado para fora do alcance das suas palavras.

— Para mim, a sharak não é um jogo, Damaji — considerou Jardir.



— Saíste-te bem — disse Inevera, ao deitá-lo na sua mesa cirúrgica. — Fizeste correr aquele porco gordo com a cauda de rosca entre as pernas! — Riu-se e começou a cortar-lhe a túnica. O ombro e grande parte do braço tinham enegrecido.

— Tenho momentos raros de competência — disse Jardir.

Inevera grunhiu, segurando-lhe o braço e colocando-o no sítio certo com uma torção rápida. Jardir estava preparado para a dor e sentiu-a passar sobre ele como uma brisa quente.

— Precisas de uma raiz para a dor? — perguntou.

Como resposta obteve um ronco de desprezo.

— Tão forte — ronronou ela, passando-lhe as mãos sobre o corpo, procurando outros ferimentos. Jardir era um amontoado de nódoas negras e arranhões, mas parecia não haver nada que não pudesse esperar, pois as vestes de Inevera caíram ao chão e subiu para a mesa, montando-o.

Nada a excitava mais do que a vitória.

— Meu campeão — sussurrou, beijando-o com avidez no peito. — Meu

Shar’Dama Ka.



Jardir sentava-se no Trono da Lança, olhando os seus kai’Sharum enquanto estes lhe transmitiam os seus relatórios. Tinha o braço esquerdo suspenso e, apesar de a dor ser apenas um vago eco na sua mente concentrada, a incapacidade de usar o membro enfurecia-o. As suas esposas tentariam impedi-lo de participar na alagai’sharak da noite seguinte, mas não lhes daria ouvidos.

Diante dele, erguia-se Evakh, kai’Sharum da tribo Sharach.

— Restando-me apenas quatro dal’Sharum, lamento informar o Sharum Ka de que os Sharach já não possuem guerreiros suficientes para formar uma unidade — disse Evakh, baixando a cabeça, envergonhado. — Precisaremos de muitos anos para recuperar. — Não disse o que todos estariam a pensar: que seria provável que os Sharach nunca recuperassem, extinguindo-se ou sendo absorvidos por outra tribo.

Jardir abanou a cabeça.

— Muitas unidades foram destruídas na noite passada. Pedirei aos dal’Sharum que honrem os seus irmãos Sharach com as suas lanças. Terás guerreiros sob o teu comando na noite vindoura.

O kai’Sharum arregalou os olhos.

— A generosidade é demasiada, Primeiro Guerreiro.

— Tolice — disse Jardir. — A minha consciência não me permitiria fazer outra coisa. Além disso, pagarei pessoalmente esposas que ajudem na vossa recuperação. — Sorriu. — Se os teus homens aplicarem tanta energia nessa tarefa como na alagai’sharak, os Sharach não tardarão a recuperar.

— Os Sharach ficar-te-ão devedores para todo o sempre, Primeiro Guerreiro — disse o homem, prostrando-se e tocando o chão com a testa.

Jardir desceu do trono e colocou a mão saudável sobre o ombro do guerreiro.

— Eu sou Sharach — disse. — Tal como os três filhos e duas filhas que me deu Qasha. Não permitirei que a nossa tribo se perca na noite. — O guerreiro beijou-lhe os pés calçados com sandálias e Jardir sentiu as lágrimas que lhe escorriam dos olhos.

— Os Kaji e os Majah não venderão esposas a outra tribo — disse-lhe Ashan

quando Evakh partiu —, mas os Mehnding possuem filhas em abundância e são leais ao Sharum Ka. Sofreram poucas perdas na noite passada.

Jardir acenou afirmativamente.

— Propõe a compra das mulheres que aceitarem vender. O custo não importa. Outras tribos também precisarão de sangue novo para sobreviver a este infortúnio.

Ashan curvou-se.

— Será feito. Mas a reconstrução das tribos não será dever dos Damaji?

Jardir olhou-o, consciente do que dizia.

— Vamos, meu amigo. Sabes tão bem como eu que esses velhos não erguerão um dedo para se ajudarem uns aos outros. Nem agora. Os Sharum deverão cuidar de si próprios.

Ashan voltou a curvar-se.

Foram apresentados outros relatórios, muitos igualmente negativos. Jardir ouviu-os, com desagrado, oferecendo auxílio a todos e pensando nas condições do exército que teria reunido assim que caísse a noite.

Por fim, quando o último dos seus comandantes partiu, suspirou.

— Tragam o Par'chin e o khaffit — disse.

Ashan fez sinal aos guardas e os dois foram escoltados para dentro. Os dal'Sharum empurraram Abban com violência para o chão diante do trono.

— Traduzirás para o Sharum Ka, khaffit — disse Ashan.

— Sim, meu dama — disse Abban, tocando com a cabeça no chão.

O estrangeiro disse alguma coisa a Abban, que murmurou uma resposta entredentes.

— Que disse ele? — perguntou Jardir.

Abban engoliu em seco, hesitando.

O guarda atrás de Abban atingiu-o nas costas com a lança.

— O Sharum Ka fez-te uma pergunta, filho de mijo de camelo!

Abban gritou de dor e o estrangeiro elevou a voz, empurrando o guerreiro para trás e colocando-se entre os dois. Enfrentou o olhar do guerreiro por um momento, mas os olhos do Sharum olharam Jardir, esperando aprovação.

Jardir ignorou-os.

— Não pedirei segunda vez — disse a Abban.

Abban limpou o suor da testa.

— Disse: não é justo que tenhas de rastejar desta forma — traduziu, baixando a cabeça e fechando os olhos, como se esperasse novo golpe.

Jardir acenou afirmativamente.

— Diz-lhe que te envergonhaste a ti e à tua família no Labirinto e que já não és digno de te erguer entre homens.

Abban acenou afirmativamente, traduzindo. O estrangeiro respondeu e Abban traduziu:

— Diz que não devia importar. Nenhum homem deveria rastejar como um cão.

Ashan abanou a cabeça.

— Os costumes dos selvagens são bizarros.

— Assim é — concordou Jardir. — Mas não estamos aqui para discutir o tratamento dos khaffit. Abban, podes erguer as mãos do chão.

— Obrigado, Primeiro Guerreiro — disse Abban, endireitando-se. O estrangeiro pareceu tranquilizar-se ao vê-lo e afastou-se do guarda enquanto este fazia o mesmo.

— Lutaste bem durante a noite, Par'chin — disse Jardir. Abban não demorou a traduzir.

O estrangeiro curvou-se e olhou Jardir nos olhos quando respondeu na sua língua gutural.

— Honrou-me lutar entre homens de tamanha coragem — traduziu Abban.

— Há outros homens do Norte que lutem como tu? — perguntou Jardir.

O estrangeiro abanou a cabeça.

— A minha gente luta apenas quando é forçada, para salvar a sua vida ou, por vezes, para salvar vidas alheias — disse Abban. O hortelão franziu a testa e acrescentou qualquer coisa, cuspindo no chão. — Por vezes, nem isso — disse Abban.

— São uma raça de cobardes, como diz o Evejah — disse Ashan. Abban abriu a boca e o dama atirou-lhe um cálice, ensopando-lhe as sedas finas com néctar escuro. — Não traduzas isso, imbecil! — O estrangeiro cerrou um punho, mas manteve os olhos em Jardir.

— Que te torna diferente? — perguntou Jardir. Abban traduziu, mas o estrangeiro apenas encolheu os ombros, sem responder.

— Cortaste o braço do demónio da rocha?

O estrangeiro acenou afirmativamente.

— Quando era apenas um rapaz — traduziu Abban —, fugi de casa. Construí um círculo de guardas quando o Sol se pôs e fiquei rodeado por nuclitas...

Jardir ergueu uma mão.

— Nuclitas?

Abban baixou a cabeça.

— É a palavra com que os nortenhos designam os alagai, Primeiro Guerreiro — explicou. — Significa «aqueles que habitam o núcleo.» Acreditam que o abismo de Nie se situa no núcleo de Ala, tal como nós.

Jardir acenou afirmativamente, indicando ao homem que prosseguisse.

— O demónio da rocha veio até mim nessa noite — traduziu Abban – e, tolo como era, trocei dele, insultando e saltitando. Mas escorreguei e danifiquei uma guarda. O nuclita atacou, atingindo-me as costas com as garras, mas consegui reparar a guarda antes que atravessasse por completo o círculo. Quando o círculo se reactivou, o braço foi cortado.

Ashan roncou.

— Impossível. É óbvio que o chin mente, Sharum Ka. Ninguém poderia sobreviver a um golpe de tamanha criatura.

O estrangeiro olhou Abban, mas o khaffit não traduziu. Em seguida, voltou-se para Jardir. Disse alguma coisa e apontou Ashan.

— Que disse o Homem Santo? — traduziu Abban.

Jardir olhou Ashan e voltou a olhar o estrangeiro.

— Disse que mentes.

O estrangeiro acenou afirmativamente, como se o esperasse. Pousou a lança e ergueu a camisa, voltando-lhes as costas.

— Coração negro de Nie — disse Abban, empalidecendo ao ver as grossas cicatrizes que cobriam as costas do homem. Os anos tinham-nas esbatido, mas não havia dúvida de que tinham sido provocadas por garras maiores do que as de qualquer demónio da areia.

O estrangeiro voltou-se novamente, fitando intensamente Ashan.

— Ainda acreditas que minto? — traduziu Abban.

— Pede desculpa — murmurou Jardir.

Ashan curvou-se numa vénia demorada.

— As minhas desculpas, Par’chin. — O estrangeiro acenou com a cabeça depois de Abban traduzir.

— O demónio persegue-te desde então? — perguntou Jardir.

O hortelão acenou afirmativamente.

— Há quase sete anos — traduziu Abban. — Mas, um dia, mostrar-lhe-ei o Sol.

Jardir manifestou o seu acordo com um gesto da cabeça.

— Porque não nos contaste que eras perseguido por um inimigo tão volumoso? Colocaste a minha cidade em risco.

O estrangeiro replicou e Abban arregalou os olhos. Disse-lhe alguma coisa como resposta, mas o estrangeiro abanou a cabeça e voltou a falar.

— Não estás aqui para manter conversas privadas, khaffit! — gritou Jardir, erguendo-se do trono. Os dal'Sharum junto à porta baixaram as lanças e avançaram.

— Perdão, Primeiro Guerreiro! — gritou Abban, pressionando a testa contra o chão. — Pretendia apenas clarificar o significado do ele que dizia!

— Serei eu a decidir o que precisa de clarificação — disse-lhe Jardir. — Da próxima vez que falares sem autorização, corto-te os polegares. Agora, traduz tudo o que foi dito.

Abban acenou avidamente com a cabeça.

— O estrangeiro disse: «Era apenas um demónio da rocha. São comuns no Norte e não julguei pertinente referir que um deles me perseguia movido por ódio pessoal». A isto, respondi: «Certamente exageras, meu amigo! Não podem existir dois alagai do mesmo tamanho». E ele disse: «Sim. Nas montanhas do Norte, existem muitos semelhantes.»

Jardir aquiesceu.

— Quais são as fraquezas dos demónios da rocha?

— Tanto quanto sei — respondeu o estrangeiro pela voz de Abban —, não têm qualquer fraqueza. E tenho-as procurado sem cessar.

— Encontraremos uma, Par'chin — disse Jardir. — Juntos.



— Este nível de comunicação é inaceitável — disse Jardir, quando o estrangeiro foi escoltado para fora.

— O Par'chin aprende depressa — disse Abban — e comprometeu-se a

aprender a nossa língua. Não tardará a falá-la. Prometo.

— Não é suficiente — disse Jardir. — Haverá outros nortenhos e também desejarei falar com eles. Já que nenhum dos nossos sábios
— olhou Ashan com desdém — achou necessário estudar a língua dos selvagens, caber-te-á a ti instruir-nos. Começando por mim.

Abban empalideceu.

— A mim? — guinchou. — Instruir-vos?

Jardir sentiu uma pontada de nojo.

— Pára de tremer. Sim, a ti! Há mais alguém que a fale?

Abban encolheu os ombros.

— É uma perícia valiosa no mercado. As minhas mulheres e filhas falam algumas palavras para que possam ouvir em segredo a conversa dos Mensageiros. Muitas outras mulheres no bazar possuem igual conhecimento.

— Esperas que o Sharum Ka seja ensinado por uma mulher? — perguntou Ashan. Jardir conteve-se para não reagir à ironia. Se não fosse Inevera, continuaria a ser um dal'Sharum analfabeto.

— Então que seja outro mercador — disse Abban. — Não sou o único que negoceia com o Norte.

— Mas és o que mais negoceia — lembrou Jardir. — É óbvio pelas tuas sedas efeminadas e pelo facto de um miserável khaffit como tu ter mais esposas do que a maioria dos guerreiros. Além disso, o Par'chin conhece-te e confia em ti. A não ser que exista um homem verdadeiro que fale a língua dos nortenhos, serás tu.

— Mas... — disse Abban, com um olhar de súplica. Mas Jardir ergueu uma mão, silenciando-o.

— Disseste uma vez que me devias a vida — disse-lhe Jardir.
— Chegou o momento de começares a pagar essa dívida.

Abban curvou-se, tocando o chão com a testa.

Os portões da cidade estavam reparados quando a noite caiu e, apesar de o gigantesco demónio da rocha continuar a atacar as muralhas, as catapultas não lhe facultaram mais munição com que pudesse quebrar as guardas. O Par'chin

juntou-se novamente à alagai’sharak nessa noite e em todas as noites da semana seguinte. Durante o dia, treinava arduamente com os dal’Sharum.

— Não posso falar pelos outros Mensageiros das terras verdes — disse o instrutor Kaval, cuspindo no chão —, mas o Par’chin foi bem treinado. A sua perícia com a lança é excelente e pratica sharusahk como se tivesse nascido para o fazer. Comecei por integrá-lo entre os nie’Sharum, mas já superou até aqueles que estão preparados para a muralha.

Jardir acenou afirmativamente. Não esperava outra coisa.

Como se soubesse que falavam sobre ele, o Par’chin aproximou-se, seguido diligentemente por Abban. Curvou-se e falou.

— Regressarei ao Norte amanhã, Primeiro Guerreiro — traduziu Abban.

«Mantém-no perto.» As palavras de Inevera ecoaram na cabeça de Jardir.

— Tão cedo? — perguntou. — Acabas de chegar, Par’chin!

— Sinto o mesmo — disse o Par’chin. — Mas tenho mercadoria a entregar e mensagens a transmitir.

— Compromissos com os chin! — exclamou Jardir, percebendo que cometera um erro no momento em que as palavras lhe deixaram a boca. Era um insulto grave. Pensou se o hortelão o atacaria.

Mas o Par’chin limitou-se a arquear uma sobrancelha.

— Isso é importante? — perguntou, por intermédio de Abban.

— Não, claro que não — respondeu Jardir, curvando-se para surpresa geral. — As minhas desculpas. Estou apenas desiludido por te ver partir.

— Regressarei em breve — prometeu o Par’chin. Ergueu uma resma de papel encadernada em couro. — Abban foi muito útil. Tenho uma lista longa de palavras a memorizar. Quando nos encontrarmos novamente, espero ser mais competente na vossa língua.

— Sê-lo-ás, sem dúvida — disse Jardir. Abraçou o Par’chin, beijando-lhe a face nua. — Serás sempre bem-vindo a Krasia, meu irmão, mas atrairás menos atenções se deixares crescer uma barba de homem.

O Par’chin sorriu.

— Assim farei — prometeu.

Jardir aplicou-lhe uma palmada nas costas.

— Vem, meu amigo. A noite cai. Mataremos alagai uma última vez antes de atravessares as areias tórridas.



Nos meses que se seguiram à partida do Par’chin, Jardir começou a observar com maior atenção os outros Mensageiros do Norte. Os contactos de Abban no mercado eram numerosos e não demorava a ser informado da chegada de um nortenho.

Jardir convidou cada um para o seu palácio, uma honra inaudita até então. Os homens acorriam com avidez, após séculos a serem tratados como escória inferior até aos khaffit.

— Sinto-me grato pela oportunidade de praticar a língua das terras do Norte — dizia aos Mensageiros que se sentavam à sua mesa, servidos pelas suas esposas. Falou longamente com cada um, melhorando realmente os seus conhecimentos, mas procurando algo mais.

E, quando as refeições chegavam ao fim, fazia sempre o mesmo pedido.

— Empunhas uma lança durante a noite como um homem — dizia. — Junta-te a nós esta noite no Labirinto como um irmão.

Os homens olhavam-no e via nos seus olhos que não compreendiam a dimensão da honra que lhes era oferecida.

E, um a um, todos recusaram.

Entretanto, o Par’chin manteve a palavra, visitando-o pelo menos duas vezes por ano. Por vezes, as suas visitas duravam apenas dias e, noutras ocasiões, passava meses na Lança do Deserto e nas aldeias circundantes. Uma e outra vez, vinha ao campo de treino, implorando que lhe permitissem participar na alagai’sharak.

«Será o Par’chin o único verdadeiro homem do Norte?», questionava Jardir.



O Guardador de Fosso, tombando com um jorro de sangue, não atingira o chão quando o Par’chin atacou. Prendeu as pernas do demónio da areia e lançou-se por terra, torcendo-se para conseguir apoio num movimento sem mácula de sharusahk. Os joelhos do demónio cederam e caiu para o fosso.

Como se tudo integrasse o mesmo movimento, o Par’chin ergueu um pedaço de

carvão, reparando a guarda danificada e voltando a selar o círculo antes que outro demónio conseguisse escapar. Num instante, colocou-se ao lado do Guardador, cortando-lhe as vestes e afastando as placas metálicas colocadas abaixo do tecido para repelir garras de alagai. O metal era uma protecção especial concedida aos Guardadores de Fosso, mas era parco substituto de escudo e lança. Os Guardadores de Fosso precisavam de manter as mãos livres.

O sangue tornava escorregadios os braços e mãos do Par'chin, mas ele não se preocupou, procurando ervas e instrumentos no seu saco de batalha. Jardir abanou a cabeça, espantado. Não era a primeira vez que o hortelão tratava um guerreiro caído no chão do Labirinto. Os nortenhos seriam uma combinação de guardadores e dama'ting?

O Guardador debateu-se, sem grande vontade, mas o Par'chin imobilizou-o, prendendo-o ao chão com os joelhos enquanto limpava a ferida.

— Ajudem-me! — gritou o Par'chin em krasiano, mas os dal'Sharum limitaram-se a olhar, confusos. Jardir também o sentiu. Não eram ferimentos simples. Não perceberia que o homem estava condenado a viver como um incapaz se sobrevivesse?

Jardir aproximou-se dos dois. O Par'chin tentava enfiar linha numa agulha em gancho enquanto aplicava pressão sobre as ligaduras com o cotovelo. O guerreiro continuava a debater-se, impossibilitando a tarefa.

— Mantém-no quieto! — gritou o Par'chin, vendo-o aproximar-se. Jardir ignorou-o, olhando o guerreiro nos olhos. O dal'Sharum respondeu com um aceno breve da cabeça.

Jardir cravou a lança no coração do homem.

O Par'chin guinchou, deixando cair a agulha e lançando-se sobre Jardir. Segurou-o pela túnica e empurrou-o para trás com força, fazendo-o embater contra a muralha do Labirinto.

— Que fizeste? — perguntou-lhe.

À volta, na bolsa de emboscada, guerreiros ergueram as lanças e avançaram. Nenhum homem estava autorizado a tocar no Primeiro Guerreiro.

Jardir ergueu uma mão para os deter, mantendo os olhos sobre o estrangeiro, que não fazia ideia de quão próximo estava da morte.

Olhando o Par'chin nos olhos, viu-se forçado a reavaliar essa percepção. Talvez o soubesse muito bem e, simplesmente, não se importasse. Matar o

Guardador ofendera o hortelão além de qualquer controlo.

— Permiti que um homem morresse com honra, filho de Jeph — respondeu Jardir. — Não queria a tua ajuda. Não precisava dela. Cumpriu o seu dever e, agora, está no Paraíso.

— O Paraíso não existe — rosnou o Par'chin. — Tudo o que fizeste foi assassinar um homem.

Jardir flectiu os músculos, libertando-se facilmente dos braços do Par'chin. O homem aprendera rapidamente sharusahk ao longo dos dois anos anteriores, mas não estava ainda à altura da maioria dos dal'Sharum e muito menos de um que tivesse sido treinado no Sharik Hora. Esmurrou o Par'chin no queixo, esquivando-se com facilidade ao golpe de resposta. Torceu o braço do homem atrás dele e empurrou-o contra o chão com violência.

— Por esta vez — sussurrou-lhe ao ouvido —, fingirei que não te ouvi dizer isso. Volta a proferir as tuas blasfémias nortenhas em Krasia e a tua vida estará perdida.



«Mantém-no perto», dissera-lhe Inevera. Mas falhara.

Jardir erguia-se sozinho sobre a muralha, observando os alagai que fugiam ao Sol nascente. O grande demónio da rocha, a que os seus homens tinham começado a chamar Alagai Ka, caminhava para trás e para diante junto aos portões restaurados, mas as guardas eram fortes. Não tardaria também a afundar-se no abismo de Nie até à noite seguinte.

Jardir não conseguiu esquecer o desespero nos olhos do Par'chin, a necessidade de salvar a vida do Guardador. Jardir sabia que fizera o que estava certo ao pôr-lhe fim e garantir que o homem teria glória em vez de uma vida como incapaz, mas também sabia que confrontara deliberadamente o Par'chin ao fazê-lo.

Entre a sua gente, lições desagradáveis daquele tipo eram comuns e nenhum homem tentaria atacar os seus superiores pela vida de um aleijado. Mas, como Jardir aprendera uma e outra vez, os nortenhos não eram como a sua gente, nem mesmo o Par'chin. Não acolhiam a morte como parte da vida. Lutavam contra ela como qualquer dal'Sharum lutava contra os alagai.

Também havia nisso honra de algum tipo. Os dama erravam quando chamavam

selvagens aos homens das terras verdes. Sem esquecer o desígnio de Inevera, Jardir gostava do Par'chin. A cisão entre ambos roía-o e pensava numa forma de a reparar.

— Pensei que te encontraria aqui — disse uma voz atrás dele. Jardir riu-se. O hortelão tinha um talento especial para surgir quando Jardir pensava nele.

O Par'chin erguia-se sobre a muralha, olhando para baixo. Cuspiu de forma sonora e violenta e a mistura de saliva e muco atingiu a cabeça do demónio da rocha, seis metros abaixo. O demónio rugiu-lhe e riram-se juntos enquanto o demónio desaparecia abaixo das dunas.

— Um dia, estará morto a teus pés — disse Jardir. — E a luz de Everam incendiará o seu corpo.

— Um dia — concordou o Par'chin.

Os dois homens ergueram-se em silêncio por um momento, perdidos nos seus pensamentos. O hortelão deixara crescer uma barba, como Jardir sugerira, mas os pêlos amarelos na sua face pálida conseguiam apenas marcá-lo ainda mais como estrangeiro do que a face nua.

— Vim pedir desculpa — disse o Par'chin, finalmente. — Não tenho o direito de julgar os vossos costumes.

Jardir acenou afirmativamente.

— Nem eu os teus. Agiste por lealdade e não devia tê-lo ignorado. Sei que te afeiçoaste muito aos Guardadores desde que aprendeste a nossa língua. Aprenderam muito contigo.

— E eu com eles — disse o Par'chin. — Não pretendia ofender.

— Parece-me que cada uma das nossas culturas é um insulto natural à outra, Par'chin — disse Jardir. — Devemos resistir à tentação da ofensa se desejamos continuar a aprender um com o outro.

— Obrigado — disse o Par'chin. — É muito importante ouvi-lo.

Jardir acenou-lhe com a mão.

— Não falemos mais no assunto, meu amigo.

O hortelão acenou afirmativamente e voltou-se, preparado para partir.

— Todos os homens do Norte pensam como tu? — perguntou Jardir. — Que o Paraíso não é real?

O Par'chin abanou a cabeça.

— No Norte, os Protectores falam de um Criador que vive no Paraíso e que

chama a si os espíritos dos seus fiéis, como fazem os vossos dama. A maioria acredita nas suas palavras.

— Mas tu não te contas entre a maioria — disse Jardir.

— Os Protectores também dizem que os nuclitas são uma praga – explicou o Par'chin. — Que os pecados dos homens são tão grandes que o Criador enviou os demónios para os punir. — Abanou a cabeça. — Nunca acreditarei em tal coisa. E, se os Protectores se enganam nisto, que fé poderei depositar nas suas outras palavras?

— Então por que lutas, se não é para glória do Criador? — perguntou Jardir.

— Não preciso de Homens Santos para me dizerem que os nuclitas são um mal que deverá ser destruído — disse o Par'chin. — Mataram a minha mãe e quebraram o meu pai. Assassinaram amigos, vizinhos e familiares. Algures lá fora — abarcou o horizonte com um gesto da mão — haverá uma forma de os destruir. Procurarei até conseguir encontrá-la.

— Estás certo quando duvidas desses vossos Protectores — disse Jardir. — Os alagai não são uma praga. São um teste.

— Um teste?

— Sim. Um teste de lealdade a Everam. Um teste à nossa coragem e vontade de enfrentar a escuridão de Nie. Mas também te enganas. O caminho para a sua destruição não está lá fora — imitou o seu gesto anterior, mas retirando-lhe importância. — Está aqui. — Tocou o peito do Par'chin com um dedo. — E, no dia em que todos os homens ouvirem os seus corações e se unirem, Nie será incapaz de nos enfrentar.

O Par'chin permaneceu em silêncio durante longo tempo.

— Sonho com esse dia — disse, por fim.

— Tal como eu, meu amigo — disse Jardir. — Tal como eu.



Mais de dois anos após a sua primeira visita, o Par'chin regressou novamente. Jardir ergueu o olhar das lousas com planos de batalha traçados a giz, vendo o homem atravessar o campo de treino e sentindo-se como se um irmão regressasse de longa viagem.

— Par'chin! — chamou, abrindo os braços para o receber. — Bem-vindo de

volta à Lança do Deserto! — Falava já a língua do Norte com fluidez, apesar de as palavras ainda lhe parecerem feias na boca. — Não sabia que tinhas regressado. Os alagai tremerão de medo esta noite!

Foi então que Jardir notou que o Par'chin era seguido por Abban, apesar de já nenhum dos dois precisar do khaffit gordo para comunicar.

Jardir olhou Abban, enojado. Engordara ainda mais desde a última vez que Jardir o vira e continuava a cobrir-se com seda como a esposa favorita de um Damaji. Dizia-se que dominava o comércio no bazar, devido, em grande parte, aos seus contactos extensos com o Norte. Era uma sanguessuga, colocando o lucro acima de Everam, acima da honra e acima de Krasia.

— Que fazes entre os meus homens, khaffit? — perguntou. — Não te convoquei.

— Veio comigo — explicou o Par'chin.

— Vinha contigo — corrigiu Jardir. Abban retirou-se, apressado, após uma vénia. — Não sei por que perdes o teu tempo com esse khaffit, Par'chin — disse Jardir, com desprezo.

— No sítio de onde venho, o valor de um homem não termina na forma como ergue a lança — disse o Par'chin.

Jardir riu-se.

— No sítio de onde vens, Par'chin, não erguem a lança de todo!

— O teu thesano melhorou muito — notou o Par'chin.

Jardir grunhiu.

— A vossa língua chin não é fácil e é duas vezes mais difícil por exigir um khaffit para a praticar quando estás longe. — Observou Abban a coxear para longe, mirando de forma reprovadora as suas sedas garridas. — Olha para ele. Veste-se como uma mulher.

— Nunca vi uma mulher vestida assim — disse o Par'chin.

— Apenas porque não me permites encontrar-te uma mulher cujo véu possas erguer — disse Jardir. Tentara muitas vezes encontrar uma noiva para o Par'chin, para o unir a Krasia e para o manter perto, como instruíra Inevera.

«Um dia, terás de o matar.» A voz de Inevera ecoava na sua cabeça, mas não pretendia acreditar no que dizia. Se conseguisse encontrar-lhe uma esposa, o hortelão deixaria de ser um chin e renasceria como dal'Sharum. Talvez essa «morte» cumprisse a profecia.

— Duvido que os dama permitissem que uma das vossas mulheres casasse com um chin sem tribo — disse o Par’chin.

Jardir acenou com a mão.

— Tolice — afirmou. — Derramámos sangue lado a lado no Labirinto, meu irmão. Se te acolher na minha tribo, nem o próprio Andrah se atreveria a protestar!

— Penso que ainda não estarei pronto para casar — disse o Par’chin.

Jardir franziu o sobrolho. Por maior que fosse a sua proximidade, o estrangeiro continuava a intrigá-lo. Entre a sua gente, os desejos de um guerreiro eram tão indomáveis fora do campo de batalha como dentro. Não vira provas de que o Par’chin preferisse a companhia de homens, mas parecia mais interessado na batalha do que nos despojos que cabiam por direito àqueles que sobreviviam para ver a madrugada.

— Não esperes muito ou os homens acharão que és push’ting — disse-lhe, usando a palavra que significava «falsa mulher». Não era pecado aos olhos de Everam que um homem se deitasse com outro homem, mas os push’ting rejeitavam as mulheres por completo, negando à tribo as gerações futuras, algo que o seu povo não podia suportar.

— Há quanto tempo chegaste, meu amigo? — perguntou Jardir.

— Apenas há algumas horas — respondeu o Par’chin. — Acabo de entregar as mensagens dirigidas ao palácio.

— E vens já oferecer a tua lança! — gritou Jardir para que todos o ouvissem. — Por Everam, o Par’chin deve ter sangue krasiano nas veias! — Os homens riram-se.

— Caminha comigo — disse Jardir, rodeando os ombros do Par’chin com o braço enquanto revisitava mentalmente o plano de batalha da noite seguinte, procurando um lugar honroso para o seu bravo amigo. — Os Bajin perderam um Guardador de Fosso na noite passada — disse. — Poderás substituí-lo.

— Prefiro ser Empurrador — tornou o Par’chin.

Jardir abanou a cabeça, mas sorria.

— Esperas sempre o trabalho mais perigoso — censurou-o. — Se morreres, quem levará as tuas cartas?

— Não será tão perigoso nesta noite — disse o Par’chin. Mostrou um embrulho de pano e a lança que continha.

Mas não era uma lança qualquer. Era totalmente fabricada com um metal brilhante e prateado e possuía guardas traçadas ao longo da extremidade que a luz do Sol fazia reluzir ligeiramente. O olho treinado de Jardir avaliou-a de extremo a extremo e sentiu o coração acelerar-se no peito. Muitas das guardas eram-lhe desconhecidas, mas conseguia sentir o seu poder.

O Par'chin erguia-se com orgulho, esperando a sua reacção. Jardir conteve o espanto e pestanejou para afastar o brilho de cobiça dos olhos, esperando que o amigo não o tivesse notado.

— Uma arma digna de um rei — concordou. — Mas é o guerreiro que vence ao fim da noite, Par'chin. E não a lança. — Pousou a mão sobre o ombro do Par'chin e olhou-o nos olhos. — Não deposites demasiada fé na tua arma. Vi guerreiros com maior experiência do que tu pintarem as lanças e acabarem mortos.

— Não fui eu a fabricá-la — disse o Par'chin. — Encontrei-a nas ruínas de Anoch Sun.

O coração acelerado de Jardir estremeceu. Seria verdade? Forçou-se a rir.

— A cidade-berço do Libertador? — perguntou. — A Lança de Kaji é um mito, Par'chin. E a cidade perdida foi reclamada pela areia.

O Par'chin abanou a cabeça.

— Estive lá. Posso levar-te.

Jardir hesitou. O Par'chin não era mentiroso e não havia sinal de troça na sua voz. Era sincero no que dizia. Por um momento, uma imagem passou-lhe pela mente: ele e o Par'chin nas areias, juntos, descobrindo as velhas guardas de combate. Foi apenas com grande esforço que conseguiu lembrar as suas responsabilidades e afastar a imagem.

— Sou o Sharum Ka da Lança no Deserto, Par'chin — respondeu. — Não posso limitar-me a preparar um camelo e seguir pelo deserto fora em busca de uma cidade que existe apenas em textos antigos.

— Creio que conseguirei convencer-te quando a noite cair — disse o Par'chin.

Jardir curvou os lábios num sorriso.

— Promete-me que não tentarás nenhuma tolice. Com ou sem lança guardada, não és o Libertador. Seria triste ter de te sepultar.

— É esta a noite — disse Inevera. — Há muito que a previ. Mata-o e apodera-te da lança. Quando o Sol nascer, declarar-te-ás Shar'Dama Ka e, dentro de um mês, governarás toda a Krasia.

— Não — disse Jardir.

Por um momento, Inevera não o ouviu.

— ... e os Sharach declararão de imediato o seu apoio — dizia.

— Mas os Kaji e os Majah opor-se-ão com firmeza... Hã? — Voltou-se novamente para ele, arqueando as sobrancelhas até ficarem ocultas pelo toucado.

— A profecia... — começou.

— Para o abismo com a profecia — disse Jardir. — Não assassinarei o meu amigo, por mais que os ossos de demónio te digam que o devo fazer. Não o roubarei. Sou o Sharum Ka. Não sou um gatuno.

Esbofeteou-o e a sua resposta ecoou pelas paredes de pedra.

— És um tolo! — gritou. — É agora o momento da divergência, quando o que poderá ser se torna o que será. Quando o Sol nascer, um dos dois será aclamado como Libertador. Cabe-te a ti decidir se será o Sharum Ka da Lança do Deserto ou algum chin salteador de sepulturas vindo do Norte.

— As tuas profecias e divergências cansam-me — disse Jardir. — As tuas e as de todas as dama'ting! São apenas palpites para vergar os homens à vossa vontade. Mas não trairei um amigo, independentemente do que finjas ver nesses nacos guardados de merda de alagai!

Inevera gritou e ergueu a mão para o golpear novamente, mas Jardir segurou-lhe o pulso e manteve-o bem alto. A mulher debateu-se por um momento, mas era como lutar contra uma parede de pedra.

— Não me forces a magoar-te — advertiu Jardir.

Os olhos de Inevera estreitaram-se e voltou-se subitamente, cravando o indicador e dedo médio enrijecidos da mão livre no seu ombro. De imediato, o braço que lhe prendia o pulso ficou dormente e contorceu-se até ela conseguir libertar-se, dando um passo atrás e ajeitando as vestes.

— Continuas a acreditar que as dama'ting são indefesas, marido — disse, enquanto o fitava com olhos muito abertos. — Melhor do que ninguém, deverias saber o contrário.

Jardir olhou o braço, horrorizado. Estava pendurado e recusava obedecer aos seus esforços para o mover.

Inevera aproximou-se, segurando-lhe a mão dormente e pressionando-lhe os dedos da outra mão no ombro. Torceu-lhe o braço e pressionou com força e, de repente, a dormência foi substituída por um formigueiro.

— Não és um ladrão — concordou, com voz novamente calma — se apenas reclamares o que é teu por direito.

— O que é meu? — repetiu Jardir, olhando a mão e vendo os dedos flectir.

— Quem é o ladrão? — perguntou Inevera. — O chin que saqueia o túmulo de Kaji ou tu, o seu descendente, que recupera o que foi roubado?

— Não sabemos ao certo se é realmente a Lança de Kaji — disse Jardir.

Inevera cruzou os braços.

— Tu sabes. Soubeste no momento em que a viste, tal como sempre soubeste que este dia viria. Nunca te escondi este destino.

Jardir não disse nada.

Inevera tocou-lhe o braço com delicadeza.

— Se preferires, posso colocar-lhe uma poção no chá. A sua morte será rápida.

— Não! — gritou Jardir, libertando o braço. — Escolhes sempre o caminho menos honroso! O Par'chin não é um khaffit que possa ser abatido como um cão! Merece uma morte de guerreiro.

— Então dá-lhe uma — insistiu Inevera. — Agora, antes que comece a alagai'sharak e se conheça o poder da lança.

Jardir abanou a cabeça.

— Se tem de ser feito, fá-lo-ei no Labirinto.

Mas, enquanto se afastava dela, percebeu que não sabia se teria realmente de ser feito. Como poderia erguer-se como Shar'Dama Ka se o fizesse sobre o cadáver de um amigo?



— Par'chin! Par'chin!

Os gritos ecoavam pelo Labirinto. Jardir observava do alto das muralhas enquanto o hortelão conduzia os dal'Sharum de vitória em vitória. Nenhum alagai conseguia resistir à Lança de Kaji.

«Hoje é o estrangeiro corajoso», pensou Jardir. «Será o Shar'Dama Ka amanhã.»

Mas talvez fosse aquela a vontade de Everam? Quando criou o mundo a partir do vazio de Nie, não teria também criado os homens das terras verdes? Não teria um plano para eles?

— Mas o Par'chin não acredita em Everam — disse, em voz alta.

— Como pode um homem que não se curva perante o Criador ser o Libertador? — perguntou Hasik.

Jardir inspirou fundo.

— Não pode. Reúne Shanjat e os nossos homens mais leais. Para o bem do mundo, o Libertador terá de ser outro.



Jardir encontrou o Par'chin à cabeça da hoste dos Sharum que entoavam o seu nome enquanto avançavam pelo Labirinto com clamor trovejante. Estava coberto com sangue negro de demónio, mas os olhos apresentavam-se vivos e brilhavam com júbilo feroz. Ergueu a lança em saudação e Jardir sentiu um aperto no peito, pois o que tinha de fazer ao seu ajin'pal era muito pior do que o que Hasik lhe fizera.

— Sharum Ka! — gritou o Par'chin. — Nenhum demónio escapará com vida do teu Labirinto nesta noite!

«A guerra é engano», recordou Jardir a si próprio, forçando-se a rir e a erguer a lança como resposta à saudação do Par'chin. Aproximou-se e abraçou o homem uma última vez.

— Subestimei-te, Par'chin — disse. — Não tornarei a fazê-lo.

O Par'chin sorriu.

— Dizes sempre o mesmo. — Estava rodeado por guerreiros, deleitando-se com a sua vitória. Era já impossível confiar neles para fazer o que tinha de ser feito.

— Dal'sharum! — gritou aos guerreiros, indicando os alagai chacinados pelo Labirinto. — Reúnam estas coisas hediondas no topo da muralha exterior! As nossas catapultas necessitam de prática! Que os alagai fora das muralhas vejam a loucura dos ataques à Lança do Deserto!

Um grito de júbilo ergueu-se entre os homens e apressaram-se a fazer o que lhes era pedido. Enquanto se afastavam, Jardir voltou-se para Arlen.

— Os Vigias dizem que ainda se combate nos pontos de emboscada orientais — disse. — Resta-te alguma luta, Par’chin?

O Par’chin mostrou os dentes a Jardir.

— Mostra-me o caminho.

Deixando os Sharum para trás, correram pelo Labirinto, por um caminho já desprovido de testemunhas. Como um Isco, Jardir conduzia o Par’chin à morte. Por fim, chegaram ao ponto de emboscada.

— Oot! — gritou Jardir. E, ao ouvi-lo, Hasik esticou uma perna e fez tropeçar o Par’chin.

O hortelão caiu ao chão com violência, voltando a erguer-se de imediato. Mas, nesse momento, os homens mais fiéis de Jardir tinham bloqueado a única escapatória.

— O que é isto? — perguntou o Par’chin.

Jardir sentiu o coração dorido ao contemplar a expressão traída na face do seu amigo. Não merecia outra expressão, mas, depois de armada a cilada, manter-se-ia firme.

— O lugar da Lança de Kaji é nas mãos do Shar’Dama Ka — disse. — Não contigo.

— Não quero lutar convosco — disse o Par’chin.

— Então não o faças, meu amigo — implorou Jardir. — Dá-me a arma, pega no teu cavalo e parte com a madrugada para nunca mais voltares. — Inevera chamar-lhe-ia um tolo por fazer tal oferta. Até os seus tenentes murmuraram entre si, surpresos. Mas não se importava. Desejou que o amigo aceitasse, apesar de o seu coração lhe dizer que não o faria. O filho de Jeph não era um cobarde. Atrás dele, no fosso de demónio, ouviu-se um rugido. Uma morte de guerreiro aguardava-o.

Lutou com valentia quando os dal’Sharum se lançaram sobre ele, quebrando ossos, mas recusando-se, mesmo depois de traído, a tirar vidas. Jardir manteve-se à parte, consumido pela vergonha.

Por fim, estava feito. O Par’chin era imobilizado por Hasik e Shanjat e Jardir curvou-se para erguer a lança. Sentiu imediatamente o seu poder e uma consciência de pertença quando os seus dedos se fecharam à volta da haste. Era, realmente, a arma de Kaji, cujo sétimo filho fora o primeiro Jardir.

— Lamento realmente, meu amigo — disse. — Desejaria que houvesse outra

forma.

O Par’chin cuspiu-lhe na face.

— Everam vê a tua traição! — gritou.

Jardir sentiu uma pontada de raiva. O Par’chin não acreditava no Paraíso, mas estava disposto a invocar o nome do Criador quando lhe era conveniente. Não tinha esposas nem filhos. Não tinha laços a qualquer família ou tribo, mas acreditava saber o que seria melhor para todos. A sua arrogância não conhecia limites.

— Não fales de Everam, chin — disse Jardir. — Sou eu o seu Sharum Ka. Não és tu. Sem mim, Krasia cairia.



Saíram da cidade em segredo com o primeiro clarear da aurora. A maioria dos alagai tinha já retornado ao abismo, mas um demónio da areia devia ter ouvido a sua aproximação e aguardava, saltando sobre eles da sombra de uma duna, minutos antes de o Sol nascer.

Jardir estava preparado e as guardas defensivas na haste da lança cintilaram quando bloqueou o ataque. O alagai foi atirado ao chão e ergueu o olhar para o céu cada vez mais claro, mas, antes de conseguir esfumar-se, Jardir saltou do cavalo e trespassou-o.

Houve um clarão luminoso quando a lança guardada penetrou a armadura óssea do demónio e Jardir sentiu que a lança ganhava vida na sua mão. Sentiu um choque semelhante ao que fora provocado pela pedra de relâmpagos de Inevera, mas a agonia fora substituída pelo êxtase. De imediato, sentiu-se mais forte, mais rápido. Velhas dores de ferimentos há muito esquecidos foram recordadas pela sua ausência. Sentiu-se imortal. Invencível. Moveu os braços sem esforço, projectando o cadáver do demónio a dez metros de distância, para que aguardasse o Sol nascente.

A sensação de poder dissipou-se rapidamente com a morte do demónio, mas o vigor físico manteve-se. Jardir passara dos trinta anos, mas, subitamente, recordou como se sentira quando o seu corpo tivera vinte e não percebeu como poderia ter esquecido.

«Tudo por um único demónio da areia», pensou. «Que terá sentido o Par’chin

quando a usou em dúzias de alagai no Labirinto?»

Nunca saberia a resposta, pois tinham-no abandonado deitado de bruços e inconsciente sobre as dunas, momentos antes do nascer do Sol, a quilómetros da cidade e a mais de um dia de caminhada da aldeia mais próxima.

Jardir olhou-o e as palavras do hortelão vieram-lhe à mente. «Everam vê a tua traição!», gritara.

— Por que não partiste quando te pedi que o fizesses, meu amigo? — perguntou Jardir. Mais uma questão a que o Par'chin nunca poderia responder.

Jardir olhou o amigo com tristeza enquanto Hasik e Shanjat tornavam a montar. Retirou o odre de água da sua sela, lançando-o à areia, ao lado da figura inerte do hortelão.

— Que fazes? — perguntou Ashan. — Devíamos matá-lo e não prestar-lhe auxílio.

— Não apunhalarei um guerreiro inconsciente — disse Jardir. — O odre não lhe permitirá voar sobre as dunas em busca de refúgio, mas acordará, beberá e, quando os alagai se erguerem, poderá morrer de pé como um homem e encontrará o seu caminho para o Paraíso.

— E se voltar à cidade? — perguntou Shanjat.

— Colocarei Mehnding nas muralhas durante o dia para o abaterem, se conseguir — disse Jardir.

Olhou para trás. «Mas não o farás, pois não, Par'chin?», pensou. «Tens espírito de Sharum e morrerás lutando contra os alagai com as mãos nuas.»

— É um chin — disse Ashan. — Um infiel. Que te faz pensar que Everam o receberá no Paraíso?

Jardir ergueu a lança. O metal reflectiu a luz nascente.

— Porque sou o Shar'Dama Ka e afirmo que assim será.

Os outros olharam-no, boquiabertos, mas ninguém questionou a afirmação.

«Quando o Sol nascer, declarar-te-ás Shar'Dama Ka.»

Olhou novamente o Par'chin.

«Morre bem», pediu, em silêncio. «E, quando nos encontrarmos no Paraíso, se não tiver concretizado o sonho de ambos, teremos um ajuste de contas.»

Fez voltar o cavalo e iniciou o caminho para a cidade.

Para a sua cidade.

Nove

Shar’Dama Ka

329 DR

– NEM MAIS UM PASSO, TRAIDOR — disse o Dama Everal, atravessando-se na entrada da sala do trono do Andrah. Era o mais velho dos filhos do Andrah e era quase certo que se tornaria Damaji após a morte de Amadeveram, sendo provável que se tornasse Andrah depois disso. Aos cinquenta anos, continuava robusto e mantinha o cabelo negro, sendo um mestre de sharusahk sem igual.

Era também o último dos filhos do Andrah que Jardir teria de matar antes de poder esventrar o velho porco.

Não passara um mês desde o dia em que, coberto de sangue de demónio, Jardir anunciara no Labirinto ser o Libertador. Três quartos dos Sharum declararam ali mesmo o seu apoio. Metade dos dama também e o número dos convertidos aumentava diariamente. Os restantes permaneceram fiéis aos seus Damaji, que tentavam defender os seus palácios, mas, por fim, à medida que o poder de Jardir crescia, fugiam para a Subcidade e barricavam-se dentro das muralhas do palácio do Andrah.

A sua conquista poderia ter levado dias em vez de semanas, mas, a cada anoitecer, Jardir soprava a Trompa de Sharak, convocando os seus guerreiros para o Labirinto. Todos os soldados estavam armados com lanças guardadas e os alagai saudavam o Sol em grande número.

Livres para reorganizarem fileiras durante a noite, o Andrah e os Damaji julgavam que aquela era uma grande vantagem, mas não tinham contado com a vergonha provocada aos Sharum que lhes restavam, a quem era negada a

alagai’sharak pelos seus líderes enquanto os homens de Jardir conquistavam glória infinita. Guerreiros desertavam todas as noites e eram recebidos no Labirinto sem questões. Por fim, deixaram de ser suficientes para guardar as muralhas do Andrah. Jardir e os seus homens penetraram os portões pouco após o amanhecer e alcançaram o palácio quase de seguida. Restava apenas um homem entre Jardir e a sua vingança.

— Perdoa-me, dama — disse Jardir, curvando-se diante de Everal —, mas não posso permitir-te a rendição como tenho feito a outros homens. Pois quem poderá confiar num homem que não está disposto a morrer pelo próprio pai? Será melhor que morras com honra.

— Impostor! — exclamou Everal. — Não és o Libertador. És apenas um assassino com uma lança roubada. Não serias nada sem ela!

Jardir parou, erguendo uma mão para travar os guerreiros que o seguiam.

— Crês realmente que sim? — perguntou.

Everal cuspiu-lhe sobre os pés.

— Pousa a arma e enfrenta-me sem a sua magia conspurcada se não é verdade o que digo.

— Ah! — exclamou Jardir, passando a lança a Everal. O dama agarrou a lança por reflexo e arregalou os olhos ao perceber o que segurava na mão.

Algo mudou em Everal nesse momento. Houve uma alteração subtil na sua postura e disposição. Os outros podiam não ter notado, mas foi tão claro para Jardir como se o dama tivesse falado. Antes, achara-se um homem condenado, determinado apenas a causar dano antes de morrer. Agora, havia um brilho esperançoso nos olhos do Dama Everal, uma crença de que poderia matar Jardir e pôr fim à rebelião que trespassara o coração de Krasia.

Jardir acenou afirmativamente.

— Agora, a tua alma está preparada para enfrentar Everam com honra — disse, lançando-se ao dama.

Everal era um mestre de sharusahk, mas Evejah proibia aos clérigos que manejassem a lança e, em todos os anos que Jardir passara no Sharik Hora, nunca vira essa lei ser quebrada. Esperou que a perícia do dama com a lança fosse pobre e facilmente superada.

«Aproveita cada vantagem», ensinara-lhe Khevat.

Mas Everal surpreendeu-o, fazendo girar a lança como um bastão. O

movimento veloz tornava-a invisível quando o dama avançou para ele e, durante alguns instantes, Jardir teve de se esforçar para lhe sair do caminho. Os movimentos de Everal eram rápidos e precisos, com um ataque sendo sucedido com fluidez pelo seguinte, como se esperaria de um homem que passara quatro décadas no Sharik Hora. Everal usou finalmente a extremidade da lança, rasgando uma linha na face de Jardir e conseguindo deixar-lhe um corte no braço.

Por fim, Jardir compreendeu o ritmo por trás dos ataques do dama e avançou velozmente, usando o braço para prender a haste da lança e girando, projectando o dama para o extremo oposto do corredor, onde embateu contra uma coluna e tombou com estrondo.

Jardir esperou que Everal se erguesse e pousou a lança no chão. Os olhos do dama arregalaram-se.

— És um tolo se me cedes a tua vantagem — disse-lhe Everal, mas Jardir limitou-se a sorrir-lhe, tendo avaliado bem o clérigo. Avançou com os braços abertos e Everal esperou-o, pronto a prendê-lo numa chave de braços.

Aos olhos destreinados dos Sharum, o que se seguiu terá parecido uma simples luta decidida pela força, mas, na verdade, as centenas de movimentos e torções subtis eram sharukin destinados a voltar a energia de um oponente contra si.

Aos poucos, Jardir conseguiu imobilizá-lo. Era inevitável e via nos olhos do dama que Everal também o sabia.

— Impossível — exclamou Everal quando os braços de Jardir lhe rodearam o pescoço.

— É esta a diferença, dama — disse Jardir — entre força adquirida na luta contra o ar e força conquistada na luta contra alagai. — Apertou com força e o pescoço de Everal estalou com um som que ecoou pelo corredor.

Os Damaji aglomeravam-se aos pés da plataforma sobre a qual se encontrava o trono do Andrah. Olharam para cima em simultâneo quando os homens de Jardir arrombaram as portas. O Andrah encolhia-se e tremia no Trono dos Crânios, apertando com os dedos os próprios braços e usando tal força que estes se tornavam brancos.

Jardir olhou o amontoado de velhos com olhar de predador. A lei de Everam concedia a cada um deles o direito de o desafiar para um combate enquanto avançasse para o trono. Jardir não receava os Damaji, e não desejava matá-los.

— Mata-os, se for necessário — dissera Inevera —, mas a tua conquista será mais completa se quebrares a sua vontade de lutar. — Dissera-lhe mesmo o que devia oferecer.

— Damaji — disse. — Todos vós sois servidores leais de Everam e nada me move contra vós. Peço apenas que me deixeis passar.

— E que será de nós depois de te sentares no Trono dos Crânios? –
perguntou Kevera, dos Sharach. Como Damaji da tribo mais pequena de Krasia, cabia-lhe ser o primeiro a desafiá-lo.

Jardir sorriu.

— Nada, meu amigo. Os Damaji receiam pela integridade dos seus palácios? Serão vossos. E continuarão a zelar pelas vossas tribos, como sempre fizeram. Peço apenas um gesto simbólico de apoio.

Kevera semicerrou os olhos.

— O quê?

— O segundo filho que me deu Qasha é nie’dama — recordou Jardir.

Kevera acenou afirmativamente.

— E é promissor.

Jardir sorriu novamente.

— Pediria apenas que o mantivessem convosco, para que possa aprender com o vosso saber.

— E suceder-me, um dia — disse Kevera. Era mais uma afirmação do que uma pergunta.

Jardir encolheu os ombros.

— Se for inevera.

Jardir olhou os outros Damaji enquanto digeriam a proposta e, novamente, maravilhou-se com a perfeição do plano de Inevera. As suas esposas dama’ting haviam sido férteis e os dados nunca falharam na previsão dos momentos propícios à concepção. Cada esposa presenteara Jardir com dois filhos e uma filha ao alcançar o quarto ano de matrimónio e os seus ventres continuaram a preencher-se depois disso. Tinha já um filho nie’dama em cada tribo, pronto para envergar o turbante negro quando o Damaji presente morresse, mesmo que as

suas mulheres cumprissem a vontade das Damaji’ting das suas tribos. Inevera dispusera os alicerces da sua tomada de poder mais de uma década antes. Era... assombroso.

Os Damaji continuaram a ponderar. Os seus títulos não eram hereditários, mas cada um tinha filhos e netos entre os dama das tribos respectivas e não era invulgar que o turbante negro fosse transmitido ao longo de linhagens. Mesmo assim, permitir que mantivessem o seu poder, moderaria o choque da sua ascensão e, se os Damaji aceitassem abdicar das aspirações que tinham para os filhos, era preferível a submetê-los à lança, como Kaji fizera aos filhos dos seus inimigos derrotados. Jardir facilmente poderia fazê-lo, e eles sabiam-no bem. Não lhe era necessário oferecer os seus próprios filhos como reféns. Fá-lo-ia apenas como gesto de união.

Para as tribos menores, bastava.

— Shar’Dama Ka — disse Kevera, dos Sharach, curvando-se e dando um passo para o lado.

Os outros imitaram-no, afastando-se como ala quando sulcada por um arado: os Bajin, os Anjha, os Jama, os Khanjin, os Halvas e os Shunjin permitiram-lhe que passasse sem desafio. Jardir sentiu a tensão ao aproximar-se dos Damaji Krevakh e Nanji. As tribos de Vigias eram profundamente leais e possuíam escolas próprias de sharusahk, dizendo-se serem os lutadores mais mortíferos na Lança do Deserto. Jardir sentia a vontade de Everam vibrar-lhe nos ossos e não receou nenhum homem, mas manteve-se pronto, respeitando os seus talentos.

A preocupação era desnecessária. Os Damaji dos Vigias eram semelhantes aos seus Sharum, preferindo observar e aconselhar em vez de liderar. Afastaram-se, deixando apenas os três Damaji mais poderosos entre Jardir e o Trono dos Crânios: Enkaji, dos Mehnding, Aleverak, dos Majah, e Amadeveram, dos Kaji. Aqueles homens governavam milhares de almas e viviam em grandes excessos luxuosos. As suas tribos possuíam dúzias de dama, incluindo os seus filhos e netos. Não se renderiam com igual facilidade.

Enkaji, dos Mehnding, era um homem de físico poderoso, ainda robusto aos cinquenta e cinco anos. Era também conhecido como um homem de grande inteligência, líder de uma tribo repleta de engenheiros de batalha. A sua tribo poderia ser menor, mas Enkaji era mais rico do que os Damaji dos Majah e dos Kaji combinados e não era segredo que há muito desejava transmitir essa riqueza

ao seu filho mais velho.

Os seus olhares encontraram-se e, por um momento, Jardir achou que o homem o desafiaria. Preparava-se para o combate quando o Damaji riu e abriu as mãos numa vénia exagerada, antes de se afastar do caminho para o trono.

Aleverak, dos Majah, era o seguinte. O velho Damaji tinha quase oitenta anos, mas, mesmo assim, curvou-se e assumiu uma postura de sharusahk. Jardir acenou afirmativamente com a cabeça e os Sharum e Damaji em redor afastaram-se para dar espaço aos homens para o seu combate.

Jardir curvou-se numa vénia profunda.

— Honras-me, Damaji — disse, assumindo também uma postura de sharusahk. Impressionava-o que o ancião continuasse vivo e, muito mais, que lhe restasse espírito guerreiro. Merecia uma morte honrosa.

— Comecem! — gritou Amadeveram e Jardir avançou, pretendendo imobilizar o adversário e terminar rapidamente com a batalha, sem derramar sangue. Poderia ainda conseguir uma rendição do Damaji.

Mas Aleverak surpreendeu-o, girando de repente com maior rapidez do que Jardir teria julgado possível. Segurou um braço de Jardir e voltou o seu impulso contra ele.

Sentindo as articulações quase a ceder, Jardir não teve hipótese senão abdicar de resistir e deixar-se projectar pelo Damaji. Caiu de costas e a multidão reunida não conteve o espanto. Aleverak avançou prontamente, cravando um calcanhar ossudo sobre a garganta de Jardir, mas Jardir segurou-lhe o pé com as duas mãos, torcendo em direcções opostas enquanto apoiava um dos seus pés no chão.

Aleverak acompanhou a torção, saltando sobre ela e usando a força de Jardir contra ele ao mesmo tempo quem lhe pontapeava a boca com o pé livre. Novamente, Jardir embateu contra o chão de mármore e Aleverak continuou de pé.

A atenção com que o combate era acompanhado duplicou. No momento anterior, o motivo do combate parecia ser possibilitar a um velho uma morte honrosa, uma nota de rodapé no relato da ascensão de Jardir. Mas, de repente, tudo o que Jardir construíra corria perigo. Os seus filhos eram ainda demasiado jovens para se defenderem capazmente se os seus inimigos desejassem apunhalá-los sem a protecção do pai. O Andrah debruçou-se para diante no trono, observando com avidez.

Aleverak voltou a atacar, mas Jardir conseguiu erguer-se a tempo e estava preparado. Daquela vez, manteve os pés firmes no chão, não permitindo que o velho aproveitasse o seu vigor. Os golpes de Aleverak eram assombrosamente rápidos, mas Jardir conseguiu bloquear os dois primeiros. Deixou passar o terceiro, aceitando o murro em troca da oportunidade de prender o braço do Damaji.

Aleverak também não resistiu, não permitindo que Jardir o projectasse, mas, enquanto o velho Damaji era pouco mais do que pele resistente sobre ossos sólidos, Jardir estava coberto de músculo e era um guerreiro no auge das suas capacidades. Não precisava de aproveitar força alheia para projectar um homem cujo maior peso era o da idade.

Flectiu as pernas e girou, lançando Aleverak para longe. O Damaji contorceu-se durante o movimento, nunca perdendo o equilíbrio, nem mesmo ao ser projectado, e Jardir soube que cairia de pé e voltaria a avançar.

Jardir manteve-lhe o braço preso, baixando-se sob ele para reforçar a torção e colocando um pé sobre as costas do ancião que caía por terra. Puxou com força e o estalo do ombro de Aleverak ecoou na grande cúpula sobre as suas cabeças. O osso rasgou a túnica branca do Damaji, tingindo-a prontamente de vermelho.

Jardir avançou para acabar com ele antes que a dor lhe roubasse a compostura, mas Aleverak não gritou nem se submeteu. Jardir olhou o velho Damaji nos olhos e viu uma determinação que negava toda a dor. Aleverak voltava a erguer-se. A sua honra era infindável. Assumiu nova postura de combate, estendendo o braço esquerdo enquanto o direito pendia, inerte, do tronco.

— Não conseguirás impedir a minha ascensão ao Trono dos Crânios, Damaji — disse Jardir enquanto se contornavam. — E a maior parte da tua tribo já me jurou lealdade. Imploro-te que cedas à razão. Um túmulo para ti e para os teus filhos é assim tão preferível a uma posição de conselheiro do Shar'Dama Ka?

— Os meus filhos não te cederão a nossa tribo sem luta, tal como eu — disse Aleverak. Jardir sabia que era verdade, mas, mesmo assim, não lhe agradava ter de o matar. Já tinham morrido demasiados homens honrados e, com a aproximação da Sharak Ka, Ala não podia dispensar mais nenhum. Pensou no Par'chin, deitado de bruços sobre a areia, e a vergonha levou-lhe a misericórdia aos lábios.

— Permitirei que um dos teus filhos desafie o meu quando morreres — propôs

Jardir, por fim. — Que sejam eles a decidir quem o fará.

Houve um murmúrio irritado entre os Damaji que tinham já oferecido a sua rendição, ao ouvi-lo, mas Jardir olhou-os com ferocidade.

— Silêncio! — rugiu, calando-os a todos. Voltou-se novamente para Aleverak.

— Estarás a meu lado, Damaji, quando Krasia regressa à sua glória? — perguntou. A perda de sangue tornava o Damaji cada vez mais pálido. Se não aceitasse, Jardir matá-lo-ia sem demora, para que morresse de pé.

Mas Aleverak curvou-se, lançando um olhar ao ombro ferido.

— Aceito a tua oferta, ainda que o desafio possa vir mais depressa do que julgas.

Era verdade. O filho Majah de Jardir, Maji, tinha apenas onze anos e não conseguiria vencer um dos filhos de Aleverak se o Damaji morresse em consequência do ferimento.

— Hasik, escolta o Damaji Aleverak até às dama'ting para que seja tratado — ordenou Jardir.

Hasik avançou para o flanco do velho, mas Aleverak ergueu uma mão.

— Aceitarei o que me calhar em sorte. Everam decidirá se sobreviverei ou não a este dia. — A determinação de aço na sua voz manteve Hasik à distância e Jardir acenou afirmativamente, voltando-se para Amadeveram, o último Damaji entre ele e o cobarde Andrah.

Amadeveram era mais jovem do que Aleverak, mas passara já dos setenta anos. Jardir sabia que não devia subestimá-lo, sobretudo depois da bela prestação do clérigo mais velho.

— Terás de me matar — disse Amadeveram. — Não serei comprado ou seduzido com promessas.

— Lamento, Damaji — disse Jardir, curvando-se. — Farei o que for necessário para unir as tribos.

— Assassina-me agora ou quando os teus filhos se tornarem homens — disse Amadeveram. — Não deixará de ser um assassínio.

— Seja como for, morrerias até lá, velho! — gritou Jardir. — Que te importa?

— Importa-me a soberania da tribo Kaji! — gritou Amadeveram. — Há cem anos que o Trono dos Crânios é nosso e continuará a ser nosso durante outros cem!

— Não — disse Jardir. — Não será. Porei fim às tribos. Krasia voltará a ser

una, como acontecia no tempo do próprio Kaji.

— Isso é o que veremos — disse Amadeveram, assumindo uma postura de sharusahk.

— Everam receber-te-á de braços abertos — prometeu Jardir, curvando-se. — Tens coração de Sharum.



Menos de um minuto depois, Jardir ergueu os olhos para o Andrah, tremendo sobre o trono.

— És um insulto aos crânios dos bravos Sharum que suportam o teu traseiro gordo — disse-lhe Jardir. — Desce daí e ponhamos fim a isto.

O Andrah não mostrou qualquer intenção de se levantar, começando a afundar-se cada vez mais na grande cadeira. Jardir franziu a testa, erguendo a Lança de Kaji e subindo os sete degraus até ao Trono dos Crânios.

— Não! — gritou o Andrah, encolhendo-se em posição fetal e escondendo a face enquanto Jardir erguia a lança.

Durante mais de doze anos, desde que vira o gordo com a sua mulher no seu leito matrimonial, Jardir imaginara-se diariamente a matar o Andrah. Os dados de Inevera disseram-lhe que, um dia, teria a sua vingança e acreditara desesperadamente nessa profecia. Apenas a alagai'sharak conseguia distraí-lo e cada amanhecer a que o Andrah assistia era um golpe contra a sua honra. Quantas vezes ensaiara o discurso que lhe recitaria naquele momento?

Mas o travo ácido da repulsa subiu-lhe à garganta. O aglomerado de carne patético diante dele comandara Krasia durante toda a vida de Jardir e antes ainda do seu nascimento e, no entanto, não tinha coragem sequer para olhar a morte na face. Era menos do que um khaffit. Menos ainda do que os porcos imundos que os khaffit comiam. Não era digno de um discurso.

Matá-lo não lhe deu nenhuma da satisfação que Jardir fantasiara. Assemelhou-se mais a um acto de misericórdia que livrava o mundo de tal homem.



A túnica exterior branca do Andrah estava manchada de sangue quando Jardir a

vestiu sobre as vestes negras dos Sharum. Sentiu sobre si o peso de todos os olhares na sala do trono, mas endireitou-se e voltou-se para os enfrentar.

Aleverak caíra por terra e o Dama Shevali pressionava-lhe o ferimento. Amadeveram estava morto a meio dos degraus. Jardir curvou-se para o Damaji e retirou-lhe o turbante negro da cabeça.

— Dama Ashan, dos Kaji, avança — ordenou. Ashan aproximou-se do último degrau e ajoelhou, colocando ambas as mãos e a testa no chão. Jardir ergueu o turbante branco do amigo e substituiu-o pelo turbante negro do Damaji.

— O Damaji Ashan liderará os Kaji — anunciou Jardir — e poderá passar o turbante negro aos filhos que lhe deu Imisandre, minha irmã. — Abraçou Ashan como um irmão.

— A Guerra Diurna chegou ao fim — disse Ashan.

Jardir abanou a cabeça.

— Não, meu amigo. Ainda não começou. Aumentaremos as nossas forças, preencheremos os ventres das nossas mulheres e prepararemos a Sharak Sun.

— Referes-te a...? — perguntou Ashan.

— O Norte — disse Jardir. — Conquistar as terras verdes e recrutar os seus homens para a Sharak Ka. — Ouviu-se um ruído de espanto aos restantes Damaji, mas nenhum se atreveu a questioná-lo.

Um momento mais tarde, os Sharum que guardavam a entrada afastaram-se, espantados. Pelo caminho que abriram, fluíram as Damaji'ting e as esposas de Jardir. Era contra a lei do Evejah que qualquer homem magoasse uma dama'ting e o poder de Jardir sobre qualquer uma das mulheres seria limitado, mas tinham intrigas próprias no seu pavilhão e Inevera parecia ter-se revelado tão hábil nelas como na manipulação da política dos homens. Cada uma das suas esposas usava um toucado negro com um véu branco sobre a túnica branca de dama'ting, proclamando o estatuto de sucessora à Damaji'ting da sua tribo. Jardir não fazia ideia de como Inevera conseguira fazê-lo.

Belina, a sua esposa Majah, destacou-se das restantes para correr até Aleverak. Jardir conseguia reconhecer todas as suas esposas, mesmo que se apresentassem cobertas pelos véus. Qasha não conseguia
esconder as curvas e Umshala não podia disfarçar a altura. Belina tinha um andar que a identificava tão claramente como a face. A Damaji'ting Majah seguiu-a, mais como discípula do que como mestra.

Por um momento, não houve sinal de Inevera, mas, a seguir, ouviu uma exclamação de espanto entre os Sharum e viu os homens paralisados de medo. Ergueu o olhar e viu a sua Primeira Esposa entrar na sala, como apenas ele deveria vê-la. O lenço e o véu de cores garridas eram diáfanos, tal como os tules que pareciam flutuar em seu redor como fumo, não deixando nenhuma parte da sua beleza à imaginação. O cabelo negro como a noite estava decorado com ouro e perfumado com óleos. Os braços e as pernas cintilavam com ornamentos de pedra preciosa e ouro guardado. Não ostentava qualquer sinal de casta ou posição. Apenas a sua bolsa de hora, presa à cintura, a identificava como mais do que a dançarina de almofada preferida de um Damaji rico.

Inevera arrastou consigo todos os olhares ao deslizar pela sala dentro. Tanto os olhares estarrecidos dos homens como a avaliação fria das Damaji'ting. Jardir sentiu a face arder quando se aproximou dele e, contra a sua vontade, sentiu impulsos mais adequados ao quarto. Tentou recuperar a compostura, mas Inevera foi direita a ele, afastando o véu para o beijar demoradamente. Rodeou-o com o seu corpo macio, como se posasse para uma estátua, marcando-o como uma cadela marcaria uma esquina.

— Que brincadeira é esta, pelo abismo de Nie? — sussurrou-lhe, irritado.

— Recordo-lhes que o Shar'Dama Ka não se submete às leis dos homens — disse Inevera. — Possui-me no Trono dos Crânios à vista de todos, se assim o desejares. Ninguém se atreverá a protestar. — Colocou uma mão entre as pernas dele e acariciou-o suavemente. Jardir susteve a respiração.

— Eu protestaria — silvou, afastando-a. Inevera encolheu os ombros, esboçando um sorriso amplo e acariciando-lhe a face.

— Krasia rejubila com a tua vitória neste dia, meu marido — disse, elevando a voz para que todos a ouvissem.

Jardir soube que devia responder à altura, proferindo algum discurso ousado, mas posturas políticas daquele tipo agoniavam-no e tinha outras preocupações.

— Viverá? — perguntou, indicando Aleverak. O Damaji perdera grandes quantidades de sangue e o seu braço estava contorcido e arruinado.

Belina abanou a cabeça.

— É pouco provável, marido — disse, baixando a cabeça como uma esposa deveria fazer, algo que as suas esposas dama'ting nunca haviam feito antes.

— Salva-o — murmurou Jardir a Inevera.

— Para que fim? — replicou Inevera através do véu, sendo ouvida apenas por ele. — Aleverak é teimoso e tem demasiado poder. Será melhor que desapareça.

— Prometi-lhe que, quando morrer, o seu herdeiro poderá desafiar Maji pelo palácio Majah — explicou Jardir.

Inevera arregalou os olhos.

— Fizeste o quê?! — Todos a olharam, mas o olhar dissipou-se no instante seguinte e o corpo de Inevera serenou. Afastou-se e desceu os degraus, com o movimento das ancas visível através da sua túnica diáfana, atraindo o olhar de cada homem presente. A honra de Jardir bradava-lhe que arrancasse todos os olhos que se deleitavam com o que lhe pertencia apenas a si.

Belina e a Damaji'ting Majah curvaram-se e afastaram-se do caminho de Inevera.

— Damajah — saudaram, em uníssono.

A perda de sangue fizera Aleverak desmaiar quando Inevera terminou de examinar o ferimento. Ergueu-se e olhou os Sharum.

— Corram todas as cortinas e fechem todas as portas — ordenou. Vários guerreiros apressaram-se a obedecer. Fez os outros rodearem-na e ao Damaji ferido, com as costas voltadas para o centro, erguendo e unindo os escudos, banhando-a e a Aleverak em escuridão.

Na sala escurecida, Jardir conseguiu distinguir o brilho difuso dos alagai hora pulsando através da parede viva, acompanhado pelo som ritmado dos cânticos de Inevera. O brilho vacilou por alguns minutos enquanto os homens presentes olhavam, atónitos.

Inevera deu uma ordem e o círculo de dal'Sharum desfez-se. Guerreiros correram a abrir as cortinas, voltando a iluminar o espaço e, ali, calmamente deitado junto a Inevera, estava o Damaji Aleverak. Despido até à cintura, a sua carne perdera a cor de cinza e respirava com tranquilidade. Não havia vestígios do ferimento, do osso, da hemorragia ou até de uma cicatriz. No ombro, havia apenas pele lisa.

Pele lisa onde devia haver um braço. O membro desaparecera.

— Everam aceitou o braço do Damaji Aleverak como prova da sua submissão — anunciou Inevera em voz alta. — Aleverak é perdoado por duvidar do Libertador e, se passar a percorrer o caminho justo de Everam a partir de agora, reencontrará o seu membro perdido no Paraíso.

Regressou para junto de Jardir, abraçando-o mais uma vez.

— O meu marido deve arrefecer o sangue depois de uma vitória como a de hoje — disse, elevando a voz, dirigindo-se a todos os presentes. — Deixem-nos, para que possa ocupar-me dele em privado, como apenas uma esposa pode fazer.

Ouviram-se murmúrios chocados entre os homens após aquelas palavras. Era inaudito que uma mulher, mesmo uma Damaji'ting, desse tais ordens aos Damaji. Olharam Jardir, mas, vendo que não a contradizia, não lhes restou senão obedecer.



— És louco? — gritou-lhe Inevera, quando ficaram a sós. — Arriscaste o teu controlo dos Majah e a vida do teu filho para que fim?

Jardir notou como pusera Maji em segundo lugar.

— Não espero que compreendas por que tinha de ser feito.

— Ah sim? — perguntou Inevera, com um tom venenoso. — Então a tua Jiwah Ka é uma tola? Por que será ela incapaz de compreender a tua sabedoria neste assunto?

— Porque é uma questão de honra! — exclamou Jardir. — E já mostraste que não perdes um segundo a pensar em algo tão pouco importante.

Inevera fitou-o por um momento e, a seguir, voltou-lhe a cara, recuperando a sua serenidade de dama'ting.

— Não importa. Haverá tempo para lidar com os herdeiros de Aleverak.

— Não interferirás — disse-lhe Jardir. — Maji terá de provar ser o mais forte.

— E se falhar? — perguntou Inevera.

— Nesse caso, Everam não deseja que seja ele a liderar os Majah – respondeu Jardir.

Inevera pareceu preparada para responder, mas limitou-se a abanar a cabeça.

— A perda não é total. Quando se espalhar que mutilaste Aleverak, permitindo-lhe que vivesse para te servir, isso ajudará apenas a enriquecer a tua lenda.

— Falas como Abban — murmurou Jardir.

— Hã? — perguntou, mesmo que Jardir soubesse que ouvira perfeitamente.

— Basta — disse-lhe. — Está feito e não há nada a acrescentar. Agora, veste uma túnica e um véu decentes antes que conspurques com pensamentos impuros

as mentes dos meus homens.

— Arrojado como sempre — considerou Inevera, sorrindo sob o véu translúcido e parecendo mais divertida do que irritada. — O Evejah ordena que as mulheres usem véus para que nenhum homem cobice o que não lhe pertence, mas tu és o Libertador. Quem se atreveria a cobiçar a tua mulher? Não teria nada a temer se caminhasse nua pelas ruas.

— Nada a temer, talvez, mas que poderás beneficiar com a exposição do teu sexo como uma pega, para que todos os homens te vejam? — perguntou Jardir.

Inevera uniu as sobrancelhas, apesar de a face permanecer serena.

— Exponho a cara para que ninguém me confunda com outra. Exponho o corpo para que o teu poder seja reforçado por possuíres tamanha virilidade que até a líder das Damaji'ting deverá estar preparada para te satisfazer a qualquer momento.

— Outro engano — disse Jardir, fatigado, sentando-se no trono.

— De modo algum — ronronou Inevera, instalando-se no seu colo. — Estou completamente preparada para atender aos desejos do Shar'Dama Ka.

— Dessa forma, parece ser uma tarefa árdua — disse Jardir. — Um preço entediante a pagar pelo poder.

— Não é assim tão entediante — disse Inevera, fazendo-lhe descer um dedo pelo peito. Desapertou-lhe os cordões das calças e montou-o.

Jardir não podia negar a luxúria provocada pela sua beleza, mas também sentia o Trono dos Crânios sob ele e ergueu o olhar quando Inevera o recebeu dentro de si, tal como fizera ao Andrah. Matar o homem não conseguira apagar-lhe a imagem da mente. Assombrava-o como um espírito a que tivesse sido negada a passagem para o outro mundo.

Seria verdade que Inevera sentia a paixão do seu toque ou seriam os seus gemidos e movimentos apenas outra máscara, como o véu translúcido que afastara para o lado? Com toda a honestidade, Jardir não sabia.

Ergueu-se, afastando-a.

— Não tenho disposição para estes jogos.

Inevera arregalou os olhos, mas conteve o temperamento.

— Isto diz-me o contrário — ronronou, apertando-lhe o membro túrgido.

Jardir repeliu-a.

— Não me deixo governar por ele — disse, voltando a compor a vestimenta.

Inevera olhou-o como uma serpente pronta a atacar e, por um momento, pensou que o atacaria realmente, mas, no instante seguinte, a sua serenidade de dama'ting regressou. Encolheu os ombros, como se a sua recusa não importasse, e desceu os degraus, balouçando as ancas com movimentos hipnóticos.



Hasik encostou a testa ao chão de mármore diante do Trono dos Crânios.

— Trouxe-te o khaffit, Libertador — disse, com desprezo. Quando Jardir acenou com a cabeça, os guardas abriram a porta e Abban coxeou para dentro. Quando se aproximou do trono, Hasik empurrou Abban para diante, querendo forçá-lo a ajoelhar-se, mas Abban foi rápido com a muleta e, de alguma forma, conseguiu manter o equilíbrio.

— Ajoelha-te diante do Shar'Dama Ka! — rugiu Hasik, mas Jardir ergueu uma mão para o deter.

— Se devo morrer, permite-me que morra de pé — disse Abban.

Jardir sorriu.

— Que te faz pensar que desejo matar-te?

— Não sou outro fio solto a cortar? — perguntou Abban. — Como o Par'chin antes de mim? — Hasik rosnou e apertou a haste da lança na mão enquanto os seus olhos espelhavam uma raiva homicida.

— Deixem-nos — ordenou Jardir, acenando com uma mão a Hasik e aos outros guardas. Depois de obedecerem, Jardir desceu do trono e ergueu-se diante de Abban.

— Dizes coisas que seria mais ajuizado calar — disse-lhe, mantendo a voz tranquila.

— Era teu amigo, Ahmann — disse Abban, ignorando as suas palavras. — Mas suponho que também eu fui, um dia.

— O Par'chin mostrou-te a lança! — percebeu Jardir, de repente. — Tu, um khaffit gordo e tolo, olhaste a Lança de Kaji antes de mim!

— Assim foi — concordou Abban — e reconheci-a pelo que era. Mas não a roubei, apesar de o poder ter feito. Posso ser um khaffit gordo e tolo, mas não sou um ladrão.

Jardir riu-se.

— Não és um ladrão? Abban, não és tu outra coisa! Roubaste relíquias aos mortos e praticas o engano no bazar todos os dias!

Abban encolheu os ombros.

— Não vejo crime na salvação de algo que nenhum homem reclama para si e regatear é apenas outra forma de batalha, sem desonra para o vencedor. Falo da morte de um homem, de um amigo, para que pudesses apropriar-te do que era seu.

Jardir rosnou e estendeu o braço, segurando Abban pelo pescoço. O mercador gordo engasgou-se e levou as mãos aos dedos de Jardir, mas era como tentar dobrar aço. Os joelhos cederam, forçando-o a apoiar a totalidade do seu peso sobre o braço, mas Jardir não o libertou. A face de Abban começou a tornar-se roxa.

— Não terei a minha honra questionada por um khaffit — disse.

— A minha lealdade a Krasia e a Everam estão acima dos amigos, por mais corajosos que sejam. E a tua lealdade, Abban? — perguntou.

— Tens alguma, além da que votas à protecção do teu couro gordo? — Libertou-o. O mercador caiu ao chão, respirando com dificuldade.

— Que importa? — Abban ofegava. — Com o Par'chin morto, deixei de ter qualquer utilidade para Krasia.

— O Par'chin não era o único hortelão do mundo — disse Jardir.

— E nenhum krasiano conhece as terras verdes como o khaffit Abban. Ainda me serás útil.

Abban ergueu uma sobrancelha.

— Porquê? — perguntou, com o medo abandonando-lhe a voz.

— Não tenho de responder às tuas perguntas, khaffit — tornou Jardir. — De uma maneira ou de outra, dir-me-ás o que desejo saber.

— Com certeza — disse Abban, com uma vénia. — Mas talvez seja mais fácil responder à minha pergunta do que chamar os torturadores e filtrar a informação dos meus gritos.

Jardir ponderou por um momento. A seguir, abanou a cabeça, involuntariamente.

— Esqueci-me de que encontras a tua coragem onde farejes um indício de lucro no ar — disse, estendendo uma mão para ajudar Abban a erguer-se.

Abban curvou-se, sorrindo.

— Inevera, meu amigo. Todos somos como Everam nos criou. –
Por um momento, os anos recuaram e eram novamente o que haviam sido outrora.

— Iniciarei a Sharak Sun, a Guerra Diurna — disse Jardir. — Como Kaji fez antes de mim, conquistarei as terras verdes e uni-las-ei na Sharak Ka.

— Ambicioso — considerou Abban, mas havia dúvida condescendente na entoação da sua voz.

— Não te parece que serei capaz de o fazer? — perguntou Jardir.
— Sou o Libertador!

— Não, Ahmann. Não és — afirmou Abban, calmamente. — Se o Libertador veio até nós, ambos sabemos que seria o Par'chin.

Jardir olhou-o fixamente e Abban retribuiu o olhar, como se desafiasse Jardir a golpeá-lo.

— Então não me ajudarás voluntariamente — disse-lhe Jardir.

Abban sorriu.

— Nunca disse isso, meu amigo. A guerra pode ser muito lucrativa.

— Mas duvidas de que consiga alcançar o sucesso — insistiu Jardir.

Abban encolheu os ombros.

— O Norte é muito maior do que julgas, Ahmann, e a sua população excede em muito a de Krasia.

Jardir respondeu com um grunhido de desprezo.

— Julgas que dez ou mesmo cem cobardes nortenhos conseguirão superar um único dal'Sharum?

Abban abanou a cabeça.

— Nunca te questionaria em assuntos grandiosos como são os da batalha. Mas sou khaffit e as minhas dúvidas são alimentadas por pequenas coisas. — Olhou intensamente Jardir. — Como os abastecimentos de comida e água necessários à travessia do deserto. Os homens que terias de deixar para trás para defender a Lança do Deserto e os territórios conquistados. As carroças carregadas de khaffit necessários a servir as necessidades do exército e as mulheres para saciar a luxúria dos guerreiros. E quem protegeria as mulheres e crianças deixados para trás? Os dama? Em que transformariam esta cidade durante a tua ausência?

Jardir sentiu-se abalado. Na verdade, nos seus sonhos de conquista e batalha, tais coisas pareciam demasiado insignificantes para merecerem consideração.

Inevera fora engenhosa na manipulação da sua ascensão, mas, de alguma forma, duvidava que também ela considerasse tudo aquilo. Contemplou Abban com novo respeito.

— Os meus cofres abrir-se-iam com generosidade a alguém que pudesse ocupar-se desses pequenos pormenores — disse.

Abban sorriu, curvando-se tanto quanto a sua muleta permitia.

— Seria uma honra servir o Shar'Dama Ka.

Jardir acenou afirmativamente.

— Quero iniciar a marcha dentro de três verões. — Rodeou Abban com um braço, aproximando-o como um amigo e aproximando os lábios do seu ouvido. — E, se algum dia tentares enganar-me como enganas os negociadores no bazar — acrescentou, baixando a voz —, curtirei a tua pele e usá-la-ei como saco para estrume. Deverás recordar esta promessa.

Abban empalideceu e acenou rapidamente com a cabeça.

— Nunca a esquecerei.

Dez

kha'Sharum

331 DR

JARDIR ACOLHEU A DOR DO CORTE, SILVANDO.

— Magoo-te? — perguntou Inevera.

— Suportei dores piores no Labirinto — troçou Jardir. — Mas, se cortares um tendão...

Inevera mostrou-se ofendida.

— Conheço o corpo dos homens melhor do que tu, marido. Não é diferente de

talhar alagai hora.

Jardir olhou a bandeja de prata sobre a qual estavam colocadas as finas tiras de carne que lhe cortara da palma da mão. Permitiu que a dor o atravessasse enquanto Inevera colocava ervas sobre os cortes.

— Não consigo perceber a necessidade disto.

— De acordo com o Cânone que retirámos a um dos Mensageiros nortenhos nas masmorras, acreditam que o Libertador terá marcas na pele que os nuclitas não suportarão — disse Inevera. Soltou-lhe a mão, permitindo-lhe que a erguesse diante dos olhos, maravilhando-se com a precisão da guarda que lhe talhara na pele.

— Funcionarão? — perguntou, experimentando flectir a mão.

Inevera acenou com a cabeça.

— Quando terminar, o teu toque provocará maior dano aos alagai do que um golpe da própria Lança de Kaji.

Jardir sentiu um arrepio de emoção. Pensar em lutar com um demónio nos seus próprios termos e em matá-lo com as mãos nuas era inebriante.

Inevera acabara de lhe ligar a mão quando o Damaji Ashan entrou na sala do trono, seguido pelo seu filho, Asukaji, e pelo segundo filho de Jardir, Asome. Eram os dois jovens para envergar a túnica branca dos dama, mas corria-lhes nas veias o Sangue do Libertador e ninguém se atrevera a levantar objecção.

— Libertador — saudou Ashan, curvando-se. — O khaffit — cuspiu a palavra como se lhe deixasse mau sabor na língua — está aqui com os registos. — Jardir acenou afirmativamente e Abban entrou a coxear, apoiado na sua muleta de camelo em marfim enquanto Inevera se instalava junto aos pés do marido. O Damaji Aleverak seguiu Abban, com a manga direita da túnica dobrada e presa. Maji, filho de Jardir, vestindo o seu bido de nie’dama, acompanhava-o de perto. Juntaram-se a Ashan, Asukaji e Asome à direita do Trono dos Crânios.

Abban curvou-se e retirou um pequeno frasco do cinto. Lançou-o a Jardir.

— O Dama Qavan, dos Mehnding, pediu-me para te dar isto — disse.

Jardir apanhou o frasco e olhou-o com curiosidade.

— Pediu-te para me dares isto?

— O conteúdo, pelo menos — clarificou Abban. — Misturado com a tua comida ou bebida.

Inevera retirou-lhe o frasco dos dedos e puxou a rolha, cheirando o que

continha. Colocou uma gota no dedo e provou.

— Veneno de víbora-dos-túneis — disse, cuspindo. — O suficiente para matar dez homens.

Jardir inclinou a cabeça para Abban.

— Quanto te pagou?

Abban sorriu, erguendo uma bolsa de moedas.

— O resgate de um Damaji.

Jardir acenou afirmativamente. O Damaji Enkaji, dos Mehnding, mostrara-se seu apoiante fervoroso em público, mas não era a primeira tentativa de assassinato orquestrada pelos seus subalternos.

— Mandarei prender e interrogar o Dama Qavan — disse Ashan.

— Será um desperdício de tempo — considerou Abban. — Não trairá o seu Damaji aos torturadores. É melhor que o deixem em paz.

— Ninguém pediu a tua opinião, khaffit! — rosnou o Damaji Aleverak, fazendo saltar Abban. — Não podemos permitir que viva para continuar a conspirar contra o Shar'Dama Ka.

— Talvez o khaffit tenha razão, marido — interrompeu Inevera, atraindo o olhar ultrajado que Aleverak lhe endereçava sempre que a mulher se atrevia a falar diante do Trono dos Crânios. — Abban poderá dizer a Qavan que o veneno não provocou qualquer efeito, partilhando o relato no bazar para que se espalhe por toda a parte. Projecta esta invencibilidade e até os assassinos mais audazes pensarão duas vezes.

— A Damajah é sábia — disse Abban, com uma vénia. Eram duas faces da mesma moeda, ele e Inevera, sempre vergando outros aos seus desejos. Jardir viu os olhos do khaffit voltarem-se para ela, por um instante, absorvendo a beleza exposta da sua mulher. Conteve a raiva. Inevera dizia que deveria sentir-se poderoso quando a via exibir algo que os outros homens cobiçavam, mas, mesmo após dois anos, sentia precisamente o oposto.

De qualquer forma, tanto Abban como Inevera possuíam talentos necessários a Jardir, talentos que faltavam tanto aos dama como aos Sharum. Os registos de Abban e os dados de Inevera revelavam-lhe apenas a verdade brutal, enquanto os homens de Krasia se esforçavam para dizer apenas o que julgavam que Jardir gostaria de ouvir, mesmo que não houvesse nenhuma verdade nas palavras.

Jardir tornara-se dependente dos dois e ambos o sabiam, continuando a vestir-

se de forma exuberante e adornando-se com enfeites de ouro, como se desafiassem Jardir a puni-los.

— O Damaji Enkaji é poderoso, Libertador — recordou-lhe Abban. — E o talento da sua tribo na engenharia é essencial aos preparativos para a guerra. Já o contrariaste ao negar-lhe um posto no teu conselho pessoal. Talvez não seja a melhor altura para seguir uma pista que poderá conduzir a ele, forçando uma actuação pública.

— Savas ainda não tem idade suficiente para se tornar Damaji dos Mehnding — acrescentou Inevera, referindo-se ao filho Mehnding de Jardir. — Não seguirão um rapaz que ainda veste o bido.

Estavam certos. Se Jardir matasse Enkaji antes que Savas conquistasse o direito à túnica branca, o turbante negro passaria a um dos filhos de Enkaji, que olharia Jardir com a mesma animosidade do pai ou mais ainda.

— Muito bem — disse, por fim, apesar de o enojar participar nos jogos de Inevera e Abban. — Teçam a vossa teia sobre Qavan. Agora, os registos.

— Esta manhã, existiam 217 dama, 322 dama'ting, 5012 Sharum, 17526 mulheres, 15623 crianças, incluindo as que se encontram no Hannu Pash, e 21733 khaffit vivendo na Lança do Deserto.

— Não é suficiente para marcharmos no próximo Verão — constatou Jardir. — Em cada ano, saem do Hannu Pash apenas algumas centenas.

— Talvez possas adiar os planos — sugeriu Abban. — Dentro de uma década, terias duplicado as forças.

Jardir sentiu a mão de Inevera apertar-lhe a perna, cravando-lhe as unhas longas na pele. Abanou a cabeça.

— Já adiámos demasiado.

Abban encolheu os ombros.

— Então, terás de marchar com os guerreiros disponíveis no próximo ano. Não chegarão a seis mil.

— Preciso de mais — insistiu Jardir.

Abban encolheu os ombros.

— Que posso fazer? Os dal'Sharum não são provisões de cereal escondidas no bazar, com mercadores à espera que o preço suba para as exporem.

Jardir olhou-o com tal intensidade que Abban se encolheu.

— Foi alguma coisa que disse? — perguntou.

— O bazar — disse Jardir. — Não vou lá desde o dia em que Kaval e Qeran nos levaram das nossas casas. — Ergueu-se, cobrindo com uma túnica branca as vestes pretas de Sharum que ainda envergava. — Mostra-mo.

— Eu? — perguntou Abban. — Queres percorrer as ruas ao lado de um khaffit?

— Há alguém mais indicado? — questionou Jardir. Os restantes ocupantes da sala do trono olharam-no, horrorizados.

— Libertador — protestou Abban. — O bazar é um sítio para mulheres e khaffit...

Aleverak concordou com um aceno.

— O chão não é digno dos pés do Shar'Dama Ka.

— Serei eu a decidi-lo — replicou Jardir. — Talvez se encontre lá algum valor.

Ashan franziu o sobrolho, mas curvou-se.

— Com certeza, Libertador. Prepararei a tua guarda pessoal. Uma centena de Sharum leais...

— Não será necessária guarda pessoal — interrompeu Jardir.

— Conseguirei proteger-me de mulheres e khaffit.

Inevera ergueu-se, ajudando Jardir a compor as vestes.

— Deixa-me, pelo menos, lançar os dados antes de ires — sussurrou-lhe. — Atrairás assassinos como uma carroça de estrume atrai moscas.

Jardir abanou a cabeça.

— Não desta vez, jiwah. Hoje, consigo sentir a mão de Everam sem essa ajuda.

Inevera não pareceu convencida, mas deu um passo ao lado.



Jardir sentiu que se erguia um peso dos seus ombros ao sair do palácio. Não conseguia recordar a última vez que abandonara as suas muralhas à luz do dia. Outrora, adorara a sensação do Sol na pele. Endireitou as costas enquanto caminhava

e algo nele... ressoou. Sentiu que havia justeza nas suas acções, como se o próprio Everam as guiasse.

O tempo pareceu parar enquanto Jardir e Abban percorriam o Grande Bazar e mercadores e clientes estacavam à sua passagem. Alguns fitavam o Libertador

com espanto e outros fitavam em choque o khaffit a seu lado. Os sussurros cresciam por onde passavam e muitos começaram a segui-los.

O bazar preenchia o lado abrigado da muralha interior da cidade durante quilómetros, de ambos os lados dos grandes portões. Tendas e carroças aparentemente infinitas, grandes pavilhões e quiosques minúsculos dispunham-se pelo espaço, além de inúmeros vendedores ambulantes de comida e bugigangas, transportadores preparados a carregar mercadorias compradas e grandes multidões de compradores regateando pechinchas.

— É maior do que me lembro — disse Jardir, surpreso. — Tantas curvas. O Labirinto parece mais fácil de navegar.

— Diz-se que nenhum homem conseguirá andar o suficiente para visitar todos os vendedores num único dia — disse Abban. — E restam sempre tolos a tentar encontrar a saída quando os dama fazem soar o recolher nos minaretes do Sharik Hora.

— Tantos khaffit — exclamou Jardir, espantado, admirando o mar de faces barbeadas e coletes castanhos. — Mesmo que me informes acerca da sua quantidade nos registos de cada manhã, a enormidade do número nunca me atingiu. Nenhum outro sector da sociedade krasiana é mais numeroso.

— Há vantagens na proibição de entrar no Labirinto — disse Abban. — Uma vida longa é uma delas.

Jardir acenou com a cabeça. Outra coisa que nunca lhe ocorrera.

— Alguma vez o teu coração lhe sente a falta? Sob a cobardia, alguma vez desejas ter visto o interior do Labirinto?

Abban coxeou em silêncio durante muito tempo.

— Que importa? — perguntou, por fim. — O destino não o quis.

Caminharam um pouco mais, quando Jardir parou, de repente, olhando fixamente. Do lado oposto da rua, estava um khaffit gigante, certamente com dois metros e com músculos salientes por baixo do colete e do barrete castanhos. Segurava um enorme barril de água sob cada braço, parecendo não sentir mais o esforço do que se segurasse um par de sandálias.

— Tu aí! — chamou Jardir, mas o gigante não respondeu. Jardir atravessou a rua até ele, segurando-o pelo braço. O khaffit voltou-se de repente, sobressaltado, e quase deixou cair os barris de água antes de se recompor. — Chamei-te, khaffit — rosnou Jardir.

Abban colocou uma mão sobre o braço de Jardir.

— Não te ouviu, Libertador. O homem nasceu surdo. — E, na verdade, o gigante gemia e apontava freneticamente as orelhas. Abban gesticulou-lhe e acalmou-o.

— Surdo? — repetiu Jardir. — Isso fê-lo fracassar no Hannu Pash?

Abban riu-se.

— Crianças com tais defeitos nunca são chamadas ao Hannu Pash, Libertador. Este homem é khaffit desde que nasceu.

Outro khaffit, um homem de aparência robusta que rondaria os trinta e cinco anos, saiu de uma banca, parando, chocado, ao vê-los.

— Pára — ordenou Jardir quando o homem tentou afastar-se. De imediato, o khaffit caiu de joelhos, pressionando a face contra o pó do chão.

— Ó grande Shar'Dama Ka — disse o homem, rastejando. — Sou indigno da tua atenção.

— Nada temas, meu irmão — disse Jardir, pousando uma mão gentil sobre o ombro do homem aterrorizado. — Não tenho tribo. Nem casta. Represento toda a cidade de Krasia, dama, Sharum e khaffit.

O homem pareceu acalmar ao ouvir as palavras de Jardir.

— Diz-me porque usas vestes castanhas, irmão.

— Sou um cobarde, Libertador — respondeu o homem, com a voz alterada pela vergonha. — A minha determinação quebrou na primeira noite passada no Labirinto. Cortei a correia e... fugi do meu ajin'pal. — Começou a chorar e Jardir esperou até as lágrimas cessarem. A seguir, apertou-lhe o ombro, fazendo-o erguer o olhar. — Podes seguir-me enquanto passeio pelo bazar — disse. O homem engasgou-se, chocado. — O surdo também — disse Jardir a Abban, que voltou a gesticular ao gigante. Os dois homens obedeceram e seguiram Abban e Jardir, seguidos por todos os que tinham testemunhado o sucedido, homens e mulheres. Até os vendedores deixavam as suas mercadorias sem guarda para seguir o Libertador.

Para onde olhasse, Jardir via cada vez mais homens válidos de castanho, cada um com razões próprias para lhe ter sido negada a túnica negra. Nenhum se atrevia a mentir-lhe quando lhes perguntava o motivo.

— Era enfermiço em criança — disse um.

— Não consigo ver as cores — disse outro.

— O meu pai subornou o dama para não me levar — atreveu-se a admitir um terceiro.

— Preciso de lentes para os olhos — disseram-lhe muitos e outros tinham sido expulsos do sharaj apenas por serem canhotos.

Jardir apertou o ombro de cada um, permitindo que o seguissem. Não tardou a ser acompanhado por uma enorme multidão, arrastando todos por onde passava. Por fim, Jardir olhou-os a todos, uma multidão de milhares, e acenou afirmativamente. Saltou para cima da carroça de um vendedor para se erguer sobre eles, observando as mulheres e os khaffit.

— Sou Ahmann asu Hoshkamin am'Jardir asu Kaji! — gritou, erguendo a Lança de Kaji. — Sou o Shar'Dama Ka! — A multidão bradou em resposta, espantando Jardir com uma força e poder que nunca julgou existirem. — Everam encarregou-me da destruição dos alagai — gritou Jardir. — Mas, para o fazer, preciso de Sharum! — Moveu um braço sobre a multidão. — Vejo entre vós homens válidos a quem foi negada a lança na infância, forçando-os a viver em vergonha e pobreza enquanto os seus irmãos e primos caminhavam na glória de Everam. Lançando vergonha também sobre os seus pais e filhos.

Os homens a quem Jardir pedia que o seguissem acenavam afirmativamente, concordando com as suas palavras.

— Possuímos agora a magia capaz de destruir os alagai — disse. — As nossas lanças trespassam-nos às centenas, mas as lanças superam em número os homens que as manuseiam. Por isso, ofereço-vos a todos esta segunda oportunidade! Qualquer khaffit capaz que deseje juntar-se à alagai'sharak poderá apresentar-se no campo de treino amanhã, onde cada tribo erguerá um khaffit'sharaj para vos treinar. Os que concluírem o treino serão chamados kha'Sharum e receberão armas guardadas com que poderão comprar a vossa glória e o Paraíso para si e para as suas famílias!

Houve um silêncio chocado quando as suas palavras foram compreendidas. Homens que tinham passado toda a vida sob o calcanhar dos Sharum, vergados sob o peso da sua casta, começaram a endireitar as costas. Era como se Jardir conseguisse ver o que pensavam, ao imaginarem a glória que os esperaria, a hipótese de uma vida melhor.

— A Sharak Ka aproxima-se! — gritou Jardir. — Há na Grande Guerra honra que baste para todos. Quem de entre vós jurará lutar a meu lado?

O primeiro homem a quem Jardir pedira que o seguisse, o que fugira do seu ajin’pal no Labirinto, avançou até à frente, ajoelhando-se.

— Libertador — disse —, sinto o coração pesado desde o meu fracasso no Labirinto. Imploro-te uma segunda hipótese. — Jardir estendeu o braço e tocou-lhe o ombro com a Lança de Kaji.

— Ergue-te, kha’Sharum — disse Jardir.

O homem fez como lhe foi ordenado, mas antes de se erguer por completo, uma lança atingiu-o nas costas. Jardir amparou-o, impedindo que caísse, olhando-o nos olhos e vendo-o cuspir sangue.

— Estás salvo — disse-lhe. — Os portões do Paraíso abrir-se-ão para ti, irmão.

O homem sorriu enquanto a luz lhe abandonava os olhos e Jardir pousou-o, olhando a lança que se erguia das suas costas. Era uma das armas curtas para combate de proximidade preferidas pelos Vigias Nanji.

Jardir ergueu o olhar e viu que três Nanji se aproximavam, segurando lanças curtas numa mão e cordas com pesos na outra. Mesmo sendo dia, os seus véus nocturnos estavam descidos, cobrindo-lhes as faces.

— Vais longe demais, Sharum Ka, oferecendo lanças aos khaffit — gritou um dos guerreiros.

— Teremos de pôr fim à tua vida — concordou outro.

Começaram a avançar, mas vários khaffit se destacaram da multidão, posicionando-se diante de Jardir e formando uma linha protectora.

Os Nanji riram-se.

— Foste tolo em deixar o palácio sem guarda-costas — disse um.

— Estes khaffit não conseguirão proteger-te.

Não surpreendia que os guerreiros não se sentissem ameaçados pelas mulheres e pelos khaffit, mas Jardir, tendo sentido o poder da multidão pouco antes, não tinha idêntica certeza. Mesmo assim, não aceitaria que nenhum deles desse a vida por si sem necessidade.

«Projecta invencibilidade», dissera Inevera, «e até os assassinos mais audazes pensarão duas vezes.»

— Abram alas! — gritou Jardir, saltando da carroça. Os homens sobressaltados afastaram-se de imediato. — Acham que três guerreiros podem matar-me? — Jardir riu-se. — Mesmo que cem Nanji se escondam nas sombras, não precisarei mais de guarda-costas do que preciso agora. — Pousou a ponta da Lança de Kaji

no chão e ergueu o peito, desafiando-os a atacar. — Sou o Shar'Dama Ka! — gritou, sentindo a justeza das palavras. — Ataquem se conseguirem!

Os Nanji aproximaram-se, mas Jardir percebia que hesitavam. A sua presença bastava para os enervar. As lanças tremiam-lhes nas mãos e entreolharam-se com incerteza como se decidissem quem deveria liderar o ataque.

— Ataquem ou ajoelhem-se! — bradou Jardir. Ergueu a Lança de Kaji e o metal brilhante reflectiu a luz do Sol e pareceu cintilar com o poder.

Um dos guerreiros Nanji largou a lança e caiu de joelhos.

— Traidor! — gritou o que se posicionava a seu lado, voltando-se para o atacar, mas o terceiro foi mais veloz, avançando e trespassando com a lança o peito do agressor.

Jardir ouviu um ruído de sandália sobre lona atrás de si. Conhecendo as tácticas Nanji, voltou-se, erguendo o olhar para o verdadeiro assassino, agachado fora de vista sobre o pavilhão diante do qual se erguia. Aquele Vigia deveria desferir o golpe enquanto os outros distraíam o alvo, assegurando a morte.

Os seus olhares encontraram-se, mas Jardir não disse nada, esperando. Por um momento, o homem deixou cair a lança e saltou atrás dela, ajoelhando-se aos pés de Jardir.

Jardir aproximou-se do homem caído, retirando-lhe a lança das costas e erguendo-a para que todos a vissem.

— Isto não é sangue de khaffit! — gritou. — É sangue de um guerreiro, do primeiro kha'Sharum. Irei lacar o seu crânio e acrescentá-lo ao meu trono para que nunca o esqueça. — Olhou os khaffit.

— Quem avançará para tomar o seu lugar?

Ouviu-se um gemido e o gigante de dois metros avançou até à frente da multidão, ajoelhando-se aos pés de Jardir. Outros se apressaram a segui-lo e, rapidamente, homens acotovelavam-se para ajoelhar. Jardir ia tocando em cada um e Abban aproveitou para falar.

— Não temam, aqueles de entre vós que a velhice ou uma enfermidade impedem de manusear uma lança! — gritou. — Não temam, mulheres e crianças! O Libertador não necessita apenas de Sharum! Necessita de tecelões que teçam redes e de ferreiros que fabriquem pontas de lança. De tela para o pavilhão dos kha'Sharum e de alimento para os seus guerreiros. Venham ao meu pavilhão pela manhã, se desejam contribuir para a glória de Krasia e trazer honra

às vossas famílias!

Jardir franziu o sobrolho, sabendo que Abban agia tanto pelo lucro resultante da mão-de-obra barata como para ajudar na guerra, mas não o contradisse. A mão-de-obra seria necessária se pretendesse iniciar a marcha no espaço de um ano.

A multidão começou a entoar o seu nome enquanto Jardir continuava a tocar homens com a Lança de Kaji e a chamar-lhes kha'Sharum. Não tardou até o grito trovejar pelo bazar, ecoando pela cidade.

— Jardir! Jardir! Jardir!

— Feito com mestria — disse-lhe Abban ao ouvido depois de tocar o último khaffit. — Conseguiste dez mil guerreiros e o dobro de escravos apenas em troca de uma pitada de amor-próprio.

— É só isso que vês com o teu coração de mercador? — perguntou Jardir, olhando-o. — Uma transacção comercial?

Abban teve, pelo menos, a decência de parecer envergonhado, apesar de Jardir duvidar da sua sinceridade.



No dia seguinte, dois mil homens apresentaram-se no campo de treino, enquanto as tribos ainda erguiam os seus khaffit'sharaj. Uma semana mais tarde, o número triplicara. Na semana que se seguiu, um fluxo constante era alimentado pelas aldeias circundantes à medida que homens que descendiam de dez gerações de khaffit vinham limpar a sua casta, trazendo consigo as famílias para participarem no esforço de guerra. Em menos de um mês, Jardir triplicou o tamanho do seu exército e a cidade ficou cheia de gente, como não acontecia há décadas.

— No próximo Verão — disse novamente Jardir, enquanto Abban terminava os seus registos da manhã.

— Os homens das terras verdes continuarão a superar-nos por grandes números — disse Abban.

Jardir acenou afirmativamente.

— Talvez, mas o melhor dos fracos nortenhos não conseguirá derrotar até mesmo um kha'Sharum.

— Quantos deixarás aqui, para defender a Lança do Deserto? — perguntou Ashan.

— Nenhum — respondeu Jardir, atraindo olhares de surpresa de todos os presentes, incluindo de Inevera.

— Levarás todos os guerreiros? — perguntou Aleverak. — Quem defenderá a cidade?

— Não apenas cada guerreiro, Damaji — disse Jardir. — Levarei todo o povo. Devemos deixar a Terra Iluminada pelo Sol para trás. Todos nós. Até os aleijados e os doentes. Cada homem, mulher e criança, das cidades e das aldeias. Esvaziaremos a Lança do Deserto e trancaremos os seus portões após a nossa saída, permitindo que as suas muralhas inexpugnáveis se ergam em desafio aos alagai até entendermos reclamá-la.

Os olhos de Aleverak iluminaram-se com um brilho fanático.

— É um plano perigoso, Libertador — advertiu Ashan. — O nosso exército mover-se-á com grande lentidão quando deveria ser lesto.

— Talvez a princípio — disse Jardir. — Mas precisaremos de manter a posse das terras verdes que conquistarmos, sem deixar tropas para trás. Everam colocou os khaffit na Terra do Sol tal como nos colocou a nós. Nas terras verdes, um khaffit que siga o Evejah erguer-se-á acima do chin. Que se instalem por onde passarmos, apoderando-se da terra para Everam enquanto os Sharum seguem caminho.

Jardir viu Inevera tocar a bolsa dos alagai hora com uma expressão ausente. Sairia para lançar os dados logo que a audiência chegasse ao fim, mas Jardir não duvidava de que estes confirmariam a sua opção. A justeza do plano ressoava no seu interior e até Abban acenava em aprovação.

— Quando dirás aos outros Damaji? — perguntou Ashan.

— Não até estarmos prontos para partir — disse Jardir —, não dando tempo a Enkaji e aos outros para se oporem à decisão. Quero que todos estejam fora dos grandes portões quando se aperceberem do que sucede.

— E depois? — perguntou Abban. — Forte Rizon?

Jardir abanou a cabeça.

— Em primeiro lugar, Anoch Sun. Depois, as terras verdes.

— Encontraste a cidade perdida? — perguntou Abban.

Jardir apontou uma mesa coberta com mapas.

— Nunca esteve verdadeiramente perdida. Sempre existiram mapas detalhados no Sharik Hora. Apenas deixámos de lá ir depois do Regresso.

— Inacreditável — considerou Abban.

Jardir olhou-o.

— O que não compreendo é como o Par’chin a encontrou. Uma busca no deserto levaria toda uma vida. Deve ter tido ajuda. Quem procuraria para obter auxílio?

Abban encolheu os ombros.

— Há uma centena de mercadores no bazar, dizendo possuir mapas do caminho para Anoch Sun.

— Falsificações — disse Jardir.

— Aparentemente, nem todas — corrigiu Abban.

Jardir sabia que o khaffit era capaz de dançar entre a verdade e a mentira com a facilidade com que um homem inspirava e expirava.

— Inevera — disse, por fim, erguendo a Lança de Kaji. — Nada acontece que não cumpra a vontade de Everam.

Onze

Anoch Sun

332 DR

O OÁSIS DA MADRUGADA era um local de grande beleza, uma sequência de monólitos guardados protegendo uma ampla superfície coberta de erva, vários aglomerados de árvores de fruto e um amplo espelho de água fresca e limpa, alimentado pelo mesmo rio subterrâneo que abastecia a Lança do Deserto. Havia degraus talhados por baixo de um dos monólitos, conduzindo a uma

câmara subterrânea que se iluminava com archotes e onde um homem poderia lançar redes ao rio e pescar facilmente um festim.

Era um oásis pequeno, destinado a ser utilizado como acampamento de caravanas mercantes, mas usado com maior frequência por Mensageiros solitários. Nunca se destinara, claro, a ser usado para abastecer o maior exército que o mundo vira em séculos.

A hoste de Jardir ocupou-o como uma praga de gafanhotos, rodeando os monólitos com milhares de tendas e pavilhões. Antes da chegada da maioria dos krasianos, as árvores foram despojadas dos frutos e cortadas para lenha, a erva arrancada e pisada pelo gado. Milhares de homens entraram no charco para lavar os pés e encher os odres, deixando-o reduzido a uma poça lamacenta e fétida. Lançaram redes na câmara de pesca subterrânea, mas o que teria sido uma generosa pescaria, era apenas uma merenda para a horda krasiana.

— Libertador — disse Abban, aproximando-se de Jardir enquanto este observava o acampamento. — Creio haver algo que deverás ver.

Jardir acenou afirmativamente e foi conduzido a um grande bloco de arenito coberto com gravações. Algumas eram linhas quase tornadas ilegíveis pelos elementos, ao longo de muitos anos, outras eram nítidas e recentes. Algumas eram arranhões rudes, enquanto outras eram desenhos meticulosos com traço de mestre. Todas haviam sido feitas no estilo de escrita nortenho, uma caligrafia feia que Jardir conhecia apenas de forma superficial.

— O que é? — perguntou.

— Marcas de Mensageiro, Libertador — respondeu Abban. — Existem por todo o oásis, registando o nome de cada homem que aqui se abrigou a caminho da Lança do Deserto.

Jardir encolheu os ombros.

— E então?

Abban apontou uma grande porção de rocha gravada com escrita fluida. Jardir não conseguia ler as letras, mas não era indiferente à sua beleza.

— Isto — disse Abban — diz «Arlen Fardos do Ribeiro de Tibbet».

— O Par’chin — disse Jardir. Abban confirmou com um aceno de cabeça.

— Que mais diz? — perguntou Jardir.

— Diz: «Discípulo do Mensageiro Cob de Miln, mensageiro dos duques, conhecido como Par’chin em Krasia e amigo verdadeiro de Ahmann Jardir,

Sharum Ka da Lança do Deserto.»

Abban calou-se, permitindo que as palavras fossem apreendidas. Jardir não conteve um esgar.

— Continua — rosnou.

— «Visitei os cinco fortes vivos» — leu Abban, indicando os nomes das cidades assinaladas com uma lança apontando para cima –
«e quase todos os povoados de Thesa». Abban apontou outra lista, mais longa, contendo dúzias de nomes.

— Estes nomes marcados com a lança para baixo são ruínas que visitou — explicou Abban, apontando uma lista mais longa. — O Par'chin esteve ocupado no tempo que passou longe da Lança do Deserto. Também há ruínas krasianas aqui listadas.

— Sim? — perguntou Jardir.

— O Par'chin nunca se cansava de procurar histórias e mapas no bazar — lembrou Abban.

Jardir voltou a olhar a lista.

— Baha kad'Everam integra a lista? — Quando Abban não respondeu de imediato, voltou-se para o khaffit. — Não me faças perguntar duas vezes. Se pedir a um dos nossos prisioneiros chin para traduzir a rocha e descobrir que mentiste...

— Está aqui — disse Abban.

Jardir acenou afirmativamente.

— Então Abban reclamou por fim o que restava da cerâmica de Dravazi que tanto cobiçava — disse. Era mais uma afirmação do que uma pergunta. Abban não respondeu, mas não precisava de o fazer.

— Qual é esta última? — perguntou Jardir, apontando a grande gravação no fim da lista, apesar de conseguir adivinhar qual seria.

— O último sítio que o Par'chin visitou antes de regressar à Lança do Deserto — disse Abban.

— Anoch Sun — disse Jardir. Abban acenou com a cabeça.

— Algum dos outros mercadores sabe ler este idioma? — perguntou Jardir.

Abban encolheu os ombros.

— Talvez alguns.

Jardir grunhiu.

— Ordena a homens com maços que desfaçam a rocha em areia.

— Para que ninguém saiba que o Shar’Dama Ka segue as passadas de um chin morto? — perguntou Abban.

Jardir esmurrou-o, fazendo-o cair ao chão. O khaffit gordo limpou sangue da boca, mas sem os habituais gritos de piedade e gemidos de submissão. Os seus olhares encontraram-se e, de imediato, a raiva abandonou Jardir e foi substituída pela vergonha. Voltou-se, olhando a vasta extensão de areia coberta pela sua gente e pensando se algum deles teria pisado sem saber os ossos sepultados do seu amigo.



— Algo te perturba — disse Inevera, quando Jardir retirou para o seu pavilhão. Não era uma questão.

— Penso se o verdadeiro Libertador se sentiu amargurado com cada curva no caminho — disse Jardir — ou se sentiu Everam guiar as suas acções e se limitou a seguir o caminho que tinha defronte.

— Tu és o verdadeiro Libertador — corrigiu Inevera. — Imagino que Kaji tenha tido uma experiência semelhante à tua.

— Sou? — perguntou Jardir.

— Acreditas que foi uma coincidência que a Lança de Kaji te tenha sido colocada nas mãos no momento em que ocupavas uma posição que te permitiria apossares-te de toda a cidade? — perguntou Inevera.

— Uma coincidência? — repetiu Jardir. — Não. Mas tu «guias-me» há mais de vinte anos. Na minha ascensão, há mais o impulso dos dados do que o mérito.

— Foram os dados que conquistaram os corações dos khaffit e unificaram o nosso povo? — perguntou-lhe Inevera. — Foram ossos de demónio guardados que te conduziram a vitórias consecutivas no Labirinto, muito antes de teres posto os olhos na Lança de Kaji? Foram os dados a fazer-te marchar agora?

Jardir abanou a cabeça.

— Não, claro que não.

— Preocupas-te com as inscrições deixadas pelo Par’chin na pedra — afirmou Inevera.

— Quem te falou delas?

Inevera ignorou-lhe a pergunta com um gesto da mão.

— O Par’chin era um ladrão de sepulturas, nada mais. Um ladrão de sepulturas corajoso — concedeu, colocando um dedo sobre os lábios de Jardir, impedindo-o de protestar — astucioso e ousado, mas sem deixar de ser um ladrão.

— E que sou eu, senão aquele que o roubou a ele? — perguntou Jardir.

— És o que escolheres ser — disse Inevera. — Podes escolher ser o salvador de todos os homens ou podes perder tempo a pensar em acções passadas, perdendo a oportunidade que se te apresenta.

Debruçou-se, beijando-o. Era um beijo profundo e quente, um beijo não solicitado, que recordava a Jardir, mesmo naquele momento, que ainda a amava.

— Deposito a minha fé em ti, mesmo que tu não o faças. Os dados proferem a vontade de Everam e nem eles nem eu teríamos ajudado à tua ascensão se não acreditássemos que tu, e apenas tu, serás capaz de suportar este fardo. Matar o Par’chin foi um mal necessário, tal como matar Amadeveram. Tê-los-ias poupado, se pudesses fazê-lo.

Aconchegou-o entre os seus braços e, enquanto Jardir a abraçava, sentiu que a sua força regressava. Um mal necessário. O Evejah referia o assunto, enquanto Kaji relatava a subjugação dos chin do Norte. Cada alagai morto ajudava a equilibrar na balança o peso dessas mortes e Jardir pretendia matá-los a todos antes de se apresentar diante do Criador para que os seus actos fossem pesados e julgados.



O batedor aproximou o camelo do cavalo branco de Jardir, parando a uma distância respeitosa e erguendo o punho até ao peito.

— Shar’Dama Ka — saudou-o. — Encontrámos a cidade perdida. Está parcialmente sepultada na areia, mas grande parte parece intacta. Existem vários poços que acreditamos poderem ser recuperados, mas há pouca coisa que possa ser usada como alimento e o pasto é escasso.

Jardir acenou com a cabeça.

— Everam preservou-nos a cidade sagrada. Envia um grupo avançado para fazer o reconhecimento da cidade e preparar os poços. Mataremos o gado e preservaremos a carne para poupar as provisões de cereal.

— Arriscado — disse Abban. — Matar todos os animais significa que não poderemos usá-los para criação.

— Teremos de confiar na abundância das terras verdes — disse Jardir. — Por agora, precisamos de tanto tempo quanto seja possível para explorar a cidade sagrada.

O povo movia-se com lentidão e levaram dias a alcançar os batedores que tinham já traçado mapas da cidade com algum detalhe, apesar de ser maior do que a Lança do Deserto e de conter partes por descobrir. Havia discrepâncias entre os mapas dos batedores e os antigos pergaminhos trazidos do Sharik Hora.

— Dividiremos a cidade por tribos e atribuiremos a cada Damaji a responsabilidade pela escavação da sua secção, aconselhado pelos seus dama e Guardadores mais sábios. Cada relíquia descoberta deverá ser catalogada e ser-me-á apresentada diariamente.

Ashan acenou.

— Assim será, Libertador — disse, dirigindo-se para junto dos restantes Damaji.

Ao longo da semana seguinte, as tribos devassaram a antiga cidade, rompendo paredes, saqueando túmulos e retirando secções inteiras de muralhas e pilares guardados. Havia poucos vestígios da passagem do Par’chin quando chegaram, mas os krasianos não se deram ao trabalho de deixar a cidade intacta. O entulho amontoava-se por toda a parte e áreas de rua empedrada e edifícios desabaram quando a solidez dos túneis sobre os quais assentavam foi comprometida.

Em cada tarde, os Damaji apresentavam-se diante de Jardir e expunham os seus achados numa pilha. Centenas de novas guardas, muitas delas concebidas para ferir demónios ou para criar outros efeitos mágicos. Armas e armaduras guardadas e representações pintadas de antigas batalhas, algumas representando o próprio Kaji.

Lutavam em cada noite. Os demónios continuavam a atacar a cidade em grande número e, quando o Sol se punha, os homens abandonavam o trabalho e pegavam em lança e escudo. Com guardas poderosas cobrindo até as mais débeis lanças de kha’Sharum, os alagai morriam aos milhares e, em breve, não restava nenhum para assombrar as areias sagradas. Os Sharum
continuaram as suas patrulhas, mas a cidade parecia estar expurgada, como um sinal de Everam da justeza do caminho que seguiam.



— Libertador — disse Ashan, entrando na tenda acompanhado por Asome e Asukaji. — Encontrámo-lo.

Jardir não precisou de perguntar a que se referiam. Pousou os seus mapas das terras verdes e vestiu a túnica branca. Não chegara ainda à entrada da tenda quando Inevera surgiu, encabeçando as suas esposas dama'ting, comprovando com a sua presença a afirmação de Ashan. As mulheres seguiram-no em silêncio enquanto Jardir percorria a cidade.

— A que tribo coube a honra? — perguntou Jardir.

— Aos Mehnding, pai — respondeu Asome. Tinha dezasseis anos e era já um homem, movendo-se com a graça esperada de um mestre de sharusahk. A sua voz suave parecia mais ameaçadora vinda da figura alta e magra coberta pela túnica branca. Fazia lembrar uma espada envolta em seda.

— Claro — murmurou Jardir. Era quase inevitável que fosse o Damaji que lhe era menos leal a encontrar o túmulo de Kaji.

Quando chegaram, Enkaji aguardava com Savas, o filho Mehnding de Jardir, envergando ainda o seu bido de nie'dama.

— Shar'Dama Ka — gritou o Damaji, prostrando-se no chão empoeirado da câmara sepulcral. — Cabe-me a honra de colocar perante teus olhos o túmulo de Kaji.

Jardir acenou.

— Está intacto?

Enkaji ergueu-se, indicando o grande sarcófago com o braço. A cobertura de pedra tinha sido retirada.

— Receio que o Par'chin tenha sido hábil no seu saque — disse Enkaji. — A lança desapareceu, claro, mas conseguiste reclamá-la. — Indicou os trapos empoeirados sobre o esqueleto no interior. — Se estes farrapos algum dia foram o Manto de Kaji, não posso dizer.

— E a coroa? — perguntou Jardir, como se o objecto não tivesse qualquer importância, apesar de todos saberem o contrário.

Enkaji encolheu os ombros.

— Levada. O Par'chin...

— Não a tinha com ele quando chegou à Lança do Deserto — interrompeu

Jardir.

— Deverá tê-la escondido noutra parte — disse Enkaji.

— Mente — sussurrou Abban ao ouvido de Jardir.

— Como sabes? — perguntou-lhe Jardir.

— Confia num mentiroso para reconhecer outro — respondeu Abban.

Jardir voltou-se para Hasik.

— Sela o túmulo — ordenou. Hasik gesticulou aos Sharum no corredor e estes bloquearam a porta com a grande pedra.

— Que significa isto? — perguntou Enkaji, enquanto a luz do corredor era bloqueada. Apenas alguns archotes cravados nas paredes do túmulo iluminavam a câmara.

— Apaguem-nos — ordenou Jardir. — A Damajah lançará os ossos para saber quem roubou a coroa de Kaji.

Enkaji empalideceu e Jardir soube que Abban estava certo. Avançou para o Damaji, fazendo-o recuar até embater com as costas na parede.

— Por cada minuto que a coroa passar fora das minhas mãos — prometeu —, castrarei um dos teus filhos ou netos, começando pelo mais velho.

Momentos depois, Jardir segurava a Coroa de Kaji, encontrada na câmara sepulcral de um dos bisnetos do Libertador.

Era um aro estreito de ouro e jóias, trabalhado num padrão de guardas desconhecidas que formavam uma rede em torno da cabeça de quem a usasse. Parecia delicada, mas nem toda a força de Jardir conseguia amolgar o metal.

Inevera curvou-se e recebeu a coroa nas mãos, colocando-lha sobre o turbante. Apesar de ser leve como uma pena, mesmo assim, Jardir sentiu um grande peso quando a coroa se imobilizou na sua testa.

— Agora, podemos invadir as terras verdes — disse.

Seção 2

Forças Externas

Doze

Bruxas

333 DR Inverno

LEESHA AVISTOU A CASA DOS PAIS. Era uma construção simples, levando em consideração as posses modestas do pai, mas satisfazia suficientemente bem as necessidades da família, construída contra a parede traseira da oficina de papel do pai. O caminho que conduzia à porta da frente estava guardado.

Não que Rojer prestasse grande atenção. Caminhava um pouco atrás de Leesha, para poder olhá-la sem que o visse. A sua pele pálida contrastava com o cabelo negro como a noite e os olhos tinham a cor do céu num dia claro. Passeou o olhar sobre as suas curvas.

Leesha voltou-se para ele, de repente, e Rojer sobressaltou-se, erguendo prontamente os olhos.

— Obrigada, mais uma vez, por fazeres isto, Rojer — disse-lhe.

Como se Rojer lhe pudesse recusar alguma coisa.

— Não é grande tarefa ser convidado para uma refeição, mesmo que os cozinhados da tua mãe consigam desafiar os dentes de um nuclita — disse.

— Talvez não seja para ti — disse Leesha. — Se aparecesse sozinha, não pararia de perguntar quando vou achar um marido até me rebentarem os ouvidos. Contigo presente, os seus dentes poderão não ser tão afiados. Talvez até acredite que somos um casal e me deixe sossegada.

Rojer olhou-a, sentindo o coração palpitar. Invocou a sua máscara de Jogral, com face e voz que não traíam nada do que sentia. Perguntou:

— Não te importarias que a tua mãe nos julgasse um casal?

Leesha riu-se.

— Adoraria. A maior parte da aldeia também aceitaria. Só tu, Arlen e eu saberíamos como é ridículo.

Rojer sentiu-se como se o tivesse esbofeteado, mas o seu coração serenou e, com a máscara posta, Leesha não deu por nada.

— Gostava que não lhe chamasses isso — disse Rojer, mudando de assunto.

— Arlen? — perguntou Leesha, fazendo Rojer estremecer. — Arlen! Arlen! Arlen! — disse, rindo. — É apenas o seu nome, Rojer. Não fingirei que não tem um, por mais misterioso que queira parecer.

— Acho que deve poder parecer o que desejar — disse Rojer. — Arrick sempre disse que, quando se ensaia um número que nunca se destinou a ser visto pelo público, mais cedo ou mais tarde, acabarão por vê-lo. Basta um deslize e o nome será conhecido por todos na aldeia.

— E se for? — perguntou Leesha. — O «Homem Pintado» não se sente confortável numa aldeia porque as pessoas o tratam de maneira diferente. Admitir que tem um nome poderia remediá-lo.

— Não sabes o que deixou para trás — disse Rojer. — Poderia haver gente magoada se o nome se soubesse ou outros poderiam vir à sua procura com contas para ajustar. Sei como é viver assim, Leesha. O Homem Pintado salvou-me a vida e, se não quer que se saiba o seu nome, esquecerei que alguma vez o soube, mesmo que signifique abdicar da canção do século.

— Não podes esquecer coisas que sabes. Não é assim tão simples — considerou Leesha.

— Nem todos temos tanta arrumação na cabeça como tu — disse Rojer, tocando na têmpora com um dedo. — Alguns de nós enchem-na de imediato e esquecem coisas antigas que não nos servem para nada.

— Que tolice — disse Leesha. Rojer encolheu os ombros. — Seja como for, volto a agradecer-te — continuou. — Não me faltam homens que se ofereçam para enfrentar demónios por mim, mas nenhum que se ofereça para enfrentar a minha mãe.

— Suponho que o Gared Lenhador faria ambas as coisas — lembrou Rojer.

Leesha roncou de desprezo.

— É um lacaio da minha mãe. Destruiu-me a vida e ela espera que o perdoe e lhe dê filhos mesmo assim, como se passasse a ser um bom partido por revelar talento para matar demónios. Não passa de uma bruxa manipuladora que

envenena todos os que a rodeiam.

— Bah! — exclamou Rojer. — Não é assim tão má. Compreende-a e podes tocá-la como se fosse um violino.

— Estás a subestimá-la — disse Leesha. — Os homens vêem a sua beleza e recusam ver além dela. Podes pensar que serás tu a seduzi-la quando, na verdade, será ela a seduzir-te a ti, como faz a qualquer homem, voltando-os contra mim.

— Conversa de tampereira — disse Rojer. — Elona não é nenhum génio malévolo cuspido pelo Núcleo para te destruir a vida.

— Não a conheces suficientemente bem — disse Leesha.

Rojer abanou a cabeça.

— Arrick ensinou-me tudo sobre mulheres e disse que as que são como a tua mãe, que já foram muito belas e começam a não conseguir esconder a idade, são todas iguais. Elona sempre esteve no centro das atenções quando era jovem e é a única forma de interagir com o mundo que conhece. Tu e o teu pai têm conversas longas sobre guardas nas quais ela nunca participa e isso deixa-a sedenta de atenção, não lhe importando a forma de a conseguir. Fá-la pensar que é o centro das atenções, mesmo que não seja, e virá comer-te à mão.

Leesha olhou-o por um momento e riu-se.

— O teu mestre não sabia nada sobre mulheres.

— Parecia saber — replicou Rojer —, considerando o talento que tinha para se deitar com elas.

Leesha arqueou-lhe uma sobrancelha.

— E com quantas se deitou o seu aprendiz usando essas técnicas brilhantes?

Rojer sorriu.

— As histórias que conto não são essas, mas aposto um sol milnês em como funcionarão com a tua mãe.

— De acordo — disse Leesha.



— Então, o mercador diz a Arrick: «Paguei-te para ensinares a minha mulher a dançar!» — disse Rojer — e Arrick, calmo como um amanhecer, olha-o e responde: «Foi o que fiz. Não é culpa minha que tenha preferido dançar

deitada.»

Elona riu-se, entornando o vinho da taça enquanto a fazia embater sobre a mesa. Rojer imitou-a e uniram-se num brinde antes de beber.

Leesha olhou-os com desagrado do extremo oposto da mesa, onde ela e o pai conversavam. Na verdade, não sabia o que mais receava: vencer a aposta com Rojer ou perdê-la. Talvez tê-lo trazido tivesse sido má ideia. As histórias picantes eram suficientemente más, mas o pior era a forma como os olhos de Rojer não paravam de descer até ao decote da sua mãe, apesar de não poder censurá-lo, tal era a forma como Elona o exibia.

Os pratos há muito tinham sido levados. Erny permanecia sentado, folheando o livro que Leesha lhe trouxera, com os olhos minúsculos por trás dos óculos com aros de arame que pareciam nunca se afastar da ponta do seu nariz. Por fim, colocou-o de parte para mais tarde, indicando a pilha de livros encadernados a couro à frente de Leesha.

— Só tive tempo para fazer mais alguns — disse. — Consegues enchê-los mais depressa do que consigo encaderná-los.

— Culpa as minhas aprendizas — disse Leesha, trazendo o bule de chá do fogo. — Fazem três cópias por cada livro que encho.

— Mesmo assim — disse Erny. — Só tive um compêndio de guardas em toda a vida e nunca consegui enchê-lo. Quantos são com este que fizeste agora? Uma dúzia?

— Dezassete — corrigiu Leesha. — Mas contêm tanto de demonologia como de guardas e a maior parte dos conhecimentos foram transmitidos pelo Homem Pintado e não são meus. Copiar as guardas na sua pele encheu vários livros.

— Ah sim? — disse Elona, erguendo o olhar. — E que porção da sua pele já viste?

— Mãe! — gritou Leesha.

— O Criador saberá. Não te julgo — disse Elona. — Poderia calhar-te pior destino do que gerar o filho do Libertador, mesmo que seja horroroso olhá-lo. Mas é melhor aplicares-te, se é esse o teu plano. Há muitas raparigas mais jovens e férteis do que tu que não tardarão a aspirar a esse privilégio.

— Não é o Libertador, mãe — disse Leesha.

— Não é o que dizem todos — argumentou Elona. — Até Gared o venera.

— E, se Gared o Lenhador pensa uma coisa, deverá estar certo — disse Leesha,

revirando os olhos.

Rojer sussurrou qualquer coisa ao ouvido de Elona e esta tornou a rir-se, voltando novamente a sua atenção para ele. Leesha suspirou de alívio.

— Por falar no Homem Pintado — disse Erny —, onde se meteu? Smitt disse-me que chegou outro Mensageiro do duque, convocando-o para uma audiência, mas nunca o conseguimos encontrar em dias de Mensageiro.

Leesha encolheu os ombros.

— Duvido que lhe interesse muito uma audiência com o duque. Não se considera súbdito de Rhinebeck.

— Será melhor que lhe digas para pensar duas vezes — disse Erny. — O Outeiro não produz lenha como devia e Rhinebeck começa a enfurecer-se. Ignorar Mensageiros poderá bastar para o travar por agora, enquanto a estrada está bloqueada com a neve e não puder enviar uma força de tamanho suficiente, mas, com a Primavera, a neve derreterá e o duque quererá respostas e garantias de que o Outeiro do Libertador continua leal.

— E continua? — perguntou Rojer, olhando-o. — Se o Homem Pintado se desentendesse com Rhinebeck, seria provável que o Outeiro o seguisse num ápice.

— Sim — concordou Erny. — Outros povoados também e talvez muita gente em Forte Angiers. O Homem Pintado poderia começar uma guerra civil com uma palavra e é por isso que é mais importante ainda que declare as suas intenções antes que Rhinebeck faça alguma coisa precipitada.

Leesha concordou com um aceno.

— Falarei com ele. Também eu tenho assuntos a tratar em Angiers.

— O único assunto a tratar que tens é o que levas debaixo das saias — murmurou Elona. Rojer engasgou-se e o vinho jorrou-lhe pelo nariz. Elona esboçou um sorriso altivo enquanto bebia da sua taça.

— Pelo menos, consigo manter a bainha da minha à volta dos tornozelos! — ripostou Leesha.

— Não me fales nesse tom — advertiu Elona. — Posso não saber nada de política ou demonologia, mas sei que estás a um Inverno de distância de te tornares uma velha solteirona e não importará o tamanho do rasto de nuclitas mortos que deixes atrás de ti. Continuarás a ir para a cova arrependida por não ter enriquecido o mundo com vida.

— Sou a Herbanária da aldeia — disse Leesha. — Salvar quem morreria sem mim não é enriquecer o mundo com vida?

— Vika salva vidas — disse Elona, referindo-se a uma colega de Leesha. — Não a impediu de dar filhos ao Protector Jona. A parteira Darsy faria o mesmo sem pensar, se conseguisse encontrar um homem capaz de fechar os olhos e ficar rijo tempo suficiente para lhe deixar uma criança naquele corpo sem graça.

— Darsy fez mais pela aldeia do que alguma vez farás, mãe — disse Leesha. Outrora, desentendera-se com Darsy (ambas foram discípulas de Bruna Bruxa), mas tinham feito as pazes. Darsy tornara-se a aluna mais dedicada de Leesha. Possivelmente a melhor.

— Tolice — considerou Elona. — Cumpri o meu dever e dei-te à aldeia. Podes não mo agradecer, mas acho que o bem que fazes ao Outeiro resulta das dores que senti.

Leesha reagiu com desprezo.

— Qualquer tolo que te veja perto do Homem Pintado perceberá que há alguma coisa entre os dois — insistiu Elona. — E que não agrada a nenhum de vós. Falhou na cama? — perguntou. — A Darsy dá-me ervas para o teu pai quando ele...

— Isso é ridículo! — gritou Rojer enquanto Erny corava. — Leesha nunca...

Elona interrompeu-o com um grunhido.

— Contigo nunca irá. É claro como o dia que a tens debaixo de olho, mas não és bom que chegue, violinista, e sabe-lo bem. — A cara de Rojer ficou vermelha como um tomate. Abriu a boca, mas não conseguiu produzir qualquer som.

— Não tens o direito de falar assim com ele, mãe — disse Leesha. — Não sabes...

— É sempre o que não sei! — bradou Elona. — Como se a tua pobre mãe fosse demasiado estúpida para ver o Sol que lhe brilha na cara! –

Engoliu o vinho e a sua face adquiriu uma expressão cruel que Leesha conhecia bem e temia.

— Como se não conhecesse a canção do rapaz que conta como o Homem Pintado te encontrou depois de seres abandonada na estrada como morta — disse Elona. — E sei como os homens tratam mulheres como nós quando não há ninguém para os travar.

— Mãe — advertiu Leesha, com voz ameaçadora.

— Não era assim que desejava que perdesses a tua flor — disse Elona —, mas estava na altura de acontecer de alguma forma e suponho que te terá feito bem.

Leesha bateu com a mão na mesa, arregalando-lhe os olhos.

— Vai buscar a capa, Rojer! — disse. — Anoitece e estamos mais seguros entre os demónios. — Guardou os livros em branco na sacola e pendurou-a ao ombro enquanto tirava a capa ricamente bordada do cabide junto à porta e a lançava sobre os ombros, prendendo-a junto à garganta com um alfinete guardado em prata.

Erny aproximou-se, abrindo as mãos num gesto apologético. Leesha abraçou-o enquanto Rojer se cobria com a capa. Elona permaneceu sentada à mesa com o vinho.

— Preferia que não viajassem depois de anoitecer, com capa mágica ou sem ela — disse Erny. — Não podemos substituir-te.

— Rojer tem o seu violino — lembrou Leesha — e eu tenho outros truques além de guardas de camuflagem, se um nuclita conseguisse ver-nos. Estamos bastante seguros.

— Consegues embruxar todo o Núcleo a fazer o que desejas, mas não consegues encantar um mero homem — troçou Elona, falando para a taça.

Leesha ignorou-a, erguendo o capuz e saindo para a penumbra.

— Acreditas em mim agora? — perguntou a Rojer, assim que a porta se fechou.

— Parece-me que te devo um sol — admitiu Rojer.

A neve estalava sob as botas de Leesha enquanto se dirigia para o centro da aldeia com Rojer. A respiração dos dois tornava-se neblina no ar frio do Inverno, mas as suas capas eram forradas com pêlo e conseguiam mantê-los suficientemente quentes.

Rojer quase não dissera uma palavra desde o comentário de Elona. Mantinha a cabeça baixa, com a face oculta sob longos cachos de cabelo ruivo. O violino estava guardado no estojo, pendurado por baixo do seu manto multicolorido, mas percebia-se pela forma como os seus dedos se flectiam que ansiava por tocá-lo. Tocava sempre o violino quando se sentia perturbado.

Leesha sabia que Rojer a desejava. Na verdade, quase todos sabiam. Metade das mulheres da cidade pensava que era louca por não o aceitar. E porque não? Rojer tinha uma beleza pueril e um intelecto vivo. A beleza da sua música superava as palavras
e conseguia fazê-la rir quando se sentia triste. Mostrara-lhe mais de uma vez que estava disposto a morrer por ela.

Mas, por mais que tentasse, não conseguia vê-lo como um amante. Rojer mal completara dezoito invernos, dez anos mais novo do que ela. Além disso, era seu amigo. De muitas formas, Rojer era o seu único amigo. A única pessoa em quem confiava. Era o irmão mais novo que nunca tivera. Não o queria magoar.

— Kendall, a tua aprendiza, veio ver-me um destes dias — disse Leesha. — Bonita rapariga.

Rojer concordou com um aceno.

— Também é a minha melhor aluna.

— Perguntou se sabia preparar uma poção de amor — disse Leesha.

— Ha! — exclamou Rojer. A seguir, parou e olhou-a. — Espera. Sabes?

Leesha riu-se.

— Claro que não. Mas a rapariga não precisa de saber. Dei-lhe um chá doce e disse-lhe que devia partilhá-lo com o seu desejado. Se te oferecer chá, cuidado. Pode esperar-te uma noite de beijos.

Rojer abanou a cabeça.

— Nunca me deitaria com uma aprendiza.

— Outra das brilhantes máximas de mestre Arrick? — perguntou Leesha.

Rojer acenou afirmativamente.

— E uma que me orgulha comprovar que praticava além de pregar. Conheci outros aprendizes na associação que não tiveram a mesma sorte.

— Dificilmente se compara — disse Leesha. — Kendall tem quase a tua idade e é ela a interessada em comprar poções de amor.

Rojer encolheu os ombros e ergueu o capuz, puxando as pontas da capa multicolorida para fortalecer a protecção das guardas. A última luz desaparecia e, à sua volta, formas nebulosas erguiam-se da neve, solidificando em nuclitas que silvavam e se moviam em redor, sentindo-lhes o cheiro, mas incapazes de os encontrar.

Erny construíra a sua casa longe da aldeia para não ter de suportar queixas pelo

cheiro dos químicos usados no fabrico de papel, mas essa distância também a colocava fora do alcance da grande guarda de protecção que protegia a maior parte da povoação.

Um demónio da madeira atravessou-se no caminho de Rojer, farejando o ar. Rojer estacou, receando mover-se enquanto o nuclita procurava. Leesha viu um movimento lesto por baixo da capa e soube que uma das facas guardadas que ele mantinha presas aos pulsos tinha passado para a palma da sua mão intacta, pronta a ser lançada.

— Contorna-o, Rojer — disse Leesha, continuando a marcha.

— Não te consegue ver nem ouvir. — Rojer contornou o demónio em bicos de pés, movendo a faca nervosamente entre os dedos. Crescera a fazer malabarismos com lâminas e conseguia cravar uma entre os olhos de um nuclita a vinte passos.

— Não é natural — disse Rojer — caminhar por entre hordas de nuclitas.

— Quantas vezes teremos de o fazer até te cansares de o repetir? — Leesha suspirou. — As capas são seguras como casas. — As Capas de Invisibilidade eram uma invenção sua, baseadas nas guardas de confusão que o Homem Pintado lhe ensinara. Modificara as guardas e bordara-as com fio dourado numa bela capa. Os demónios ignoravam-na enquanto a envergasse, mesmo que caminhasse até eles, desde que se movesse a um ritmo lento e regular e se cobrisse com ela.

Fizera a capa de Rojer a seguir, bordando as guardas em cores berrantes para combinar com o seu padrão multicolorido de Jogral e agradava-lhe ver que raramente a despia, mesmo durante o dia. O Homem Pintado parecia nunca usar a que lhe fizera.

— Nada contra as tuas guardas, mas acho que nunca acontecerá — confessou Rojer.

— Eu confio na magia do teu violino para me proteger — disse Leesha. — Por que não confias na minha?

— Estou a caminhar na escuridão, não estou? — perguntou Rojer, apertando a capa com os dedos. — Mas é assustador. Odeio dizê-lo, mas a tua mãe não errou por muito quando te chamou bruxa.

Leesha fitou-o.

— Uma bruxa de guardas, pelo menos — clarificou.

— Também costumavam chamar bruxaria à arte das ervas — lembrou Leesha. — Limito-me a traçar guardas como qualquer um faria.

— Não és igual a qualquer um, Leesha — disse Rojer. — Há um ano, não conseguirias guardar o parapeito de uma janela e, agora, o próprio Homem Pintado recebe lições tuas.

Leesha roncou.

— Dificilmente.

— Aceita a verdade — disse Rojer. — Estás constantemente a questionar as suas guardas.

— Arlen é três vezes melhor Guardador do que eu — disse Leesha. — Apenas... é difícil explicar, mas, depois de olhar um número suficiente de guardas, os padrões começaram... a falar comigo. Consigo olhar uma guarda nova e, apenas pelo estudo das linhas de poder, adivinho com frequência o seu propósito. Por vezes, consigo mesmo mudar as linhas para alterar os efeitos. Tenho tentado ensinar a técnica a outros, mas ninguém parece conseguir ir além dos procedimentos rotineiros.

— É assim o violino para mim — disse Rojer. — A música fala comigo. Posso ensinar os meus aprendizes a tocar melodias com competência, mas não se pode tocar *A Batalha do Outeiro do Lenhador* para pacificar os nuclitas. É necessário... massajar a sua disposição.

— Gostava que alguém massajasse a disposição da minha mãe — murmurou Leesha.

— Já não era sem tempo — disse Rojer.

— O quê? — perguntou Leesha.

— Não tardaremos a chegar à aldeia — disse Rojer. — Quanto mais depressa falarmos sobre a tua mãe, mais depressa pararemos de falar sobre o assunto e poderemos continuar os nossos afazeres.

Leesha parou e olhou-o.

— Que faria eu sem ti, Rojer? És o meu melhor amigo no mundo. – Enfatizou adequadamente a palavra «amigo».

Rojer moveu o corpo de forma peculiar, seguindo em diante.

— Sei como ela te afecta.

Leesha apressou-se a alcançá-lo.

— Odiaria saber que a minha mãe poderia estar certa sobre qualquer coisa.

— Mas é frequente que esteja — disse Rojer. — Vê o mundo com clareza fria.

— Clareza sem coração. Será mais isso — disse Leesha.

Rojer encolheu os ombros.

— Coelho numa mão, lebre na outra.

Leesha estendeu a mão casualmente para retirar a neve de um ramo baixo com a mão enluvada, mas Rojer notou o movimento e facilmente se esquivou à bola de neve que lhe lançou. Atingiu um demónio da madeira, que procurou freneticamente o seu agressor.

— Queres filhos — disse Rojer, secamente.

— Claro que sim — admitiu Leesha. — Sempre quis. Mas nunca encontrei o momento adequado.

— Nunca encontraste o momento ou o pai adequado? — quis saber Rojer.

Leesha suspirou.

— Ambos. Tenho apenas vinte e oito anos. Com a ajuda das ervas, é provável que consiga gerar uma criança durante mais duas décadas, mas nunca com a facilidade que teria há dez ou mesmo há cinco anos atrás. Se tivesse casado com Gared, o nosso primeiro filho teria catorze anos agora e seria provável que se tivessem seguido vários a seguir a esse.

— Arrick costumava dizer: «Não vale a pena lamentar o que nunca foi» — disse Rojer. — Claro que ele era a prova viva de que é difícil viver segundo essas palavras.

Leesha suspirou, tocando o ventre e imaginando o útero no seu interior. Não lamentava por Gared. A mãe estivera certa acerca dos bandidos na estrada, como Rojer bem sabia. Mas o que nunca partilhara com ele ou com ninguém fora que estava no seu período fértil quando aconteceu e receara que o ataque pudesse ter gerado uma criança.

Leesha esperara que Arlen lhe desse a sua semente quando o seduziu, alguns dias mais tarde. Se o tivesse feito teria educado a criança, se nascesse, esperando que tivesse sigo gerada por ternura e não por violência. Mas o Homem Pintado recusara, jurando não ter filhos para que a magia demoníaca que lhe conferia poder não os contagiasse de alguma forma.

Foi assim que Leesha preparou o chá que jurara nunca preparar, assegurando que a semente dos bandidos não vingaria. Depois de terminar, chorou lágrimas amargas sobre a chávena vazia.

A recordação provocou lágrimas frescas, deixando rastos frios nas bochechas na noite invernosa. Rojer estendeu a mão e pensou que pretenderia limpar-lhas, mas, ao invés, enfiou-lhe a mão no capuz e retirou-a rapidamente, fazendo surgir um lenço de muitas cores, como se lho extraísse da orelha.

Leesha não conseguiu evitar rir-se e usou o lenço para secar as lágrimas.

Quando chegaram à aldeia, meia dúzia de nuclitas seguia-os, farejando as pegadas deixadas na neve além do alcance da magia das capas. Uma mulher no limiar da guarda de protecção ergueu o arco e flechas guardadas cravaram-se no dorso dos demónios como relâmpagos, matando os que não conseguiam fugir.

Todas as jovens no Outeiro do Libertador passaram a praticar tiro com arco, começando assim que conseguiam segurar a arma. Muitas das mulheres mais velhas, não possuindo a força necessária para vergar um arco grande, aprenderam a mirar uma besta de manivela para poderem juntar-se ao combate. As mulheres trabalhavam por turnos no patrulhamento dos limites da aldeia, matando os demónios que se aproximassem demasiado.

Quando alcançaram a luz, Leesha viu que Wonda os esperava. Alta, forte e pouco vistosa, era fácil esquecer que a rapariga chegava apenas ao seu décimo quinto Verão. O seu pai, Flinn, morrera na batalha do Outeiro do Lenhador e Wonda ficara gravemente ferida. Recuperara totalmente, apesar de ter ficado com cicatrizes medonhas, e afeiçoara-se a Leesha durante o tempo que passou no hospício. Wonda seguia Leesha como um cão, pronta a matar qualquer nuclita que chegasse demasiado perto. Trazia consigo o grande arco de teixo que o Homem Pintado lhe oferecera e sabia usá-lo com eficácia letal.

— Gostava que me permitisses escoltar-te, mestra Leesha — disse Wonda. — És demasiado importante para caminhar sozinha fora da protecção.

— É o que também acha o meu pai — disse Leesha.

— O teu pai está certo, mestra — disse Wonda.

Leesha sorriu.

— Talvez quando a tua Capa de Invisibilidade ficar pronta.

— É verdade? — perguntou Wonda, abrindo muito os olhos. Cada capa levava muitas horas a fazer e era um presente digno de um rei.

— Se estás determinada a seguir os meus passos — disse-lhe Leesha —, não vejo grande alternativa. Entreguei o padrão às minhas aprendizas na semana passada para que o bordassem.

— Obrigada, mestra! — agradeceu Wonda, lançando os seus braços longos à volta de Leesha e abraçando-a de uma forma pueril que parecia pouco adequada a uma rapariga mais alta e mais forte do que a maioria dos homens.

— Ar — exclamou Leesha, por fim. Wonda libertou-a e recuou, envergonhada.

— Não é um pouco jovem para se aventurar fora da protecção? — perguntou Rojer, em voz baixa, enquanto se dirigiam para a aldeia. As ruas empedradas do Outeiro do Libertador erguiam-se e torciam-se muitas vezes de forma inconveniente, mas, fazendo-o, formavam uma enorme e complexa guarda de protecção concebida pelo próprio Homem Pintado. Nenhum nuclita, grande ou pequeno, conseguia erguer-se do chão da aldeia e também não conseguiria pisá-lo ou sobrevoá-lo. As ruas reluziam mansamente, aquecidas pela magia.

— Já o faz — explicou Leesha. — Arlen apanhou-a a caçar demónios sozinha duas vezes na semana passada. A rapariga está determinada em fazer-se nuclear. Quero mantê-la onde possa vigiá-la.

Outrora, a aldeia ficava escura e silenciosa após o anoitecer, mas as pedras cintilantes do chão iluminavam o movimento de dúzias de pessoas. O Outeiro perdera muitos em batalha, quase um ano antes, mas os números da sua população tinham sido reforçados com a chegada de gente de aldeias vizinhas, atraídas pela lenda crescente do Homem Pintado. Estes recém-chegados olhavam e sussurravam entre si enquanto Rojer e Leesha, os únicos confidentes conhecidos do Homem Pintado, passavam por eles.

Entraram no Cemitério dos Nuclitas, a antiga praça central da aldeia, onde tantos demónios e homens e mulheres do Outeiro haviam perecido. Apesar do seu nome, o cemitério continuava a ser o centro de actividade da aldeia, o local onde os aldeões treinavam e onde os Lenhadores se reuniam em cada noite para receber as bênçãos do Protector Jona antes de iniciarem a caça de demónios. Era lá que se erguiam naquele momento, baixando cabeças e inclinando ombros largos, traçando guardas no ar enquanto Jona rezava pela sua segurança na noite desprotegida.

Outros aldeões estavam presentes, baixando também as cabeças para se juntarem à bênção. Não havia sinal do Homem Pintado. Não perdia tempo com bênçãos e era provável que já tivesse iniciado a caçada. Por vezes, passavam-se dias sem qualquer sinal seu além dos cadáveres de demónio deixados sobre a neve até o primeiro Sol da manhã se erguer para os expulsar do mundo pela

chama.

— Ali está o teu prometido — disse Rojer, indicando Gared Lenhador, diante do grupo de Lenhadores, baixando-se para que o Protector Jona, que Gared maltratara em criança, pudesse traçar-lhe uma guarda na testa com um pedaço de carvão.

Um gigante. O antigo pretendente de Leesha erguia-se até sobre os restantes Lenhadores, havendo poucos que tivessem menos de um metro e oitenta. O seu cabelo era longo e louro e os braços bronzeados estavam cobertos de músculo. Um par de cabos de machado guardados projectavam-se sobre os seus ombros e as luvas, de couro resistente unido a aço forjado protegido com guardas, pendiam-lhe do cinto. Regressariam em breve, cobertas com sangue negro de demónio.

Gared não era o mais velho dos Lenhadores e estaria muito longe de ser o mais sábio, mas a Batalha do Outeiro do Lenhador tornara-o um líder que até os mais velhos seguiam sem questionar. Era ele que gritava aos homens para que treinassem com maior afinco durante o dia, era ele que liderava a carga à noite e deixava maior número de nuclitas mortos no seu rasto do que qualquer outro, à excepção do próprio Homem Pintado.

— Independentemente do que te tenha feito — disse Rojer —, tens de admitir que é o tipo de homem que motiva canções e que é honrado com estátuas.

— Não nego que é belo — disse Leesha, olhando Gared. — Sempre foi e atraía a devoção dos outros como o ferro é atraído por um íman. Também eu senti essa atracção. — Abanou a cabeça. — O seu pai era igual. A minha mãe quebrou os seus votos de casamento repetidas vezes com ele e, a um nível animal, consigo compreendê-lo. Falamos de dois homens que, por fora, são espécimes sem mácula.

Voltou-se para Rojer.

— É o interior que me preocupa. Os Lenhadores seguem Gared sem questionar, mas ele lidera-os em defesa do Outeiro ou por amar a carnificina?

— Também pensámos o mesmo acerca do Homem Pintado — recordou-lhe Rojer. — Provou-nos que estávamos errados. Talvez Gared faça o mesmo.

— Não apostaria — disse Leesha, voltando costas ao local e seguindo caminho.

No extremo oposto do cemitério, situava-se o Templo e, construído contra uma das paredes laterais do edifício de pedra, ali ficava o novo hospício, concluído

antes do primeiro nevão.

— Olá, mestra Leesha! Rojer! — saudou Benn, vendo-os. O vidreiro estava de pé, rodeado pelos aprendizes, que transportavam instrumentos para soprar vidro e grandes placas do material frágil. Por perto, um grupo de violinistas ensaiava os instrumentos em simultâneo. Benn deu algumas instruções rápidas aos seus aprendizes e veio ao seu encontro.

— Preparado para a carga quando tu estiveres, Rojer — disse.

— Como foram os resultados da noite passada? — perguntou Leesha.

Benn levou a mão a um bolso, retirando um pequeno frasco de vidro. Leesha recebeu o objecto, mantendo-se pensativa enquanto passava os dedos sobre as guardas. Parecia-lhe ser vidro comum, mas as guardas eram suaves, como se o frasco tivesse sido novamente aquecido depois de serem traçadas.

— Tenta parti-lo — encorajou Benn.

Leesha lançou o frasco sobre as pedras do chão com toda a sua força, mas o vidro limitou-se a ressaltar com um ruído cristalino. Ergueu-o, estudando-o com atenção. Não tinha qualquer marca.

— Impressionante — considerou. — As tuas guardas melhoram.

Benn sorriu e curvou-se.

— É possível partir um deles numa bigorna com determinação. Mas não é fácil.

Leesha franziu a testa e abanou a cabeça.

— Deviam resistir também a isso. Deixa-me ver um que ainda não tenhas carregado.

Benn acenou afirmativamente, fazendo sinal a um aprendiz que trouxe outro frasco, quase idêntico ao primeiro.

— Este é um dos que pretendíamos carregar esta noite.

Leesha estudou o frasco com atenção, passando a unha pelos sulcos das guardas.

— É possível que a profundidade do sulco afecte a intensidade da carga — afirmou. — Vou pensar no assunto. — Guardou os dois frascos num bolso do avental para análise posterior.

— A produção já decorre a um ritmo regular — disse Rojer.

— Benn e os seus aprendizes sopram vidro e traçam guardas durante o dia e os meus aprendizes e eu atraímos nuclitas para proceder à carga durante a noite. Em breve, todas as casas terão janelas de vidro guardado e poderemos armazenar

fogo demoníaco líquido em grande quantidade e sem medo.

Leesha concordou com um gesto da cabeça.

— Gostaria de assistir à carga esta noite.

— Claro — disse Rojer.

Darsy e Vika esperavam junto às portas do hospício.

— Mestra Leesha — saudou-a Vika, com uma vénia, quando se aproximou. Não era uma mulher que atraísse atenções, não sendo nem bela nem feia, com um corpo sólido marcado por ancas parideiras e face redonda.

— Não tens de fazer vénias todas as noites, Vika — disse-lhe Leesha.

— Claro que sim — disse Vika. — És a Herbanária da aldeia. — Vika também era uma Herbanária de pleno direito, mas, tanto ela como Darsy, ambas mais velhas do que Leesha por vários anos, a aceitavam como sua líder.

— Duvido que Bruna o tolerasse — disse Leesha. A sua mentora, a Herbanária anterior da aldeia, fora uma mulher de temperamento terrível que desprezava formalismos sem sentido.

— A velha era demasiado cega para ver vénias — disse Darsy, avançando e saudando-a com um menear da cabeça. Não era uma mulher dada a vénias e a subserviências, mas havia tanta deferência naquele gesto simples como em todas as vénias e «mestras» de Vika.

Filha de Lenhadores, Darsy era alta e encorpada, com os músculos superando a gordura. Conseguia superar a maioria dos homens em provas de força nas festas e a lâmina fortemente guardada na sua cintura cortara os membros a vários demónios ávidos por pôr fim a muitas vidas feridas no campo de batalha.

— O hospício está pronto, se os Lenhadores trouxerem feridos — disse Darsy.

— Obrigada, Darsy — agradeceu Leesha. O meio da noite era sempre o momento mais movimentado do hospício, quando os Lenhadores regressavam da caçada. Mesmo contra machados guardados, os demónios da madeira podiam ser inimigos terríveis. Sob a copa das árvores, a sua pele tornava-se invisível contra os troncos, como se usassem Capas de Invisibilidade, e, enquanto alguns caminhavam sobre o chão da floresta, assemelhando-se às próprias árvores, outros moviam-se entre os ramos como macacos, caindo subitamente sobre as suas presas.

Mesmo assim, havia poucas mortes entre os Lenhadores. Quando uma arma guardada atingia um demónio e cintilava, havia sempre um efeito secundário. A

magia percorria o braço que segurava a arma, levando consigo um clarão de êxtase e uma sensação de invencibilidade. Os que sentiam a magia tornavam-se mais fortes e saravam com maior rapidez, pelo menos até ao amanhecer. Apenas Arlen mantinha o poder durante o dia.

— Em que trabalham as aprendizas? — perguntou a Vika.

— As mais velhas bordam os teus padrões nas capas — respondeu Vika. — As restantes esterilizam instrumentos e praticam as letras.

— Trouxe livros vazios e um compêndio que acabo de terminar — disse Leesha, passando-lhe a sacola.

Vika acenou afirmativamente.

— Vou mandar copiá-lo de imediato.

— Usas as tuas aprendizas de Herbanária para copiar guardas? — perguntou Rojer. — Não será melhor deixá-lo para os aprendizes de Guardador? Posso falar com...

Leesha abanou a cabeça.

— Todas as minhas raparigas aprendem guardas. Não as deixarei indefesas depois do anoitecer. Como nós éramos.



Deixando Leesha ocupada com a ronda pelo hospício, Rojer dirigiu-se à concha acústica no extremo da praça, onde os seus aprendizes se reuniam. Eram um grupo tão variado como eram variadas as cores nas calças de Rojer. Alguns eram outeireiros, mas a maioria viera de outras aldeias, atraídos pelas histórias do Homem Pintado. Metade era demasiado velha para erguer ferramenta ou arma e decidiram tentar o violino, apenas para descobrir que os seus dedos não possuíam a destreza necessária. Muitos outros eram crianças cuja perícia poderia não se revelar em muitos anos.

Apenas um punhado dos restantes parecia promissor e a bela Kendall era a mais promissora de todos. Era rizonana e recém-chegada ao Outeiro. Com idade suficiente para lidar com composições complexas, mas suficientemente jovem para aprender rapidamente, mostrava uma verdadeira aptidão para a música. Era hábil e veloz, tão eficaz nas cambalhotas e acrobacias como no violino. Seria uma grande Jogral.

Rojer não saudou de imediato os aprendizes e estes sabiam que deveriam manter a distância até o fazer. Retirou o violino do estojo e dedilhou as cordas, conferindo a afinação. Satisfeito, segurou o arco na sua mão mutilada. Faltavam-lhe o dedo indicador e o dedo médio, ambos arrancados pelos dentes de um demónio da chama quando não passava de uma criança. Mas os dedos que lhe restavam eram ágeis e fortes e o arco tornava-se uma extensão do seu braço.

Todos os sentimentos que escondera atrás da sua máscara de Jogral nessa noite se expressaram na música, enquanto uma melodia penetrante preenchia a praça. Camada a camada, acrescentava complexidade à música, fortalecendo os músculos e preparando-se para o trabalho da noite.

Os aprendizes aplaudiram quando terminou e Rojer curvou-se antes de os acompanhar numa série de melodias mais simples como aquecimento. As notas discordantes provocaram-lhe um esgar. Apenas Kendall conseguia acompanhá-lo, notando-se a concentração na sua face.

— Horrível! — exclamou. — Além de Kendall, mais alguém retirou o violino do estojo desde a última noite? Pratiquem! Todo o dia, todos os dias!

Alguns dos aprendizes resmungaram, mas Rojer tocou uma sequências de notas estridentes, sobressaltando-os.

— E não quero ouvir protestos! — bradou. — Procuramos encantar demónios e não animar um baile de casamento. Se são incapazes de o levar a sério, está na altura de guardarem os instrumentos!

Todos olharam os pés e Rojer soube que fora demasiado duro. Arrick teria sido duas vezes mais duro, mas, mesmo assim, parecia-lhe que era mais duro do que seria justo. Sabia que devia dizer qualquer coisa encorajadora, mas não lhe veio nada à cabeça. Arrick não lhe dera grandes exemplos.

Afastou-se, inspirando profundamente. Sem sequer pensar no assunto, voltou a erguer o arco, transformando a culpa e frustração que sentia em música. Permitiu que as emoções flutuassem para longe, levadas pelas notas, e voltou a olhar os aprendizes, fazendo a música falar-lhes, dando-lhes a esperança e o encorajamento que não conseguia traduzir em palavras. Enquanto tocava, os discípulos começaram a endireitar as costas, com a determinação anterior regressando-lhes ao olhar.

— Foi magnífico, Rojer — disse uma voz, quando finalmente afastou o arco das cordas. Viu Kendall de pé à sua frente. Nem sequer notara a sua

aproximação, perdido como estava na música. — Tens sede? — perguntou Kendall, erguendo uma taça de pedra. — Preparei chá doce. Ainda está quente.

«Teria Leesha sabido desde o início que o chá era para mim?», perguntou Rojer.

«Não és bom que chegue, violinista», dissera Elona. «E sabe-lo bem.»

Leesha também parecia sabê-lo. Só lhe faltara embrulhar Kendall com um laço.

— Nunca gostei muito de chá doce — disse Rojer. — Faz-me tremer as mãos.

— Ah — disse Kendall, desconsolada. — Está bem...

— Quero que faças um solo esta noite — disse Rojer. — Acho que estás preparada.

Kendall animou.

— A sério que sim? — Abraçou-o com um pequeno grito de júbilo, demorando-se um pouco mais no abraço do que seria adequado.

Claro que foi nesse momento que Leesha decidiu chegar. Rojer ficou hirto e Kendall afastou-se confusa ao ver Leesha. Rapidamente se afastou de Rojer e fez uma vénia.

— Mestra Leesha.

— Kendall. — Leesha saudou-a com um sorriso. — Esse cheiro é de chá doce?

Kendall ficou escarlate.

— Eu... hmm...

Rojer franziu a testa.

— Vai buscar o teu violino, Kendall. — Voltou-se para Leesha.

— Kendall tentará um solo esta noite.

— Está preparada? — perguntou Leesha.

Rojer encolheu os ombros.

— Wonda está pronta para caçar nuclitas? Era mais jovem do que Kendall quando encantei um demónio pela primeira vez.

— Fizeste-o por necessidade — lembrou Leesha.

— É seguro — garantiu Rojer. — Estarei preparado para a substituir se for necessário e as mulheres estão atentas e com as flechas prontas a disparar. — Indicou o limite da protecção, onde arqueiras, incluindo Wonda, se reuniam em massa.

Iniciaram os preparativos ordenando às arqueiras que mantivessem desimpedida uma área de terreno ampla além da protecção. Rojer liderou os seus

violinistas numa série de notas altas e estridentes, preenchendo o ar com uma cacofonia que os nuclitas odiavam. A concha acústica concentrava o som na área além da aldeia, onde os nuclitas costumavam reunir-se, por vezes em grande número.

Com esta segurança, os aprendizes de vidreiro correram para fora da protecção e espalharam vidro guardado pela clareira. Eram grandes placas, garrafas, frascos e até um machado de vidro que deveria ter levado semanas a fabricar e guardar.

Quando os vidreiros regressaram sãos e salvos, os violinistas mudaram a melodia. Rojer liderava-os, transmitindo instruções aos restantes ao fazê-lo e usando-os para amplificar a sua magia especial enquanto atraía demónios da floresta para a clareira. A seguir, caminhou sozinho para fora da protecção, chamando-os com a sua música, controlando cada passo em frente dado pelos nuclitas até conseguir dispô-los da forma que desejava.

— Kendall! — chamou, fazendo a rapariga correr para diante e começar a tocar. Rojer fez a sua música descer de tom e recuou dos nuclitas enquanto ela intensificava a sua e se aproximava, até lhe permitir parar de tocar por completo, deixando os demónios hipnotizados sob seu controlo.

Rojer dirigiu-se ao local onde Leesha aguardava junto ao limite da guarda.

— Tem muito talento — afirmou, com orgulho. — Os demónios segui-la-ão como cachorros, carregando tudo em que tocarem.

Com efeito, os nuclitas seguiam Kendall à medida que esta caminhava cuidadosamente pela clareira. Viram-se clarões de magia quando os demónios tocavam o vidro no seu caminho e as guardas que o decoravam canalizavam uma pequena porção da magia dos demónios, orientando-a para um novo propósito.

Os nuclitas silvavam, levando as garras ao ponto onde sentiam a drenagem. Kendall tentou mudar a música para voltar a acalmá-los, mas o seu medo era aparente na música que tocava e começou a falhar notas. Tentou aumentar o ritmo para compensar e apenas conseguiu piorar tudo. Os demónios começaram a libertar-se da confusão que lhes toldava o pensamento.

Rojer avançou para ela, lentamente, envergando a capa guardada, sobrando-lhe tempo para a alcançar antes de os nuclitas recuperarem a sua ferocidade, mas Kendall deu um passo em falso. Uma garrafa estilhaçou-se sob o seu pé, fazendo um pedaço de vidro trespassar-lhe o couro macio do sapato. Gritou e o arco

deslizou-lhe sobre as cordas com um ruído hediondo.

De imediato, os nuclitas ergueram as cabeças e o feitiço foi desfeito. Narinas alargaram quando sentiram o cheiro do seu sangue e guincharam, lançando-se sobre ela.

Rojer começou a correr, mas afastara-se demasiado para falar com Leesha e um dos nuclitas cravou as garras no corpo de Kendall, puxando-a para si e prendendo fileiras de dentes no seu ombro antes de conseguir avançar o suficiente. O sangue ensopou-lhe o vestido e outros demónios saltaram sobre ela, preparando-se para disputar um quinhão da presa.

— Arqueiras! — gritou Rojer, desesperado.

— Atingiremos Kendall! — gritou Wonda. Rojer viu que todas as mulheres erguiam os arcos, mas nenhuma queria arriscar.

Tocou notas destinadas a afastar os demónios. Guincharam e cessaram o ataque. Kendall caiu ao chão, mas sentiam o cheiro do sangue e não seriam facilmente repelidos. Silvaram e estenderam as garras, bloqueando o caminho de Rojer.

— Kendall! — gritou Rojer. — Kendall! — Viu-a erguer a cabeça debilmente, respirando com dificuldade enquanto lhe estendia uma mão ensanguentada.

Subitamente, uma forma volumosa passou por Rojer, quase o derrubando. Ergueu o olhar e viu Gared lançando-se sobre um dos demónios da madeira e fazendo-o embater contra outro. Os dois nuclitas caíram sob o peso do Lenhador enorme e as guardas nas suas luvas cintilaram ferozmente enquanto golpeava com força o que lhe amparara a queda. Quando o outro recuperou, já Gared se erguera, mas o nuclita foi rápido e mordeu-lhe o braço.

Gared gritou e segurou o demónio entre as pernas com a mão livre. Flectiu os braços poderosos, erguendo o demónio da madeira e usando-o como aríete contra os seus semelhantes. Tombou juntamente com os demónios, ao mesmo tempo que se aproximavam outros Lenhadores, golpeando as criaturas enfurecidas com os machados guardados.

Com o violino tornado inútil pelo alvoroço, Rojer correu para Kendall, manchando a capa de sangue quando a cobriu com ela. Kendall gemeu-lhe, debilmente, enquanto Rojer a erguia. O confronto atraíra mais demónios da floresta, mais rapidamente do que as arqueiras conseguiriam mirá-los.

Gared, com um machado em cada mão e sangue a escorrer-lhe pelo braço,

abriu caminho até eles. Baixou as armas e ergueu Kendall como se fosse uma pena. Sob a cobertura das arqueiras e dos Lenhadores, correu com ela para o hospício.



— Preciso de um dador de sangue! — gritou Leesha quando Gared abriu a porta do hospício com um pontapé. Deitaram Kendall numa cama e as aprendizas apressaram-se a trazer os instrumentos de Leesha.

— Serei eu — disse Rojer, arregaçando a manga.

— Vê se é compatível — disse Leesha a Vika lavando as mãos e os braços. Vika lancetou rapidamente uma amostra do sangue de Rojer enquanto Darsy tentava observar o ferimento no braço de Gared.

— Preocupa-te com quem está pior — disse Gared, afastando-se. Apontou a porta, por onde eram trazidos outros Lenhadores feridos.

Iniciou-se um turbilhão ensanguentado de actividade à medida que as Herbanárias trabalhavam. Leesha cortou, abriu e coseu Kendall durante duas horas enquanto Rojer observava, sentindo-se tonto em consequência da transfusão.

Por fim, Leesha parou para passar uma mão suja de sangue pela testa suada.

— Vai ficar bem? — perguntou Rojer.

Leesha suspirou.

— Sobreviverá. Gared, quero examinar-te o braço.

— É só um arranhão — disse Gared.

Leesha conteve o desagrado, recordando a si própria como Gared fora corajoso, mas, por mais que tentasse, não conseguia esquecer a forma como as suas mentiras lhe tinham arruinado a vida e como tinha espancado brutalmente qualquer homem apanhado a falar com ela depois de anular o seu noivado.

— Foste mordido por um demónio, Gar — disse-lhe. — Se não me deixas tratar a ferida, teremos de cortar esse braço. Anda cá.

Gared obedeceu, resmungando.

— Não é tão mau como pensei — disse Leesha, depois de ter limpado a ferida com tintura de raiz-porqueira. Carregados pela magia que haviam absorvindo, os cortes deixados pelos dentes do demónio já fechavam. Envolveu o braço com

uma ligadura limpa e chamou Rojer de parte.

— Disse-te que Kendall não estava pronta para um solo — sussurrou-lhe, irritada.

— Pensei que... — começou Rojer.

— Não pensaste — interrompeu Leesha. — Exibias-te e isso quase custou a vida àquela rapariga! Isto não é um jogo, Rojer!

— Sei bem que não é um jogo! — ripostou Rojer.

— Então comporta-te como tal — disse Leesha.

Rojer franziu o sobrolho.

— Nem todos podemos ser perfeitos como tu, Leesha. — Havia raiva nos seus olhos, mas Leesha conseguia ver a dor que escondiam.

— Vem ao meu gabinete — disse-lhe, puxando-o pelo braço. Rojer libertou o braço, mas seguiu Leesha até ao gabinete, onde esta lhe serviu um copo de aguardente mais adequada à utilização como anti-séptico do que a ser bebida.

— Desculpa — disse-lhe. — Perdi a luz.

Rojer pareceu acalmar, deixando-se cair numa cadeira e esvaziando o copo de uma assentada.

— Não perdeste, não — disse. — Sou uma fraude.

— Tolice — replicou Leesha. — Todos cometemos erros.

— Não cometi um erro — disse Rojer. — Menti. Menti e disse que conseguia ensinar pessoas a encantar demónios quando, na verdade, nem eu compreendo como o faço. Tal como menti no ano passado quanto te disse que conseguiria trazer-te de Angiers até aqui em segurança. Foi assim que sobrevivi nos povoados depois da morte de Arrick e foi assim que entrei para a Associação dos Jograis. É como se não fizesse outra coisa além de mentir.

— Mas porquê? — perguntou Leesha.

Rojer encolheu os ombros.

— Não paro de dizer a mim mesmo que fingir ser alguma coisa é o mesmo que sê-lo. Como se fingir ser grande como tu e o Homem Pintado me tornasse realmente grande.

Leesha olhou-o, surpresa.

— Não tenho nada de grande em mim, Rojer. Sabes isso melhor do que ninguém.

Mas Rojer riu-se.

— Nem sequer o vês! — gritou. — Uma sequência infindável de armas e guardas sai da tua cabana, os doentes e os feridos são curados com um gesto da tua mão. Tudo o que consigo fazer é tocar o violino e nem consigo usá-lo para salvar uma vida. Tu e o Homem Pintado tornaram-se gigantes enquanto eu passei meses a ensinar os meus aprendizes e não servem para mais do que pôr as pessoas a dançar.

— Não menosprezes a alegria que tu e os teus aprendizes trouxeram a uma aldeia em dificuldades — disse Leesha.

Rojer encolheu os ombros.

— Não faço nada que não fizesse um barril de cerveja.

Leesha pegou-lhe na mão.

— Isso é ridículo. A tua magia é tão forte como a de Arlen ou a minha. O facto de te custar mais a ensiná-la prova apenas como és especial.

Riu-se, sem vontade.

— Além disso, por maior que me torne, terei sempre a minha mãe para me reduzir o tamanho.



A lua não se mostrava no céu e, onde Leesha e Rojer caminhavam, longe do brilho da grande guarda, a escuridão era quase completa. Leesha caminhava com um bastão alto, na extremidade do qual se erguia um vidro de químicos que emitiam um brilho feroz, iluminando-lhes o caminho. O vidro e o bastão estavam cobertos com guardas de invisibilidade. Os nuclitas viam a luz, mas não conseguiam encontrar a sua origem, tal como não conseguiam encontrar as duas figuras por baixo das capas guardadas.

— Não percebo por que não pôde encontrar-se connosco na aldeia — murmurou Rojer. — Pode não sentir o frio, mas eu sinto.

— Há coisas que é melhor dizer em privado — disse Leesha. — E ele costuma atrair multidões.

O Homem Pintado esperava-os no caminho guardado que conduzia à cabana de Leesha. Dançarino do Ocaso, o seu enorme garanhão, ostentava arreios completos e chifres, quase invisível na escuridão. O Homem Pintado usava apenas uma tanga, expondo a pele tatuada ao frio.

— Estão atrasados — disse-lhes.

— Tivemos problemas no hospício — disse Leesha. — Um acidente enquanto guardávamos vidro. Por que não usas a capa? — Tentou tornar a pergunta causal, mas magoava-a, depois de passar tantas horas a trabalhá-la, nunca o ter visto voltar a envergar a capa depois de lha colocar sobre os ombros para verificar se lhe servia.

— Trago-a num alforge — explicou o Homem Pintado. — Não procuro esconder-me dos nuclitas. Se querem vir até mim, que venham. O mundo ficaria melhor sem alguns deles.

Prendeu Dançarino do Ocaso a um poste e entraram. Leesha retirou um fósforo do avental e acendeu a fogueira, enchendo um bule e pendurando-o sobre a chama.

— Como vão os magos do violino? — perguntou o Homem Pintado a Rojer.

— Receio que sejam mais violinistas que magos — respondeu Rojer. — Não estão prontos.

O Homem Pintado franziu a testa.

— As patrulhas de Lenhadores ficariam mais fortes com um violinista capaz de manipular as emoções dos demónios.

— Posso acompanhá-los nas patrulhas — disse Rojer. — Tenho a capa para me proteger.

O Homem Pintado abanou a cabeça.

— Preciso de ti como professor.

Rojer soprou, olhando Leesha.

— Farei o que puder.

— E o Outeiro? — perguntou o Homem Pintado quando Leesha voltou a juntar-se-lhes à mesa.

— Cresce rapidamente — disse Leesha. — Já temos o dobro da população que tínhamos antes do influxo do ano passado e há mais gente a chegar a cada dia. Planeámos a nova aldeia para suportar crescimento, mas não a este ritmo.

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

— Podemos usar os Lenhadores para desimpedirem mais terra e erigir outra grande guarda.

— Mas precisamos da madeira — concordou Leesha. — Há mais de um ano que não enviamos um carregamento ao duque Rhinebeck.

— Precisámos de reconstruir toda a aldeia — lembrou o Homem Pintado.

Leesha encolheu os ombros.

— Talvez queiras explicá-lo ao duque. Enviou outro Mensageiro, solicitando uma audiência. Receiam-te e aos teus planos para o Outeiro.

O Homem Pintado abanou a cabeça.

— Não tenho quaisquer planos além de tornar o Outeiro livre de nuclitas. Quando conseguir, partirei.

— Então e a Grande Guerra contra os demónios? — perguntou Rojer. — Tens de liderar o povo.

— Para o Núcleo, rapaz! Não sou o maldito Libertador! — rosnou o Homem Pintado. — Isto não é uma fantasia de algum cânone de Protector e não fui enviado pelo Paraíso para unir a humanidade. Sou apenas Arlen Fardos do Ribeiro de Tibbet, um rapaz estúpido com mais sorte do que a que merecia e com um azar muito maior.

— Mas não há mais ninguém! — disse Rojer. — Se não fores tu a comandar a guerra, quem será?

O Homem Pintado encolheu os ombros.

— Não me diz respeito. Não imporei a guerra a ninguém. Pretendo apenas assegurar que quem deseje lutar possa fazê-lo. Assim que conseguir mover esse penedo, tenciono sair-lhe do caminho.

— Mas porquê? — perguntou Rojer.

— Porque não acredita ser humano — disse Leesha, com a censura perceptível na voz. — Acha que está tão conspurcado pela magia dos nuclitas que nos coloca tanto em perigo como eles, mesmo que não haja qualquer prova.

O Homem Pintado olhou-a com severidade, mas Leesha retribuiu.

— Há prova — disse, por fim.

— Qual é? — perguntou Leesha, baixando a voz, mas sem disfarçar o cepticismo.

O Homem Pintado olhou Rojer, que pareceu encolher-se.

— O que disser fica nesta cabana — advertiu. — Se ouvir sequer um indício numa canção ou história...

Rojer ergueu as mãos.

— Juro pelo Sol brilhante. Nem um murmúrio.

O Homem Pintado mirou-o, acabando por acenar afirmativamente. Baixou os

olhos ao falar.

— Sinto-me... desconfortável... no interior da protecção.

Rojer arregalou os olhos e Leesha susteve a respiração enquanto a mente acelerava. Por fim, forçou-se a expirar. Jurara encontrar uma cura para o Homem Pintado ou, pelo menos, conseguir compreender a sua condição e pretendia cumprir o que prometera. Salvara-lhe a vida a ela e também a vida de todos os habitantes do Outeiro. Devia-lhe isso e muito mais.

— Quais são os sintomas? — perguntou. — Que acontece quando entras no círculo de influência da guarda?

— Há uma... resistência — disse o Homem Pintado. — Como se caminhasse contra uma rajada de vento forte. Sinto a guarda aquecer sob os meus pés e sinto que o corpo arrefece. Quando percorro a aldeia, é como se andasse com água até à cintura. Finjo não sentir nada e ninguém parece perceber, mas é inegável.

Voltou-se para Leesha, com olhar triste.

— A protecção quer expulsar-me, Leesha, como expulsa qualquer demónio. Sabe que já não pertenço entre os homens.

Leesha abanou a cabeça.

— Tolice. A guarda limita-se a canalizar alguma da magia que absorveste — disse.

— Não é apenas isso — disse o Homem Pintado. — As Capas de Invisibilidade deixam-me zonzo e sinto as lâminas guardadas aquecerem e tornarem-se mais aguçadas quando as toco. Receio estar a tornar-me mais demónio a cada dia que passa.

Leesha retirou um dos frascos de vidro guardado do bolso do seu avental e passou-lho.

— Esmaga-o.

O Homem Pintado encolheu os ombros, apertando com toda a força. Mais forte do que dois homens, facilmente conseguiria estilhaçar vidro, mas o frasco resistiu-lhe.

— Vidro guardado — disse, examinando o frasco. — E então? Fui eu a ensinar-te esse truque.

— Não estava carregado até lhe tocares — disse Leesha. O Homem Pintado arregalou os olhos.

— Prova o que dizia — disse.

— A única coisa que prova é que precisamos de mais testes — disse Leesha. — Terminei de copiar e estudar as tuas tatuagens. Penso que o próximo passo será começar a experimentar com voluntários.

— O quê?! — perguntaram em uníssono Rojer e o Homem Pintado.

— Posso preparar uma tintura com folhas de caulinegra que desapareça da pele depois de duas semanas — disse Leesha. — Posso levar a cabo testes controlados e registar os resultados. De certeza que poderemos...

— Nem pensar — disse Arlen. — Proíbo-o.

— Proíbes? — perguntou Leesha. — És o Libertador para dar ordens? Não me podes proibir nada, Arlen Fardos do Ribeiro de Tibbet.

Enquanto lhe suportava o olhar feroz, Leesha pensou se teria ido longe demais. Via-lhe as costas arqueadas como as de um gato raivoso e, por um momento, receou que saltasse sobre ela, mas manteve-se firme. Por fim, o Homem Pintado acalmou.

— Por favor — disse, moderando a voz. — Não corras riscos.

— As pessoas imitar-te-ão — disse Leesha. — Jona já traça guardas na pele com paus de carvão.

— Parará se lho disser — disse o Homem Pintado.

— Apenas por pensar que és o Libertador — notou Rojer, estremecendo com o olhar que o Homem Pintado lhe lançou.

— Não fará diferença — disse Leesha. — É apenas uma questão de tempo antes que a tua lenda atraia um tatuador ao Outeiro e, então, será impossível de travar. É melhor que façamos experiências agora, enquanto conseguimos controlá-lo.

— Por favor — pediu, novamente, o Homem Pintado. — Não amaldiçoes mais ninguém com o mal que me aflige.

Leesha olhou-o.

— Não foste amaldiçoado.

— Não? — perguntou. Olhou Rojer. — Tens uma das tuas facas de arremesso?

Rojer moveu o punho e uma faca surgiu-lhe na mão. Girou-a com destreza e estendeu o braço para a passar ao Homem Pintado, com o punho voltado para ele, mas este abanou a cabeça. Ergueu-se e afastou-se alguns passos da mesa.

— Atira-ma.

— O quê? — perguntou Rojer.

— A faca — respondeu o Homem Pintado. — Atira-a. Aponta ao coração.

Rojer abanou a cabeça.

— Não.

— Atiras muitas vezes facas às pessoas — disse o Homem Pintado.

— Como truque — justificou Rojer. — Não te vou atirar uma faca ao coração. Estás louco? Mesmo que consigas usar a tua velocidade demoníaca para te esquivares...

O Homem Pintado suspirou e voltou-se para Leesha.

— Então tu. Atira alguma coisa...

Não terminara a frase e já Leesha retirava uma frigideira de um gancho junto ao fogo e lha lançava.

Mas a frigideira nunca atingiu o alvo. O Homem Pintado transformou-se em neblina quando o ferro o atingiu, atravessando-lhe o corpo como se fosse fumo. Foi contra a parede distante e caiu ao chão. Leesha engasgou-se e Rojer ficou de boca aberta.

A neblina levou vários segundos até voltar a solidificar-se, formando o corpo do Homem Pintado. Inspirou profundamente quando se tornou tangível.

— Tenho praticado — disse. — A dissipação é fácil. É como descontrair as moléculas e dispersá-las como a fervura faz dispersar a água em vapor. Não consigo fazê-lo durante o dia, mas, de noite, faço-o sem dificuldade. Voltar a solidificar é mais difícil. Por vezes, preocupa-me que me espalhe demasiado e... seja levado pelo vento.

— Parece horrível — disse Rojer.

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

— Mas não é isso o pior. Quando me dissipo, sinto o Núcleo a puxar-me. Quando o amanhecer se aproxima, essa atracção pode tornar-se... insistente.

— Como naquele dia na estrada, com a primeira luz da aurora — recordou Leesha.

— Que dia? — perguntou Rojer, mas Leesha quase não o ouviu, revivendo essa manhã terrível.



Três dias depois do ataque na estrada, o corpo de Leesha sarara, mas a dor

permaneceu. Conseguia pensar apenas no seu ventre e no que poderia crescer no interior. Havia o chá que Bruna lhe ensinara a preparar, o que conseguia expulsar a semente de um homem de dentro de uma mulher antes de poder enraizar.

— Por que haveria algum dia de preparar uma coisa tão horrenda? – perguntara Leesha. — Já há tão poucas crianças no mundo.

Bruna olhou-a com tristeza.

— Espero, rapariga, que nunca descubras um motivo.

Mas Leesha compreendeu quando os bandidos a abandonaram. Se tivesse a bolsa de ervas consigo, teria preparado o chá imediatamente após ter lavado o corpo, mas os homens também a tinham levado. A decisão estava fora das suas mãos. Quando chegassem ao Outeiro seria demasiado tarde.

Mas, quando a bolsa lhe foi restituída, o mesmo aconteceu com a escolha. O único ingrediente que faltava no chá era raiz de tampereira e tinha-a visto perto da estrada quando correram para a caverna para se abrigarem da chuva.

Incapaz de dormir, Leesha ergueu-se antes de amanhecer por completo, enquanto Rojer e o Homem Pintado ainda dormiam, e saiu para cortar alguns pés da raiz. Mesmo então, não sabia se conseguiria forçar-se a beber o chá, mas pretendia prepará-lo de igual modo.

O Homem Pintado surpreendeu-a, mas forçou-se a sorrir-lhe e a conversar com ele sobre plantas e demónios para se abstrair do seu verdadeiro propósito. Ao falar, sentia o turbilhão caótico na sua mente.

Mas acabou por o insultar sem intenção e a mágoa nos olhos dele arrancou-a ao torpor. De repente, viu algo do homem que fora outrora. Um homem bom, que fora magoado como ela, mas aceitava a dor como uma amante em vez de a rejeitar.

Sentiu essa dor, tão semelhante à sua, e os seus pensamentos pareceram fazer sentido de repente, encaixando como as engrenagens de um relógio. Soube o que precisava de fazer.

Momentos depois, deitou-se com Arlen na lama, numa união frenética nascida do desespero que ambos sentiam, interrompida pelo ataque de um demónio da madeira. O homem que a acariciara desapareceu, tornando-se novamente o Homem Pintado enquanto lutava com o nuclita e o afastava dela. À medida que o Sol se erguia, viu como os dois começavam a dissipar-se. Olhou, aterrorizada, vendo que começavam a ser tragados pelo solo.

Mas, então, a neblina regressou à superfície e solidificaram. O Sol fez o demónio irromper em chamas e Leesha aproximou-se de Arlen, mas o Homem Pintado voltou-lhe as costas e amaldiçoou-o por isso. Tão dominada pelos seus sentimentos, não pensara sequer no que ele sentiria.



Leesha abanou a cabeça, voltando ao presente.

— Sinto muito — disse ao Homem Pintado.

Este acenou-lhe com uma mão, rejeitando a sua pena.

— Não tomaste decisões pessoais por mim.

Rojer olhou-a, olhou-o e voltou a olhá-la novamente.

— Criador! A tua mãe estava certa — percebeu. Leesha soube que se sentiria chocado, mas não havia nada que pudesse fazer. De certa forma, agradou-lhe que o segredo se soubesse.

— Não podem ser apenas as tatuagens — disse, regressando ao assunto mais premente. — Não faz sentido. — Olhou o Homem Pintado. — Quero os teus compêndios. Todos eles. Tudo o que aprendo contigo é filtrado pelo teu entendimento. Necessito do material original para compreender o que provoca isto.

— Não os tenho aqui — disse o Homem Pintado.

— Então iremos até eles — disse Leesha. — Onde é?

— O esconderijo mais próximo fica em Angiers — respondeu o Homem Pintado. — Apesar de ter outros em Lakton e no deserto krasiano.

— Angiers servirá muito bem — considerou Leesha. — Tenho assuntos a tratar com mestra Jizell e, enquanto lá estivermos, talvez consigas convencer o duque de que não pretendes roubar-lhe a coroa.

— Talvez possa ajudar — disse Rojer. — Cresci na corte de Rhinebeck quando Arrick foi o seu arauto. Visitarei a Associação dos Jograis e talvez consiga contratar alguns professores adequados para os meus aprendizes.

— Muito bem — disse o Homem Pintado. — Partiremos assim que a neve comece a derreter.



As asas largas do mimético cobriam a distância com ligeireza, mas o príncipe nuclita odiava a claridade da superfície e, por duas vezes, refugiou-se no Núcleo durante as horas mais claras da noite. Estavam na noite que se seguia à lua nova e até os vestígios daquela minúscula nesga pareciam demasiado brilhantes para os olhos gerados pelo Núcleo do demónio. Quando regressasse a ele, não voltaria a emergir até o globo maldito completar um ciclo.

A grande guarda do Outeiro do Libertador tornou-se visível por baixo, com a sua magia roubada brilhando como um feixe de luz. O demónio da mente silvou ao vê-la e a sua testa pulsou ao transmitir instantaneamente a imagem ao longo de centenas de quilómetros para sul, duplicando-a na mente do seu irmão.

A resposta chegou de imediato. O crânio do demónio reverberava a frustração do irmão.

O mimético aterrou em silêncio e o demónio da mente desmontou. De imediato, o mimético perdeu as asas e transformou-se num diminuto e ágil demónio da chama, avançando para diante para assegurar que o caminho estava livre para o príncipe nuclita à medida que este avançava para a aldeia.

O tamanho da grande guarda impedia que fosse danificada e era demasiado poderosa até para um príncipe nuclita. O demónio conseguia ver a magia acumulada cintilando em torno da aldeia, uma barreira mais sólida do que pedra. Projectou o pensamento e os nódulos macios do seu crânio pulsaram ao tentar tocar as mentes dos que se encontravam no interior. Mas a intensidade da concentração de magia bloqueava até as intrusões mentais.

O demónio contornou a aldeia, interiorizando os pormenores do terreno além da protecção da guarda. Uma defesa com poucas fraquezas e as que existiam não seriam facilmente exploradas. Demónios lacaios saíram da floresta, atraídos pela presença do príncipe nuclita, mas bastou um pensamento para os repelir.

Encontrou um local onde duas fêmeas humanas se erguiam no limiar da protecção, armadas com armas primitivas. O demónio ouviu com atenção os seus grunhidos e guinchos, esperando uma entoação particular que assinalasse um nome e as fêmeas uniram os corpos por um instante antes de se afastarem para percorrer o limite da área guardada em direcções opostas, mantendo as armas prontas.

O demónio da mente correu à frente da mais velha das duas, aguardando num local isolado até a mulher voltar a surgir. Fez sinal ao mimético e o seu servo inchou, enquanto as escamas eram substituídas pela pele rosada e restantes coberturas corporais das criaturas da superfície.

O mimético caiu ao chão nas sombras, imediatamente além da área protegida, enquanto a fêmea mais velha se aproximava. Gritou-lhe o nome, com uma voz que copiava na perfeição a da fêmea mais jovem.

— Mala!

— Wonda? — replicou a vítima. Olhou em redor, frenética, mas, não vendo quaisquer demónios, correu para quem julgava ser a sua amiga. — Acabo de te deixar para trás! Como chegaste aqui?

O demónio da mente afastou-se da árvore que lhe servia de esconderijo e a fêmea gritou, erguendo o arco. Os nódulos no crânio do príncipe nuclita palpitaram suavemente e a fêmea paralisou-se, baixando contra sua vontade os braços que seguravam a arma. O demónio da mente avançou e a fêmea estendeu-lhe o projéctil que pretendera disparar para que o inspeccionasse.

As guardas no projéctil tinham uma forma poderosa. O demónio da mente conseguia sentir como tentavam sorver-lhe a sua magia dominadora. Moveu as garras por cima e maravilhou-se com a forma como começaram a brilhar mesmo que a sua pele estivesse vários centímetros afastada.

O demónio príncipe sondou profundamente o cérebro da sua vítima, vasculhando entre imagens e memórias como alguém vasculharia o conteúdo de um velho baú. Aprendeu muito. Demasiado para agir sem ponderação.

Faltavam horas para o amanhecer, mas o céu já clareava. A grande distância para sul, sentiu a concordância do seu irmão. Haveria tempo para reflectir acerca daquele problema.

O demónio da mente olhou a fêmea. Poderia roubar-lhe a memória daquele acontecimento e enviá-la de volta à protecção da guarda, sem recordar o que acontecera. Mas o toque da mente da humana, uma mente gorda e grandemente desperdiçada, despertou-lhe a fome.

Sentindo o desejo do seu mestre, o mimético projectou um tentáculo aguçado para cortar a cabeça da fêmea. Segurou o troféu e deslizou até ele, abrindo o crânio com uma garra para o presentear com a refeição.

O príncipe nuclita devorou a matéria cinzenta e doce no interior. A carne não

era tão tenra como os cérebros idiotas da sua provisão privativa, mas havia uma satisfação em caçar à superfície que acrescentava prazer ao repasto.

O demónio olhou o seu mimético, que se mantinha vigilante enquanto o príncipe nuclita se alimentava. Um palpitar de permissão e o mimético expandiu-se, abrindo uma enorme boca com muitos dentes e rastejando até à fêmea, engolindo inteiro o resto do seu corpo.

Quando mestre e servo ficaram saciados, dissolveram-se em névoa, regressando ao Núcleo à medida que o céu continuava a clarear.

Treze

Renna

333 DR

OS BRAÇOS FORTES DE RENNA ardiam-lhe, cobertos por uma fina película de suor enquanto se ocupava de mexer a manteiga. A Primavera começara pouco antes, mas vestia apenas a sua camisa. O pai ficaria furioso se a visse, mas estava atrás da casa a cortar postes de guarda e Lucik e os rapazes andavam pelos campos.

A quinta crescera nos catorze anos passados desde que Lucik viera viver com eles, casando com Beni e gerando-lhe crianças. Depois de Ilain fugir com Jeph Fardos, haviam passado tempos difíceis. Harl enfurecera-se e vingara-se nas filhas, sobretudo em Beni, a mais velha. Mas tudo isso chegara ao fim quando Lucik, com os seus braços grossos e ombros largos, veio viver na quinta. Harl não tocara em nenhuma delas desde então e os campos, outrora pouco mais do que uma grande horta, foram crescendo a cada ano.

Pensar nesse tempo fazia-a voltar a pensar em Arlen Fardos e no que poderia ter acontecido. Quando foram prometidos, acordou-se que seria ela a mudar-se

para a quinta de Jeph e não Ilain. Mas Arlen fugira para a floresta depois da morte da mãe e não voltaram a ter notícias suas. As pessoas diziam que estaria morto, sobretudo depois de Jeph ir ao Pasto Soalheiro procurá-lo sem sucesso. As Cidades Livres ficavam a semanas de caminhada e ninguém conseguiria sobreviver durante tantas noites sem abrigo.

Mas Renna não abdicara da esperança. Os seus olhos miravam com frequência a estrada para leste, rezando pelo dia em que viria para a levar.

Ergueu o olhar nesse momento e viu um cavaleiro percorrendo a estrada. O seu coração palpitou, mas o cavaleiro vinha do oeste e, após um momento, reconheceu-o.

Cobie Pescador montava Pinha, uma das éguas malhadas do velho Leitão, com a armadura desconjuntada e elmo de panela martelada cuidadosamente polidos. A lança e o escudo estavam presos à sela, ao alcance das mãos, apesar de nunca ter ouvido dizer que os usara.

Cobie achava-se um Mensageiro, mas não se aventurava durante a noite como os verdadeiros Mensageiros. Limitava-se a transportar mercadoria e recados de um extremo ao outro do Ribeiro para Rusco Leitão, o proprietário da venda. Uma ou duas vezes, Cobie dormira no seu celeiro enquanto viajava para o Pasto Soalheiro a norte.

— Olá, Renna! — saudou Cobie, erguendo uma mão. Renna limpou o suor da testa com as costas da mão e endireitou-se ao vê-lo aproximar-se.

De repente, Cobie arregalou os olhos e corou. Renna recordou que não estava vestida. A camisa terminava acima dos joelhos e a gola era descaída, expondo uma porção considerável de decote. Sorriu, divertida perante o embaraço do recém-chegado.

— Outra vez a caminho do Pasto Soalheiro? — perguntou, sem qualquer esforço para se cobrir.

Cobie abanou a cabeça.

— Tenho uma mensagem para Lucik.

— Tão tarde? — perguntou Renna. — O que poderia ser tão... — Captou um brilho no olhar de Cobie e começou a preocupar-se. Na última ocasião em que trouxera uma mensagem para Lucik, quase dois anos antes, fora quando Kenner, o seu irmão, se embebedara ao provar a cerveja dos barris e cambaleou para fora das guardas. Quando o Sol baniu os demónios, não restava grande coisa do seu

corpo para queimar.

— Estão todos bem? — perguntou, receando a resposta.

Cobie abanou a cabeça. Aproximou-se, baixando a voz, apesar de não haver mais ninguém por perto.

— O pai de Lucik faleceu esta manhã — confidenciou.

Renna cobriu a boca com a mão. Fernan Charneca sempre fora delicado para ela quando vinha ver os netos. Sentiria a sua falta. E pobre Lucik...

— Renna! — bradou o seu pai. — Vai para dentro e tapa-te, rapariga! Isto não é nenhuma casa de pecado angierana! — Apontou a porta com a faca de caça que tanto prezava. A lâmina era de aço milnês e o cabo era de osso. Nunca andava muito longe das suas mãos.

Renna conhecia aquele tom e deixou Cobie e a sua boca aberta enquanto se virava, apressando-se a entrar. Parou junto à porta e viu Harl aproximar-se de Cobie, que prendia Pinha a uma estaca.

O seu pai estava grisalho e enrugado. Mas a idade parecia apenas fazê-lo enrijecer. Os músculos volumosos mantinham-se vigorosos pelo trabalho nos campos e a pele era resistente como couro curtido. Harl quisera encontrar um marido para Renna antes da partida de Ilain, mas, desde então, passara a escorraçar cada rapaz que se atrevesse a olhá-la.

Mas Cobie era mais alto e mais largo que Harl. Era um dos maiores homens do Ribeiro de Tibbet. Leitão escolhera-o como seu Mensageiro porque era um pouco rufia e não se deixava intimidar com facilidade, especialmente quando tinha a armadura vestida. Renna não ouvia o que diziam, mas o tom de voz do pai era respeitoso enquanto uniam as mãos.

— Que se passa? — perguntou Beni da lareira, onde cortava legumes para o guisado.

— Cobie Pescador veio da Praça Central — disse Renna.

— Disse ao que vinha? — perguntou Beni, com a face toldada pela preocupação. — Os Mensageiros não se limitam a aparecer para dizer olá.

Renna engoliu com força.

— O pai mandou-me para dentro sem lhe dar tempo de falar — mentiu, apressando-se a alcançar a cortina que delimitava o seu canto na divisão comum, despindo a camisa suja e trocando-a por um vestido. Saiu enquanto apertava os cordões e viu Cobie olhando-a novamente.

— Que o Núcleo te leve, Renna! — bradou Harl, fazendo-a desaparecer novamente atrás da cortina até estar composta.

Harl franzia a testa quando regressou.

— Corre e vai chamar Lucik aos campos, rapariga. Mantém os rapazes no celeiro. O Mensageiro trouxe notícias tristes.

Renna acenou afirmativamente. Encontrou Lucik ocupado com os postes de guarda no extremo mais distante dos campos, imediatamente antes do solo enegrecido e pelado pelos demónios da chama.

Cal e Jace estavam com ele, arrancando ervas daninhas enquanto o pai trabalhava. Tinham sete e dez anos.

— Jantar? — perguntou Cal, esperançoso.

— Não, querido — respondeu Renna, passando a mão pelo seu cabelo louro escuro. — Mas vamos levar os animais para dentro do celeiro. O vosso pai tem uma visita.

— Hã? — disse Lucik.

— Cobie Pescador — explicou Renna. — Com notícias da tua mãe.

O temor tornou-se notório na face de Lucik e partiu de imediato. Renna conduziu os rapazes de volta e pô-los a trabalhar com os porcos e as vacas, conduzindo-os das cercas diurnas para o grande celeiro. Foi a própria Renna a soltar Pinha, levando a égua até ao pequeno celeiro atrás da casa, onde mantinham as mulas e as galinhas. O seu último cavalo esgotara-se dois verões antes e havia um compartimento vazio. Renna desapertou a correia da sela e retirou o freio. Voltou-se para ir buscar as escovas e viu que Jace estendia a mão para a lança de Cobie.

— Tira as mãos ou levas uma sova — disse, batendo-lhe na mão. — Vai buscar as escovas e escova a égua. Depois, vai alimentar os porcos.

Ocupou-se de alimentar as galinhas enquanto os rapazes desempenhavam as suas tarefas, mas os seus olhos não paravam de se voltar para a porta que conduzia à casa. Vira vinte e quatro verões, mas Harl continuava a tratá-la como uma criança, protegendo-a tanto quanto podia dos rapazes.

Após algum tempo, a porta abriu-se e Beni enfiou a cabeça.

— O jantar está pronto. Lavem-se.

Os rapazes correram para dentro com exclamações de júbilo, mas Renna deixou-se ficar, olhando a irmã. Desde a infância, tinham conseguido dizer muita

coisa uma à outra apenas com um olhar e, daquela vez, não foi diferente. Renna rodeou Beni com os braços e abraçou-a enquanto chorava.

Após um breve ataque de choro, Beni endireitou-se e esfregou os olhos com o avental antes de voltar para dentro. Renna inspirou fundo e seguiu-a.

Havia apenas seis lugares à mesa e os rapazes comiam junto à lareira na divisão comum. Não fazendo ideia de que algo não estava bem, afastaram-se sem protestar e os mais velhos ouviam-nos rir e brincar com os cães pela cortina fina que servia de divisória do espaço das refeições.

— Partiremos com o amanhecer — disse Lucik depois de Renna levar as malgas. — Com a morte do pai e do Kenner, a minha mãe precisará de um homem em casa antes que o Leitão comece outra vez a comprar cerveja Pantanosa.

— Não pode ser outro a encarregar-se do trabalho? — perguntou Harl, com expressão azeda enquanto talhava a extremidade de um poste de guarda. — Fernan pequeno é quase um homem. — Fernan pequeno era o filho de Kenner, baptizado em memória do seu avô.

— O Fernie tem apenas doze anos, Harl — disse Lucik. — Não podemos esperar que oriente a cervejaria.

— Então e a tua irmã? — insistiu Harl. — Casou com aquele rapaz Pescador há dois verões.

— Jash — ajudou Cobie.

— É Pescador — disse Lucik. — Pode saber escamar e amanhar, mas não saberá nada sobre o fabrico da cerveja. — Lançou um olhar a Cobie. — Sem ofensa.

— Não ofendeste — tornou Cobie. — Seja como for, Jash tem mais talento para beber cerveja do que para a fabricar.

— Bem podes falar — exclamou Harl. — Pelo que ouço, o Leitão fez de ti o seu moço de recados por não conseguires pagar os créditos de cerveja que lhe devias. Talvez fosses tu quem devia trabalhar na cervejaria para pagar o vício.

— Tens tomates, velho — disse Cobie, franzindo o sobrolho e erguendo-se um pouco sobre a cadeira. Harl imitou-o, apontando-o com a longa faca de caça.

— Se souberes o que é bom para a tosse, rapaz, voltas a sentar esse traseiro — rosnou.

— Para o Núcleo! — gritou Lucik, batendo com as mãos na mesa. Os dois

homens olharam-no, chocados, e Lucik retribuiu o olhar. Era do tamanho de Cobie e estava vermelho de raiva. Voltaram a sentar-se e Harl ergueu o poste de guarda, talhando furiosamente.

— Então abandonas-nos assim, sem mais nem menos — disse. — E a quinta?

— A sementeira da Primavera está feita — disse Lucik. — Tu e Renna deverão conseguir limpar a terra de ervas daninhas e assegurar a manutenção dos postes de guarda até à colheita. Eu e os rapazes voltaremos para ajudar. O Fernie também.

— E no próximo ano? — perguntou Harl.

Lucik encolheu os ombros.

— Não sei. Podemos vir todos para a sementeira e é possível que possa dispensar um dos rapazes no Verão.

— Pensei que fosses da família, rapaz — disse Harl, cuspindo no chão. — Mas parece que sempre tiveste coração de Charneca. — Afastou-se da mesa. — Faz como entenderes. Leva a minha filha e os meus netos para longe de mim. Mas não esperes que te agradeça por isso.

— Harl... — começou Lucik. Mas o velho calou-o com um gesto, dirigindo-se ao seu quarto e fechando a porta.

Beni pousou uma mão sobre o punho cerrado de Lucik.

— Não pensou no que disse.

— Ó, Ben — disse-lhe ele, tristemente, usando a mão livre para cobrir a sua. — Claro que pensou.

— Vamos — disse Renna, segurando o braço de Cobie e puxando-o do seu lugar. — Deixemo-los em paz e vamos procurar-te cobertores e um sítio limpo no celeiro. — Cobie respondeu com um aceno, seguindo-a para além da cortina.

— O teu pai é sempre assim? — perguntou, quando saíram da casa.

— Reagiu melhor do que esperava — disse Renna, pegando numa vassoura e varrendo um dos compartimentos vazios. Lá fora, o Sol pusera-se, ouviam-se gritos e viam-se clarões à medida que os nuclitas testavam as guardas. Os animais estavam habituados ao som, mas, mesmo assim, mostravam-se irrequietos, sabendo por instinto o que aconteceria se as guardas falhassem.

— Lucik acaba de perder o pai — disse Cobie. — Seria de esperar que Harl mostrasse ter coração.

Renna abanou a cabeça.

— Não o meu pai. Não se importa com necessidades além das suas. — Mordeu o lábio, recordando como eram as coisas antes da vinda de Lucik.



Depois de Cobie estar confortavelmente instalado no celeiro, Renna regressou à casa e encontrou Lucik na sala comum, explicando aos rapazes o que acontecera. Passou por eles em silêncio e dirigiu-se ao quarto de Beni. A irmã dobrava roupa e arrumava os seus parcos pertences.

— Leva-me contigo — disse Renna, sem perder tempo.

— O quê? — perguntou Beni, surpreendida.

— Não quero ficar sozinha com ele — disse Renna. — Não posso.

— Renna, o que... — começou Beni, mas Renna segurou-a pelos ombros.

— Não finjas que não sabes do que falo! — exclamou. — Sabes como era antes da vinda de Lucik.

Beni silvou e afastou-se, caminhando até à porta e fechando-a.

— Que sabes tu do assunto? — perguntou, com a voz transformada num sussurro áspero. — Foste sempre a menina. Nunca tiveste de suportar... — Calou-se, com a face alterada pela fúria e pela vergonha.

Renna olhou o peito.

— Já não sou uma menina, Beni.

— Então prende os seios — disse-lhe Beni. — Pára de correr por aí de camisa. Não lhe dês motivo para reparar em ti.

— Isso não o impedirá e sabe-lo bem — argumentou Renna.

— Já passaram quase quinze anos, Ren — disse Beni. — Não sabes o que fará.

Mas Renna sabia. No seu coração, não havia qualquer dúvida. Vira como o pai a olhava, passando-lhe os olhos pelo corpo como se fossem mãos ávidas. Que outro motivo poderia haver para reagir de forma tão ciumenta sempre que um homem a olhava? Vários tinham vindo cortejá-la quando era mais jovem. Aprenderam que era escusado.

— Por favor — implorou, segurando as mãos de Beni enquanto os seus olhos se enchiam de lágrimas. — Leva-me contigo.

— E que direi a Lucik? — replicou Beni. — Já se sente suficientemente mal por abandonar o trabalho na quinta. Sem ti, o pai não conseguirá fazer o que é

necessário.

— Poderias contar-lhe a verdade — disse Renna.

Beni esbofeteou-a. Renna afastou-se, chocada e levando a mão à face. A irmã nunca lhe batera em toda a vida.

Mas Beni não revelava remorsos.

— Tira essa ideia da cabeça — rosnou. — Não vou carregar a minha família com tamanha vergonha. Lucik mandar-me-ia embora se soubesse e a aldeia toda não tardaria a saber. E Ilain? Deveriam Jeph e os filhos dela suportar também esta mácula? Tudo por te comportares como uma fedelha?

— Não me estou a comportar como uma fedelha! — gritou Renna.

— Baixa a voz! — silvou Beni.

Renna inspirou profundamente, tentando acalmar-se.

— Não estou a ser uma fedelha — repetiu — apenas por não querer ficar sozinha com aquele monstro.

— Não é um monstro, Renna. É o nosso pai — disse Beni. — Deu-nos abrigo e pôs comida na mesa durante toda a nossa vida, mesmo com o coração partido pela morte da mãe. Ilain e eu conseguimos suportá-lo e, se for necessário, tu também conseguirás.

— Ilain suportou-o escondendo-se atrás de Jeph — disse Renna. — Tal como tu te escondes atrás de Lucik. Mas quem me poderá esconder a mim, Ben?

— Não podes vir connosco, Renna — repetiu Beni.

Nesse momento, Lucik entrou no quarto.

— Está tudo bem? Ouvi gritos.

— Está tudo perfeito — respondeu-lhe Beni, fitando Renna, que soluçava quando passou por Lucik, correndo para o seu pequeno canto tapado pela divisória de pano.



Renna permaneceu acordada nessa noite, ouvindo os guinchos dos nuclitas no pátio e os gemidos no quarto de Beni. A irmã e Lucik faziam-no, como em quase todas as noites. Os mesmos sons costumavam vir do quarto de Harl quando a mãe era viva. Depois disso, Harl obrigara a irmã mais velha, Ilain, a ocupar o seu lugar. E, quando Ilain partiu, os sons recomeçaram nas noites em que Harl

arrastava Beni para a sua cama. Então, não reagia com a naturalidade agora demonstrada.

Sentou-se na cama, banhada em suor, sentindo o coração acelerado. Espreitou pela cortina e viu os rapazes dormindo profundamente sobre as mantas. Vestindo apenas a camisa, atravessou a sala comum e abriu a porta para o celeiro, entrando em silêncio.

Lá dentro, pegou na pederneira e acendeu uma lanterna, iluminando o celeiro com uma luz trémula.

— Hã? — disse Cobie, entreabrindo os olhos e cobrindo-os com uma mão erguida. — Qué?

— Sou eu. Renna — disse, aproximando-se e sentando-se a seu lado no feno. A luz da lanterna dançou no interior do compartimento, revelando o peito amplo de Cobie quando a manta desceu.

— Não costumo receber visitas — disse. — Achei que podíamos conversar um pouco.

— Parece-me bem — disse Cobie, esfregando a cara para acordar.

— Mas não podemos fazer barulho — advertiu Renna. — Se o meu pai nos apanha, espera-nos o Núcleo.

Cobie acenou afirmativamente com a cabeça, olhando nervosamente a porta para a casa.

— Como é ser Mensageiro? — perguntou Renna.

— Bom, não sou um Mensageiro a sério — admitiu Cobie. — Não tenho licença da associação nas Cidades Livres e, mesmo que tivesse, não me parece que fosse suficientemente louco para dormir ao relento com os demónios. Mas trabalhar para o Sr. Leitão é muito melhor do que a pesca. Sempre odiei pescar.

— Pelo que ouvi dizer, nunca pescaste grande coisa — disse Renna.

Cobie riu-se.

— É verdade. Fugia para fazer tropelias com Gart e Willum. Mas foram prometidos e deixaram de ter tempo. Não posso rir-me nos barcos. Assusta o peixe.

— Por que não foste ainda prometido? — perguntou Renna.

Cobie encolheu os ombros.

— O meu pai dizia que é porque os pais das raparigas não acreditam que consiga assentar e sustentar mulher e filhos. Acho que tinha razão. Sempre me

interessou mais passar tempo na venda do que trabalhar. Pescava quando tinha de o fazer, mas nunca tive créditos suficientes para pagar toda a cerveja que bebia. O teu pai tinha razão quando disse que o Sr. Leitão me começou a enviar para fazer entregas e recolher mercadoria apenas para saldar a dívida. Mas, quando a Oradora começou a pedir ao Sr. Leitão para levar também mensagens, disse-me que podia ficar no pequeno quarto atrás da venda para quando precisasse de mim. As pessoas passaram a tratar-me com respeito — continuou Cobie. — Porque me ocupo dos assuntos da aldeia. Alimentam-me e dão-me abrigo quando estou demasiado longe para regressar à Praça Central antes do anoitecer.

— Aposto que é bom — disse Renna — viajar pelo Ribeiro e ver toda a gente. Eu nunca vejo ninguém.

Cobie acenou com a cabeça.

— Agora, ganho mais do que o que consigo beber e, quando tiver créditos suficientes, vou comprar um cavalo e mudarei o nome para Cobie Mensageiro. Talvez construa uma casa na Praça Central e terei filhos que me substituam quando for velho.

— Então acreditas que conseguirias assentar e sustentar família? — perguntou Renna. Cobie não era bonito, mas era um homem forte e com projectos. Começava a aceitar que Arlen poderia nunca regressar e a vida teria de seguir o seu rumo.

Cobie acenou afirmativamente, olhando-a nos olhos.

— Acredito que sim — disse. — Se uma rapariga aceitasse arriscar dar-me a mão.

Renna debruçou-se e beijou-o na boca. Cobie arregalou os olhos por um momento, mas, depois, retribuiu o beijo, rodeando-a com os braços grandes e fortes.

— Conheço as habilidades de uma esposa — sussurrou Renna, baixando a camisa para expor os seios. — Vejo Beni e Lucik muitas vezes. Poderia ser uma boa esposa. — Cobie gemeu, encostando a face ao seu peito e fazendo as mãos subir-lhe pelas pernas.

Ouviu-se um estrondo que os sobressaltou a ambos.

— Que se passa aqui, pelo Núcleo?! — gritou Harl, segurando Renna pelo cabelo e afastando-a de Cobie. Na mão livre, segurava a faca de caça, afiada

como uma lâmina de barbear. Lançou Renna para longe e apontou a faca à garganta de Cobie.

— Nós... estávamos só a... — murmurou Cobie, afastando-se tanto quanto lhe era possível, até ficar com as costas contra a parede da divisória e não lhe restar sítio para onde fugir.

— Não sou nenhum tolo, rapaz — disse Harl. — Sei muito bem o que estavam «só» a fazer! Achas que, por te abrigar nas minhas guardas, podes tratar a minha filha como uma pega angierana? Devia estripar-te aqui mesmo.

— Por favor! — implorou Cobie. — Não é nada disso! Gosto muito de Renna. Quero pedir a sua mão!

— Parece-me que querias mais do que a mão — rosnou Harl, pressionando a faca e fazendo escorrer uma gota de sangue pelo pescoço de Cobie abaixo. — Achas que é assim que funciona? Vens espetar uma rapariga e pedes-lhe a mão?

Cobie afastou a cabeça tanto quanto conseguia, com lágrimas e suor misturando-se na sua face.

— Basta! — gritou Lucik, segurando o braço de Harl e afastando a faca. Harl pôs-se de pé e os dois homens olharam-se.

— Não dirias isso se fosse a tua filha — disse Harl.

— É possível — admitiu Lucik. — Mas também não permitirei que mates um homem à frente dos meus rapazes!

Harl olhou para trás, vendo Cal e Jace na porta para a casa, com olhos muito abertos enquanto Renna chorava nos braços de Beni. Parte da ira abandonou-o e baixou os braços.

— Muito bem — disse. — Renna, dormes no meu quarto esta noite para poder vigiar-te. E tu — apontou novamente a faca a Cobie, que ficou paralisado de medo. — Se voltares a olhar para a minha filha, corto-te os tomates e atiro-os aos nuclitas.

Segurou Renna pelo braço e arrastou-a para dentro da casa.



Renna ainda tremia quando Harl a lançou para a cama. Voltara a compor a camisa, mas parecia-lhe incrivelmente inadequada e sentia o olhar do pai sobre a pele.

— É isto que fazes quando temos um visitante a dormir no celeiro? – gritou-lhe. — Aposto que metade da aldeia se ri nas minhas costas!

— Nunca o fiz! — disse Renna.

— Claro. E esperas que acredite? — troçou Harl. — Vi como te pavoneaste seminua para ele quando chegou. Calculo que não sejam só os porcos a grunhir no celeiro quando o moço de recados está de passagem.

Renna não soube o que responder, soluçando enquanto cobria os ombros nus com uma manta.

— Agora ficaste envergonhada e tapas-te? — perguntou Harl. — Parece-me que é tarde demais. — Despiu a roupa de trabalho e pendurou-a na armação da cama. Ergueu uma ponta da manta e deitou-se a seu lado. Renna estremeceu. — Pára de choramingar e dorme, rapariga — disse-lhe Harl. — Outra das tuas irmãs decidiu desertar e vamos ter trabalho a dobrar.

Renna acordou cedo, sentindo o pai encostado a ela e cobrindo-a com um braço. A repulsa fê-la estremecer. Afastou-se dele e deixou-o a ressonar quando saiu do quarto.

Recordando o conselho de Beni, rasgou uma longa faixa do lençol na sua enxerga, rodeando o peito com várias voltas de tecido até prender os seios. Quando terminou, olhou para baixo e suspirou. Mesmo espalmada, ninguém a confundiria com um rapaz.

Vestiu-se à pressa, não apertando muito os cordões do vestido para esconder as curvas e prendendo o cabelo longo e castanho com um nó desmazelado.

Os rapazes andavam de roda enquanto punha a panela da papa de aveia sobre o lume e dispunha malgas na mesa. Quando o Sol se ergueu, todos estavam acordados e Lucik enviou os rapazes às suas tarefas matinais pela última vez.

Cobie partiu antes de o pequeno-almoço estar pronto, mas Renna achou que fora melhor assim. Harl poderia não negar abrigo a um homem, mas isso não significava que partilhasse com ele a sua mesa. Desejou ter tido uma oportunidade para pedir desculpa pelas acções dele e pelas suas. Arruinara tudo para os dois.

Depois das tarefas matinais, Harl atrelou uma mula à carroça e levou-os através

da Praça Central até à Colina da Charneca para a cremação. Chegaram pela tarde e havia já um grande ajuntamento na colina. Quase todos no Ribeiro de Tibbet bebiam a cerveja dos Charnecas e muitos tinham vindo homenagear Fernan Charneca.

O templo erguia-se no alto da colina e o Protector Harral recebeu-os a todos de forma calorosa. Era um homem grande, sem ter chegado ainda aos cinquenta e com braços poderosos que se projectavam das mangas arregaçadas da túnica castanha.

— O teu pai era um bom amigo e um bom homem — disse a Lucik, abraçando-o. — Todos lhe sentiremos a falta.

Harral indicou as grandes portas.

— Entra e senta-te na primeira fila com a tua mãe. — O Protector sorriu a Renna, piscando-lhe o olho por algum motivo quando passou por ele.

— Parece que a ingrata saiu do esconderijo — murmurou Harl ao sentarem-se no banco, seguindo Lucik, Beni e os rapazes. Renna seguiu-lhe o olhar e viu Ilain, a sua irmã mais velha, algumas filas atrás. Erguia-se junto a Jeph, Norine Lenhador e aos seus filhos. Tinham crescido tanto!

— Nem penses — disse Harl, segurando-lhe o braço e apertando com força quando se preparava para ir saudá-los. Harl nunca perdoara Ilain por fugir, apesar de terem passado quase quinze anos e de nunca ter conhecido os seus netos. — Aquele filho duma pega tem o descaramento de aqui vir — murmurou, fitando Jeph com desprezo. — Outro maldito ladrão a achar que podia fugir com uma das minhas filhas só porque lhe dei abrigo. Ainda bem que não acabaste casada com o imprestável do filho.

— Arlen não era um imprestável — disse Renna, com tristeza, recordando a forma como a beijara quando eram ambos crianças. Admirara-o de longe durante anos e, depois de lhe ser prometida, parecia-lhe que o sonho se concretizaria. Nunca quisera acreditar que tinha sido nucleado, mas, se não tivesse sido, porque não voltara por ela?

— O que foi, rapariga? — perguntou Harl, apercebendo-se de que falara.

— Nada — respondeu Renna.

A cerimónia prosseguiu, com Harral a entoar louvores a Fernan Charneca enquanto pintava guardas no pano que embrulhava o corpo para proteger o espírito de Fernan na ascensão para o Criador.

Quando terminou, levaram o corpo para a pira que o Protector construíra e aí o deitaram à medida que o fogo era ateado. Renna traçou guardas no ar tal como todos os outros, rezando para que a alma de Fernan se libertasse daquele mundo infestado por demónios enquanto as chamas lhe devoravam o corpo.

Do lado oposto da fogueira, Ilain fitava-a, tristemente. Ergueu uma mão para lhe acenar e Renna começou a chorar.

As pessoas começaram a partir quando a fogueira esmoreceu, algumas para casa de Meada Charneca, que tinha alimento e bebida para quem viera despedir-se do seu marido. Outros iniciaram o caminho de volta às suas casas. Alguns tinham vindo de longe e os nuclitas não se erguiam mais tarde em dias de funeral.

— Vamos, rapariga. É melhor regressarmos — disse Harl, segurando-lhe o braço.

— Harl Curtidor! — chamou o Protector Harral. — Um pouco do teu tempo.

Harl e Renna voltaram-se, vendo que o Protector se aproximava, trazendo Cobie Pescador atrás de si. Os olhos de Cobie não se erguiam dos pés.

— O que foi agora? — murmurou Harl.

— Cobie contou-me o que aconteceu na noite passada — disse o Protector Harral.

— Ah sim? — disse Harl. — Contou que o apanhei com a minha filha em actos pecaminosos dentro das minhas guardas?

Harral acenou afirmativamente.

— Contou. E tem algo a dizer. Não é verdade, Cobie?

Cobie acenou afirmativamente, avançando sem erguer os olhos das botas.

— Lamento o que fiz. Não queria desrespeitar ninguém e pretendo fazer de Renna uma mulher honesta, se o permitir.

— O Núcleo! — bradou Harl. Cobie empalideceu e deu um passo atrás.

— Harl, espera um minuto — disse o Protector Harral.

— Não. Espera tu, Protector! — disse-lhe Harral. — Este rapaz faltou-me ao respeito a mim, à minha filha e à santidade das minhas guardas e queres que o receba como filho sem mais nem menos? Mais depressa permitiria que Renna casasse com um demónio da madeira.

— Renna passou a idade do casamento e já devia criar os seus filhos — lembrou Harral.

— Isso não significa que a entregarei a algum bêbado desgovernado só por se ter deitado com ela numa pilha de feno — disse Harl. Voltou a segurar Renna e arrastou-a para a carroça. Renna lançou um olhar desejoso a Cobie à medida que a carroça se afastava.

Catorze

Uma Noite na Latrina

333 DR Primavera

RENNA OLHOU, desconsolada, a quinta que se tornava visível no horizonte.

— Sei em que pensas, rapariga — disse-lhe Harl. — Pensas em ser como a ingrata da tua irmã e fugir para ficar com aquele rapaz.

Renna não disse nada, mas sentiu as bochechas arder e isso era suficientemente incriminatório.

— Pensa duas vezes — disse Harl. — Não permitirei que envergonhes a nossa família como fez a Lainie, quando fugiu com um homem cuja mulher morrera na noite anterior. A aldeia inteira ainda fala no assunto e todos culpam o velho Harl por criar tamanha pega do Núcleo. Vais a caminho da mesma reputação — continuou. — Mas não permitirei. Prefiro apagar as guardas a passar novamente pelo mesmo. Basta pensares em fugir e ganhas uma estadia na latrina. Nem que tenha de ir buscar-te à Vigia-Sul.

Renna olhou a minúscula construção improvisada no pátio e sentiu-se arrefecer. O pai nunca a pusera ali, mas fizera-o algumas vezes a Ilain e uma vez a Beni. Recordava com clareza os seus gritos.

Ocupou o pequeno quarto de Beni e Lucik, que outrora partilhara com a irmã, trazendo os seus poucos pertences e trancando a porta com mão trémula.

Deitando-se na cama, acariciou a Senhorita Garra, a sua gata favorita, prenha e prestes a parir. Ao fazê-lo pensou em Cobie, numa casa na Praça Central e nos seus filhos. As imagens aqueceram-na e confortaram-na, mas manteve os olhos na porta durante muito tempo antes de adormecer.

Durante os dias seguintes, Renna evitou o pai sempre que podia. Não era difícil. A sementeira de Primavera podia estar feita, mas, mesmo assim, dividiam por dois as tarefas antes partilhadas por seis. Alimentar os animais e limpar os seus compartimentos era trabalho de meia manhã para Renna e precisava ainda de ordenhar, tosquiar e matar, preparar refeições três vezes ao dia, remendar roupa, fazer manteiga e queijo, curtir peles e uma sucessão interminável de outras tarefas. Dedicou-se ao trabalho quase com gratidão pela protecção que lhe oferecia.

Em cada manhã, prendia os seios, deixando o cabelo despenteado e a face suja e havia trabalho suficiente para tirar pensamentos lascivos da cabeça de Harl. Verificar os postes de guarda em redor dos campos levava horas. Cada um tinha de ser cuidadosamente examinado para assegurar que as guardas se mantinham claras e intactas. Além disso, era necessário alinhá-los devidamente para não haver falhas na barreira protectora. Bastavam excrementos de pássaro ou uma farpa na madeira para enfraquecer suficientemente uma guarda e permitir que um demónio encontrasse a debilidade e entrasse.

Depois, os campos precisavam ainda de ser limpos de ervas e as colheitas maduras tinham de ser recolhidas para as refeições do dia ou para conserva em vinagre ou como doce. Finalmente, restava sempre alguma coisa na quinta que necessitava de se reparada ou afiada.

Os únicos momentos que passavam juntos eram as refeições e diziam pouca coisa. Renna era cuidadosa para não se aproximar demasiado quando o servia e quando levantava a mesa. Harl nunca deu qualquer sinal de a olhar de forma diferente, mas tornava-se mais irritável a cada dia que passava.

— Criador, que dor nas costas — disse uma noite, ao jantar, enquanto se curvava para encher outra caneca no barril de cerveja Charneca que Meada lhes enviara depois da cremação. Renna perdera a conta às canecas que tinha enchido naquela noite.

Harl gemeu de dor enquanto tentava endireitar-se e desequilibrou-se, agitando a cerveja. Renna aproximou-se de imediato, amparando-o e apanhando a caneca

antes que entornasse. Harl apoiou-se pesadamente sobre ela enquanto o arrastava de volta para a cadeira.

Era frequente que Renna e Beni fossem chamadas para massajar as costas doridas de Harl e fê-lo sem pensar, passando os dedos fortes e treinados sobre os músculos tensos do pai.

— Assim mesmo, rapariga — gemeu ele, fechando os olhos e pressionando o corpo contra as suas mãos. — Sempre foste a melhor de todas, Ren. Não como as tuas irmãs, sem qualquer lealdade aos seus. Não sei como conseguiste ser assim com aquelas duas desertoras como exemplo.

Renna concluiu a massagem, mas Harl segurou-a pela cintura e puxou-a para perto antes que pudesse afastar-se. Ergueu para ela olhos cheios de lágrimas.

— Nunca me deixarás, pois não, rapariga? — perguntou.

— Não, pai — respondeu Renna. — Claro que não. — Retribuiu-lhe o abraço por um instante e afastou-se prontamente, retirando-lhe a caneca das mãos e voltando a enchê-la.



Renna acordou nessa noite com o som de algo a embater contra a sua porta. Saltou da cama, enfiando o vestido, mas não houve outro ruído. Avançou até à porta e colou a orelha à madeira, ouvindo um respirar baixo.

Cuidadosamente, ergueu a tranca e abriu a porta uma nesga, vendo o pai desmaiado no chão, com cerveja regurgitada manchando-lhe a frente da camisa de dormir.

— Que o Criador me ajude — implorou Renna, enquanto ensopava um trapo para limpar o vómito no seu corpo e no chão. A seguir, esforçou-se por amparar ou arrastar o pai de volta ao seu quarto.

Harl chorava enquanto o içava para a cama, segurando-se desesperadamente a ela.

— Não te posso perder a ti também — soluçava uma e outra vez. Renna sentou-se à beira da cama, sem saber o que fazer, amparando-o enquanto chorava. A seguir, levantou-se quando adormeceu. Regressou rapidamente ao seu quarto e voltou a trancar a porta.



Na manhã seguinte, Renna voltou à casa depois de recolher os ovos no celeiro e descobriu Harl a arrancar os pregos das dobradiças da sua porta.

— A porta partiu-se? — perguntou, com um aperto no coração.

— Não — grunhiu Harl. — Preciso da madeira para tapar um buraco na parede do celeiro. Não importa. Não precisas dela. Já não há relações matrimoniais nesta casa. — Ergueu a porta e levou-a para o celeiro, deixando Renna atordoada.

Sentiu-se como um animal assustado durante o resto do dia e não dormiu nada nessa noite, mantendo todos os sentidos atentos à grossa cortina que agora cobria o vão da porta.

Mas nada a perturbou nessa noite, na noite seguinte ou durante toda a semana.



Renna não percebeu o que a acordara. Os nuclitas tinham testado as guardas durante a noite, mas o ruído silenciara-se quando desistiram para buscar presa menos trabalhosa.

A única luz era um brilho difuso à volta da cortina na porta lançado pelas chamas mansas que ardiam na lareira da sala comum. Iluminava-lhe vagamente a cama, mesmo que o resto do minúsculo quarto estivesse banhado em escuridão.

Mas Renna percebeu, de imediato, que não estava sozinha. O seu pai estava dentro do quarto.

Esforçando-se para não se mover, tentou convencer-se de que era apenas um sonho, mas sentia o cheiro a cerveja e suor e ouvia a sua respiração tensa. As tábuas do chão estalavam à medida que mudava o peso do corpo de uma perna para a outra. Esperou que fizesse alguma coisa, mas limitou-se a ficar ali, observando-a.

Teria feito aquilo antes? Entrar no seu quarto para a ver dormir? A possibilidade agoniou-a. Receando mover-se, olhou a cortina, mas a fuga por ali parecia improvável. Precisaria de quatro passos para alcançar a porta. Harl

precisaria de um para a interceptar.

A janela estava mais próxima, mas, mesmo que conseguisse abrir as portadas antes que a alcançasse, a noite era cerrada e os demónios patrulhavam a escuridão.

O tempo pareceu abrandar enquanto Renna pensava desesperadamente numa fuga. Se atravessasse o pátio a correr, talvez conseguisse chegar ao celeiro antes de ser apanhada por um nuclita. O grande celeiro era guardado e não estava ligado à casa. Se lá chegasse, Harl não poderia segui-la até ao amanhecer e, então, talvez o sono tivesse já esgotado os efeitos da bebida.

Correr pela noite contrariava todos os seus instintos. Era suicídio. Mas que alternativas existiam? Estava presa com ele na casa até ao nascer do Sol.

Nesse momento, Harl moveu-se e Renna susteve a respiração. Aproximou-se lentamente da cama e a sua filha imobilizou-se, como um coelho paralisado pelo medo. Quando a luz o iluminou, viu que vestia apenas a camisa de dormir e a sua excitação era notória sob o tecido. Aproximou-se mais ainda, estendendo a mão para lhe tocar o cabelo. Passou os dedos por ele e cheirou-os, baixando a mão para lhe acariciar delicadamente a face.

— Tal como a tua mãe — murmurou, continuando a fazer descer a mão, pelo pescoço abaixo, tocando a pele suave de um seio.

Apertou e Renna gritou. A Senhorita Garra acordou sobressaltada e silvou, arranhando o braço que a surpreendera. Harl gritou e o horror deu forças a Renna. Empurrou-o. Bêbado como estava, Harl cambaleou e caiu ao chão. Renna passou pela cortina num instante.

— Volta aqui, rapariga! — gritou Harl. Ignorou-o, correndo a toda a velocidade até à porta traseira para o pequeno celeiro. Ouviu-o cambalear atrás dela, emaranhando-se na cortina e arrancando-a ao varão.

Chegou ao celeiro antes de se conseguir desenredar, mas não havia tranca do seu lado. Pegou numa sela velha e pesada e colocou-a contra a porta, correndo além das divisórias.

— Núcleo maldito, Renna! Que te deu? — gritou Harl ao abrir a porta. Gritou ao tropeçar na sela e praguejou. — Rapariga, hei-de curtir-te a pele do lombo se não apareces! — gritou. Ouviu-se um estalar de chicote. Pegara nas rédeas de couro penduradas na parede.

Renna não respondeu, agachando-se na escuridão de um compartimento vazio

atrás de um velho barril de chuva enquanto Harl tentava acender uma lanterna com a pederneira. Conseguiu finalmente levar uma faísca ao pavio e uma luz débil agitou-se, provocando uma dança de sombras nas paredes do celeiro.

— Onde te meteste, rapariga? — gritou Harl, começando a procurar nos compartimentos. — Vai ser pior se tiver de te arrastar. — Fez estalar as rédeas para sublinhar o que dizia e Renna sentiu o coração palpitar. Lá fora, os demónios atraídos pelo ruído lançavam-se contra as guardas com fervor renovado. Clarões penetravam entre as tábuas, acompanhados por guinchos de nuclitas e pelo ruído da magia.

Encolheu-se como uma mola ouvindo-o aproximar-se, com cada músculo retesando-se mais e mais até se sentir prestes a explodir. As pragas murmuradas que lhe ouvia tornaram-se cada vez mais obscenas e, frustrado, começou a chicotear com as rédeas tudo o que lhe aparecia pela frente.

Estava a centímetros do seu esconderijo quando Renna começou a correr, dirigindo-se para o fundo do celeiro. Alcançou a parede dos fundos e voltou-se para ele.

— Não sei o que te deu, rapariga — disse Harl. — Parece que terei de te fazer ganhar juízo à força.

Daquela vez, não havia forma de passar por ele. Por isso, Renna voltou-se e subiu a escada para o sótão. Tentou puxar a escada atrás de si, mas Harl gritou e conseguiu agarrar o último degrau, puxando-a para baixo e quase arrastando Renna com ela. Amparou-se sobre o alçapão e soltou a escada. Harl pendurou a lanterna e começou a subir, prendendo as rédeas nos dentes.

Renna pontapeou, desesperada, atingindo o pai em cheio na face. Caiu da escada abaixo, mas o chão estava coberto de feno e a queda foi amparada. Voltou a segurar a escada antes que a conseguisse puxar para cima e subiu rapidamente. Renna voltou a pontapear, mas uma mão segurou-lhe o pé e empurrou, fazendo-a cair.

No momento seguinte, estava no sótão com ela e não havia sítio para onde fugir. Tentava erguer-se quando sentiu um murro na cara e um clarão luminoso lhe explodiu atrás dos olhos.

— A culpa disto é tua, rapariga — disse Harl, esmurrando-a novamente no estômago. Expeliu o ar que sustinha nos pulmões e gemeu de dor. Um punho calejado segurou-lhe a camisa de dormir e puxou, arrancando metade do tecido.

— Por favor, pai! — gritou. — Não!

— Não? — repetiu ele com uma gargalhada rude. — Desde quando dizes não aos rapazes que vêm ter contigo ao sótão? Não é aqui que pecas? Não é aqui que envergonhas a tua família? Deitas-te com qualquer bêbado que adormeça no celeiro, mas és boa demais para o teu próprio pai?

— Não! — gritou Renna.

— Isso mesmo, pelo Núcleo. Não és — disse Harl, segurando-a pela nuca e forçando-lhe a cara contra o feno enquanto lhe erguia a camisa com a mão livre.



Quando terminou, Renna deixou-se ficar deitada sobre o feno, chorando. O peso de Harl continuava sobre ela, mas parecia ter perdido as forças. Empurrou e ele rebolou sem oferecer resistência.

Quis empurrá-lo até ao alçapão, fazendo-o partir o pescoço, mas não conseguiu parar de soluçar durante tempo suficiente para conseguir erguer-se. Sentia a face e o lábio doridos como consequência do murro e ardia-lhe o estômago. Mas nada disso era comparável à dor entre as pernas. Se Harl notou as provas de que nunca tinha estado com um homem antes, não o demonstrou.

— Assim mesmo, rapariga — disse Harl, pousando-lhe levemente a mão sobre o ombro. — Chora à vontade. Chorar costumava ajudar Ilain antes de começar a agradar-lhe.

Renna franziu a testa. Nunca agradara a Ilain, independentemente do que pudesse dizer.

— Se voltares a fazê-lo — disse —, contarei a toda a gente na Praça Central.

Harl riu-se.

— Ninguém acreditará em ti. As mulheres pensarão que a rameira da aldeia apenas quer um pretexto para se mudar para junto delas e cravar as unhas nos seus maridos. Nenhuma delas o permitirá. Além disso — acrescentou —, rodeando-lhe o pescoço com uma mão áspera — se disseres a alguém, mato-te.



Renna olhou o pôr-do-sol do alpendre guardado, rodeando o tronco com os

braços enquanto o céu se ia colorindo. Pouco tempo antes, olhava para leste ao anoitecer, sonhando com o dia em que Arlen Fardos regressaria das Cidades Livres para cumprir a promessa de a levar.

Continuava a olhar a estrada, dia após dia, mas olhava agora para oeste, rezando pela vinda de Cobie Pescador. Ainda pensaria nela? Teria sido sincero no que dissera? Se fosse sincero, não teria vindo já?

As suas esperanças iam esmorecendo a cada noite, até restar delas pouco mais do que uma centelha e, por fim, um carvão incandescente enterrado na areia, um calor sepultado e poupado para um fim que poderia nunca ocorrer.

Mas qualquer coisa que a mantivesse fora de casa, mesmo um sonho que provocasse tanta dor como conforto, valia a pena. Em breve, teria de entrar e servir o jantar ao pai, cumprir as tarefas nocturnas sentindo o seu olhar sobre ela, até lhe dizer que estava na altura de irem para a cama.

A seguir, iria, obediente, para a sua cama e ficaria quieta enquanto se servia dela. Pensava em Ilain e nos anos que suportara aquele tormento, quando Renna era demasiado pequena para compreender. Não entendia como sobrevivera com a mente intacta, mas Ilain e Beni sempre haviam sido mais fortes do que ela.

— Está a escurecer, rapariga — disse Harl. — Entra e fecha a porta antes que os nuclitas te levem.

Por um momento, a imagem dançou-lhe na mente. Os nuclitas erguer-se-iam a qualquer momento. Bastaria atravessar as guardas e pôr fim ao tormento.

Mas Renna percebeu que também não tinha forças para isso. Voltou-se e entrou.



— Não resmungues, Lãzudo — disse Renna ao carneiro que tosquiava. — Vais agradecer-me quando vier o calor e estiveres livre da lã.

Beni e os rapazes costumavam troçar quando a ouviam falar com os animais como se fossem gente, mas, na sua ausência, Renna deu consigo a fazê-lo com frequência cada vez maior. Os cães, os gatos e os animais do celeiro eram os únicos amigos que tinha no mundo e, quando Harl trabalhava nos campos, ouviam atentamente as queixas de Renna.

— Renna — disse um sussurro atrás de si. Deu um salto, assustada, e Lãzudo

baliu quando o cortou acidentalmente. Mas Renna mal deu por isso, voltando-se e vendo Cobie Pescador a poucos metros de distância.

Deixou cair a tesoura de tosquia, olhando freneticamente em redor. Não havia sinal de Harl. Estaria ocupado a limpar os campos de ervas e não regressaria durante horas, mas não correu riscos, segurando Cobie pelo braço e puxando-o para trás do grande celeiro.

— Que fazes aqui? — sussurrou.

— Levo barris de arroz à quinta do Mack Pasto ao fundo da estrada — respondeu Cobie. — Abrigo-me lá e regresso à Praça pela manhã.

— O meu pai mata-te se te vir — disse Renna.

Cobie acenou com a cabeça.

— Eu sei. E não me importo. — Levou a mão à bolsa das mensagens, retirando um colar longo de seixos do rio polidos num fio de couro com fecho de espinha de peixe.

— Não é muito, mas é o que posso oferecer — disse, passando-lhe o colar.

— É lindo — disse ela, recebendo o presente. Rodeou-o duas vezes em torno do pescoço e, mesmo assim, pendia-lhe abaixo dos seios.

— Não paro de pensar em ti, Renna — disse Cobie. — O Protector Harral e o meu pai disseram-me que devia esquecer-te, mas não consigo. Vejo-te de cada vez que fecho os olhos. Quero que regresses comigo amanhã. O Protector casar-nos-á se implorarmos. Fê-lo à tua irmã quando fugiu com Jeph Fardos e, quando estivermos unidos perante o Criador, nada que o teu pai diga poderá separar-nos.

— A sério? — perguntou Renna, com lágrimas nos olhos.

Cobie acenou afirmativamente e puxou-a para ele, beijando-a.

Mas Cobie conseguiu controlá-la apenas por um momento. Renna empurrou-o contra a parede do celeiro e deixou-se cair de joelhos. Cobie gemeu e cravou as unhas na madeira da parede enquanto ela se ocupava dele. Os joelhos cederam-lhe e deslizou para o chão. Renna levantou as saias e montou-o.

— Eu... eu nunca... — gaguejou Cobie, mas Renna levou um dedo aos lábios para o silenciar e recebeu-o dentro de si.

O prazer fez Cobie lançar a cabeça para trás e Renna sorriu. Não era como Harl, doloroso e sem qualquer agrado. Era como devia ser. Cobriu a face de Cobie com beijos enquanto subia e descia, dando-se ao prazer à medida que as mãos dele lhe percorriam o corpo.

— Amo-te — sussurrou-lhe Cobie no momento em que se esgotava dentro dela. Renna chorou e voltou a beijá-lo. Mantiveram-se abraçados durante algum tempo e ergueram-se por fim, compondo a roupa. Renna lançou um olhar receoso além da esquina do celeiro, mas não havia vestígios do pai.

— O meu pai vai cedo para os campos — disse. — Depois do pequeno-almoço. Se vieres depois disso, ficará fora até ao almoço.

— Estaremos no templo antes que perceba que te foste — disse Cobie, abraçando-a. — Arruma as coisas esta noite e mantém-nas preparadas. Virei logo que possa.

— Não há nada para arrumar — disse Renna. — Não tenho dote, mas prometo ser uma boa esposa. Sei cozinhar e guardar e cuidar da tua casa...

Cobie riu-se, beijando-a.

— Não quero qualquer dote. Só te quero a ti.



Renna escondeu o colar no bolso do avental e foi obediente durante o resto do dia e da noite, não dando motivos ao pai para desconfiar. Era verdade que não tinha nada para arrumar, mas dirigiu-se a cada um dos animais, os seus amigos, para sussurrar as suas despedidas. Chorou sobre a Senhorita Garra, lamentando as crias que nunca veria.

— Serás Sra. Garra quando os gatinhos nascerem — disse-lhe Renna. — Mesmo que aquele gato pardo inútil não te ajude a cuidar deles.

Olhou os animais presentes, avistando o provável pai.

— Cuida das tuas crias — advertiu, mantendo a voz baixa para que o pai não a ouvisse. — Ou hei-de voltar para te atirar ao bebedouro.

Passou a noite acordada enquanto Harl ressonava a seu lado e, antes da primeira luz da manhã penetrar pelas portadas, tinha a papa de aveia ao lume e recolhia ovos da capoeira no celeiro. Ocupou-se das restantes tarefas matinais, percebendo que o fazia pela última vez. Enquanto trabalhava, não parava de olhar a estrada.

Não precisou de esperar muito. Ouviu um galope à distância, mas o som amainou antes de se aproximar. Pouco depois, Cobie contornou a curva na estrada, suado e ofegante.

— Galopei durante o caminho todo — disse-lhe, beijando-a.
— Não podia esperar para te ver.

Pinha precisava de repousar e Cobie prendeu-a atrás do celeiro enquanto Renna tirava água do poço. A égua bebeu avidamente e começou a pastar enquanto eles caíam nos braços um do outro. Não tardou a debruçar-se para a parede do celeiro com as saias erguidas até à cintura.

E foi assim que Harl os encontrou.

— Eu sabia! — gritou, golpeando a cabeça de Cobie com a forquilha. A haste atingiu-o na têmpora e lançou-o por terra.

— Cobie! — gritou Renna, correndo para ele e amparando-o nos braços enquanto tentava erguer-se.

— Soube que alguma coisa se passava quando te apanhei a chorar com os gatos, rapariga — disse Harl. — Achas que o teu pai é parvo?

— Não me importa! — gritou Renna. — Cobie e eu estamos apaixonados e vou partir com ele!

— O Núcleo é que vais — disse Harl, segurando-a pelo braço.
— Vais mexer-me esse traseiro para casa agora mesmo, se não quiseres que to esfole.

Mas a mão volumosa de Cobie cobriu o pulso de Harl, torcendo-o
e afastando-o de Renna.

— Não, senhor — disse. — Não te deixo fazer isso.

Harl voltou-se para ele com um ronco de desprezo.

— Então estás a pedir isto, rapaz — disse, antes de o pontapear entre as pernas.

Com as calças ainda caídas pelos tornozelos, Cobie não tinha qualquer protecção da bota pesada de Harl e encolheu-se no chão, com as mãos entre as coxas. Harl empurrou Renna para o chão e ergueu a forquilha, aplicando golpes ferozes enquanto Cobie permanecia caído e indefeso.

— O rufia típico — exclamou Harl. — Aposto que nunca lutaste a sério na vida. — Cobie tentou afastar-se, mas as calças continuavam emaranhadas, fazendo-o tropeçar. Gritava a cada pancada.

Por fim, quando ficou deitado no chão, ofegante e ensanguentado, Harl cravou a forquilha no chão e retirou a faca longa da bainha no cinto.

— Disse-te o que faria se voltasse a apanhar-te com a minha filha — disse, avançando. — Despede-te dos tomates, rapaz. — Cobie arregalou os olhos,

aterrorizado.

— Não! — gritou Renna, saltando para as costas de Harl e prendendo-o com braços e pernas. — Foge, Cobie! FOGE!

Harl gritou tentando afastar a filha. Uma vida inteira de trabalho árduo dera forças a Renna, mas Harl voltou-se e espalmou-a contra a parede do celeiro. Perdeu o fôlego e, antes que conseguisse inspirar, Harl voltou a golpeá-la uma e outra vez. Soltou-o e o pai prendeu-lhe o braço, projectando-a para o solo.

O impacto provocou-lhe dor intensa, mas conseguiu ver Cobie a subir as calças e a saltar para o cavalo. Antes que Harl conseguisse alcançar a forquilha, golpeou os flancos de Pinha com os calcanhares e galopou pela estrada fora.

— Foi o último aviso, rapaz! Mantém-te longe da minha filha ou nem um centímetro te deixo para mijares! Quanto a ti, minha menina — disse Harl —, expliquei-te o que fazemos às vadias por aqui! — Segurou Renna pelo cabelo com uma mão e arrastou-a para dentro de casa. Renna gritou de dor, mas, continuando atordoada, não podia fazer muito mais além de se deixar ir.

A meio do pátio, percebeu que não iam para casa. Harl levava-a para a latrina.

— Não! — bradou, acolhendo a dor do cabelo puxado enquanto fincava os pés no chão e começava a fazer força. — Criador, não! Por favor, NÃO!

— Achas que o Criador te vai ajudar quando andas a pecar à luz do dia, rapariga? — perguntou Harl. — Estou a fazer o Seu maldito trabalho! — Puxou com força, forçando-a a mover-se.

— Pai! Por favor! — chorou Renna. — Prometo portar-me bem!

— Não é a primeira vez que fazes essa promessa, rapariga, e vê onde chegámos — respondeu Harl. — Devia ter feito isto logo. Para garantir que me levavas a sério.

Empurrou-a e Renna caiu dentro da latrina, magoando as costas ao embater contra o assento. Ignorou a dor e tentou escapar, mas Harl esmurrou-a na face quando se lançava para diante e tudo ficou negro.



Renna recuperou os sentidos algumas horas mais tarde. A princípio, esqueceu onde estava, mas o ardor nas costas, onde embatera contra o assento, e a dor lancinante na face quando movia o maxilar recordaram-na de tudo. Abriu os

olhos, horrorizada.

Harl ouviu-a gritar e bater na porta e aproximou-se, passando o cabo de osso da faca pela parede.

— Pouco barulho aí dentro! Isto é para o teu bem.

Renna ignorou-o e continuou a gritar e a pontapear a porta.

— É melhor não fazeres isso — disse Harl, erguendo a voz para conseguir ser ouvido sobre os seus gritos. — As tábuas já são velhas e hás-de querer que continuem no sítio quando escurecer. Continua com os pontapés e vais deslocar as guardas.

Renna acalmou-se de imediato.

— Por favor — soluçou, encostada à porta. — Não me deixes aqui durante a noite! Porto-me bem!

— Sei que sim, pelo Núcleo — tornou Harl. — Depois desta noite, vais ser tu a escorraçar aquele rapaz quando cá vier.



O calor era intenso dentro da minúscula latrina e pairava no ar um fedor intenso a excremento. Havia uma janela de ventilação, mas Renna não se atreveu a abri-la por receio de criar um buraco na rede de guardas. As moscas esvoaçavam ruidosamente no barril sepultado na abertura por baixo do rude assento.

Pelas nesgas entre as tábuas, Renna viu a luz diminuir e o Sol descer sobre o horizonte. Não perdeu a esperança, rezando para que Harl regressasse. Não deixou de esperar que quisesse apenas assustá-la, mas, quando a última luz esmoreceu, o mesmo sucedeu às suas esperanças. Lá fora, os nuclitas erguiam-se. Levou a mão ao bolso do avental, segurando firmemente as pedras polidas do colar de Cobie para lhe darem força.

Os demónios vieram em silêncio. Dizia-se que o calor do dia erguendo-se do solo lhes traçava um caminho desde o Núcleo e as suas formas nebulosas condensavam-se em garras, escamas e dentes afiados como lâminas. Renna sentia o coração acelerado no peito.

Ouviu farejar a porta da latrina. Imobilizou-se, mordendo o lábio de medo e, nesse silêncio, ouviu garras cravando-se na terra do pátio e farejos rápidos enquanto o nuclita inalava o odor intenso do seu medo.

Subitamente, o demónio guinchou e golpeou as guardas. Viu-se um clarão de magia tão intenso que penetrou entre as tábuas e iluminou o interior da latrina. Renna gritou tanto que sentiu que a garganta estaria prestes a dilacerar-se.

As guardas resistiram, mas o demónio continuou. Ouviu-se o movimento de asas de couro e outro clarão de magia no telhado. Toda a latrina estremeceu com o impacto e Renna voltou a gritar, enquanto pó e sujidade caíam sobre ela, libertados pelo choque.

O demónio do vento tentou uma e outra vez, guinchando de raiva pela presa simultaneamente tão próxima e distante. As guardas repeliam-no a cada tentativa, mas o choque abalava a latrina e a madeira velha gemia em protesto. Quantas pancadas conseguiria suportar?

Por fim, o nuclita desistiu. Renna ouviu-lhe as asas e os gritos afastando-se enquanto voava em busca de presa mais fácil.

Mas a provação não terminou aí. Todos os nuclitas no pátio acabaram por captar o seu cheiro. Suportou as faíscas de magia enquanto os demónios da chama atacavam a madeira com as suas garras pequenas, tremendo com os sopros gelados em que as guardas convertiam as suas línguas de chama. Os piores eram os demónios da madeira, que afastaram os outros e golpeavam as guardas com tamanha força que toda a estrutura abanava a cada impacto. Renna sentia cada clarão mágico como um golpe físico e deixou-se cair ao chão, encolhendo-se e chorando sem controlo.

Pareceu durar uma eternidade. Depois de horas que apenas o Criador conseguiria contar, Renna deu consigo a rezar para que as guardas falhassem, como falhariam certamente antes do fim da noite, apenas para pôr um fim a tudo aquilo. Se tivesse conseguido reunir a força suficiente para se erguer, teria aberto a porta para os deixar entrar.

Passou-se mais tempo interminável e percebeu que nem sequer lhe restavam forças para chorar. Os clarões da magia, os gritos nocturnos, o fedor da latrina, tudo se tornava difuso à medida que se deixava afundar cada vez mais num medo primitivo e tão poderoso que os pormenores deixavam de contar.

Permaneceu deitada, encolhida, retesando todos os músculos em uníssono e as lágrimas fluíram em silêncio dos seus olhos muito abertos ao fitar a escuridão. A sua respiração era marcada por inspirações curtas e o coração batia veloz como a asa de um colibri. As unhas deixavam marcas na madeira do chão, alheias ao

sangue e às farpas que se cravavam na pele.

Nem sequer notou quando o ruído e os clarões cessaram e os demónios regressaram ao Núcleo.

A tranca exterior foi erguida com um som repentino, mas Renna não reagiu até a porta se abrir, deixando entrar a luz intensa do Sol nascente. Após horas a fitar a escuridão, a luz feria-lhe os olhos, arrancando-lhe a mente ao seu refúgio. Inspirou fundo e ergueu-se, levando um braço ao alto para bloquear a luz e gritando ao arrastar-se para trás e colar-se à parede traseira da latrina.

Harl rodeou-a com os braços, ajeitando-lhe o cabelo.

— Pronto, rapariga — sussurrou, continuando a tocar-lhe o cabelo. — Magoou-me tanto como a ti. — Abraçou-a com gentil firmeza e embalou-a de um lado para o outro enquanto ela chorava.

— Assim mesmo — disse. — Chora à vontade. Deita tudo cá para fora.

E assim fez, abraçando-o enquanto soluçava até se acalmar.

— Achas que me podes dar ouvidos agora? — perguntou Harl quando deu mostras de recuperar a compostura. — Não quero ser obrigado a fazer isto outra vez.

Renna acenou avidamente com a cabeça.

— Prometo, pai. — A sua voz ainda estava rouca dos gritos.

— Assim é que é — disse-lhe Harl, erguendo-a nos braços e levando-a para dentro de casa. Deitou Renna na sua cama, e não na que ocupavam quando dormiam juntos, e preparou-lhe um caldo quente, trazendo-lhe o almoço e o jantar num tabuleiro que podia colocar sobre o colo. Era a primeira vez que o via preparar comida, mas estava quente, era saborosa e matava-lhe a fome.

— Amanhã podes dormir até tarde — disse-lhe, naquela noite. — Descansa e, à tarde, vais estar fina.

E, na verdade, Renna sentiu-se realmente melhor no dia seguinte e melhor ainda no dia a seguir a esse. Harl não a procurou durante a noite e deixou-a trabalhar ao seu ritmo durante o dia. O tempo passou e tornou-se claro que Cobie não regressaria. Renna pensou que seria melhor assim.

Por vezes, entre tarefas, recordava vislumbres da noite passada na latrina, mas depressa os bloqueava mentalmente. Acabara e, dali em diante, seria uma boa filha e não precisaria de recear voltar a passar pelo mesmo.

Quinze

A História de Marick

333 DR Inverno

A MULTIDÃO REUNIU-SE JUNTO À CABANA de Leesha ao anoitecer, quando o Sol continuava colorido de roxo e laranja. No início, eram apenas Darsy, Vika e os aprendizes, mas Gared e os outros Lenhadores começaram a aproximar-se, trazendo machados guardados ao ombro, e também Erny e os restantes Guardadores do Outeiro, com os seus aprendizes. Rojer chegou pouco depois e também Benn, o vidreiro. Mais e mais foram chegando, até o pátio ficar repleto de observadores, mais do que aqueles que Leesha conseguiria albergar durante a noite. Alguns tinham trazido tendas para passar a noite depois da lição.

Muitos dos visitantes se mostraram nervosos com o sol-pôr mas confiaram em Leesha e na força das suas guardas. Lanternas iluminavam a mesa de pedra ao centro do aglomerado de gente.

Ergueram-se do chão algumas formas nebulosas enquanto o dia escurecia, mas os nuclitas fugiam assim que solidificavam. Haviam aprendido que tentar violar as guardas de Leesha não tinha apenas o insucesso como consequência.

Pouco depois, chegou o Homem Pintado, caminhando ao lado do seu garanhão gigante. Sobre o dorso do cavalo, viam-se as carcaças de vários demónios.

Os Guardadores moveram-se com prontidão, desactivando uma porção da rede de guardas durante tempo suficiente para o Homem Pintado entrar com os cadáveres dos nuclitas. Os Lenhadores avançaram em seguida, transportando as carcaças para a mesa de pedra e os Guardadores restabeleceram a rede.

— Não demoraste muito — disse Leesha ao Homem Pintado quando este se aproximou.

Encolheu os ombros.

— Querias um de cada raça. Não foi grande desafio.

Leesha sorriu e pegou nos bisturis guardados.

— Muita atenção a todos — pediu, erguendo a voz, abeirando-se do demónio da madeira para fazer a primeira incisão. — A aula começou.



Foi servido um pequeno-almoço aos que ficaram na cabana. Os Lenhadores partiram pouco após a lição de Leesha, com o Homem Pintado na dianteira, procurando reforçar a sua aprendizagem através da aplicação prática, mas a maioria dos outros permaneceu na segurança das guardas até ao amanhecer.

Leesha pediu às aprendizas para prepararem uma grande panela de papa de aveia e para ferverem um caldeirão de chá. Passaram as malgas e canecas enquanto os convidados iam emergindo das tendas, esfregando os olhos ensonados após a noite longa.

Rojer sentou-se afastado dos outros, afinando o violino à porta da cabana.

— Não parece teu sentares-te sozinho — disse-lhe Leesha, passando-lhe uma malga e sentando-se a seu lado.

— Não tenho muita fome — explicou Rojer, mexendo a papa com a colher sem grande vontade.

— Kendall ficará boa — disse Leesha. — Recupera com rapidez e não culpa ninguém pelo que lhe aconteceu.

— Talvez devesse fazê-lo — disse Rojer.

— Tens um dom único — considerou Leesha. — Não tens culpa de ser difícil ensiná-lo.

— É? — perguntou Rojer. Leesha olhou-o com curiosidade, mas não lhe disse nada. Ao invés, voltou a cara e olhou o pátio. — Podias ter-me dito.

— O quê? — perguntou Leesha, sabendo muito bem.

— O que aconteceu entre ti e «Arlen» — disse Rojer.

— Não percebo por que te diria respeito — disse Leesha.

— Mas as poções de amor de Kendall dizem-te respeito? — ripostou Rojer. — Talvez os meus ensinamentos não sejam assim tão maus, afinal. Talvez a rapariga pensasse demasiado em chá doce quando devia pensar nos demónios.

— Isso não é justo — disse Leesha. — Julguei que te fazia um favor.

Rojer rosnou-lhe, lançando-lhe um olhar que ela apenas lhe vira quando representava.

— Não. Julgaste que me empurravas para outra rapariga para te sentires melhor por não te interessares por mim. És mais como a tua mãe do que julgas.

Leesha abriu a boca para responder, mas não lhe saiu qualquer palavra. Rojer pousou a malga e afastou-se, prendendo o violino por baixo do queixo e tocando uma melodia irada que abafaria tudo o que Leesha pudesse dizer para o trazer de volta.



O Cemitério dos Nuclitas estava em caos quando Leesha e os outros regressaram à aldeia. Centenas de pessoas, muitas feridas e nenhumas familiares, preenchiam a praça. Todas estavam imundas, esfarrapadas e quase famintas. Exaustas, repousavam sobre as pedras geladas num desconsolo sinistro.

O Protector Jona corria de trás para a frente, berrando ordens aos seus acólitos enquanto estes tentavam facultar conforto aos necessitados. Os Lenhadores arrastavam troncos para a praça para que as pessoas tivessem, pelo menos, um sítio onde se poderiam sentar, mas a tarefa parecia impossível.

— Graças ao Criador! — disse o Protector quando os viu. Vika, sua mulher, correu a abraçá-lo assim que se aproximou.

— Que aconteceu? — perguntou Leesha.

— Refugiados de Forte Rizon — respondeu Jona. — Começaram a chegar esta manhã, um par de horas depois do amanhecer. E não têm parado de chegar cada vez em maior número.

— Onde está o Libertador? — perguntou uma mulher na multidão. — Disseram que estava aqui!

— Todas as guardas da cidade falharam? — perguntou Leesha.

— Impossível — considerou Erny. — Rizon tem mais de uma centena de povoados, todos individualmente guardados. Por que fugiram até aqui?

— Não fugimos dos nuclitas — disse uma voz familiar. Leesha voltou-se, arregalando os olhos.

— Marick! — gritou. — Que fazes aqui? — O Mensageiro continuava belo

como sempre fora, mas havia manchas amareladas na sua face, apenas parcialmente obscurecidas pelo cabelo longo e pela barba. Quando se aproximou, coxeava ligeiramente.

— Cometi o erro de invernar em Rizon — respondeu. — Costuma ser boa ideia. O frio não é tão feroz no sul. — Riu-se, sem vontade. — Este ano não o devia ter feito.

— Se não foram os demónios, o que aconteceu? — perguntou Leesha.

— Krasianos — respondeu Marick, cuspindo na neve. — Parece que as ratazanas do deserto se cansaram de comer areia e decidiram viver à custa de gente civilizada.

Leesha voltou-se para Rojer.

— Procura Arlen — murmurou. — Pede-lhe para vir em segredo e para se encontrar connosco na sala traseira da taberna de Smitt. Vai. — Rojer acenou afirmativamente e desapareceu.

— Darsy, Vika — disse Leesha. — Peçam às aprendizas para separarem os feridos e para os trazerem ao hospício por ordem de gravidade.

As duas Herbanárias responderam com acenos afirmativos e partiram.

— Jona — disse Leesha —, pede aos teus acólitos que vão buscar macas ao hospício e ajudem as aprendizas. — Jona curvou-se e fez o que lhe era pedido.

Vendo que Leesha dava ordens, outros se aproximaram. Até Smitt, o Orador da Aldeia e estalajadeiro, esperava a sua palavra.

— Podemos adiar o alimento por agora — disse-lhe Leesha —, mas esta gente precisa de água e de abrigo quente de imediato. Manda erguer as tendas de casamento e todas as que achares e recruta todas as mãos livres para trazer água. Se os poços e o regato não forem suficientes, põe caldeirões ao fogo e enche-os de neve.

— Vou tratar disso — disse Smitt.

— Desde quando obedece o Outeiro às tuas ordens? — perguntou Marick, sorrindo.

Leesha olhou-o.

— Preciso de atender aos feridos, mestre Marick. Mas terei muitas perguntas quando tiver terminado.

— Estarei ao teu dispor — retorquiu Marick, com uma vénia.

— Obrigada — agradeceu Leesha. — Ajudaria se pudesses reunir os outros

líderes do grupo que possam acrescentar pormenores à tua história.

— Com certeza — disse Marick.

— Instalo-os na estalagem — disse Stefny, a mulher de Smitt.

— Certamente não rejeitariam cerveja fria e comida — disse ao Mensageiro.

— Certamente que não — tornou Marick.



Havia ossos quebrados a compor e infecções a tratar, muitas em pés cobertos de bolhas que tinham estourado e não haviam recebido tratamento durante a semana que as pessoas passaram na estrada, sabendo que um atraso equivaleria a morte quase certa. Vários viajantes tinham também ferimentos provocados por nuclitas, por se amontoarem em círculos construídos sem cuidado. Espantava que tivessem conseguido chegar ao Outeiro do Libertador. Sabia pelas histórias que lhe contavam que muitos tinham ficado pelo caminho.

Entre os refugiados, contavam-se várias Herbanárias de perícia variada e, após uma rápida observação do seu estado, Leesha colocou-as ao serviço dos restantes. Nenhuma das mulheres reclamou. Cabia às Herbanárias porem de parte as suas necessidades para se ocuparem dos seus.

— Não teríamos conseguido sem o Mensageiro Marick — disse uma mulher, enquanto Leesha lhe tratava os dedos dos pés queimados pelo gelo. — Cavalgava à frente todos os dias e guardava acampamentos onde o nosso grupo podia abrigar-se quando se erguiam os nuclitas. Não teríamos sobrevivido uma noite sem ele. Chegou mesmo a abater veados com o seu arco e a deixá-los na estrada para que os encontrássemos.

Quando Rojer regressou, os piores ferimentos tinham sido tratados. Deixou o hospício entregue ao cuidado de Darsy e Vika e acompanhou-o ao gabinete.

Fecharam a porta e Leesha encostou-se a Rojer, permitindo finalmente que o seu cansaço se tornasse visível. A tarde aproximava-se do fim e tinha trabalhado durante horas sem uma pausa, tratando pacientes e respondendo a questões dos aprendizes e dos anciãos. Não tardaria a escurecer.

— Precisas de repousar — disse Rojer, mas Leesha abanou a cabeça, enchendo uma bacia de água e usando-a para se refrescar.

— Não tenho tempo para isso — disse. — Encontrámos abrigo para todos?

— Quase — disse Rojer. — Ao todo, os refugiados superam em número o dobro da população do Outeiro do Libertador e, certamente, chegarão mais amanhã. As pessoas abriram as suas casas, mas o Protector Jona ainda tem gente a dormir nos bancos do templo, apenas para terem um tecto sobre a cabeça. Se as coisas continuarem assim, cada centímetro dentro da grande guarda ficará coberto com tendas improvisadas até ao final da semana.

Leesha acenou com a cabeça.

— Preocupamo-nos com isso quando chegar a manhã. Arlen espera na taberna de Smitt?

— O Homem Pintado está lá, sim — disse Rojer. — Não lhe chames Arlen à frente desta gente.

— É o seu nome, Rojer — argumentou Leesha.

— Tanto me faz — exclamou Rojer, surpreendendo-a com a sua veemência. — Estas pessoas precisam de acreditar em alguém que lhes seja superior e, neste momento, é ele. Ninguém te pede para lhe chamares Libertador.

Leesha pestanejou, espantada.

— Habituei-me a que todos obedecessem às minhas ordens sem pensar.

— Podes contar comigo para nunca o fazer — disse Rojer.

Leesha sorriu.

— Não queria outra coisa. Anda. Vamos procurar o Homem Pintado.



A taberna de Smitt estava apinhada quando Rojer e Leesha chegaram, mesmo que o edifício da nova estalagem tivesse o dobro do tamanho do que fora queimado no ano anterior.

Smitt saudou-os com um aceno de cabeça quando entraram e indicou a sala das traseiras. Apressaram-se a abrir caminho entre a multidão e passaram pela pesada porta de madeira.

O Homem Pintado estava no interior, caminhando de um lado para o outro como um animal.

— Devia andar à procura de mais sobreviventes antes do anoitecer e não à espera de reuniões — disse.

— Fomos tão rápidos quanto pudemos — justificou Leesha. — Mas é melhor

que façamos isto juntos.

O Homem Pintado acenou afirmativamente, mesmo que fosse notória a sua impaciência nas mãos cerradas. Smitt entrou um momento depois, trazendo consigo Marick, juntamente com Stefny, o Protector Jona, Erny e Elona.

Marick fitou o Homem Pintado, mesmo que o capuz estivesse erguido e as mãos tatuadas escondidas pelas mangas largas da túnica.

— És... ele? — perguntou Marick.

O Homem Pintado puxou o capuz, expondo a pele tatuada e Marick ficou boquiaberto.

— És o Libertador? Tal como dizem? — perguntou.

O Homem Pintado abanou a cabeça.

— Sou apenas um homem que aprendeu a matar demónios.

Jona grunhiu.

— Tens alguma coisa na garganta, Protector? — perguntou o Homem Pintado.

— Os outros Libertadores nunca usavam o nome — disse Jona. — Todos receberam o título de terceiros. — O Homem Pintado fitou-o com desagrado, mas Jona limitou-se a baixar a cabeça.

— Suponho que não importará — disse Marick, apesar de parecer um pouco desapontado. — Não esperava que tivesses uma auréola.

— Que aconteceu? — perguntou o Homem Pintado.

— Há doze dias, os krasianos saquearam Forte Rizon — disse Marick. — Vieram de noite, passaram pelos povoados e eliminaram os guardas da muralha, abrindo os portões da cidade central com a primeira luz da aurora. Ainda dormíamos quando a matança começou.

— Vieram de noite? — perguntou Leesha. — Como é isso possível?

— Têm armas guardadas que matam os demónios — respondeu Marick. — Tal como a gente do Outeiro. Falam como se não houvesse nada no mundo mais importante do que matar demónios e como se a conquista de Rizon tivesse sido apenas algo para os manter ocupados até ao anoitecer.

— Continua — pediu o Homem Pintado.

— Bom — disse Marick —, é claro que cobiçavam os nossos silos de cereais porque foi a primeira coisa que capturaram. Os seus guerreiros mataram todos os homens que resistiram e possuíram todas as mulheres que pareciam suficientemente maduras para sangrar. — Olhou as mulheres presentes e corou.

— Não choca ouvir o que os homens fazem quando julgam que ninguém os punirá por isso — disse Elona, amargamente. — Prossegue com a história, Mensageiro.

Marick acenou afirmativamente.

— Terão matado milhares nessa primeira manhã e colocaram-se sobre as muralhas da cidade para manterem os sobreviventes no interior. Fomos espancados, amarrados e arrastados para dentro de armazéns, como se fôssemos gado.

— Como conseguiste fugir? — perguntou o Homem Pintado.

— A princípio, não me pareceu que alguma das ratazanas do deserto falasse uma língua civilizada — disse Marick. — Conhecia algumas palavras da areia que aprendi com outros Mensageiros, mas são quase só pragas e não servirão para começar uma conversa. Calculei que estaria perdido, mas, um dia depois, veio até nós um gordo que falava thesano com fluência. Começou a separar a realeza, os proprietários de terras, os artesãos e a levá-los ao duque krasiano. Eu estava entre eles.

— Viste o seu líder? — perguntou o Homem Pintado.

— Sim, vi esse maldito — respondeu Marick. — Levaram-me perante ele, preso e espancado e, quando me ouviu dizer que era guardador, libertou-me como se não tivesse acontecido nada. Até me deu uma bolsa de ouro para compensar o incómodo! Acho que esperou que lhes ensinasse as nossas guardas, mas saltei a muralha e fugi da cidade na manhã seguinte.

— O seu líder — insistiu o Homem Pintado —, o que vestia?

Marick pestanejou.

— Uma túnica branca aberta e um pano à volta da cabeça — disse.

— Com roupagem preta por baixo, como usam os guerreiros. E tinha uma coroa. Foi assim que o reconheci como sendo o duque.

— Uma coroa? — repetiu o Homem Pintado. — Tens a certeza? Não era apenas uma jóia presa ao turbante?

Marick acenou com a cabeça.

— Tenho a certeza. Era de ouro e coberta com jóias e guardas. Uma coisa fabulosa. Devia valer mais do que as coroas de todos os duques juntas.

— E este duque falava a nossa língua? — perguntou o Homem Pintado.

— Melhor do que alguns angieranos que conheço — respondeu Marick.

— Como se chama? — perguntou o Homem Pintado.

Marick encolheu os ombros.

— Acho que ninguém me disse o seu nome. Todos o tratavam por «Shamaka» ou algo parecido. Calculei que quisesse dizer «duque».

— Shar'Dama Ka? — perguntou o Homem Pintado.

— Isso mesmo — confirmou Marick. — Tal e qual.

O Homem Pintado praguejou entredentes.

— Que se passa? — perguntou-lhe Leesha, mas foi ignorada, vendo-o debruçar-se para o Mensageiro.

— Era desta altura? — perguntou, erguendo uma mão sobre a cabeça. — Com uma barba bifurcada e oleada e um nariz adunco?

Marick respondeu com um aceno afirmativo.

— Tinha com ele uma lança guardada? — perguntou o Homem Pintado.

— Todos as tinham — disse Marick.

— Recordarias a lança de que falo — disse o Homem Pintado.

Marick voltou a acenar com a cabeça.

— Era de metal. De ponta a ponta. E coberta com guardas gravadas.

O rugido que nasceu na garganta do Homem Pintado foi tão feroz que até Marick, habitualmente temerário, deu um passo atrás.

— O que se passa? — tornou a perguntar Leesha.

— Ahmann Jardir — disse o Homem Pintado. — Conheço-o.

— Que significa isto? — perguntou, mas o Homem Pintado ignorou a questão.

— Não importa — disse. — Continua — pediu, dirigindo-se a Marick. — Que aconteceu a seguir?

— Como disse, escalei a muralha e fugi da cidade assim que me libertaram — contou Marick. — Os povoados por onde passei estavam parcialmente abandonados quando cheguei. Assim que informados do ataque, foram inteligentes. Pegaram no que podiam transportar e fizeram-se à estrada antes que o sangue no empedrado da cidade central secasse. Os que eram demasiado fracos para viajar e os que receavam demasiado a noite ficaram para trás. Acho que foram mais os que ficaram do que os que partiram, mas, mesmo assim, o número de pessoas na estrada atingiu as dezenas de milhar. Comprei um cavalo a um velho que ficou para trás e galopei em diante. Alcancei as pessoas na estrada pouco depois. Os grupos eram demasiado grandes para permanecerem juntos.

Nenhuma cidade conseguiria absorvê-los a todos. A maioria foi para Lakton e para os povoados circundantes, onde bastará um anzol e uma linha para encher a barriga, mas os Jograis tinham muito a dizer sobre ti — apontou o Homem Pintado. — E os que acreditaram que eras realmente o Libertador, dirigiram-se para aqui. Precisava de voltar a Angiers para informar o duque, mas não me podia limitar a deixar as pessoas na estrada com tão poucos Guardadores. Foi por isso que coloquei os meus serviços à sua disposição.

— Tomaste a decisão correcta, Marick — disse Leesha, pousando-lhe uma mão sobre o braço. — Estas pessoas nunca teriam conseguido sem ti. Vai repousar na taberna enquanto discutimos as notícias que trouxeste.

— Tenho um quarto para ti no andar de cima — acrescentou Smitt. — Stefny conduzir-te-á.

O Homem Pintado ergueu o capuz assim que o Mensageiro partiu.

— O dia caminha para o fim. Se houver mais gente na estrada, preciso de garantir que verão o amanhecer.

Leesha acenou afirmativamente.

— Leva Gared contigo e tantos Lenhadores quantos conseguirem montar.

— Traz a capa — disse o Homem Pintado a Rojer. — Vens connosco. — Rojer acenou com a cabeça e dirigiram-se para a porta dos fundos.

— Precisarás de Guardadores — disse Erny, empurrando os óculos de aros de arame para cima e erguendo-se. — Vou convosco.

Elona levantou-se de imediato e segurou-lhe o braço.

— Não farás tal coisa, Ernal.

Erny pestanejou.

— Queixas-te sempre de não ser corajoso. E agora queres que me esconda quando há gente que precisa da minha ajuda?

— Não me provarás nada se morreres — disse Elona. — Há anos que não montas a cavalo.

— Ela tem razão, pai — disse Leesha.

— Não te metas nisto — disse-lhe Erny. — A aldeia pode obedecer-te, mas eu continuo a ser teu pai.

— Não há tempo para isto — considerou o Homem Pintado.

— Vens ou não?

— Não — disse Elona, com firmeza.

— Vou — respondeu Erny, libertando o braço das suas mãos e seguindo os outros homens para fora.



— Aquele idiota! — gritou Elona quando a porta se fechou. Os restantes entreolharam-se.

— Demorem o tempo que quiserem — disse Smitt. — Eu preciso de voltar para os clientes. — Saiu, juntamente com Stefny e Jona, deixando Leesha a sós com a sua mãe enfurecida.

— Vai ficar bem, mãe — disse-lhe Leesha. — Não estaria mais seguro em nenhum sítio do mundo do que em viagem com Rojer e o Homem Pintado.

— É um homem fraco! — disse Elona. — Não pode cavalgar com jovens. E o frio que vai apanhar! Não voltou a ser o mesmo depois da peste do ano passado.

— Curioso, mãe — considerou Leesha, surpreendida. — Parece que te importas realmente.

— Não me fales nesse tom — ripostou Elona. — Claro que me importo. É o meu marido. Se soubesses como é estar casada com alguém durante trinta anos, não dirias essas coisas.

Leesha quis responder no mesmo tom, gritando todas as coisas horríveis que a mãe fizera ao pai durante anos, incluindo a infidelidade repetida com o pai de Gared, Steave, mas a sinceridade do seu tom fê-la deter-se.

— Tens razão, mãe. Lamento — disse.

Elona pestanejou.

— Tenho razão? Acabas de dizer que tenho razão?

— Sim. — Leesha sorriu.

Elona abriu os braços.

— Abraça-me, rapariga. Enquanto dura. — Leesha riu-se e abraçou-a com força.

— Não lhe acontecerá nada — disse Leesha, tanto para a mãe como para si própria.

Elona acenou afirmativamente.

— Tens razão, claro. Pode ter um aspecto medonho, mas nenhum demónio conseguirá fazer frente ao teu amigo tatutado.

— As duas com razão na mesma noite e o pai não está aqui para presenciar — disse Leesha.

— Não acreditará — concordou Elona. Secou os olhos com um lenço e Leesha fingiu não notar.

— Era o mesmo Marick por quem tinhas um fraquinho? — perguntou Elona. — O que te levou para Angiers?

— Nunca tive nenhum fraquinho por ele — disse Leesha.

Elona não acreditou.

— Vende essa a quem não te conhecer. Toda a aldeia sabia que o desejavas, mesmo que fosses demasiado puritana para passar da vontade aos actos. E porque não? É um homem bem-parecido e, além disso, é Mensageiro. É um bom partido para qualquer mulher. Porque achas que provocava tantos ciúmes a Gared?

— Todos provocavam ciúmes a Gared, mãe — corrigiu Leesha.

Elona acenou afirmativamente.

— É igual ao pai. Homens simples governados pelas suas paixões. — Esboçou um sorriso nostálgico e Leesha percebeu que pensava em Steave, o seu primeiro amor, que morrera no ano anterior quando a peste contaminou o Outeiro do Lenhador e as guardas falharam.

— O Marick que vi quando ficámos sozinhos na estrada não era muito diferente — disse Leesha.

— E usaste truques de Herbanária para o repelir — supôs Elona. — Em vez de aproveitares para dar umas cambalhotas sem ninguém saber. — Era verdade. Leesha drogara Marick em segredo para lhe provocar impotência e impedir que se aproveitasse dela durante a viagem.

— Como tu terias feito? — perguntou Leesha, não conseguindo conter uma pontada de veneno na voz.

— Sim — respondeu Elona. — E porque não? Por algum motivo as saias podem erguer-se. As mulheres têm necessidades lá em baixo tal como os homens. Não te enganes a fingir o contrário.

— Sei que sim, mãe — disse Leesha.

— Sabes — continuou Elona — e, mesmo assim, continuas a trancar os teus saiotes e a acreditar que a privação faz de ti uma heroína. Como podes querer tratar os corpos do Outeiro quando não percebes as necessidades do teu?

Leesha não disse nada. A mãe tinha um talento perturbador para lhe ler a mente.

— Devias ir falar com Marick enquanto os teus outros pretendentes estão fora da aldeia — disse Elona. — Foi temperado pelos anos e pela tragédia e conseguiu portar-se como um herói. As pessoas lá fora não param de lhe tecer elogios. Talvez te agrade mais agora.

— Não sei... — disse Leesha.

— Vamos! — disse Elona. — Leva-lhe um prato de comida ao quarto e conversa com ele. Não tens de o deixar cobrir-te esta noite. — Sorriu e piscou-lhe o olho. — Ainda que, se o fizesses, aproveitarias melhor a noite do que a preocupares-te com os problemas que te esperam pela manhã.

Leesha não conseguiu evitar rir e voltou a abraçar a mãe.



Passaram várias vezes por cenários de matança. Cadáveres, isolados e em grupo, dilacerados pelos nuclitas quando a noite os surpreendeu sem abrigo.

O Homem Pintado amaldiçoou o que viam, fazendo Dançarino do Ocaso cavalgar com maior rapidez, não se dando ao trabalho de parar depois da primeira vez. Os que o seguiam, incluindo Gared e os Lenhadores, eram cavaleiros inexperientes e deixaram-se ficar muito para trás do seu poderoso garanhão. Mas não se importava. Havia refugiados na estrada, escorraçados dos seus lares por Ahmann Jardir, o homem a que fora tolo ao ponto de chamar amigo, e precisava de encontrar e proteger tantos quantos seria possível antes do anoitecer.

Culparia Jardir por cada vida perdida. Nucleado fosse se não o fizesse.

Mais de uma hora de viagem levou-os até um grande grupo de refugiados. O Sol estava tingido com as cores do ocaso, mas aquela gente continuava a trabalhar nas guardas. Tinham pintado os símbolos mágicos em tábuas, mas a área que precisavam de proteger tinha uma forma irregular e a rede não estava alinhada.

Galopou até ao limiar da rede de guardas, fazendo parar Dançarino do Ocaso e saltando com o seu estojo de Guardador. Houve quem gritasse ao vê-lo, mas ignorou-os, inspeccionando as guardas.

— É ele — sussurrou um dos Guardadores a outro. — O Libertador. — O Homem Pintado não lhe deu atenção, concentrando-se na tarefa. Virou algumas das guardas para que ficassem adequadamente alinhadas com as restantes, mas alterou muitas com carvão ou virou as tábuas ao contrário e substituiu os símbolos por completo.

Uma multidão rodeou-o. Seguravam-se uns aos outros e segredavam ao fitar as mãos tatuadas e tentavam espreitar por baixo do capuz. Ninguém se atreveu a aproximar-se e continuou a trabalhar sem interrupção. Quando os seus companheiros o alcançaram finalmente, Erny desceu com dificuldade do cavalo para ajudar. Rojer e os outros formaram uma barreira protectora entre o Homem Pintado e a multidão.

— Libertador! — gritou-lhe uma mulher. Olhou e viu que tentava em vão aproximar-se e era impedida pelos braços de Gared, fortes como troncos de árvore. Os seus olhos eram iluminados por um brilho fanático. Voltou a dedicar-se à sua tarefa.

— Por favor! — gritou a mulher. — A minha irmã ainda está na estrada.

O Homem Pintado fitou-a com intensidade.

— Ocupa-te das guardas — disse a Erny. — Recruta tantos dos seus Guardadores quantos te forem necessários. Deixarei arqueiros para te darem tempo de terminar. — Erny engoliu em seco, mas acenou afirmativamente e dirigiu-se aos Guardadores rizonanos, que se mantinham afastados com os restantes refugiados.

— Liberta-a — disse o Homem Pintado a Gared quando se acercou. Gared obedeceu de imediato e a mulher ajoelhou-se à sua frente, segurando-lhe os pés.

— Por favor, Libertador — disse. — A minha irmã está de esperanças. Não pode montar a cavalo. Ela e os nossos pais grisalhos não conseguiram acompanhar o grupo. Os nossos maridos pediram-me que levasse as crianças e ficaram para trás.

— E não conseguiram chegar até aqui — concluiu o Homem Pintado.

— A noite está prestes a cair — disse a mulher, chorando sobre os seus pés e segurando-lhe a bainha da túnica. — Por favor, Libertador. Salva-os.

O Homem Pintado baixou-se para ela, colocando-lhe a mão sob o queixo e fazendo-a erguer-se com gentileza.

— Não sou o Libertador — disse. — Mas prometo que salvarei a tua família,

se conseguir.

Voltou-se para Gared.

— Escolhe dois arqueiros para ficarem com Erny até as guardas ficarem concluídas — disse. — Os restantes virão comigo. — Gared acenou afirmativamente e, instantes depois, partiram do acampamento a grande velocidade, galopando de forma ainda mais frenética do que anteriormente.



Escurecera já quando os encontraram. Cinco pessoas, como dissera a mulher desesperada. Erguiam-se no interior de um minúsculo círculo guardado improvisado, rodeados por dúzias de nuclitas. Demónios da chama cuspiam labaredas e demónios do vento mergulhavam do alto. Havia até um demónio da rocha, erguendo-se acima dos restantes.

De cada vez que os demónios golpeavam, fazendo as guardas cintilar, Rojer via os buracos na rede. Tinham tamanho mais do que suficiente para permitir a passagem de um demónio.

Os dois homens jovens erguiam-se junto a estes buracos, atacando com forquilhas para rechaçar os demónios enquanto um casal idoso se ocupava do motivo óbvio do seu atrasado.

A jovem no centro do círculo dava à luz.

O Homem Pintado rugiu e impeliu o garanhão em diante, avançando à frente dos outros. Livrou-se da túnica, que flutuou até ao chão atrás de si. Gared e os Lenhadores gritaram e seguiram-no, erguendo os machados guardados enquanto galopavam para o inimigo.

O Homem Pintado dirigiu Dançarino do Ocaso para o demónio da rocha, com os chifres de metal guardado presos aos arreios do cavalo crepitando de poder assim que penetravam a carapaça negra do abdómen do demónio. Saltou do cavalo quando o demónio foi projectado para trás, segurando um dos seus chifres enquanto o nuclita caía e esmurrando-o repetidamente na garganta com punhos guardados até o adversário ficar deitado por terra.

Ergueu-se num instante, lançando-se sobre um demónio da chama e arrancando-lhe a mandíbula inferior. Os Lenhadores alcançaram-no, deflectindo sopros de chama com os escudos guardados e golpeando os demónios com os

machados, como se cortassem lenha.

Wonda e os arqueiros optaram por uma táctica alternativa, fazendo parar os cavalos dúzias de metros mais atrás e mirando os demónios do vento que preenchiam o céu. Desabaram do alto, um após outro, com hastes coroadas de penas projectando-se da pele grossa que lhes revestia os corpos.

Rojer desmontou, deixando o cavalo com os arqueiros, e ergueu o violino, tocando em corrida para o pequeno círculo. À semelhança das Capas de Invisibilidade de Leesha, a música tornava-o invisível aos olhos dos nuclitas à medida que avançava entre eles, mas sem necessidade de abrandar o passo. Momentos depois, estava dentro do círculo e mudou a melodia para as notas agressivas que repeliriam os demónios da família.

A jovem gritava enquanto a batalha prosseguia em seu redor, com sangue negro de demónio voando pelo ar nocturno. Os seus pais faziam o que podiam para a tornar confortável, mas era claro pela sua atrapalhação que não sabiam como assistir ao parto.

— Precisa de ajuda! — gritou Rojer. — Precisamos de a levar a uma Herbanária!

O Homem Pintado afastou-se dos demónios e colocou-se junto a Rojer. Vestia apenas uma tanga e a pele tatuada estava coberta de sangue negro. Os rizonanos recuaram, assustados, mas a rapariga nem sequer percebeu.

— Traz a minha bolsa de ervas — disse o Homem Pintado, ajoelhando perante a rapariga e examinando-a com um toque surpreendentemente delicado. — Romperam-se as águas e as contracções estão próximas. Não há tempo para a levar até uma Herbanária.

Rojer correu até Dançarino do Ocaso, mas o garanhão estava enfurecido pela batalha, esmagando sob os cascos um par de demónios da chama sobre neve e lama. Apertando à sua volta a capa guardada, Rojer ergueu novamente o violino. Tal como sucedia com os nuclitas, a magia especial de Rojer tocou a besta e, em pouco tempo, o cavalo acalmou-se e Rojer pôde retirar a preciosa bolsa de ervas.

Levou-a ao Homem Pintado que, prontamente, começou a reduzir ervas a pó e a misturá-las com água. A família da rapariga mantinha-se afastada, observando a cena com horror à medida que os Lenhadores devastavam demónios à sua volta.

— Sabes o que fazes? — perguntou Rojer, nervoso, enquanto o Homem

Pintado fazia chegar a poção aos lábios da mulher, entre gemidos.

— Fui aprendiz de uma Herbanária durante seis meses como parte da minha formação como Mensageiro — respondeu o Homem Pintado. — Já vi outros fazê-lo.

— Viste?! — repetiu Rojer.

— Queres substituir-me? — perguntou o Homem Pintado, olhando-o. Rojer empalideceu e abanou a cabeça. — Então limita-te a tocar esse maldito violino e afasta os demónios para eu trabalhar. — Rojer acenou afirmativamente e ergueu novamente o arco até às cordas.

Horas depois, com o clamor da batalha a amainar, um grito intenso ecoou pela noite. Rojer olhou o bebé choroso e sorriu.

— Pelo menos a essa criança não poderás negar que te chame Libertador — disse-lhe.

O Homem Pintado franziu o sobrolho e Rojer riu-se.

Leesha levou o tabuleiro fumegante pelos degraus da estalagem de Smitt, sentindo o coração acelerado. Ponderara entregar-se a Marick em duas ocasiões anteriores, não podendo negar que era belo e inteligente. Das duas vezes, o carácter de Marick falhara no momento chave, fazendo Leesha sentir que, na mente do Mensageiro, as necessidades dela eram superadas pelas suas. Isto se lhe importassem sequer as necessidades alheias.

Mas a mãe voltara a estar certa. Como acontecia frequentemente, mesmo que usasse a clareza de espírito para atacar os outros. Leesha estava cansada da solidão e sabia no seu coração que nunca poderia contar com Arlen para suprimir essa mágoa. Desejou, não pela primeira vez, conseguir ver Rojer à mesma luz, mas era impossível. Amava Rojer, mas não tinha qualquer desejo de partilhar com ele o seu leito. Marick mostrara ao povo de Forte Rizon que era um homem com quem se podia contar nos momentos de necessidade. Talvez estivesse na altura de ignorar os seus erros passados.

Alisou o vestido e sentiu-se tola por fazê-lo. Bateu à porta.

— Sim? — disse Marick, ao abrir a porta. Estava sem camisa e com a pele húmida, depois de se servir da bacia de água morna no seu quarto. Arregalou os

olhos ao ver Leesha.

— Não queria incomodar — disse Leesha. — Pensei apenas que apreciarias uma refeição quente antes de dormir.

— Eu... sim... obrigado — respondeu Marick, alcançando a túnica e vestindo-a. Leesha afastou o olhar enquanto o fez, apesar de a imagem do seu corpo musculado lhe permanecer na mente.

Marick recebeu o tabuleiro, inspirando profundamente o seu aroma e levando-o até à pequena mesa equipada com uma cadeira junto à cama. Ergueu a tampa, descobrindo um naco quente de carne, humedecido em molho e aninhado entre batatas com especiarias e legumes cozidos frescos.

— A comida no Outeiro do Lenhador não tardará a faltar — disse Leesha. — Mas as provisões de Smitt vão resistir pelo menos uma noite.

— Uma cama seria conforto suficiente depois de dormir sobre a neve durante quase duas semanas — disse Marick. — A comida é uma bênção do Criador. — Mordeu a carne e Leesha sentiu-se estranhamente satisfeita ao vê-lo comer o que preparara. Recordava vagamente a sensação de quando estivera prometida a Gared e cozinhara para ele pela primeira vez. Parecia-lhe ter acontecido um século antes, noutra vida.

— Estava delicioso — disse Marick, quando acabou, limpando a boca com a manga.

— É um agradecimento pequeno pelo que fizeste — tornou Leesha. — Conduziste aquela gente à segurança quando necessitavam.

— Mesmo depois de ter falhado quando tu necessitaste? — perguntou Marick. Leesha olhou-o, surpresa. — No ano passado — disse Marick —, quando a peste chegou ao Outeiro e precisaste de voltar para casa. Fiz... exigências injustas em troca do meu auxílio.

— Marick... — começou Leesha, baixando a voz.

— Não. Deixa-me falar — interrompeu Marick. — Quando estávamos na estrada a caminho de Angiers, senti-me tão enlevado por ti que acreditei que criaríamos filhos juntos em menos de um ano. Mas depois, na tenda, quando não consegui... ser um homem contigo...

— Marick... — tentou novamente Leesha.

— Enlouqueceu-me — disse Marick. — Senti que precisava de me afastar de ti, mas, quando o fiz, não consegui tirar-te da cabeça, mesmo quando... me

deitava com outras mulheres. — Afastou o olhar. — Quando voltei a ver-te — prosseguiu —, senti-me tão... duro que quis compensar rapidamente o meu fracasso anterior antes que alguma coisa pudesse impedi-lo. Foi injusto para ti e lamento.

Leesha pousou-lhe uma mão sobre o braço.

— Não sou uma criança — disse. — Fui tão responsável pelo que aconteceu como tu. — Era mais verdade do que ele alguma vez saberia e, naquele momento, sentiu-se horrorizada pelo que fizera. Na altura, parecera-lhe correcto, mas a verdade é que o tinha drogado e usado para seu benefício, deixando-o marcado pela provação durante anos. Talvez Rojer estivesse certo e fosse mais parecida com a mãe do que pensava.

— É amável que o digas — considerou Marick, apertando-lhe o braço. — Mas ambos sabemos que não é verdade. Agrada-me que tenhas conseguido voltar para casa — acrescentou. — E sem teres de abdicar da tua virtude.

Leesha inclinava-se para ele, mas recuou ao ouvir aquelas palavras porque a sua virtude lhe fora roubada na viagem por bandidos na estrada que aproveitaram a ausência de escolta adequada. Tudo por culpa da impaciência de Marick e da sua incapacidade para pensar nos outros antes de pensar em si próprio.

Marick pareceu não notar a mudança de comportamento. Riu-se e abanou a cabeça.

— Continua a espantar-me ver como mandas no Outeiro. Que aconteceu à rapariga meiga que fazia voltar as cabeças de todos os homens que a viam? Da noite para o dia, transformaste-te em Bruna, a Bruxa. Aposto que até os nuclitas passaram a recear-te.

Bruna, a Bruxa? Seria assim que as pessoas a viam? Como a velha solitária que intimidava todos os aldeãos? Teria sido nisso que se transformara quando a virtude lhe foi roubada?

A mãe também sentiu a mudança. «Estava na altura de acontecer de alguma forma», dissera Elona. E também: «Suponho que te terá feito bem.»

Leesha abanou a cabeça para afastar a ideia, sentindo que o momento que estiveram prestes a partilhar se dissipara.

— Quais são os teus planos? — perguntou. — Ajudar-nos-ás a caçar mais sobreviventes na estrada ou pretendes levar o teu grupo de refugiados

directamente para Angiers?

Marick olhou-a, surpreso.

— Nem uma coisa nem outra.

— Que queres dizer com isso? — perguntou Leesha.

— Agora que os rizonanos estão a salvo, chegou a altura de seguir caminho — disse Marick. — O duque precisa de ser informado do ataque dos krasianos e já permiti que me atrasassem tempo suficiente.

— Que te atrasassem? — repetiu Leesha. — As suas vidas dependiam de ti!

Marick acenou com a cabeça.

— Não podia abandonar gente na estrada sem abrigo, mas já o têm. Não sou rizonano. Não continuarei responsável por eles.

— Mas o Outeiro do Libertador não poderá abrigá-los a todos! — gritou Leesha.

Marick encolheu os ombros.

— Informarei o duque. Que seja ele a resolver o problema.

— Não são um problema, Marick. São pessoas! — disse Leesha.

— Que esperas que faça? — perguntou Marick. — Que dedique o resto da minha vida a zelar por eles? Não é esse o trabalho de um Mensageiro.

— Então ainda bem que não acabámos a criar filhos juntos — replicou Leesha. — Goza a cama, Mensageiro. — Levou o tabuleiro e saiu, batendo com a porta atrás de si.



— Que vamos fazer? — perguntou Smitt. Leesha convocara uma reunião tardia do conselho da aldeia para discutir a revelação de Marick de que deixava os refugiados no Outeiro do Libertador e partiria sozinho com o amanhecer.

— Acolhê-los, claro — respondeu Leesha. — Abriremos os nossos lares enquanto os ajudamos a construir os seus. Não podemos abandonar esta gente sem comida nem abrigo.

— A grande guarda não conseguirá acomodar tantas casas novas — disse Smitt.

— Então construiremos outra — disse Leesha. — Temos quase duas mil mãos para fazer o trabalho e quilómetros de floresta de matéria-prima.

— Não querendo tirar importância às guardas — disse Darsy —, mas como conseguiremos alimentar tantas bocas a meio do Inverno? Se continuarem a chegar, não tardaremos a comer neve.

Leesha ponderara o mesmo problema.

— Todas as jovens do Outeiro aprenderam a disparar o arco. Fá-las-emos caçar e os rapazes montarão armadilhas.

— Isso será apenas uma solução temporária — disse Vika.

Leesha concordou com um aceno.

— A raiz-rolheira pode ser dura e amarga, mas é suficientemente nutritiva, cresce em qualquer lado e sobrevive durante todo o ano. As crianças mais novas poderão recolhê-la e pensarei numa forma de a cozinhar e temperar em grandes quantidades. Se não bastar, há árvores com casca comestível e até insectos servirão para encher um estômago faminto.

— Ervas e insectos? — perguntou Elona. — Pedirás às pessoas que comam bichos?

— Estou a assegurar que não morrem de fome, mãe — disse Leesha. — Se tiver de comer bichos à sua frente para dar o exemplo, fá-lo-ei.

— Muito bem — disse Elona. — Mas não esperes que faça o mesmo.

— Terás o teu papel a desempenhar — disse Leesha.

Elona olhou-a.

— Não vou transformar a minha casa numa estalagem para todos os vagabundos trazidos pela estrada.

Leesha suspirou.

— Escurece, mãe. É melhor que vás para casa. Falamos de manhã.

Os outros encararam as palavras como significando o fim da reunião e saíram atrás de Elona, deixando Leesha a sós com Stefny.

— Não te preocupes — disse Stefny. — De certeza que a tua mãe estará mais que disposta a fazer o que lhe cabe e abrirá a casa aos homens rizonanos com todo o gosto.

Leesha olhou-a com desagrado.

— A minha mãe não é a única mulher da aldeia que violou os votos de casamento — recordou-lhe. O filho mais novo de Stefny, Keet, quase com vinte anos, era filho não de Smitt, mas do Protector anterior da aldeia, Michel. Smitt e o resto da aldeia continuavam sem saber, mas Bruna, que assistira ao parto,

sempre soubera.

— Nunca cometas o erro de pensar que os segredos de Bruna morreram com ela — advertiu Leesha. — Guarda para ti a hipocrisia.

Stefny empalideceu e acenou debilmente com a cabeça. Leesha não conteve um ronco divertido ao ver a velocidade com que saía e, de repente, apercebeu-se de que soava tal e qual como Bruna.



Passou-se mais de uma semana desde a partida de Marick, com louvores e adulação daqueles que desertava, até ao regresso do Homem Pintado e de Rojer. Erny e os Lenhadores tinham chegado à aldeia nos primeiros dias, trazendo com eles grupos de refugiados, mas o Homem Pintado e Rojer não paravam de se distanciar mais e mais e todos os que chegavam ao Outeiro contavam como os haviam encontrado.

Leesha orgulhava-se de Arlen e de Rojer pelas vidas que salvavam, mas, quando regressaram, chegara tanta gente que se tornava desesperante alimentá-los a todos, mesmo com ervas e insectos.

— Aproximámo-nos tanto de Rizon como nos atrevemos — disse Rojer, sobre chá quente na cabana de Leesha no dia em que regressaram. — Acho que encontrámos todos os que seguiram pela estrada, apesar de ser provável que alguns se tenham afastado para cortar caminho. Os krasianos estabeleceram-se em força e enviam patrulhas regulares pela estrada.

— Estabeleceram-se apenas de forma temporária — disse o Homem Pintado. — Não tardarão a movimentar-se.

— De volta ao maldito deserto, espero — disse Rojer.

O Homem Pintado abanou a cabeça.

— Não. Conquistarão Lakton e, a seguir, rumarão a norte, direitos ao Outeiro.

Leesha sentiu a face gelar e Rojer pareceu agoniado.

— Como podes saber isso? — perguntou.

— Os krasianos acreditam que Kaji, o primeiro Libertador, unificou as tribos de Krasia e, a seguir, atravessou o deserto, passando duas décadas a conquistar as terras do Norte — explicou o Homem Pintado. — Chamou-lhe Sharak Sun, a Guerra Diurna, e o seu objectivo foi angariar homens para a Sharak Ka, a grande

guerra santa contra os demónios. Se Ahmann Jardir acredita ser o Libertador renascido, tentará seguir o mesmo caminho.

— Que podemos fazer? — perguntou Leesha.

— Construir defesas — respondeu o Homem Pintado. — Lutar contra eles até ao fim das nossas forças.

Leesha abanou a cabeça.

— Não aceitarei tal coisa. Não falamos de matar demónios, Arlen. São seres humanos.

— Julgas que não o sei? — disse o Homem Pintado. — Tenho amigos krasianos, Leesha! Podes dizer o mesmo? — Leesha fitou-o,
chocada, mas recuperou e abanou a cabeça. — Não te enganes — prosseguiu o Homem Pintado, baixando um pouco a voz, mas mantendo a veemência. — Os krasianos acreditam que todos os habitantes do Norte são inferiores ao mais baixo entre eles. Podem mostrar-se misericordiosos para com líderes que possam usar para os seus fins, mas não haverá idênticas concessões à gente comum. Matarão ou escravizarão todos os que não jurem submissão completa a Jardir e ao Evejah. Temos de lutar.

— Podemos recuar para Angiers — disse Leesha. — Para nos abrigarmos dentro das muralhas.

O Homem Pintado abanou a cabeça.

— Não lhes podemos ceder terreno. Conheço-os. Se mostrarmos medo e recuarmos, acharão que somos fracos e isso servirá apenas para intensificarem o ataque.

— Continuo a não aprovar — disse Leesha.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

— A tua aprovação é irrelevante. A boa notícia é que duvido que tenham mais de seis mil guerreiros em idade de lutar. A má notícia é que o mais fraco entre estes conseguirá derrotar três Lenhadores e, quando estiverem prontos para avançar, terão recrutado um exército de milhares de escravos em Rizon.

— Como esperas que lutemos contra tamanha força? — perguntou Rojer.

— Com unidade — respondeu o Homem Pintado. — Precisamos de iniciar de imediato o diálogo com Lakton, enquanto as linhas de comunicação estão abertas. E pediremos aos duques de Angiers e Miln para porem de parte as suas divergências e para mostrarem empenho na defesa comum.

— Quanto ao duque de Miln, não sei — disse Rojer —, mas cresci na corte de Rhinebeck quando o meu mestre Arrick era seu arauto. Rhinebeck mais facilmente poria de parte as divergências com os nuclitas do que com o duque Euchor.

— Nesse caso, teremos de o convencer pessoalmente — disse Leesha. Olhou o Homem Pintado. — Todos nós.

O Homem Pintado suspirou.

— É melhor não ir a Lakton. Não sou bem-vindo.

— Então é verdade o que se conta? — perguntou Rojer. — Os mestres das docas tentaram matar-te?

— De certa forma — respondeu.



Rojer sentou-se na concha acústica nessa noite, tocando para apaziguar as centenas de refugiados que ainda ocupavam tendas no Cemitério dos Nuclitas. Muitos aproximaram-se e sentaram-se junto à concha, deleitando-se com o brilho quente da grande guarda e deixando-se enfeitiçar por Rojer. A música elevava-os e transportava-os para longe, para esquecerem, pelo menos durante algum tempo, que as suas vidas tinham sido despedaçadas.

Parecia uma oferenda terrivelmente inadequada, mas era tudo o que tinha para lhes dar. Manteve a máscara de Jogral posta, não lhes permitindo que vissem o desespero que sentia por dentro.

O Protector Jona esperava-o quando parou de tocar. O sacerdote era jovem, não chegara ainda aos trinta, mas era amado pelos outeireiros e ninguém trabalhara com maior afinco para trazer conforto e suprir as necessidades dos refugiados. Além de organizar a maior parte dos racionamentos de comida e abrigo, o Protector caminhava entre os refugiados, aprendendo os seus nomes e fazendo-os perceber que não estavam sozinhos. Entoou preces pelos mortos, encontrou quem cuidasse dos órfãos e casou amantes unidos pela tragédia.

— Obrigado por fazeres isto — disse Jona. — Senti os seus espíritos animarem ao ouvirem-te tocar. Também o meu se animou.

— Actuarei todas as noites em que não seja necessário noutra parte — disse Rojer.

— Abençoado sejas — disse-lhe Jona. — A tua música dá-lhes forças.

— Gostava que também me desse forças a mim — confidenciou Rojer. — Por vezes, parece-me que, no meu caso, sucede o oposto.

— Disparate — disse Jona. — A força de espírito não é algo finito, para que um homem tenha de a perder se há outro a ganhá-la. O Criador concede força e fraqueza a todos nós. O que te faz sentir fraco, meu filho?

— Filho? — Rojer riu-se. — Não faço parte do teu público, Protector. Tenho o meu violino — ergueu o instrumento. — E tu tens o teu. — Apontou com o arco o Cânone pesado e encadernado a couro que Jona segurava nas mãos.

Percebeu que as suas palavras magoaram o Protector e que este merecia melhor, mas a sua disposição estava negra e Jona escolhera o momento menos adequado para se mostrar condescendente. Esperou que o sacerdote lhe gritasse, preparado e disposto para retribuir os gritos.

Mas Jona nunca se irritava. Guardou o livro numa sacola que trazia para esse propósito e estendeu as mãos, mostrando que estavam vazias.

— Diz-mo como a um amigo. E como o dirias a alguém que compreende a tua dor.

— Como podes compreender a minha dor? — perguntou Rojer, elevando a voz.

Jona sorriu.

— Também a amo, Rojer. Acho que nunca conheci um homem que não a amasse. Costumava vir aqui quase todos os dias para ler no templo e conversávamos durante horas. Vi-a conceder atenções a homens que não a mereciam sem nunca notar que também eu era um homem.

Rojer tentou manter a máscara de Jogral, mas havia uma honestidade no tom de Jona que superava as suas defesas.

— Como lidaste com isso? Como se deixa de amar alguém?

— O Criador não criou o amor como algo condicional — disse Jona. — O amor é o que nos torna humanos. O que nos separa dos nuclitas. Existe valor no amor, mesmo quando não é retribuído.

— Continuas a amá-la? — perguntou Rojer.

Jona acenou afirmativamente.

— Mas amo a minha Vika e os nossos filhos ainda mais. O amor é tão infinito como o espírito. — Colocou uma mão sobre o ombro de Rojer. — Não desperdices anos a lamentar o que não têm em comum. Ao invés, valoriza o que

têm. E, se algum dia precisares de falar com alguém que compreenda a tua provação, procura-me. Prometo deixar o Cânone na sacola.

Aplicou a Rojer uma palmada amigável no ombro e afastou-se, fazendo-o sentir que um peso lhe tinha sido erguido de cima.



As lanternas estavam acesas na cabana de Leesha quando Rojer chegou e a porta da frente aberta. Esquecendo a capa guardada, Rojer afastara os nuclitas com o violino, o que significava que Leesha o ouvira muito antes de chegar.

Era um ritual que partilhavam. Leesha estava sempre acordada e ocupada, mas deixava a porta aberta quando ouvia o seu violino à distância. Rojer encontrava-a com o nariz num livro ou a bordar, a moer ervas ou a tratar do jardim.

Parou de tocar quando chegou ao passadiço guardado de Leesha e a noite fria tornou-se silenciosa além dos guinchos dos demónios. Mas, no silêncio entre os gritos dos nuclitas, Rojer ouviu chorar.

Encontrou Leesha encolhida numa antiga cadeira de balouço, enrolada num xaile velho e esfarrapado. Pertencera à sua professora, Bruna, e Leesha procurava sempre uma resposta nos dois objectos quando sentia dúvidas.

Tinha os olhos vermelhos e inchados e o lenço amarrotado na mão estava encharcado. Rojer olhou-a e compreendeu o que Jona dissera sobre valorizar o que tinham em comum. Mesmo quando se sentia tão mal, deixava-lhe a porta aberta. Os outros homens na sua vida poderiam dizer o mesmo?

— Não continuas zangado comigo? — perguntou Leesha.

— Claro que não — tornou Rojer. — Gastámos saliva os dois. Foi só isso.

Leesha esboçou um sorriso forçado.

— Fico feliz.

— Tens o lenço ensopado — disse Rojer. Moveu o punho, retirando um dos muitos lenços coloridos da sua manga. Estendeu-lho, mas, quando Leesha tentou apanhá-lo, atirou-o ao ar, apressando-se a acrescentar muitos mais, como se tivessem surgido do nada. Rojer começou a fazer malabarismo, criando um círculo de tecido colorido que flutuava em redor. Leesha riu-se e aplaudiu.

Arrick, o seu mestre, conseguia fazer malabarismo com qualquer coisa à sua volta, mas, com a mão mutilada de Rojer, os lenços eram a única coisa que

conseguia manter em movimento constante.

— Escolhe uma cor.

— Verde — disse Leesha e, mais depressa do que o seu olhar conseguiu ver, a mão de Rojer alcançou o lenço verde e atirou-lho, fazendo com que parecesse ter-se projectado do círculo por vontade própria. Apanhou os restantes e voltou a guardá-los enquanto Leesha secava a face.

— O que foi? — perguntou.

— Não basta termos os demónios a caçar-nos à noite — disse Leesha. — Agora, os homens começaram a matar-se uns aos outros durante o dia. Arlen quer que lutemos contra ambos, mas poderei suportá-lo?

— Não me parece que tenhas grande escolha — disse Rojer. — Se estiver certo, a Guerra Diurna há-de encontrar-nos com ou sem o nosso acordo.

Leesha suspirou, apertando com força o xaile à sua volta, mesmo que as guardas de aquecimento em redor do pátio mantivessem uma temperatura agradável.

— Lembras-te da noite na caverna?

Rojer acenou afirmativamente. Fora no Verão anterior, alguns dias depois de o Homem Pintado os ter salvo na estrada. Os três tinham procurado abrigo da chuva e, no interior da gruta, Leesha soubera que Rojer e o Homem Pintado tinham matado os bandidos que os tinham roubado aos dois e que a tinham violentado. Sentira-se furiosa com eles e chamara-lhes assassinos.

— Sabes por que me senti tão irritada contigo e com Arlen? — perguntou. Rojer abanou a cabeça. — Porque poderia ter matado aqueles homens se quisesse. — Levou a mão ao bolso do vestido, retirando uma agulha fina coberta com uma substância esverdeada. — Trago comigo estas agulhas para abater animais enlouquecidos –

explicou. — Mantenho-as no bolso do vestido porque são demasiado perigosas para guardar na bolsa de ervas ou no avental, que dispo ocasionalmente. Nenhum homem sobreviveria à picada de uma destas agulhas e até um simples arranhão poderá ser fatal com o passar do tempo.

— Daqui para a frente, terei tento na língua diante de ti — disse Rojer. Mas Leesha não se riu.

— Tinha uma na mão livre quando lancei o pó cegante ao chefe dos bandidos — recordou. — Se tivesse atingido o mudo com a agulha quando me segurou,

teria morrido antes que o chefe recuperasse e poderia tê-lo picado também a ele.

— E eu ocupar-me-ia do terceiro — disse Rojer. Ergueu uma mão vazia e, subitamente, segurava uma faca. Moveu a mão rapidamente e fez rodar a faca no ar. — Porque não o fizeste?

— Porque uma coisa é matar um nuclita — explicou Leesha. — E outra é a morte de uma pessoa. Mesmo que seja uma pessoa má. Queria fazê-lo. Por vezes, chego a olhar para trás e a desejar tê-lo feito. Mas, quando a oportunidade surgiu, não o fiz.

Rojer olhou a faca na sua mão por um momento. A seguir, suspirou e voltou a guardá-la na bainha especial no antebraço, abotoando o punho.

— Acho que também não o faria — admitiu, tristemente. — Comecei a aprender truques com facas aos cinco, mas é tudo para o espectáculo. Nunca sequer cortei alguém.

— Quando percebi que não conseguiria fazê-lo, parei de resistir quando me empurraram para o chão — disse Leesha. — Noite! Até cuspi na mão para me humedecer quando o primeiro começou a desapertar as calças. Mas, mesmo quando me deixaram a soluçar na terra, não desejei tê-los matado.

— Desejaste que te tivessem matado a ti — disse Rojer.

Leesha limitou-se a acenar afirmativamente.

— Senti o mesmo quando mestre Jaycob foi morto — disse Rojer.
— Não quis vingar-me, quis apenas que a dor terminasse.

— Lembro-me — disse Leesha. — Imploraste-me que te deixasse morrer.

Rojer admitiu com um gesto.

— Foi isso que me levou a acompanhar o Homem Pintado ao acampamento dos bandidos.

— Por mim? — perguntou Leesha.

Rojer abanou a cabeça.

— Aqueles homens precisavam de ser abatidos como um cavalo tresloucado, Leesha. Não fomos os primeiros que roubaram e não teríamos sido os últimos, sobretudo quando passaram a ter o meu círculo portátil. Mas não os matámos. O Homem Pintado aproximou-se e resgatou o teu cavalo. Eu apanhei o círculo e fugimos. Ainda respiravam e estavam relativamente intactos quando os deixámos.

— Alimento para os demónios — disse Leesha.

Rojer encolheu os ombros.

— O Homem Pintado tinha matado a maior parte dos demónios em redor. Não vimos nenhum quando fomos ao seu acampamento e a madrugada estava a poucas horas de distância. Demos-lhes mais hipóteses do que eles a nós.

Leesha suspirou, mas não disse nada. Rojer olhou-a.

— Por que chamam uma Herbanária para abater um animal? Qualquer machado ou malho faria o mesmo.

Leesha encolheu os ombros.

— Não se conseguem forçar a matar um animal leal ou esperam que consiga curá-lo. Mas, por vezes, não consigo e o animal sofre. As agulhas são rápidas e misericordiosas.

— Talvez o Homem Pintado também o seja — disse Rojer.

— Dizes que devemos lutar contra os krasianos? — perguntou Leesha.

Rojer encolheu os ombros.

— Não sei. Mas acho que precisamos de manter uma agulha por perto, mesmo que não a usemos.

Dezesseis

Uma Taça e Um Prato

333 DR Primavera

LEESHA OBSERVOU ENQUANTO WONDA E GARED se defrontavam no Cemitério dos Nuclitas, contornando-se lentamente. Wonda era mais alta do que qualquer outra mulher no Outeiro, incluindo as refugiadas, mas o gigantesco Gared conseguia fazê-la parecer minúscula. Tinha quinze anos e Gared quase trinta. Mesmo assim, a expressão de Gared era de concentração intensa ao passo que a face de Wonda estava calma.

Subitamente, Gared avançou, tentando agarrá-la, mas Wonda segurou-lhe o pulso com uma mão e rodopiou, pressionando-lhe o cotovelo com força e servindo-se da outra mão enquanto dava um passo ao lado e usava a força do ataque para o lançar sobre as pedras.

— Pelo Núcleo! — rugiu Gared.

— Muito bem — disse o Homem Pintado, louvando Wonda que estendia a mão a Gared para o ajudar a erguer-se. Desde que começara as lições de sharusahk aos aldeãos, Wonda revelara ser a sua melhor aluna.

— O sharusahk ensina a usar a força do inimigo — recordou o Homem Pintado a Gared. — Não podes usar os mesmos golpes selváticos que aplicas aos nuclitas.

— Ou a uma árvore — acrescentou Wonda, fazendo rir muitas das alunas femininas. Os Lenhadores olharam-nas com desagrado. Vários tinham sido derrotados por alunas, algo a que nenhum homem estava habituado.

— Tenta outra vez — disse o Homem Pintado. — Mantém os membros próximos e concentra-te no teu ponto de equilíbrio. Não baixes as defesas. E tu

— acrescentou, voltando-se para Wonda —, não te tornes demasiado confiante. O dal'Sharum mais fraco supera em muitos anos os teus parcos meses de treino. Serão eles o teu verdadeiro teste. — Wonda acenou afirmativamente e o sorriso desapareceu. Os dois contendores curvaram-se um para o outro e recomeçaram a contornar-se.

— Aprendem depressa — disse Leesha, quando o Homem Pintado se aproximou do local onde se erguia junto a Rojer. Leesha nunca treinava com os outros outeireiros, mas observava com atenção cada dia de treino de sharukin, com a mente hábil catalogando cada movimento.

Novamente, Wonda fez cair Gared de costas. Leesha abanou a cabeça.

— É realmente uma arte magnífica. Lamento que o seu único propósito seja matar e ferir.

— Os seus inventores não são diferentes — disse o Homem Pintado. — Brilhantes, belos e absolutamente mortíferos.

— E estás certo de que vêm aí? — perguntou Leesha.

— Não tenho qualquer dúvida — respondeu o Homem Pintado.
— Por mais que desejasse o contrário.

— Que achas que fará o duque Rhinebeck? — perguntou.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

— Estive perante ele um punhado de vezes nos meus tempos de Mensageiro, mas conheço mal o seu coração.

— Não há grande coisa para conhecer — disse Rojer. — Rhinebeck passa o seu tempo a fazer três coisas: contar dinheiro, beber vinho e deitar-se com noivas cada vez mais jovens, esperando que uma delas lhe dê um herdeiro.

— A sua semente não germina? — perguntou Leesha, surpreendida.

— Não diria isso em qualquer sítio onde ele pudesse ouvi-lo — advertiu Rojer. — Enforcou Herbanárias por insultos menores. Culpa as esposas.

— Como sempre — disse Leesha. — Como se uma semente defeituosa os tornasse menos homens.

— E não torna? — perguntou Rojer.

— Não sejas absurdo — disse Leesha. Mas até o Homem Pintado a olhou com incerteza. — Seja como for — continuou —, a fertilidade era uma das especialidades de Bruna e ensinou-me bem. Talvez consiga conquistar-lhe a confiança com uma cura.

— Confiança? — repetiu Rojer. — Por isso, faria de ti a sua duquesa e caber-te-ia ser mãe do seu herdeiro.

— Não importa — disse o Homem Pintado. — Mesmo que as tuas ervas consigam despertar a sua semente, poderão passar-se meses até existirem provas que o confirmem. Precisaremos de persuasão mais directa.

— Mais directa do que um exército de guerreiros do deserto à sua porta? — perguntou Rojer.

— Rhinebeck precisará de se mobilizar muito antes disso se deseja ter alguma esperança de travar Jardir — explicou o Homem Pintado. — E os duques não são homens que aceitem correr riscos sem grande convencimento.

— Também terás de enfrentar os irmãos de Rhinebeck — lembrou Rojer. — O príncipe Mickael ocupará o trono se Rhinebeck morrer sem um herdeiro e o príncipe Pether é Pastor dos Protectores do Criador. Thamos, o mais novo, lidera a guarda de Rhinebeck, os Guardas Silvestres.

— Algum deles será permeável a ver a razão? — perguntou Leesha.

— Pouco provável — respondeu Rojer. — Quem deveremos convencer será Lorde Janson, o primeiro-ministro. Nenhum dos príncipes conseguiria encontrar as botas sem Janson. Nada acontece em Angiers que Janson não registe meticulosamente nos seus livros e a família real delega nele quase tudo.

— Então, se Janson não nos apoiar, será pouco provável que o duque o faça — disse o Homem Pintado.

Rojer acenou afirmativamente.

— Janson é um cobarde — advertiu. — Conseguir que concorde com uma guerra... — Encolheu os ombros. — Não será fácil. Poderás ser forçado a recorrer a outros métodos. — O Homem Pintado e Leesha olharam-no com curiosidade. — És o Homem Pintado — continuou Rojer. — Metade do povo a sul de Miln acredita já que és o Libertador. Alguns encontros com os Protectores e as histórias certas contadas na Associação dos Jograis e a outra metade partilhará a crença.

— Não — disse o Homem Pintado. — Não fingirei ser algo que não sou. Nem com este objectivo.

— Quem te diz que não és? — perguntou Leesha.

O Homem Pintado voltou-se para ela, surpreso.

— Também tu? É suficientemente mau vindo do Jogral ávido por histórias e do

Protector que a fé deixa cego, mas tu és uma Herbanária. Os teus pacientes são curados pelo conhecimento e não pela oração.

— Também sou uma bruxa guardadora — disse Leesha. — Graças a ti. É verdade que confio mais em livros de ciência do que no Cânone dos Protectores, mas a ciência não consegue explicar por que uns rabiscos na terra conseguem travar ou ferir um nuclita. Há mais coisas no universo do que a ciência. Talvez haja também lugar para um Libertador.

— Não fui enviado pelo Paraíso — disse o Homem Pintado. — As coisas que fiz... Nenhum Paraíso me aceitaria.

— Muitos acreditam que os Libertadores de antanho eram apenas homens, tal como tu — disse Leesha. — Generais que se ergueram no momento certo, quando o povo precisava deles. Voltarás as costas à humanidade por uma questão de semântica?

— Não é semântica — argumentou o Homem Pintado. — Se as pessoas começarem a esperar que resolva todos os seus problemas, nunca aprenderão a resolvê-los por si só.

Voltou-se para Rojer.

— Está tudo pronto?

Rojer acenou afirmativamente.

— Os cavalos estão selados e carregados. Podemos partir quando desejarem.

Passara um mês desde que a Primavera derretera a neve e as árvores que ladeavam a estrada dos Mensageiros para Angiers cobriam-se com folhas verdes e frescas. Rojer segurava-se com firmeza a Leesha ao cavalgarem. Nunca fora grande cavaleiro e desconfiava dos cavalos, sobretudo dos que não estavam atrelados a uma carroça. Felizmente, era suficientemente pequeno para viajar atrás de Leesha sem cansar demasiado a besta. Como sucedia com tudo o que decidia aprender, Leesha dominara a equitação em pouco tempo e comandava o cavalo com confiança.

Não contribuía para travar o estômago revolto de Rojer saber que regressavam a Angiers. Quando partira da cidade com Leesha, um ano antes, fora tanto para salvar a sua própria vida como para a ajudar a voltar para casa. Não estava

ansioso por voltar, mesmo acompanhado por amigos poderosos, sobretudo quando implicava informar a Associação dos Jograis de que continuava vivo.

— É gordo? — perguntou Leesha.

— Hmm? — tornou Rojer.

— O duque Rhinebeck — perguntou Leesha. — É gordo? Bebe?

— Sim e sim — respondeu Rojer. — Parece alguém que engoliu o barril de cerveja inteiro e isso não andará distante da realidade.

Leesha fizera-lhe perguntas sobre o duque durante toda a manhã, com a sua mente hiperactiva já ocupada com um diagnóstico e uma cura potencial, apesar de ainda não ter conhecido o homem. Rojer sabia que o seu trabalho era importante, mas tinham-se passado quase dez anos desde que vivera no palácio. Muitas das perguntas forçavam-lhe a memória e não sabia ao certo se as respostas continuavam fiéis à realidade.

— Costuma ter problemas de desempenho na cama? — perguntou Leesha.

— Como esperas que saiba? — ripostou Rojer. — Não lhe agradava fornicar rapazes.

Leesha franziu o sobrolho e, de imediato, Rojer sentiu-se envergonhado.

— Que te perturba, Rojer? — perguntou. — Passaste a manhã distraído.

— Nada — respondeu Rojer.

— Não me mintas — disse Leesha. — Nunca tiveste jeito para o fazer.

— Acho que voltar a esta estrada me fez pensar no ano passado — disse Rojer.

— As más recordações são partilhadas — concordou Leesha, olhando as bermas da estrada. — Não paro de esperar que bandidos saltem de entre as árvores.

— Não acontecerá com esta escolta — disse Rojer, indicando Wonda com a cabeça, montada sobre um cavalo rápido e com o grande arco numa bolsa pendurada da sela e pronto a disparar. Mantinha as costas direitas e o espírito alerta, com olhos atentos iluminando a face marcada por cicatrizes.

Atrás deles, Gared montava um pesado garrano, tornado pequeno por comparação com o enorme cavaleiro. Os cabos dos grandes machados erguiam-se acima de cada ombro, prontos a serem usados. Eram ambos caçadores de demónios experientes e não havia muito a temer de inimigos mortais sob sua vigilância.

Mas o elemento mais tranquilizador, mesmo com a luz do dia, era o Homem

Pintado. Montava o seu enorme garanhão preto à dianteira da pequena coluna, esquivando-se a conversa desnecessária, mas a sua presença era uma recordação silenciosa de que nenhum mal viria a nenhum deles enquanto estivesse por perto.

— É a estrada que te perturba ou o que encontraremos no seu fim? — perguntou Leesha.

Rojer olhou-a, pensando como conseguiria ela ler-lhe os pensamentos.

— Que queres dizer? — perguntou, apesar de saber muito bem.

— Nunca me contaste como acabaste no meu hospício no ano passado, quase espancado até à morte — disse Leesha. — E nunca procuraste a guarda nem informaste a Associação dos Jograis de que continuavas vivo, mesmo depois de sepultarem mestre Jaycob.

Rojer pensou em Jaycob, o antigo mestre de Arrick, que fora como um avô depois de Arrick morrer. Jaycob acolheu-o quando não tinha outro sítio para onde ir e arriscou a reputação para lhe lançar a carreira. O velho pagou um preço alto pela sua bondade, acabando espancado até à morte por um crime que Rojer cometera.

Tentou falar, mas a voz falhou-lhe e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

— Deixa — sussurrou Leesha, pegando-lhe nas mãos e apertando ainda mais os seus braços em torno da cintura. — Discutiremos o assunto quando estiveres pronto. — Rojer encostou-se a ela, inalando o doce aroma do seu cabelo e voltando a sentir-se calmo.



Estavam a dois dias da cidade, não muito longe do local onde o Homem Pintado encontrara Rojer e Leesha na estrada, quando o viram voltar o cavalo e entrar pela floresta.

Leesha impeliu o cavalo para diante, avançando entre as árvores até se colocar ao lado do Homem Pintado. Sem um caminho visível para seguir, muito menos um que fosse suficientemente largo para dois cavalos, tinham de se esquivar continuamente a ramos baixos. Gared teve de desmontar e acompanhar o cavalo a pé.

— Onde vamos? — perguntou Leesha.

— Buscar os compêndios — respondeu o Homem Pintado.

— Disseste que estavam em Angiers — recordou.

— No ducado. Não na cidade — explicou o Homem Pintado com um sorriso.

O caminho não tardou a alargar, mas de uma forma que parecia natural para um olhar pouco treinado. Mas Leesha era Herbanária e conhecia as plantas melhor do que qualquer outra coisa.

— Foste tu a preparar isto — disse. — Derrubaste árvores e alargaste o caminho. A seguir, escondeste o teu trabalho para não parecer feito pelo homem.

— Valorizo a minha privacidade — disse o Homem Pintado.

— Deve ter levado anos! — considerou Leesha.

O Homem Pintado abanou a cabeça.

— A minha força tem alguma utilidade. Consigo derrubar uma árvore quase tão depressa como Gared e arrastá-la com maior facilidade do que uma parelha de cavalos.

Seguiram o caminho secreto, embrenhando-se na floresta, até alcançarem uma curva para a esquerda. Ignorando o caminho marcado, o Homem Pintado virou à direita e novamente cavalgou por entre as árvores. Os outros seguiram-no e, quando passaram além dos ramos, o espanto foi comum.

Ali, escondida num vão, viam uma parede de pedra, tão coberta pela hera e pelo musgo que permaneceu invisível até estarem junto a ela.

— Não acredito que isto está aqui, tão perto da estrada — disse Rojer.

— Há centenas de ruínas semelhantes na floresta — explicou o Homem Pintado. — As árvores não perderam tempo a reclamar a terra depois do Regresso. Algumas são usadas frequentemente como abrigo por Mensageiros, mas outras, como esta, passaram séculos sem serem encontradas.

Seguiram a parede até um portão, antigo e ferrugento. O Homem Pintado retirou uma chave da túnica e introduziu-a na fechadura, girando-a com um clique oleado. O portão deslizou em silêncio.

No interior, havia um estábulo cuja parte dianteira parecia ter desabado, mas a metade posterior da estrutura permanecia intacta e desimpedida, com uma grande carroça coberta e espaço mais do que suficiente para quatro cavalos.

— Parece um milagre que metade do estábulo sobreviva tão bem aos anos e a outra metade não — notou Leesha com um sorriso, erguendo hera do caminho para expor guardas frescas nas paredes do estábulo. O Homem Pintado não disse nada enquanto escovavam os cavalos.

Tal como o resto do complexo, a casa principal estava arruinada. O telhado desabara e o edifício parecia certamente pouco seguro. O Homem Pintado conduziu-os a uma casa dos criados, bastante grande pelos padrões de alguém criado em povoados. Estava também parcialmente arruinada, tal como o estábulo, mas a porta por onde o Homem Pintado os conduziu era pesada, grossa e com uma fechadura funcional.

Pela porta, alcançava-se uma grande sala, restaurada para servir de oficina. Havia equipamento de Guardador sobre cada superfície, juntamente com frascos selados de tinta, vários projectos inacabados e pilhas de matéria-prima.

Havia um pequeno armário junto à lareira. Leesha abriu-o e descobriu uma taça e um prato, uma malga e uma colher. Uma faca estava espetada numa pequena tábua de corte junto à panela fria pendurada sobre a lareira.

— Tão frio — murmurou Leesha. — Tão solitário.

— Nem sequer tem uma cama — murmurou Rojer. — Deve dormir no chão.

— Costumava pensar que levava uma vida solitária na cabana de Bruna — disse Leesha. — Mas isto...

— Aqui — disse o Homem Pintado, caminhando para um canto da sala ocupado por uma grande estante. Conseguiu atrair de imediato a atenção de Leesha que se aproximou.

— São os compêndios? — perguntou, incapaz de conter a avidez na voz.

O Homem Pintado olhou a estante e abanou a cabeça.

— Não são nada — respondeu. — Guardas comuns e livros, histórias e mapas básicos. Nada que não encontrasses na biblioteca de qualquer Guardador ou Mensageiro dignos do nome.

— Então onde? — começou Leesha, mas o Homem Pintado avançou para um ponto discreto do chão e usou o pé para bater com força num local preciso. A tábua do soalho estava equilibrada sobre um vértice e, enquanto uma extremidade se afundou, a outra ergueu-se, revelando um pequeno anel metálico. O Homem Pintado segurou o anel e puxou, abrindo um alçapão com limiar irregular e coberto por serradura, tornando-o idêntico ao soalho circundante.

Acendeu uma lanterna e desceu os degraus para uma cave espaçosa. As paredes eram de pedra e o ar estava frio e seco. Havia um corredor em direcção à casa principal arruinada, mas um gigantesco pedregulho bloqueara o caminho.

Viam-se armas guardadas empilhadas e penduradas por toda a parte. Machados,

lanças de vários comprimentos, alabardas e facas, todas delicadamente gravadas com guardas de combate. Dúzias de virotes de besta. Literalmente milhares de flechas, empilhadas em grossos maços.

Havia também algo que se assemelhava a troféus. Crânios de demónio, chifres e garras, escudos amolgados e lanças quebradas. Gared e Wonda traçaram guardas no ar.

— Aqui tens — disse o Homem Pintado a Wonda, passando-lhe um maço de flechas. As hastes finas e as pontas de metal estavam decoradas com guardas delicadas. — Estas penetrarão mais profundamente a carne dos nuclitas do que as que trazes na aljava.

As mãos de Wonda tremiam ao aceitar a oferta. Sem palavras, baixou a cabeça e o Homem Pintado retribuiu-lhe o gesto.

— Gared... — disse o Homem Pintado, olhando em redor enquanto Gared avançava. Escolheu uma grande faca de mato, com a lâmina coberta por centenas de guardas minúsculas. — Com isto, poderás cortar membros de demónios da madeira como se fossem trepadeiras errantes — explicou, passando a arma a Gared com o punho voltado. Gared caiu de joelhos.

— Levanta-te — ordenou o Homem Pintado. — Não sou o maldito Libertador!

— Não te chamo nada — disse Gared, mantendo os olhos no chão. — Tudo o que sei é que passei a vida inteira comportando-me como um tolo egoísta, mas, desde que vieste para o Outeiro, vi a luz. Vi como permiti que o meu orgulho e a minha... luxúria — olhou para Leesha, apenas por um instante — me cegassem. O Criador abençoou-me com braços fortes para matar demónios e não para me apossar de tudo o que desejasse.

O Homem Pintado estendeu a mão e, quando Gared a tomou na sua, foi puxado com rudeza até ficar de pé. Gared pesava mais de cento e trinta quilos, mas era como se fosse leve como uma criança.

— Talvez tenhas visto a luz, Gared — disse-lhe —, mas isso não significa que tenha sido eu a mostrar-ta. Perdeste o teu pai no dia anterior. Isso faz crescer qualquer homem. Mostra-lhe o que é importante na vida.

Estendeu novamente a grande faca de mato e Gared recebeu-a. A lâmina era enorme, mas parecia pouco mais do que uma adaga na mão gigante de Gared. Contemplou as guardas delicadas, maravilhado.

O Homem Pintado olhou Leesha.

— Aqueles — apontou uma série de estantes no extremo mais distante da cave — são os compêndios. — De imediato, Leesha avançou para as estantes, mas foi travada por uma mão que lhe segurou o braço. — Se te deixar ir até lá, perdemos-te durante as próximas dez horas.

Leesha franziu a testa, desejando libertar o braço e sepultar-se entre os tomos pesados e encadernados a couro. Mas conteve essa ânsia. Não estava em sua casa. Acenou afirmativamente.

— Levaremos os livros connosco quando partirmos — disse o Homem Pintado. — Tenho outros exemplares. Poderás ficar com estes.

Rojer olhou-o.

— Todos têm um presente menos eu?

O Homem Pintado sorriu.

— Encontraremos alguma coisa para ti. — Caminhou até ao corredor bloqueado. A pedra que interrompia o caminho parecia pesar centenas de quilos, mas ergueu-a com facilidade, conduzindo-os a uma porta trancada escondida na escuridão.

Retirou outra chave da túnica e fê-la girar na fechadura, abrindo a porta e entrando. Aproximou um pavio de uma enorme lanterna junto à porta, fazendo-a iluminar-se com luz reflectida por espelhos cuidadosamente dispostos em redor. De imediato, a enorme câmara encheu-se de luz intensa e os visitantes abriram a boca de espanto.

Tapeçarias, ricas e espessas, tecidas com padrões esbatidos de eras passadas, cobriam o piso de pedra. As paredes estavam decoradas com dúzias de quadros representando gente e acontecimentos esquecidos, obras-primas em molduras douradas, juntamente com espelhos emoldurados com metal e mobiliário polido. Viam-se tesouros empilhados em barris de chuva em redor, com velhas moedas de ouro, pedras preciosas e jóias erguendo-se muito acima da boca de cada barril. Maquinaria de propósitos desconhecidos estava parcialmente desmantelada ao lado de grandes estátuas e bustos de mármore, instrumentos musicais e inúmeras outras riquezas. Havia estantes de livros por toda a parte.

— Como é isto possível? — perguntou Leesha.

— Os nuclitas não dão importância aos tesouros — respondeu o Homem Pintado. — Os Mensageiros limparam as ruínas de fácil acesso, mas existem inúmeros locais onde nunca estiveram, cidades inteiras perdidas para os

demónios e engolidas pelo terreno. Tentei preservar o que sobreviveu aos elementos.

— És mais rico do que todos os duques combinados — disse Rojer, espantado.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

— De pouco me serve. Leva o que te agradar.

Com uma expressão de júbilo, Rojer caminhou em redor, passando os dedos entre pilhas de moedas e jóias, erguendo estatuetas e armas antigas. Tocou uma melodia numa trompa de latão. A seguir, ouviu-se-lhe um grito e agachou-se atrás de uma estátua fragmentada, voltando a surgir com um violino nas mãos. As cordas tinham apodrecido, mas a madeira continuava rija e polida. Riu-se alto, erguendo-o com deleite.

Gared olhou em redor.

— Preferia a outra sala — disse a Wonda. Esta acenou com a cabeça, manifestando a sua concordância.



Os portões de Forte Angiers estavam fechados.

— Durante o dia? — perguntou Rojer, surpreso. — Habitualmente, estão abertos para os lenhadores com as suas carroças. — Sentava-se no lugar do condutor da carroça trazida do refúgio do Homem Pintado, puxada pelo cavalo de Leesha. Esta sentava-se a seu lado, diante de vários sacos de livros e de outros objectos usados para cobrir o fundo falso da carroça. O espaço secreto estava preenchido com armas guardadas e ouro em quantidade considerável.

— Talvez Rhinebeck encare a ameaça krasiana com maior seriedade do que julgámos — disse Leesha. Com efeito, ao aproximarem-se mais da cidade, viram guardas armados com bestas carregadas, patrulhando o topo das muralhas. Viram também carpinteiros abrindo nesgas para disparar flechas nos níveis mais baixos das muralhas. Outrora, os portões tinham tido apenas um par de sentinelas, mas agora eram vários, atentos e com as lanças prontas.

— A história de Marick talvez tenha deixado tudo em polvorosa –
concordou o Homem Pintado. — Mas aposto que estes guardas estão ali mais para impedir que milhares de refugiados entrem na cidade do que para contrariar qualquer ataque krasiano.

— O duque não recusaria abrigo a tanta gente — disse Leesha.

— Porque não? — perguntou o Homem Pintado. — O duque Euchor deixa os mendigos de Miln passarem a noite nas ruas desprotegidas.

— Digam ao que vêm! — gritou um guarda quando se aproximaram. O Homem Pintado cobriu-se melhor com o capuz e deixou-se ficar para trás.

— Vimos do Outeiro do Libertador — disse Rojer. — Sou Rojer Meia-Mão, com licença passada pela Associação dos Jograis. Estes são os meus companheiros.

— Meia-Mão? — perguntou um dos guardas. — O violinista?

— Esse mesmo — disse Rojer, erguendo o violino com cordas novas que o Homem Pintado lhe oferecera.

— Vi-te tocar uma vez — grunhiu o guarda. — Quem são os outros?

— Esta é Leesha, a Herbanária do Outeiro do Libertador, anteriormente do Hospício de mestra Jizell em Angiers — explicou Rojer, indicando Leesha. — Os outros são outeireiros vindos para nos guardar durante a viagem. Gared, Wonda e... hmm... Flinn.

Wonda conteve-se. Flinn Lenhador era o nome do seu pai, morto na Batalha do Outeiro do Lenhador, menos de um ano antes. Rojer arrependeu-se imediatamente do improviso.

— Por que está coberto? — perguntou o guarda, apontando o Homem Pintado com o queixo.

Rojer aproximou-se, reduzindo a voz a um sussurro.

— Tem cicatrizes medonhas provocadas pelos demónios. Não gosta que as pessoas olhem a sua disformidade.

— É verdade o que dizem? — perguntou o guarda. — Matam nuclitas no Outeiro? Dizem que o Libertador lá surgiu, trazendo consigo as guardas de combate de antigamente.

Rojer acenou afirmativamente.

— Gared matou dúzias deles.

— O que não daria por uma lança guardada para matar demónios –
disse um guarda.

— Viemos negociar — disse Rojer. — Em breve, concretizarás o teu desejo.

— É isso que levam na carroça? — perguntou o guarda. — Armas? –
Enquanto falava, outros guardas avançaram para inspeccionar a carga.

— Nada de armas — disse Rojer, sentindo um aperto na garganta perante a possibilidade de descobrirem o compartimento escondido.

— Parecem livros de Guardador — disse um guarda, abrindo um dos sacos.

— São meus — disse Leesha. — Sou Guardadora.

— Ele disse que eras Herbanária — lembrou o guarda.

— Sou as duas coisas — disse Leesha.

O guarda olhou-a. A seguir, olhou Wonda e abanou a cabeça.

— Mulheres guerreiras, mulheres Guardadoras — roncou. — Deixam-nas fazer qualquer coisa nos povoados. — O comentário irritou Leesha, mas Rojer pousou-lhe uma mão no braço e fê-la acalmar-se.

Um dos guardas aproximou-se do Homem Pintado, montado sobre Dançarino do Ocaso. A maior parte dos impressionantes arreios guardados do garanhão tinham sido escondidos, mas o enorme animal destacava-se pelo seu aspecto, tal como o cavaleiro encapuçado. O guarda avançou, tentando espreitar o que o capuz do Homem Pintado escondia. O Homem Pintado fez-lhe a vontade, erguendo ligeiramente a cabeça para que um raio de luz fizesse dispersar parcialmente as sombras que lhe obscureciam a face.

O guarda abriu a boca de espanto e recuou, aproximando-se rapidamente do seu superior, que continuava a falar com Rojer. Sussurrou ao ouvido do tenente e os olhos deste arregalaram-se.

— Abram alas! — gritou o tenente aos outros guardas. — Deixem-nos passar! — Fê-los seguir com um aceno e os portões foram abertos, permitindo que entrassem na cidade.

— Não percebi se correu bem ou não — disse Rojer.

— O que está feito está feito — disse o Homem Pintado. — Vamos apressar-nos antes que a notícia se espalhe.

Percorreram as ruas movimentadas e entabuadas para impedir que os nuclitas se erguessem dentro da rede de guardas. Tiveram de desmontar e conduzir os cavalos a pé, o que abrandou consideravelmente a marcha, mas permitiu também que o Homem Pintado desaparecesse quase por completo entre os cavalos atrás da carroça.

Mesmo assim, a sua passagem não passou inteiramente despercebida.

— Estamos a ser seguidos — disse o Homem Pintado a dado ponto, quando a rua se tornou suficientemente larga para caminhar ao lado da carroça. — Um dos

guardas segue-nos o rasto desde que passámos os portões.

Rojer olhou para trás e captou um vislumbre do uniforme da guarda da cidade antes de o homem se agachar atrás da banca de um vendedor.

— Que devemos fazer? — perguntou.

— Não podemos fazer grande coisa — respondeu o Homem Pintado. — Apenas achei que deverias saber.

Rojer conhecia bem as ruas labirínticas de Angiers e guiou-os por um percurso sinuoso através das áreas mais povoadas até ao seu destino, esperando perder o guarda que os seguia. Não parou de olhar sobre o ombro, fingindo apreciar as mulheres que por ele passavam ou os produtos expostos pelos vendedores. O guarda estava sempre presente, no limite do seu olhar.

— Não podemos continuar às voltas para sempre, Rojer — disse Leesha, por fim. — Vamos procurar Jizell antes que anoiteça.

Rojer concordou com um aceno e virou a carroça directamente para o hospício de mestra Jizell, que depressa se tornou visível. Era um edifício amplo de dois pisos, construído quase inteiramente em madeira, tal como todos os edifícios de Angiers. Havia um pequeno estábulo para visitantes num dos lados.



— Mestra Leesha? — perguntou a rapariga que se ocupava do estábulo, surpresa, quando os viu chegar.

— Sim, sou eu, Roni. — Leesha sorriu. — Olha como cresceste! Tens-te aplicado nos estudos durante a minha ausência?

— Sim, senhora! — respondeu Roni. Mas os seus olhos voltaram-se de imediato para Rojer e depois para Gared, onde se demoraram. Roni era uma aprendiza promissora, mas facilmente se distraía, sobretudo por homens. Na maturidade dos seus quinze anos, já estaria casada e geraria filhos se tivesse sido criada nos povoados, mas as mulheres casavam mais tarde nas Cidades Livres e Leesha sentia-se grata que assim fosse.

— Corre e avisa mestra Jizell da nossa chegada — disse Leesha.

— Não tive tempo para escrever e poderá não ter sítio para nos acomodar a todos.

Roni acenou afirmativamente e correu. Antes de terminarem de escovar os

cavalos, uma mulher gritou: «Leesha!» Leesha voltou-se e foi esmagada contra o peito prodigioso de mestra Jizell enquanto a mulher mais velha a abraçava.

A poucos anos de atingir os sessenta, mestra Jizell continuava forte e robusta, apesar do corpo volumoso por baixo do avental com bolsos. Antiga aprendiza de Bruna, tal como Leesha, Jizell geria o seu hospício de Angiers há mais de vinte anos.

— É bom ter-te de volta — disse Jizell afastando-se apenas quando Leesha perdeu todo o ar que sustinha nos pulmões.

— É bom estar de volta — disse Leesha, retribuindo o sorriso de Jizell.

— E o jovem mestre Rojer! — saudou Jizell, aplicando um abraço igualmente violento ao pobre Rojer. — Parece que tenho uma dívida a triplicar para contigo! Uma vez por acompanhares Leesha a casa e duas vezes por a trazeres de volta!

— Não foi nada — disse Rojer. — Devo mais a ambas do que conseguirei pagar.

— Podes ajudar a pagar essa dívida se tocares violino para os pacientes esta noite — disse Jizell.

— Não queremos incomodar se não houver espaço — disse Leesha. — Podemos ficar na estalagem.

— O Núcleo é que podem — considerou Jizell. — Ficarão todos connosco e não se fala mais nisso. Temos muito para conversar e todas as raparigas quererão ver-te.

— Obrigada — disse Leesha.

— E quem são os vossos companheiros? — perguntou Jizell, voltando-se para os outros. — Não, deixa-me adivinhar — continuou, quando Leesha abriu a boca. — Vejamos se as descrições nas tuas cartas lhes fazem justiça. — Olhou Gared de alto a baixo, inclinando a cabeça para lhe encontrar os olhos. — Deves ser Gared Lenhador –

adivinhou.

Gared fez-lhe uma vénia.

— Sim, s’nhora — disse.

— Forte como um urso, mas com boas maneiras — disse Jizell, atingindo com a mão um dos bíceps salientes de Gared. — Vamos dar-nos bem.

Voltou-se para Wonda, não se deixando impressionar pelas medonhas cicatrizes vermelhas na face da jovem.

— Wonda, presumo? — perguntou.

— Sim, mestra — respondeu Wonda, curvando-se.

— Parece que o Outeiro está cheio de gigantes delicados — disse Jizell. Pelos padrões angieranos, não era baixa, mas, mesmo assim, Wonda superava-a. — Bem-vinda.

— Obrigada, mestra — agradeceu Wonda.

Jizell voltou-se, por fim, para o Homem Pintado, ainda escondido pela túnica e pelo capuz.

— Penso que não precisarás de apresentação — disse-lhe. — Vejamos, então.

As mangas largas do Homem Pintado caíram-lhe para os cotovelos quando ergueu os braços para baixar o capuz. Jizell arregalou ligeiramente os olhos ao ver as tatuagens, mas pegou-lhe nas mãos e apertou-as com carinho ao olhá-lo nos olhos.

— Obrigada por salvares a vida de Leesha — disse. Antes que conseguisse reagir, abraçou-o com força. O Homem Pintado olhou Leesha, surpreso, retribuindo o abraço com pudor. — Se puderem ocupar-se dos cavalos, gostaria de uns minutos para conversar a sós com Leesha — continuou. Os restantes acenaram afirmativamente e Jizell escoltou Leesha ao hospício.

O hospício de Jizell fora o lar de Leesha durante vários anos e possuía ainda uma terna familiaridade, mas, de alguma forma, parecia mais pequeno do que no ano anterior.

— O teu quarto está como o recordas — disse Jizell, como se lhe lesse os pensamentos. — Kadie e algumas das raparigas mais velhas resmungam, mas, no que me diz respeito, o quarto é teu até afirmares o contrário. Podes dormir lá e podemos instalar os outros em enxergas adicionais nas enfermarias. — Sorriu. — A não ser que queiras partilhar o quarto com um dos homens. — Piscou o olho.

Leesha riu-se. Jizell não mudara nada, continuando a tentar encontrar par para Leesha.

— Está bem assim.

— Parece-me um desperdício — disse Jizell. — Contaste-me que Gared era belo, mas não fizeste jus à sua altura. E metade dos Jograis e Protectores da cidade sussurram que o teu Homem Pintado poderá ser o Libertador em pessoa. Para não referir Rojer, um excelente partido para qualquer rapariga. E todas

sabemos como gosta de ti.

— Rojer e eu somos apenas amigos, Jizell — disse Leesha. — E o mesmo se aplica aos outros.

Jizell encolheu os ombros e esqueceu o assunto.

— É bom ter-te de volta a casa.

Leesha posou-lhe uma mão sobre o braço.

— É apenas por pouco tempo. O Outeiro do Libertador é a minha casa agora. A aldeia transformou-se numa pequena cidade e precisam de todas as Herbanárias que conseguirem encontrar. Não posso ausentar-me durante muito tempo. Nunca mais.

Jizell suspirou.

— É suficientemente mau que tenha perdido Vika para o Outeiro e agora perco-te a ti. Se continuar a roubar-me aprendizas, o melhor será vender o hospício e instalar-me por lá.

— As Herbanárias seriam úteis — disse Leesha. — Mas a cidade já tem o triplo dos refugiados que conseguiríamos alimentar. Por agora, não é sítio para ti e para as raparigas.

— Nem será o sítio onde mais precisam de nós — disse Jizell.

Leesha abanou a cabeça.

— Suspeito que não tardarão a receber refugiados também em Angiers.

Dezessete

A Dança Continua

333 DR Primavera

- ABRAM EM NOME DO DUQUE — bradou uma voz, pouco depois do amanhecer. O comando gritado foi acompanhado por uma batida

vigorosa na porta do hospício, que permanecia trancada.

Todos no interior se imobilizaram, olhando a porta. As aprendizas há muito tinham acabado de comer e ocupavam-se a levar o pequeno-almoço aos pacientes, deixando Jizell e os seus convidados sozinhos na cozinha.

Pareceu a Rojer que o silêncio demorou longos minutos, mas, na verdade, não teriam passado segundos quando mestra Jizell os olhou a todos.

— Bom — disse, limpando a boca e erguendo-se. — É melhor abrir. Mantenham-se sentados e continuem a comer. Seja lá o que for que o duque queira, é melhor não se ocuparem do assunto de estômago vazio. — Alisou o vestido e dirigiu-se para a porta.

Erguera-se da mesa há menos de um segundo quando Rojer se ergueu também, colando as costas à parede junto à porta, para ouvir.

— Onde está ele?! — bradou a voz grave de um homem quando Jizell abriu a porta. Rojer agachou-se e inclinou a cabeça para espreitar, não revelando mais do que um olho e uma madeixa de cabelo ruivo. Um homem alto e corpulento, envergando uma armadura lacada brilhante, erguia-se sobre mestra Jizell. Tinha uma lança dourada presa às costas e a couraça ostentava o brasão de um guarda silvestre. Rojer reconheceu de imediato a face de maxilar determinado.

Voltou-se para os outros.

— O irmão do duque Rhinebeck. O príncipe Thamos! — silvou, voltando a espreitar a porta.

— Temos muitos pacientes, Alteza — disse Jizell, soando mais surpresa do que ameaçada. — Tereis de ser mais específico.

— Não brinques comigo, mulher! — trovejou o príncipe, erguendo um dedo junto à face de Jizell. — Sabes muito bem...

— Alteza, por favor! — Uma voz masculina aguda interrompeu o príncipe. — Tal não será necessário!

Surgiu um homem, abrindo os braços entre os dois num esforço passivo para fazer baixar o braço do príncipe e para afastar o seu dedo acusador da face de Jizell. Era o oposto do príncipe em todos os aspectos. Baixo e de triste figura, com uma calva no alto da cabeça e face espalmada. O cabelo preto e liso era longo, alcançando-lhe o colarinho alto e a barba estreita aguçava-se no queixo. Os óculos de aros de arame estavam descaídos sobre o nariz, reduzindo-lhe os olhos a dois pontos minúsculos.

— Lorde Janson, o primeiro ministro do duque — explicou Rojer aos outros.

Thamos fitou o ministro, que recuou, como se receasse que o príncipe pudesse golpeá-lo. Em seguida, o príncipe olhou Jizell e voltou a olhar o homenzinho, mas acalmou e, após um momento, acenou afirmativamente.

— Muito bem, Janson. O palco é teu.

— As minhas desculpas pela... urgência, mestra Jizell — disse o primeiro ministro, curvando-se. — Mas queríamos chegar antes que o teu... hmm... hóspede pudesse partir. — Apertava uma pasta de couro contra o peito com uma mão e fazia subir os óculos com a outra.

— Hóspede? — repetiu Jizell. O príncipe Thamos rosnou.

— Flinn Lenhador — disse Janson. Jizell olhou-o, sem perceber.

— O... hmm... Homem Pintado — explicou Janson. A expressão de Jizell tornou-se mais cautelosa. — Posso garantir que não corre qualquer perigo — acrescentou Janson, prontamente. — Sua Excelência, o duque, deseja apenas colocar algumas questões antes de decidir se deverá conceder-lhe uma audiência.

Ouviu-se um ruído e Rojer voltou-se da porta para ver o Homem Pintado erguendo-se da mesa. Acenou a Rojer com a cabeça.

— Está tudo bem, mestra — disse Rojer, mostrando-se.

Janson olhou-o, torcendo o nariz.

— Rojer Estalagem — disse. Era mais uma afirmação do que uma pergunta.

— Honra-me que te lembres de mim, ministro — disse Rojer, curvando-se, enquanto os outros saíam da cozinha e se juntavam a ele.

— Claro que me lembro de ti, Rojer — disse Janson. — Como poderia esquecer o rapaz que Arrick trouxe com ele, único sobrevivente da destruição de Ponteflúvia. — Os restantes olharam Rojer, surpresos. — Mesmo assim — prosseguiu Janson. — Juraria que li um relatório no ano passado do mestre de associação Cholls, dizendo que tinhas desaparecido e que estarias morto. — Olhou Rojer, pelas lentes descaídas. — Deixando uma dívida considerável para com a Associação dos Jograis, se bem me lembro.

— Rojer! — gritou Leesha.

Rojer protegera-se com a máscara de Jogral. O dinheiro fora uma compensação por quebrar o nariz ao sobrinho de Janson, Jasin Tom-Dourado. Claro que Jasin já cobrara a dívida em sangue.

— Vieste até aqui para discutir assuntos do Jogral? — perguntou o Homem

Pintado, colocando-se diante de Rojer. As sombras do capuz ocultavam-lhe a face, fazendo-o parecer assustador e sinistro mesmo para aqueles que o conheciam. O príncipe Thamos levou uma mão à lança curta que trazia às costas.

Janson estremeceu, visivelmente nervoso, com os olhos minúsculos saltando de um homem para o outro, mas depressa recuperou.

— É verdade que não — concordou, afastando o olhar de Rojer como se não fizesse nada mais importante do que conferir um livro de registos. Mudou o peso de um pé para o outro, como se estivesse preparado para correr, escondendo-se atrás do príncipe caso alguém fizesse movimentos bruscos.

— Então és... ele? — perguntou.

O Homem Pintado baixou o capuz, expondo a face tatuada ao príncipe e ao ministro. Os olhos de ambos arregalaram-se com o que viram, mas não deram outro sinal de terem visto algo de extraordinário.

Janson curvou-se profundamente.

— É uma honra conhecer-te, Sr. Flinn. Permite-me que apresente o príncipe Thamos, capitão da Guarda Silvestre, irmão mais novo do duque Euchor e terceiro na linha de sucessão ao trono de marfim. Sua Alteza está aqui como minha escolta. — Indicou o príncipe, que respondeu com um aceno educado, apesar de os olhos não terem perdido o brilho do desafio.

— Alteza — disse o Homem Pintado, curvando-se de acordo com a tradição angierana. Leesha também os saudou com uma vénia e Rojer deu o seu melhor para seguir a etiqueta. Sabia que o Homem Pintado conhecera os dois homens antes, nos seus dias de Mensageiro, mas era claro que nem Janson, cuja memória era lendária, o reconhecia.

Janson voltou-se para a sua esquerda, onde um rapaz que aguardara ao lado da porta se mostrou.

— Pawl, o meu filho e assistente. O rapaz não teria mais de dez verões, baixo como o pai, com o mesmo cabelo preto e liso e face de fuinha.

O Homem Pintado saudou o rapaz com um aceno de cabeça.

— É uma honra conhecer-te a ti e ao teu filho, Lorde Janson.

– Por favor, bastará «Janson» — disse o primeiro ministro. — O meu nascimento não poderia ter sido mais comum. O meu pai era um funcionário burocrático sem posto definido na hierarquia. Perdoem-me se vos pareço um pouco atrapalhado.

O arauto do duque, meu sobrinho, costuma ocupar-se deste tipo de coisa, mas a sorte ditou que estivesse nos povoados.

— Jasin Tom-Dourado é o novo arauto do duque?! — exclamou Rojer.

Todos os olhos se voltaram para ele, mas Rojer quase não notou. Jasin Tom-Dourado e os seus aprendizes haviam espancado Rojer e Jaycob, seu padrinho na associação, um ano antes, deixando-os moribundos quando a noite caiu. Rojer sobrevivera apenas porque Leesha e alguns bravos guardas tinham arriscado as vidas por ele. Mestre Jaycob não teve a mesma sorte. Rojer nunca acusou ninguém, fingindo não ter reconhecido os atacantes por recear que Jasin usasse o tio para escapar ao castigo e voltar à carga.

No entanto, Janson parecia não saber de nada. Olhou Rojer com curiosidade, movendo o olhar para o lado, como se conferisse uma soma num inventário esquecido.

— Ah sim — disse, após um momento. — Mestre Arrick e Jasin tinham alguma rivalidade, não? Estou certo de que não lhe agradará saber disto.

— Não saberá — afirmou Rojer. — Foi nucleado na estrada para o Extremo da Floresta há três anos.

— Ah? — disse Janson, arregalando os olhos. — Lamentou ouvi-lo. Apesar de todos os seus defeitos, Arrick foi um bom arauto e serviu bem o duque, sem esquecer o seu heroísmo em Ponteflúvia. Foi uma pena o incidente no bordel.

— Incidente no bordel? — perguntou Leesha, parecendo algo divertida quando se voltou para Rojer.

Janson ficou escarlate e virou-se para Leesha, com uma vénia profunda.

— Ah... ah... Perdoa-me, boa mulher, por referir assuntos tão impróprios na presença de uma senhora. Não queria faltar ao respeito.

— Não me ofendeste, ministro — disse Leesha. — Sou Herbanária e estou habituada a assuntos impróprios. Leesha Papel — estendeu-lhe uma mão. — Herbanária do Outeiro do Libertador.

As narinas do príncipe inflaram-se e o nariz do ministro torceu ao ouvirem o novo nome escolhido pelo Outeiro do Lenhador, mas Janson limitou-se a acenar afirmativamente, dizendo:

— Acompanhei a tua carreira com algum interesse desde o aprendizado com mestra Bruna.

— Ah sim? — disse Leesha, surpresa.

Janson voltou a olhá-la com curiosidade.

— Não deveria surpreender-te. Revejo os censos anuais do duque e presto especial atenção aos cidadãos proeminentes do ducado, sobretudo aos que atingem o estatuto de Bruna, uma mulher que foi registada todos os anos, desde o primeiro censo, ordenado por Rhinebeck I, há mais de um século. Tenho-me mantido atento às suas aprendizas, pensando em quem herdaria o seu manto. Foi uma grande perda a sua morte no ano passado.

Leesha acenou tristemente com a cabeça.

O ministro Janson fez uma pausa respeitosa pela falecida antes de pigarrear.

— A propósito, mestra Leesha — olhou-a pelos óculos descaídos com o mesmo olhar de censura que lançara a Rojer —, o teu relatório anual para o censo está vários meses atrasado.

Leesha corou enquanto Rojer ria atrás dela.

— Eu... ah... Temos estado um pouco...

— Ocupados com a peste — completou Janson. — E... — olhou o Homem Pintado — também com outras preocupações, claro. Compreendo. Mas, como o teu pai te dirá, é o papel que mantém operacional a máquina de um estado.

— Sim, ministro — concordou Leesha.

— Janson, por favor — o príncipe Thamos avançou, empurrando o ministro para o lado. O seu olhar intenso caía sobre o corpo de Leesha com avidez predatória e Rojer irritou-se. — O Outeiro passou por dificuldades suficientes nos últimos tempos. Poupa-os por um momento à tua burocracia interminável.

Janson franziu a testa, mas curvou-se.

— Claro, Alteza.

— Príncipe Thamos, ao seu dispor — apresentou-se o príncipe a Leesha, curvando-se e beijando-lhe a mão. Rojer olhou-o com desagrado enquanto Leesha corava.

Janson pigarreou novamente e voltou-se para o Homem Pintado.

— Basta de burocracia. Ocupar-nos-emos dos assuntos do duque?

Quando o Homem Pintado respondeu com um aceno afirmativo, Janson voltou-se para Jizell.

— Mestra, se houver um local onde possamos falar em privado...

Jizell acenou com a cabeça, acompanhando-os ao seu gabinete.

— Trarei um bule de chá — disse, regressando à cozinha.

O príncipe Thamos ofereceu o braço a Leesha pelo caminho e ela aceitou-o com uma expressão espantada. Gared pairava perto deles, em pose protectora, mas, se Leesha ou o príncipe notaram a sua presença, não deram qualquer sinal.

Pawl recebeu a pasta de documentos do pai e apressou-se para a secretária de mestra Jizell, dispondo uma série de notas e algumas páginas em branco. Preparou um aparo e um tinteiro, juntamente com um mata-borrão, e afastou a cadeira para o pai, que se sentou e mergulhou a caneta.

De repente, ergueu o olhar.

— Ninguém se importará, creio, que registe a nossa conversa para o duque? — perguntou Janson. — Claro que eliminarei tudo o que considerarem menos adequado ou indiscreto.

— Não há problema — disse o Homem Pintado. Janson acenou afirmativamente, voltando a olhar o papel.

— Muito bem — disse. — Como referiu mestra Jizell, o duque está ansioso por uma audiência com os representantes do... hmm... do Outeiro do Libertador, mas preocupa-o a legitimidade de tal representação. Posso perguntar por que motivo o Sr. Smitt, o Orador da Aldeia, não veio pessoalmente? Não será a única função legal do Orador representar a aldeia em ocasiões como esta? — Enquanto falava, a sua mão movia-se com rapidez impressionante, anotando as suas próprias palavras com símbolos indecifráveis, voltando com a pena ao tinteiro com intervalos de segundos, sem entornar uma gota.

Leesha manifestou o seu desprezo de forma sonora.

— Quem assim pensa, nunca passou qualquer tempo nos povoados, ministro. O povo olha para o seu Orador em momentos de crise e, com refugiados continuando a chegar e faltando aos que já chegaram a satisfação das necessidades mais básicas, não podia partir. Enviou-me no seu lugar.

— A ti? — perguntou Thamos, incrédulo. — Uma mulher?

Leesha franziu a testa, mas Janson pigarreou alto antes que pudesse retorquir.

— Acredito que Sua Alteza queria dizer que a hierarquia deveria ter ditado que seria o vosso Protector, Jona, a substituir o Sr. Smitt.

— O templo está a abarrotar de refugiados procurando abrigo — referiu Leesha. — Tal como Smitt, Jona também não podia vir.

— Mas o Outeiro pode dispensar a sua Herbanária num momento de tamanha necessidade? — perguntou Thamos.

— Isto coloca um problema a Sua Excelência — disse Janson, erguendo o olhar para Leesha sem que a mão parasse de anotar as palavras que trocavam. — Que pensariam na corte se recebesse uma delegação de um dos seus povoados vassalos que aparenta não ter o trono da hera em consideração suficiente para enviar o seu Orador? Seria visto como um insulto.

— Asseguro que a intenção não foi essa — disse Leesha.

— Como? — questionou Thamos. — Com crise ou sem ela, o vosso Orador poderia ter vindo. O Outeiro do Lenhador fica apenas a seis noites de viagem. — Olhou o Homem Pintado. — Mas parece que este Outeiro do Libertador se moveu para mais longe.

— Que preferis que faça, Alteza? — perguntou-lhe Leesha. — Que passe duas semanas a ir buscar Smitt quando há um exército a dirigir-se para a cidade neste preciso momento?

O príncipe grunhiu.

— Sra. Papel, nada de exageros — disse Janson, sem parar de escrever. — A família real está informada acerca dos ataques krasianos a Rizon, mas a ameaça às terras angieranas é mínima.

— Por enquanto — acrescentou o Homem Pintado. — Mas não foram simples ataques. Forte Rizon e os seus povoados, o celeiro de toda Thesa, passou a estar sob controlo krasiano. Aí ficarão durante pelo menos um ano, recrutando tropas e treinando-as. A seguir, avançarão para engolir Lakton e os povoados respectivos. Poderão levar anos a dirigirem-se para norte, para a vossa cidade, mas garanto que o farão. E precisarão de aliados se desejam ter alguma esperança de resistência.

— Forte Angiers não receia um punhado de ratazanas do deserto, mesmo que os contos de fadas sejam verdadeiros! — bradou Thamos.

— Alteza, por favor! — guinchou Janson. Quando o príncipe se voltou a calar, Janson olhou o Homem Pintado. — Posso perguntar como sabes tanto sobre os planos dos krasianos, Sr. Flinn?

— Possuis uma cópia do livro sagrado krasiano no teu arquivo, ministro? — perguntou o Homem Pintado.

Os olhos de Janson moveram-se momentaneamente para o lado, como se conferisse uma lista imaginária.

— O Evejah. Sim.

— Recomendo que o leias — disse o Homem Pintado. — Os krasianos acreditam que o seu líder é a reencarnação de Kaji, o Libertador. Travam a Guerra Diurna.

— A Guerra Diurna? — repetiu Janson.

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

— O Evejah relata pormenorizadamente a forma como Kaji conquistou o mundo conhecido antes de voltar as lanças das suas gentes contra os nuclitas. Jardir procurará fazer o mesmo. Os seus avanços poderão ser seguidos por períodos de consolidação, durante os quais os povos conquistados serão quebrados e submetidos à lei de Everam. — Olhou fixamente Janson e o príncipe. — Mas não pensem, por um momento, que os avanços terminarão aí.

O príncipe devolveu-lhe o olhar, em desafio, mas Janson empalideceu lentamente. Gotas de suor surgiram-lhe na testa, mesmo numa manhã fresca de Primavera.

— Sabes muito sobre a gente de Krasia para um outeireiro,
Sr. Flinn — notou.

— Passei algum tempo em Forte Krasia — limitou-se a responder o Homem Pintado. Janson fez nova marca nas suas anotações.

— Percebes porque precisamos de falar com Sua Excelência, ministro — disse Leesha. — Os krasianos não têm pressa. Com os seus celeiros, Rizon possui recursos para sustentar um exército durante tempo indefinido e poderão cortar o abastecimento de alimento ao Norte.

Janson pareceu não anotar o que disse.

— Há alguns que dizem seres tu o próprio Libertador — disse, dirigindo-se ao Homem Pintado.

Thamos roncou.

— E eu sou um nuclita amistoso — murmurou.

O Homem Pintado não o olhou, mantendo o contacto visual com o ministro.

— Não digo tal coisa, Lorde Janson.

Janson acenou afirmativamente, escrevendo.

— Sua Excelência ficará aliviada por o saber. Mas, acerca das guardas de combate...

— As guardas... — começou Leesha.

— Serão partilhadas com quem as deseje, sem qualquer custo — interrompeu o

Homem Pintado, atraindo olhares de choque generalizados. — Os nuclitas são inimigos de toda a humanidade — continuou. — Neste ponto, concordo com os krasianos. Não negarei a nenhum homem guardas que permitirão combatê-los.

— Se funcionarem — murmurou Thamos.

O Homem Pintado voltou-se para Thamos e nem um príncipe conseguia suportar durante muito tempo o seu olhar. Este baixou os olhos e o Homem Pintado acenou afirmativamente.

— Wonda — disse, sem se voltar para a jovem, que avançou ao ouvir o seu nome. — Dá-me uma flecha da tua aljava. — Wonda retirou uma flecha e colocou-a na mão que estendeu para trás. O Homem Pintado manteve o projéctil sobre as palmas das mãos e estendeu-o ao príncipe, mas sem qualquer vénia e erguendo-se como um igual.

— Testai-a, Alteza — disse. — Erguei-vos no topo da muralha esta noite e ordenai a um arqueiro que dispare contra o maior demónio que encontrar. Decidi por vós se funcionam ou não.

Thamos pareceu recuar. A seguir, endireitou-se rapidamente, como se tentasse não parecer intimidado. Acenou afirmativamente e recebeu a flecha.

— Assim farei.

O primeiro ministro fez recuar a cadeira e Pawl avançou para aplicar mata-borrão sobre as páginas húmidas, arrumando-as na pasta de couro. Recolheu o tinteiro e limpou a mesa enquanto Janson se erguia e se aproximava do príncipe Thamos.

— Creio que bastará por agora — disse Janson. — Sua Excelência receber-vos-á no seu forte amanhã, uma hora depois do amanhecer. Enviarei um cocheiro para evitar... acontecimentos desagradáveis... –
olhou o Homem Pintado — ... se fossem vistos nas ruas.

O Homem Pintado curvou-se.

— Muito bem, ministro. Obrigado — disse. Leesha fez uma vénia e Rojer também se curvou.

— Ministro — disse Leesha, aproximando-se do homem e baixando a voz. — Ouvi dizer que Sua Excelência... ainda não gerou um herdeiro.

A postura do príncipe Thamos indicava o seu desagrado, mas Janson ergueu uma mão para o deter.

— Não é segredo que o trono da hera não possui um herdeiro, Sra. Papel —

respondeu, calmamente.

— A fertilidade era a especialidade de mestra Bruna — continuou Leesha. — E é também a minha. Seria uma honra poder oferecer os meus conhecimentos, se forem desejados.

— O meu irmão é perfeitamente capaz de gerar um herdeiro sem a tua ajuda — rosnou Thamos.

— Claro, Alteza — disse Leesha, curvando-se. — Mas pensei que talvez a duquesa pudesse ser examinada, se a dificuldade for sua.

Janson franziu a testa.

— Agradeço a tua oferta generosa, mas Sua Alteza tem Herbanárias próprias e recomendo com veemência que não abordes este assunto diante de Sua Excelência. Irei referi-lo pelos canais próprios.

Era uma resposta vaga, mas Leesha baixou a cabeça e não disse mais nada, fazendo outra vénia. Janson acenou afirmativamente e dirigiu-se para a porta juntamente com Thamos. Antes de partirem, o ministro voltou-se para Rojer.

— Presumo que pretendas visitar a Associação dos Jograis para clarificar o teu estatuto e saldar as dívidas antes de voltares a deixar a cidade? — perguntou.

— Sim, senhor — respondeu Rojer, abatido.

— Estou certo de que as histórias das tuas aventuras recentes terão grande valor para a associação e bastarão para saldar a dívida na totalidade, mas espero que sejas discreto quanto a... — olhou o Homem Pintado — interpretações subjectivas dos acontecimentos, por mais tentador que seja recorrer às explicações mais... sensacionalistas.

— Com certeza, ministro — disse Rojer, curvando-se.

Janson acenou com a cabeça.

— Sendo assim, um bom dia — disse. Saiu do hospício juntamente com o príncipe.

Leesha voltou-se para Rojer.

— Incidente no bordel?

— Um bando de demónios da madeira não conseguiria forçar-me a contar-te — disse Rojer. — O melhor será não pedires.

Leesha observou da janela da cozinha de Jizell enquanto uma carruagem se aproximava na manhã seguinte, com as suas largas portas decoradas pelo selo de Rhinebeck (uma coroa de ramos pairando sobre um trono coberto de hera). A carruagem vinha acompanhada pelo príncipe Thamos de armadura completa, montando um grande cavalo de batalha, e por um esquadrão da sua guarda de elite, a Guarda Silvestre, que o seguia a pé.

— Trouxeram um exército — disse Rojer, colocando-se a seu lado e espreitando. — Não percebo se estamos a ser protegidos ou se estamos presos.

— Por que será o comportamento diurno diferente do nocturno? – perguntou o Homem Pintado.

— Talvez seja normal para aqueles que o duque aceita receber em audiência — disse Leesha.

Rojer abanou a cabeça.

— Viajei na carruagem muitas vezes quando Arrick era arauto. Nunca vi um esquadrão da Guarda Silvestre seguindo-nos pela cidade.

— Terão testado a flecha na noite passada — disse Leesha. — Isso significa que sabem que o que lhes oferecemos é real.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

— O que será, será. Ou vieram como escolta ou Rhinebeck terá um esquadrão de soldados aleijados. — Leesha abriu a boca, mas o Homem Pintado saiu para o pátio de Jizell antes que conseguisse responder. Os outros seguiram-no.

O peão colocou um degrau junto à carruagem e manteve a porta aberta. Thamos observou-os do seu cavalo, curvando ligeiramente a cabeça ao Homem Pintado enquanto subiam. Não tardaram a percorrer as ruas entabuadas a caminho do palácio de Rhinebeck.

O forte do duque era a única estrutura na cidade construída inteiramente em pedra, uma tremenda manifestação de riqueza. Tal como sucedia com a residência do duque Euchor de Miln, o forte de Rhinebeck era uma fortaleza auto-suficiente em miniatura no interior da cidade. As muralhas de nove metros eram rodeadas por terreno aberto em todas as direcções e estavam gravadas com grandes guardas de sulcos cobertos com laca brilhante.

Tinham um aspecto impressionante e duradouro, apesar de ser provável que nunca tivessem sido testadas por algo superior a um demónio do vento errante. Se as muralhas de Forte Angiers fossem violadas e os demónios penetrassem na

cidade em grande número, Rhinebeck podia fechar os portões e esperar o amanhecer em segurança, mesmo que os edifícios em redor do forte estivessem em chamas.

No interior das muralhas, passaram os jardins e manadas privativas do duque, juntamente com dúzias de edifícios ocupados pelos seus criados e artesãos, antes de alcançarem o palácio. As muralhas verticais erguiam-se a uma altura de vários andares, com torres de vigia erguendo-se ainda mais, acima da rede de guardas do forte.

As guardas do palácio eram obras de arte, além de serem funcionais, e Leesha pôde sentir a força dos símbolos, fazendo dançar os olhos sobre as linhas de poder invisíveis por eles criados.

— Sigam-me, por favor — disse o príncipe Thamos ao Homem Pintado, quando a carruagem parou diante da entrada. Leesha franziu a testa enquanto seguiam o príncipe pelo palácio, pensando se seria ignorada em benefício do Homem Pintado durante a audiên-cia. Ouvira-o dizer repetidas vezes que não se responsabilizava pelo Outeiro, tal como Marick não se responsabilizara pelos refugiados rizonanos. Poderia confiar nele para colocar as necessidades da aldeia acima das suas?

O tecto abobadado do átrio erguia-se muito acima, mas a grande sala estava vazia de peticionários. O príncipe conduziu-os para longe da principal sala do trono, por corredores revestidos com grossos tapetes e com paredes decoradas por tapeçarias e quadros a óleo. Chegaram a uma sala de espera com sofás de veludo e uma lareira de mármore.

— Por favor, aguardem aqui até o duque vos convocar — disse Thamos ao Homem Pintado. — Os criados trarão bebida e alimento.

— Obrigado — agradeceu o Homem Pintado, enquanto um pajem chegava com um tabuleiro de bebidas e pequenas sanduíches. Dois guardas silvestres erguiam-se, rígidos, de cada lado da porta, com as lanças prontas.

O tempo passou e Rojer, aborrecido, começou a fazer malabarismo com as chávenas de chá vazias.

— Quanto tempo acham que Rhinebeck nos fará esperar? — perguntou, marcando um ritmo no chão com o pé enquanto movia a mão mutilada para recolher cada chávena antes de a lançar novamente ao ar.

— Tempo suficiente para deixar claro que é ele quem manda — respondeu o

Homem Pintado. — Os duques fazem esperar todos os que os visitam. Quanto mais importantes forem os visitantes, mais tempo terão para contar os fios de cada tapete. É um jogo cansativo, mas, se serve para deixar Rhinebeck seguro, não causará qualquer prejuízo que o deixemos jogá-lo.

— Devia ter trazido as agulhas e a lã — disse Leesha.

— Tenho vários trabalhos por acabar, querida — disse uma voz atrás dela. — Sempre tive talento para começar padrões, mas nunca consigo chegar ao fim. — Leesha voltou-se e viu o ministro Janson atravessado na porta, de braço dado com uma mulher de aspecto venerando que parecia aproximar-se dos oitenta anos.

Rojer sobressaltou-se e Leesha encolheu-se quando uma das chávenas que movia pelo ar caiu ao chão. Felizmente, o tapete grosso não permitiu que se partisse.

A mulher fitou Rojer com um olhar que teria orgulhado Elona.

— Suponho que Arrick nunca te terá ensinado maneiras. — A face de Rojer ficou mais vermelha do que o seu cabelo.

A mulher era pequena, mesmo para uma angierana, indo pouco acima do metro e cinquenta, medido da renda branca krasiana na bainha do seu vestido volumoso de veludo verde, até ao topo do aro de madeira lacada sobre o cabelo grisalho preso com ganchos severos. Sobre o aro, erguiam-se pontas debruadas a ouro e decoradas com pedras preciosas. Era magra como um junco e ligeiramente encurvada, apoiando-se no braço do primeiro ministro. As mãos que o seguravam estavam cobertas com pele enrugada e translúcida. O pescoço estava envolto em veludo preso com uma esmeralda do tamanho do punho de um bebé.

— Permitam-me que apresente Sua Excelência, a Senhora Araine, duquesa-mãe, mãe de Sua Excelência, o duque Rhinebeck Terceiro, Guardião da Fortaleza da Floresta...

— Sim, sim — interrompeu Araine. — Não há ninguém no mundo que desconheça os títulos do meu filho e não estou a ficar mais jovem enquanto os recitas pela milésima vez esta semana, Janson.

— As minhas desculpas, senhora — disse Janson, curvando-se ligeiramente.

Leesha reagiu com uma vénia à apresentação e os homens curvaram-se. Vestindo calças de homem, Wonda não tinha saias para segurar e adoptou uma

estranha postura intermédia.

— Se te vestes como um homem, rapariga, fazes vénias como um — disse Araine, olhando-a, com altivez. Wonda corou e curvou-se demoradamente.

A duquesa-mãe respondeu com um gemido de satisfação e voltou-se para Leesha.

— Vim resgatar-te destes enfadonhos assuntos masculinos, querida. — Olhou Wonda. — A jovem também.

— Perdoai-me, Excelência — disse Leesha, voltando a curvar-se.
— Mas substituo o Orador do Outeiro do Libertador e devo participar na audiência.

— Tolice — considerou Araine. — Uma Oradora? Podem aceitar tais frivolidades em Miln, mas Angiers faz as coisas da forma certa. As mulheres não devem imiscuir-se em assuntos de estado. — Libertou o braço de Janson e prendeu o de Leesha, puxando-a para a porta enquanto fingia apoiar-se. — Deixemos os homens com os seus registos e proclamações — disse. — Discutiremos assuntos mais femininos.

Leesha sentiu-se vagamente surpreendida pela força da mulher. Não era tão frágil como aparentava. Mesmo assim, pensar em sentar-se com um grupo de mulheres mimadas envolvidas numa discussão fútil sobre o clima e as modas, enquanto os homens traçavam o destino do Outeiro do Libertador era inaceitável.

Janson curvou-se para Leesha, enquanto resistia a deixar-se arrastar pela anciã.

— Não é sensato contrariar a duquesa-mãe — sussurrou. — Será melhor fazer-lhe a vontade por agora. O duque não receberá os outros durante bastante tempo e virei buscar-te antes de seres necessária.

Leesha olhou-o. A sua expressão era imperscrutável. Franziu a testa. Não querendo antagonizar a família real, deixou-se levar, com relutância.



— A ala das mulheres fica nesta direcção, querida — disse Araine, levando Leesha por um corredor longo e ricamente decorado. Sem contar com a sala do tesouro do Homem Pintado, Leesha nunca vira tanto fausto como no palácio do duque. O seu pai fora o homem mais rico do Outeiro do Lenhador durante a sua

infância, mas o duque fazia a riqueza de Erny parecer os restos que se dariam a um cão após um grande banquete. Tapetes luxuosos acariciavam e tornavam macio cada passo. Os padrões eram vibrantes e via também tapeçarias e estátuas sobre pedestais de mármore nas paredes. O tecto estava pintado de dourado e a luz dos candelabros fazia-o reluzir.

Por todo o ducado, refugiados rizonanos passavam fome, mas conseguiria a família real compreender verdadeiramente o que tal significava, rodeada como estava por tamanha opulência? Recordou a sua mãe, assegurando sempre o seu conforto em primeiro lugar e ocupando-se do conforto alheio apenas quando alguém observava.

Os passos arrastados de Araine tornaram-se mais firmes enquanto avançavam e a anciã de aspecto frágil guiava Leesha pelo vasto palácio como um homem conduziria uma mulher ao longo de passos de dança. Wonda seguiu-a em silêncio até passarem por uma última porta e Araine se voltar para ela.

— Sê um anjo e fecha a porta como uma boa menina — disse. Wonda obedeceu, puxando a sólida porta de carvalho até se ouvir um clique. — Muito bem. Vamos olhar-te — disse Araine, libertando o braço de Leesha e empurrando-o para a fazer rodopiar e facilitar a inspecção.

Araine olhou-a de alto a baixo, erguendo ligeiramente os cantos dos lábios.

— Então és tu o jovem prodígio que tanto orgulhava Bruna. — Parecia pouco impressionada. — Quantos Verões viste, rapariga? Vinte e cinco?

— Vinte e oito — disse Leesha.

Araine não escondeu o seu desprezo.

— Bruna costumava dizer que uma Herbanária não vale dois klats antes dos cinquenta.

— Conhecíeis mestra Bruna, Excelência? — perguntou Leesha, surpreendida.

Araine riu-se.

— Se a conhecia? A velha bruxa arrancou dois príncipes às minhas entranhas. Sim, suponho que a conhecia. Pether nasceu há quase cinquenta anos e Bruna era quase tão velha como eu sou agora. Thamos nasceu uma década mais tarde. Uma criança enorme como os seus irmãos, mas já não era tão jovem e precisava de mais do que apenas uma parteira com aspirações. Bruna passara dos oitenta anos e sentia-se relutante em deixar o Outeiro, mesmo quando lhe enviei o meu arauto para se ajoelhar diante dela e implorar. Resmungou durante todo o tempo,

mas veio, mesmo assim, e passou meses no palácio. Aceitou mesmo duas aprendizas, Jizell e Jessa, enquanto aqui esteve.

— Jessa? — perguntou Leesha. — Bruna nunca referiu uma aprendiza com esse nome.

— Ah! — bradou Araine. — Não me surpreende. — Leesha esperou que a anciã a elucidasse, mas em vão. — Teria feito de Bruna a Herbanária Real se aceitasse — prosseguiu. — Mas a maldita velha voltou para o Outeiro assim que o cordão de Thamos foi cortado. Disse que os títulos não lhe diziam nada. Apenas lhe importavam os seus filhos no Outeiro.

A duquesa-mãe olhou Leesha.

— Também sentes o mesmo, rapariga? Pões o Outeiro acima de tudo, incluindo o teu dever para com o trono da hera?

Leesha olhou-a nos olhos e acenou afirmativamente.

— Sim.

Araine fitou-a por um momento, como se desafiasse Leesha a pestanejar, mas, acabou por emitir um grunhido de satisfação.

— Não acreditaria numa palavra da tua boca se dissesses o contrário. Janson diz-me que afirmas ter alguma da perícia de Bruna para resolver a infertilidade.

Leesha voltou a acenar afirmativamente.

— Bruna ministrou lições exaustivas sobre o tema e tenho anos de experiência prática.

Araine olhou Leesha, com sobranceria.

— Suponho que não terás muitos anos, mas, por agora, perdoaremos essa falha. Não fará mal se a examinares. Todas as outras já o fizeram.

— Se a examinar? — repetiu Leesha.

— À duquesa — explicou Araine. — A minha nora mais recente. Quero saber se a rapariga é estéril ou se o meu filho não tem semente.

— Não conseguirei determinar a segunda possibilidade com um exame à duquesa — disse Leesha.

Araine roncou.

— Serias lançada pela porta fora se afirmasses conseguir. Mas, em primeiro lugar, examina a rapariga.

— Com certeza — disse Leesha. — Há algo que me possais dizer sobre Sua Alteza antes de a examinar?

— É saudável como um cavalo de guerra, com físico robusto e ancas parideiras — disse Araine. — Não é a mais esperta da ninhada, mas é isso que se espera de uma senhora angierana. Os seus irmãos são suficientemente vivos. Podemos presumir que será uma questão de educação e não de natureza. Depois do último divórcio de Rhinebeck, escolhi-a pessoalmente entre todas as candidatas esperançosas de educação esmerada, sem esquecer o berçário. A Senhora Melny é a mais jovem de doze irmãos, dois terços dos quais são homens. Tem três irmãs e todas geraram filhos. Dois rapazes por cada rapariga. Se alguém for capaz de dar um herdeiro ao trono da hera, será ela. Claro que o meu filho apenas se importou com o tamanho dos seus seios, mas Melny possui neles volume suficiente para alimentar até um bebé grande como o meu Rhiney.

— Há quanto tempo se casaram? — perguntou Leesha, ignorando o último comentário.

— Há mais de um ano — respondeu Araine. — A Herbanária Real prepara chá de fertilidade e ordeno a Janson que feche os bordéis durante os seus ciclos, mas, mesmo assim, continua a sangrar a cada lua.

Araine levou Leesha pelo labirinto de salões privados e escadarias usados pelas mulheres da família real. Viu muitas criadas, mas não viu um único homem. Por fim, chegaram a um luxuoso quarto repleto de almofadas de veludo e rendas krasianas. A duquesa erguia-se diante de uma das grandes janelas envidraçadas da câmara, olhando a cidade. Envergava um vestido amplo de seda verde e amarela, com um decote baixo à frente e apertado na cintura. O cabelo estava erguido por baixo de uma tiara de ouro e pedras preciosas e a face estava impecavelmente maquilhada, pronta para o momento em que o duque a convocasse para os seus aposentos. Não teria mais de dezasseis anos.

— Melny, esta é mestra Leesha do Outeiro do Lenhador — apresentou Araine.

— Outeiro do Libertador — corrigiu Leesha. Araine lançou-lhe um olhar de tolerância divertida.

— Mestra Leesha é especialista em infertilidade — prosseguiu Araine — e examinar-te-á hoje. Despe-te.

A rapariga acedeu, não hesitando minimamente enquanto levava os braços atrás à procura das rendas do corpete. Era claro quem detinha a autoridade sobre as mulheres do duque. As aias avançaram prontamente para ajudar o processo e, pouco depois, o vestido da duquesa estava dobrado sobre a cama.

— Examina como entenderes — murmurou Araine, em voz demasiado baixa para ser ouvida por mais alguém, enquanto as aias trabalhavam. — A rapariga foi espetada e tocada mais vezes do que uma rameira de dois klats em qualquer estalagem.

Leesha abanou a cabeça, sentindo pena da pobre rapariga, mas curvou-se e abriu a bolsa de ervas sobre a cómoda da duquesa, dispondo à sua frente vários frascos e bastonetes. Ansiara por aquela oportunidade e viera preparada com os químicos adequados.

A jovem duquesa erguia-se, mansa e silenciosa, enquanto Leesha procedia ao exame, mas o coração batia-lhe acelerado no peito quando Leesha o ouviu. Era provável que a rapariga se sentisse aterrorizada, receando o que lhe aconteceria se, tal como as duquesas anteriores, não conseguisse gerar um herdeiro. Leesha pensou se teria tido a possibilidade de rejeitar a união ou, como era comum em Thesa, esta fora combinada pelos pais sem ouvir os seus desejos.

Recolheu amostras da urina da duquesa e dos seus fluidos vaginais, misturando-as com químicos e esperando que interagissem. Palpou o ventre da rapariga, chegando mesmo a introduzir um dedo para examinar o colo do útero. Por fim, sorriu-lhe.

— Tudo parece estar em ordem, Alteza. Agradeço a vossa colaboração. Podeis vestir-vos.

— Obrigada, mestra — disse a duquesa. — Espero que consiga descobrir qual o meu problema.

— Penso que não há qualquer problema — disse-lhe Leesha.

— Mas, se algo precisar de ser corrigido, garanto que o faremos. — A duquesa esboçou um sorriso débil e acenou afirmativamente. Era provável que tivesse ouvido a mesma coisa a dúzias de outras Herbanárias. Não tinha motivo para pensar que Leesha seria diferente.

Regressou para junto da janela enquanto Leesha se aproximava da cómoda para conferir os resultados dos testes. A duquesa-mãe acercou-se.

— Não há problema nenhum nesta rapariga — disse Leesha. — É saudável e conseguiria gerar um exército inteiro.

Araine passou-lhe um pedaço de gaze repleto de ervas secas.

— A tintura que a Herbanária Real usa para preparar o seu chá de fertilidade.

Leesha cheirou o pacote.

— Normal. Não fará mal, mas poderia preparar um mais potente... não que importe.

— Acreditas que o problema é do meu filho — disse Araine.

Leesha encolheu os ombros.

— O passo lógico seguinte seria examiná-lo, Excelência.

Araine roncou.

— Aquele burro teimoso mal deixa uma Herbanária espreitar-lhe pela garganta quando se constipa e quase tosse as entranhas pela boca fora. Será pouco provável que te deixe chegar perto da sua virilidade... — Olhou Leesha de alto a abaixo e esboçou um sorriso matreiro. — A não ser que querias examiná-lo e recolher as tuas amostras pelo método antiquado.

Leesha franziu a testa e Araine riu-se.

— Bem me pareceu! — disse, entre gargalhadas. — Pediremos à rapariga que o faça! Para que outra coisa servirá uma duquesa jovem?



O ministro Janson deixou-se ficar depois de a duquesa-mãe partir com Leesha e Wonda. Mostrou uma caixa de carvalho estreita e polida e passou-a a Rojer.

— Encontrámos isto nos aposentos de Arrick depois da sua dispensa — disse Janson. — Enviei uma mensagem à Associação dos Jograis, informando-o de que a guardava, mas o teu mestre nunca se deu ao trabalho de a vir buscar. Confesso que me intrigou. Arrick levou tudo menos as penas do colchão quando se foi, incluindo algumas coisas que não eram exactamente suas. Mas deixou isto sobre uma mesa, à vista de todos.

Rojer recebeu a caixa e abriu-a. No interior, sobre um fundo de veludo verde, viu um medalhão de ouro preso a uma pesada corrente. O medalhão estava decorado com um relevo de lanças cruzadas por trás de um escudo com as armas do duque Rhinebeck: uma coroa de ramos flutuando sobre um trono coberto de hera.

Rojer recordava o suficiente das lições de heráldica de Arrick para reconhecer de imediato o medalhão: a Medalha Real Angierana de Valor. A mais elevada condecoração do duque. Rojer fitou-a, espantado. Que fizera Arrick para

merecer tal prémio e porque o deixaria para trás? Além do valor simbólico, o medalhão valeria uma fortuna. Numa cidade pobre em metais como Angiers, só a corrente valeria uma montanha de klats. E o ouro...

— Sua Excelência, concedeu a medalha a Arrick pela bravura demonstrada na queda de Ponteflúvia — disse Janson, como se lhe lesse o pensamento. — Teria sido suficiente se tivesse sobrevivido e regressado para informar o duque da tragédia, mas enfrentar os nuclitas e salvar-te, um rapaz de apenas três verões incapaz de fugir e de se esconder... — Abanou a cabeça.

Rojer sentiu-se como se o ministro o tivesse esbofeteado.

— Não consigo imaginar porque a teria deixado — disse, alheado, engolindo o nó na garganta. — Agradeço que tenha sido mantida em segurança. — Fechou a caixa e guardou-a no saco multicolorido que trazia pendurado do ombro.

— Muito bem — disse Janson, quando se tornou claro que Rojer não tinha mais nada a dizer. Olhou o Homem Pintado. — Se estiveres preparado, Sr. Flinn, Sua Excelência receberá agora a vossa delegação.

— Mas Leesha... — começou Rojer.

O ministro uniu os lábios com força.

— Sua Excelência não aprecia receber mulheres na sua sala do trono — disse. — Asseguro que mestra Leesha se encontra em boas mãos com a duquesa-mãe e as suas aias. Podereis relatar-lhe a audiência depois de Sua Excelência vos dispensar.

O Homem Pintado franziu o sobrolho e fitou intensamente o ministro. O pequeno homem pareceu petrificado sob aquele olhar duro, mas não recuou. Olhou brevemente os guardas junto à porta.

— Assim seja — disse, por fim, o Homem Pintado. — Queira mostrar o caminho.

Janson camuflou um suspiro de alívio e curvou-se.

— Por aqui, por favor.



O duque Rhinebeck era alto para um angierano, mas, mesmo assim, era mais baixo do que a maioria dos habitantes do Outeiro do Libertador. Era um homem corpulento rondando os cinquenta e cinco anos, com os músculos da juventude

transformados em gordura. O seu gibão com nódoas de molho era verde-esmeralda e as calças justas eram castanhas, ambas de rara seda krasiana. Usava a coroa de madeira lacada de Angiers sobre o cabelo oleoso castanho salpicado de branco, mas os dedos e a garganta cobriam-se com anéis e colares de ouro milnês.

À direita do duque, sobre um estrado mais baixo, sentava-se o irmão, Mickael, o príncipe real. Quase da idade do duque, mas um pouco mais robusto, o príncipe Mickael vestia roupas igualmente ricas e tinha o cabelo cingido com um aro de ouro. À esquerda do duque, sentava-se o Pastor Pether, irmão do meio de Rhinebeck. O Pastor era ainda mais gordo que Rhinebeck, apesar da austeridade sugerida pela túnica castanha simples e pela cabeça rapada. Ao contrário dos tecidos rudes usados pela maioria dos Protectores, a túnica do Pastor era fabricada com lã fina, presa com um cinto de seda amarela.

O príncipe Thamos mantinha-se de pé, ao fundo do estrado, com a sua couraça e caneleiras de madeira lacada. Erguia a lança, com prontidão, tal como faziam os soldados da Guarda Silvestre à porta, mesmo que Rojer e os outros terem sido revistados e despojados das suas armas antes de entrarem na sala do trono. De qualquer forma, ao lado de Gared e do Homem Pintado, Rojer sentia-se tão seguro como se estivesse no Outeiro do Libertador, banhado por um Sol intenso.

— Sua Excelência, o duque Rhinebeck Terceiro — anunciou Janson. — Guardião da Fortaleza da Floresta, Detentor da Coroa de Madeira e Senhor de Toda Angiers. — Rojer pousou um joelho no chão e Gared imitou-o. O Homem Pintado, no entanto, limitou-se a baixar a cabeça.

— Ajoelha perante o teu duque — rosnou Thamos, apontando o Homem Pintado com a lança.

Este abanou a cabeça.

— Não pretendo faltar ao respeito, Alteza, mas não sou angierano.

— Que tolice é esta? — exigiu saber o príncipe Mickael. — És Flinn Lenhador do Outeiro do Lenhador, angierano nascido e criado. Pretendes dizer que o Outeiro já não se considera parte do ducado? –

Thamos segurou a lança com maior firmeza, erguendo-a para eles. Rojer engoliu em seco, esperando que o Homem Pintado soubesse o que fazia.

Pareceu não perceber a ameaça. Voltou a abanar a cabeça.

— Não quis dizer nada que se pareça, Alteza. Flinn Lenhador foi apenas um

nome dado nos portões da cidade por conveniência. Peço desculpa pelo engano. — Voltou a baixar a cabeça.

Janson, que se instalara atrás de uma pequena mesa ao lado do estrado, começou a escrevinhar furiosamente.

— O teu sotaque é milnês — disse o Pastor Pether. — Serás, porventura, leal a Euchor?

— Passei tempo em Forte Miln, mas também não sou milnês — respondeu o Homem Pintado.

— Então diz como te chamas e qual é a tua cidade — ordenou Thamos.

— O meu nome só a mim pertence — disse o Homem Pintado. — E nenhuma cidade é o meu lar.

— Como te atreves?! — gritou Thamos, avançando com a lança. O Homem Pintado lançou-lhe um olhar divertido, como um homem perante um rapaz que lhe erguesse os punhos. Rojer susteve a respiração.

— Basta! — bradou Rhinebeck. — Thamos, para trás! — O príncipe Thamos franziu o sobrolho, mas fez o que lhe era ordenado, recuando para o fundo do estrado e olhando com ferocidade o Homem Pintado.

— Mantém os teus mistérios por agora — disse Rhinebeck, erguendo uma mão para travar novas questões. O príncipe Mickael olhou intensamente o irmão mais velho, mas manteve-se calado.

— Lembro-me de ti — disse Rhinebeck a Rojer, parecendo querer aliviar a tensão na sala do trono. Rojer Estalagem, o fedelho de Arrick Doce-Canção, que acreditava que o meu bordel era um infantário. — Riu-se. — Chamavam Doce-Canção ao teu mestre porque a sua voz adoçava as mulheres entre as pernas. O aprendiz tornou-se mestre?

— Apenas encanto nuclitas com a minha música, Excelência — replicou Rojer com uma vénia, esboçando um sorriso e ocultando a fúria atrás de uma máscara de Jogral.

Rhinebeck riu, batendo com a mão no joelho.

— Como se um nuclita pudesse ser seduzido como uma rameira com miolos de pau! Tens o sentido de humor de Arrick. Reconheço-to!

Lorde Janson pigarreou.

— Hmm? — perguntou Rhinebeck, voltando-se para o seu secretário.

— Os Mensageiros que passam pelo Outeiro dizem que o Sr. Estalagem

consegue realmente encantar demónios com a sua música, Excelência — disse.

O duque arregalou os olhos.

— É verdade? — Janson acenou afirmativamente.

Rhinebeck tossiu para esconder a surpresa e voltou-se novamente para eles, olhando Gared.

— És o capitão Gared dos Lenhadores? — perguntou.

— Hmm... Só Gared, Senhoria — gaguejou Gared. — Sou o chefe dos Lenhadores, mas não sou nenhum capitão. Acho que tenho jeito com o machado. E é tudo.

— Não te menosprezes, rapaz — disse Rhinebeck. — Ninguém louva um homem que não se louve a si próprio. Se metade do que ouço sobre ti é verdade, eu próprio te poderei dar uma promoção.

Gared abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas era claro que não fazia ideia do que dizer. Por isso, limitou-se a uma vénia, curvando-se tanto que Rojer receou que batesse com o queixo no chão.



Leesha beberricou o chá, erguendo os olhos acima do bordo da taça para olhar a duquesa-mãe, que a observava também com idêntica candura silenciosa. As criadas de Araine tinham disposto um serviço de chá em prata polida na mesa entre as duas, juntamente com uma pilha de doces e pequenas sanduíches, antes de desaparecerem. Uma campainha de prata repousava ao lado do tabuleiro para as convocar quando fossem necessárias.

Wonda sentava-se hirta, como se tentasse tornar-se invisível aos olhos da duquesa-mãe tal como se tornava invisível para os nuclitas quando vestia a sua Capa de Invisibilidade. Olhava o prato de sanduíches com avidez, mas parecia demasiado aterrada para retirar uma, receando atrair atenções.

A duquesa voltou-se para ela.

— Rapariga, se pretendes vestir-te como um homem e trazer contigo uma lança, não te comportes como uma debutante tímida cortejada pelo seu primeiro pretendente. Come. As sanduíches não estão aqui empilhadas como enfeite.

— Perdão, Excelência — disse Wonda, curvando-se, desconfortável. Alcançou um punhado de sanduíches e enfiou-as na boca, sem necessitar de guardanapo ou

prato. Araine revirou os olhos, mas pareceu mais divertida do que irritada.

A duquesa-mãe voltou-se para Leesha.

— Quanto a ti, vejo-te a questão na face e será melhor que a coloques. Não estou a ficar mais jovem enquanto esperamos.

— É que... estou surpreendida, Excelência — disse Leesha. — Não é o que esperava.

Araine riu-se.

— Baseando-te em quê? No meu número de anciã débil diante dos homens? Criador, rapariga. Bruna disse que eras inteligente, mas terei as minhas dúvidas se não conseguiste perceber que não passava de uma encenação.

— Não voltarei a deixar-me enganar, garanto — disse Leesha.

— Mas confesso que não compreendo a necessidade do número. Bruna nunca fingiu ser...

— Caquética? — completou Araine, com um sorriso, enquanto escolhia uma sanduíche delicada do tabuleiro e a molhava levemente no chá, comendo-a com duas dentadas rápidas. Wonda tentou imitá-la, mas deixou a sanduíche no chá durante tempo demasiado e metade ficou a flutuar no líquido. Araine reagiu com um grunhido de desprezo enquanto a rapariga se apressava a engolir chá e sanduíche em simultâneo.

— Precisamente, Excelência — tornou Leesha.

A duquesa-mãe olhou Leesha, erguendo o queixo daquela sua forma desaprovadora. Lembrou-lhe o olhar de Lorde Janson e pensou se o primeiro-ministro teria aprendido com ela.

— É necessário — disse Araine — porque os homens se transformam em madeira rija perto de uma mulher inteligente. Mas, perto de uma tonta, são macios como papa. Vive mais umas décadas e perceberás o que digo.

— Recordá-lo-ei na audiência com Sua Excelência — disse Leesha.

Araine riu-se.

— Mantém a dança, rapariga. Isto é a audiência. O que se passa na sala do trono é apenas para manter as aparências. Pensem o que pensarem, os meus filhos não governam esta cidade mais do que o teu Smitt governa o Outeiro.

Leesha engasgou-se com um bolo e quase entornou o chá. Olhou Araine, chocada.

— Mas foi mau planeamento vir sem o Sr. Smitt — censurou Araine. — Bruna

odiava política, mas podia ter-te ensinado os seus rudimentos. Conhecia-os suficientemente bem. Os meus rapazes saem ao pai e consideram as mulheres da corte úteis apenas para colocar comida sobre a mesa ou para se ajoelharem debaixo dela. Presumiram naturalmente que o teu Sr. Flinn, se é mesmo esse o seu nome, é o líder do grupo e concederão mais respeito a Gared, aquele gorila, e ao fedelho de Arrick do que a ti.

— O Homem Pintado não fala pelo Outeiro — disse Leesha.

— Nem os outros.

— Achas-me tola, rapariga? — perguntou Araine. — Bastou um olhar para me fazer perceber que assim era. Mas não faz diferença. Todas as decisões estão já tomadas.

— Perdão? — perguntou Leesha, confusa.

— Transmiti a Janson as suas instruções na noite passada depois de ler o relatório que fez e ocupa-se de as cumprir neste preciso momento — explicou Araine. — Desde que nenhum daqueles pavões comece uma rixa enquanto se pavoneiam na sala do trono, o resultado da «audiência» será este: regressarás ao Outeiro para aguardar uma equipa dos meus melhores Guardadores, enviados para estudar as vossas guardas de combate. Antes que chegue o Inverno, quero que qualquer Guardador de dois klats de Angiers consiga guardar armas, até cada caçador desmiolado que consiga manejar um arco possuir uma aljava de flechas guardadas e até as lanças guardadas se venderem a preço baixo em bancas de rua. Thamos e a Guarda Silvestre acompanharão os Guardadores — prosseguiu Araine. — Para sua protecção e para que os teus Lenhadores possam treiná-los na caça ao demónio.

Leesha acenou afirmativamente.

— Com certeza, Excelência. — Araine sorriu pacientemente à interrupção e Leesha percebeu que, no que dizia respeito à duquesa-mãe, eram ordens reais e não assuntos sujeitos a discussão.

— Os Protectores do Criador estão agitados pelo teu amigo pintado — continuou Araine. — Metade acredita ser ele o Libertador e a outra metade julga que é pior do que a mãe de todos os demónios. Nenhum dos lados parece confiar no vosso jovem Protector Jona, apesar de este parecer inclinar-se para a primeira categoria. Desejam inquiri-lo. Troquei cartas com os meus conselheiros no Conselho de Protectores e acordámos que um substituto, o Protector Hayes, será

enviado para se ocupar dos fiéis no Outeiro enquanto Jona será convocado aqui para testemunhar perante o conselho. Hayes é um bom homem. Não se deixou cegar pelo fanatismo e não é nenhum tolo. Avaliará as crenças dos outeireiros acerca do Homem Pintado enquanto o conselho avaliar as de Jona.

Leesha pigarreou.

— Perdão, Excelência, mas o Outeiro não é uma cidade com dúzias de Protectores. As pessoas confiam em Jona porque conquistou a sua confiança ao longo de muitos anos. Não seguirão qualquer homem de túnica castanha e não aceitarão que Jona seja levado para uma inquirição.

— Se Jona for leal à sua ordem, virá voluntariamente e tranquilizará quaisquer dúvidas que possam existir — disse Araine. — Se não o fizer... bom... Desejo saber, tanto quanto o conselho, com quem está a sua lealdade.

— E se a inquirição do conselho tiver um resultado desfavorável? – perguntou Leesha.

— Há muito que os Protectores não queimam um herege — disse Araine. — Mas suponho que ainda conhecerão a receita.

— Então o Protector Jona não virá — disse Leesha, pousando a taça de madeira e enfrentando o olhar da duquesa-mãe. — A não ser que pretendam testar o valor da vossa Guarda Silvestre contra homens que cortam árvores durante o dia e demónios da madeira durante a noite.

Araine arqueou as sobrancelhas e as suas narinas inflaram. O véu de serenidade voltou de imediato, tão rapidamente que Leesha pensou que poderia ter imaginado o vislumbre de irritação. Araine voltou-se para olhar Wonda.

— É verdade, rapariga? — perguntou. — Pegarias em armas contra o teu duque, se a Guarda Silvestre viesse buscar o vosso Protector?

— Lutarei contra quem Leesha ordenar — respondeu Wonda, endireitando as costas pela primeira vez perante a minúscula duquesa-mãe.

Mesmo com os seus quinze verões. Wonda Lenhador era mais alta do que a maioria dos homens do Outeiro do Libertador, homens com a reputação de serem os mais altos do ducado. Erguia-se sobre a anciã diminuta, mas Araine pareceu mais divertida do que ameaçada por ela. A duquesa-mãe acenou afirmativamente como se pretendesse fazer regressar Wonda ao seu estado anterior e olhou Leesha, tocando com uma unha na sua delicada taça de chá.

— Muito bem — disse, por fim. — Garantirei pessoalmente a segurança do

Protector Jona e o seu regresso ao Outeiro, mesmo que o possa fazer despojado da sua túnica.

— Obrigada, Excelência — agradeceu Leesha, baixando a cabeça e manifestando a sua aceitação dos termos.

Araine sorriu e ergueu a taça.

— Afinal, poderás realmente ser a herdeira de Bruna. — Leesha sorriu e beberam em conjunto. — O Homem Pintado — disse Araine, após um instante — irá sozinho a Miln, para partilhar as suas informações sobre os krasianos com Euchor e transmitir o nosso pedido de auxílio.

— Porquê o Homem Pintado e não o vosso arauto? — perguntou Leesha.

Araine roncou.

— Aquele sobrinho efeminado de Janson? Euchor comeria o rapaz vivo. Se não o sabias, Euchor e o meu filho odeiam-se.

Leesha olhou-a, mas, com um gesto, a duquesa impediu-a de dizer o que fosse.

— Não tentes imiscuir-te nesses assuntos, rapariga. O trono da hera e o trono de metal eram adversários muito antes de os presentes ocupantes instalarem sobre eles os seus traseiros gordos e o mesmo continuará muito depois do seu desaparecimento. Os homens não conseguem evitar quezílias com os seus adversários.

— Isso não explica porque deverá ser o Homem Pintado e não um Mensageiro Real — disse Leesha. — Garanto que, mesmo que aceite ir (e descobrireis que é mais difícil de manobrar do que pensais), fá-lo-á seguindo uma agenda própria.

— Claro que sim — disse Araine. — E é precisamente por esse motivo que quero esse homem tão distante da minha cidade quanto seja possível. Quer o deseje ou não, a sua presença incita o povo a um fanatismo tresloucado e isso não é forma de governar um estado. Que vá e leve agitação a Miln. Euchor poderá concordar com o que queremos, apenas para se ver livre dele.

— E que é, ao certo, o que «queremos»? — perguntou Leesha.

Araine fitou-a e Leesha não conseguiu perceber se a sua audácia a divertia ou ofendia.

— Uma aliança contra os krasianos, claro — disse, por fim, a duquesa-mãe. — Uma coisa é discutir por cargas de madeira e minério, mas outra será que os cães pastores se mordam uns aos outros quando há lobos no cercado.

Leesha olhou a mulher, querendo argumentar, mas deu consigo a concordar.

Parte dela sentia-se tão segura quando Arlen estava por perto e não queria que deixasse o Outeiro. Mas havia outra parte, uma parte crescente, que considerava a sua presença... sufocante. Tal como receara, os outeireiros e os refugiados esperavam que fosse ele a salvá-los em vez de se salvarem a si próprios. E não tinha Leesha feito o mesmo? Talvez fosse melhor para todos que se ausentasse durante um curto espaço de tempo?

Quando o momento para uma resposta de Leesha passou sem qualquer palavra, Araine acenou afirmativamente e voltou a centrar a sua atenção no chá.

— Ainda não decidi o que fazer ao rapaz de Arrick. A sua suposta magia de violino exige apreciação mais próxima, mas ainda não decidi.

— Não é magia — disse Leesha. — Não da forma que julgaríamos. Limita-se a... encantar os nuclitas. Como um Jogral trabalha a disposição de um público. É uma perícia útil, mas funciona apenas enquanto continuar a tocar e não tem conseguido ensinar o truque a outros.

— Poderá ser um bom arauto — ponderou Araine. — Melhor do que o sobrinho de Janson, seja como for. Apesar de isso ser um fraco elogio.

— Preferiria que Rojer ficasse comigo, Excelência — disse Leesha.

— Ah! Preferias? — perguntou Araine, divertida. Estendeu a mão sobre a mesa e apertou a bochecha de Leesha. — Agradas-me, rapariga. Não receias dizer o que pensas. — Voltou a recuar, olhando Leesha por um momento e encolhendo os ombros. — Sinto-me generosa — disse, voltando a encher as taças de chá. — Fica com ele. Agora, vamos a este assunto do «Libertador».

— O Homem Pintado não afirma ser o Libertador, Excelência –
disse Leesha. Ouviu novo ronco de desprezo à anciã. — Noite. Arrancará a cabeça a quem se atrever a sugeri-lo.

— Afirme o que afirmar, é nisso que o povo acredita — disse Araine. — Como é provado pela súbita mudança de nome do teu povoado... sem permissão real, acrescento.

Leesha encolheu os ombros.

— A decisão foi do conselho da aldeia e não minha.

— Mas não te opuseste — notou Araine.

Leesha voltou a encolher os ombros.

— Acreditas? — perguntou Araine, olhando-a atentamente. — É o Libertador regressado?

Leesha olhou a duquesa-mãe durante muito tempo.

— Não — disse, por fim. Wonda ficou boquiaberta e Leesha franziu a testa.

— Parece-me que a tua guarda-costas não concorda — disse Araine.

— Não me cabe dizer às pessoas em que devem ou não acreditar – disse Leesha.

Araine acenou afirmativamente.

— Precisamente. Nem caberá ao conselho da tua aldeia. Janson preparou já uma condenação real da mudança de nome. Se o conselho for sensato, voltarão a pintar as tabuletas sem perder tempo.

— Informá-los-ei, Excelência — disse Leesha. Araine semicerrou os olhos perante a resposta vaga, mas não disse nada. — E os refugiados? — perguntou Leesha.

— Sim? — perguntou Araine.

— Recebê-los-ão? — perguntou Leesha.

A duquesa-mãe roncou.

— E onde os alojaríamos? Alimentá-los-íamos com o quê? Usa a cabeça, rapariga. Angiers aceita-os, mas o forte não conseguirá sustentar tanta gente. Que permaneçam em povoados como o teu e multipliquem a sua população. Os Guardadores e soldados que enviarei ao Outeiro mostrarão total apoio do duque aos seus vizinhos neste momento de necessidade e esqueceremos os carregamentos de madeira que o Outeiro tem falhado.

Leesha franziu os lábios.

— Precisaremos de mais do que isso, Excelência. Temos grupos de três pessoas a partilhar um cobertor e crianças vestidas com farrapos. Se não podem dispensar comida, enviem roupa. Ou lã do Prado do Pastor para que possamos fazê-la. Estamos na época da tosquia, não?

Araine pensou por um momento.

— Enviarei algumas carroças de lã e também cem ovelhas.

— Duzentas — disse Leesha. — Metade, pelo menos, em idade de parir. E cem vacas leiteiras.

Araine franziu a testa, mas acenou afirmativamente.

— Feito.

— E sementes do Coto do Lavrador e do Extremo da Floresta – acrescentou Leesha. — Estamos na época da sementeira e teremos mão-de-obra

para trabalhar a terra e conseguir uma plantação completa se houver sementes em quantidade suficiente.

— Beneficiará a todos — concordou Araine. — Receberão o que pudermos dispensar.

— Como podeis saber que os homens concordarão com estes termos? — perguntou Leesha.

Araine riu-se.

— Os meus filhos não conseguiriam atar os sapatos sem Janson e Janson é-me fiel. Seguirão o seu conselho e morrerão pensando que as ideias foram suas.

Leesha continuava a sentir dúvidas, mas a duquesa-mãe limitou-se a encolher-lhe os ombros.

— Ouve-o por ti própria quando os teus homens saírem e te contarem o que «negociaram». Até lá, acabemos o nosso chá.



— Por que vieram diante do trono da hera? — perguntou Rhinebeck.

— O avanço krasiano ameaça-nos a todos — disse o Homem Pintado. — Refugiados inundam os campos em maiores números do que conseguirão ser absorvidos com facilidade pelos povoados. E, quando se dirigirem para Lakton...

— Isto é ridículo — interrompeu o príncipe Mickael. — Pelo menos, mostra a cara quando falares com o duque.

— Perdão, Alteza — disse o Homem Pintado com uma vénia ligeira. Baixou o capuz e, iluminado pelo Sol que entrava pelas janelas, as guardas pareceram rastejar sobre a sua pele como criaturas vivas. Thamos e Janson, tendo-as visto antes, mantiveram a compostura, mas os outros príncipes não conseguiram esconder o choque por completo.

— Criador — sussurrou Pether, traçando uma guarda no ar à sua frente.

— Porque não tens nome, suponho que desejarás que te chamemos Lorde Guarda? — perguntou Mickael, transformando a expressão surpresa numa de escárnio.

O Homem Pintado abanou a cabeça, esboçando um sorriso ténue.

— Não poderia ser mais camponês, Alteza. Não serei Lorde em terra alguma.

Mickael roncou de desprezo.

— Independentemente das circunstâncias, custa-me a crer que um homem que diz ser o Libertador não se considere tão digno de ser Lorde como qualquer membro da realeza. Ou julgas-te superior a tais coisas?

— Não sou o Libertador, Alteza — disse o Homem Pintado.

— Nunca disse o contrário.

— Não é o que acredita o teu Protector no Outeiro do Lenhador, de acordo com os seus próprios relatórios — referiu o Pastor Pether, acenando com um molho de papéis no ar.

— Não é o meu Protector, Alteza — corrigiu o Homem Pintado.

— Pode acreditar no que bem entender.

— Na verdade, não poderá — interrompeu Janson. — Se representa os Protectores do Criador de Angiers, deve lealdade a sua Sua Alteza, o Pastor, e ao Conselho de Protectores. Se prega heresias...

— É como dizes, Janson — disse Pether. — Teremos de averiguar.

— Talvez possa ordenar ao Conselho de Protectores que convoque o Protector Jona para uma inquirição, Alteza — sugeriu Janson.

— Apoiado — disse Mickael. Olhou o irmão. — Deverás fazê-lo com toda a brevidade, irmão. — Pether concordou com um aceno de cabeça.

— O vosso antigo mentor, o Protector Hayes, seria adequado para o substituir no Outeiro e zelar pelos refugiados, Alteza — sugeriu Janson. — Tem experiência no trabalho com os pobres e é leal ao trono da hera. Talvez possa convencer o conselho a enviá-lo?

— Convencer?! — repetiu Pether. — Janson, sou o seu Pastor! Diz-lhes que ordenei que enviem o Protector Hayes!

Janson curvou-se.

— Assim será, Alteza.

— Quanto a ti — disse Pether, voltando-se para o Homem Pintado —,
por que mudaram os outeireiros o nome do seu povoado para Outeiro do Libertador se não és o seu líder?

— Nunca quis a mudança — disse o Homem Pintado. — Fizeram-no contra minha vontade.

Mickael manifestou sonoramente o seu repúdio.

— Guarda essa história para uma taberna repleta de bêbados. Claro que quiseste a mudança.

— Para que fim, Alteza? — perguntou o Homem Pintado. — Serve apenas para difundir uma ideia que preferia anular.

— Se assim é, não te oporás, claro, a que Sua Alteza envie ao conselho da aldeia um decreto real ordenando que voltem ao nome original — disse Janson.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

Rhinebeck acenou afirmativamente.

— Fá-lo.

— Como ordenais, Alteza — disse Janson.

— Nada disto importa — afirmou o príncipe Thamos, batendo com o pé da lança no chão. Olhou o Homem Pintado. — Testámos as tuas guardas. Eu próprio matei um demónio da madeira com aquela flecha. Quero mais. E também as outras guardas de combate que desenvolveste e treino para os meus homens. Que desejas em troca?

— Não importa o que deseja — disse Rhinebeck. — Os outeireiros são meus súbditos e não lhes pagarei pelo que devem ao trono da hera.

— Como disse ao príncipe Thamos e a Lorde Janson, Excelência — afirmou o Homem Pintado —, os nuclitas são o verdadeiro inimigo. Não negarei armas guardadas a quem as desejar.

Rhinebeck grunhiu e os olhos de Thamos brilharam avidamente.

— Posso consultar a Associação dos Guardadores para que escolham Guardadores a enviar ao Outeiro, se assim o desejardes, Excelência –
disse Janson. — Talvez um contingente da Guarda Silvestre para os escoltar?

— Liderá-los-ei pessoalmente, irmão — disse o príncipe Thamos, voltando-se para olhar o duque.

Rhinebeck acedeu com um aceno da cabeça.

— Muito bem — disse.

— E quanto aos refugiados de Rizon? — perguntou o Homem Pintado. — Aceitá-los-ão?

— A minha cidade não tem espaço para milhares de refugiados — disse Rhinebeck. — Que se abriguem nos povoados. Podemos oferecer-lhes... o que era, Janson? — perguntou.

— Asilo real — disse Janson — e a protecção da coroa aos que jurarem lealdade a Angiers. — Rhinebeck acenou afirmativamente.

O Homem Pintado curvou-se.

— Sois muito generoso, Excelência, mas esta gente está faminta e não possui nada de seu. Falta-lhe o essencial à sobrevivência. Certamente, por misericórdia, podereis oferecer mais.

— Muito bem — disse Rhinebeck. — Tenho coração. Janson, o que podemos dispensar?

— Bom, Excelência — disse Janson, abrindo um livro de registo e olhando o que continha. — Podemos perdoar ao Outeiro os carregamentos de madeira em falta, claro...

— Claro — ecoou Rhinebeck.

— E, enquanto estiverem no Outeiro, os Guardadores Reais poderão oferecer os seus préstimos para proteger os refugiados durante a noite — prosseguiu Janson. — O mesmo poderá fazer a Guarda Silvestre.

— Claro, claro — disse Rhinebeck.

Janson franziu os lábios.

— Por favor, permiti-me que averigúe melhor, Excelência, e apresentarei listas detalhadas dos recursos disponíveis.

— Ocupa-te de o fazer — disse Rhinebeck.

Janson curvou-se.

— Como ordenais.

— E quanto ao avanço krasiano? — perguntou o Homem Pintado.

— Não vi quaisquer provas de que os krasianos avançarão, além das tuas afirmações — disse Rhinebeck.

— Avançarão — disse o Homem Pintado. — O Evejah assim o exige.

— Sabes muito sobre as ratazanas do deserto e sobre a sua religião desprezível — disse Pether. — Lorde Janson refere que chegaste mesmo a viver entre eles durante algum tempo.

O Homem Pintado confirmou com um aceno.

— Assim é, Excelência.

— Então como poderemos ter certezas quanto à tua lealdade? — perguntou Pether. — Tanto quanto sabemos, poderás ser também um maldito seguidor do Evejah. Noite, se te recusas a dizer-nos quem és e de onde vens, como poderemos saber que não és um krasiano por baixo de todas essas guardas?

Gared rosnou, mas o Homem Pintado ergueu um dedo e o Lenhador gigante silenciou-se.

— Asseguro-vos de que não é o caso — disse o Homem Pintado.

— Sou leal a Thesa.

Rhinebeck sorriu.

— Prova-o.

O Homem Pintado inclinou a cabeça, curioso.

— Como poderei prová-lo, Excelência?

— O meu arauto está nos povoados — disse Rhinebeck. — E, seja como for, não conseguirá deslocar-se tão rapidamente como tu. Vai a Forte Miln e fala com o duque Euchor. Invoca o Pacto.

— O Pacto, Excelência? — repetiu o Homem Pintado. Rhinebeck olhou Janson, que pigarreou.

— O Pacto das Cidades Livres — disse o ministro. — No ano zero, depois das primeiras muralhas guardadas ficarem finalmente construídas e quando se restaurou algo que se assemelhasse a uma ordem nos campos devastados, os duques sobreviventes de Thesa assinaram um pacto de não agressão chamado Pacto das Cidades Livres. Neste documento, reconheceram a morte do rei de Thesa e de toda a sua linhagem e aceitaram a soberania de cada um sobre os seus territórios. O Pacto impede a conquista de território pela força e promete unir as cidades contra os seus inimigos.

— Os krasianos assinaram este pacto? — perguntou o Homem Pintado.

Janson abanou a cabeça.

— Krasia não fazia parte de Thesa e, assim, nunca se sujeitou ao pacto. No entanto — ergueu uma mão, para silenciar possíveis interrupções, enquanto firmava os óculos na ponta do nariz e erguia um velho pergaminho — o conteúdo exacto do pacto é o seguinte: «Se o território ou soberania de um dos ducados for ameaçado por desígnios humanos, será obrigação de todos os signatários e seus descendentes unirem-se em defesa da parte ameaçada.» — Janson pousou o pergaminho. — O Pacto foi escrito de forma a proibir toda a guerra entre homens, por haver tão poucos de nós após as depredações do Regresso. Assim, permanece válido, mesmo que o líder krasiano não o tenha assinado.

— Acreditas que o duque Euchor o verá da mesma forma? — perguntou o Homem Pintado a Janson.

— Pediste uma audiência comigo ou com o meu secretário? — perguntou

Rhinebeck, erguendo a voz e atraindo todas as atenções. Rojer viu que a face do duque ficara vermelha, tão furioso como na noite em que o apanhara, com sete anos, na cama de uma das suas pegas preferidas.

O Homem Pintado curvou-se.

— Perdão, Excelência — disse. — Não pretendi faltar ao respeito.

Rhinebeck pareceu algo apaziguado pela resposta, mas o seu tom permaneceu rude.

— Euchor tentará encontrar uma fragilidade no Pacto como um nuclita procura uma falha nas guardas, mas, sem o seu apoio, Angiers não poderá comprometer-se a atacar a hoste krasiana.

— Violaríeis também o Pacto? — perguntou o Homem Pintado.

— O Pacto fala em «união» — rosnou Rhinebeck. — Devo enfrentar as ratazanas do deserto sozinho, apenas para ver Euchor avançar após os combates e aniquilar os dois exércitos enfraquecidos, proclamando-se rei?

O Homem Pintado permaneceu em silêncio durante longo tempo.

— Porquê eu, Excelência?

Rhinebeck sufocou uma gargalhada.

— Não sejas modesto. Todos os Jograis de Thesa cantam sobre ti. Se a tua chegada provocar em Miln metade da agitação que provocou em Angiers, Euchor não poderá senão aderir ao Pacto, sobretudo se adoçares o chamado com as tuas guardas de combate.

— Não as recusarei para obter ganho político — disse o Homem Pintado.

— Claro que não — concordou Rhinebeck, sorrindo. — Mas Euchor não precisa de o saber, não é?

Rojer aproximou-se do Homem Pintado. Sendo um ventríloquo experiente, conseguia gritar ou sussurrar sem mover os lábios, fazendo com que o som parecesse vir de outra parte.

— Está a tentar livrar-se de ti — advertiu, de forma a que os outros não ouvissem nem reparassem.

Mas, se o Homem Pintado o ouviu, não deu disso qualquer sinal.

— Muito bem. Fá-lo-ei. Precisarei do vosso selo, Excelência, para que o duque Euchor saiba que a mensagem é genuína.

— Terás aquilo de que precisares — prometeu Euchor.



— Excelência — disse a aia —, Lorde Janson pediu-me que informasse que a audiência do duque com a delegação do Outeiro do Lenhador se aproxima do fim.

— Obrigada, Ema — disse Araine, sem perder tempo a perguntar como tinha corrido. — Por favor, informa Lorde Janson de que nos reuniremos a ele na antecâmara quando terminarmos o chá. — Ema fez uma vénia e partiu. Wonda esvaziou a taça e pôs-se de pé. — Não há necessidade de pressa, jovem — disse-lhe Araine. — Faz bem aos homens terem de esperar por uma mulher ocasionalmente. Ensina-os a ter paciência.

— Sim, senhora — disse Wonda, curvando-se.

A duquesa-mãe pôs-se de pé.

— Vem cá, rapariga, e deixa-me olhar bem para ti — disse. Wonda aproximou-se e Araine contornou-a, examinando as roupas gastas e remendadas e as cicatrizes na sua face pouco atraente, estendendo uma mão para apertar os seus ombros e braços como um talhante examina o gado. — Percebo por que escolheste seguir uma vida de homem — disse-lhe. — Tens a compleição de um. Lamentas perder uma vida de vestidos e de corar perante pretendentes? — Leesha levantou-se, mas a duquesa-mãe ergueu-lhe um dedo sem sequer se voltar e Leesha manteve a boca fechada.

Wonda mudou o peso do corpo de um pé para o outro, desconfortável.

— Nunca pensei muito nisso.

Araine acenou afirmativamente.

— Como é, rapariga, ergueres-te entre homens quando vão para a guerra?

Wonda encolheu os ombros.

— É bom matar demónios. Mataram o meu pai e muitos amigos. Alguns dos outeireiros tratavam as mulheres de forma diferente a princípio, tentando deixar-nos para trás quando os demónios vinham, mas matamos tantos como eles e, depois de alguns terem sido atacados quando se preocupavam mais com as mulheres do que consigo, depressa mudaram de ideias.

— Os homens daqui seriam muito piores — disse Araine. — Tive de abdicar do poder quando o meu marido morreu, mesmo que o meu filho mais velho fosse um idiota e não sendo os seus irmãos melhores do que ele. O Criador

proíbe que uma mulher se sente no trono da hera. Sempre senti alguma inveja da forma como a velha Bruna dominava os homens de forma tão directa, mas esse tipo de coisa não pode fazer-se aqui. — Voltou a olhar Wonda. — Ainda não, pelo menos — concedeu. — Ergue-te com valentia na noite por mim, rapariga. Ergue-te com valentia por todas as mulheres de Angiers e nunca permitas que ninguém, homem ou mulher, te rebaixe.

— Vou fazer o que pede, Excelência — disse Wonda, conseguindo, por fim, fazer uma vénia conveniente. — Juro-o pelo Sol.

Araine murmurou e manteve as mãos sobre o queixo durante algum tempo. Depois, estalou os dedos. Ergueu a pequena campainha de prata da mesa e fê-la soar. Num instante, uma das suas aias surgiu.

— Convoca imediatamente a minha costureira — disse-lhe.

A mulher curvou-se e apressou-se a sair. Momentos mais tarde, chegou outra mulher, acompanhada por uma rapariga com um livro encadernado a couro e uma pena aparada.

— Esta rapariga — disse Araine, apontando Wonda. — Tira-lhe as medidas. A tudo. — A costureira real acenou afirmativamente e puxou por uma série de cordéis com nós, transmitindo as medidas à assistente, que as ia anotando no livro. Wonda erguia-se pouco à-vontade enquanto a mulher trabalhava, movendo os membros de Wonda como se fossem de uma boneca e passando as mãos por locais que fizeram a rapariga corar furiosamente. As cicatrizes pálidas na cara tornaram-se ainda mais visíveis quando as bochechas mudaram de cor.

A costureira aproximou-se de Araine e Leesha quando terminou.

— Será um desafio, Excelência — admitiu. — A rapariga é lisa onde uma mulher costuma ter curvas e ampla onde uma mulher costuma ser estreita. Talvez alguns folhos no vestido distraiam o olhar e um leque ajude a esconder as cicatrizes.

— Serei uma idiota? — perguntou Araine. — Mais cedo colocaria Thamos dentro de um vestido do que esta rapariga!

A mulher empalideceu e fez uma vénia profunda.

— Perdão, Excelência — disse. — Qual é a vossa ordem?

— Ainda não sei — disse Araine. — Mas hei-de saber, certamente. Podes ir. — A mulher acenou afirmativamente e apressou-se a sair, arrastando consigo a assistente.

Araine voltou-se para Leesha quando esta se preparava para partir com Wonda.

— Bruna e eu éramos grandes amigas, querida. Algo que nos beneficiou às duas. Espero que também possamos ser amigas.

Leesha acenou afirmativamente.

— Também o espero.

Dezoito

Mestre de Associação Cholls

333 DR

— POR QUE ACEITASTE IR? — perguntou Rojer em voz baixa depois de Janson os acompanhar de volta à antecâmara, deixando-os a sós enquanto esperavam Leesha e Wonda. — Rhinebeck tenta apenas livrar-se de ti porque receia que os seus súbditos te sigam.

— Não desejo mais isso do que ele — respondeu o Homem Pintado. — Não quero que as pessoas comecem a ver em mim algum tipo de salvador. Além disso, tenho razões próprias para querer visitar Miln e viajar com o selo de Rhinebeck é uma oportunidade demasiado boa para a deixar escapar.

— Vais entregar-lhes as tuas guardas de combate — disse Rojer.

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

— Entre outras coisas.

— Muito bem — disse Rojer. — Quando partimos?

O Homem Pintado olhou-o.

— Não partimos para parte alguma, Rojer. Irei a Miln sozinho. Viajarei a grande velocidade durante a noite e não preciso que me atrases. Além disso, tens

aprendizes para treinar.

— Para quê? — perguntou Rojer. — Seja o que for que faço aos nuclitas, não é algo que consiga ensinar.

— Merda de demónio — exclamou o Homem Pintado. — Isso é palavreado de quem já desistiu. Apenas treinaste aprendizes durante poucos meses. Precisamos de magos do violino, Rojer. Terás de encontrar uma forma de os preparar. — Pousou as mãos sobre os ombros de Rojer, olhando-o nos olhos, e Rojer viu a determinação inabalável que o consumia e, mais ainda, a confiança que depositava nele. — Conseguirás fazê-lo — disse o Homem Pintado, apertando-lhe os ombros. Voltou-se, mas o olhar permaneceu em Rojer e sentiu que alguma daquela determinação o contagiara. Se não conseguisse treinar os aprendizes, sabia quem conseguiria. Precisava apenas de engolir o seu medo e procurá-los.

Gared aproximou-se do Homem Pintado, pousando um joelho por terra.

— Deixa-me ir contigo — implorou. — Não receio galopar durante a noite. Não te atrasarei.

— Levanta-te — ordenou o Homem Pintado, pontapeando-lhe o joelho dobrado. O Lenhador gigante endireitou-se rapidamente, mas manteve o olhar baixo. O Homem Pintado pousou-lhe uma mão no ombro. — Sei que não me atrasarias, Gared — disse. — Mas não virás. Irei a Miln sozinho.

— Mas precisarás de alguém que te proteja — disse Gared. — O mundo precisa de ti.

— O mundo precisa mais de homens como tu do que precisa de mim — disse-lhe o Homem Pintado. — E não preciso de um guarda-costas. Tenho outra tarefa para ti.

— Qualquer coisa — prometeu Gared.

— Não preciso de guarda-costas, mas Rojer sim — disse-lhe. Rojer olhou-o fixamente, mas o Homem Pintado ignorou-o. — Tal como Wonda guarda Leesha, quero que vigies Rojer. A sua magia de violino é única e insubstituível e poderá garantir-nos a vitória, se conseguirmos dominá-la.

Gared curvou-se profundamente e avançou para um raio de Sol que entrava por uma janela.

— Juro pelo Sol. — Olhou Rojer. — Não o perderei de vista.

Rojer olhou o Lenhador gigante e imprevisível com alguma apreensão, não sabendo se deveria sentir-se confortado ou aterrado.

— Pelo menos, deixa-me usar a retrete sozinho.

Gared riu-se e aplicou-lhe uma palmada nas costas, fazendo-o perder o fôlego e quase o atirando ao chão.



— Parto para Forte Miln antes que o portão norte seja trancado esta noite — disse o Homem Pintado a Leesha na carruagem de volta ao hospício de Jizell, depois de a informar acerca da audiência com o duque, que correra precisamente como previra a duquesa-mãe.

— Aliás, pretendo ir logo que acabe de aparelhar Dançarino do Ocaso para a viagem.

Leesha instruíra Wonda a manter a seriedade se os homens confirmassem as palavras de Araine. A rapariga comportou-se de forma admirável, mas Leesha teve de forçar-se a suprimir um sorriso que lhe ameaçava os lábios.

— Sim?

— Rhinebeck quer que parta como emissário ao duque Euchor, pedindo-lhe auxílio para expulsar os krasianos de Thesa — disse o Homem Pintado.

Leesha fingiu acenar severamente com a cabeça, espantada com o poder da duquesa-mãe. O que não daria para conseguir vergar assim os homens à sua vontade, sem que estes se apercebessem!

O Homem Pintado olhou-a, desconfiado.

— O que foi?

— Não há protestos pela minha partida? — parecia quase desiludido. — Não há pedidos insistentes para me acompanhar?

Leesha roncou de desprezo.

— Tenho assuntos a tratar no Outeiro — disse, tentando não o olhar. — E não escondeste que querias espalhar as guardas de combate por cada cidade e povoado. É o melhor.

O Homem Pintado acenou com a cabeça.

— É também o que penso.

Passaram o resto da viagem em silêncio e chegaram ao hospício quando as aprendizas recolhiam os lençóis do estendal.

— Gared, por favor, ajuda as raparigas a levar os cestos de roupa –

disse Leesha, quando a carruagem vazia se afastou. Gared acenou afirmativamente e obedeceu.

— Wonda — confirmou Leesha. — O Homem Pintado precisará de munições para a sua viagem para Norte. Por favor, vai buscar alguns braçados de flechas guardadas.

— Sim, senhora — disse Wonda, curvando-se e entrando.

— Cinco minutos na corte e todos se curvam diante dos outros — murmurou Rojer.

— Rojer, podes pedir a mestra Jizell que faça as raparigas preparar comida para os alforges? — perguntou Leesha.

Rojer olhou-os e franziu o sobrolho.

— Talvez seja melhor que fique a vigiar-vos.

Leesha lançou-lhe um olhar tão feroz que o fez encolher-se. Curvou-se com um floreado sarcástico e afastou-se. Leesha acompanhou o Homem Pintado aos estábulos e esperou enquanto este ia buscar a sela guardada e os arreios do garanhão.

— Serás cuidadoso? — perguntou-lhe.

— Não teria sobrevivido tanto tempo se não fosse — respondeu.

— Bem visto — disse Leesha. — Mas não me referia apenas à cautela com os nuclitas. O duque Euchor tem uma... reputação mais dura que a de Rhinebeck.

— Queres dizer que não é levado pela trela pelos seus conselheiros? — perguntou o Homem Pintado. — Eu sei. Já o conheci.

Leesha abanou a cabeça.

— Há algum sítio onde não tenhas estado?

O Homem Pintado encolheu os ombros.

— Além das montanhas orientais. Do outro lado do bosque ocidental. Além do deserto krasiano até à costa. — Olhou-a. — Mas verei todos esses sítios um dia, se puder.

— Também gostaria de os ver, queira o Criador — disse Leesha.

— Nada te impedirá a ti ou a quem quer que seja de ir a qualquer parte — disse o Homem Pintado, erguendo uma mão tatuada.

«Contigo», Leesha quis acrescentar, mas conteve-se. As palavras dele diziam tudo. Ela era o seu Rojer. Não adiantava continuar a fingir o contrário.

O Homem Pintado estendeu a mão.

— Tem cuidado, Leesha.

Leesha afastou-lhe a mão e abraçou-o.

— Adeus.

Uma hora mais tarde, galopava para Norte e, mesmo que os seus olhos estivessem húmidos, Leesha sentia que um grande peso lhe tinha sido retirado dos ombros.



Leesha deixou-se cair nas velhas rotinas no hospício, dando lições às aprendizas e fazendo as rondas enquanto Jizell se ocupava da correspondência atrasada. Parte dela pensava avidamente nos livros de guardas na sacola que guardara no quarto do piso superior, mas resistiu à tentação de se embrenhar nos conhecimentos de Arlen, pois sabia que, quando o fizesse, não conseguiria pensar em mais nada. Aprender era viciante para Leesha, tal como o influxo de magia que resultava da morte de um nuclita com o seu machado era viciante para Gared. Mas, durante algumas horas, pelo menos, decidiu confortar-se com o prazer simples de moer ervas e tratar pacientes afectados apenas por ossos partidos ou por uma gripe séria.

Quando completou as últimas rondas e as aprendizas foram para a cama, Leesha preparou um bule de chá e levou uma chávena à sala de Jizell. Estaria vazia àquela hora da noite e havia uma lareira quente e uma pequena escrivaninha. Leesha tinha correspondência própria com que se ocupar. Correspondia-se com Herbanárias de todo o ducado e algumas ainda não tinham sido informadas da morte de Bruna no ano passado. Tal como moer ervas, manter contacto com velhos amigos era algo que Leesha não pudera fazer desde que, juntamente com Rojer, conhecera o Homem Pintado.

Mas, ao aproximar-se da sala, ouviu o som de vidro a partir. Entrou e viu Rojer atrás da secretária de Jizell, com uma garrafa de brande aberta à sua frente. O fogo silvava e crepitava furiosamente e havia estilhaços de vidro na pedra da lareira.

— Estás a tentar incendiar o edifício todo?! — gritou Leesha, retirando um trapo do avental e correndo para limpar o álcool antes que se incendiasse.

Rojer ignorou-a, pegando noutro copo e enchendo-o.

— Mestra Jizell não ficará satisfeita por lhe partires os copos, Rojer — disse Leesha.

Rojer levou a mão ao saco multicolorido que levava para toda a parte. Estava velho, manchado e desgastado pelos elementos, mas Rojer continuava a chamar-lhe o seu «saco de maravilhas». E conseguia, realmente, colocar a mão no interior e retirar algo que maravilhasse o público mais céptico.

Lançou um punhado das antigas moedas de ouro do Homem Pintado sobre a secretária. Saltitaram ruidosamente e metade caiu ao chão.

— Pode comprar cem iguais com isto.

— Rojer, que se passa contigo? — perguntou Leesha. — Se é por te ter mandado embora antes...

Rojer acenou-lhe com uma mão, bebendo um gole do copo. Leesha percebeu que estava já muito bêbado.

— Não me importa como te despedes de Arlen no estábulo.

Leesha arregalou os olhos.

— Não fizemos nada, se é isso que sugeres.

Rojer encolheu os ombros.

— Não me diria respeito se tivessem feito.

— Então o que é? — perguntou Leesha, baixando a voz e aproximando-se. Rojer olhou-a por um momento. A seguir, levou novamente a mão ao saco de maravilhas, retirando uma caixa estreita de madeira que abriu para revelar um pesado medalhão de ouro.

— O ministro Janson deu-me isto — disse Rojer. — É uma Medalha Real de Valor. O duque deu-a a Arrick por me salvar na noite em que Ponteflúvia caiu. Nunca soube.

— Sentes a sua falta — disse Leesha. — É natural. Salvou-te a vida.

— O Núcleo! — gritou Rojer, pegando na corrente e lançando o medalhão para o outro lado da sala. Embateu contra a parede com um ruído intenso e caiu no chão.

Leesha pousou as mãos nos ombros de Rojer, mas este mostrou-lhe os dentes e, por um momento, julgou que lhe bateria.

— Rojer, que aconteceu? — perguntou, mansamente.

Rojer afastou-se das suas mãos e voltou-lhe as costas. Leesha achou que não diria mais nada, mas começou a falar.

— Costumava pensar que tinha sido apenas um pesadelo. — A sua voz era irregular e débil, como se pudesse falhar-lhe a qualquer momento. — Estávamos a dançar, a minha mãe e eu, enquanto Arrick tocava violino. O meu pai e um Mensageiro, Geral, batiam palmas. Estávamos na época baixa e não havia mais ninguém na estalagem nessa noite.

Inspirou fundo, engolindo com força.

— Ouviu-se um estrondo. Alguma coisa embateu contra a porta. Lembro-me de o meu pai discutir nessa manhã com mestre Piter, o Guardador, mas, juntamente com Geral, disseram que não havia motivo para preocupações. — Soluçou, desolado. — Estavam errados. Quando nos voltámos para a origem do som, um demónio da rocha derrubou a porta.

— Oh, Rojer! — disse Leesha, cobrindo a boca. Mas Rojer não se voltou.

— Foi seguido por vários demónios da chama, contornando as pernas do demónio maior enquanto este esmagava as ombreiras e o lintel para conseguir entrar. A minha mãe ergueu-me nos braços e todos começaram a gritar ao mesmo tempo, mas não recordo o que foi dito. Apenas... — Soluçou e Leesha teve de conter o impulso de se aproximar.

Rojer recompôs-se rapidamente.

— Geral lançou o seu escudo guardado a Arrick e disse-lhe que me colocasse a mim e à minha mãe em segurança. A seguir, pegou na lança enquanto o meu pai erguia um atiçador de ferro da lareira e voltaram-se para atrasar os nuclitas.

Rojer permaneceu em silêncio durante muito tempo. Quando voltou a falar, a sua voz era monocórdica e fria, sem qualquer emoção.

— A minha mãe correu para ele, mas Arrick empurrou-a para o lado, ergueu o saco de maravilhas e fugiu.

Leesha abriu a boca de espanto e Rojer concordou com um aceno de cabeça.

— Juro que foi isto que aconteceu. Arrick só me ajudou porque a minha mãe me enfiou no alçapão com ele, antes de os demónios a levarem. Mesmo então, tentou livrar-se de mim.

Estendeu a mão para o saco de maravilhas de Arrick, passando os dedos sobre o veludo gasto e sobre os remendos de couro estalado.

— Na altura, não estava assim gasto. Arrick era o homem do duque e o seu saco era garrido e novo, como convinha a um arauto real. É esta a verdade sobre o «valor» de Arrick — disse, entre dentes cerrados. — Salvou um saco de

brinquedos! — Ergueu o saco com a mão intacta, segurando-o com tanta força que os nós dos dedos se tornaram brancos. — Um saco que levo comigo para toda a parte, como se fosse igualmente importante para mim! — Abanou o saco na cara de Leesha. A seguir, os seus olhos passaram para o fogo vivo na lareira e contornou a secretária para o alcançar.

— Rojer, não! — gritou Leesha, avançando para o interceptar e segurar o saco. Rojer segurava-o com firmeza e não conseguiu retirar-lho, mas não tentou passar por ela. Os seus olhares enfrentaram-se. Os olhos de Rojer estavam arregalados como os de um animal encurralado. Leesha rodeou-o com os braços e Rojer escondeu a face no seu peito, chorando durante algum tempo.

Quando acalmou, por fim, Leesha largou-o, mas Rojer continuou a abraçá-la. Os seus olhos estavam fechados, mas a boca moveu-se para a dela. Leesha afastou-se rapidamente, amparando Rojer a cambalear, embriagado.

— Desculpa — disse-lhe ele.

— Não faz mal — tornou ela, guiando-o para a secretária, onde se deixou cair sobre uma cadeira e susteve a respiração, como para suprimir um estômago atormentado. A sua face estava pálida e suada.

— Bebe o meu chá — disse Leesha. Retirou-lhe o saco de maravilhas e Rojer largou-o sem resistência. Pousou o saco num canto escuro, muito distante do fogo, e foi buscar o medalhão de Arrick ao local onde caíra.

— Por que o deixou para trás? — perguntou Rojer, olhando-o. — Quando o duque nos expulsou, levou tudo nos nossos aposentos que não estivesse pregado ao chão. Poderia ter vendido esse medalhão juntamente com todas as outras coisas que acumulou ao longo dos anos nas nossas viagens. Poderia ter-nos pago comida e alojamento durante meses. Noite, poderia pagar todas as contas que deixou nas tabernas da cidade. E isso é dizer muito.

— Talvez soubesse que não o merecia — disse Leesha. — Talvez se envergonhasse do que fez.

Rojer acenou afirmativamente.

— Parece-me que sim. E, por algum motivo, isso torna tudo pior. Quero odiá-lo...

— Mas era como um pai para ti e não consegues forçar-te a fazê-lo — concluiu Leesha. Abanou a cabeça. — Conheço muito bem esse sentimento.

Leesha voltou o medalhão nas mãos, sentindo com os dedos a lisura da face

oposta.

— Rojer, como se chamavam os teus pais?

— Kally e Jessum — disse Rojer. — Porquê?

Leesha pousou o medalhão na secretária e levou a mão a um dos muitos bolsos do seu avental, retirando o volume envolto em couro que continha as suas ferramentas de Guardadora.

— Se este medalhão se destina a honrar o teu salvamento do massacre de Ponteflúvia, devia honrar todos os envolvidos.

Com escrita fluida e graciosa, gravou KALLY, JESSUM e GERAL no metal liso. Quando terminou, os nomes reluziam à luz do fogo. Rojer olhou-os com olhos arregalados enquanto Leesha segurava a pesada corrente e a colocava sobre a sua cabeça.

— Quando olhares isto, não penses no fracasso de Arrick. Lembra aqueles cujo sacrifício não foi louvado.

Rojer tocou o medalhão, com as lágrimas caindo sobre o ouro.

— Nunca o terei longe de mim.

Leesha colocou-lhe uma mão sobre o ombro.

— Acho que terás. Se tiveres de escolher entre salvar o medalhão ou a vida de alguém. Não és Arrick, Rojer. És feito de material mais sólido.

Rojer acenou afirmativamente.

— Está na altura de o provar. — Ergueu-se, mas cambaleou de tal forma que teve de se apoiar com uma mão sobre a secretária. — De manhã — corrigiu.



– Controla-te e deixa-me ser eu a falar — disse Rojer a Gared quando entraram na Associação dos Jograis. — Não te deixes enganar pelos sorrisos brilhantes e pelos trajes garridos. Metade dos homens aqui dentro conseguirá revirar-te o bolso sem que o percebas.

Instintivamente, Gared cobriu o bolso com a mão.

— Não o segures — acrescentou Rojer. — Estás só a anunciar onde guardas os valores.

— Então que devo fazer? — perguntou Gared.

– Mantém as mãos junto ao corpo e não deixes ninguém chocar contigo —

disse Rojer. Gared acenou afirmativamente e seguiu-o de perto enquanto Rojer percorria os corredores. O Lenhador gigante, com os machados guardados às costas, atraiu alguns olhares pela associação, mas não demasiados. A Associação dos Jograis dava atenção ao espectáculo e era provável que os olhares pertencessem a quem pensava no papel desempenhado pelo gigante naquela produção.

Por fim, alcançaram o gabinete do mestre de associação.

— Rojer Meia-Mão para ver o mestre de associação Cholls — disse Rojer ao secretário.

O homem ergueu os olhos. Era Daved, o secretário de Cholls, que Rojer conhecera antes.

— Enlouqueceste? Porque vieste aqui depois de tanto tempo? — perguntou Daved num sussurro exaltado, olhando pelo corredor para ver se alguém observava. — O mestre de associação arrancar-te-á os tomates!

— Não se quiser manter os seus — rosnou Gared. Daved voltou-se para ele, vendo apenas um par de braços grossos cruzados. Teve de erguer a cabeça para olhar Gared nos olhos.

— Como diz, senhor — disse o secretário, engolindo em seco. Ergueu-se da minúscula secretária no corredor. — Informarei o mestre de associação da vossa presença. — Caminhou até às pesadas portas de carvalho do gabinete do mestre de associação, bateu e entrou, depois de ouvir uma resposta abafada.

— Aqui?! Agora?! — gritou um homem no interior e, no momento seguinte, as portas abriram-se de rompante para revelar o mestre de associação Cholls. Em vez do tecido multicolorido usado por quase todos os Jograis, o mestre de associação vestia uma camisa de linho fino e um colete de lã, com barba bem cortada e cabelo cuidadosamente oleado e penteado para trás. Parecia-se mais com alguém da realeza do que com um Jogral. Ao pensar no assunto, Rojer percebeu que nunca vira o mestre de associação actuar. Pensou se Cholls seria realmente um Jogral.

A face do mestre de associação trovejava, arrancando Rojer às suas reflexões.

— Tens tomates para voltar aqui, Meia-Mão! Fizemos-te um grande funeral e ainda me deves... — Olhou Daved.

— Cinco mil klats — completou Daved. — Mais dúzia, menos dúzia.

— Podemos começar por saldar a dívida — disse Rojer, puxando por uma

bolsa das moedas de ouro antigas do Homem Pintado e lançando-a ao mestre de associação. As moedas valeriam, pelo menos, o dobro da sua dívida.

Os olhos de Cholls iluminaram-se com o brilho do ouro quando abriu a bolsa. Retirou uma moeda e mordeu-a. A sua expressão irada desapareceu quando os dentes se cravaram no metal macio. Voltou a olhar Rojer.

— Suponho que poderei dispensar-te algum tempo para ouvir as tuas desculpas — disse, colocando-se de lado para permitir que Rojer e Gared entrassem no gabinete. — Daved, traz chá para os nossos convidados.

Daved trouxe o chá e Rojer passou-lhe outra moeda de ouro. Seria, provavelmente, mais dinheiro do que o que o secretário veria num ano.

— Pela papelada que me ressuscitará.

Dave acenou afirmativamente, esboçando um grande sorriso.

— Sairás da pira e voltarás a caminhar entre os vivos ao anoitecer. –

Saiu do gabinete, fechando a porta atrás de si.

— Muito bem, Rojer — disse Cholls. — Que aconteceu durante o ano passado e onde estiveste, pelo Núcleo? Num dia, tu e Jaycob juntam klats para pagar a tua dívida e, no seguinte, recebo uma mensagem de um secretário qualquer, a pedir-me para pagar a pira funerária de mestre Jaycob na morgue da cidade. E tu desapareceste!

— Mestre Jaycob e eu fomos atacados — disse Rojer. — Passei meses a recuperar no hospício e, quando voltei ao que era, achei que o melhor seria deixar a cidade por algum tempo. — Sorriu. — Mas, desde então, tenho testemunhado a história mais emocionante que alguém jamais viu. E o melhor de tudo é que é verdadeira!

— Não chega, Meia-Mão — disse Cholls. — Atacado por quem?

Rojer lançou um olhar cúmplice ao mestre de associação.

— Por quem te parece?

Cholls arregalou os olhos e tossiu para camuflar a compreensão súbita.

— Pois... bom, o que importa é que estás bem.

— Alguém te mandou para o hospício? — perguntou Gared, cerrando um punho. — Diz-me onde posso encontrá-lo e...

— Não estamos aqui para isso — disse Rojer, pousando uma mão no braço de Gared, mas olhando Cholls ao fazê-lo. O mestre de associação suspirou de alívio.

— Para o Núcleo com o chá — murmurou Cholls. — Preciso de uma bebida a sério. — As suas mãos abanavam um pouco quando as levou abaixo da secretária, erguendo um jarro de barro vidrado e três canecas. Encheu cada uma com uma porção generosa e distribuiu-as. — À escolha ajuizada das nossas batalhas — disse o mestre de associação, erguendo a caneca e trocando olhares com Rojer ao beber.

Gared olhou-os, desconfiado, e Rojer pensou se o Lenhador encorpado seria tão imbecil como todos pensavam. Mas, após um momento, Gared encolheu os ombros e ergueu a caneca, engolindo tudo de uma só vez.

De imediato, os seus olhos arregalaram-se e a sua face adquiriu um tom escarlate intenso. Curvou-se para diante, tossindo violentamente.

— Criador, rapaz! Não bebas tudo de uma vez! — repreendeu-o Cholls. — É brande angierano. É provável que seja mais velho do que tu. Deve ser degustado.

— Perdão, senhor — conseguiu dizer Gared com voz rouca.

— Estão habituados a cerveja aguada no Outeiro — explicou Rojer. — Grandes canecas espumosas que gigantes como Gared esvaziam às dúzias. O pouco álcool que contêm passa directamente da tina de fermentação para o copo.

— Não apreciam subtilezas — concordou Cholls, acenando com a cabeça. — E tu, Meia-Mão?

Rojer sorriu.

— Fui aprendiz de Arrick, não? — Bebeu outro gole da caneca e moveu o líquido na boca, saboreando, enquanto expirava pelas narinas a queimadura do álcool. — Bebia brande muito antes de ter pêlos nos sementeiros.

Cholls riu-se, levando novamente a mão abaixo da secretária e erguendo uma bolsa de couro contendo erva de fumo.

— Fumam no Outeiro, não? — perguntou a Gared, que continuava a tossir um pouco. Gared acenou afirmativamente.

O mestre de associação sobressaltou-se, de repente, e voltou-se para Rojer.

— O Outeiro?

— Sim — respondeu Rojer, recolhendo uma pitada da bolsa de Cholls e colocando-a no cachimbo que surgiu na sua mão mutilada. — Isso mesmo.

Cholls olhou-o, boquiaberto.

— És tu o feiticeiro violinista do Homem Pintado?!

Rojer acenou afirmativamente, acendendo um pavio na lanterna sobre a

secretária do mestre de associação e soprando o cachimbo para o acender.

Cholls recostou-se na cadeira, olhando Rojer. Após um momento, acenou com a cabeça.

— Suponho que não será grande surpresa. Sempre achei que o teu violino tinha alguma magia.

Rojer passou-lhe o pavio e Cholls soprou vida no seu cachimbo, passando o pavio a Gared.

Fumaram em silêncio durante algum tempo, mas, a dada altura, Cholls endireitou-se e sacudiu as cinzas do cachimbo, pousando-o num pequeno suporte de madeira na secretária.

— Muito bem, Rojer. Podes passar o dia todo aí sentado confortavelmente, mas eu tenho uma associação para gerir. Dizes-me que estiveste no Outeiro do Lenhador e testemunhaste a chegada do Homem Pintado?

— Não me limitei a estar no Outeiro para testemunhar a chegada do Homem Pintado — disse Rojer. — Chegou comigo e com Leesha Papel.

— Aquela a quem chamam bruxa de guardas? — perguntou Cholls.

Rojer respondeu com um aceno afirmativo.

Cholls franziu a testa.

— Se me estás a impingir uma história de bêbados, Rojer, juro pelo Sol que...

— Não é história nenhuma — disse Rojer. — É tudo verdade. Cada palavra.

— Ambos sabemos que é uma história pela qual qualquer Jogral vivo mataria — disse Cholls. — Por isso, vamos passar directamente ao assunto. Quanto queres por ela?

— Já não sou movido pelo dinheiro, mestre — disse Rojer.

— Não me digas que tiveste algum despertar religioso — disse Cholls. — Arrick daria voltas no túmulo. Este Homem Pintado pode encher lugares num espectáculo de Jogral, mas não acreditas realmente que é o Libertador, pois não?

Ouviu-se um grande ruído e os dois homens olharam, vendo que um dos braços da cadeira de Gared tinha sido arrancado pela sua mão.

— É o Libertador — rosnou Gared. — E enfrentarei qualquer homem que diga o contrário.

— Não farás tal coisa! — afirmou Rojer. — Ele próprio disse que não o era e, a não ser que queiras que lhe conte a figura triste que fazes, vais sossegar.

Gared olhou-o com ferocidade por um instante e Rojer sentiu o sangue

arrefecer, mas enfrentou-o com um olhar à altura e não recuou. Após um momento, Gared acalmou-se e olhou mansamente o mestre de associação.

— Peço desculpa pela cadeira — disse, tentando voltar a colocar o braço da cadeira no sítio certo, sem grande sucesso.

— Ah... não importa — disse Cholls, apesar de Rojer saber que a cadeira custara mais dinheiro do que possuía a maioria dos Jograis.

— Não tenho qualificação para dizer se é ou não o Libertador –
disse Rojer. — Até ao ano passado, pensava que a existência do Homem Pintado não passava de uma história de bêbados. Eu próprio contei algumas, inventando-as no momento. — Debruçou-se para o mestre de associação. — Mas é real. Mata demónios com as mãos nuas e tem poderes que não sei explicar.

— Truques de Jogral — disse Cholls, céptico.

Rojer abanou a cabeça.

— Ludibriei o meu quinhão de saloios com truques de magia, mestre. Não sou nenhum simplório que se deixe enganar por habilidades de mão ou por pós de clarão. Não digo que tenha sido enviado pelo Criador, mas possui magia real. Tão real como a luz do Sol.

Cholls voltou a recostar-se, unindo os dedos.

— Suponhamos que é verdade. Isso continua a não explicar a tua presença aqui, se não pretendes vender-me a história.

— Mas pretendo vendê-la — disse Rojer. — Compus uma canção, *A Batalha do Outeiro do Lenhador*, que será pedida em cada taberna e praça da cidade. E há histórias suficientes do ano passado para manter os teus Jograis ocupados a esvaziar os chapéus para que as pessoas possam voltar a enchê-los.

— Então que queres, se não é dinheiro? — perguntou Cholls.

— Preciso de treinar outros a usar magia de violino — respondeu Rojer. — Mas não sou um professor. Há meses que tenho aprendizes e conseguem tocar suficientemente bem para animar um baile, mas nenhum deles consegue fazer mais do que limitar-se a mudar a disposição de um nuclita de «sanguinária» para «selvagem».

— A música possui dois aspectos, Rojer — disse Cholls. — A perícia e o talento. Um dos elementos aprende-se, o outro não. Em todos os meus anos de experiência, nunca vi ninguém com um talento como o teu. Tens um dom natural que nenhum professor de violino conseguirá ensinar.

— Então não me ajudarás? — perguntou Rojer.

— Não disse isso — respondeu Cholls. — Queria apenas advertir-te. Talvez possamos fazer algo, mesmo assim. Arrick ensinou-te os gestos de som?

Rojer olhou o mestre de associação com curiosidade e abanou a cabeça.

— Consistem em usar as mãos para transmitir instruções a um grupo de músicos — explicou.

— Como um maestro — disse Rojer.

Cholls abanou a cabeça.

— Os músicos regidos por um maestro já conhecem a peça. Um gesticulador sonoro consegue compor no momento e, se os seus músicos conhecerem os gestos, conseguirão segui-lo de imediato.

Rojer endireitou-se na cadeira.

— A sério?

Cholls sorriu.

— A sério. Temos vários mestres que conseguirão ensinar a arte. Enviá-los-ei a todos para o Outeiro do Libertador, às tuas ordens.

Rojer pestanejou.

— Não é inteiramente altruísta da minha parte — disse Cholls. — As histórias que nos deres agora servirão durante algum tempo, mas, com Libertador ou sem ele, vivemos o momento que definirá a nossa era e a história ainda se desenrola. O Outeiro situa-se, claramente, no centro de tudo e há algum tempo que quero enviar Jograis para lá, mas, com a peste e, depois disso, com os refugiados, ninguém tem tomates para ir. Se puderes garantir segurança e alojamento, conseguirei... persuadi-los.

— Garanto — disse Rojer, sorrindo.

Seção 3

Juízos

Dezenove

A Faca

333 DR Verão

POUCAS SEMANAS APÓS A NOITE que Renna passou na latrina, a quinta recebeu uma visita. Sentiu o coração acelerar ao ver o viajante percorrer a estrada, mas não era Cobie Pescador. Era o seu pai, Garric.

Garric Pescador era um homem volumoso, parecendo-se muito com o filho. Tendo passado dos cinquenta anos, tinha apenas algumas manchas grisalhas no cabelo densamente encaracolado e na barba. Saudou Renna com um aceno breve de cabeça quando parou a carroça.

— O teu pai está, rapariga? — perguntou.

Renna acenou afirmativamente.

Garric cuspiu para o chão.

— Então vai chamá-lo.

Renna voltou a acenar e correu para os campos, com o coração a saltar-lhe no peito. Que quereria? Teria vindo falar por Cobie? Continuaria a pensar nela? Sentia-se tão preocupada que quase embateu contra o pai quando este saiu de uma fileira de pés de milho.

— Noite, rapariga! Que te deu, pelo Núcleo? — perguntou Harl, segurando-a pelos ombros e sacudindo-a.

— Garric Pescador acaba de chegar — disse Renna. — Espera-te no pátio.

Harl franziu a testa.

— Ah sim? — Esfregou as mãos com um trapo e tocou o cabo de osso da sua faca para se assegurar de que ainda lá estava. A seguir, dirigiu-se para casa.

— Curtidor! — chamou Garric, continuando sentado na carroça quando pai e filha chegaram ao pátio. Desceu e estendeu a mão. — É bom ver-te com saúde.

Harl acenou com a cabeça, apertando-lhe a mão.

— Também a ti, Pescador. Que te traz por estas bandas?

— Trouxe-te peixe — disse Garric, indicando os barris na carroça. — Boa truta e peixe-gato, ainda vivos e a nadar. Atira pão aos barris e continuarão vivos durante dias. Suponho que tenha passado algum tempo desde que tiveram peixe fresco por aqui.

— É muito atencioso da tua parte — disse Harl, ajudando Garric a descarregar os barris.

— Era o mínimo que podia fazer — disse Garric. Limpou a testa suada quando a tarefa chegou ao fim. — O Sol está quente hoje. A viagem foi longa e tenho muita sede. Achas que podemos sentar-nos à sombra do teu alpendre antes de eu regressar?

Harl acedeu com novo aceno e os dois homens foram sentar-se nas velhas cadeiras de balouço no alpendre. Renna foi buscar um jarro de água fria e trouxe-o, juntamente com duas canecas.

Garric levou a mão ao bolso, retirando um cachimbo de barro.

— Importas-te que fume?

Harl abanou a cabeça.

— Rapariga, vai buscar o meu cachimbo e a bolsa de erva de fumo –
disse. Partilhou a bolsa com Garric. Renna trouxe um pavio da lareira para lhes dar lume.

— Hmm... — disse Garric, expirando de forma lenta e pensativa. — Boa folha.

— Sou eu que a crio — disse Harl. — O Leitão compra a maior parte da erva à Vigia-Sul e, por lá, ficam sempre com o melhor e vendem as sobras rançosas. — Voltou-se para Renna. — Rapariga, enche uma bolsa para o Sr. Pescador levar com ele.

Renna acenou com a cabeça e voltou para dentro, mas manteve-se junto à porta, à escuta. Depois de ultrapassadas as formalidades, a conversa real começaria em breve e não queria perder uma palavra.

— Desculpa ter demorado tanto tempo a vir — começou Garric.
— Não vejas nisto desrespeito.

— Não te preocupes — tornou Harl, levando o cachimbo à boca.

— A aldeia toda tem falado desta história com os miúdos — disse Garric. — Ouviram-no à filha do Leitão ou alguma coisa parecida. As mulheres não têm

nada melhor para fazer do que espalhar mexericos.

Harl cuspiu.

— Queria pedir desculpa pelo comportamento do meu rapaz — disse Garric. — Cobie gosta de me dizer que é um homem adulto e que sabe lidar com os seus assuntos, mas, para isso, teria de se comportar como um adulto, é o que lhe digo. Não foi certo o que fez.

— Isso é dizer pouco — grunhiu Harl, voltando a cuspir.

— Bom, quero que saibas que, depois de o pores a fugir para casa com o rabo entre as pernas, lhe disse das boas. Prometo-te que não voltará a acontecer.

— Alegra-me ouvi-lo — disse Harl. — No teu lugar, dava-lhe uma sova até ganhar juízo.

Garric franziu a testa.

— No teu lugar, dizia à tua filha para manter as saias pelos tornozelos em vez de pôr o pecado na cabeça de cada homem que passa por aqui.

— Disse-lhe o que tinha a dizer — assegurou Harl. — Não voltará a pecar. Juro que a fiz ganhar receio ao Criador.

— Se fosse uma das minhas, não seriam só palavras — disse Garric. — Deixava-lhe as costas em carne viva com açoites.

— Castigas à tua maneira, Pescador — disse Harl. — E eu à minha.

Garric concordou com um gesto.

— Como tem de ser. — Levou o cachimbo à boca. — Aquele Protector de coração de manteiga tê-los-ia casado se conseguissem chegar à Colina da Charneca antes de os apanhares — recordou.

Renna abriu a boca de espanto e sentiu uma palpitação no peito. Cobriu a boca, assustada, sustendo a respiração durante tempo suficiente para se assegurar de que não a tinham ouvido.

— Harral sempre foi demasiado macio — disse Harl. — Um Protector deve castigar a velhacaria e não recompensá-la.

Garric manifestou a sua concordância com um grunhido.

— A rapariga não tem andado enjoada? — Fez a pergunta parecer casual, mas Renna percebeu que era tudo menos isso.

Harl abanou a cabeça.

— Ainda sangra com a lua.

Garric respirou fundo, claramente aliviado. Subitamente, Renna percebeu por

que esperara tanto tempo antes de vir. Levou a mão à barriga e desejou que o seu ventre estivesse cheio, mas só recebera a semente de Cobie uma vez e Harl tinha sempre cuidado para não se esgotar dentro dela.

— Não quero faltar ao respeito — disse Garric — mas o preguiçoso do meu filho tem planos pela primeira vez na vida e a Nomi e eu queremos achar-lhe uma noiva como deve ser. Sem escândalo.

— O teu filho não há-de ter planos nenhuns se voltar a pôr as mãos na minha filha — disse Harl.

Garric franziu o sobrolho, mas acenou afirmativamente.

— Não posso dizer que não pensaria também assim se fosse uma das minhas raparigas. — Bateu com o dedo no cachimbo para o limpar. — Parece que nos entendemos.

— Parece que sim — disse Harl. — Rapariga! Onde está a folha?

Renna sobressaltou-se, tendo esquecido a bolsa. Correu para o barril de erva de fumo e encheu uma bolsa de pele de carneiro.

— Aqui vai!

Harl olhou-a com desagrado quando regressou e aplicou-lhe uma palmada no traseiro por ser tão lenta. Passou a bolsa a Garric e ambos o viram regressar à carroça e afastar-se.



— Achas que é verdade, Sra. Garra? — perguntou Renna à gata quando esta amamentava as crias naquela noite. Amontoavam-se numa grande pilha, lutando pelas tetas enquanto a Sra. Garra se estendia por trás do carro de mão partido no celeiro, onde escondera a ninhada. Renna passara a chamar-lhe Sra. Garra, como uma senhora casada, apesar de, como era esperado, o gato pardo que era pai das crias ter desaparecido depois do nascimento. — Acreditas que o Protector nos casaria se o procurássemos? — perguntou. — Cobie disse que sim e Garric também. Ó. Consegues imaginar? –

Renna ergueu um dos gatinhos, beijando-lhe a cabeça e ouvindo-o

miar suavemente. — Renna Mensageiro — disse, testando o nome e sorrindo. Soava-lhe bem. Soava-lhe ao que devia ser. — Conseguiria chegar à Praça Central — disse. — O caminho é longo, mas podia correr até lá numas quatro

horas. Se fosse a meio da tarde, o pai nunca conseguiria apanhar-me a tempo, não com os joelhos doridos. — Olhou a carroça. — Sobretudo se tiver de ir a pé — acrescentou, matreira. — Mas se Cobie vier nessa altura? — perguntou.
— Ou se já não me quiser? — Enquanto ponderava a possibilidade, o gato pardo regressou, trazendo um rato gordo nos dentes. Deixou a presa ao lado da Sra. Garra e Renna achou que seria um sinal do próprio Criador.



Esperou durante dias, prevendo a eventualidade de o pai suspeitar que tivesse ouvido a conversa com Garric. Reviu mentalmente o plano uma e outra vez, sabendo que seria a sua última hipótese de fuga. Se a apanhasse e voltasse a trancá-la na latrina, duvidava que sobrevivesse para voltar a fugir.

O pai vinha almoçar todos os dias, após o meio-dia, e demorava-se a comer antes de voltar aos campos. Se fugisse nessa altura, conseguiria chegar à Praça Central ainda com duas horas de dia. Harl não daria pela fuga a tempo de a seguir antes de os nuclitas se erguerem e teria de esperar até de manhã ou teria, pelo menos, de se abrigar pelo caminho.

Se Cobie estivesse na Praça, teriam o que restava do dia para ir à Colina da Charneca procurar o Protector. Se não estivesse, correria pela estrada acima até à quinta de Jeph. Nunca lá estivera, mas Lucik sim e dizia que ficava duas horas a norte da Praça. Deveria conseguir chegar lá a tempo e Ilain aceitaria escondê-la se Harl viesse à sua procura. Sabia que sim.

Quando o dia chegou, finalmente, teve cuidado para não fazer nada que despertasse suspeitas. Ocupou-se dos seus afazeres tal como fazia em qualquer outro dia, com o cuidado de manter o padrão.

Harl veio dos campos para almoçar e tinha o guisado preparado.

— Repetes o prato? — perguntou-lhe, tentando mostrar que não tinha qualquer pressa. — Esvazia o tacho para o poder lavar para o jantar.

— Não recuso outra malga do teu guisado, Ren — disse Harl, sorrindo. — Devia ter-te posto a cozinhar estes anos todos em vez de Beni. — Beliscou-lhe o rabo ao curvar-se para ela lhe encher a malga. Renna quis despejar-lhe o guisado a ferver no colo, mas conteve o ímpeto e forçou um risinho, entregando-lhe o guisado com um sorriso.

— É bom ver-te sorrir, rapariga — disse Harl. — Não o fazias desde que a tua irmã se foi com os pequenos.

— Acho que me acostumei às coisas — conseguiu dizer Renna, regressando ao seu lugar e servindo-se também pela segunda vez, mesmo que comer fosse a última coisa que desejava.

Contou mentalmente até cem depois de Harl se erguer da mesa. A seguir, ergueu-se rapidamente e foi para a bancada, onde tinha empilhado legumes para um guisado que não pretendia fazer. Pegou na faca e dirigiu-se ao celeiro.

Os únicos animais de carga que tinham eram as duas mulas. Renna olhou-as com tristeza, já que cuidara delas desde que Harl as trouxera da quinta de Mack Pasto.

Poderia realmente fazer aquilo? A quinta de Harl era o único mundo que conhecia. Nas poucas ocasiões em que visitara a Praça Central ou a Colina da Charneca, sentira-se sufocada por tanta gente, incapaz de compreender como alguém conseguiria manter o juízo no meio de tamanha multidão. Aceitá-la-iam? Teria mesmo uma reputação de pega? Os homens tentariam forçá-la, julgando que não teria juízo e que desejaria que o fizessem?

O seu coração bateu com tanta força que se tornou ensurdecedor, mas inspirou fundo e serenou-se até a faca na mão parar de tremer e conseguir erguê-la com determinação.

Cortou todas as correias de sela, os arneses da carroça, os arreios e as rédeas. Martelou o pino de uma das rodas da carroça e fê-lo soltar-se com um pontapé, antes de rachar a roda com um machado de pedra.

Deixando o machado cair ao chão, levou a mão ao bolso do avental, retirando o longo colar de seixos de rio que Cobie lhe oferecera. Soubera que seria melhor não o usar quando o pai pudesse ver, mas deleitava-se com ele nos seus momentos a sós. Colocou-o ao pescoço e sentiu como o seu peso lhe caía bem sobre os ombros. Um verdadeiro presente de promessa.

A seguir, foi buscar o odre de água que escondera, saiu pela porta do celeiro, ergueu as saias e correu pela estrada abaixo tão depressa quanto podia.



A corrida foi mais dura do que Renna pensara e possivelmente mais longa. Era

forte, mas não estava habituada a correr ao longo de grandes distâncias. Não tardou a sentir os pulmões arder e o protesto doloroso das coxas. Parou quando não lhe restou alternativa, bebendo água do odre e ofegando intensamente, mas nunca descansou mais de alguns minutos antes de recomeçar a correr.

Quando chegou à ponte sobre o regato, tinha a visão turva e sentiu-se como se estivesse embriagada pela cerveja Charneca. Deixou-se cair na margem, mergulhando a face em água fria corrente e bebendo avidamente.

Com as ideias claras pela primeira vez em quase uma hora, olhou o céu. O Sol caía no horizonte, mas o tempo seria suficiente, se continuasse. As pernas, os pés e o peito protestaram quando se ergueu, mas Renna ignorou as dores e recomeçou a correr.

Viu algumas pessoas enquanto corria pela Praça. Sobretudo gente que conferia as suas guardas antes da noite vindoura. Olharam-na com curiosidade e alguém a chamou, mas ignorou o chamado, dirigindo-se para o local que todos conheciam no Ribeiro de Tibbet, a venda de Leitão.

— A locha ‘tá fechada — disse-lhe Stam Alfaiate com voz alterada, enquanto descia os degraus do alpendre de Leitão e quando Renna se preparava para subir. Cambaleou e Renna teve de o amparar.

— Fechada? Como pode estar fechada? — perguntou, tentando manter o desespero fora da voz. — É suposto que o Leitão esteja aberto até ao pôr-do-sol. — Se Cobie não estivesse na venda, não sabia onde poderia procurá-lo e não tinha tempo para correr até Ilain.

— Foi o quê diche! — gritou Stam, acenando freneticamente com a cabeça. — Pois chim. Bebi umas cervejas e entornei um bocado, mas icho era motivo para pôr o pobre Stam na rua e fechar mais cedo?

Renna cheirou-o e recuou. O vómito na camisa ainda estava húmido. Parecia-lhe que alguns boatos, como os que diziam que Stam era um bêbado, eram verdadeiros.

Apoiando-o no corrimão, correu pelos degraus acima e bateu à porta.

— Senhor Rusco! — gritou. — É Renna Curtidor! Preciso de ver Cobie Pescador! — Bateu com o punho na porta até lhe doer, mas não houve resposta.

— Já che foi — disse Stam, agarrando-se ao corrimão como se a sua vida dependesse disso. A sua pele apresentava uma palidez doentia e balouçava. — Estou chó aqui no alpendre a descanchar um bocadinho... para ganhar forchas.

Renna olhou-o, horrorizada, e Stam percebeu o olhar.

— Nã te preocupes com o velho Stam Alfaiate, rapariga — disse, movendo a mão. — Já estive muitas vejes pior que isto. Não é... nada!

Renna acenou afirmativamente, esperando que se afastasse a cambalear antes de correr de volta à porta da venda. Duvidou que Leitão confiasse em alguém o suficiente, mesmo em Cobie, para ficar no interior da venda quando lá não estava. Se Cobie dormia nas traseiras, teria de haver outra entrada.

Estava certa e encontrou uma pequena divisão junto aos estábulos, provavelmente destinada a armazenar arreios, mas suficientemente grande para albergar uma arca e uma enxerga. Inspirou fundo e bateu à porta. No instante seguinte, Cobie abriu a porta e a alegria fê-la rir-se alto.

— Renna, que fazes aqui?! — Os olhos de Cobie quase lhe saltaram das órbitas. Enfiou a cabeça de fora da porta e olhou em redor. A seguir, segurou-a pelo braço e puxou-a para dentro. Renna avançou para o abraçar, mas ele não lhe libertara o braço e mantinha-a à distância. — Alguém te viu?

— Só Stam Alfaiate à frente da venda — disse Renna, sorrindo.

— Mas está tão bêbado que é pouco provável que se lembre. — Tentou novamente aproximar-se dele, mas continuava a mantê-la à distância.

— Não devias ter vindo, Ren — disse Cobie.

Sentiu-se como se a tivesse golpeado no peito com um martelo.

— O quê? — perguntou.

— Tens de sair antes que alguém te descubra — disse Cobie. — Se o teu pai não me matar, será o meu a fazê-lo.

— Já viste trinta verões e és grande como um cavalo! — gritou Renna. Tens mais medo dos nossos pais do que eu?

— O teu pai não te mata, Ren — disse Cobie. — A mim sim.

— Não. Apenas me faz desejar estar morta! — disse Renna.

— Aí tens mais um motivo para ires antes de nos descobrir juntos –

disse Cobie. — Mesmo que o Protector nos case, não esquecerão. Não conheces o meu pai. Meteu na cabeça que tenho de casar com a filha do Eber Pantanoso, mesmo que tenha de me ameaçar com uma forquilha. Pagou muito peixe ao Eber pela promessa.

— Então vamos fugir — disse Renna, segurando-lhe o braço. — Vamos para o Pasto Soalheiro ou até para as Cidades Livres. Poderias juntar-te a sério à

Associação dos Mensageiros.

— E dormir ao relento na noite? — perguntou Cobie, aterrado.

— Estás louca?

— Mas disseste que me amavas — disse Renna, apertando na mão o colar de seixos. — Disseste que nada nos manteria afastados.

— Isso foi antes de o teu pai quase me cortar os tomates e de o meu ter feito pior — disse Cobie, olhando freneticamente em redor. — Eu também não devia ficar aqui. Harl pode vir procurar-te antes que anoiteça. Vai para a Colina da Charneca e fica com a tua irmã. Eu corro para casa do meu pai para que saiba que não fiz nada. Vamos. — Colocou uma mão nas costas de Renna, empurrando-a para a porta. Deixou-se empurrar, chocada e incrédula.

Cobie abriu a porta e descobriu Harl diante dele, segurando a faca na mão. Atrás, uma das mulas estava caída no chão, arfando. Montara-a sem sela.

— Apanhei-te! — gritou Harl, esmurrando Cobie com força na face. O seu punho, rodeando o pesado cabo de osso da faca, fez voltar rapidamente a cabeça de Cobie de lado a lado e lançou-o por terra. Segurou Renna com a mão livre, apertando-lhe de forma dolorosa o braço com dedos duros.

— Corre e pede abrigo à tua irmã — disse, com a face transformada numa máscara de raiva. — Já lá irei para te tratar da saúde. — Voltou a olhar Cobie enquanto a empurrava para a porta.

— Não é o que parece! — gritou Cobie, esforçando-se para se erguer sobre um joelho e estendendo a mão para se proteger de Harl. — Nunca lhe pedi que viesse!

— O Núcleo é que não pediste — rosnou Harl, erguendo a faca.

— Fiz-te uma promessa, rapaz. E pretendo cumpri-la.

Voltou a olhar Renna, paralisada pelo medo.

— Põe-te a andar! — bradou. — Vais passar uma semana na latrina. Não queiras que sejam duas!

Renna encolheu-se, horrorizada, e Harl voltou-lhe as costas. A noite passada na latrina veio-lhe novamente à memória, com todas as horas aparentemente intermináveis de tormento vividas em menos de um segundo. Pensou no que se seguira, no cheiro da cama do seu pai, no peso do seu corpo enrugado sobre ela enquanto se movia, grunhindo.

Pensou no regresso à quinta e algo dentro dela quebrou.

— Não! — gritou, saltando sobre o seu pai, cravando-lhe as unhas na face como se fossem garras. Caiu para trás, chocado, batendo com a cabeça no chão. Tentou retirar-lhe a faca das mãos, mas Harl era mais forte e resistiu.

Cobie conseguiu levantar-se, mas não tentou avançar para eles.

— Cobie! — implorou Renna. — Ajuda-me!

Harl esmurrou Renna na face, fazendo-a cair e saltou para a imobilizar, mas Renna mordeu-lhe o braço, fazendo-o uivar de dor. O seu punho voltou a embater-lhe contra a face, seguindo-se três murros seguidos no estômago até ser forçada a afrouxar a dentada.

— Cabra! — gritou, olhando o sangue que lhe escorria do braço. Rosnou e deixou cair a faca enquanto as suas mãos lhe procuravam a garganta.

Renna debateu-se como pôde, mas Harl não a libertava. O sangue escorria-lhe pelo braço abaixo e pingava-lhe sobre a cara enquanto tentava respirar sem sucesso. Viu a loucura nos olhos do pai e percebeu que pretendia matá-la.

Os seus olhos voltaram-se novamente para Cobie, mas este limitava-se a ficar ali, imóvel. Conseguiu captar-lhe a atenção e implorou-lhe em silêncio.

Sobressaltado, Cobie pareceu despertar e avançou para eles.

— Basta! — gritou. — Vais matá-la!

— Cala-te, rapaz — disse Harl, afastando uma mão da garganta de Renna e alcançando a faca quando Cobie se aproximou. Nesse instante, Harl rodopiou e cravou-lhe a lâmina entre as pernas.

A face de Cobie tornou-se escarlate e olhou para baixo, horrorizado, vendo o sangue esguichar da faca. Encheu os pulmões de ar para gritar, mas Harl não lho permitiu, puxando a faca e cravando-lha no coração.

Cobie segurou a lâmina espetada no peito, murmurando um protesto silencioso enquanto caía, morto.

Harl ergueu-se sobre Renna, deixando-a a tentar respirar no chão e aproximando-se de Cobie, puxando a faca.

— Avisei-te mais do que uma vez, rapaz — disse, limpando a lâmina na camisa de Cobie. — Devias ter-me dado ouvidos.

Voltou a guardar a faca na bainha, onde permaneceu um breve instante antes que Renna a puxasse e lha cravasse nas costas. Golpeou-o uma e outra vez, gritando e chorando enquanto o sangue lhe salpicava a face e ensopava o vestido.

Vinte

Raddock Meirinho

333 DR Verão

JEPH FARDOS ACABOU DE CONFERIR as guardas do alpendre no momento certo. A sua família estava já no interior. As crianças lavavam-se para jantar, Ilain e Norine na cozinha. Olhou enquanto os últimos raios de Sol desapareciam e o calor abandonava o solo, abrindo aos demónios um caminho para se erguerem do Núcleo.

Quando as peçonhentas neblinas cinzentas se começaram a erguer, entrou, mesmo que os nuclitas levassem alguns momentos a solidificar-se. Jeph não acreditava em correr riscos no que dizia respeito aos nuclitas.

Mas, quando estendia a mão para fechar a porta, ouviu um grito e olhou. Pela estrada abaixo, alguém corria com grande velocidade para a quinta, gritando pelo caminho.

Jeph alcançou o machado, deixado sempre junto à porta, e afastou-se tanto quanto as guardas do alpendre permitiriam, lançando olhares nervosos aos nuclitas que se formavam no pátio. Pensou no seu filho mais velho e em como não teria hesitado em correr para ajudar quem se aproximava, mas Arlen morrera catorze anos antes e Jeph nunca tivera idêntica coragem.

— Corre! Força! — gritou. — O abrigo está perto! — Nuclitas que eram ainda mais fumo do que carne ergueram para si os olhos e Jeph segurou o machado com mais força. Não deixaria a segurança das guardas, mas golpearia um demónio para desimpedir o caminho, se um se aproximasse demasiado.

— Que se passa? — perguntou Ilain do interior.

— Não deixes sair ninguém! — replicou Jeph, gritando. — Ouças o que

ouvires, não saias!

Puxou a porta, fechando-a, e olhou para trás. O estranho aproximava-se, gritando. Era uma mulher. Tinha o vestido ensopado de sangue e corria como se a sua vida dependesse disso e dependia realmente. Tinha alguma coisa na mão, mas Jeph não conseguiu perceber o que era.

Nuclitas tentavam alcançá-la enquanto passava, mas faltava solidez às suas garras e apenas arranharam quando deviam ter rasgado. A mulher pareceu não notar, mas já gritava antes disso.

— Corre! — voltou a gritar Jeph, esperando que palavras débeis pudessem servir de encorajamento.

No instante seguinte, chegou ao pátio e estava quase no alpendre. Jeph reconheceu-a no momento em que um demónio da chama plenamente formado guinchou e lhe saltou ao caminho.

— Renna — disse, mas, quando voltou a olhar, não viu Renna Curtidor, mas sim a sua mulher, Silvy, assassinada por um demónio da chama naquele mesmo local, catorze anos antes.

Sentiu algo endurecer dentro de si e saiu do alpendre sem pensar, brandindo o machado de aço com toda a sua força. A armadura de um demónio da chama conseguiria resistir ao gume de qualquer arma humana, mas a criatura era pequena e o golpe fê-la rebolar pela terra do pátio.

Outros nuclitas guincharam e correram para eles, mas o caminho até à segurança estava desimpedido. Jeph segurou o braço de Renna e puxou-a atrás de si correndo para o abrigo. Tropeçou nos degraus do alpendre e caíram os dois, mas, quando um demónio da chama se lançou sobre eles, embateu contra a rede de guardas exterior, iluminando o ar com uma teia de magia prateada antes de ser projectado para trás.

Jeph aninhou Renna nos seus braços, chamando-a, mas ela continuou a gritar, parecendo alheia à segurança. Estava coberta de sangue. Ensopava-lhe o vestido e cobria-lhe os braços e a face, mas não conseguia ver-lhe qualquer ferimento. A mão direita segurava com força uma grande faca com cabo de osso. Também coberta de sangue.

— Renna, estás bem? — perguntou. — De quem é este sangue? — A porta abriu-se e Ilain saiu, gritando ao ver a irmã.

— De quem é este sangue? — voltou a perguntar Jeph, mas, se Renna o ouviu,

não deu sinais disso, continuando a gritar e soluçar. O sangue e a terra na face estavam riscados por lágrimas.

— É a faca do nosso pai — disse Ilain, indicando a lâmina ensanguentada que segurava com tanta força. — Conseguiria reconhecê-la em qualquer lado. Nunca se separava dela.

— Criador — exclamou Jeph, empalidecendo.

— Ren, o que aconteceu? — perguntou Ilain, inclinando-se e abraçando os ombros da irmã. — Estás ferida? Onde está o pai? Está bem?

Mas Ilain não obteve resposta da sua irmã, tal como Jeph, e depressa ficou em silêncio, ouvindo os gritos de Renna e os guinchos dos nuclitas repelidos pelas guardas em resposta.

— Será melhor levá-la para dentro — disse Jeph. — Põe os pequenos nos quartos e levo-a para o nosso. — Ilain acenou afirmativamente e entrou em primeiro lugar enquanto Jeph erguia a forma trémula de Renna nos seus braços fortes.

Deitou-a no seu colchão de palha e voltou-se quando Ilain entrou, trazendo uma bacia de água quente e um pano limpo. Renna parara de gritar, mas continuava a não reagir enquanto Ilain lhe retirava a faca ensanguentada da mão e a pousava na mesa-de-cabeceira, antes de a despir e de lhe limpar o sangue com passagens firmes e regulares do pano.

— Que pensas que poderá ter acontecido? — perguntou Jeph, depois de estar tapada pelos cobertores, continuando a fitar o vazio em silêncio.

Ilain abanou a cabeça.

— Não sei. A quinta do meu pai fica muito longe, mesmo que saísse da estrada e cortasse caminho. Deve ter corrido durante horas.

— Parecia vir da aldeia — disse Jeph.

Ilain encolheu os ombros.

— O que quer que tenha acontecido não foi culpa dos nuclitas — disse Jeph. — Não a meio do dia.

— Jeph — disse Ilain —, preciso que vás à quinta amanhã. Talvez tenham sido atacados por lobos nocturnos ou por bandidos. Não sei. Vou mantê-la escondida até voltares.

— Bandidos e lobos nocturnos no Ribeiro de Tibbet? — perguntou Jeph, duvidando.

— Vai ver — disse Ilain.

— E se descobrir Harl morto com um ferimento de faca? — perguntou Jeph, sabendo que era o que pensavam os dois.

Ilain suspirou profundamente.

— Se assim for, limpas o sangue e fazes uma pira. E todos saberão que escorregou da escada abaixo no celeiro e partiu o pescoço.

— Não podemos mentir — disse Jeph. — Se matou alguém...

Ilain voltou-se para ele, furiosa.

— Que julgas que fizemos durante todos estes anos, pelo Núcleo? – gritou. Jeph ergueu as mãos para a aplacar, mas ela continuou.

— Tenho sido uma boa esposa? — perguntou Ilain. — Tenho zelado pela tua casa? Dei-te filhos? Amas-me?

— Claro que sim — respondeu Jeph.

— Então farás isto por mim, Jeph Fardos — disse. — Farás isto por todos nós e também por Beni e pelos seus rapazes. Não é necessário que o que aconteceu naquela quinta chegue aos ouvidos da aldeia. O que inventam é já suficientemente mau.

Jeph permaneceu em silêncio durante muito tempo enquanto olhares e vontades se enfrentavam. Por fim, acenou afirmativamente.

— Está bem. Parto depois do pequeno-almoço.

Jeph acordou com o amanhecer, desempenhando as suas tarefas da manhã, apesar do cansaço dorido nos ossos. Passaram a noite a tentar obter uma reacção de Renna, mas esta limitou-se a olhar o tecto, sem dormir nem comer. Depois do pequeno-almoço, selou a sua melhor égua.

— Suponho que será melhor evitar a estrada — disse a Ilain.

— Corto caminho pelos campos para sudeste. — Ilain acenou afirmativamente, rodeando-o com os braços e abraçando-o com firmeza. Retribuiu o abraço, sentindo um nó no estômago pelo receio do que poderia encontrar. Por fim, libertou-a. — É melhor pôr-me ao caminho para ter tempo suficiente para a viagem de regresso.

Acabara de montar a égua quando ouviu o som de cascos. Ergueu os olhos e

viu uma carroça aproximar-se, transportando a Herbanária, Coline Trigg, com as mãos unidas pela preocupação, e a Oradora
da Aldeia, Selia Estéril, ostentando uma expressão sombria. Selia aproximava-se dos setenta anos, era alta e magra, mas parecia ainda rija como couro fervido e aguçada como o machado de um Lenhador.

De um lado da carroça, vinha Rusco Leitão e, do outro, Garric Pescador e Raddock Meirinho, tio-avô de Garric e Orador do Charco da Pesca. A pé, atrás deles, vinham o Protector Harral e o que parecia ser metade dos homens do Charco da Pesca, armados com as lanças finas que usavam para pescar.

Garric golpeou o cavalo com os calcanhares, fazendo-o avançar quando a quinta se tornou visível, galopando até ao alpendre onde Ilain se erguia e parando de forma tão repentina que a besta se ergueu sobre as patas traseiras antes de acalmar.

— Onde está ela? — perguntou.

— Onde está quem? — perguntou Ilain, enfrentando o seu olhar selvático.

— Não brinques comigo, mulher! — rosnou Garric. — Vim buscar a pega assassina da tua irmã e sabe-lo bem! — Desmontou e avançou para ela, agitando o punho.

— Pára onde estás, Garric Pescador — disse Norine Lenhador, saindo da casa com o machado de Jeph nas mãos. Mudara-se para a quinta de Jeph antes da morte da sua mulher e integrava tanto a família como qualquer um dos outros. — Não estás na tua propriedade. Mantém a distância e explica ao que vens, se não queres enfrentar um nuclita pelos chifres.

— Venho por Renna Curtidor, que assassinou o próprio pai e o meu filho. E hei-de vê-la nucleada por isso! — gritou Garric. — É escusado esconderem-na!

O Protector Harral alcançou-o e colocou-se entre Garric e as mulheres. Era jovem e forte, estando à altura de Garric, que era mais velho, ainda que um pouco mais corpulento.

— Ainda não há provas de nada, Garric! Precisamos apenas de lhe fazer umas perguntas. É só isso — disse a Ilain. — E também a ti, se tiver dito alguma coisa desde a partida de Jeph.

— Precisamos de fazer mais do que isso, Protector — disse
Raddock, desmontando. Nascera Raddock Pescador, mas todos no Ribeiro lhe chamavam Raddock Meirinho por ser Orador do Charco no conselho da aldeia e

por arbitrar as disputas jurídicas no seu território. Das orelhas ao queixo, era uma massa de cabelo grisalho.
O topo da cabeça era calvo como um ovo. Era mais velho do que Selia e de temperamento mais inflamado, pleno de fervor justiceiro e com o hábito de despertar idêntico fervor nos que o rodeavam.
— A rapariga precisa de responder pelos seus crimes.

Leitão desmontou a seguir. Era tão imponente como sempre, na sua qualidade de proprietário de metade do Ribeiro de Tibbet e credor da outra metade.

— Garric não errou quando disse que o teu pai e Cobie Pescador estão mortos — disse Leitão a Ilain. — Eu e as minhas raparigas fomos investigar uns gritos que ouvimos na venda ontem, ao fim da tarde, e descobrimo-los num quarto nas traseiras que tinha alugado a Cobie. Os dois mortos. Não apenas apunhalados. Tinham sido... mutilados. Os dois. Stam Alfaiate diz que viu a tua irmã no local pouco antes de acontecer.

Ilain engasgou-se, cobrindo a boca.

— Terrível — concordou Harral. — E é por isso que precisamos de ver Renna sem perder tempo.

— Saiam de frente da porta! — ordenou Raddock, avançando.

— Sou eu a Oradora do Ribeiro de Tibbet, Raddock Meirinho. Não és tu! — gritou Selia, silenciando todos os outros. Jeph estendeu o braço para a ajudar a descer da carroça. Assim que os seus pés tocaram o chão, ergueu as saias para impedir que se sujassem e avançou. Os homens mais novos, superando em muito o seu peso, encolheram-se perante a força da sua presença.

Não era fácil atingir a idade de Selia no Ribeiro de Tibbet. A vida no Ribeiro era difícil. Apenas os mais inteligentes, astuciosos e capazes conseguiam ver o seu cabelo ficar totalmente grisalho e os restantes tratavam-nos a preceito. Quando era mais nova, Selia fora autoritária. Agora, o seu poder era inquestionável.

Apenas Raddock se manteve firme. Substituíra Selia como Oradora da Aldeia mais do que uma vez ao longo dos anos e, se a idade conferia poder no Ribeiro de Tibbet, a vantagem era sua, ainda que por poucos anos.

— Coline, Harral, Rusco, Raddock e eu precisaremos de entrar para a ver — disse Selia a Jeph. Não era um pedido. Os cinco constituíam metade do conselho da aldeia e podia apenas acenar afirmativamente e colocar-se de lado, permitindo

que entrassem.

— Também vou! — rugiu Garric. A multidão de Pescadores, seus vizinhos e parentes, rodearam-no, furiosos, concordando com um aceno de cabeça colectivo.

— Não vais, não — disse Selia, fixando nele um olhar inabalável. — O sangue ferve-te e ninguém te culpa por isso, mas viemos para descobrir o que aconteceu e não para atar a rapariga a um poste sem julgamento.

Raddock pousou uma mão no ombro de Garric.

— Não se há-de safar, Gar. Prometo-to — disse-lhe. Garric cerrou os dentes, mas acenou afirmativamente e deu-lhes passagem.

Renna continuava deitada na mesma posição em que a tinham deixado na noite anterior, fitando o tecto. Pestanejava ocasionalmente. Coline aproximou-se.

— Céus — disse Selia, avistando a faca ensanguentada na mesa-de-cabeceira. Jeph praguejou em silêncio. Por que a deixara ali? Devia tê-la lançado ao fundo do poço assim que a viu.

— Criador — exclamou Harral, traçando uma guarda no ar.

— E aqui — grunhiu Raddock, pontapeando uma bacia junto à porta. O vestido de Renna estava ensopado no interior e a água ficara rosada com o sangue. — Ainda pensas que estamos aqui só para fazer perguntas, Protector?

Coline examinou as nódoas negras na face de Renna com olhar preocupado e mão firme e voltou-se para os outros, pigarreando de forma sonora. Os homens olharam-na em silêncio, por um instante. A seguir, aperceberam-se, voltando as costas enquanto ela afastava as cobertas.

— Não tem nada partido — disse Coline, aproximando-se de Selia depois de terminado o exame. — Mas foi espancada com seriedade e tem marcas no pescoço como se alguém tivesse tentado estrangulá-la.

Selia sentou-se na cama ao lado de Renna. Estendeu a mão gentilmente, afastando-lhe o cabelo da face suada.

— Renna, querida, consegues ouvir-me? — A rapariga não reagiu. — Esteve assim a noite toda? — perguntou, franzindo a testa.

— Sim — respondeu Jeph.

Selia suspirou e pousou as mãos nos joelhos, erguendo-se. Pegou na faca e voltou-se, fazendo sair todos os que se encontravam no quarto e fechando a porta.

— Já vi isto antes. Sobretudo depois de ataques de demónio — disse, e Coline concordou com um aceno. — Os sobreviventes não conseguem suportar o susto e ficam a olhar o vazio.

— Vai melhorar? — perguntou Ilain.

— Por vezes, voltam a si depois de alguns dias — disse Selia.

— Outras vezes... — Encolheu os ombros. — Não te mentirei, Ilain Fardos. É a pior coisa que me lembro de ter acontecido no Ribeiro de Tibbet. Tenho sido Oradora várias vezes ao longo de trinta anos e vi muita gente morrer antes da sua hora, mas nunca ninguém foi morto por fúria. Esse tipo de coisa pode acontecer nas Cidades Livres, mas não aqui.

— Renna não pode ter...! — Ilain não conseguiu concluir e Selia segurou-a pelos ombros, tranquilizando-a.

— Era por isso que esperava poder falar com ela, querida, para ouvir da sua boca o que aconteceu. — Olhou Raddock. — Os Pescadores vieram à procura de sangue e não ficarão satisfeitos sem ele ou sem uma boa explicação.

— Temos razões para isso — rosnou Raddock. — Um dos mortos é nosso parente.

— Caso não tenhas notado ainda, também um dos meus parentes está morto — disse Ilain, lançando-lhe um olhar feroz.

— Maior motivo terás para querer justiça — disse-lhe Raddock.

Selia silvou e todos se calaram. Estendeu a faca ensanguentada ao Protector Harral.

— Protector, peço-te que embrulhes isto e a escondas na túnica até voltarmos à aldeia. Ficaria muito grata. — Harral concordou, estendendo a mão para receber a faca.

— Que pensas que fazes, pelo Núcleo? — bradou Raddock, interceptando a faca antes que o Protector a tocasse. — A aldeia inteira tem o direito de ver isto! — disse, agitando-a.

Selia segurou-lhe o pulso e Raddock, com o dobro do seu peso, riu-se até ela lhe cravar o tacão no pé. Uivou de dor e largou a faca para levar as mãos ao pé. Selia apanhou-a antes que chegasse ao chão.

— Usa a cabeça, Meirinho! — ripostou. — A faca é uma prova e todos têm o direito de a ver, mas não com duas dúzias de homens lá fora armados com lanças e com uma rapariga indefesa e paralisada pelo medo aqui dentro. O Protector não vai roubá-la.

Ilain foi buscar um pano e Selia embrulhou a faca, passando-a ao Protector, que a guardou em segurança nas suas vestes. Selia ergueu as saias e saiu, endireitando as costas e com a cabeça bem alta para enfrentar os homens reunidos no pátio, ouvindo os seus resmungos irados enquanto brandiam as lanças.

— Não está em condições de falar — disse-lhes.

— Não queremos falar! — gritou Garric. Todos os Pescadores manifestaram a sua concordância por gestos.

— Não me importa o que querem — disse Selia. — Ninguém fará nada até o conselho da aldeia reunir para discutir o assunto.

— O conselho?! — repetiu Garric. — Não foi nenhum ataque de nuclitas! Assassinou o meu filho!

— Não sabes isso, Garric — disse Harral. — Ele e Harl podem ter-se matado um ao outro.

— Mesmo que não fosse a sua mão a segurar a faca, matou-o — disse Garric. — Embruxou o meu filho para o pecado e envergonhou o pai!

— A lei é a lei, Garric — disse Selia. — Terá direito a uma reunião do conselho, onde poderás fazer as tuas acusações e onde ela poderá apresentar a sua justificação, antes de ser considerada culpada. É suficientemente mau termos tido duas mortes. Não permitirei que os teus provoquem uma terceira apenas porque não consegues esperar pela justiça.

Garric olhou Raddock, à procura de apoio, mas o Orador do Charco da Pesca permaneceu em silêncio, aproximando-se de Harral. Subitamente, empurrou o Protector contra a parede, levando-lhe a mão à túnica.

— Ela não vos conta tudo! — gritou Raddock. — A rapariga tinha um vestido ensanguentado ensopado em água! — Ergueu a faca de Harl para que todos a vissem. — E uma faca coberta de sangue!

Os Pescadores ergueram as lanças e gritaram, ultrajados, prontos para forçar a entrada na casa.

— Para o Núcleo com a tua lei — disse Garric a Selia — se significar que não

posso vingar o meu filho.

— Terás de passar por cima do meu cadáver para assassinar aquela pobre rapariga — disse Selia, colocando-se à frente da porta, juntamente com os restantes elementos do conselho e a família de Jeph.

— É isso que querem? — perguntou. — Serem considerados assassinos? Cada um dos Pescadores?

— Bah! Não poderás enforcar-nos a todos — troçou Raddock.

— Vamos levar a rapariga e não poderão impedir-nos. Desviem-se ou sofram as consequências.

Rusco deu um passo ao lado com as mãos no ar. Selia olhou-o com ferocidade.

— Traidor!

Mas Rusco limitou-se a sorrir.

— Não sou um traidor, senhora. Apenas um mercador de visita e não me cabe tomar partidos neste tipo de disputa.

— Fazes parte desta aldeia como qualquer um de nós! — gritou Selia. — Vives na Praça Central há vinte anos e passaste quase tantos no conselho! Se há algum sítio que consideres mais como teu lar, talvez esteja na altura de para lá voltares!

Rusco voltou a sorrir.

— Lamento, senhora, mas tenho de ser imparcial. Enfrentar um povoado inteiro é mau para o negócio.

— Uma vez por ano, pelo menos, meia aldeia procura-me, preparada para te escorraçar como trapaceiro, como fizeram em Miln e Angiers e o Criador saberá onde mais — disse Selia. — E, todos os anos, convenço-os a não o fazerem. Recordo-lhes que a tua venda beneficia a todos e como eram as coisas antes de vires. Mas agora pões-te de parte e garantirei que nenhuma pessoa decente volte a pôr os pés na tua venda.

— Não podes fazer isso! — gritou Leitão.

— Posso sim, Rusco — tornou Selia. — Se não acreditas, põe-me à prova. — Raddock franziu a testa e enfureceu-se quando Leitão voltou a colocar-se ao lado de Selia diante da porta.

Leitão enfrentou-lhe o olhar.

— Não pode ser, Raddock. Podemos esperar um dia ou dois. Qualquer homem que ponha as mãos em Renna Curtidor antes da reunião do conselho fica banido da venda.

Selia voltou-se para Raddock, com os olhos relampejando.

— Quanto tempo, Meirinho? Quanto tempo sobreviverá o Charco da Pesca sem o cereal e o gado dos Fardos? Sem o arroz Pantanoso? Sem a cerveja Charneca? Sem a madeira dos Lenhadores? Apostaria que não sobreviverão tanto tempo quanto o que conseguiremos suportar sem o vosso maldito peixe!

— Muito bem. Convoca o conselho — disse Raddock. — Mas prendemos a rapariga no Charco da Pesca até ao julgamento.

Selia riu-se.

— Achas que ta confiaria?

— Então onde? — perguntou. — Nucleado seja se a deixar ficar aqui com os seus, de onde poderá fugir.

Selia suspirou, olhando a casa.

— Prendemo-la na minha oficina do tear. Tem uma porta firme e podem pregar as portadas e designar um guarda, se desejarem.

— De certeza que será ajuizado? — perguntou-lhe Rusco, erguendo uma sobrancelha.

— Bah — disse Selia, silenciando-o com um aceno. — É apenas uma rapariga.

— Uma rapariga que matou dois homens adultos — recordou-lhe Rusco.

— Tolice — disse Selia. — Duvido que conseguisse matar um homem tão forte. Muito menos dois.

— Muito bem — rosnou Raddock. — Mas fico com isto — ergueu a faca — e com o vestido sujo de sangue até à reunião do conselho. –

Selia franziu a testa e os seus olhares enfrentaram-se num confronto de vontades. Sabia que Raddock Meirinho conseguiria agitar a cidade com os dois objectos, mas não lhe restava grande escolha.

— Enviarei mensageiros hoje ainda — disse Selia, acenando afirmativamente. — Reuniremos dentro de três dias.

Jeph transportou Renna para a sua carroça e levou-a para a casa de Selia na Praça Central, fechando-a na oficina do tear. Foi Garric quem pregou pessoalmente as portadas do lado de fora, testando meticulosamente a resistência da madeira antes de concordar partir com um grunhido.

Vinte e Um

Conselho da Aldeia

333 DR Verão

O SOL NASCEU NO DIA SEGUINTE e Selia sentiu os ossos doridos quando retirou os pés da cama. A dor atacara-lhe as articulações poucos anos antes. Era pior quando chovia ou fazia frio, mas, nos últimos tempos, sentia-a mesmo nos dias mais quentes e secos. Supôs que piorasse antes de morrer.

Mas Selia nunca se lamentava, nem mesmo a Coline Trigg. A dor era o fardo que lhe cabia suportar. Era Oradora do Ribeiro de Tibbet e isso significava que as pessoas esperavam que fosse forte e defendesse o que estava certo. Não importava a que ponto os seus membros protestassem, nunca ninguém via qualquer vestígio de que Selia era qualquer coisa além do que sempre fora: um rochedo em que podiam apoiar-se.

Sentiu esse peso acrescido ao erguer-se e ocupar-se das suas abluções, vestindo um dos seus vestidos pesados de pescoço alto. Não conhecia bem Renna ou as suas irmãs, mas conhecera a mãe e sabia como Harl a tratara antes de ser levada pelos nuclitas. Dizia-se que os tinha procurado voluntariamente, para lhe escapar. Se tratasse as filhas de igual forma, Selia não precisaria de grande esforço para imaginar que Renna poderia ter sido forçada a matá-lo em legítima defesa.

Quando terminou, ocupou-se de Renna, vestindo-a com um dos seus melhores vestidos e sentando-a para lhe dar a comer papas de aveia. Limpou a boca da rapariga quando terminou e saiu da oficina do tear, trancando a porta.

Comeu e saiu. Rik Pescador estava de pé, atravessado no caminho, segurando a sua lança de pesca. Tinha dezassete anos e era ainda solteiro, apesar de Selia o ter visto passear com Jan, a filha de Ferd Moleiro. Se Ferd aprovasse a união, era provável que fossem prometidos em breve.

— Preciso que me faças um recado — disse Selia.

— Desculpe, senhora — disse Rik. — Raddock Meirinho mandou-me ficar

aqui e garantir que a rapariga não foge, sem dar ouvidos a mais ninguém.

— Ah sim? — perguntou Selia. — E devo supor que encontraria o teu irmão Borry lá atrás, junto às minhas belas portadas, que Garric encheu de pregos?

— Sim, senhora — respondeu Rik.

Selia voltou a entrar e saiu com uma vassoura e um ancinho.

— Não permito mãos ociosas a rondar-me a casa, Rik Pescador. Se queres ficar aqui, varres o caminho até ficar impecável. E pede ao teu irmão para juntar as folhas e a erva seca lá atrás.

— Não sei se... — começou Rik.

— Deixarias que uma velha trabalhasse porque és preguiçoso? — perguntou Selia. — Talvez deva referi-lo a Ferd Moleiro, da próxima vez que o vir. — Rik recebeu a vassoura e o ancinho antes de ela terminar a frase. — Que rapaz prestável — disse-lhe. — Quando terminares, podes conferir-me as guardas. Se alguém me procurar, pede para esperarem no alpendre. Não demoro.

— Sim, senhora — disse Rik.

Pegou numa caixa de biscoitos de manteiga e dirigiu-se para o local onde as crianças brincavam na Praça, pedindo ao mais veloz para entregar uma mensagem em troca de um biscoito. Quando regressou a casa, Rik terminara de varrer o caminho e varria o alpendre. Stam Alfaiate, a primeira pessoa que convocara, estava sentado nos degraus do alpendre, amparando a cabeça dorida.

— A lamentar a cerveja de ontem? — perguntou Selia, conhecendo a resposta. Stam lamentava todos os dias a cerveja do dia anterior, mesmo ao beber a do dia presente.

Stam respondeu com um grunhido.

— Vem para dentro e bebe uma chávena de chá para te acalmar a cabeça — disse Selia. — Quero conversar sobre o que viste há duas noites.

Questionou Stam durante longo tempo e fez o mesmo aos outros que afirmavam ter visto Renna passar a caminho da venda. Mas eram em número demasiado elevado para acreditar, como se toda a aldeia a tivesse visto correr pela rua abaixo, com um brilho feroz nos olhos e uma faca na mão. Raddock e Garric tinham ido de um extremo ao outro do Ribeiro com a faca e o vestido ensanguentados e todos queriam sentir-se parte do drama.

— Cobie podia ser fraco na carne — disse-lhe o Protector Harral, recordando a cena após o funeral de Fernan Charneca — mas era sincero na sua vontade de

casar com Renna. Vi-lho na cara. E na dela também. Era Harl que parecia capaz de matar ao pensar nessa possibilidade.

— O meu Lucik envolveu-se numa zaragata com dois Pescadores na noite passada — contou-lhe Meada Charneca mais tarde. — Disseram que Renna planeava matar o pai há muito tempo e tentou convencer Cobie a ajudá-la. Lucik esmurrou um no nariz e partiram-lhe o braço.

— Lucik esmurrou um? — perguntou Selia.

— O meu rapaz viveu na mesma casa com Renna Curtidor durante quase catorze anos — explicou Meada. — E, se diz que não é uma assassina, basta-me.

— Falarás pela Colina da Charneca, agora que Fernan partiu? — perguntou Selia.

Meada acenou afirmativamente.

— A Colina votou ontem.

Coline Trigg veio a seguir.

— Não paro de me questionar — disse a Herbanária — porque foi o pobre Cobie apunhalado entre as pernas. Deve ter sido ela. Nenhum homem faria isso a outro. Suponho que não terá estado tão receptiva como dizem quando Cobie a procurou. Deve tê-la forçado e quis matá-lo por isso. Quando o pai tentou impedi-la, deve tê-lo matado também a ele.



À tarde, chegou Jeph com Ilain e Beni. Manteve-se perto das mulheres, interpondo-se entre Beni e Rik Pescador, enquanto trocavam olhares de ódio.

— Como está Lucik? — perguntou Selia a Beni, depois de entrarem.

Beni suspirou.

— Coline diz que pode tirar a tala num par de meses, mas isso coloca-nos em dificuldades para satisfazer as encomendas de cerveja do Leitão. Também receio pelos meus rapazes se este conflito se prolongar durante muito mais tempo.

Selia acenou afirmativamente.

— Será melhor manteres os rapazes por perto. Raddock colocou os Pescadores num rico alvoroço e acham que têm uma dívida de sangue. É possível que não sejam esquisitos quanto à sua origem. Entretanto, verei se consigo encontrar mãos livres pela aldeia para ajudar na cervejaria.

— Obrigada, Oradora — disse Beni.

Selia olhou os três com intensidade.

— Todos temos de cumprir o nosso papel quando os tempos nos apresentam dificuldades. — Voltou-se e conduziu-os à oficina do tear. Renna estava sentada numa cadeira, fitando a parede.

— Tem comido? — perguntou Ilain, com preocupação inegável na voz.

Selia acenou afirmativamente.

— Engole o que lhe puserem na boca e usa a latrina se a levarmos até lá. Chegou mesmo a manobrar o pedal do tear ontem à noite. Mas a vontade própria perdeu-se.

— Também era assim comigo — concordou Ilain. Beni olhou Renna e começou a chorar.

— Podes deixar-nos por um momento, Oradora? — perguntou Jeph.

— Claro que sim — respondeu Selia, saindo e fechando a porta atrás de si.



Jeph afastou-se, dando espaço a Ilain e Beni para se aproximarem da irmã. Falaram em voz baixa, mas Jeph era capaz de ouvir uma toupeira abrir um buraco nos seus campos a dez metros e ouviu cada palavra.

— Foi ela — disse Beni. — Não acreditava que pudesse magoar Cobie Pescador, mas morria de medo do que o pai lhe poderia fazer se ficassem sozinhos. Implorou-me que a trouxesse connosco... — Voltou a soluçar e Ilain imitou-a. Abraçaram-se até passar.

— Ó, Ren — disse Ilain. — Por que tiveste de o matar? Eu sempre o suportei em silêncio.

— Não suportaste nada em silêncio — replicou Beni. — Suportaste como eu suportei, escondendo-te atrás do primeiro homem que viste. E conseguimos safar-nos as duas porque deixámos ao pai a irmã seguinte.

Ilain voltou-se para ela, horrorizada.

— Não acreditei que te fizesse o mesmo — disse, estendendo a mão. — Achei que fosses demasiado nova.

Beni afastou-lhe a mão com uma palmada.

— Sabias — replicou. — Já tinha seios maiores do que a maioria das mulheres

e tinha idade para ser prometida. Sabias bem e partiste mesmo assim porque pensavas mais em ti do que nas tuas irmãs.

— E tu não fizeste o mesmo? — acusou Ilain. — Diz o roto ao nu!

Preparavam-se para chegar a vias de facto, mas Jeph avançou e separou-as pela gola dos vestidos.

— Isto não! — disse, segurando-as com os braços estendidos e fixando-as até baixarem o olhar. Quando as largou, tinham perdido a vontade de lutar. — Talvez esteja na altura de partilhar tudo isto com o conselho — disse, fazendo ambas olhá-lo fixamente. — De lhes explicar que tipo de homem era Harl — indicou Renna com o queixo. — Talvez não a culpem pelo que fez.

Ilain deixou-se cair na cadeira ao lado de Renna, digerindo a possibilidade, mas Beni continuou a olhá-lo com desagrado.

— Esperas que me erga diante de gente como Raddock Meirinho e a mãe de Lucik e diga que o meu pai gostava de tratar as filhas como se fossem suas esposas? — perguntou. — Esperas que partilhe essa história com o taberneiro e com uma mexeriqueira como Coline Trigg? Noite! Como poderia voltar a olhar o meu marido depois disso? Como poderia voltar a erguer a cabeça na aldeia? Como poderia qualquer um de nós? Pior do que o que aconteceu seria que todos o soubessem!

— Pior do que ver a tua irmã presa a um poste? — perguntou Jeph.

— Mesmo que não fosse — disse Beni. — Nada prova que fizesse o conselho mudar de ideias e podia prender três irmãs ao poste e não apenas uma.

Jeph olhou Ilain, que permanecia sentada em silêncio absoluto enquanto a imagem pintada por Beni lhe dançava diante dos olhos.

— Acho que será pior se todos souberem — disse, em voz baixa, começando a soluçar com a última palavra. Jeph correu para ela, pousando um joelho no chão enquanto chorava.

— É melhor manteres a boca fechada, Jeph Fardos — disse Beni.

Jeph olhou a mulher chorosa e acenou afirmativamente.

— Não me cabe decidir pelas duas. Ficarei calado.

Ilain olhou Renna e gemeu, com a face contorcendo-se ainda mais.

— Desculpa! — soluçou, correndo para fora.

— Sentes-te bem, querida? — perguntou Selia a Ilain quando esta cambaleou para fora da oficina do tear.

— Não aguento vê-la assim — murmurou Ilain.

Selia concordou com um aceno, mas não se deu por satisfeita.

— Senta-te — apontou uma cadeira na sala comum. — Vou preparar chá.

— Obrigada, Oradora — agradeceu Ilain. — Mas temos que...

— Senta-te — repetiu Selia. Daquela vez, era menos um convite e mais uma ordem. A mudança de tom fez Ilain obedecer de imediato. — Sentem-se todos — acrescentou Selia, quando Beni e Jeph se aproximaram. — O conselho da aldeia reúne amanhã — disse Selia enquanto servia o chá. — É provável que seja bem cedo. Se Renna não falar até lá, e não espero que o faça, Raddock vai exigir uma sentença sem ouvir a sua defesa e, com tantas provas contra ela e nada a favor, suponho que terá o que deseja. Tentarei adiar até que se sinta melhor, mas a decisão caberá ao conselho.

— Qual supões que será a sentença? — perguntou Jeph.

Selia expirou.

— Não posso dizer ao certo. Isto nunca aconteceu antes. Mas os Pescadores estão revoltados e será mais um motivo para Pantanosos e Vigias pregarem que os seus jovens devem manter-se longe da Praça Central e das suas tentações. O Protector e Meada não se voltarão contra ela, mas é impossível dizer o que farão os outros. Calculo que será enforcada na árvore mais próxima, Garric a puxar a corda.

Ilain não conteve um grito.

— Não é um crime menor, rapariga — disse Selia. — Temos dois homens mortos e um com parentes irados. Pretendo opor-me até perder o fôlego, mas lei é lei. Depois de o conselho votar, não haverá hipótese que não seja obedecer para que a paz seja mantida.

Olhou Beni e Ilain.

— Por isso, se houver alguma coisa... alguma coisa... que possam dizer-me e que me ajude a lutar por ela, gostaria que o dissessem agora.

As duas irmãs olharam Jeph, mas nenhuma disse uma palavra.

Selia expirou.

— Jeph, Mack Prados fala pelas quintas no conselho. Procura-o e vê se percebes como votarão. Certifica-te de que conhece os factos e não a patranha

que Raddock tem espalhado.

— A quinta de Mack fica distante — disse Jeph. — Levarei o resto do dia a chegar lá.

— Então abriga-te com ele e aproveita bem esse tempo — disse Selia, com o tom de comando voltando-lhe à voz. Indicou a porta.

— Agora, querido. Certificar-me-ei de que Ilain e Beni chegam seguras a casa.

Jeph lançou um olhar nervoso a Ilain e concordou com um aceno.

— Sim — respondeu, dirigindo-se para a porta.

Selia voltou-se novamente para as irmãs, mas manteve os olhos baixos.

— O vosso pai sempre me fez pensar — disse, escolhendo um biscoito de manteiga na caixa sobre a mesa. — Aprendi a observar com atenção um homem a quem os nuclitas levaram a esposa. Por vezes... quebram um pouco. Começam a agir de forma irracional. Pedi às pessoas que prestassem atenção a Harl, mas o vosso pai era um homem reservado e tudo pareceu bem nos primeiros anos. — Molhou o biscoito no chá, mantendo o olhar sobre as mãos. — Foi então, Ilain, que fugiste com Jeph, apesar de o corpo da sua mulher não ter sido ainda queimado. E voltei a pensar. De que fugirias? O Harl que conhecia teria recrutado homens para te arrastar de volta para casa, mesmo que esperneasses. Eu própria senti vontade de o fazer. — Comeu a maior parte do biscoito com dentadas rápidas e certeiras, limpando delicadamente a boca com um guardanapo. Ilain olhou-a, com a boca aberta. — Mas não o fez — continuou Selia, pousando o guardanapo e olhando Ilain. — Porquê? — Ilain encolheu-se perante a intensidade do olhar de Selia, mas baixou o olhar e abanou a cabeça.

— Não sei — respondeu.

Selia franziu a testa, escolhendo outro biscoito.

— E Renna teve tantos pretendentes decididos a cortejá-la. — Voltou a baixar os olhos. — É uma rapariga bonita, vigorosa como um cavalo, com duas irmãs mais velhas que geraram filhos saudáveis. Harl poderia ter feito um bom casamento depois de Arlen Fardos ter fugido. Teria outro homem para ajudar na quinta. Poderia mesmo ter casado com uma viúva. Mas não o fez. Afastou rapazes, uns atrás dos outros, às vezes com uma forquilha, até os melhores anos de parideira da vossa irmã passarem. E Cobie Pescador tornou-se o melhor a que poderia aspirar, com a quinta a precisar desesperadamente de braços fortes. Mesmo assim, recusou.

Selia olhou as duas.

— Gostaria de perceber o que faria um homem comportar-se desta forma e tenho as minhas suspeitas, mas que sei eu? Talvez visse o vosso pai duas vezes por ano. Viveram com ele todos os dias. Suponho que saberão melhor do que ninguém. Têm alguma coisa a acrescentar?

Ilain e Beni olharam-na e, a seguir, entreolharam-se. Acabaram por mirar as mãos.

— Não — murmuraram em conjunto.

— Ninguém vos viu derramar lágrimas pelo vosso pai — insistiu Selia. — Isso não é natural quando o pai de uma rapariga morre com uma faca nas costas. — Ilain e Beni nem sequer ergueram a cabeça.

Selia olhou-as por um momento e, a seguir, suspirou profundamente.

— Então vão! — disse-lhes, por fim. — Saiam da minha casa antes que as escorrace à vergastada! E que o Criador não permita que alguma vez precisem de alguém que vos defenda, fedelhas egoístas!

As duas irmãs correram para fora e Selia apoiou a cabeça nas mãos, sentindo, mais do que nunca, o peso da idade.

Selia mal acabara de se vestir na manhã seguinte quando viu Raddock Meirinho no seu pátio, acompanhado pelos pais de Cobie, Garric e Nomi, além de umas cem pessoas do Charco da Pesca, o que constituía na quase totalidade dos seus habitantes.

— As tuas palavras são assim tão frágeis, Raddock Meirinho, que precises de todos os vizinhos e parentes para lhes conferir solidez? –
perguntou, saindo para o alpendre.

Ouviu-se um murmúrio chocado entre a multidão e voltaram-se em uníssono para Raddock para perceber o que esperaria que fizessem. Raddock abriu a boca para responder, mas Selia antecipou-se.

— Não convocarei o conselho da aldeia perante uma multidão de arruaceiros! — gritou. A sua voz fez encolher até homens adultos. — Elegeram um Orador por algum motivo e, além dos que farão as acusações, terão de partir ou adiarei o conselho até que o façam, mesmo que seja preciso esperarem todo o Inverno à

minha porta!

Um súbito burburinho confuso agitou a multidão, abafando a resposta de Raddock. Após um momento, começaram a afastar-se, alguns dirigindo-se de volta ao Charco, mas a maioria descendo a estrada até à venda, esperando aí o veredicto. Não agradou a Selia, mas não podia fazer grande coisa depois de saírem da sua propriedade.

Raddock olhou-a com desagrado, mas Selia limitou-se a esboçar um sorriso, recrutando Nomi para ajudar a servir o chá no alpendre.

Coline Trigg chegou a seguir, tendo ouvido o alvoroço da sua casa, ao fundo da rua. As suas aprendizas, que eram também suas filhas, ocuparam-se imediatamente do chá enquanto os três conselheiros aguardaram os restantes.

Havia dez lugares no conselho. Cada localidade do Ribeiro de Tibbet votava anualmente, elegendo um dos seus para se sentar no conselho com o Protector e a Herbanária. Além disso, votavam em conjunto para eleger o Orador da Aldeia. Selia ocupara o lugar durante quase dez anos e, quando não o fizera, falara pela Praça Central.

Os lugares no conselho eram habitualmente atribuídos ao membro mais velho e sábio de cada comunidade e era raro que mudassem de ano para ano, a não ser que alguém morresse. Fernando Charneca representara a Colina da Charneca durante quase dez anos e era natural que fosse sucedido pela viúva.

Meada Charneca chegou, escoltada por uns cinquenta habitantes da Colina da Charneca, que dispersaram para a Praça. Subiu o caminho com Lucik, com o braço ao peito, e Beni, cobrindo esta os ombros com um xaile preto para assinalar a morte do pai. Com eles, veio o Protector Harral e dois dos seus acólitos.

— Exibires o filho ferido não te vai conquistar apoio — advertiu Raddock quando Meada recebeu uma chávena de chá e se sentou.

— Exibir — repetiu Meada, divertida. — Isto de um homem que foi de uma ponta à outra da aldeia, agitando um vestido ensanguentado como se fosse uma bandeira.

Raddock franziu o sobrolho, mas a sua resposta foi interrompida quando Brine Lenhador, também conhecido como Brine Ombros Largos, subiu o caminho.

— Olá, amigos! — trovejou Brine, ao curvar-se para evitar bater com a cabeça no telhado do alpendre. Abraçou calorosamente as mulheres e apertou as mãos

dos homens até provocar dor.

Um sobrevivente do Massacre do Casal, Brine passara semanas num estado de apatia semelhante ao de Renna e, mesmo assim, conseguira erguer-se até à posição de Orador do Casal da Floresta. Viúvo durante quinze anos, Brine nunca voltou a casar-se, por mais que insistissem, dizendo que não seria justo para a mulher e para os filhos. As pessoas diziam que a lealdade estava enraizada nele como as árvores que cortava estavam enraizadas no chão.

Uma hora mais tarde, Coran Pantanoso subiu lentamente o caminho, apoiando-se pesadamente sobre a bengala. Com oitenta anos, era um dos habitantes mais idosos do Ribeiro e recebeu todas as cortesias enquanto o filho, Keven, e o neto, Fil, o ajudavam a subir as escadas. Todos vinham descalços, como os Pantanosos costumavam fazer. Mesmo desdentado e trémulo, o olhar escuro de Coran continuava intenso ao saudar os restantes oradores com acenos de cabeça.

Mack Pasto chegou a seguir, à frente de um grupo bastante numeroso de lavradores, onde se incluía Jeph Fardos. Jeph curvou-se para Selia quando chegaram ao alpendre.

— Nada move Mack contra Renna — sussurrou. — E prometeu-me que tomará uma decisão justa, sem dar ouvidos aos gritos dos Pescadores. — Selia acenou afirmativamente e Jeph foi colocar-se ao lado de Ilain, Beni e Lucik, do lado oposto do alpendre ao que era ocupado por Garric e Nomi Pescador.

À medida que a manhã avançava, um burburinho generalizado foi crescendo no ar e tornou-se claro que não era apenas o Charco da Pesca a apresentar-se em força. Centenas de pessoas percorriam as ruas, tentando parecer discretos mas lançando olhares ao alpendre de Selia a caminho do alfaiate, do sapateiro ou de qualquer uma das outras lojas da praça.

Os últimos a chegar foram os Vigias. A Vigia-Sul era a localidade mais distante, praticamente uma aldeia separada, com quase trezentos habitantes e Herbanária e templo próprios.

Chegaram em procissão ordenada, reconhecíveis pelo vestuário sombrio. Todos os homens da vigia ostentavam barbas densas e usavam calças pretas com suspensórios pretos sobre uma camisa branca. Um casaco preto pesado, chapéu e botas da mesma cor completavam o guarda-roupa, mesmo no calor intenso do Verão. As mulheres usavam vestidos pretos do calcanhar ao pescoço e ao pulso, com aventais e toucados brancos, luvas e sombrinha branca quando não

trabalhavam. Baixavam as cabeças e todas traçavam guardas no ar, uma e outra vez, para se protegerem do pecado.

À sua frente, vinha Jeorje Vigia, Orador e Protector em simultâneo. Era o homem mais velho do Ribeiro de Tibbet por duas décadas. Havia crianças correndo pelo Ribeiro que não tinham ainda nascido quando celebrou o seu centésimo aniversário. Mesmo assim, mantinha as costas direitas ao liderar o cortejo, com passo determinado e olhar duro. Contrastava com Coran Pantanoso, um quarto de século mais jovem e destroçado pelo passar do tempo.

Com a sua idade e a votação sólida na localidade mais populosa, Jeorje deveria ser Orador da Aldeia, mas nunca conseguia um único voto fora da Vigia-Sul e nunca conseguiria, nem mesmo do Protector Harral. Jeorje Vigia era demasiado rigoroso.

Selia ergueu-se tanto quanto conseguia, o que era muito, e foi cumprimentá-lo.

— Oradora — disse Jeorje, contendo o desprezo por ter de reconhecer tal título a uma mulher e, para mais, a uma mulher que nunca casara.

— Protector — disse Selia, recusando ser intimidada. Trocaram vénias respeitosas.

As esposas de Jeorje, algumas velhas e orgulhosas como ele, outras mais jovens, incluindo uma de esperanças, moveram-se em redor sem palavras e entraram na casa. Selia soube que se dirigiam para a cozinha. As Vigias ocupavam-se sempre da cozinha, para garantir que as suas necessidades alimentares especiais eram satisfeitas. Mantinham uma dieta rigorosa de alimentos simples, sem tempero ou açúcar.

Selia fez sinal a Jeph.

— Vai chamar Rusco à venda — disse-lhe. Jeph partiu a correr.

Selia era sempre eleita Oradora da Praça Central, mas, nos anos em que também era Oradora da Aldeia, nomeava Rusco Leitão para falar pela Praça, para que houvesse uma voz independente, como era exigido pela lei local. Agradava a pouca gente, mas Selia sabia que a venda era o coração da Praça e, se uma prosperava, era frequente que o mesmo sucedesse com a outra.



— Entrem e almocemos — disse Selia, depois de terem tempo para se

descontrair um pouco. — Resolveremos os assuntos da aldeia tomando café. E ocupar-nos-emos do assunto mais premente quando as chávenas forem levadas.

— Se não fizer diferença, Oradora — disse Raddock Meirinho –, preferia dispensar a refeição e o resto até à próxima reunião do conselho e passar directamente ao assunto do meu parente morto.

— Faz diferença, Raddock Pescador — disse Jeorje Vigia, batendo com a bengala negra polida. — Não podemos esquecer os nossos costumes e cortesia porque alguém morreu. Vivemos a era da Praga, quando a morte vem com frequência. O Criador ocupa-se de punir aqueles que pecam. A rapariga Curtidor terá o seu julgamento quando resolvermos todos os assuntos do Ribeiro.

Falou com a autoridade de alguém que nunca era questionado, apesar de Selia ser a Oradora. Aceitou a indelicadeza, comum em Jeorje, porque lhe fora favorável. Quanto mais adiantada fosse a hora, menos provável seria que a sentença de Renna, se fosse a morte, se executasse naquela noite.

— Todos precisamos de comer — disse o Protector Harral, apesar de, muitas vezes, discordar de Jeorje. — Como diz o Cânone: «Não se espere justiça de um homem com o estômago vazio.»

Raddock olhou os restantes Oradores, procurando apoio, mas, além de Leitão, que era sempre o último a chegar e o primeiro a partir, todos estavam determinados em manter o formato tradicional das reuniões do conselho. Franziu o sobrolho, mas não protestou. Garric começou a abrir a boca, mas Raddock silenciou-o, abanando a cabeça.

Jantaram e discutiram os assuntos de cada localidade por ordem enquanto bebiam café e degustavam bolos.

— Suponho que esteja na altura de ver a rapariga — disse Jeorje, depois de os assuntos da sua localidade, sempre os últimos a serem tratados, terem sido discutidos. Cabia ao Orador decretar o encerramento das discussões, mas, novamente, sobrepunha-se à autoridade de Selia, batendo com a bengala como se fosse o martelo do Orador. Selia enviou as testemunhas para o alpendre e levou os nove membros do conselho para ver Renna.

— A rapariga não finge? — perguntou Jeorje.

— Podes pedir à tua Herbanária que a examine, se preferires — disse Selia e Jeorje concordou com um aceno, chamando a sua esposa Trena, Herbanária da Vigia-Sul, que andava perto dos noventa. Veio da cozinha e aproximou-se da

rapariga.

— Saiam os homens — ordenou Jeorje. E todos regressaram aos seus lugares à mesa. Selia sentava-se à cabeceira e Jeorje, como sempre, no extremo oposto.

Trena regressou algum tempo depois e olhou Jeorje, que lhe gesticulou a sua permissão para falar.

— Independentemente do que tiver feito, o choque da rapariga é real — disse. Jeorje voltou a acenar, fazendo-a sair.

— Viram o estado em que se encontra — disse Selia, pegando no martelo antes que Jeorje tentasse controlar o protocolo. Proponho que qualquer decisão seja adiada até voltar a si e poder falar em sua defesa.

— O Núcleo! — gritou Raddock. Começou a erguer-se, mas Jeorje bateu com a bengala na mesa, fazendo-o controlar-se.

— Não vim de tão longe para olhar uma rapariga adormecida e partir, Selia — disse. — Será melhor que ouçamos as testemunhas e os acusadores, como manda o costume. — Selia franziu a testa, mas ninguém se atreveu a discordar. Oradora ou não, se contrariasse Jeorje, fá-lo-ia sozinha. Chamou Garric para fazer a sua acusação e as testemunhas, uma a uma, para serem questionadas pelo conselho.

— Não finjo saber o que aconteceu naquela noite — disse Selia, para encerrar a sua argumentação. — Não há testemunhas além da própria rapariga e deverá poder falar em sua defesa antes de decretarmos uma sentença.

— Não há testemunhas?! — gritou Raddock. — Acabámos de ouvir Stam Alfaiate, que a viu dirigir-se para o local dos homicídios pouco antes.

— Stam Alfaiate estava bêbado como um cacho nessa noite, Raddock — disse Selia, olhando Rusco, que acenou em concordância.

— Caiu-me no chão e pu-lo na rua. Fechei mais cedo logo a seguir — disse Rusco.

— Culpe-se quem lhe pôs a bebida na mão — disse Jeorje. Rusco franziu o sobrolho, mas foi suficientemente sensato para morder a língua.

— Ou viu a rapariga ou não, Selia — disse Coran Pantanoso. Os outros concordaram.

— Viu-a por perto, sim — disse Selia. — Mas não viu para onde foi nem o que fez.

— Sugeres que não estará envolvida? — perguntou Jeorje, incrédulo.

— Claro que está envolvida — ripostou Selia. — Qualquer tolo o verá. Mas

nenhum de nós poderá jurar pelo Sol os contornos do seu envolvimento. Talvez os homens tenham lutado, matando-se um ao outro. Talvez tenha matado em legítima defesa. Tanto Coline como Trena asseguram que foi espancada com severidade.

— Não há justificação possível, Selia — disse Raddock. — Dois homens não podem matar-se um ao outro com a mesma faca. Fará diferença saber qual dos homens matou, se não foram ambos?

Jeorje acenou afirmativamente.

— E não esqueçamos que terá sido por culpa de fêmea que os dois homens se enfureceram. A promiscuidade da rapariga conduziu-os por este caminho e deverá ser responsabilizada.

— Dois homens lutam pela propriedade de uma rapariga e culpamos a rapariga? — disse Meada. — Disparate!

— Não é disparate, Meada Charneca. Estás demasiado envolvida para conseguir ver o assunto com clareza, já que a acusada é do teu sangue — disse Raddock.

— Isso é a noite a queixar-se da escuridão — tornou Meada.

— Posso dizer o mesmo de ti.

Selia bateu com o martelo.

— Se a opinião de todos os que tivessem parentes envolvidos num problema tivessem de ser repudiadas, Raddock Pescador, não restaria ninguém para a discussão. Todos têm direito a falar. É a nossa lei.

— Lei — repetiu Raddock. — Tenho lido a lei — mostrou um livro encadernado com couro gasto. — Sobretudo a lei acerca dos assassinos. — Abriu numa página marcada e começou a ler. — «Se o acto pérfido for cometido dentro das fronteiras do Ribeiro de Tibbet ou nas suas imediações, erguer-se-á um poste na Praça Central e os responsáveis serão acorrentados a ele à vista de todos, para um dia de arrependimento e para uma noite, sem guarda nem abrigo, em que todos possam presenciar a ira do Criador para com aqueles que violam este pacto.»

— Não podes falar a sério! — gritou Selia.

— Isso é bárbaro! — concordou Meada.

— É a lei — troçou Raddock.

— Ouve, Raddock — disse o Protector Harral. — Essa lei terá uns trezentos

anos.

— O Cânone é ainda mais velho, Protector — disse Jeorje. — Retirar-lhe-ás importância a seguir? Não se espera que a justiça seja meiga.

— Não estamos aqui para rescrever a lei — disse Raddock. — Lei é lei. Não foi o que disseste, Selia?

Selia acenou afirmativamente, sem esconder a sua discórdia.

— Estamos aqui para discutir apenas se é culpada — disse Raddock, colocando a faca ensanguentada de Harl sobre a mesa. — E digo que a culpa é clara como o dia.

— Pode ter pegado nisso depois, Raddock. E sabe-lo bem — disse o Protector Harral. — Cobie desejava a mão de Renna e Harl ameaçou duas vezes cortar-lhe os tomates se tentasse obtê-la.

Raddock riu-se.

— Poderás convencer alguém de que dois homens conseguiriam matar-se com a mesma faca, mas não foram apenas mortos. Foram mutilados. O meu sobrinho-neto não cortou Harl quase em pedaços depois de perder a sua virilidade e de lhe ter sido cravada uma faca no coração.

— O homem tem alguma razão — considerou Leitão.

Raddock grunhiu.

— Votemos e resolvamos o assunto.

— Apoiado — disse Leitão. — A Praça Central nunca viu multidões como esta e preciso de voltar à venda.

— A vida de uma rapariga está em jogo e só consegues pensar nos créditos que ganharás com as pessoas que vieram presenciar? — perguntou Selia.

— Dispenso os teus sermões, Selia — disse Leitão. — Fui eu que tive de limpar o sangue do quarto.

— Quem concorda com a votação? — perguntou Jeorje.

— Sou eu a Oradora, Jeorje Vigia! — recordou Selia, apontando-lhe o martelo. Mas já se tinham erguido mãos em votação, fazendo-a calar-se. Jeorje aceitou a censura com um ligeiro aceno. — Muito bem — continuou Selia. — Digo que esta rapariga está inocente até conseguirmos provar o contrário. E não há provas de nada. — Olhou para a direita, procurando o Protector Harral para prosseguir com a votação.

— Estás errada, Selia — disse Harral. — Há prova de uma coisa: do amor entre

jovens. Falei com Cobie e olhei Renna nos olhos. Ambos adultos e querendo acordar o próprio casamento, como era seu direito. Harl não podia ter recusado e defenderei à luz do Sol a minha crença de que o derrame de sangue começou e terminou com ele. Inocente.

Brine Lenhador falou a seguir. A voz do gigante soava invulgarmente delicada.

— Parece-me que o que a rapariga tiver feito terá sido em legítima defesa. Sei como é ver coisas tão horríveis que fazem a mente procurar abrigo. Aconteceu-me o mesmo depois de os nuclitas levarem a minha família. Selia acompanhou-me durante esse tempo e digo que a rapariga merece o mesmo. Inocente.

— Não é inocente — disse Coran Pantanoso. — Toda a aldeia sabe que Renna Curtidor é uma pecadora, oferecendo-se a Cobie Pescador em actos de fornicação. Era capaz de deixar qualquer homem louco com luxúria! Depois de se comportar como um nuclita, devemos colocá-la entre eles sem coração pesado. Os demónios do pântano nuclearam gente melhor do que ela e o Sol continua a nascer a cada manhã. Culpada.

Seguiu-se Jeorje Vigia.

— As filhas de Harl sempre lhe deram problemas. Foi apenas a graça do Criador a garantir que esta cena não tivesse ocorrido há quase quinze anos com a sua irmã. Culpada.

Raddock Meirinho concordou com um gesto.

— Todos sabemos que é culpada. — Voltou-se para Rusco.

— Atar uma rapariga e oferecê-la aos nuclitas é uma selvajaria, sem olhar ao que terá feito — considerou Leitão. — Mas se é assim que fazem as coisas por aqui... — Encolheu os ombros. — Não se pode permitir que pessoas se matem umas às outras. Acho que se deverá acabar com ela e encerrar o assunto. Culpada.

— Espera que te deixe falar pela Praça no próximo ano — murmurou Selia.

— Perdão, Oradora, mas sou eu quem fala pela Praça — disse Leitão. — As pessoas precisam de se sentir em segurança quando vêm fazer compras. Ninguém se sentirá seguro com uma assassina à solta.

— Harl era um velho corvo miserável que não se importava com ninguém além dele próprio — disse Meada Charneca. — Eu própria tentei propor um casamento para Renna certa vez, mas Harl nem queria ouvir falar no assunto. Não duvido de que matou o jovem Cobie e Renna terá feito o que era necessário

para impedir que a matasse também a ela. Inocente.

— Então por que foi Cobie apunhalado nos tomates? — perguntou Coline. — Acho que a terá violado e veio à aldeia para se vingar. Apunhalou-o entre as pernas e lutaram até conseguir terminar o que começara. Harl deve tê-la seguido e apanhou-o pelas costas. A rapariga tem sangue nas mãos, Selia. Poderia ter procurado um de nós ou pedido ajuda, mas escolheu resolver os seus problemas com uma faca. Digo que é culpada.

Todos os olhos se voltaram para Mack Pasto. Com quatro votos pela inocência e cinco pela culpa, cabia-lhe a si empatar
a decisão ou decretar a sua culpa. Permaneceu sentado em silêncio durante muito tempo, franzindo a testa enquanto apoiava a cara nos dedos erguidos.

— Todos dizem «inocente» ou «culpada» — disse Mack, por fim.
— Mas a lei não diz isso. Ouvimo-la. Fala em «responsáveis». Conhecia Harl Curtidor. Conhecia-o há muitos anos e nunca gostei do filho de um nuclita. — Cuspiu no chão. — Mas isso não significa que merecesse uma faca nas costas. Pela minha forma de ver as coisas, a rapariga não deu ouvidos ao pai e dois homens morreram por isso. Quer tenha empunhado a faca ou não, é tão certo como o Sol nascer que será «responsável» pelo que aconteceu.

O choque travou a mão de Selia e o martelo permaneceu na mesa, apesar de a votação ter chegado ao fim. Jeorje bateu com a bengala no chão.

— Culpada. Seis contra quatro.

— Então vê-la-ei nucleada esta noite — rosnou Raddock.

— Não farás tal coisa — disse Selia, conseguindo voltar a falar. — A lei diz que terá um dia inteiro para reflectir e o dia de hoje quase chegou ao fim.

Jeorje bateu com a bengala.

— Selia está correcta. Renna Curtidor será presa ao poste na Praça Central amanhã de manhã, para que todos a vejam e testemunhem até a justiça do Criador ser cumprida.

— Esperas que as pessoas assistam?! — Leitão estava chocado.

— Não aprenderão as suas lições se faltarem à escola — disse Jeorje.

— Não vou ficar ali enquanto alguém é despedaçado! — gritou Coline. Outros, até mesmo Coran Pantanoso, expressaram os seus protestos.

— Vão, sim — afirmou Selia. Olhou em redor, com olhar duro como pedra. — Se vamos... assassinar esta rapariga, todos teremos de assistir e recordar o que

fizemos. Homens, mulheres e crianças — rosnou. — Lei é lei.

Vinte e Dois

As Estradas por Percorrer

333 DR Verão

UM DIA INTEIRO DE VIAGEM separava Forte Angiers da ponte sobre o Rio Divisor, que opunha as terras do duque Rhinebeck aos domínios do duque Euchor. O Homem Pintado partira demasiado tarde para chegar antes do anoitecer.

Seria melhor assim. A sua despedida de Leesha deixara-o com disposição sombria e acolhia a oportunidade de mostrar o Sol a alguns nuclitas. Jardir ensinara-lhe a técnica krasiana do acolhimento da dor e funcionava suficientemente bem, mas havia poucos bálsamos tão doces como estrangular um demónio com as mãos nuas.

O Outeiro ficaria em boas mãos com Leesha, pelo menos até ao avanço dos krasianos. Era uma líder natural e brilhante, respeitada por todas e governada por um coração puro e pelo bom senso. Se não era ainda melhor Guardadora do que ele próprio, não tardaria a sê-lo.

«E é bela», pensou. «Não posso negá-lo.» O Homem Pintado viajara muito e nunca vira quem se lhe comparasse. Talvez tivesse podido amá-la, outrora, antes de Jardir o abandonar como morto na areia. Antes de ser forçado a tatuar a pele para sobreviver.

Agora, era menos que humano e não restava lugar para o amor na sua vida.

A noite caiu, mas os seus olhos guardados viam com clareza na escuridão. Tocou os arreios de Dançarino do Ocaso

e as guardas que os cobriam reluziram mansamente, conferindo visão nocturna também ao garanhão gigante. Lançou-se a galope à medida que os nuclitas se erguiam, mas havia arvoredo denso de ambos os lados da estrada e os demónios da madeira conseguiram acompanhá-lo, saltando de ramo em ramo ou correndo imediatamente além da linha de árvores. A sua armadura semelhante a casca de árvore tornava-os quase invisíveis, mas o Homem Pintado conseguia ver a aura da sua magia cintilando e não se deixou confundir. Acima, demónios do vento guinchavam, seguindo o seu percurso e tentando imitar-lhe a velocidade para conseguir um mergulho.

O Homem Pintado largou as rédeas, guiando o gigantesco garanhão apenas com os joelhos enquanto erguia o seu enorme arco. Um guincho do alto advertiu-o e voltou-se, trespassando com uma flecha guardada a cabeça de um demónio do vento que mergulhava, provocando uma explosão de magia.

O clarão luminoso pareceu atrair todos os demónios da madeira em uníssono. Explodiam das árvores em redor, guinchando o seu ódio e atacando com dentes e garras.

O Homem Pintado disparou repetidamente, abrindo com as flechas guardadas buracos enegrecidos nos nuclitas de ambos os lados. Dançarino do Ocaso dispersava os que se apresentavam pela frente, com cascos guardados faiscando como foguetes festivos enquanto pisavam o inimigo.

Os demónios perseguiram-nos, acompanhando as passadas do cavalo galopante. O Homem Pintado voltou a guardar o arco na bolsa e ergueu uma lança, movendo-a rapidamente enquanto trespassava nuclitas vindos de todas as direcções. Um destes aproximou-se, mas foi pontapeado na face e a guarda de impacto no calcanhar projectou-o com um clarão.

Ao amanhecer, Dançarino do Ocaso continuou a correr.

Carregados pela matança da noite, permaneceram frescos e alerta quando as Ponteflúvias se tornaram visíveis com a primeira luz, mesmo que nem homem nem besta tivessem repousado durante toda a noite.

Quinze anos haviam passado desde a destruição de Ponteflúvia. Fora uma aldeia milnesa, então, mas Rhinebeck quisera uma parcela das receitas das

portagens da ponte e tentara reconstruí-la na margem sul do Rio Divisor.

O Homem Pintado recordou a audiência em que Ragen contara ao duque Euchor o plano de Rhinebeck. O duque enfurecera-se e parecera disposto a incendiar Forte Angiers antes de permitir que Rhinebeck taxasse a sua ponte.

E assim se ergueram duas aldeias mercantis, uma em cada margem do rio e ambas chamando-se Ponteflúvia, não existindo grande afeição entre as duas. Havia guarnições de guardas reais e os viajantes a cavalo eram taxados nas duas margens. Quem se recusasse a pagar podia contratar uma jangada para ser transportado juntamente com a mercadoria, o que, frequentemente, seria mais caro do que pagar o imposto. Ou podia nadar.

As Ponteflúvias eram as únicas aldeias amuralhadas em Thesa. Do lado milnês, as muralhas eram de pedra e argamassa. Do lado angierano, eram constituídas por grandes troncos cobertos de alcatrão, unidos com firmeza. Ambas se estendiam até à margem e era frequente que os guardas, que patrulhavam o topo das muralhas, gritassem insultos aos seus congéneres do lado oposto do rio.

Os guardas do lado angierano tinham acabado de abrir o portão para saudar a manhã quando o Homem Pintado entrou. Tinha as mãos cobertas com luvas e o capuz escondia-lhe a cara. Poderá ter parecido estranho aos guardas, mas não fez qualquer esforço para se justificar, erguendo o selo de Rhinebeck sem abrandar. Os Mensageiros Reais podiam passar livremente nas duas margens do rio. A sua falta de delicadeza fez os guardas resmungarem, mas não tentaram detê-lo.

A neblina pairava no ar da manhã e a maior parte da gente das aldeias ainda aquecia as papas de aveia quando o Homem Pintado as atravessou, praticamente sem ser notado. Era mais fácil assim. A sua pele pintada costumava fazer com que metade da população fugisse dele como de um nuclita, levando a outra metade a ajoelhar-se diante dele, chamando-lhe Libertador. Sinceramente, não sabia qual dos tratamentos lhe agradava menos.

A partir de Ponteflúvia, a estrada para Miln era uma recta para Norte. O tempo médio de viagem para um Mensageiro seria de duas semanas. A média do seu mentor, Ragen, era melhor: onze dias. Montado sobre Dançarino do Ocaso e sem recear a escuridão, o Homem Pintado conseguiu fazer a viagem em seis, deixando atrás de si um rasto de cinzas de demónio. Passou Horto Rijo, a aldeia a um dia de distância para sul de Miln, a pleno galope pela noite. Faltavam horas para o amanhecer quando Forte Miln se tornou visível.

Sendo tanto o seu lar como o Ribeiro de Tibbet, de muitas formas, o Homem Pintado sentiu-se dominado pelas emoções que sentiu novamente ao ver a cidade montanhosa a que tantas vezes jurara nunca regressar. Demasiado distraído para combater, preparou um círculo portátil e acampou enquanto esperava a madrugada, tentando recordar o que sabia acerca do duque Euchor.

Apenas vira Euchor uma vez, quando era rapaz, mas trabalhara na sua biblioteca e conhecia a disposição do duque. Euchor acumulava saber como outro homem acumularia alimento ou ouro. Se lhe desse as guardas de combate, o duque não as partilharia abertamente com o seu povo. Tentaria aumentar o seu poder mantendo-as em segredo.

O Homem Pintado não podia permiti-lo. Precisava de distribuir rapidamente as guardas entre todos os Guardadores da cidade. Havia uma rede de Guardadores em Miln, uma rede que ajudara a construir. Se entregasse as guardas a Cob, o seu antigo mestre, estariam por toda a parte antes que Euchor tivesse tempo de suprimir a sua divulgação.

Pensar em Cob invocou uma torrente de memórias há muito reprimidas. Oito anos se passaram desde a última vez que falara com o seu mestre ou com qualquer outra pessoa em Miln. Escrevera cartas, mas nunca encontrou forças para as enviar. Ragen e Elissa estariam bem? Marya, a sua filha, teria oito anos. E quanto a Cob e ao seu amigo Jaik? E quanto a Mery?

Mery. Fora ela a impedi-lo de regressar nos primeiros anos. Conseguiria voltar a olhar Jaik, Ragen e Cob. Elissa tê-lo-ia censurado por partir sem se despedir, mas sabia que, depois disso, o perdoaria. Era Mery que não queria ver. Mery, a única rapariga que se permitira amar.

«Ainda pensará em mim?», ponderou. «Terá esperado, acreditando que poderia voltar?» Colocara-se aquelas questões mil vezes ao longo dos anos, mas rejeitara-o uma vez e nunca se atrevera a buscar respostas.

E agora... olhou as tatuagens que lhe cobriam a pele. Agora, não podia enfrentar nenhum deles. Não conseguia suportar que vissem a aberração em que se transformara. Teria de confiar em Cob, por não ter outra escolha, mas seria melhor para todos os outros que pensassem ter desaparecido para sempre ou mesmo morrido. Pensou nas cartas na sua bolsa. Diziam o suficiente. Certificar-se-ia de que seriam distribuídas e a todos diria que o remetente tivera uma morte santa.

Sentiu-se dominado por um grande cansaço e deitou-se. O sono veio e viu a face de Mery pelos olhos da mente. Viu a noite que passaram acordados.

Mas os seus sonhos mudaram esse passado. Daquela vez, não permitiu que Mery o deixasse. Abdicou das suas aspirações de se tornar Mensageiro, ficando para gerir o negócio de guardas de Cob e, ao invés de se sentir aprisionado, sentiu-se mais livre do que quando percorria a noite.

Viu a beleza de Mery no seu vestido de casamento, viu o volume gracioso do seu ventre que crescia, viu-a rir, rodeada por crianças felizes e saudáveis. Viu os clientes sorridentes cujas casas tornava seguras e viu o orgulho nos olhos de Elissa. Um orgulho de mãe.

Os seus membros estremeceram sobre a terra, tentando em vão arrancar-lhe a mente à visão. Mas o sonho continuou a dominá-lo e não havia escapatória.

Viu novamente a noite que passaram acordados, daquela vez como acontecera realmente, com a sua cavalgada sem outra palavra depois de terem discutido. Mas, enquanto partia, os olhos da mente seguiram Mery, observando-a durante longos anos passados a caminhar sobre as muralhas de Miln, esperando o seu regresso. Toda a alegria e a cor desaparecidas da sua face e, a princípio, a tristeza serviu apenas para a tornar mais bela. Mas, com o passar das estações, a face bela tornou-se magra e oca, com rugas de mágoa em torno da boca e sombras escuras sob olhos sem vida. Passou os melhores anos da sua vida à espera sobre a muralha, rezando, chorando.

Viu a noite que passaram em claro uma terceira vez e, com aquela última visão, o sonho transformou-se num pesadelo pleno. Partia, mas sem mágoa nem grande dor. Mery cuspiu sobre o solo junto aos portões da cidade e voltou-lhe as costas, não demorando a encontrar outro e esquecendo a sua existência. Ragen e Elissa, tão enlevados pela sua filha, nem sequer notaram que partira. O novo aprendiz de Cob mostrou-se mais grato, desejando realmente portar-se como um filho e herdar a loja. O Homem Pintado acordou sobressaltado, mas a imagem permaneceu e envergonhou-se do seu horror, pois sabia que era egoísta.

«A última visão seria melhor para todos», pensou.



Após uma dúzia de anos sob efeito dos elementos, o ponto onde Um Braço

violara a rede de guardas de Miln mantinha uma cor diferente do resto da muralha, notou o Homem Pintado depois de levantar acampamento com a manhã, retirando e arrumando os arreios guardados de Dançarino do Ocaso.

Os três sonhos continuavam a assombrar-lhe os pensamentos. Qual dos três encontraria no interior da cidade? Deveria tentar descobrir, para se tranquilizar, se não houvesse outro motivo?

«Não o faças», recomendou a voz na sua cabeça. «Vieste para ver Cob. Vê-o. Não estás aqui pelos outros. Poupa-os à dor. Poupa-te a ti.» A voz acompanhava-o sempre, recomendando cautela. Pensava nela como a voz do seu pai, apesar de não ver Jeph Fardos há quase quinze anos.

Estava habituado a ignorá-la.

«Apenas um olhar», pensou. «Nem sequer me verá. Não me reconheceria, mesmo que visse. Apenas um olhar, para me acompanhar durante a noite.»

Cavalgou tão lentamente quanto conseguia suportar, mas, mesmo assim, os portões abriam-se no momento em que chegou. Os guardas da cidade saíram em primeiro lugar, escoltando grupos de Guardadores e aprendizes até secções claramente demarcadas de terreno, onde se curvaram e começaram a recolher pedaços de vidro guardado, conferindo rapidamente que tinham sido carregados pelo toque de um nuclita. Fora o próprio Homem Pintado que trouxera as guardas de vidro a Miln, mas até ele se chocava perante aquela eficácia na produção, por melhor que fosse a do Outeiro, ainda que menos prática. Os Guardadores milneses pareciam fabricar sobretudo objectos de luxo: bengalas, estátuas, janelas e joalharia. Quando o sangue do isco era lavado dos objectos, todos ficariam cristalinos como diamante polido e infinitamente mais duros.

Os guardas ergueram o olhar quando se aproximou. No ar húmido e frio da manhã, não parecia tão estranho que mantivesse o capuz erguido, mas, vendo as armas pendendo dos arreios de Dançarino do Ocaso, ergueram as lanças até o Homem Pintado lhes mostrar a bolsa com o selo de Rhinebeck.

— Vens cedo, Mensageiro — disse um dos guardas, e todos descontraíram.

— Apressei-me e tentei chegar sem parar no Horto Rijo — replicou o Homem Pintado, não lhe custando mentir. — Achei que tinha conseguido, mas ouvi o último toque do sino ao longe e soube que não chegaria aos portões antes do anoitecer. Montei os círculos a quilómetro e meio e passei aí a noite.

— Sorte maldita — disse o guarda. — Ser apanhado ao relento pela noite fria,

a quilómetro e meio de muralhas guardadas e doce abrigo.

O Homem Pintado, que não sentia calor ou frio há anos, acenou afirmativamente e forçou-se a estremecer, baixando mais o capuz como se pretendesse resguardar-se do frio.

— Anseio por uma casa morna e por café quente. Não me queixaria mesmo que fosse o contrário.

O guarda acenou afirmativamente e parecia prestes a fazê-lo entrar com um gesto quando ergueu o olhar de repente. O Homem Pintado ficou tenso, pensando se lhe pediria para baixar o capuz.

— As coisas no Sul estão tão más como dizem? — perguntou.

— Rizon perdida? Maltrapilhos refugiados por toda a parte e este novo Libertador sem fazer nada?

Os rumores tinham chegado mesmo tão a Norte.

— São notícias para o duque, antes de poder partilhá-las com mais alguém — respondeu o Homem Pintado. — Mas sim. As coisas estão mal no Sul.

O guarda grunhiu e acenou-lhe que entrasse na cidade.

O Homem Pintado encontrou uma estalagem e levou Dançarino do Ocaso para o estábulo. Havia um rapaz no interior, limpando as divisórias. Não poderia ter mais de doze anos e estava imundo.

«Criadagem», pensou o Homem Pintado, o que explicava por que trabalhava tão cedo. Era provável que o rapaz dormisse nos estábulos e se considerasse feliz por isso. Levou a mão à bolsa e retirou uma pesada moeda de ouro, colocando-a na mão do rapaz.

Os seus olhos arregalaram-se ao olhar a moeda. Era provável que fosse mais dinheiro do que alguma vez tivera, bastando para comprar roupas novas, alimento e abrigo para um mês.

— Certifica-te de que o meu cavalo é bem tratado e haverá outra moeda quando o vier buscar — disse-lhe o Homem Pintado. Era extravagante e podia atrair atenções, mas o dinheiro deixara de ter para ele qualquer significado e sabia que pouco separava os criados de Miln da condição de mendigos. Deixou o rapaz e entrou na estalagem.

— Preciso de um quarto para as próximas noites — disse ao estalajadeiro, fingindo que os alforges e equipamento eram um peso tremendo, apesar de lhe parecerem leves como penas.

— Cinco luas por noite — disse o estalajadeiro. Era jovem, parecendo demasiado novo para gerir um negócio. Curvou-se de forma pouco discreta, tentando espreitar-lhe por baixo do capuz.

— Um demónio da chama cuspiu-me na cara — disse o Homem Pintado, repelindo o homem com irritação real na voz. — Não é bonito de se ver.

— Com certeza, Mensageiro — disse o estalajadeiro, com uma vénia. — Peço desculpa. Não devia ter olhado.

— Não faz mal — grunhiu o Homem Pintado, levando o equipamento pelas escadas acima e guardando-o no quarto antes de sair para a cidade.



As ruas de Miln eram claras e familiares, com o fedor das fogueiras de estrume e do carvão das forjas parecendo quase acolhedor. Era tal como recordava e, no entanto, parecia-lhe tudo diferente.

Era ele quem estava diferente.

Recordava sem qualquer problema o caminho para a oficina de Cob, mas o Homem Pintado sentiu-se chocado pelo que encontrou. Grandes extensões tinham sido construídas de cada lado. A pequena casa por trás da oficina, onde vivera com Cob, tinha sido demolida e substituída por um armazém muitas vezes maior. Cob era próspero quando Arlen partiu, mas nada que se comparasse àquilo. Preparando-se, caminhou para a entrada principal.

Campainhas tilintaram quando a porta se abriu e o som, como uma parte da sua alma que lhe faltasse, arrepiou-o. A oficina estava maior, mas continuava repleta de visões e cheiros familiares. Ali estava a bancada sobre a qual se debruçara durante horas infindáveis. O pequeno carro de mão que empurrara por toda a cidade. Caminhou até ao parapeito de uma janela, com reverência, passou os dedos enluvados sobre guardas que gravara na pedra. Sentiu-se quase capaz de pegar numa ferramenta e retomar o trabalho, como se os oito anos anteriores nunca tivessem acontecido.

— Posso ajudar-te? — perguntou uma voz, fazendo estacar o Homem Pintado e

gelando-lhe o sangue. Perdera-se noutro tempo e não ouvira ninguém aproximar-se, mas, sem se voltar, soube quem era. Soube e sentiu-se aterrorizado. Que fazia ela ali? O que significava? Lentamente, voltou-se, mantendo a face oculta pela sombra do capuz.

Os anos tinham poupado Mãe Elissa. Com quarenta e seis invernos, o seu cabelo longo permanecia escuro e sedoso, a face suave notando-se apenas rugas muito ténues em volta dos olhos e da boca. Rugas de sorriso, ouvira chamar-lhes. E aliviavam-no.

«Que tenha passado os últimos oito anos a sorrir», pensou.

Elissa abriu a boca para falar, mas uma rapariguinha com cabelo castanho longo e grandes olhos castanhos veio a correr até eles, desviando-lhe a atenção. Trazia um vestido de veludo cor de vinho, com uma fita a condizer no cabelo. A fita estava torta, com cachos grossos de cabelo caindo-lhe sobre a cara, e as bochechas e as mãos estavam embranquecidas com pó de giz que também lhe manchava o vestido. O Homem Pintado soube num instante que se tratava de Marya, a filha de Elissa e Ragen, que erguera nos braços meros momentos após o seu nascimento. Era inocente e bela e sentiu pesar, vendo nela a alegria dos anos perdidos.

— Mãe, vê o que desenhei! — gritou a rapariga. Ergueu uma lousa, sobre a qual tinha sido desenhado um círculo de guardas. O Homem Pintado olhou as guardas num instante e soube que eram fortes. Além disso, percebeu que muitas eram suas, trazidas com ele do Ribeiro de Tibbet. Confortou-o saber que, de alguma forma insignificante, conseguira tocar-lhe a vida.

— São lindas, meu doce — congratulou Elissa, curvando-se para prender novamente o cabelo da filha com a fita. Beijou a testa de Marya quando terminou. — Em breve, o teu pai levar-te-á com ele nos seus chamados de Guardador. — A rapariga respondeu com um guincho de deleite. — Temos um cliente para atender, meu doce — disse Elissa, voltando-se novamente para o Homem Pintado, com o braço sobre os ombros da rapariga. — Sou Mãe Elissa. — O orgulho pelo título permanecia evidente na sua voz após tantos anos.

— E esta é a minha filha...

— És um Protector? — perguntou-lhe a filha, interrompendo-a.

— Não — respondeu o Homem Pintado, usando a voz rouca e grave que adoptara desde que guardara a pele. A última coisa de que precisava seria que

Elissa lhe reconhecesse a voz.

— Então porque te vestes como um? — quis saber a rapariga.

— Tenho cicatrizes feitas pelos demónios — explicou. — E não quero assustar-te.

— Não tenho medo — respondeu a rapariga, tentando espreitar por baixo do capuz. O Homem Pintado deu um passo atrás, baixando mais o capuz.

— Estás a ser mal-educada! — repreendeu Elissa. — Vai brincar com o teu irmão.

A rapariga olhou-a com expressão de desafio, mas Elissa retribuiu-lhe o olhar e fê-la regressar a correr para uma mesa de trabalho do lado oposto da oficina, onde um rapaz, que talvez contasse cinco invernos, empilhava blocos com guardas pintadas de lado. O Homem Pintado viu Ragen na sua face jovem e sentiu uma alegria profunda pelo seu mentor, misturada com um terrível arrependimento por nunca conhecer o rapaz ou o homem em que se transformaria.

Elissa pareceu abalada.

— Peço desculpa. Também o meu marido tem cicatrizes que não deseja expor ao mundo. És um Mensageiro?

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

— Em que posso ajudar-te, hoje? — perguntou. — Um novo escudo? Ou talvez a reparação de um círculo portátil?

— Procuro um Guardador chamado Cob — disse. — Foi-me dito que esta oficina lhe pertencia.

Elissa pareceu triste enquanto abanava a cabeça.

— Cob morreu há quase quatro anos — disse. As suas palavras atingiram-no com mais força do que um golpe de demónio. — Um cancro levou-o. Deixou a oficina ao meu marido e a mim. Quem te disse que o procurasses aqui?

— Um... Mensageiro que conheci — respondeu o Homem Pintado, recuando.

— Que Mensageiro? — insistiu Elissa. — Como se chamava?

O Homem Pintado hesitou, com a mente acelerada. Nenhum nome lhe ocorreu e soube que, quanto mais tempo esperasse, maior seria o risco de ser descoberto.

— Arlen do Ribeiro de Tibbet — disse, amaldiçoando-se por o ter feito.

Os olhos de Elissa iluminaram-se.

— Fala-me de Arlen — implorou, pousando-lhe uma mão sobre o braço. —

Outrora, fomos muito próximos. Onde o viste pela última vez? Está bem? Podes entregar-lhe uma mensagem? O meu marido e eu pagaríamos qualquer preço.

Vendo o súbito desespero nos seus olhos, o Homem Pintado percebeu quão profundamente a magoara com a sua partida. E agora, estupidamente, dera-lhe falsas esperanças de voltar a ver Arlen. Mas o rapaz que conhecera estava morto, de corpo e alma. Mesmo que baixasse o capuz e lhe contasse a verdade, não o aceitaria de volta. O melhor seria proporcionar-lhe o necessário fim das suas preocupações.

— Arlen falou em ti nessa noite — disse, tendo tomando uma decisão. — És tão bela como a sua descrição.

O elogio fez Elissa sorrir, com os olhos humedecidos, mas parou, quando percebeu por completo o que dissera.

— De que noite falas?

— Da noite que me provocou estas cicatrizes — respondeu. — Na travessia do deserto krasiano. Arlen morreu para que eu vivesse. — De certa forma, era verdade.

Elissa fitou-o, cobrindo a boca e o nariz com as mãos. Os seus olhos, húmidos de alegria no momento anterior, transbordavam com lágrimas enquanto a sua expressão se contorcia de forma dorida.

— Os seus últimos pensamentos foram para ti — disse. — Para os seus amigos em Miln, para a sua... família. Quis que aqui viesse para transmitir essa mensagem.

Elissa mal o ouviu.

— Ó, Arlen! — chorou, cambaleando. O Homem Pintado avançou para a amparar, guiando-a até um dos bancos e sentando-a enquanto soluçava.

— Mãe! — gritou Marya, correndo para ela. — Mãe, o que se passa? Porque choras? — Lançou um olhar acusador ao Homem Pintado.

Ajoelhou diante da rapariga, não sabendo se o fazia apenas para parecer menos ameaçador ou para lhe permitir golpeá-lo se desejasse. Quase esperou que o fizesse.

— Receio ter-lhe trazido más notícias, Marya — disse, com gentileza. — Por vezes, é dever de um Mensageiro dizer às pessoas coisas que talvez preferissem não ouvir.

Como se respondesse à sua deixa, Elissa olhou-o, interrompendo o choro.

Recompôs-se, inspirando profundamente, secando as lágrimas com um punho rendado e abraçando a filha.

— É verdade, meu doce. Ficarei bem. Leva o teu irmão para trás por um instante, por favor.

Marya lançou um último olhar receoso ao Homem Pintado antes de acenar afirmativamente com a cabeça, erguendo o irmãozinho nos braços e saindo. Olhou-os, sentindo-se miserável. Não deveria ter vindo. Deveria ter enviado um intermediário ou procurado outro Guardador, apesar de não haver nenhum outro em quem confiasse como confiava em Cob.

— Lamento — disse o Homem Pintado. — Não queria magoar-te.

— Eu sei — respondeu Elissa. — Agradeço-te por me teres informado. Torna as coisas mais fáceis, de certa forma. Sei que compreendes.

— Mais fáceis — concordou o Homem Pintado. Procurou na bolsa, retirando um punhado de cartas e um compêndio de guardas de combate, tudo enrolado em lona e preso com cordel rijo. — Para ti. Arlen desejou que te entregasse isto.

Elissa recebeu o embrulho e acenou afirmativamente.

— Obrigada. Pretendes ficar muito tempo em Miln? O meu marido está fora, mas terá certamente perguntas a colocar-te. Arlen era como um filho para ele.

— Passarei apenas este dia na cidade, senhora — respondeu, não querendo conversar com Ragen. O homem insistiria em ouvir pormenores que não existiam. — Tenho uma mensagem para o duque e mais algumas visitas a fazer. Depois, parto.

Soube que devia deixar tudo por ali, mas o estrago estava feito e as suas palavras seguintes vieram sem que as conseguisse controlar.

— Diz-me... Mery ainda vive em casa do Protector Ronnell?

Elissa abanou a cabeça.

— Há muitos anos que não. Ela...

— Não importa — interrompeu-a o Homem Pintado, não querendo ouvir mais. Mery encontrara alguém. Não era grande surpresa e não tinha o direito de permitir que a notícia o magoasse.

— E o rapaz chamado Jaik? — perguntou. — Também trago uma carta para ele.

— Já não é um rapaz — disse Elissa, olhando-o com olhos penetrantes. — Tornou-se um homem. Vive na Rua do Moinho, na terceira cabana de operário.

O Homem Pintado acenou com a cabeça.

— Então, com a tua permissão, partirei.

— Poderá não te agradar o que lá encontrarás — advertiu Elissa.

O Homem Pintado olhou-a, tentando perceber o que queria dizer, mas o significado perdia-se nos seus olhos inchados e húmidos. Parecia cansada e esgotada. Voltou-se para partir.

— Como sabias o nome da minha filha? — perguntou Elissa.

A pergunta surpreendeu-o. Hesitou.

— Apresentaste-a quando se aproximou. — No momento em que o disse, praguejou mentalmente porque, claro, Elissa fora interrompida antes de conseguir apresentar a rapariga e, de qualquer forma, poderia ter dito que Arlen lhe dissera o seu nome.

— Suponho que sim — concordou Elissa. Considerou a sua reacção um golpe de sorte e dirigiu-se para a porta. Os seus dedos rodeavam o trinco quando voltou a ouvi-la.

— Senti a tua falta — disse, em voz baixa.

Hesitou, lutando contra o impulso de voltar para ela, esmagando-a num abraço e implorando o seu perdão.

Saiu da oficina sem mais uma palavra.

O Homem Pintado amaldiçoou-se ao percorrer a rua. Reconhecera-o. Não sabia como, mas acontecera e, expondo-se, tê-la-ia magoado mais do que as notícias da sua morte. Elissa fora como uma mãe para ele e a sua partida devia ter-lhe parecido a rejeição derradeira do seu amor. Mas que poderia ter feito? Mostrar-lhe o que fizera a si próprio? Mostrar-lhe o monstro em que se transformara o seu filho adoptivo?

Não. Seria melhor pensar que a tinha abandonado. Qualquer mentira seria preferível à verdade.

«Mesmo que mereça saber?», perguntou a voz incómoda na sua cabeça.

A pergunta magoou-o e, por isso, afastou-a, concentrando-se no motivo real da sua vinda a Miln. A mensagem de Rhinebeck. Apresentou-se no forte do duque Euchor, mas os guardas dos portões não o receberam de braços abertos.

— Sua Excelência não tem tempo para receber cada Protector maltrapilho da cidade — rosnou um deles ao verem-no aproximar-se com a túnica e o capuz.

— Receber-me-á — disse o Homem Pintado, erguendo a bolsa de Mensageiro com o selo de Rhinebeck. Os guardas arregalaram os olhos, mas, a seguir, voltaram a olhá-lo com suspeição.

— Não és nenhum dos Mensageiros Reais que conheço — disse o primeiro guarda. — E conheço-os a todos.

— Que tipo de Mensageiro veste roupagens de Protector? — perguntou o outro.

O Homem Pintado, ainda perturbado pelo encontro com Elissa, não tinha paciência para formalismos mesquinhos de subalternos.

— O tipo que te rachará o crânio se não abrires os portões e me anunciares — disse, baixando o capuz.

Os dois guardas deram um passo atrás ao ver a sua face tatuada. Apontou os portões e chocaram um contra o outro na pressa de abrir. Um dirigiu-se para o palácio.

O Homem Pintado voltou a erguer o capuz, escondendo um sorriso. Existiam, pelo menos, alguns benefícios em ser uma aberração.

Caminhou para o palácio com passos seguros, atraindo olhares de todos os presentes no pátio enquanto os seus sussurros lhe chegavam aos ouvidos. Não tardou a que a camareira-mor do duque, Mãe Jone, surgisse para o saudar, guiada pelos guardas dos portões. Sendo já magra da última vez que o Homem Pintado a vira, mais de uma década antes, Jone tornara-se emaciada desde então, com a pele pálida, quase translúcida, esticada sobre veias azuis e manchas de figadeira. Mas mantinha as costas rectas e a passada ligeira. Ragen comparara a camareira a um tipo de nuclita e nenhum dos encontros com ela lhe tinham dado motivos para duvidar de tal qualificação. Vários passos atrás dela, um par de guardas seguia-a, discretamente.

— É ele, Mãe — disse um guarda.

Jone acenou afirmativamente e fê-lo afastar-se com um aceno. Regressou aos portões, mas o Homem Pintado via muitos dos presentes seguir-lhe os movimentos, ansiosos por boatos.

— És aquele a quem chamam Homem Pintado, não és? — perguntou Jone.

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

— Trago notícias urgentes do duque Rhinebeck e uma oferta minha.

Jone arqueou uma sobrancelha ao ouvi-lo.

— Há muitos que acreditam seres o Libertador regressado. Por que estás ao serviço do duque Rhinebeck?

— Não sirvo nenhum homem — respondeu o Homem Pintado.

— Trago comigo a mensagem de Rhinebeck porque os seus interesses e os meus se igualam. O ataque krasiano a Rizon afecta-nos a todos.

Jone respondeu com um aceno da cabeça.

— Sua Excelência concorda e, por isso, conceder-te-á uma audiência...

O Homem Pintado acenou afirmativamente e começou a mover-se em direcção ao palácio, mas Jone ergueu um dedo.

— ... amanhã — concluiu.

O Homem Pintado olhou-a com desagrado. Era costumeiro que os duques fizessem os Mensageiros esperar por curtos períodos de tempo como sinal de força, mas um Mensageiro Real com notícias graves atrasado um dia inteiro quando o Sol não tinha sequer atingido o seu zénite? Era inaudito.

— Talvez não compreendas a urgência das notícias que trago — disse, com cautela.

— E talvez tu não compreendas a tua própria notícia — replicou Jone. — Tens uma grande reputação a Sul do Divisor, mas estás nas terras do duque Euchor, Luz das Montanhas e Guardião das terras do Norte. Receber-te-á quando os seus deveres o permitirem. Amanhã.

Formalismos. Euchor queria mostrar o seu poder, negando receber o Homem Pintado.

Podia insistir, claro. Podia mostrar-se insultado e ameaçar regressar a Angiers ou até forçar a entrada. Nenhum dos guardas conseguiria travá-lo se pretendesse realmente entrar.

Mas precisava da boa vontade de Euchor. Ragen receberia o compêndio de guardas de combate que entregara a Elissa e saberia o que fazer com elas, mas apenas Euchor conseguiria providenciar homens e mantimentos a Angiers antes de ser demasiado tarde. Justificava esperar um dia.

— Muito bem. Estarei junto aos portões amanhã pelo amanhecer. –

Voltou-se para partir.

— Temos recolher obrigatório em Miln — disse Jone. — Ninguém pode andar

pelas ruas antes do amanhecer.

O Homem Pintado voltou-se para a encarar, erguendo a cabeça e permitindo-lhe ver a sua face no interior do capuz. Os seus dentes brilhantes contrastavam com os lábios tatuados quando sorriu.

— Nesse caso, que os guardas dos portões me prendam — sugeriu.

Ambos os lados exibiam o seu poder.

A boca de Jone reduziu-se a uma linha estreita. Se ver a sua pele tatuada a deixava nervosa, não o mostrou.

— Ao amanhecer — concordou, voltando-se prontamente e regressando ao palácio.



Foi seguido por vários guardas ao sair do forte do duque. Foram discretos e mantiveram a distância, mas não havia dúvida de que pretendiam segui-lo até onde passaria a noite e registar as conversas que teria.

Mas o Homem Pintado vivera anos em Miln e conhecia bem a cidade. Mudou de direcção, entrando num beco e, ao ficar fora de vista, saltou três metros no ar, alcançando o parapeito de uma janela do segundo andar. Daí, foi-lhe fácil saltar para o parapeito do terceiro andar do lado oposto e, depois, alcançar o telhado do primeiro edifício. Olhou para baixo, vendo os guardas esperando pacientemente que percebesse não haver saída e voltasse para trás. Não tardariam a cansar-se de esperar e um deles entraria no beco para investigar, mas ele estaria já muito longe.



Ao aproximar-se da terceira casa na Rua do Moinho, o Homem Pintado pensou na mensagem críptica de Elissa sobre Jaik. Estaria bem? Ter-lhe-ia acontecido alguma coisa?

Jaik e Mery tinham sido os seus únicos amigos de infância. Jaik sonhara ser Jogral e os rapazes tinham feito um pacto para viajarem juntos quando Arlen obtivesse a sua licença de Mensageiro, sendo frequentes as parcerias entre Mensageiros e Jograis.

Mas, enquanto Arlen tentara alcançar os seus objectivos com tenacidade inabalável, Jaik nunca se mostrara disposto a perder as horas longas e árduas necessárias ao domínio da arte de um Jogral. Quando chegou a altura de Arlen partir, Jaik era tão capaz de fazer malabarismo como de dar aos braços e levantar voo.

Mesmo assim, parecia ter-se saído bem na vida. Apesar de não ser uma grande mansão como a de Ragen e Elissa, a cabana de Jaik era sólida e bem conservada, espaçosa pelos padrões da sobrepovoada Miln. Seria provável que Jaik estivesse no moinho àquela hora do dia e seria melhor assim. Teria família em casa que pudesse receber um molho de cartas, pessoas que não reconheceriam Arlen Fardos e, muito menos, o Homem Pintado.

Mas nada podia tê-lo preparado para ver Mery abrir a porta.

Ficou boquiaberta a olhá-lo, mesmo coberto e encapuçado, dando um passo atrás. Igualmente assustado e surpreendido, também ele fez o mesmo.

— Sim? — perguntou Mery, recuperando. — Posso ajudar-te? — Manteve a mão na porta, pronta para a fechar se fosse preciso.

Estava mais velha do que recordava, mas isso não lhe diminuia em nada os predicados. Pelo contrário, a Mery que recordava era um botão primaveril comparado com a flor que tinha diante dos olhos. Os membros finos da sua juventude tinham enriquecido com curvas encantadoras e o volumoso cabelo castanho caía em ondas sobre uma face redonda onde sobressaíam os mesmos lábios macios que beijara mil vezes. Sentiu as mãos tremer ao vê-la, mas, por menos preparado que estivesse para a sua beleza, o que percebeu ao vê-la abrir a porta foi muito mais chocante.

Casara com Jaik. Jaik, que o ensinara a jogar à bola e roubara doces da janela traseira do padeiro para ambos partilharem. Jaik, que o seguira, maravilhado, quando Arlen lhe disse que se tornaria um Mensageiro. Jaik, que sempre fora invisível a Mery, que tinha olhos apenas para Arlen.

— Desculpa — disse, demasiado surpreendido até para camuflar a voz. — Devo ter batido à porta errada... — Voltou-se e caminhou, dando longos passos que em breve o fariam chegar ao fundo da Rua do Moinho.

Ouviu-a engasgar-se atrás dele e apressou o passo.

— Arlen? — chamou, começando a correr.

Mas, mesmo caminhando rapidamente, ouviu-a segui-lo.

— Arlen, pára! Por favor! — gritou, mas ele não lhe deu ouvidos, procurando apenas fugir, conseguindo distanciar-se facilmente com as suas pernas velozes.

Havia uma carroça partida na rua, voltada ao contrário e com dois homens discutindo entre o caos. Perdeu segundos preciosos a contorná-la e Mery encurtou o espaço que os separava. Correu para uma abertura entre um par de cabanas, esperando cortar caminho, mas a saída que recordava desaparecera e o beco terminava numa parede de pedra demasiado alta para saltar.

Fechou os olhos, desejando desmaterializar-se como fizera na cabana de Leesha, mas o Sol brilhava e a magia não responderia ao seu chamado. Voltou para trás, mas era demasiado tarde. Chocou com Mery quando esta entrava no beco e ambos caíram ao chão. O Homem Pintado manteve o controlo ao cair, conseguindo manter o capuz no sítio após embater nas pedras do chão. Retesou os músculos, preparado para se colocar novamente de pé com um salto, mas Mery lançou-se sobre ele, apertando-o nos seus braços.

— Arlen — chorou. — Deixei-te partir uma vez. Jurei ao Criador que não voltaria a fazê-lo. — Apertou-o com mais força, com as lágrimas ensopando-lhe a túnica, e ele susteve-a nos braços, embalando-a para trás e para diante, sentando-se no chão à entrada do beco. Apesar de ter enfrentado demónios de todos os tamanhos, aquele abraço aterrorizava-o de formas que não conseguia explicar.

Após algum tempo, Mery recompôs-se, soluçando e passando uma manga pelo nariz e olhos.

— Devo ter um aspecto terrível — disse, com voz rouca.

— Estás linda — considerou ele, com palavras que eram mais a constatação de um facto do que um elogio.

Riu-se, envergonhada, baixando o olhar e voltando a soluçar.

— Tentei esperar — murmurou.

— Não faz mal — disse-lhe.

Mas Mery abanou a cabeça.

— Se acreditasse que voltarias, teria esperado para sempre. — Ergueu os olhos para as sombras do seu capuz. — Nunca teria...

— Casado com Jaik? — perguntou, talvez num tom menos delicado do que desejava.

Mery voltou a afastar o olhar, enquanto ambos se erguiam atabalhoadamente.

— Desapareceste — disse. — E ele estava aqui. Tem sido bom para mim ao longo de todos estes anos, Arlen, mas... — Olhou-o novamente, hesitando. — Se me pedires...

Sentiu um nó no estômago. Se lhe pedisse o quê? Partiria consigo? Ou ficaria em Miln, abandonando Jaik para ficar com ele? As visões do seu sonho dançaram-lhe diante do olho da mente.

— Mery, não — implorou. — Não o digas. — Era impossível voltar atrás.

Mery voltou-se como se a tivesse esbofeteado.

— Não voltaste por mim, pois não? — perguntou, inspirando profundamente como se contivesse as lágrimas. — Vinhas apenas visitar o teu velho amigo Jaik para o presentear com uma palmada nas costas e uma história antes de voltares à estrada.

— Não é como dizes, Mery — disse, aproximando-se por trás dela e cobrindo-lhe os ombros com as mãos. A sensação era estranha. Familiar e, ao mesmo tempo, desconhecida. Não conseguia recordar a última vez que tocara alguém daquela forma. — Esperei que tivesses encontrado alguém na minha ausência. Ouvi dizer que sim e não queria estragar nada. — Hesitou. — Só não esperava que fosse Jaik.

Mery voltou-se e abraçou-o novamente, sem o olhar.

— Tem sido bom para mim. O meu pai falou com o barão que é proprietário do moinho e nomearam-no supervisor. Procurei a Escola de Mães para conseguirmos pagar a casa.

— Jaik é um bom homem — concordou o Homem Pintado.

Olhou-o.

— Arlen, por que continuas a esconder a cara?

Daquela vez, foi ele a voltar-se. Por um momento, atrevera-se a esquecer.

— Entreguei-a à noite. Não é algo que queiras ver.

— Tolice — disse Mery, erguendo a mão para o capuz. — Vejo-te vivo, depois de tanto tempo. Pensas que me importam as tuas cicatrizes?

Inspirou fundo e segurou-lhe a mão.

— É mais complicado do que isso.

— Arlen — disse ela, levando as mãos às ancas como fazia tantos anos antes, quando achava não haver tempo a perder com tolices. — Passaram-se oito anos desde que deixaste Miln sem me dizer uma palavra. O mínimo que podes fazer é

ter a coragem de mostrar a cara.

— Se bem me lembro, foste tu a deixar-me — disse.

— Julgas que não o sei? — gritou-lhe Mery. — Passei estes anos todos a culpar-me, sem saber se estarias morto na estrada ou nos braços de outra mulher. E tudo porque fui egoísta e estava irritada numa noite! Durante quanto tempo terei de ser punida por ter reagido mal quando me disseste que querias arriscar a vida para escapar à prisão de viver aqui comigo?

Olhou-a, sabendo que estava certa. Nunca mentira a ninguém, mas enganara-a de qualquer forma, permitindo-lhe pensar que os seus sonhos de se tornar Mensageiro tinham sido esquecidos.

Lentamente, ergueu as mãos e baixou o capuz.

Mery arregalou os olhos e cobriu a boca para abafar um grito, quando as tatuagens foram expostas. Havia dúzias delas apenas na sua face, percorrendo o maxilar e os lábios, cobrindo o nariz e rodeando-lhe os olhos. Até as orelhas estavam tatuadas.

Recuou, por instinto.

— A tua cara, a tua bela cara. Arlen, que fizeste?

Imaginara aquela reacção vezes incontáveis e vira-a antes em pessoas espalhadas por Thesa, mas, apesar de tudo, não estava preparado para a dor que provocou. O seu olhar julgava tudo o que ele era, fazendo-o sentir-se pequeno e indefeso como não sentira em anos.

Sentir-se assim enfureceu-o e Arlen de Miln, que ganhara forças pela primeira vez em anos, voltou a ser tragado pela escuridão. O Homem Pintado assumiu o controlo e o seu olhar endureceu-se.

— Fiz o que tive de fazer. Para sobreviver — disse, com a voz tornada rouca.

— Não fizeste, não — disse Mery, abanando a cabeça. — Podias ter sobrevivido aqui em Miln, a salvo no abrigo. Podias ter vivido em qualquer uma das Cidades Livres. Não te... mutilaste para sobreviver. A verdade é que o fizeste porque te odeias tanto que acreditas não merecer melhor do que passar noites entre demónios. Fizeste-o
porque te aterroriza abrir o coração e amar qualquer coisa que os nuclitas poderão roubar-te.

— Não receio nada que os nuclitas possam fazer — disse. — Caminho livremente pela noite sem recear demónios, grandes ou pequenos. Fogem de

mim, Mery! De mim! — Bateu no peito para conferir ênfase às palavras.

— Claro que sim — sussurrou Mery, com lágrimas escorrendo-lhe pelas bochechas suaves e arredondadas. — Também te tornaste um monstro.

— Um monstro?! — gritou o Homem Pintado, fazendo-a recuar, assustada. — Fiz o que nenhum homem fazia há séculos! O que sempre sonhei! Recuperei poderes que a humanidade perdera na Primeira Guerra Demoníaca!

Mery cuspiu no chão, nada impressionada. A visão era enervante. Vira-a na noite anterior, no seu terceiro sonho.

— A que custo? — perguntou. — Jaik deu-me dois filhos, Arlen. Pedir-lhes-ás que marchem e morram noutra guerra contra os demónios? Poderiam ser teus, o teu legado ao mundo, mas, ao invés, tudo o que deixarás ao mundo será uma forma de se destruir.

O Homem Pintado abriu a boca para proferir uma resposta irada, mas nada lhe saiu. Se qualquer outra pessoa lhe tivesse dito tais coisas, teria explodido, mas Mery conseguia superar-lhe as defesas com facilidade. Que tinha dado ao mundo? Iriam milhares de jovens marchar com as suas armas apenas para serem chacinados na noite?

— É verdade que fizeste o que sempre sonhaste, Arlen — disse Mery. — Garantiste que ninguém voltará a aproximar-se de ti. — Abanou a cabeça e a sua face contorceu-se. O choro apossou-se dos seus lábios macios e cobriu a boca, voltando-se e fugindo dele.

O Homem Pintado deixou-se ficar no lugar durante longo tempo, olhando as pedras do chão enquanto as pessoas passavam por ele. Viram a sua face tatuada e iniciaram conversas animadas sobre ele, mas quase não notou. Pela segunda vez, Mery deixara-o em lágrimas e desejou que o chão o engolisse.

Deambulou pelas ruas sem rumo, tentando ultrapassar o que Mery dissera, mas era impossível. Estaria certa? Desde a noite em que vira a mãe ser nucleada, abrira verdadeiramente o seu coração a alguém? Conhecia a resposta e isso conferia peso às acusações que lhe fizera. As pessoas afastavam-se quando caminhava. A sua pele pintada repelia-os tanto como aos nuclitas. Apenas Leesha tentara aproximar-se e afastara-a até a ela.

Após algum tempo, olhou para cima e percebeu que, por instinto, regressara à oficina de Cob. O local familiar atraía-o e não tinha forças para resistir. Sentia-se vazio por dentro. Oco. Que Elissa o esmurrasse. Não podia fazer pior do que já lhe tinha sido feito.

Elissa varria o chão da oficina quando entrou. Estava sozinha. Ergueu a cabeça quando ouviu as campainhas soarem e os seus olhares cruzaram-se. Durante muito tempo, nenhum dos dois disse uma palavra.

— Porque não me disseste que se tinham casado? — perguntou, por fim. Era algo petulante e frouxo para dizer, mas não lhe ocorria mais nada.

— Também não me disseste tudo — respondeu. Não havia ira nem acusação na sua voz. Falava num tom pragmático, como se referisse o que comera ao pequeno-almoço.

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

— Não queria que me visses assim.

— Assim como? — perguntou Elissa, delicadamente, encostando a vassoura e aproximando-se dele. Pousou-lhe uma mão no braço.

— Com cicatrizes? Já as vi antes.

Voltou-lhe as costas e a sua mão caiu.

— As minhas cicatrizes foram infligidas por mim.

— Todos as temos — disse ela.

— Mery olhou-me e fugiu como se fosse um nuclita — disse.

— Lamento — disse Elissa, aproximando-se e rodeando-o com os braços.

O Homem Pintado quis afastar-se, mas essa sua faceta desapareceu com o abraço. Voltou-se e também a abraçou, inspirando o seu cheiro tão familiar e fechando os olhos enquanto se abria à dor e a deixava fluir para fora.

Após um momento demasiado curto, Elissa afastou-se.

— Quero ver o que lhe mostraste.

Abanou a cabeça.

— Eu...

— Silêncio — disse Elissa, em voz baixa, erguendo uma mão até ao capuz para lhe encostar um dedo aos lábios. Ficou tenso enquanto as suas mãos subiam, lentamente, e seguravam o capuz, baixando-o.

O medo percorreu-o, gelando-lhe o sangue, mas manteve-se como uma estátua, resignado.

Tal como Mery, Elissa arregalou os olhos e ficou boquiaberta, mas não se afastou. Limitou-se a olhá-lo, acostumando-se ao que via.

— Não costumava apreciar guardas — disse, após algum tempo.

— Antes, eram apenas outra ferramenta, como um martelo ou o fogo. — Estendeu o braço, tocando-lhe a face. Os seus dedos macios percorreram as guardas nas sobrancelhas, no maxilar, no crânio.

— Apenas agora, trabalhando na oficina, percebo como podem ser tão belas. Qualquer coisa que consiga proteger os nossos entes queridos é bela.

O Homem Pintado engasgou-se, estremeceu e começou a chorar, mas Elissa abraçou-o com firmeza, apoiando-o.

— Vem para casa, Arlen — disse-lhe. — Mesmo que apenas por uma noite.

Vinte e Três

A Corte de Euchor

333 DR Primavera

O HOMEM PINTADO saiu da oficina de guardas e cami nhou durante algum tempo antes de voltar a subir aos telhados para se assegurar de que não seria seguido no regresso à mansão de Ragen e Elissa.

Era mais pequena do que recordava. Quando viera para Forte Miln pela primeira vez, aos onze anos, o lar de Ragen e Elissa parecera-lhe grande como uma aldeia, com o seu grande muro rodeando os jardins, as cabanas dos criados e a casa propriamente dita. Agora, até o pátio, um espaço aparentemente interminável quando era jovem e nele aprendia a montar e a lutar, lhe parecia claustrofóbico. Tão habituado a caminhar desimpedido na noite, as paredes tinham-se-lhe tornado incómodas.

Os criados no portão deixaram-no entrar sem uma palavra. Elissa enviara um

mensageiro à mansão e outro para ir buscar Dançarino do Ocaso e os seus haveres à estalagem. Atravessou o pátio e entrou na mansão, subindo os degraus de mármore até ao seu velho quarto.

Estava exactamente como o deixara. Arlen possuíra muitas coisas no tempo que passou em Miln. Livros, roupas, ferramentas, peças guardadas. Era demasiado para levar consigo como Mensageiro, estando limitado ao que o cavalo conseguiria transportar. Deixara ficar quase tudo, sem olhar para trás, e o quarto parecia não ter sentido a passagem do tempo. Havia lençóis limpos na cama e sem qualquer vestígio de pó, mas nada fora movido. Continuava a haver objectos empilhados sobre a secretária. Sentou-se aí durante longo tempo, interiorizando a segura familiaridade e voltando a sentir-se com dezassete anos.

Uma batida sonora na porta despertou-o. Abriu e viu Mãe Margrit, com os braços carnudos cruzados diante do peito enquanto o fitava. Margrit cuidara dele desde que chegara a Miln, tratando-lhe os ferimentos e ajudando-o a compreender os costumes da cidade. O Homem Pintado surpreendeu-se ao perceber que ainda conseguia intimidá-lo depois de tanto tempo.

— Vejamos, então — disse Margrit.

Não precisou de lhe perguntar a que se referia. Preparou-se e baixou o capuz.

Margrit olhou-o durante algum tempo, não mostrando quaisquer vestígios do horror e surpresa que esperara. Grunhiu e acenou com a cabeça.

A seguir, esbofeteou-o.

— Isto é por partires o coração à minha senhora! — gritou. Foi um golpe surpreendentemente poderoso e ainda não tinha recuperado por completo quando voltou a agredi-lo. — E isto é por me teres partido o meu! — Soluçou e abraçou-o, puxando-o para si e deixando-o
sem fôlego ao chorar. — Graças ao Criador que estás bem — disse, com voz embargada.

Ragen regressou pouco depois e pousou a mão sobre o ombro do Homem Pintado, olhando-o nos olhos e não fazendo qualquer comentário sobre as suas tatuagens.

— É bom ter-te de volta — disse.

Na verdade, foi o Homem Pintado quem se sentiu mais chocado com Ragen, vendo-o envergar no peito a guarda de chave, símbolo da Associação dos Guardadores, num alfinete pesado de ouro.

— És o mestre da Associação dos Guardadores? — perguntou.

Ragen acenou afirmativamente.

— Tornei-me sócio de Cob depois de partires e o negócio de guardas que começaste tornou-nos a empresa dominante em Miln. Cob passou três anos como mestre de associação antes de mim até o cancro lhe levar as forças. Como seu herdeiro, era a escolha natural para lhe suceder.

— Uma decisão de que ninguém em Miln se arrependerá — disse Elissa, notando-se o orgulho e o amor na voz enquanto olhava o marido.

Ragen encolheu os ombros.

— Tenho ajudado como posso. Claro — olhou o Homem Pintado –
que deverias ter sido tu. Ainda poderás ser. O testamento de Cob deixou claro que o seu quinhão maioritário no negócio te deveria ser entregue, se algum dia regressasses.

— A oficina? — perguntou o Homem Pintado, chocado por descobrir que o seu velho mestre o tinha incluído na sua última vontade depois de tanto tempo.

— A oficina, a bolsa de guardas, os armazéns e as vidreiras — disse Ragen. — Tudo até aos contratos com os aprendizes.

— O suficiente para te tornar um dos homens mais ricos e poderosos de Miln — disse Elissa.

Uma imagem passou pela cabeça do Homem Pintado, vendo-se passear pelos corredores do forte do duque Euchor, aconselhando Sua Excelência em assuntos políticos e comandando dúzias ou mesmo centenas de Guardadores. A acumular poder... a construir alianças...

A ler relatórios.

A delegar responsabilidades.

Rodeado por criados que se ocupariam de todas as suas necessidades.

Deixando-se abafar pelas muralhas da cidade.

Abanou a cabeça.

— Não quero. Não quero nada. Arlen Fardos está morto.

— Arlen! — gritou Elissa. — Como podes dizer isso se estás aqui, diante de nós?

— Não posso retomar a minha vida onde a deixei, Elissa — disse, baixando o capuz e descalçando as luvas. — Escolhi o meu caminho. Não poderei voltar a viver entre muralhas. Agora mesmo, enquanto falo, o ar parece-me mais espesso, mais difícil de respirar...

Ragen devolveu-lhe a mão ao ombro.

— Também fui Mensageiro — recordou-lhe. — Conheço o sabor do ar livre e como se anseia por ele dentro das muralhas de uma cidade. Mas essa sede esgota-se com o tempo.

O Homem Pintado olhou-o e o seu olhar ensombrou-se.

— Por que o desejaria? — perguntou. — Por que o desejarias tu? Porquê voltares a trancar-te numa prisão quando tinhas a chave?

— Por Marya — respondeu Ragen. — E por Arlen.

— Arlen? — repetiu o Homem Pintado, confuso.

— Não falo de ti — rosnou Ragen, próximo da irritação. — O meu filho de cinco anos. Arlen. Que precisa de um pai mais do que o seu pai precisará de ar puro!

Fora um golpe tão duro como os bofetões de Margrit e o Homem Pintado sabia que o merecera. Por um momento, falara com Ragen como se fosse o seu verdadeiro pai. Como se fosse Jeph Fardos do Ribeiro de Tibbet, o cobarde que se limitara a olhar enquanto a sua mulher era nucleada.

Mas Ragen não era um cobarde. Provara-o mil vezes. O próprio Homem Pintado o vira enfrentar demónios, apenas com a sua lança e escudo. Ragen não abdicava da noite por medo. Fazia-o para conquistar esse mesmo medo.

— Lamento — disse. — Tens razão. Não tinha o direito de...

Ragen suspirou.

— Está tudo bem, rapaz.

O Homem Pintado percorreu as fileiras de retratos nas paredes da sala de recepções de Ragen e Elissa. Tinham encomendado um por cada ano, para assinalar a sua passagem. O primeiro era apenas de Ragen e Elissa, parecendo muito jovens. O seguinte fora pintado alguns anos depois e deu consigo a olhar a sua própria cara, fitando-o sem guardas, algo que não via há anos. Arlen Fardos, um rapaz de doze anos, sentado numa cadeira diante de Ragen e Elissa, ambos de pé.

Ia crescendo nos retratos seguintes até um ano em que se erguia entre Ragen e

Elissa, segurando Marya nos braços.

No retrato do ano seguinte, tinha desaparecido, mas, pouco depois, um novo Arlen surgiu. Tocou a tela com delicadeza.

— Gostaria de ter estado presente quando nasceu. Gostaria de estar com ele agora.

— Podes estar — disse Elissa, com firmeza. — Somos família, Arlen. Não precisas de viver uma vida de mendigo. Sempre terás um lar aqui.

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

— Percebo-o, agora. Vejo-o como nunca o vi antes e, por isso, lamento. Mereciam melhor do que o que receberam, melhor do que o que poderei dar. Partirei de Miln depois da minha audiência com o duque.

— O quê?! — gritou Elissa. — Acabas de chegar!

O Homem Pintado abanou a cabeça.

— Escolhi o meu caminho e precisarei de percorrê-lo até ao fim.

— Para onde irás? — perguntou Elissa.

— Para começar, ao Ribeiro de Tibbet — disse. — Durante tempo suficiente para lhes devolver as guardas de combate. E depois, se conseguirem distribuir as guardas por Miln e pelos seus povoados, farei o mesmo pelos angieranos e laktonianos.

— Esperas que cada povoado insignificante se erga para lutar? — perguntou Elissa.

O Homem Pintado abanou a cabeça.

— Não peço a ninguém que lute. Mas, se o meu pai tivesse um arco com flechas guardadas, a minha mãe poderia estar viva. Devo a todos a hipótese que ela não teve. Quando as guardas estiverem por toda a parte, de tal forma disseminadas que não poderão voltar a perder-se, as pessoas poderão decidir o que fazer com elas.

— E depois? — insistiu Elissa, com um tom de voz esperançoso de que, um dia, regressasse de vez.

— Depois, lutarei — respondeu o Homem Pintado. — E quem se erguer a meu lado será bem-vindo. Mataremos demónios até tombarmos ou até Marya e Arlen poderem admirar o pôr-do-sol sem receio.

Era tarde e os criados há muito haviam recolhido. Ragen, Elissa e o Homem Pintado permaneciam sentados no escritório, com o ar repleto do fumo doce dos cachimbos dos dois homens, que partilhavam brande.

— Fui convocado para a audiência do duque com o «Homem Pintado» amanhã — disse Ragen. — Mas sou forçado a admitir que nunca adivinharia que falavam de ti. — Sorriu. — Devo escolher Guardadores que se disfarçarão de criados e tentarão copiar as tuas tatuagens enquanto estiveres distraído a falar com Sua Excelência.

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

— Manterei o capuz erguido.

— Porquê? — perguntou Ragen. — Se pretendes que todos as tenham, por que as manterás em segredo?

— Porque Euchor as cobiçará — disse o Homem Pintado. — E poderei usar isso para ganhar vantagem. Quero-o distraído, pensando que me comprará guardas, enquanto as distribuo em silêncio por todos os Guardadores do ducado. Espalhá-las-ei de tal forma que nem Euchor conseguirá suprimi-las.

Ragen grunhiu.

— Inteligente — considerou. — Mesmo que Euchor fique furioso quando souber que o enganaste.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

— Terei partido há muito e é o que merece por trancar todo o conhecimento do velho mundo na sua biblioteca, permitindo acesso apenas a um punhado de felizardos.

Ragen concordou com um aceno.

— Nesse caso, o melhor será comportar-me como se não te conhecesse durante a audiência. Se a tua identidade for revelada, mostrar-me-ei tão chocado como os restantes.

— Penso que será sensato — concordou o Homem Pintado.

— Quem mais acreditas que estará presente?

— Tão poucas pessoas quanto seja possível — disse Ragen. — Euchor ficou agradado por vires ao amanhecer, fazendo-te entrar e sair antes que Protectores e aristocratas saibam do encontro. Além do duque e de Jone, estarei eu, Malcum, mestre da Associação dos Mensageiros, as filhas de Euchor e os meus Guardadores vestidos como criados.

— Fala-me das filhas de Euchor — disse o Homem Pintado.

— Hypatia, Aelia e Lorain — disse Ragen. — Todas tão casmurras como o pai e nenhuma mais bonita do que ele. Todas Mães, com filhos gerados. Se Euchor não gerar um filho seu, o Conselho das Mães escolherá o próximo duque entre esse grupo de fedelhos malditos.

— Então, se Euchor morrer, um rapaz tornar-se-á duque? — perguntou o Homem Pintado.

— Tecnicamente — respondeu Ragen. — Na realidade, será a mãe do rapaz a tornar-se duquesa em tudo menos no título e governará em seu nome até atingir a idade adulta... e possivelmente além disso. Não subestimes nenhuma delas.

— Não o farei — disse o Homem Pintado.

— Também deverás saber que o duque tem um novo arauto — disse Ragen.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

— Que importa? Nunca conheci o anterior.

— Importa — continuou Ragen — porque o novo é Keerin.

O Homem Pintado ergueu para ele um olhar intenso. Keerin era o Jogral parceiro de Ragen quando tinham encontrado Arlen na estrada, inconsciente e morrendo de febre demoníaca depois de mutilar Um Braço. O Jogral fora um cobarde, escondendo-se dentro do seu saco-cama e choramingando enquanto os demónios testavam as guardas. Mas, anos mais tarde, o Homem Pintado surpreendera-o num espectáculo em que afirmava ter sido ele próprio a mutilar o demónio, um demónio que, noite após noite, tentava entrar na cidade para se vingar de Arlen e, numa ocasião, conseguiu fracturar a muralha. Arlen denunciara publicamente Keerin como mentiroso e, juntamente com Jaik, havia sido violentamente espancado pelos seus aprendizes.

— Como pode um homem que se recusa a viajar ser arauto do duque? — perguntou o Homem Pintado.

— Euchor mantém o poder com firmeza, acumulando pessoas tal como acumula conhecimento — disse Ragen. — A estúpida cançoneta de Keerin sobre Um Braço tornou-o cobiçado pela realeza e isso atraiu a atenção de Euchor. Recebeu uma comissão ducal pouco depois e, agora, actua exclusivamente por vontade do duque.

— Então não desempenha realmente funções de arauto — disse o Homem Pintado.

— Desempenha — disse Ragen. — A maioria dos povoados é alcançável sem abandonar abrigo eficaz e Euchor construiu algumas estações intermédias no caminho que conduz aos outros para acomodar aquele miserável fuinha sem tomates.



Os portões para o forte do duque abriram ao amanhecer e quem saiu para saudar o Homem Pintado foi o próprio Keerin.

Estava bastante parecido com o que recordava. Era alto para um milnês, com cabelo cor de cenoura e olhos verdes brilhantes. Engordara um pouco, sem dúvida pelas benesses do seu empregador. O seu bigode fino continuava a recusar a união com a pequena barba no queixo e via-se pó cobrindo as rugas da face, tentando preservar uma juventude que ia perdendo.

Mas a antiga vestimenta de remendos multicoloridos de Jogral fora substituída pelo traje adequado a um arauto real. O seu tabardo ostentava as cores de Euchor, cinzento, branco e verde, dando-lhe uma aparência muito mais sóbria, apesar de manter as calças largas, na eventualidade de ser chamado a actuar, e o forro da capa negra estava decorado com remendos cosidos de seda colorida que seriam revelados num rodopio.

— É uma honra conhecer-te, senhor! — disse Keerin, curvando-se numa vénia. — Sua Excelência prepara-se para a chegada de alguns dos seus principais conselheiros antes da tua audiência. Se vieres comigo, acompanhar-te-ei até um salão de espera.

O Homem Pintado seguiu-o pelo palácio. Da última vez que caminhara por ali, assistira a um turbilhão de actividade enquanto criados e Mães se ocupavam dos assuntos do duque. Mas, tão cedo na manhã, os corredores permaneciam vazios à excepção de criados ocasionais, treinados para serem praticamente invisíveis.

Lanternas incandescentes iluminavam o caminho com luz tremeluzente. Não precisavam de óleo ou pavio, nem da química das Herbanárias. Chamavam-lhe Léctrica, outra ciência ancestral que Euchor guardava apenas para si. Parecia magia, mas o Homem Pintado sabia pelo tempo que passara na biblioteca do duque que era apenas uma aplicação magnética, semelhante às aplicações do vento ou da água para mover um moinho.

Keerin conduziu-o a um salão ricamente decorado com veludos e uma lareira acesa. As paredes estavam cobertas com estantes de livros e havia uma secretária de mogno. Se estivesse sozinho, poderia ser um local aprazível para esperar.

Mas Keerin não mostrou sinais de querer partir. Aproximou-se de um serviço de prata, enchendo taças de vinho temperado com especiarias e regressou, entregando uma ao Homem Pintado.

— Também eu combati demónios e com alguma fama. Talvez tenhas ouvido uma canção que compus sobre o assunto, intitulada «Um Braço»?

O jovem Arlen teria fervido de raiva ao ouvir que Keerin continuava a apropriar-se do mérito pelos seus feitos, mas o Homem Pintado estava além de tais coisas.

— Ouvi, sim — respondeu, pousando uma mão sobre o ombro alto do Jogral. — É uma honra conhecer alguém tão bravo. Vem comigo esta noite e encontraremos um bando de demónios da rocha a quem mostraremos o Sol!

O convite fez Keerin empalidecer e a sua pele adquiriu uma tonalidade doentia. O Homem Pintado sorriu nas sombras do capuz. Afinal, talvez não estivesse tão além de tais coisas como julgara.

— Eu... hmm... agradeço o convite — gaguejou Keerin. — E sinto-me honrado, claro, mas os meus deveres para com o duque nunca o permitiriam.

— Compreendo — disse o Homem Pintado. — Ainda bem que não tinhas iguais responsabilidades quando salvaste a vida do rapaz na canção. Lembra-me o seu nome.

— Arlen Fardos — respondeu Keerin, recuperando a compostura e esboçando um sorriso treinado. Avançou, rodeando os ombros do Homem Pintado com um braço e falando-lhe em voz baixa. — De um matador de demónios para outro — disse — honrar-me-ia imortalizar as tuas façanhas em canção, se me concedesses uma curta entrevista depois de te ocupares dos teus assuntos com Sua Excelência.

O Homem Pintado voltou-se para ele, erguendo a cabeça e permitindo que a luz das lanternas léctricas lhe penetrasse no capuz. Keerin engoliu em seco e retirou o braço, afastando-se bruscamente.

— Não mato demónios pela glória, Jogral — rosnou, avançando para o pobre arauto que recuara até ficar com as costas coladas a uma estante, fazendo-a balouçar. — Mato demónios — curvou-se para ele — porque merecem morrer.

A mão de Keerin tremeu, entornando o vinho. O Homem Pintado deu um passo atrás e sorriu.

— Talvez possas escrever uma canção sobre isso — sugeriu.

Keerin não saiu, mas não voltou a falar e o Homem Pintado ficou-lhe agradecido.



O grande salão de Euchor era mais pequeno do que o Homem Pintado recordava, mas, mesmo assim, era impressionante, com os pilares altos suportando um tecto que parecia impossivelmente elevado. Estava pintado para se assemelhar ao céu azul, tendo ao centro um Sol radiante de raios entre o branco e o amarelo. Mosaicos cobriam o chão e tapeçarias revestiam as paredes. Havia espaço para acolher uma multidão, já que o duque ali organizava muitos bailes e festas, observando tudo do seu trono alto ao fundo do salão.

O duque Euchor aguardava no seu trono a aproximação do Homem Pintado. Atrás dele, sobre o estrado real, erguiam-se três mulheres cujas faces pouco atraentes, semelhantes à do duque, e vestidos caros cobertos com pedras preciosas deixavam claro tratar-se das suas filhas. Mãe Jone erguia-se ao fundo dos degraus do estrado, segurando uma prancha de escrita e uma caneta. À sua frente, estavam os mestres de associação Ragen e Malcum. Os dois homens, ambos Mensageiros aposentados, erguiam-se lado a lado com tranquilidade. Ragen sussurrou qualquer coisa a Malcum, que se riu, atraindo um olhar feroz de Jone.

Ao lado de Jone, viu o Protector Ronnell, Bibliotecário Real. E pai de Mery.

O Homem Pintado amaldiçoou-se. Devia ter esperado ver Ronnell. Se Mery lhe tivesse dito...

Mas, mesmo que o olhasse com interesse, os olhos de Ronnell não revelavam qualquer reconhecimento. O seu segredo estava seguro. Pelo menos, por enquanto.

Dois guardas fecharam a porta atrás deles e cruzaram as lanças sobre ela. «Criados», todos com pranchas de escrita, moviam-se do lado oposto dos pilares, sem atrapalhar enquanto o observavam atentamente.

De perto, Euchor engordara e envelhecera muito mais do que o Homem

Pintado recordava. Continuava a usar jóias em cada dedo anafado e uma fortuna em correntes de ouro ao pescoço, mas havia menos cabelo por baixo da coroa dourada. Outrora uma figura imponente, parecia agora mal conseguir erguer-se do trono sem ajuda.

— Duque Euchor, Luz das Montanhas e Senhor de Miln — entoou Keerin —, permiti que vos apresente o Homem Pintado, Mensageiro ao serviço do duque Rhinebeck, Guardião da Fortaleza da Floresta e Senhor de Angiers.

As palavras de Ragen vieram-lhe à memória, como sempre sucedia quando conhecia um duque. «Mercadores e realeza pisar-te-ão com todo o gosto se os deixares. Precisas de te comportar como um rei na sua presença e nunca esquecer quem arrisca a vida.»

Com esse conselho em mente, ergueu os ombros e avançou.

— Saudações, Excelência — disse, sem esperar que lhe dirigissem a palavra. A sua túnica ondulou ao curvar-se numa vénia graciosa. A audácia provocou um murmúrio, mas Euchor agiu como se não tivesse notado.

— Bem-vindo a Miln — disse o duque. — Ouvimos falar muito de ti. Confesso que era um dos que te julgava um mito. Por favor... — Simulou por gestos a remoção de um capuz imaginário.

O Homem Pintado baixou a cabeça e removeu o capuz, provocando exclamações de espanto em redor. Até Ragen conseguiu parecer adequadamente espantado.

Esperou, permitindo que o olhassem bem.

— Impressionante — disse Euchor. — As histórias não te fazem justiça. — Enquanto falava, os Guardadores de Ragen iniciaram o trabalho, molhando as canetas para copiar cada símbolo que viam sem atrair atenções.

Daquela vez, foi a voz de Cob que ouviu. «Forte Miln não é como o Ribeiro de Tibbet, rapaz. Aqui, as coisas custam dinheiro.» Não achou que conseguissem copiar grande coisa. Os símbolos aglomerados eram demasiado pequenos e estavam demasiado próximos. Mesmo assim, ergueu casualmente o capuz, sem nunca afastar os olhos do duque. A mensagem era clara. Os seus segredos tinham um preço.

Euchor olhou os Guardadores e a sua falta de subtileza motivou-lhe um esgar de desagrado.

— Trago uma mensagem do duque Rhinebeck de Angiers — disse o Homem

Pintado, erguendo o volume selado.

O duque ignorou o que disse.

— Quem és tu? — perguntou. — De onde és?

— Sou o Homem Pintado — respondeu. — Sou de Thesa.

— Esse nome não é proferido em Miln — advertiu o duque.

— Seja como for, é a verdade — replicou o Homem Pintado.

Euchor arregalou os olhos perante tamanha ousadia e recostou-se, pensativo. Euchor era diferente dos outros duques que o Homem Pintado encontrara nas suas viagens. Em Lakton e Rizon, o duque era pouco mais do que uma figura simbólica que dava voz aos desígnios do conselho da cidade. Em Angiers, Rhinebeck governava, mas era como se os seus irmãos e Janson tomassem tantas decisões como ele. Em Miln, todas as decisões cabiam a Euchor. Os seus conselheiros pertenciam-lhe e não o inverso. O facto de ter governado durante tanto tempo era prova da sua astúcia.

— Consegues realmente matar nuclitas com as mãos nuas? — perguntou.

O Homem Pintado voltou a sorrir.

— Como dizia ao vosso Jogral, Excelência, acompanhai-me além das muralhas depois do anoitecer e de bom grado o demonstrarei.

Euchor riu-se, mas era um riso forçado e a face redonda e vermelha perdeu a cor.

— Talvez noutra ocasião.

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

Euchor olhou-o durante muito tempo, como se tentasse decidir algo.

— Então? — perguntou, por fim. — És ou não?

— Excelência? — disse o Homem Pintado.

— O Libertador — explicou o duque.

— Certamente que não — troçou o Protector Ronnell, mas o duque fez um gesto rápido e silenciou-o de imediato.

— És? — voltou a perguntar.

— Não — respondeu o Homem Pintado. — O Libertador é uma lenda, nada mais. — Ronnell parecia querer falar, mas o bibliotecário olhou o duque e permaneceu em silêncio. — Sou apenas um homem que descobriu guardas há muito perdidas.

— Guardas de combate — disse Malcum, com olhos brilhantes. Além de

Ragen, era o único dos restantes ocupantes do salão a ter enfrentado nuclitas sozinho na noite e o seu interesse não surpreendia. A Associação dos Mensageiros pagaria qualquer preço para armar os seus homens com lanças e flechas guardadas.

— E como encontraste tais guardas? — perguntou Euchor.

— Muitos segredos se ocultam nas ruínas entre cidades — respondeu o Homem Pintado.

— Onde? — perguntou Malcum. O Homem Pintado limitou-se a sorrir, deixando em suspenso a sua curiosidade.

— Basta — disse Euchor. — Quanto ouro desejas pelas guardas?

O Homem Pintado abanou a cabeça.

— Não as venderei por ouro.

Euchor franziu o sobrolho.

— Poderia ordenar aos meus guardas que te persuadissem a fazê-lo — advertiu, indicando os dois que barravam a porta.

O Homem Pintado sorriu.

— Se o fizésseis, teríeis dois guardas a menos.

— Talvez — disse o duque. — Mas tenho muitos homens ao meu serviço. Talvez os suficientes para te imobilizar enquanto os meus Guardadores te copiam a pele.

— Nenhum dos símbolos que ostento permitirá guardar uma lança ou qualquer outra arma — mentiu o Homem Pintado. — Essas guardas estão aqui — levou o dedo à têmpora coberta pelo capuz.

— E não há homens suficientes em Miln para mas extraírem à força.

— Não teria tanta certeza — advertiu Euchor. — Mas vejo que pensaste num preço. Por isso, di-lo sem perder tempo.

— Uma coisa de cada vez — disse o Homem Pintado, passando a sacola de Rhinebeck a Jone. — O duque Rhinebeck solicita uma aliança para repelir a invasão krasiana que capturou Rizon.

— Claro que Rhinebeck se quer aliar — troçou Euchor. — Senta-se atrás de muralhas de madeira, sobre terras verdes que despertarão a cobiça das ratazanas do deserto. Mas que motivo terei eu para ir para a guerra?

— Invoca o Pacto — disse o Homem Pintado.

Euchor esperou enquanto Jone lhe trazia a carta, retirando-lha das mãos e

lendo-a rapidamente. Franziu a testa e amarrotou-a.

— Rhinebeck já violou o Pacto — rosnou — quando tentou reconstruir Ponteflúvia do seu lado do rio. Que paguem as portagens dos últimos quinze anos e, então, talvez pense na segurança da sua cidade.

— Excelência — disse o Homem Pintado, contendo o impulso de saltar sobre o estrado e estrangular o homem. — A questão de Ponteflúvia terá de ser resolvida noutro dia. Esta ameaça ergue-se contra os dois povos, muito além de qualquer disputa mesquinha.

— Mesquinha?! — repetiu o duque. Ragen abanou a cabeça e, de imediato, o Homem Pintado se arrependeu da palavra escolhida. Nunca fora tão dotado para o trato com a realeza como o seu mentor.

— Os krasianos não vêm cobrar impostos, Excelência — insistiu. — Podemos estar certos de que virão para matar e violar até recrutarem todas as terras do Norte para o seu exército.

— Não receio ratazanas do deserto — disse Euchor. — Que venham e se quebrem contra as minhas montanhas! Que cerquem estas terras geladas e vejam se as suas guardas de areia são eficazes contra demónios da neve, enquanto morrem de fome fora das minhas muralhas.

— E quanto aos vossos povoados? — perguntou o Homem Pintado. — Também os sacrificareis?

— Conseguirei defender o meu ducado sem ajuda — disse Euchor. — Existem livros sobre ciências bélicas na minha biblioteca, planos para a construção de armas e engenhos que conseguirão vencer os selvagens com pouco custo para o nosso lado.

— Se me permitis que use da palavra, Excelência — disse o Protector Ronnell, atraindo todas as atenções. Curvou-se demoradamente e, quando Euchor acenou com a cabeça, subiu os degraus do estrado e baixou-se para sussurrar.

A audição apurada do Homem Pintado captou cada palavra murmurada.

— Excelência, será sensato fazer regressar tais segredos ao mundo? — perguntou o Protector. — Foram as guerras entre os homens que trouxeram a Praga.

— Preferias uma praga de krasianos? — silvou Euchor. — Que será dos Protectores do Criador se chegarem os seguidores do Evejah?

Ronnell hesitou.

— O vosso argumento é incontestável, Excelência. — Afastou-se, depois de mais uma vénia.

— O Divisor é vosso — disse o Homem Pintado. — Mas quanto tempo conseguirá Miln sobreviver sem cereal, peixe e madeira do Sul? As Hortas Reais poderão abastecer o vosso forte, mas, quando o resto da cidade começar a sofrer a fome, arrancar-vos-ão às vossas muralhas.

Euchor rosnou, mas não respondeu de imediato.

— Não — disse, por fim. — Não enviarei soldados milneses para morrer no Sul em nome de Rhinebeck sem uma compensação.

A sua mesquinhez fez o Homem Pintado ferver por dentro, mas não foi inesperado. Passava a ser apenas uma questão de negociação.

— O duque Rhinebeck autorizou-me a fazer algumas concessões –
disse. — Não retirará a sua gente da sua metade de Ponteflúvia, mas entregará cinquenta por cento dos valores cobrados na portagem durante um período de dez anos, em troca do vosso auxílio.

— Apenas metade durante uma década? — troçou Euchor. — Isso mal servirá para pagar as rações dos soldados.

— Há espaço para negociação, Excelência — disse o Homem Pintado.

Euchor abanou a cabeça.

— Não basta. Nem de longe. Se Rhinebeck deseja a minha ajuda, quero isso e algo mais.

O Homem Pintado inclinou a cabeça.

— Que desejais, Excelência?

— Rhinebeck ainda não conseguiu gerar um herdeiro, não é? — perguntou Euchor, sem rodeios. Mãe Jone abriu a boca de espanto e os outros homens presentes pareceram agitados pelo tópico inconveniente.

— Tal como Vossa Excelência — respondeu o Homem Pintado, lutando com palavras que Euchor silenciou.

— Tenho netos — disse Euchor. — A minha linhagem está segura.

— Com o vosso perdão, mas que tem isso a ver com uma aliança? –
perguntou o Homem Pintado.

— Se Rhinebeck a deseja, terá de casar com uma das minhas filhas –
disse Euchor, olhando para as mulheres pouco atraentes atrás do seu trono. — Com o valor da portagem da ponte como oferenda de promessa.

— As vossas filhas não são todas Mães? — perguntou o Homem Pintado, confuso.

— Assim é — respondeu Euchor. — Parideiras comprovadas. Todas geraram filhos, mas continuam na flor da idade.

O Homem Pintado voltou a olhar as mulheres. Não pareciam na flor de nada, mas não comentou.

— O que desejava perguntar, Excelência, era se não são todas casadas.

Euchor encolheu os ombros.

— Com membros menores da realeza. Posso anular os seus votos com um aceno da mão. E qualquer uma delas aceitaria sentar-se no trono ao lado de Rhinebeck e dar-lhe um filho. Permitirei mesmo que escolha qual deseja desposar.

«Rhinebeck morrerá antes que tal aconteça», pensou o Homem Pintado. «Não haverá aliança.»

— Não fui autorizado a negociar tais assuntos — disse.

— Claro que não — concordou Euchor. — Porei a oferta por escrito hoje mesmo e enviarei o meu arauto à corte de Rhinebeck para a apresentar pessoalmente.

— Excelência — guinchou Keerin, novamente pálido. — Certamente, precisareis de mim aqui para...

— Irás a Angiers ou serás lançado da minha torre — rosnou Euchor.

Keerin curvou-se, tentando camuflar a expressão com uma máscara de Jogral, apesar de o pânico continuar notório.

— Será uma honra, se for libertado dos meus deveres locais.

Euchor grunhiu e voltou-se novamente para o Homem Pintado.

— Ainda não me deste um preço pelas guardas de combate.

O Homem Pintado sorriu e levou a mão à sacola, extraindo um compêndio de páginas cosidas à mão e encadernadas a couro.

— Por estas?

— Pensei que tivesses dito que não estavam contigo — disse Euchor.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

— Menti.

— O que queres por elas? — voltou a perguntar o duque.

— Guardadores e mantimentos enviados para Ponteflúvia com o vosso arauto

no caminho para Angiers — respondeu o Homem Pintado. — Juntamente com uma proclamação real, aceitando todos os refugiados da margem oposta do Divisor sem portagem e com garantia de comida, tecto e abrigo durante o Inverno.

— Tudo isso por um livro de guardas? — perguntou Euchor.

— Ridículo!

O Homem Pintado encolheu os ombros.

— Se desejais comprar as guardas que vendi a Rhinebeck, será melhor que negocieis em breve com ele, antes que os krasianos lhe reduzam a cidade a cinzas.

— A Associação dos Guardadores suportará os custos, Excelência — disse Ragen, no momento certo.

— A Associação dos Mensageiros também — acrescentou prontamente Malcum.

Os olhos de Euchor estreitaram-se quando olhou os dois homens e o Homem Pintado soube que ganhara. Euchor sabia que, se recusasse, os mestres de associação tomariam a iniciativa de comprar as guardas e escapar-lhe-ia o controlo do maior avanço na magia desde a Primeira Guerra Demoníaca.

— Nunca pediria tal coisa às minhas associaçãos — disse o duque. — A coroa suportará a despesa. Afinal — acenou com a cabeça ao Homem Pintado —, o mínimo que Miln poderá fazer será acolher os sobreviventes que fizerem a longa viagem até ao Norte. Desde que, obviamente, façam um juramento de lealdade.

O Homem Pintado franziu a testa, mas acenou afirmativamente e, após um gesto de Euchor, o Protector Ronnell avançou e recebeu o livro das suas mãos. Malcum olhou-o com avidez.

— Aceitarás o abrigo da caravana para Angiers? — perguntou o duque, tentando esconder o desejo de se ver livre do Homem Pintado.

Este abanou a cabeça.

— Agradeço-vos, Excelência, mas sou o meu próprio abrigo. — Curvou-se e, sem ser dispensado, voltou-se e saiu.



Foi simples livrar-se dos homens que Euchor encarregou de o seguirem. A

cidade iniciara o seu alvoroço matinal e as ruas estavam apinhadas quando o Homem Pintado se dirigiu para a Biblioteca Ducal. Parecia apenas mais um Protector ao subir os degraus de mármore do maior edifício de Thesa.

Como sempre, a Biblioteca Ducal enchia-o de júbilo e mágoa em simultâneo. No seu interior, Euchor e os seus antepassados tinham reunido cópias de quase todos os livros do mundo antigo que tinham sobrevivido aos incêndios das bibliotecas provocados pelos demónios da chama durante o Regresso. Ciência. Medicina. Magia. História. Tudo. Os duques de Miln tinham reunido todo esse conhecimento, trancando-o longe de olhares curiosos, negando a toda a humanidade os seus benefícios.

Como aprendiz de Guardador, o Homem Pintado guardara as estantes e o restante mobiliário da Biblioteca, conseguindo um lugar permanente no livro de acesso aos arquivos. Claro que não desejava revelar a sua identidade, mesmo a um acólito secretário, mas o que procurava não se encontrava nas estantes. Depois de entrar no edifício, ocultou a sua presença e percorreu uma passagem lateral.

Aguardava no gabinete do Protector Ronnell quando o bibliotecário regressou, trazendo consigo o compêndio de guardas de combate. A princípio, Ronnell não deu pela sua presença, apressando-se a trancar a porta depois de entrar. Respirou de alívio, voltando-se e segurando o livro à sua frente.

— É estranho que Euchor te confie o livro a ti e não ao chefe da sua Associação de Guardadores, que seria mais capaz de o decifrar — disse o Homem Pintado.

Ronnell guinchou ao ouvi-lo e cambaleou para trás. Arregalou ainda mais os olhos quando viu quem se erguia à sua frente. A mão traçou uma guarda rápida no ar.

Quando se tornou claro que o Homem Pintado não pretendia atacar, o Protector endireitou-se e recompôs-se.

— Sou perfeitamente qualificado para decifrar este livro. As guardas fazem parte dos estudos de um acólito. O mundo poderá não estar preparado para o que o livro contém. Sua Excelência ordenou-me que o avaliasse.

— É essa a tua função, Protector? Decidir para que estará preparada a humanidade? Como se tu ou Euchor tivessem o direito de negar aos homens a possibilidade de lutar contra os nuclitas?

Ronnell roncou de desprezo.

— Não falas como alguém que tenha vendido as guardas a preço elevado em vez de as dar livremente.

O Homem Pintado aproximou-se da secretária de Ronnell. A superfície estava impecavelmente limpa e desimpedida, à excepção de uma lanterna, um conjunto de escrita em mogno e um suporte de latão, suportando a cópia pessoal do Cânone que pertencia ao Protector. Ergueu o livro com casualidade e os seus ouvidos captaram uma inspiração ultrajada do Protector, mas o homem não disse nada.

O livro encadernado a couro estava gasto e com a tinta esbatida. Não se destinava apenas a decoração. Era um guia muitas vezes consultado e os seus mistérios mereciam meditação frequente. Ronnell ordenara a Arlen que lesse aquela mesma cópia durante o tempo que passou na Biblioteca, mas não partilhava a sua fé no livro, pois assentava sobre duas premissas que não poderia aceitar: a existência de um Criador omnipotente e o facto de os nuclitas integrarem o Seu plano, como castigo pelos pecados da humanidade.

Na sua mente, o livro era um dos principais responsáveis pelo estado lastimoso a que chegara a humanidade, receosa e fraca quando devia erguer-se com coragem. Sempre receosa e nunca esperançosa. Mas, apesar disso, muitos dos sentimentos contidos no Cânone sobre irmandade e igualdade dos homens eram crenças profundas do Homem Pintado.

Folheou o livro até encontrar uma passagem específica e começou a ler:

«Não existe homem na criação que não seja teu irmão
Mulher que não seja tua irmã ou filho que não seja teu
Pois todos sofrem com a Praga, sejam justos ou pecadores
E todos deverão unir-se para suportar a noite.»

O Homem Pintado fechou o livro com um ruído que fez saltar o bibliotecário.

— Que preço pedi pelas guardas, Protector? Que Euchor ajudasse os indefesos que lhe surgissem à porta? De que forma lucrarei com isso?

— Poderás estar aliado com Rhinebeck — sugeriu Ronnell. — Pago para te livrares de mendigos que se tenham tornado um problema a sul do Divisor.

— Ouve as tuas palavras, Protector! — disse o Homem Pintado.
— A procurar desculpas para não seguir o teu Cânone!

— Por que vieste? — perguntou Ronnell. — Poderias entregar as guardas a todos os milneses, se assim desejasses.

— Já o fiz — disse o Homem Pintado. — Nem tu nem Euchor conseguirão suprimi-las.

Ronnell arregalou os olhos.

— Por que me dizes isso? Keerin não parte até amanhã. Poderia ainda recomendar ao duque que renegasse a promessa de conceder abrigo aos refugiados.

— Mas não o farás — disse o Homem Pintado, voltando a pousar o Cânone no suporte.

Ronnell franziu o sobrolho.

— Que queres de mim?

— Saber mais sobre as máquinas de guerra que Euchor referiu — disse.

Ronnell inspirou profundamente.

— E se recusar dizer-te o que desejas saber?

O Homem Pintado encolheu os ombros.

— Nesse caso, irei procurar sozinho nos livros.

— Os arquivos são proibidos a quem não for portador do selo do duque — disse Ronnell.

O Homem Pintado baixou o capuz.

— Até a mim?

Ronnell olhou, maravilhado, a sua pele pintada. Permaneceu em silêncio durante longo tempo e, quando falou, recitou um versículo do Cânone.

— «Porque estará marcado na sua carne...»

— «E os demónios não suportarão a sua presença e fugirão, aterrorizados, diante dele» — completou o Homem Pintado. — Obrigaste-me a decorar esta passagem no ano em que guardei as estantes.

Ronnell fitou-o durante um longo momento, tentando ver além das guardas e dos anos. Subitamente, o reconhecimento iluminou-lhe o olhar.

— Arlen? — perguntou.

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

— Deste a tua palavra quando me autorizaste a entrada para toda a vida — recordou ao bibliotecário.

— Claro, claro... — começou Ronnell, mas silenciou-se. Abanou a cabeça,

como se pretendesse clarear as ideias. — Como pude não ver? — murmurou.

— Ver o quê? — perguntou o Homem Pintado.

— Ver-te a ti. — Ronnell caiu de joelhos. — És o Libertador, enviado para pôr fim à Praga!

O Homem Pintado franziu a testa.

— Não disse tal coisa. Conheceste-me quando era apenas um rapaz! Era determinado e impulsivo. Nunca pus os pés num templo. Cortejei a tua filha e, a seguir, parti e quebrei a nossa promessa. –

Aproximou-se do Protector. — E comerei merda de demónio antes de acreditar que a humanidade merece a «Praga».

— Claro que não acreditarás — concordou Ronnell. — O Libertador terá de acreditar no contrário.

— Não sou o maldito Libertador! — gritou o Homem Pintado. Mas, daquela vez, o bibliotecário não estremeceu, arregalando os olhos de espanto.

— És — disse Ronnell. — É a única forma de explicar os teus milagres.

— Milagres? — repetiu o Homem Pintado incrédulo. — Fumaste tampereira, Protector? De que milagres falas?

— Keerin pode cantar tanto quanto lhe apetecer que foste encontrado na estrada, mas ouvi a minha versão da história a mestre Cob — disse Ronnell. — Cortaste o braço àquele demónio da rocha e, quando fracturou a muralha, foste tu quem conseguiu atraí-lo à armadilha dos Guardadores.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

— E então? Qualquer um com conhecimentos básicos de guardas poderia ter feito o mesmo.

— Não me ocorre ninguém que conseguisse — disse Ronnell. — E tinhas apenas onze verões quando mutilaste o demónio, sozinho na noite desprotegida.

— Teria morrido com os meus ferimentos se Ragen não me tivesse encontrado — disse o Homem Pintado.

— Sobreviveste durante várias noites até o Mensageiro chegar — disse Ronnell. — O Criador tê-lo-á enviado para pôr fim à tua provação.

— Que provação? — perguntou o Homem Pintado. Ronnell ignorou-o.

— Um rapaz mendigo encontrado na estrada — disse o bibliotecário. — E, mesmo assim, trouxeste novas guardas a Miln e revitalizaste a arte antes mesmo de concluíres o aprendizado! — Falou como se visse cada acontecimento sob

nova luz, como peças anteriormente em falta de um grande *puzzle*. — Guardaste a Biblioteca Sagrada — disse, espantado, apontando. — Um rapaz. Um mero aprendiz. E permiti-te que guardasses o edifício mais importante do mundo.

— Apenas o mobiliário — disse o Homem Pintado.

Ronnell acenou afirmativamente, como se acabasse de encaixar outra peça.

— O Criador quis-te aqui, na Biblioteca. Os seus segredos foram recolhidos para ti!

— Tolice — considerou o Homem Pintado.

Ronnell ergueu-se.

— Por favor, sobe o capuz — disse, aproximando-se da porta.

O Homem Pintado olhou-o por um momento, antes de obedecer. Ronnell levou-o do seu gabinete ao arquivo principal, percorrendo o labirinto de estantes com a ligeireza de um homem que se movesse pela sua casa ao ouvir o silvo de uma chaleira sobre o lume.

O Homem Pintado moveu-se com idêntica velocidade. Após guardar cada estante e banco no edifício, a sua disposição ficara-lhe gravada na mente. Depressa chegaram a um arco bloqueado por uma corda. Um acólito encorpado mantinha-se de pé diante dele para permitir a passagem e, sobre ele, as letras AR tinham sido gravadas na pedra.

No interior, situavam-se os livros mais valiosos do arquivo, cópias originais de livros que datavam de períodos anteriores ao Regresso. Eram mantidas atrás de vidro e raramente eram tocadas, pois há muito se haviam feito outras cópias. A secção AR continha também incontáveis fileiras de manuais, tratados filosóficos e histórias que os bibliotecários, sempre devotos Protectores do Criador, haviam considerado impróprias até para os académicos de Miln.

O Homem Pintado deleitara-se com a sua consulta na juventude, quando os acólitos que patrulhavam as estantes censuradas não estavam por perto. Roubara mais de um romance censurado ou história não alterada para ler durante uma noite, devolvendo o texto antes que alguém notasse a sua ausência.

O acólito curvou-se quando o Protector se aproximou e Ronnell conduziu-o a uma das estantes censuradas. Havia literalmente milhares de livros, mas o Bibliotecário Ducal conhecia de cor cada volume e não abrandou para ler os títulos na lombada antes de escolher um volume. Voltou-se e passou-o ao Homem Pintado. A capa pintada à mão dizia: «Armmas do Mundo Antyguo».

— A Era da Ciência gerou armas terríveis — disse Ronnell.

— Armas capazes de matar centenas ou mesmo milhares de homens. Não admira que o Criador se tenha enfurecido connosco.

O Homem Pintado ignorou o comentário.

— Euchor procurará reconstruí-las?

— As mais terríveis estão além da nossa capacidade, exigindo vastas refinarias e energia léctrica — disse Ronnell. — Mas há muito que ainda poderá ser construído por qualquer homem com acesso a simples química e a uma forja. Esse livro — apontou o volume nas mãos do Homem Pintado — é um relato detalhado dessas armas e dos seus métodos de construção. Leva-o.

O Homem Pintado ergueu uma sobrancelha.

— Que fará Euchor quando souber que desapareceu?

— Ficará irado e exigirá que o recrie a partir dos textos originais –

disse Ronnell, indicando as estantes protegidas com vidro. Vidro que o próprio Homem Pintado guardara.

O Protector Ronnell seguiu-lhe o olhar.

— Quando a Associação dos Guardadores começou a guardar vidro, deixei-as no exterior durante a noite. As tuas guardas tornaram estas estantes indestrutíveis. Outro milagre.

— Não deverás dizer a ninguém quem fui — disse o Homem Pintado. — Colocarias em perigo todos os que alguma vez conheci.

Ronnell acenou afirmativamente.

— Por agora, basta que eu saiba.

Se não tivesse dito a Ronnell quem era, Mery tê-lo-ia feito, mas nunca esperara que um homem tão zeloso acreditasse honestamente que ele, Arlen Fardos, era o Libertador. O Homem Pintado franziu a testa ao guardar o livro na sacola.



Era a última noite da lua nova quando o demónio da mente seguiu o Homem Pintado até Forte Miln. O príncipe nuclita conseguia erguer-se apenas nas noites mais escuras do ciclo, mas não demorou a localizar o rasto da sua presa, seguindo um odor que permanecia no ar depois da sua passagem. Era um odor intrigante, não totalmente humano e aquecido por magia roubada ao Núcleo.

Montado sobre o seu mimético alado, o demónio da mente olhou a rede que cobria o covil humano. As muralhas tinham guardas poderosas, mas havia grandes vãos nas linhas de magia que se entrelaçavam sobre os telhados. Um demónio alado, incapaz de ver a rede a não ser que fosse activada, poderia apenas achar um vão por acidente, mas, para o príncipe nuclita, o padrão era claro e guiou o seu mimético até à entrada na cidade.

Portadas cobriam as janelas, as ruas permaneciam escuras e silenciosas. O demónio da mente sentiu a atracção das guardas de cada casa à medida que estas tentavam sugar-lhe a magia, mas o mimético deslocava-se com tamanha velocidade que não conseguiram fazê-lo. Redes de guardas atabalhoadas espalhavam-se pela cidade, mas o príncipe nuclita evitava-as com a facilidade com que um homem contornaria uma poça de água.

Percorreram a cidade, seguindo o rasto invisível no ar. Pararam junto a um grande forte, mas, após farejarem o portão, tornou-se claro que não seria aquele o seu destino final. A seguir, chegaram a um edifício gigantesco cujas guardas eram tão poderosas que o príncipe nuclita silvou, como se sentisse a sua atracção à distância. Era costumeiro que existisse um local como aquele no centro de cada covil e eram locais que deveriam ser evitados, sobretudo porque a sua presa não permanecera ali. Um rasto mais fresco partia do edifício.

O rasto conduzia a outra parede guardada, esta construída com esmero e sem falhas. As guardas não se destinavam às suas castas, mas o príncipe nuclita soube que se activariam mesmo assim e causariam grande dor se atravessasse a rede com o seu mimético. O demónio teve de desactivar algumas das guardas para poder passar a barreira em segurança.

Avançaram em silêncio até à moradia e, pela janela, o demónio da mente avistou por fim a presa. Os que o acompanhavam eram criaturas aborrecidas e baças, mas o que guardara a carne brilhava ferozmente com magia roubada.

Com ferocidade demasiada. O príncipe nuclita contava milhares de anos de idade e era uma criatura de cautela, ponderação e acção segura e decidida. Embrenhado num covil, não conseguiria invocar subalternos para atacar e não lhe agradaria perder o seu mimético. Tendo visto o humano, não restava dúvida de que precisaria de morrer, mas existiriam melhores hipóteses nos ciclos vindouros, quando estivesse menos protegido. Além disso, permaneciam questões por responder sobre o seu poder.

Aproximou-se da janela, absorvendo os grunhidos e gestos rudes dos humanos.



— «Teríeis dois guardas a menos»? — repetiu Ragen com uma gargalhada profunda. — Pensei que Euchor explodiria ali mesmo! Disse-te que te comportasses como um rei, não como um krasiano suicida!

— Não esperava que exigisse um casamento — disse o Homem Pintado.

— Euchor sabe muito bem que não gerará um herdeiro directo — disse Ragen. — Por isso, é sensato fazer sair da cidade pelo menos uma das suas filhas antes que destruam Miln na luta pelo trono. Independentemente de qual seja a escolhida de Rhinebeck, será provável que veja com bons olhos a saída e a hipótese de sentar um filho seu no trono de Angiers.

— Rhinebeck nunca aceitará — disse o Homem Pintado.

Ragen abanou a cabeça.

— Dependerá da ameaça dos krasianos — disse. — Se for tão grave como dizes, poderá não ter escolha. Partilharás o livro de armamentos de Euchor com ele?

O Homem Pintado abanou a cabeça.

— Não tenho qualquer interesse na política ducal ou em auxiliar homens de Thesa a matarem-se uns aos outros com os krasianos nas nossas terras e os nuclitas a golpear as guardas. Interessa-me mais voltar estas armas contra os nuclitas, se puder ser feito.

— Não surpreende que Ronnell acredite que és o Libertador — disse Ragen.

O Homem Pintado olhou-o, com severidade.

— Não me olhes assim — disse-lhe Ragen. — Não acredito mais do que tu. Pelo menos, não acredito que sejas divino. Mas talvez seja natural que, no momento certo, um homem com força de vontade suficiente surja para guiar os restantes.

O Homem Pintado abanou a cabeça.

— Não quero guiar ninguém. Quero apenas que as guardas de combate se dispersem o suficiente para nunca mais se perderem. Que os homens se guiem a si mesmos.

Aproximou-se da janela e olhou o céu além das cortinas.

— Partirei com a primeira luz, para que ninguém perceba que...

Quase lhe escapou, por olhar o céu e não o chão. Foi apenas um vislumbre, desaparecendo antes de poder olhá-lo com atenção, mas o brilho captado pelos seus olhos guardados era inconfundível.

Havia um demónio no pátio.

Voltou-se e correu pela porta, despindo a túnica e deixando-a cair no chão de mármore ao correr. Elissa não conseguiu evitar um gemido de espanto ao ver o que fazia.

— Arlen, o que foi? — gritou.

Ignorou-a, erguendo a tranca da pesada porta de carvalho e abrindo-a como se não pesasse nada. Saiu para o pátio, olhando em redor, freneticamente.

Nada.

Ragen chegou à porta no instante seguinte, erguendo uma lança e um escudo guardado no braço.

— Que viste? — perguntou.

O Homem Pintado voltou-se lentamente, sem sair do sítio, olhando o pátio à procura de sinais de magia e forçando os restantes sentidos a captar qualquer indício que confirmasse o que vira.

— Há um demónio no pátio — disse. — Um demónio poderoso. Fica atrás das guardas.

— O mesmo conselho se aplica a ti — gritou Elissa. — Vem para dentro antes que o meu coração pare.

O Homem Pintado ignorou-a, caminhando pelo pátio, atento. Havia casas de criados dentro das muralhas de Ragen, bem como os seus jardins, hortas e estábulos. Muitos esconderijos. Deambulou pela escuridão, vendo tudo com perfeita claridade, melhor até do que conseguiria com a luz do Sol.

Sentia uma presença no ar, como o resquício de um fedor, mas era insubstancial e impossível de definir. Retesou os músculos, preparado para atacar a qualquer instante.

Mas não havia nada. Procurou por toda a parte e não encontrou nada. A sua imaginação tê-lo-ia traído?

— Alguma coisa? — perguntou Ragen, quando regressou. O mestre de associação mantinha-se atravessado na porta, seguro atrás das guardas, mas pronto para investir se fosse necessário.

— Nada — respondeu o Homem Pintado, encolhendo os ombros. — Talvez tenha imaginado.

Ragen grunhiu.

— Ninguém será nucleado por excesso de cautela.

O Homem Pintado segurou a lança de Ragen quando voltaram a entrar. Uma lança de Mensageiro era a sua companheira fiel na estrada, e a de Ragen, apesar de não ser Mensageiro há quase uma década, continuava afiada e bem oleada.

— Deixa-me guardar isto antes de partir — disse. Olhou para fora. — E verifica a rede de guardas pela manhã. — Ragen respondeu com um aceno afirmativo.

— Tens de partir tão cedo? — perguntou Elissa.

— A minha presença na cidade atrai demasiada atenção e não quero que essa atenção conduza alguém até aqui — disse o Homem Pintado. — Será melhor que parta antes do amanhecer e saia pelos portões da cidade assim que abram.

Elissa não pareceu agradada, mas abraçou-o com força e beijou-o.

— Esperamos voltar a ver-te antes que passe outra década — advertiu.

— E verão — prometeu o Homem Pintado. — Juro.



O Homem Pintado sentia-se melhor do que se sentira em muitos anos quando se despediu de Ragen e Elissa pouco antes do amanhecer. Recusaram-se a dormir e ficaram acordados com ele durante a noite, informando-o acerca do que acontecera em Miln desde a sua partida e pedindo-lhe pormenores da sua vida. Contou-lhes as suas primeiras aventuras, mas nunca referiu o tempo passado no deserto, quando Arlen Fardos morrera e o Homem Pintado nascera. Nem os anos que se seguiram.

Mesmo assim, teve histórias suficientes para ocupar toda a noite e não as esgotou. Quase não conseguiu partir antes do toque do amanhecer e teve de cavalgar para se afastar o suficiente da mansão para não atrair suspeitas quando as pessoas começaram a abrir portas e janelas guardadas.

Sorriu. Seria provável que o plano de Elissa fosse fazê-lo perder o toque, forçando-o a ficar mais um dia, mas nunca conseguira prendê-lo.

Os guardas ainda se espreguiçavam quando chegou, mas os portões estavam

abertos.

— Parece que todos acordaram cedo hoje — disse um deles, quando passou.

O Homem Pintado pensou no que significaria, mas passou a colina onde conhecera Jaik e encontrou aí o seu amigo, sentado sobre uma grande rocha.

— Parece que cheguei a tempo — disse Jaik. — Tive de violar o recolher obrigatório para o conseguir.

O Homem Pintado desmontou e aproximou-se dele. Jaik não deu sinais de querer erguer-se ou estender a mão. Por isso, sentou-se a seu lado.

— O Jaik que conheci nesta colina nunca violaria o recolher.

Jaik encolheu os ombros.

— Não tive grande escolha. Sabia que tentarias partir com a primeira luz.

— O criado de Ragen não te levou as minhas cartas? — perguntou o Homem Pintado.

Jaik puxou por um maço e atirou-o ao chão.

— Não sei ler. Sabe-lo bem.

O Homem Pintado suspirou. Na verdade, esquecera-o.

— Procurei-te pessoalmente — explicou. — Não esperava encontrar Mery e não desejou que ficasse.

— Eu sei — disse Jaik. — Procurou-me no moinho em lágrimas. Contou-me tudo.

O Homem Pintado baixou a cabeça.

— Lamento.

— Bem podes lamentar — disse Jaik. Permaneceu em silêncio durante algum tempo, olhando a terra que se alongava diante dos seus olhos. — Sempre soube que ela apenas me aceitou porque não te podia ter — disse, por fim. — Só um ano depois de teres partido, passou a ver-me como algo mais do que um ombro para chorar. Passaram mais dois antes de aceitar ser minha mulher e outro ainda até expressarmos os votos. Mesmo nesse dia, sustinha a respiração, esperando que chegasses e interrompesses a cerimónia. Noite. Eu próprio quase desejei que o fizesses. — Voltou a encolher os ombros. — Não posso culpá-la. Casava com alguém de classe inferior. Não tenho educação e não tenho grande figura. Havia um motivo para te seguir quando éramos pequenos. Sempre foste melhor do que eu em tudo. Nem sequer era digno de ser o teu Jogral.

— Jaik, não sou melhor do que tu — disse o Homem Pintado.

— Sim. Vejo-o agora — afirmou Jaik. — Sou melhor marido do que tu algum dia poderias ter sido. E sabes porquê? Porque, ao contrário de ti, eu estava presente quando ela precisou de mim.

O Homem Pintado franziu o sobrolho e esqueceu o arrependimento. Aceitaria fúria e mágoa a Jaik, mas a condescendência no seu tom de voz queimava.

— É esse o Jaik que recordo — disse. — Aparece e faz o menos possível. Ouvi dizer que o pai de Mery teve de cobrar favores no moinho para conseguirem mudar-se de casa dos teus pais.

Mas Jaik manteve-se firme.

— Estava lá quando precisou de mim aqui — exclamou, apontando a têmpora. — E também aqui! — apontou o coração. — A tua cabeça e o coração andaram sempre distantes. — Abarcou o horizonte com um gesto do braço. — Por que não voltas para lá? Ninguém precisa de ser libertado aqui.

O Homem Pintado acenou afirmativamente, voltando a montar Dançarino do Ocaso.

— Cuida de ti, Jaik. — E partiu.

Vinte e Quatro

Irmãos na Noite

333 DR Primavera

– EI! CUIDADO COM OS SOLAVANCOS. Estou a afinar! — gritou Rojer à medida que a carroça percorria e estrada. Limpara e envernizara cuidadosamente o violino antigo que o Homem Pintado lhe dera e comprara cordas novas e caras na Associação dos Jograis. O seu velho violino pertencera a mestre Jaycob e o fabrico pouco cuidado obrigava-o a afiná-lo constantemente. Antes disso, usara o violino de Arrick, que era melhor, apesar dos muitos anos de uso e de estar já demasiado gasto mesmo antes de Jasin Tom-Dourado e os seus aprendizes o terem destruído.

Aquele, resgatado a uma ruína esquecida, era completamente diferente. O braço e o corpo curvavam-se de forma diferente daquilo a que Rojer estava habituado, mas o trabalho era excelente e a madeira sobrevivera aos séculos como se fossem dias. Um violino digno de um duque.

— Desculpa, Rojer — disse Leesha. — Mas a estrada parece não se importar com a tua afinação. Não sei o que lhe deu.

Rojer deitou-lhe a língua de fora, voltando lentamente a última cravelha entre o polegar e o indicador da mão mutilada, enquanto o polegar da outra mão dedilhava uma corda.

— Consegui! — gritou, por fim. — Pára a carroça!

— Rojer, temos quilómetros a percorrer antes que anoiteça — disse Leesha. Rojer sabia que cada momento longe do Outeiro lhe doía, preocupada com os seus habitantes como uma mãe se preocuparia com os filhos.

— Só por um minuto — implorou Rojer. Leesha obedeceu, contrariada. Gared e Wonda também pararam, olhando-os com curiosidade.

Rojer ergueu-se sobre o banco do condutor, brandindo o violino e o arco. Prendeu o instrumento sob o queixo e acariciou as cordas com o arco, fazendo-as vibrar.

— Ouçam isto — maravilhou-se. — Doce como mel. O violino de Jaycob é um brinquedo por comparação.

— Se o dizes, Rojer — disse Leesha.

Rojer franziu a testa por um momento e, logo a seguir, retirou importância à sua indiferença com um acenar do arco. Com os dois dedos que lhe restavam bem afastados, o arco ajustava-se à sua mão como se fizesse parte dela, enquanto o fazia dançar sobre as cordas. Fez a música erguer-se do violino, elevando-o num turbilhão musical.

Conseguia sentir o medalhão de Arrick confortavelmente encostado ao peito, escondido sob a túnica multicolorida. Deixara de despertar memórias dolorosas e passara a ter um peso confortável, sendo uma forma de honrar os que tinham dado a vida por ele. Erguia-se com maior verticalidade, sabendo que ali estava.

Não era o primeiro talismã que Rojer trazia consigo. Durante anos, guardara uma boneca de madeira e cordel com uma madeixa do cabelo do seu mestre num bolso secreto na cintura das suas calças multicoloridas. Antes disso, fora uma boneca representando a mãe, com uma madeixa do seu cabelo ruivo.

Mas, com o medalhão, Rojer sentia que tanto Arrick como os seus pais zelavam por ele e falava-lhes através do violino. Tocou o seu amor, a sua solidão e o seu arrependimento. Contou-lhes tudo o que nunca conseguira dizer em vida.

Quando terminou, por fim, Leesha e os outros fitavam-no, com olhos vidrados como os de demónios encantados. Só após alguns momentos de silêncio abanaram as cabeças e voltaram a si.

— Nunca ouvi nada tão bonito — disse Wonda. Gared grunhiu e Leesha retirou um lenço do bolso, secando os olhos.

O resto da viagem para o Outeiro do Libertador foi animado com música. Rojer tocava sem cessar, sempre que não tinha as mãos ocupadas com outra tarefa. Sabia que regressavam aos mesmos problemas que haviam deixado, mas com a promessa de auxílio do duque e da Associação dos Jograis, bem como o conforto do medalhão à volta do pescoço, alimentava nova esperança de que os seus

problemas pudessem ser resolvidos.



Estavam ainda a um dia de distância do Outeiro quando a estrada se encheu com refugiados, muitos dos quais com tendas e círculos de guardas montados no meio do caminho. Leesha percebeu imediatamente que eram laktonianos, pois eram gente corpulenta, baixa e de face redonda e erguiam-se como se estivessem mais habituados ao convés de um barco do que a terra firme.

— O que aconteceu? — perguntou Leesha à primeira pessoa que se aproximou, uma jovem mãe que embalava uma criança chorosa. A mulher olhou-a com olhar vazio e confuso enquanto Leesha descia da carroça. A seguir, notou o avental com bolsos e a luz regressou-lhe.

— Por favor — disse, estendendo a criança. — Acho que está doente.

Leesha recebeu o bebé nos braços e tacteou-o com dedos experientes para verificar o pulso e a temperatura. Após um momento, aninhou-o na curva de um braço e enfiou-lhe o nó de um dedo na boca. A criança silenciou-se de imediato, sugando com vigor.

— Não há nada de errado com ele — disse. — Além de sentir a tensão da mãe. — A mulher descontraiu visivelmente, suspirando de alívio.

— Que aconteceu? — perguntou novamente Leesha.

— Os krasianos — respondeu a mulher.

— Criador. Marcharam tão cedo sobre Lakton? — perguntou.

A mulher abanou a cabeça.

— Espalharam-se dos povoados de Rizon, forçando as mulheres a cobrir-se e arrastando os homens para combater demónios. Escolhem raparigas rizonanas como esposas como um rancheiro escolhe galinhas para a matança e fazem os rapazes marchar para campos de treino, onde são ensinados a odiar as próprias famílias.

Leesha franziu o sobrolho.

— Os povoados deixaram de ser seguros — disse a mulher. — Os que podiam mudaram-se para a cidade de Lakton e alguns ficaram para lutar pelos seus lares, mas os restantes dirigiram-se para o Outeiro à procura do Libertador. Não estava lá, mas as pessoas disseram que tinha ido para Angiers e é para lá que nos

dirigimos. Resolverá tudo. Sei que sim.

— É o que todos esperamos — suspirou Leesha, apesar de ter dúvidas. Devolveu o bebé e subiu para a carroça.

— Precisamos de regressar imediatamente ao Outeiro — disse aos outros. Olhou Gared.

— Desimpeçam a estrada! — bradou o Lenhador gigante com um rugido de leão. E as pessoas apressaram-se a sair do caminho enquanto avançava para eles sobre o seu garrano. Tendas, cobertores e guardas foram recolhidos num ápice. Leesha lamentou que fosse necessário, mas a carroça não podia seguir caminho fora da estrada e os seus filhos precisavam dela.

Galoparam quando passaram finalmente além dos milhares de refugiados, mas estavam ainda longe do Outeiro quando a noite caiu. Bastou um breve olhar de Leesha para fazer Rojer erguer o violino e avançaram pela escuridão, guiados apenas pela luz do bastão de Leesha e com a música para manter os nuclitas à distância.

Leesha conseguia ver os demónios no limiar da área iluminada, agitando-se ao ritmo da música avançando lentamente atrás de Rojer, hipnotizados.

— Preferia que atacassem — disse Wonda. Tinha a corda do grande arco esticada e uma flecha guardada preparada.

— Não é natural — concordou Gared.

Conseguiram chegar à cabana de Leesha nos arredores do Outeiro à meia-noite e pararam durante tempo suficiente para que Leesha guardasse a sua carga mais preciosa antes de continuarem pela escuridão até ao centro da aldeia.

Se o lugar lhes havia parecido apinhado antes, a situação tornara-se muitas vezes pior. Os refugiados de Lakton vinham melhor equipados, com tendas, círculos guardados e carroças cobertas abastecidas de mantimentos, mas instalavam-se fora dos limites da protecção em quase todas as direcções, enfraquecendo a grande guarda.

Leesha voltou-se para Gared e Wonda.

— Procurem os outros Lenhadores e patrulhem a protecção. Qualquer tenda ou carroça a menos de três metros da grande guarda precisa de ser movida ou poderemos ter demónios a erguerem-se nas ruas. — Os dois responderam com acenos afirmativos e partiram.

Voltou-se para Rojer.

— Encontra Smitt e Jona. Quero uma reunião do conselho esta noite. Não me importa quem estiver a dormir.

Rojer acenou com a cabeça.

— Suponho que não precisarei de perguntar onde estarás. — Saltou da carroça e ergueu o capuz da sua capa guardada enquanto Leesha voltava a carroça para o hospício.



Jardir ergueu os olhos quando Abban entrou pela sala do trono.

— Pareces quase veloz hoje, khaffit.

Abban curvou-se.

— O ar primaveril confere-me forças, Shar'Dama Ka.

Ashan roncou de desprezo ao lado de Jardir. Jayan e Asome mantinham a distância, tendo aprendido a não confrontar Abban em presença do seu pai.

— Que sabes do local a que chamam Outeiro do Libertador? — perguntou Jardir, ignorando-os.

— Procuras o Homem Pintado? — perguntou Abban.

Ashan avançou para Abban, segurando-o pela garganta.

— Onde ouviste esse nome, khaffit?! Se tens subornado os nie'dama para obter informação, hei-de...!

— Ashan, basta! — gritou Jardir enquanto Abban se engasgava e se debatia debilmente. Vendo que o Damaji não obedecia com prontidão suficiente, Jardir não repetiu, pontapeando-o com violência no flanco. Ashan foi projectado e embateu violentamente contra o chão de pedra polida.

— Golpeias-me a mim, teu Damaji leal, para proteger um khaffit comedor de porco? — perguntou Ashan, incrédulo, quando recuperou o fôlego.

— Golpeei-te por não obedeceres à minha ordem — corrigiu Jardir, varrendo com o olhar os outros presentes. Aleverak e Maji, Jayan e Asome, Ashan, Hasik e até os guardas junto à porta. Apenas Inevera, estendida sobre uma cama de almofadas garridas de seda nas suas vestes diáfanas, ao lado do trono, escapou ao olhar.

— Este jogo cansa-me. Por isso, digo-o agora para que todos o ouçam. Matarei a próxima pessoa a agredir alguém na minha presença sem que o autorize.

Abban começou a sorrir, mas Jardir voltou-se para ele com olhar feroz.

— E tu, khaffit — rosnou. — Da próxima vez que responderes a uma pergunta com outra pergunta, arrancar-te-ei o olho direito e obrigar-te-ei a comê-lo.

Abban empalideceu e Jardir regressou ao trono com passos irados, deixando-se cair sobre ele com força.

— Como soubeste da existência daquele a quem chamam Homem Pintado? Os dama precisaram de interrogatórios exaustivos para arrancar esse nome aos lábios dos sacerdotes chin.

Abban abanou a cabeça.

— Os chin não falam de outra coisa, Libertador. Duvido que os interrogadores tenham descoberto algo que um punhado de migalhas de pão ou palavras gentis não tivessem obtido facilmente nas ruas.

Jardir franziu a testa.

— E os relatos concordam que está na aldeia a que chamam Outeiro do Libertador? — Abban respondeu com um aceno afirmativo.

— Que sabes a seu respeito?

— Até há um ano, chamava-se Outeiro do Lenhador — explicou Abban. — Era uma pequena aldeia de súbditos do duque de Angiers, que cortavam madeira para construção e combustível. É pouco prático transportar madeira através do deserto e, por isso, pouco lidei com eles, apesar de ter um contacto que talvez se mantenha. Um vendedor de papel de qualidade.

— De que serve isso? — quis saber Ashan.

Abban encolheu os ombros.

— Não me parece que sirva de alguma coisa, Damaji.

— E que ouviste sobre o local desde que mudou de nome? — perguntou Jardir.

— Ouvi que o Homem Pintado chegou até eles no ano passado, quando a aldeia era atormentada pela peste e quando as guardas falhavam — disse Abban. — Ouvi que matou centenas de alagai, servindo-se apenas das mãos nuas, e que ensinou os aldeões a travar a alagai’sharak.

— Impossível — considerou Jayan. — Os chin são demasiado fracos e cobardes para se erguerem na noite.

— Talvez nem todos o sejam — disse Abban. — Recordemos o Par’chin.

Jardir olhou-o com severidade.

— Ninguém recorda o Par’chin, khaffit — rosnou. — Serias sensato se também

não o recordasses. — Abban concordou com um gesto, curvando-se tanto quanto lhe permitia a muleta. — Verei por mim próprio — decidiu Jardir. — E tu virás comigo. Todos o olharam, surpresos. — Hasik, procura Shanjat — ordenou. — Diz-lhe que reúna as Lanças do Libertador. — A unidade de Jardir no Labirinto adoptara aquele nome quando se tornara a sua guarda pessoal. As Lanças do Libertador eram cinquenta dos melhores dal'Sharum em Krasia, comandados pelo kai'Sharum Shanjat.

Hasik curvou-se, partindo de imediato.

— Estás certo de que isto será sensato, Libertador? — perguntou Ashan. — Não é seguro que te separes dos teus exércitos em terra inimiga.

— Nada na vida será seguro para aqueles que travam a Sharak Ka –

disse Jardir. — Pousou uma mão no ombro de Ashan. — Mas, se estás preocupado, poderás vir comigo, meu amigo.

Ashan curvou-se numa vénia demorada.

— É tolice — rosnou Aleverak. — Mil chin fracos conseguirão superar até as Lanças do Libertador.

Jayan manifestou o seu desprezo pelo que ouvira.

— Duvido muito, velho.

Aleverak voltou-se para Jardir, que lhe acenou a sua permissão. O velho Damaji avançou para Jayan e, subitamente, o rapaz estava deitado de costas.

— Vou matar-te por isto, velho — rosnou Jayan, erguendo-se prontamente.

— Tenta, rapaz — provocou Aleverak, fincando os pés numa postura de sharusahk e convidando-o a avançar com um braço estendido. Jayan rosnou, mas, no último momento, olhou o pai.

Jardir sorriu.

— Tenta matá-lo. Tens a minha permissão.

Um sorriso vicioso alterou a face de Jayan, mas um momento depois, estava novamente no chão e Aleverak puxava-lhe o braço para aumentar a pressão lenta do calcanhar sobre a traqueia.

— Basta — disse Jardir. De imediato, Aleverak soltou o rapaz e recuou. Jayan tossiu e esfregou a garganta ao erguer-se.

— Até os meus filhos deverão respeitar os Damaji, Jayan — advertiu Jardir. — Será sensato que tenhas tento na língua daqui em diante.

Voltou-se para Aleverak.

— Os Damaji governarão a Dádiva de Everam durante a minha ausência e tu presidirás ao conselho.

Aleverak semicerrou os olhos, como se ponderasse insistir ou não no protesto. Por fim, curvou-se demoradamente.

— Como ordena o Shar'Dama Ka. Quem falará pelos Kaji até ao regresso do Damaji Ashan?

— O meu filho, o Dama Asukaji — disse Ashan, indicando o jovem com a cabeça. Asukaji não completara ainda dezoito anos, mas tinha idade suficiente para a túnica branca, o que significava que tinha também idade suficiente para o turbante negro, se fosse suficientemente forte para o manter.

Jardir acenou afirmativamente.

— E, se Jayan for humilde, servirá como Sharum Ka.

Todos os olhares se voltaram para Jayan, cuja face não conseguiu camuflar o choque. Após um momento, pousou uma mão e um joelho no solo, talvez pela primeira vez na vida.

— Servirei o Conselho dos Damaji, claro.

Jardir acenou com a cabeça.

— Certifiquem-se de que as tribos menores continuam a subjugar os chin durante a minha ausência — disse a Asukaji e Aleverak. — Preciso de guerreiros frescos para a Sharak Ka e não de tribos quezilentas ocupadas a roubar poços. — Os dois homens curvaram-se.

Inevera ergueu-se da sua cama de almofadas, com a face serena por trás do véu diáfano.

— Desejo falar com o meu marido em privado — disse.

Ashan curvou-se.

— Com certeza, Damajah. — Fez sair os restantes, à excepção de Asome, que se manteve para trás.

— Algo te perturba, meu filho? — perguntou Jardir, quando os outros saíram.

Asome curvou-se.

— Se Jayan será Sharum Ka durante a tua ausência, é justo que eu seja o Andrah.

Inevera riu-se. Asome semicerrou os olhos, mas sabia que não era sensato irritá-la.

— Isso colocar-te-ia acima do teu irmão mais velho, meu filho — disse Jardir.

— Algo que nenhum pai fará de ânimo leve. O Sharum Ka é nomeado. O título de Andrah precisa de ser conquistado.

Asome encolheu os ombros.

— Convoca os Damaji. Matá-los-ei a todos, se for esse o requerimento.

Jardir olhou o filho nos olhos, vendo neles ambição, mas também um orgulho feroz que poderia realmente submeter o rapaz, pouco após o seu décimo oitavo aniversário, a onze provas mortais, mesmo que implicassem matar um dos seus irmãos ou Asukaji, que era o seu amigo mais próximo, dizendo-se mesmo que seria seu amante. A túnica branca de Asome podia impedi-lo de tocar numa arma, mas era, de longe, mais letal do que Jayan e até Aleverak revelaria sensatez se evitasse atravessar-se no seu caminho.

Jardir sentiu uma pontada de orgulho no rapaz. Pensava já que o seu segundo filho poderia ser melhor sucessor do que Jayan, mas não até amadurecer. E Jayan, o primogénito, nunca permitiria que o irmão o superasse em vida.

— Krasia não necessita de um Andrah enquanto eu viver — afirmou Jardir. — E Jayan apenas usará o turbante branco durante a minha ausência. Auxiliarás Asukaji na responsabilidade de manter os Kaji sob controlo.

Asome voltou a abrir a boca, mas Inevera antecipou-se.

— Basta — disse-lhe. — O assunto está encerrado. Deixa-nos.

Asome franziu a testa, mas curvou-se e saiu.

— Um dia, será um grande líder, se viver tempo suficiente — disse Jardir, quando a porta se fechou atrás do seu filho.

— Também é frequente pensar o mesmo, marido — disse Inevera, voltando-se para ele. As palavras magoavam-no, mas Jardir não disse nada, sabendo que era escusado até que a sua mulher dissesse o que pretendia. — Aleverak e Ashan estavam certos — disse Inevera. — Não é necessário que lideres pessoalmente a expedição.

— Não é dever do Shar'Dama Ka reunir exércitos para a Sharak Ka? — perguntou Jardir. — Todos os relatos dizem que este chin trava a Guerra Santa. Devo investigar.

— Poderias, pelo menos, esperar até lançar os dados — disse Inevera.

Jardir franziu o sobrolho.

— Não é necessário que lances os dados de cada vez que saio do palácio.

— Talvez seja — disse Inevera. — A Sharak Ka não é um jogo. Deveremos

beneficiar de cada desvantagem, se pretendemos vencer.

— Se Everam deseja que vença, não precisarei de outra vantagem – disse Jardir. — E, se não desejar...

Inevera ergueu a bolsa de feltro dos alagai hora.

— Por favor. Faz-me a vontade.

Jardir suspirou, mas acenou afirmativamente e retiraram para uma câmara próxima da sala do trono que Inevera reclamara como sua. Como sempre, o espaço estava preenchido por almofadas garridas e por uma densa nuvem de incenso. Jardir sentiu a pulsação acelerar. O seu corpo havia sido condicionado a associar o cheiro ao sexo de Inevera. A Jiwah Ka não sentia qualquer problema em partilhá-lo quando estava saciada, mas era quase um homem na sua fome e a câmara lateral era usada frequentemente para esse propósito, muitas vezes enquanto os Damaji e os conselheiros de Jardir esperavam diante do trono.

Inevera avançou para as cortinas, pretendendo abri-las, e ele observou-lhe o corpo através dos véus translúcidos, a única coisa que ainda usava. Mesmo tendo passado os quarenta anos de idade (nunca dizia ao certo qual a sua idade), era, de longe, a mais bela das suas esposas, as suas curvas permaneciam redondas e firmes e a sua pele era suave. Sentiu-se tentado a possuí-la ali mesmo, mas Inevera era uma mulher casmurra no que dizia respeito aos dados e soube que o repeliria até que fossem lançados.

Ajoelharam sobre as almofadas de seda, dando espaço aos dados. Como sempre, Inevera precisava do seu sangue para o feitiço, fazendo-o jorrar, com um golpe rápido da faca guardada. Limpou a lâmina com a língua e devolveu-a à bainha do cinto, pressionando o corte com a palma da mão e, a seguir, colocando sobre esta os dados. Brilharam ferozmente na escuridão enquanto agitava as mãos e lançava.

Os ossos de demónio dispersaram pelo chão e Inevera estudou-os com avidez. Jardir aprendera que o padrão da queda era tão importante como os símbolos mostrados, mas a sua compreensão dos dados terminava aí. Vira as suas esposas discutirem muitas vezes o significado de um lançamento, apesar de nenhuma se atrever a questionar as interpretações de Inevera.

A Damajah silvou furiosamente perante o padrão que se lhe apresentava, olhando intensamente Jardir.

— Não podes ir — disse.

Jardir franziu a testa, aproximando-se da janela e segurando uma cortina.

— Não posso? — repetiu, puxando as pesadas cortinas e inundando a câmara com a luz intensa do Sol. Inevera mal conseguira guardar os dados a tempo na bolsa. — Sou o Shar'Dama Ka — disse. — Não há nada que não possa fazer.

Um clarão irado iluminou a face de Inevera, mas desapareceu prontamente.

— Os dados prometem catástrofe se fores — advertiu.

— Canso-me de seguir os teus dados — disse Jardir. — Sobretudo porque parecem dizer-te sempre mais do que julgas ser digno de partilhar. Irei.

— Então, irei contigo — disse Inevera.

Jardir abanou a cabeça.

— Não farás tal coisa. Ficarás aqui e impedirás os teus filhos de se matarem uns aos outros até ao meu regresso. — Avançou e segurou-lhe os ombros com firmeza. — Mas desejarei provar uma última vez a minha esposa antes de iniciar a viagem para Norte.

Inevera contorceu-se, parecendo apenas tocar-lhe levemente o braço. Mas fê-lo perder a força por um instante e afastou-se.

— Se fores sozinho, poderás esperar — disse, esboçando um sorriso cruel. — Maior motivo terás para regressar vivo.

Jardir franziu a testa, mas sabia que não devia tentar forçar o assunto. Shar'Dama Ka e marido ou não.

Wonda abriu a porta da cabana de Leesha, permitindo a entrada a Rojer e Gared. Quando a rapariga ouviu que o Homem Pintado tinha ordenado a Gared que guardasse Rojer, insistira em fazer o memo a Leesha, passando todas as noites na cabana. Leesha começara a atribuir-lhe tarefas, tentando dissuadir a rapariga de a abafar, mas Wonda aceitava de bom grado as tarefas e Leesha teve de admitir que se acostumara à sua presença volumosa.

— Os Lenhadores terminaram de cortar árvores e desimpedir terreno para a próxima grande guarda — disse Rojer, ao sentarem-se à sua mesa bebendo chá. — Tem dois quilómetros quadrados, tal como pediste.

— Ainda bem — disse Leesha. — Poderemos começar imediatamente a colocar pedras que assinalem os limites da guarda.

— A área está repleta de demónios da madeira — disse Gared.
— Centenas deles. O abate atraiu-os como o estrume atrai moscas. Devemos convocar a aldeia e exterminá-los antes da construção.

Leesha olhou Gared com atenção. O Lenhador gigante recomendava sempre a batalha, como revelam as marcas e amolgadelas nas suas luvas e cinto. Mas Leesha nunca sabia se o fazia por amor da carnificina e do influxo de magia resultante ou por se preocupar com o bem da aldeia.

— Está certo — acrescentou Rojer, vendo que Leesha permanecia em silêncio. — Os demónios serão atraídos para os limites da protecção, engrossando ainda mais os seus números, preparados para matar quem sair por descuido. Deveremos aniquilá-los em terreno aberto em vez de tentar caçá-los pela floresta mais tarde.

— Seria isso que faria o Homem Pintado — disse Gared.

— O Homem Pintado ocupar-se-ia sozinho de metade da matança –
disse Leesha. — Mas não está presente.

Gared acenou afirmativamente.

— É por isso que precisamos da tua ajuda. Precisaremos de paus trovejantes e de fogo de demónio líquido. Em grandes quantidades.

— Estou a perceber — disse Leesha.

— Sei que estás ocupada — disse Gared. — Tenho gente que te faça a mistura se me deres a receita.

— Queres que partilhe contigo o segredo do fogo? — Leesha riu-se. — Mais depressa o apagaria para sempre!

— Qual a diferença entre o fogo líquido e o meu machado guardado? — perguntou Gared. — Confias um, mas não o outro?

— A diferença é que o teu machado não explode e destrói tudo num raio de quinze metros se o deixares cair ou se o deixares exposto ao Sol — disse Leesha. — As minhas aprendizas terão sorte se partilhar com elas o segredo do fogo um dia.

— Então deveremos construir a aldeia dos refugiados em terreno infestado de demónios? — perguntou Gared.

— Será uma extensão do Outeiro, não uma aldeia de refugiados — corrigiu Leesha. — E claro que não. Traça um plano e, se for razoável, farei o que for necessário. Mas — acrescentou —, estarei atenta para assegurar que nenhum

imbecil com miolos de madeira se incendeie a si próprio ou à floresta.

Gared abanou a cabeça.

— Não é seguro. Precisamos de ti no hospício se alguém ficar ferido.

Leesha cruzou os braços.

— Então, lutarás sem o fogo líquido.

Wonda também cruzou os braços.

— Nenhum demónio tocará com as garras em mestra Leesha enquanto eu estiver por perto, Gared Lenhador. E também não pretendo esperar no hospício.

— Começaremos os trabalhos dentro de uma semana — disse Leesha. — Teremos tempo mais do que suficiente para preparar a terra e misturar os químicos. Informem Benn. Permitiremos aos demónios carregar algum vidro antes de lhes mostrarmos o Sol.

Nem Gared nem Rojer pareceram agradados, mas Leesha soube que não tinham escolha que não fosse concordar. Talvez não fosse tão subtil como a duquesa Araine, que deixaria os homens convencidos de que a ideia de a ter presente fora sua, mas não era mau, mesmo assim. Pensou se Bruna teria feito o mesmo em segredo, governando o Outeiro da sua minúscula cabana sem que ninguém percebesse.

Cobriram a distância galopando sobre cavalos de batalha negros do deserto. Cinquenta guerreiros seguindo Jardir e Ashan nos seus garanhões brancos. Distanciando-se, mas sem os perder de vista, ainda que por pouco, vinha Abban no seu camelo de patas altas. Tinham sido forçados a várias paragens para lhe permitirem que os alcançasse, habitualmente junto a um regato onde podiam dar de beber aos cavalos. Tais coisas eram banais nas terras verdes, algo que nunca cessava de espantar os guerreiros do deserto.

— Barba de Everam. Como são pedregosas estas estradas — lamentou-se Abban quando, por fim, alcançou um regato. Quase caiu da sela e gemeu enquanto esfregava o seu prodigioso traseiro.

— Não percebo a necessidade de trazer o khaffit, Libertador — disse Ashan.

— Porque quero alguém além de nós que consiga contar acima dos seus dedos — disse Jardir. — Abban vê coisas que os outros homens não percebem e

preciso de ver tudo nas terras verdes se pretendo usá-las da forma mais adequada na Sharak Ka.

Abban continuou a queixar-se de cada solavanco na estrada e de cada brisa fria, mas Jardir não teve dificuldade em ignorar a sequência interminável de queixas enquanto avançavam. Sentiu-se mais livre do que sentira numa década, como se um peso incrível lhe tivesse sido retirado de cima dos ombros. Durante a expedição, ao longo do que talvez fossem semanas, não foi responsável por nada além de Abban, Ashan e dos cinquenta dal'Sharum calejados que o seguiam. Parte dele quis continuar a cavalgar sem parar, para longe da política dos chin e para longe dos Damaji e das dama'ting.

Encontraram alguns refugiados hortelões na estrada, mas estes fugiam diante de si e Jardir não viu necessidade de os perseguir. Apeados e receando viajar de noite, havia pouco perigo de que se adiantassem para alertar o Outeiro e nenhum deles se atreveria a atacar as Lanças do Libertador. Até os nuclitas fugiam do seu caminho durante a noite, pois Jardir não ordenava paragens com o anoitecer. De uma forma ou de outra, Abban conseguiu acompanhá-los durante a noite. Colocou o seu camelo no centro dos guerreiros, tolerando a sua troça em troca do abrigo.

Foi numa noite dessas que chegaram ao Outeiro. Os gritos ecoavam pela estrada, juntamente com trovões e grandes clarões luminosos.

Abrandaram o ritmo e Jardir embrenhou-se nas árvores para seguir o ruído, acompanhado pelos seus guerreiros. Acabariam por chegar ao limiar de uma grande clareira repleta de cotos de árvore, onde os chin travavam a sua alagai'sharak nortenha.

Grandes fogueiras ardiam em trincheiras, juntamente com o brilho constante das guardas espalhadas pelo campo de batalha, e a clareira era iluminada como se fosse dia e o solo cobria-se com alagai mortos. Os fogos e as guardas encaminhavam os demónios para locais onde os nortenhos aguardavam para os cortar em pedaços.

— Prepararam o seu campo de batalha — disse Jardir.

Abban olhou em redor, encontrando um espaço adequado para prender o camelo a uma estaca, retirando um círculo de guardas portátil de um alforge, começando a abri-lo em redor de ambos.

— Mesmo entre tantos guerreiros, tens de te esconder atrás de guardas como

um cobarde? — perguntou-lhe Jardir.

Abban encolheu os ombros.

— Sou khaffit — limitou-se a dizer. Jardir reagiu com um ronco de desprezo e voltou-se novamente para os nortenhos para os ver lutar.

Ao contrário dos chin da Dádiva de Everam, aqueles nortenhos eram altos e musculados. Os maiores entre eles lutavam
não com lança e escudo, mas com grandes machados e enxadas guardados. Os homens eram semelhantes em tamanho aos demónios da madeira e cortavam-nos como se fossem árvores.

Os nortenhos lutavam bem, mas havia centenas de demónios da madeira a investir sobre eles. Os chin pareciam prestes a serem vencidos quando se separaram, abrindo espaço para uma linha de arqueiras alvejarem o campo de batalha.

Jardir ficou boquiaberto ao ver que as arqueiras envergavam vestidos longos como os das mulheres do Norte, expondo as faces e metade dos seios como pegas.

— As suas mulheres participam na alagai'sharak? — perguntou Ashan, chocado. Jardir observou mais de perto o campo de batalha e viu que até mesmo alguns dos que lutavam corpo a corpo eram mulheres.

E havia um grande gigante, mesmo entre gente tão alta, que liderava cada carga com um urro que ecoava ao longo de quilómetros. Brandia um grande machado para duas mãos servindo-se apenas de uma, como se fosse uma simples machada, e, na outra, segurava uma faca de mato como se fosse um canivete.

Um dos nortenhos caiu sobre um joelho ao ser golpeado por um demónio da madeira de dois metros e o gigante lançou-se sobre ele antes que conseguisse aplicar o golpe derradeiro. Perdeu as armas na escaramuça, mas não fez diferença, embora o alagai saltasse sobre ele. Com uma mão, o gigante travou o demónio, segurando-o e, com a outra, aplicou um golpe iluminado por um clarão de magia, repelindo o alagai. Jardir viu que calçava luvas pesadas reforçadas com metal guardado.

O gigante não deu tempo ao demónio da madeira para recuperar, caindo sobre ele e golpeando-o na cabeça até ficar coberto de sangue negro e o demónio permanecer imóvel. Rugiu rodeado pela noite e, com a sua juba densa de cabelo amarelo e a barba, parecia um leão sobre a presa.

Outro demónio aproximou-se, mas um rapaz magro com cabelo ruivo e pele pálida, vestindo-se como um khaffit com remendos de muitas cores, ergueu-se diante dele e ergueu um instrumento de algum tipo. Produziu um ruído intenso e o alagai levou as garras à própria cabeça e guinchou de agonia. O ruído continuou e o demónio fugiu, como que aterrorizado, contra o machado expectante de outro chin.

— Barba de Everam — sussurrou Abban.

— Que magia faz aquele? — perguntou Ashan.

— Precisamos de descobrir — afirmou Jardir.

— Permite-me que mate o gigante e te traga o rapaz, Libertador — implorou Hasik, vendo-se nos seus olhos o brilho tresloucado que antecedia a batalha.

— Não faças nada — disse Jardir. — Estamos aqui para aprender e não para lutar. — Percebia que os seus guerreiros não apreciavam aquela resposta, mas não lhe importava porque duas outras figuras lhe tinham despertado a atenção. Uma era claramente uma mulher, não trazendo qualquer arma, apenas um pequeno cesto. A outra era muito maior e vestia-se como um homem, mas trazia arco como as mulheres nortenhas. A sua face apresentava cicatrizes deixadas pelos demónios.

Ambas se cobriam com capas ricas bordadas com centenas de guardas e deambulavam pela carnificina sem serem perturbadas pelos alagai, enquanto os outros nortenhos lhes davam espaço.

— São invisíveis aos alagai, como se vestissem o Manto de Kaji — disse Ashan.

Um demónio abriu o peito de um homem com as garras e este gritou, antes de cair, largando o machado. As mulheres que se cobriam com as capas apressaram-se a chegar até ele e a mais alta atingiu o demónio com uma flecha enquanto a mais esbelta se ajoelhava a seu lado. Baixou o capuz e Jardir viu-lhe a face.

Era ainda mais bela do que Inevera, com pele branca como leite, contrastando profundamente com o cabelo, negro como a armadura de um demónio da rocha.

A mulher rasgou a camisa do homem, ocupando-se da sua ferida enquanto a sua guarda-costas se erguia sobre ela, atenta, alvejando qualquer alagai que se atrevesse a aproximar-se.

— Algum tipo de dama’ting nortenha? — perguntou Jardir, pensando em voz alta.

— Talvez uma cópia herética de uma — disse Ashan.

Após um momento, a mulher bela transmitiu uma ordem à guarda-costas, que pendurou o arco ao ombro e ergueu o homem ferido nos braços. O caminho de volta estava bloqueado por um grupo de alagai, mas a dama'ting nortenha levou a mão à bolsa e retirou um objecto. Fogo surgiu-lhe na outra mão e aproximou-o do objecto, fazendo recuar o braço e lançando. Uma explosão dispersou os alagai do caminho, espalhando-os imóveis sobre o solo.

— Herética talvez — disse Jardir —, mas estes nortenhos não são desprovidos de poder.

— Os homens serão cobardes piores do que khaffit para dependerem do auxílio de mulheres — considerou Shanjat. — Preferia morrer no campo de batalha.

— Não — disse Jardir. — Os cobardes somos nós, escondendo-nos nas sombras enquanto chin travam a alagai'sharak.

— São nossos inimigos — disse Ashan.

Jardir olhou-o e abanou a cabeça.

— Talvez durante o dia, mas todos os homens são irmãos na noite. — Ergueu o véu nocturno e a lança, emitindo um grito de guerra ao carregar sobre os demónios.

Uma hesitação surpreendida atrasou os seus homens antes de também rugirem, seguindo-o.

— Krasianos! — gritou a mulher do açougueiro Merrem. Rojer ergueu o olhar, surpreendido, vendo que estava certa. Dúzias de guerreiros krasianos vestidos de negro avançavam para a clareira, brandindo lanças e gritando. Sentiu o sangue gelar e o arco escorregou-lhe sobre as cordas.

Um demónio quase o matou nesse momento, mas Gared cortou o braço que tentou atacá-lo com um golpe limpo da faca de mato.

— Olho nos demónios! — bradou Gared para que todos os Lenhadores ouvissem. — Os krasianos não terão de lutar se permitirmos que os nuclitas façam o seu trabalho!

Mas depressa se tornou evidente que os krasianos não tinham qualquer intenção de atacar os outeireiros. Liderados por um homem de turbante branco e

com uma lança guardada que parecia feita inteiramente de prata polida, caíram sobre os demónios como uma alcateia atacando uma capoeira, matando com eficiência aguçada pela prática.

O líder avançava sozinho entre os aglomerados de demónios da madeira, mas a sua falta de receio parecia justificada, pois vencia-os com a facilidade do Homem Pintado. A sua lança e os seus membros moviam-se com velocidade impossível para um humano.

Os outros guerreiros uniram escudos em formação de combate, aniquilando demónios como se colhessem uma sementeira de cevada. Um dos grupos era liderado por um homem que envergava uma túnica branca imaculada, contrastando profundamente com os guerreiros de negro. O homem de branco não brandia armas, mas movia-se com confiança pelo campo de batalha. Um demónio da madeira saltou sobre ele e viram-no dar um passo ao lado, fazendo-o tropeçar e empurrando-o quando passou por ele, projectando-o sobre a lança de um dos seus guerreiros.

Outro demónio atacou, mas o homem de branco voltou o tronco para a esquerda e, logo a seguir, para a direita, sem mover os pés enquanto se esquivava velozmente às garras do demónio. Com o terceiro movimento, segurou-lhe o pulso e torceu, voltando contra este o seu ataque e projectando-o de costas sobre o solo, onde um guerreiro o trespassou facilmente com a lança.

Rojer e os outros presumiram que o combate durasse toda a noite, planeando a chegada de reforços quando fossem necessários e depois de ser usada a maior parte do arsenal incendiário de Leesha.

Com os krasianos envolvidos na luta, a batalha terminou em minutos.



Krasianos e hortelões erguiam-se, gelados, quando o último demónio caiu, olhando-se, chocados. Todos mantiveram as armas prontas, como se não soubessem se a batalha tinha ou não terminado, mas ninguém se atreveu a avançar, esperando uma palavra dos seus líderes.

— Os chin olham-nos com um olho só — disse Jardir a Ashan.

Ashan concordou com um aceno.

— Mantêm o outro olho no gigante e no rapaz khaffit ruivo que fez os alagai

fugirem aterrorizados.

— Permanecem tão imóveis como os restantes — referiu Jardir.

— Não serão os verdadeiros líderes — supôs Ashan. — Serão kai'Sharum ou o equivalente infiel. O gigante poderá mesmo ser o seu Sharum Ka.

— E, por isso, serão homens dignos de respeito — disse Jardir. — Vem.

Avançou para os dois, guardando a lança na bainha pendurada ao ombro e mostrando as mãos para indicar que não pretendia fazer-lhes mal. Quando se ergueu diante eles, saudou-os com uma vénia de cortesia.

— Sou Ahmann, filho de Hoshkamin, da linha de Jardir, filho de Kaji — disse, num thesano perfeito, vendo os olhos dos homens iluminarem-se com reconhecimento. — Este é o Damaji Ashan. — Indicou Ashan, que imitou a sua vénia breve.

— É uma honra — disse Ashan.

Os dois hortelões entreolharam-se, curiosamente. Por fim, o rapaz ruivo encolheu os ombros e o gigante descontraiu. Jardir percebeu, com surpresa, que o rapaz era superior.

— Rojer, filho de Jessum, dos Estalagens de Ponteflúvia — disse o rapaz, afastando para trás a sua capa multicolorida. Colocou uma perna diante da outra, baixando-se numa espécie de vénia das terras do Norte.

— Gared Lenhador — disse o gigante. — Hmm... filho de Steave. –

Era ainda menos civilizado, avançando e estendendo a mão tão rapidamente que Jardir quase lhe segurou o pulso, partindo-lhe o braço. Foi apenas no último momento que percebeu que o gigante apenas queria receber a sua mão em cumprimento. Apertou com força. Talvez fosse algum teste de virilidade primitivo. Jardir retribuiu o aperto até os dois homens sentirem os ossos raspando uns contra os outros. O gigante endereçou-lhe uma vénia respeitosa adicional antes de se separarem por fim.

— Shar'Dama Ka, aproximam-se mais chin — disse Ashan em krasiano. — Um dos seus clérigos heréticos e a curandeira infiel.

— Não desejo confrontar esta gente, Ashan — disse Jardir. — Infiéis ou não, respeitá-los-emos como se fossem dama e dama'ting.

— Deverei também lavar os pés dos seus khaffit? — perguntou Ashan, enojado.

— Se te ordenar que o faças — replicou Jardir, curvando-se profundamente

perante os recém-chegados. O rapaz ruivo prontificou-se a facilitar as apresentações. Jardir foi apresentado ao sacerdote, curvou-se e esqueceu de imediato o seu nome, voltando-se para a mulher.

— Mestra Leesha Papel — apresentou Rojer. — Herbanária do Outeiro do Libertador.

Leesha segurou as saias e baixou-se. Jardir percebeu que era incapaz de afastar o olhar do decote que mostrava até se erguer. Viu como o olhava nos olhos com coragem e sentiu-se chocado ao perceber que os seus eram azuis como o céu.

Por impulso, Jardir pegou-lhe na mão e beijou-a. Sabia que era um gesto ousado, sobretudo entre estranhos, mas dizia-se que Everam favorecia os audazes. Leesha ficou boquiaberta depois de o fazer e as suas bochechas pálidas coraram um pouco. Se fosse possível, tornara-se ainda mais bela nesse momento.

— Agradecemos o vosso auxílio — disse Leesha, indicando com a cabeça as centenas de cadáveres alagai na clareira.

— Todos os homens são irmãos na noite — disse Jardir, curvando-se. — Erguemo-nos em união.

Leesha concordou com um aceno.

— E durante o dia?

— Parece que as mulheres nortenhas fazem mais do que lutar — murmurou Ashan em krasiano.

Jardir sorriu.

— Acredito que todos se deverão erguer em união também durante o dia.

Leesha semicerrou os olhos.

— Unidos sob o vosso domínio?

Jardir sentiu que Ashan e os homens hortelões se tornavam tensos. Era como se mais nenhum dos presentes importasse. Os dois sozinhos determinariam se o sangue negro de demónio no campo de batalha seria brevemente coberto com sangue vermelho humano.

Mas Jardir não o receava, sentindo que aquele encontro tinha sido destinado há muito. Abriu as mãos.

— Se for essa a vontade de Everam, talvez um dia. — Voltou a curvar-se.

Leesha ergueu um canto da boca, num sorriso.

— És honesto, pelo menos. Talvez seja positivo que a noite seja jovem. Tu e os teus conselheiros aceitarão partilhar o nosso chá?

— Seria uma honra — disse Jardir. — Os meus guerreiros podem prender os cavalos e erguer tendas nesta clareira enquanto esperam?

— No extremo oposto — disse Leesha. — Ainda temos trabalho a fazer neste lado.

Jardir olhou-a, curioso. A seguir, notou os hortelões que haviam chegado depois do fim da batalha. Eram homens mais pequenos e fracos do que os guerreiros armados com machados e começaram a recolher objectos cintilantes do solo.

— Que fazem? — perguntou, mais para ouvir novamente a sua voz do que por lhe importar realmente o que os khaffit nortenhos faziam.

Leesha olhou para o lado e curvou-se para erguer uma garrafa de vidro rolhada, que entregou a Jardir. Era um objecto elegantemente soprado, belo na sua simplicidade.

— Esmaga-a com o fundo da lança — disse.

Jardir franziu a testa ao ouvi-lo, não percebendo o significado da destruição de algo tão belo. Talvez fosse algum tipo de ritual de amizade. Puxou a Lança de Kaji e obedeceu ao seu pedido, mas o pé da lança ricocheteou no vidro com ruído, deixando-o intacto.

— Barba de Everam — murmurou Jardir. Tentou repetidamente esmagar a garrafa, mas falhou de cada vez. — Incrível.

— Vidro guardado — disse Leesha, erguendo a garrafa e entregando-lha.

— Uma dádiva digna de um príncipe — referiu Ashan em krasiano. — Pelo menos, são respeitadores. — Jardir acenou afirmativamente.

— Os nossos povos aprenderiam muito um com o outro, se mantivéssemos a paz também durante o dia — disse Leesha.

— Concordo — disse Jardir, olhando-a nos olhos. — Discutamos esse assunto, entre outros, durante o chá.

— Viste a coroa? — perguntou Leesha.

Rojer acenou afirmativamente.

— E a lança de metal. Era dele que Marick e o Homem Pintado falavam.

— Obviamente — disse Leesha. — Referia-me à coroa propriamente dita. O

Homem Pintado tem as mesmas guardas na testa.

— A sério? — perguntou Rojer, surpreso.

Leesha acenou afirmativamente, baixando a voz para que apenas ele a ouvisse.

— Acho que Arlen não nos contou tudo o que sabe sobre este homem.

— Não acredito que o convidaste para tomar chá — disse Wonda.

— Deveria ter-lhe cuspido nos olhos? — perguntou Leesha.

Wonda acenou com a cabeça.

— Ou podias ter-me mandado matá-lo. Matou metade dos homens de Rizon e ordenou que os seus guerreiros violassem todas as mulheres adultas do ducado!

Wonda calou-se, voltando-se para Leesha subitamente, debruçando-se.

— Vais drogá-lo, não é? — perguntou, com olhos brilhantes.

— Vamos aprisioná-lo a ele e aos seus homens?

— Não farei nada que se pareça — disse Leesha. — Tudo o que sabemos sobre este homem chega-nos por boatos. Tudo o que sabemos ao certo é que ele e os seus nos ajudaram a combater duzentos demónios da madeira. É nosso convidado até os seus actos mostrarem que deverá ser tratado de outra forma.

— Além disso, raptar o seu Libertador seria a forma mais segura de atrair o exército krasiano para o Outeiro — acrescentou Rojer.

— Também há esse pormenor — concordou Leesha. — Pede a Smitt para limpar a taberna e convocar o conselho da aldeia. Que todos vejam e avaliem por si este suposto demónio do deserto.

— Não é nada como esperava — disse o Protector Jona.

— Todo educado — concordou Gared. — Com duas caras. Como os criados no palácio do duque.

— Chama-se ter maneiras, Gared — disse Leesha. — Tu e os outros homens daqui só beneficiariam com umas lições.

— Ele tem razão — disse Rojer. — Esperei um monstro e não um membro da realeza a sorrir sobre a barba oleada.

— Percebo o que queres dizer — disse Leesha. — Não esperava, certamente, que fosse tão bonito.

Jona, Rojer e Gared não disseram nada. Leesha deu mais alguns passos antes de perceber que não a acompanhavam. Olhou para trás e viu que os homens a fitavam. Até Wonda parecia surpresa.

— O que foi? — perguntou.

— Vamos fingir que não disseste isso — disse Rojer, após um momento. Recomeçou a andar, seguido pelos outros. Leesha abanou a cabeça e seguiu-os.



— Estes hortelões são piores do que pensámos — disse Ashan, ao caminharem ao encontro dos restantes homens. — Custa-me acreditar que recebam as suas ordens de uma mulher!

— Mas que mulher! — exclamou Jardir. — Poderosa, exótica e bela como a madrugada.

— Veste-se como uma pega — disse Ashan. — Deverias tê-la matado apenas pelo atrevimento de te olhar nos olhos.

Jardir silvou e calou a sugestão com um gesto.

— Matar uma dama'ting é punido com a morte.

— Com o teu perdão, Shar'Dama Ka, mas ela não é uma dama'ting –
disse Ashan. — É uma infiel. Todos estes hortelões são infiéis e veneram um deus falso.

Jardir abanou a cabeça.

— Seguem Everam, quer o saibam ou não. Há apenas duas Leis Divinas no Evejah: adorar um único deus e dançar a alagai'sharak. Além disso, cada tribo poderá ter os seus costumes próprios. Talvez estes hortelões não sejam tão diferentes de nós. Talvez suceda apenas que os seus costumes nos pareçam estranhos.

Ashan abriu a boca para protestar, mas um olhar de Jardir deixou claro que a discussão chegara ao fim. A boca de Ashan fechou-se e baixou a cabeça.

— Claro. Se o Shar'Dama Ka o diz, assim será.

— Manda os dal'Sharum montarem acampamento — ordenou Jardir. — Tu, Hasik, Shanjat e Abban acompanhar-me-ão no chá.

— Levamos o khaffit? — questionou Ashan, chocado. — Não é digno de beber chá com homens.

— É mais fluente na sua língua do que nós, meu amigo — explicou Jardir. — E Hasik e Shanjat mal possuem um punhado de palavras de hortelão entre os dois. Foi precisamente por este motivo que escolhi trazê-lo. Será valioso neste encontro.



Quando os krasianos chegaram, toda a aldeia parecia ter-se reunido em torno da taberna de Smitt. Leesha autorizou a entrada apenas dos membros do conselho da aldeia e respectivos cônjuges, mas, somando-se ao pequeno exército de filhos e netos de Smitt, ocupados a preparar mesas e a servir, superavam em muito os estrangeiros.

Ecoaram murmúrios pela multidão quando Jardir caminhou para a taberna.

— Voltem para a areia! — gritou alguém. Muitas vozes grunhiram a sua concordância.

Se os krasianos se incomodaram, não deram sinais. Avançaram por entre a multidão com as cabeças bem erguidas, sem qualquer medo. Apenas um deles, um homem redondo vestido com cores garridas e apoiando-se numa muleta, olhou os outeireiros com receio ao passar. Leesha erguia-se junto à porta, preparada para sair se as coisas piorassem de figura.

— Tinhas razão. É bonito — disse-lhe Elona ao ouvido.

Leesha voltou-se para ela, surpresa.

— Quem te disse que achei tal coisa? — Elona limitou-se a sorrir.

— Bem-vindos — disse Leesha, quando Jardir chegou à porta. Ela e a mãe saudaram-no com vénias idênticas. Jardir olhou Elona e voltou a olhar Leesha. Eram suficientemente parecidas para que a ninguém escapasse o seu parentesco.

— A tua... irmã? — perguntou Jardir.

— A minha mãe, Elona — Leesha revirou os olhos quando Elona riu e permitiu que Jardir lhe beijasse a mão. — E o meu pai, Ernal — indicou o pai. Jardir curvou-se para ele.

— Permite que apresente os meus conselheiros — disse Jardir, apontando os homens que o seguiam. — Conheceste o Damaji Ashan. Estes são o kai'Sharum Shanjat e o meu guarda-costas dal'Sharum, Hasik. — Os homens curvaram-se quando foram apresentados. Jardir não mostrou qualquer desejo de apresentar o quinto membro do seu grupo, avançando com os seus homens, entre vénias e apresentações.

O quinto era muito diferente dos restantes. Enquanto os outros eram magros, ele era gordo. Enquanto os primeiros vestiam cores sóbrias e sólidas, ele vestia-se de forma tão garrida como um Jogral. E, enquanto uns eram saudáveis e

fortes, ele apoiava-se com tamanha força sobre a muleta que parecia capaz de cair sem ela.

Leesha abriu a boca para saudar o homem quando passou por ela, mas os olhos deste passaram além dela e curvou-se diante do pai.

— É um prazer conhecer-te, por fim, Ernal Papel.

Erny olhou-o com curiosidade.

— Conheço-te?

— Abban am'Haman am'Kaji — apresentou-se o homem.

— Eu... costumava vender-te papel — gaguejou Erny após um momento. — Hmm... ainda tenho a tua última encomenda no armazém. Esperava um pagamento quando os Mensageiros deixaram de chegar de Rizon.

— Seiscentas folhas do papel florido da tua filha, se bem me lembro — disse Abban.

— Noite! Eram para ti?! — exclamou Leesha. — Sabes quantas horas perdi com aquelas folhas, apenas para ficarem abandonadas no armazém como se fossem... adubo?!

Jardir aproximou-se no momento seguinte, afastando-se da apresentação a Smitt como se não significasse nada.

— Que disseste para ofender a nossa anfitriã, khaffit?! — perguntou.

Abban curvou-se tanto quanto permitia a muleta.

— Parece que devo dinheiro ao seu pai, Libertador, por papel que ela e o pai fabricaram para mim há anos e que não pude receber quando as nossas fronteiras foram fechadas.

Jardir rosnou, golpeando-o furiosamente com as costas da mão.

— Pagar-lhe-ás o triplo do que deves, imediatamente!

Abban gritou quando embateu no chão, cuspindo sangue.

Leesha empurrou Jardir, correndo para junto de Abban e ajoelhando a seu lado. Tentou afastar-se, mas ela segurou-lhe firmemente a cabeça nas mãos, examinando-o. Tinha o lábio aberto, mas não lhe pareceu que precisasse de pontos.

Ergueu-se rapidamente e olhou Jardir.

— Que se passa contigo, pelo Núcleo?

Uma expressão chocada dominou a face de Jardir, como se, de repente, chifres tivessem brotado da cabeça de Leesha.

— É apenas um khaffit — explicou. — Um fraco sem honra.

— Não me importa o que seja! — replicou Leesha, avançando para Jardir até ficarem praticamente com os narizes a tocar-se e com os olhos dela faiscando como uma chama azul. — É um hóspede entre nós, tal como tu, e, se pretendes conservar esse estatuto, terás maneiras e guardarás as mãos para ti próprio!

Jardir manteve-se imóvel, atordoado, e os seus conselheiros pareciam igualmente chocados. Todos se voltaram para o líder, esperando que lhes fosse indicado como deviam reagir. Os guerreiros flectiram as mãos, como se estivessem preparados para alcançar as lanças curtas penduradas às costas. Os dedos de Leesha ansiavam por entrar num dos muitos bolsos do seu avental, retirando um punhado de pó cegante, se o fizessem.

Mas Jardir quebrou o impasse e deu um passo atrás, curvando-se.

— Estás certa, claro. Peço desculpa por trazer violência à tua mesa. — Voltou-se para Abban. — Comprar-te-ei as páginas pelo triplo do que pagarás ao seu pai — afirmou, elevando a voz e voltando-se novamente para Leesha. — Qualquer coisa tão preciosa para mestra Leesha será, certamente, um tesouro.

Abban encostou a testa ao chão e apoiou-se na muleta para se erguer. Erny avançou para o ajudar, apesar de o pequeno homem poder fazer pouco para mover o grande peso do outro.

Jardir sorriu para Leesha, reluzindo de orgulho, como se acreditasse realmente que conseguiria impressioná-la mais com uma demonstração de riqueza do que conseguira com uma demonstração de violência.

— Bonito ou não, é um asno pomposo — murmurou Leesha a Rojer.

— Talvez — concordou Rojer. — Mas um asno capaz de esmagar o Outeiro como um insecto se assim o desejar.

Leesha franziu a testa.

— Não apostes muito nisso.

— As mulheres nortenhas têm vontade de aço — referiu Hasik em krasiano ao serem conduzidos a uma das altas mesas com os seus bancos duros.

— Também as nossas — replicou Jardir. — Mas escondem-na sob as vestes. — Todos, mesmo Abban, se riram do comentário e não discordaram.

O chá foi servido por crianças, juntamente com bandejas de biscoitos duros. O sacerdote nortenho pigarreou e todos os olhos se voltaram para ele. Ashan fitou o Protector como um falcão olhando um rato. O clérigo hortelão empalideceu sob o olhar do dama, mas continuou.

— É nosso costume orar antes das refeições — disse.

Elona roncou e Jona olhou-a com ferocidade. Jardir ignorou a mulher, apesar de a sua rudeza o chocar.

— Também é nosso costume, Protector — disse, curvando-se. — É justo dar graças a Everam por todas as coisas.

O lábio de Jona tremeu nervosamente ao ouvir o nome que Jardir dava ao Criador, mas acenou com a cabeça, praticamente apaziguado.

— Criador — entoou Jona, erguendo a chávena nas duas mãos como uma oferenda —, agradecemos a comida e bebida diante de nós, um símbolo da vida e rica abundância que nos haveis concedido. Rezamos pela força para melhor Vos servirmos e pedimos a Vossa bênção para nós e para todos os que não possuem mesa em redor da qual se possam sentar nesta noite.

— A abundância não foi tão rica este ano — murmurou Elona, alcançando um dos biscoitos duros e torcendo o nariz. A mulher sobressaltou-se e Jardir adivinhou pelo olhar que lançou a Leesha que a filha a tinha pontapeado sob a mesa.

— Lamento não vos podermos oferecer nada melhor — disse Leesha, quando notou o olhar de Jardir. — Mas os efeitos da guerra não têm poupado a nossa aldeia, com milhares de refugiados tendo perdido sem sentido tudo o que possuíam e também muitos entes queridos.

— Sem sentido? — sussurrou Ashan em krasiano. — Insultam-nos a nós e ao caminho sagrado que percorremos, Libertador!

— Não! — silvou Abban. — É um desafio. Responde com cautela. — Ashan arregalou-lhe os olhos.

— Calem-se os dois! — ordenou Jardir, num sussurro. Afastou os olhos de Leesha e da mãe, voltando-se para acenar afirmativamente ao Protector.

— A tua oração sobre o pão é muito semelhante à nossa — disse.

— Em Krasia, oramos até sobre uma malga vazia, pois, com a vontade de Everam, poderá fortalecer-nos de formas que uma malga cheia não conseguirá.

Voltou a olhar Leesha.

— Dizem-me que a tua aldeia era pequena e semelhante a qualquer outra há um ano — disse. — E, no entanto, agora é grande e poderosa. Não vi gente faminta nas vossas ruas. Não vi mendigos, aleijados ou gente desesperada. Ao invés, erguem-se na noite, enfrentando
demónios às centenas. Como ao aço, a minha chegada temperou a vossa aldeia e fortaleceu-a.

— Não foste tu quem a temperou — ripostou Gared. — Foi o Homem Pintado, quando ainda comias areia no deserto.

A tensão de Hasik era notória. Jardir duvidava que compreendesse plenamente o que o hortelão dissera, mas o tom do gigante era claro. Acenou com os dedos a Hasik, acalmando-o.

— Desejo saber mais sobre este Homem Pintado — disse Jardir.
— Ouvi falar muito dele na Dádiva de Everam, mas nada a alguém que o tenha visto.

— É o Libertador. Não precisas de saber mais nada — rosnou Gared. — Devolveu-nos a magia que perdemos há muitos anos.

— Guardas de combate para defrontar alagai — disse Jardir. Gared acenou afirmativamente. — Posso ver uma arma que tenha guardado? — perguntou.

Gared hesitou, olhando Leesha. Os olhos de Jardir seguiram os seus e, novamente, aqueles olhos azuis como água fresca ameaçaram afogá-lo nas suas profundezas ocultas. Sorriu e sentiu-se trespassado por um sorriso.

— Mostrar-te-emos o que desejas ver — disse Leesha, esboçando um sorriso tímido. — Se nos mostrares algo teu. Talvez a tua lança.

Até Abban ficou boquiaberto perante a sua audácia, mas Jardir limitou-se a sorrir. Levou a mão à lança, mas Ashan segurou-lhe o pulso.

— Libertador, não! — silvou Ashan. — Mãos de chin são indignas de segurar a Lança de Kaji.

— Já não é a Lança de Kaji, Ashan — disse Jardir em krasiano. — É a Lança de Ahmann e farei com ela o que desejar. Não serão as primeiras mãos de chin a tocá-la e as suas bênçãos permanecem intactas.

— E se tentarem roubá-la? — acrescentou Hasik.

Jardir olhou-o, com expressão plácida.

— Se tentarem, mataremos cada homem, mulher e criança nesta aldeia e reduzi-la-emos a cinzas.

Encerrado o assunto, ergueu a lança na horizontal diante de si. Em resposta, Gared levou a mão ao cinto, extraindo uma lâmina longa. Hasik e Shanjat ficaram tensos e preparados para atacar, mas o gigante voltou a arma, segurando a lâmina e oferecendo o punho a Jardir. Trocaram.

Não houve qualquer simulação de decoro quando os peritos em guardas de ambos os lados se apressaram a examinar as armas.

Jardir voltou a lâmina longa para reflectir a luz deixando-a percorrer em cursos cintilantes as guardas complexas gravadas na superfície. Percebeu de imediato que as guardas eram as mesmas que os seus usavam para as suas armas, símbolos retirados da Lança de Kaji, que continha quase todas as guardas de combate conhecidas.

Mas as guardas iam além da funcionalidade fria das lanças gravadas com simplicidade dos dal'Sharum. Havia uma perícia artística que rivalizava com qualquer coisa que Jardir tivesse visto além da própria lança, com centenas de guardas fluindo harmoniosamente para tecer uma rede de incrível poder que era em simultâneo bela de contemplar e terrível para um alagai.

— Magnífico — murmurou Jardir.

— Sem preço — disse Abban.

— Poderá este Homem Pintado ter roubado os símbolos em Anoch Sun? — perguntou Ashan.

— Ridículo — considerou Jardir. — Ninguém lá vai há mil anos. Excepto...

Olhou os seus homens e percebeu que todos pensavam o mesmo.

— Não — disse Jardir, por fim. — Não. Está morto.

— Claro. É impossível que não esteja — ecoou Ashan, após uma breve pausa. Os outros acenaram em concordância.

Ergueram o olhar, vendo Leesha e o pai, que agora usava óculos, examinando a Lança de Kaji com proximidade demasiada. Tinham-na segurado durante tempo suficiente para apreciar a grandeza, mas não viu razão para ceder todos os seus segredos.

— Estas guardas são fortes — disse, estendendo a lâmina a Gared com o punho para a frente. Olhou fixamente a lança e os hortelões devolveram-na, contrariados. A avidez nos olhos de Leesha quando a lança lhe foi devolvida era gratificante. Ansiava pelos seus segredos.

— Onde está este Homem Pintado? — perguntou Jardir a Gared quando a

lâmina foi novamente devolvida à bainha. — Gostaria muito de o conhecer.

— Vai e vem — antecipou-se Leesha, antes que o gigante pudesse responder.

Jardir acenou-lhe com a cabeça.

— Foi ele que te deu essa capa prodigiosa? É semelhante ao próprio Manto de Kaji, permitindo-te caminhar entre os alagai sem seres vista.

Leesha corou e Jardir percebeu que, de alguma forma, lhe tinha feito um elogio.

— As Capas de Invisibilidade são criação minha — disse. — Alterei guardas de confusão e visão, juntamente com uma protecção ligeira, para que nenhum nuclita, grande ou pequeno, consiga ver quem as usa.

— Incrível — disse Jardir. — Everam deve falar-te ao ouvido, se alteras guardas, sobretudo se o fazes para criar coisas de beleza e poder tão divinos.

Leesha baixou os olhos para a capa, tocando-a distraidamente com os dedos. Por fim, riu-se e ergueu-se, abrindo o fecho de prata em forma de guarda junto ao pescoço.

— Aceita-a — disse, estendendo-lhe a capa.

— Enlouqueceste?! — gritou Elona, atravessando-se à sua frente, como Ashan fizera antes a Jardir.

— A capa apenas é eficaz contra demónios — disse, tanto para a mãe como para Jardir. — Aceita-a para que recordes quem é o verdadeiro inimigo quando o Sol nascer amanhã. — Libertou o braço da mãe e voltou a estender a capa a Jardir.

Jardir colocou as mãos sobre o tampo da mesa e curvou-se.

— É uma dádiva demasiado grande e não tenho comigo nada com que possa retribuir. Não posso aceitar, por Everam.

— Em troca, desejo apenas que recordes o que te pedi — disse Leesha. Jardir voltou a curvar-se, aceitando a capa prodigiosa com olhos muito abertos. Se as guardas da arma do Homem Pintado revelavam harmonia, a Capa de Invisibilidade de Leesha era uma sinfonia. Dobrou a capa com cuidado e guardou-a na túnica antes que ele ou algum dos seus conselheiros se distraísse a estudá-la.

— Obrigado, mestra Leesha, filha de Erny, Herbanária do Outeiro do Libertador — disse, com nova vénia. — Honras-me muito com a tua oferta.

Leesha sorriu e voltou a sentar-se. Por um momento, os hortelões fingiram-se

concentrados no chá, murmurando entre si ao fazerem-no. Jardir permitiu-lhes que trocassem impressões, olhando Abban.

— Fala-me do rapaz ruivo que se veste como um khaffit — ordenou.

Abban curvou-se.

— É aquilo a que os hortelões chamam um «Jorgal», Libertador. São contadores de histórias e músicos viajantes, que se vestem com cores garridas como marca do seu ofício. É considerada uma profissão honrada e os seus praticantes são frequentemente vistos como figuras inspiradoras e dignas de respeito.

Jardir acenou afirmativamente, digerindo a informação.

— Conseguiu dominar os alagai com a sua música. Comandou-os com ela. E quanto a isso?

Abban encolheu os ombros.

— As histórias do Homem Pintado falam de alguém com essa capacidade, que encanta os alagai com a sua magia, mas nada sei sobre esse poder. Imagino que não seja comum.



Rojer observou incomodado os olhares furtivos que os krasianos lhe lançavam. Era óbvio que falavam sobre ele, mas, se o seu ouvido treinado tinha já começado a isolar sons e padrões da sua língua surpreendentemente musical, a compreensão estava ainda distante.

Os krasianos aterrorizavam-no e fascinavam-no em simultâneo, tal como sucedia com o Homem Pintado. Rojer era tanto um contador de histórias como um violinista e tecera muitas narrativas sobre Krasia, ainda que nunca tivesse conhecido alguém de tais paragens. Mil questões lhe assolavam a cabeça, mas emaranhavam-se antes de lhe chegarem aos lábios, pois não estava diante dos príncipes exóticos das suas histórias. Rojer percorrera a estrada para Rizon e vira o seu trabalho. Cultos ou não, tratam-se de assassinos, violadores e bandidos.

Jardir voltou a olhá-lo e Rojer deu consigo a devolver-lhe o olhar antes de conseguir disfarçar. Sobressaltado, sentiu-se como uma lebre encurralada.

— Perdoa-me. Temos sido indelicados — disse Jardir, curvando-se.

Rojer fingiu coçar o peito, mas era apenas um pretexto para tocar o seu talismã.

Extraía força do medalhão e da presença tranquilizadora de Gared a seu lado. Não era a primeira vez que Rojer se sentia grato pelo voto do poderoso Lenhador que jurara protegê-lo.

— Não ofenderam — disse-lhes, acenando com a cabeça.

— Não há «Jorgais» no meu povo — disse Jardir. — O teu ofício interessa-nos.

— Não têm músicos? — perguntou Rojer, chocado.

— Sim — respondeu Jardir. — Mas, em Krasia, a música serve apenas para louvar Everam e não para encantar demónios no campo de batalha. Diz-me, esse poder é comum no Norte?

Rojer riu-se.

— Não. Nada comum. — Ergueu a chávena de chá, desejando que contivesse algo mais forte. — Nem sequer consigo ensiná-lo. Nem eu próprio sei muito bem como o faço.

— Talvez Everam te fale — sugeriu Jardir. — Talvez tenha abençoado a tua linhagem com tal poder. Algum dos teus filhos revelou indícios de ser capaz do mesmo?

Rojer voltou a rir-se.

— Filhos? Nem sequer sou casado.

Aquilo pareceu chocar os krasianos.

— Um homem do teu poder deverá ter muitas esposas que lhe dêem filhos — disse Jardir.

Rojer riu, erguendo-lhes a chávena.

— De acordo. Deveria ter muitas esposas.

Leesha intrometeu-se com um ronco de desprezo.

— Gostaria de te ver lidar com uma única. — Todos se riram à custa de Rojer, dos dois lados da mesa. Suportou a troça em silêncio. Gracejos à sua custa não eram novidade no Outeiro, mas, mesmo assim, sentiu-se corar. Olhou Jardir, percebendo que o líder krasiano não ria.

— Posso colocar-te uma questão pessoal, filho de Jessum? — perguntou Jardir.

Rojer tocou o medalhão ao ouvir o nome do pai, mas acenou afirmativamente.

— Qual a origem desse ferimento? — perguntou Jardir, apontando a mão mutilada que Rojer erguera, a que faltavam dois dedos e parte da palma. — Parece antigo, demasiado antigo para que o tenhas sofrido a defrontar alagai enquanto adulto e não parece prender-te grandemente os movimentos, como se o

tivesses há muitos anos.

Rojer sentiu o sangue gelar. Olhou o mercador gordo vestindo as suas sedas garridas, tratado com tamanho desprezo pelos seus companheiros por ser aleijado. Pensou se os krasianos pensariam menos dele por ter apenas meia mão.

Os restantes pararam de falar, esperando a resposta de Rojer. Tinham estado à escuta, de qualquer forma, mas, agora, todos o olhavam abertamente.

Rojer franziu o sobrolho. «Os outeireiros serão assim tão diferentes?», pensou. Nenhum deles, nem mesmo Leesha tinha alguma vez referido a sua mão mutilada, fingindo que não existia e olhando-a fixamente quando julgavam que não via.

«Pelo menos, é sincero quanto à sua curiosidade», pensou Rojer, voltando a olhar Jardir. «E não me importa uma bosta de nuclita o que pensar de mim.»

— Demónios violaram as nossas guardas quando era uma criança de três anos — disse. — O meu pai ergueu-se com um atiçador de ferro para os atrasar enquanto a minha mãe fugia comigo. Um demónio da chama saltou-lhe sobre as costas, mordendo-me a mão e o seu ombro.

— Como sobreviveste? — perguntou Jardir. — O teu pai salvou-te?

Rojer abanou a cabeça.

— O meu pai já estava morto. A minha mãe matou o demónio da chama e empurrou-me para um alçapão.

Ouviram-se exclamações de espanto em redor da mesa e até os olhos de Jardir se arregalaram.

— A tua mãe matou um demónio da chama? — perguntou.

Rojer acenou afirmativamente.

— Arrancou-o de cima de mim e afogou-o numa tina de água. A água ferveu e os seus braços estavam vermelhos e cobertos de bolhas quando o demónio parou de se debater.

— Rojer! É terrível! — gemeu Leesha. — Nunca me contaste nada!

Rojer encolheu os ombros.

— Nunca perguntaste. Nunca ninguém me perguntou o que me aconteceu à mão. Todos, até tu, evitam olhá-la.

— Sempre pensei que quisesses privacidade — disse Leesha. — Não queria deixar-te desconfortável por referir a tua...

— Disformidade? — completou Rojer, irritado pela piedade que lhe ouvia na

voz.

Jardir ergueu-se, a expressão enraivecida. Todos os que o rodeavam ficaram tensos, preparados para o que se seguisse.

— É um ferimento provocado por alagai! — gritou, estendendo um braço sobre a mesa e segurando a mão de Rojer, erguendo-a para que todos a vissem. — Que Nie leve quem te olhar com piedade. É um distintivo de honra! Ferimentos e cicatrizes mostram a nossa resistência aos alagai! — gritou. — E à própria Nie! Dizem-Lhe que olhámos a boca negra do Seu abismo e lhe cuspimos. — Hasik! –

Jardir apontou o maior dos seus guerreiros. Ao seu comando, o guerreiro ergueu-se e abriu a couraça, mostrando um semicírculo de marcas de dentes que cobriam metade do seu tronco.

— Demónio do barro — disse, com sotaque cerrado. — Grande — acrescentou, abrindo os braços.

Jardir voltou-se para Gared e semicerrou os olhos em desafio.

— Nada mau — grunhiu Gared. — Mas acho que venço. — Ergueu a camisa sobre o peito musculado, revelando uma linha espessa de marcas de garras que lhe ia do ombro direito à anca esquerda. — Um demónio da madeira apanhou-me a jeito — disse. — Um homem mais pequeno teria sido cortado ao meio.

Rojer observou, maravilhado, enquanto aquela onda percorria a taberna, com gente de ambos os lados da mesa erguendo-se e mostrando cicatrizes, gritando as suas histórias, discutindo quais tinham maiores ferimentos. Após o último ano no Outeiro, quase não haveria ninguém na aldeia que não tivesse pelo menos uma marca.

Mas não havia indício de arrependimento em redor. As pessoas riam com vontade ao ouvirem relatar e, por vezes, recriar por gestos, encontros quase fatais. Até os krasianos riam com gosto. Rojer olhou Wonda, vendo a face horrivelmente marcada da rapariga, e viu-a sorrir pela primeira vez.

Quando o ruído atingiu o seu nível máximo, Jardir subiu para o seu banco como um mestre Jogral.

— Que os alagai vejam as nossas cicatrizes e desesperem! — gritou, despindo a túnica.

A pele morena cobria músculos salientes, mas não foi isso a atrair exclamações de espanto de cada boca em redor, mas sim as suas cicatrizes. Eram guardas.

Centenas delas, talvez milhares, cortadas na sua pele como as tatuagens do Homem Pintado.

— Noite. Talvez seja ele o Libertador — murmurou Rojer.

Vinte e Cinco

Qualquer Preço

333 DR

— SERÁ MELHOR QUE COXEIES MAIS RÁPIDO — disse Hasik a Abban, rindo-se — ou serás abandonado na escuridão.

A dor provocou um esgar dorido a Abban e gotas de suor escorreram-lhe pela face anafada. Ahmann marcou um ritmo de marcha brutal no regresso ao acampamento krasiano e seguia à frente com Ashan, deixando o pobre Abban entalado entre Hasik e Shanjat, dois homens que o haviam torturado na infância e que, agora, faziam ainda pior.

Apenas uma semana antes, Hasik violara uma das filhas de Abban quando esta foi ao seu pavilhão entregar uma mensagem. Antes, fizera-o a uma das suas esposas. Jurim e Shanjat tinham feito questão de acolher os filhos nie'Sharum de Abban sob sua alçada no Kaji'sharaj, incutindo-lhes tamanha repulsa pelo seu pai khaffit que Abban sentiu o coração dilacerado. Todas as Lanças do Deserto o insultavam e cuspiam sobre ele, golpeando-o quando sentiam vontade se o Shar'Dama Ka não estivesse por perto. Todos conheciam Ahmann dos velhos tempos e ressentiam-se que o Libertador lhe concedesse a atenção que lhes faltava. Abban sabia que, se algum dia deixasse de estar nas graças de Ahmann, a sua vida seria muito curta.

No momento em que deixaram a protecção da guarda gigante do Outeiro do Libertador, Abban sentiu a pele arrepiada e forçou-se a aceitar que não havia

nada que os Sharum pudessem fazer-lhe que o deixasse demasiado orgulhoso para rejeitar a sua protecção na noite.

Tal era o destino dos khaffit.

— Não compreendo por que tratas estes chin fracos como se fossem homens verdadeiros — disse Ashan a Ahmann ao caminharem.

— Esta gente é forte — replicou Ahmann. — Até as suas mulheres possuem cicatrizes de alagai.

— As suas mulheres são como rameiras sem pudor — considerou Ashan. — E deviam ver com maior frequência as costas das mãos dos seus maridos. A que os lidera é a pior de todas! Não acredito que a deixaste repreender-te como uma... uma...

— Dama'ting? — perguntou Ahmann.

— Mais como a Damajah — corrigiu Ashan. — E esta mulher não é nenhuma das duas coisas.

A expressão de Ahmann alterou-se ligeiramente. Era um sinal de irritação quase imperceptível que, mesmo assim, teria feito Abban fugir se houvesse possibilidade de fuga.

Mas Ahmann controlou-se.

— Pensa, Ashan — disse. — Deverei desperdiçar guerreiros a conquistar esta gente para a Sharak Ka quando já defrontam os alagai?

— Não lutam sob teu comando, Shar'Dama Ka — recordou Ashan. — O Evejah ordena que todos os guerreiros obedeçam ao Libertador para que a Sharak Ka seja vencida.

Ahmann acenou afirmativamente.

— E assim será. Mas não uni as tribos de Krasia pela matança. A unidade resultou da mistura do meu sangue com o seu pelo casamento com as suas dama'ting. Não vejo motivo para não fazer o mesmo no Norte.

— Casarias com aquela... aquela... — Ashan estava incrédulo.

— Aquela quê? — perguntou Ahmann. — Aquela mulher bela que mata alagai com um acenar da mão e traça guardas como uma feiticeira dos velhos tempos? — Ergueu a capa guardada que lhe oferecera e colocou-a junto à face, fechando os olhos e inalando profundamente. — Até o seu cheiro me inebria. Preciso de a possuir.

— Nem sequer segue o Evejah! — exclamou Ashan. — É uma infiel!

— Os infiéis também fazem parte do plano de Everam, meu amigo – disse Ahmann. — Não o vês? A única tribo no Norte que trava a alagai'sharak é liderada por uma mulher, uma curandeira nortenha abençoada com poderes nunca antes vistos. Casando com ela, poderei acrescentar a sua força à nossa sem derramar uma gota de sangue. É como se o próprio Everam tivesse planeado a união. Sinto a Sua vontade vibrando dentro de mim e não a negarei.

Ashan parecia preparado para continuar a discutir, mas era claro que Ahmann considerava o assunto encerrado. Franziu o cenho, mas acabou por se curvar.

— Como deseja o Libertador — disse, entredentes.

Por fim, chegaram ao acampamento e Abban suspirou de alívio quando viu que o pavilhão de Ahmann estava erguido e à sua espera. Os dal'Sharum rodeavam-no, dormindo por turnos e atentos a qualquer ameaça dos demónios ou de outro tipo.

— Abban, vem comigo — disse Ahmann. — Shanjat e Ashan, ocupem-se dos homens.

O Damaji e o kai'Sharum trocaram um olhar azedo, mas não argumentaram e apressaram-se a obedecer. Hasik avançou atrás de Ahmann, mas este deteve-o com um olhar.

— Não preciso de guarda-costas para me reunir com um khaffit — disse-lhe.

Hasik curvou-se.

— Porque não me deste outra ordem, Libertador, presumi que o meu lugar fosse a teu lado.

— O meu pavilhão precisa de ser erguido — sugeriu Abban.

Ahmann acenou afirmativamente.

— Hasik, ocupa-te disso.

Hasik olhou Abban, com um brilho homicida nos olhos, mas Abban, seguro atrás de Ahmann, não se curvou na vénia subserviente dos khaffit. Ao invés, esboçou-lhe um sorriso de troça.

Abban voltou-se e entrou no pavilhão, mantendo erguida a aba para que Ahmann passasse. A raiva impotente na face de Hasik enquanto o via fechar a aba era fraca compensação pela virgindade roubada à sua filha, mas aproveitava as vinganças possíveis.

Jardir voltou-se para Abban, assim que ficaram a sós.

— Peço desculpa por te golpear — disse —, mas...

— Querias impressionar a mulher. Eu sei — antecipou-se Abban. — E teria valido a pena se tivesse funcionado, mas estes chin vêem o mundo de forma diferente.

Jardir acenou afirmativamente, recordando a forma como o Par'chin costumava defender Abban.

— As nossas culturas insultam-se naturalmente uma à outra. Devia ter sabido.

— É necessária cautela especial no trato com os chin — concordou Abban.

Jardir ergueu a Lança de Kaji.

— Sou um guerreiro, Abban. As minhas estratégias destinam-se a conquistar homens e a matar alagai. Não sou bom nesse tipo de... manipulação — cuspiu a palavra — em que tu e Inevera são tão exímios.

— As mentiras sempre te corroeram os lábios, Ahmann — concordou Abban, com uma vénia que parecia reverente e trocista em partes iguais.

— Como posso conquistar esta mulher? — perguntou Jardir. — Vi os seus olhos pousados em mim. Achas que terá a liberdade das dama'ting para escolher o marido ou deverei abordar o seu pai?

— As dama'ting têm essa liberdade porque os seus pais não são conhecidos — disse Abban. — Mestra Leesha fez questão de nos apresentar ao pai e ofereceu-te a capa, um sinal claro de que está receptiva à corte. Uma donzela comum poderá dar uma capa fina a um pretendente, mas a sua dádiva é digna do Libertador.

— Nesse caso, bastará apenas negociar um dote com o pai — disse Jardir.

Abban abanou a cabeça.

— Erny é um negociante duro, mas esse será o elemento mais simples. Preocupar-me-ia mais com a oposição da Damajah à união e com o apoio dos Damaji.

— Matarei qualquer Damaji que me desafie neste assunto — disse Jardir. — Até mesmo Ashan.

— Que mensagem transmitirá esse gesto ao teu exército, Ahmann — perguntou Abban — quando o seu líder matar um Damaji por uma mulher chin?

Jardir franziu a testa.

— Que importa? Inevera não tem motivo para se opor.

Abban encolheu os ombros.

— Apenas o refiro porque a Damajah poderá achar que lhe será mais difícil dominar esta mulher nortenha do que as tuas outras Jiwah Sen.

Jardir sabia que Abban estava certo. Sempre achara que Inevera era a mulher mais poderosa do mundo, mas aquela Leesha do Outeiro do Libertador parecia rivalizar com ela em todos os sentidos. Não desempenharia o papel de esposa subordinada e Inevera não toleraria que não o fizesse.

— Mas é precisamente por esse espírito indómito que preciso de a ter a meu lado se desejo liderar os chin na Sharak Ka — disse Jardir. — Talvez possa desposá-la em segredo.

Abban abanou a cabeça.

— A notícia dessa união acabaria por chegar à Damajah e poderia anulá-la com uma palavra. Além disso, a tribo de Leesha podia vê-lo como um insulto indesculpável.

Jardir abanou a cabeça.

— Há uma forma. Há a vontade de Everam. Sinto-o.

— Talvez... — começou Abban, passando os dedos pelos caracóis da barba oleada.

— Sim? — perguntou Jardir.

Abban permaneceu em silêncio por um momento. A seguir, abanou a cabeça e acenou com a mão.

— Foi apenas um pensamento que não resistiu a escrutínio mais atento.

— Que pensamento? — perguntou Jardir. O seu tom deixou claro que não voltaria a perguntar.

— Ah — disse Abban. — Pensei apenas que a Damajah poderia ser unicamente a tua Jiwah Ka krasiana. Se assim fosse, talvez fosse sensato designar também uma Jiwah Ka nortenha para combinar casamentos com mulheres chin nas terras verdes. — Abban abanou a cabeça. — Mas nem mesmo Kaji teve duas Jiwah Ka.

Jardir esfregou as mãos, sentindo, ao pensar, as cicatrizes suaves das guardas cortadas na pele.

— Kaji viveu há três mil anos — disse, por fim. — E os textos sagrados estão incompletos. Quem poderá dizer ao certo quantas Jiwah Ka possuía?

Vendo que Abban não respondeu de imediato, Jardir sorriu.

— Irás amanhã a casa do pai de Leesha para saldar a tua dívida — ordenou. — E para averiguar que dote pede por ela.

Abban curvou-se e saiu.



Abban sorriu aos hortelões ao coxear pela aldeia sobre a muleta de camelo. Olharam-no, muitos com desconfiança, mas, se a muleta era um convite à violência em Krasia, parecia ter o efeito oposto nos chin. Envergonhar-se-iam se golpeassem um homem incapaz de se defender de forma adequada, tal como se envergonhavam de golpear uma mulher. Explicava porque as suas mulheres tomavam tamanhas liberdades.

Com o passar do tempo, percebeu que gostava cada vez mais das terras verdes. O clima não era insuportavelmente quente nem insuportavelmente frio, ao passo que no deserto se verificavam os dois extremos. E havia no Norte uma abundância como Abban nunca sonhara. As possibilidades de lucro eram intermináveis. As suas esposas e filhos já faziam fortuna na Dádiva de Everam e a maior parte das terras verdes permanecia ainda longe do seu alcance. Em Krasia, era rico, mas apenas o consideravam um meio homem. No Norte, poderia viver como um Damaji.

Não era a primeira vez que Abban tentava perceber as verdadeiras intenções de Ahmann. Acreditaria mesmo ser o Libertador e que coisas como o casamento com aquela mulher seriam vontade de Everam ou limitar-se-ia a fingir para consolidar o poder?

Se fosse qualquer outro homem, Abban teria acreditado na segunda hipótese, mas Ahmann sempre manifestara uma sinceridade ingénua em tais assuntos e poderia mesmo ser afectado por semelhante ilusão de grandeza.

Era ridículo, claro, mas a crença na sua divindade era partilhada por quase todos os homens, mulheres e crianças em Krasia, o que conferia a Ahmann um poder de tal forma tremendo que deixava de importar se seria ou não verdade. De qualquer forma, Abban servia o homem mais poderoso do mundo e, mesmo que não tivessem regressado à sua velha amizade, tinham, pelo menos, regressado aos seus padrões.

Mas esses padrões possuíam agora um novo elemento. A Damajah. E Abban

era um manipulador demasiado hábil para não reconhecer uma manipuladora com idênticas qualidades. Inevera submetia Ahmann às suas vontades e estas permaneciam longe até da compreensão de Abban, que fizera fortuna com a habilidade de ver os desejos em corações alheios.

A Damajah exercia algum poder desconhecido sobre Ahmann, mas era ténue. Era o Shar'Dama Ka. Dama'ting ou não, se desse a ordem, ninguém hesitaria em despedaçá-la para lhe agradar.

Abban sabia que não devia intrometer-se entre ambos, claro. Sobrevivera demasiado tempo para cometer um erro tão tolo. No momento em que Inevera sentisse que lhe era contrário, esmagá-lo-ia como um escorpião sob a sandália e nem Ahmann conseguiria impedi-la. Abban era tão inferior à Damajah como ela era inferior a Ahmann. Mais ainda.

«O único homem capaz de lidar verdadeiramente com uma mulher é outra mulher», dissera-lhe o seu pai muitas vezes antes de morrer. Era um conselho sábio.

Leesha Papel abalaria os alicerces do poder de Inevera, talvez libertando Ahmann por completo da sua influência. E o melhor era que a Damajah nunca perceberia a mão de Abban no assunto.

O seu sorriso ampliou-se.

Abban sentiu-se agradado por descobrir que Erny era tão hábil a regatear em pessoa como fora por intermédio dos seus Mensageiros. Desprezava quem não fosse capaz de regatear. Apenas excluía Ahmann dessa regra porque, em vez de não conseguir regatear, limitava-se a não querer fazê-lo.

O resultado foi um preço justo, mas, após Abban o triplicar, como Ahmann ordenara, tornou-se uma soma considerável. Erny e a sua esposa pareceram bastante agradados ao verem Abban contar o ouro.

— O material está todo aqui — disse Erny, colocando a caixa com o papel florido de Leesha sobre o balcão e abrindo a tampa.

Abban passou delicadamente os dedos pela primeira folha de papel garrido, sentindo a textura das flores artisticamente embutidas. Fechou os olhos e inspirou.

— O cheiro ainda é doce após tanto tempo — disse, sorrindo.

— Mantém-no seco e durará uma eternidade — considerou Erny. — Ou algo bastante próximo para homens mortais.

— A tua filha parece abençoada por Everam — disse Abban. — Perfeita de todas as formas, como um Serafim Celestial.

Elona roncou, mas Erny olhou-a com severidade e fê-la silenciar-se.

— É verdade — concordou Erny.

— O meu mestre gostaria de a comprar como noiva — disse Abban. — Autorizou-me a negociar o seu dote e será muito generoso.

— Quão generoso? — perguntou Elona.

— Não importa! — exclamou Erny. — Leesha não será vendida como um cavalo!

— Claro, claro — disse Abban, curvando-se para ganhar tempo e analisar a situação. A reacção de Erny era inesperada e não conseguia perceber se o tinha ofendido ou se seria apenas uma táctica de regateador para fazer subir o preço. — Por favor, perdoa a minha infeliz escolha de palavras — disse Abban. — Parece que a vossa língua me falha em ocasiões críticas. Não quis ofender.

Erny pareceu apaziguado e Abban esboçou o sorriso que tinha iludido milhares de clientes, fazendo-os pensar que era seu amigo.

— O meu mestre compreende que a vossa filha lidera a tribo e não poderá ser tratada como uma comum mercadoria — disse. — Deseja conferir-lhe a ela e à vossa tribo grande honra, ao misturar o seu sangue com o dela. A seu lado, a vossa filha será a primeira entre as mulheres do Norte e exercerá influência na corte e na cama do Libertador capaz de impedir derrame desnecessário de sangue se o meu mestre avançar para estas terras.

— É uma ameaça? — perguntou Erny. — Estás a dizer que o teu mestre nos matará e a levará se não a vendermos?

Abban sentiu a face aquecer. A ofensa era extrema. O Par’chin sempre lhe dissera que os krasianos tinham temperamentos ardentes, mas parecia que os nortenhos não eram diferentes se alguém se lhes dirigisse com demasiada sinceridade.

Abban curvou-se profundamente, abrindo as mãos.

— Por favor, meu amigo. Comecemos novamente. O meu mestre não faz quaisquer ameaças e não deseja ofender. Entre o nosso povo, é dever do pai

combinar casamentos para as suas filhas. Parte do acordo estipula que a família do noivo ofereça ao pai e à noiva um dote simbólico do seu valor. Foi-me dito que a gente do Norte partilhava este costume.

— Partilhamos — antecipou-se Elona antes que Erny conseguisse responder.

— Algumas pessoas poderão fazer esse tipo de coisa — corrigiu Erny. — Mas não foi assim que criei a minha Leesha. Se o teu mestre deseja casar com a minha rapariga, terá de vir cortejá-la como qualquer outro e, se ela decidir que o aceita, poderá vir pedir a minha bênção.

Pareceu estranho a Abban, mas não fazia grande diferença. Curvou-se novamente.

— Transmitirei as tuas condições ao meu mestre. Suponho que começará a cortejar a vossa filha de imediato.

Erny arregalou os olhos.

— Eu não... au! — gritou, quando Elona lhe cravou as unhas no braço sem qualquer subtileza. Abban olhou o gesto com interesse. As suas esposas estavam longe de ser dóceis, mas nunca se atreveriam a emasculá-lo daquela forma diante de um cliente.

— Não prejudicará ninguém se trouxer flores — disse Elona. — Tu mesmo disseste que seria Leesha a escolher.

Erny olhou-a durante um longo momento. A seguir, suspirou e acenou com a cabeça. Pegou na tampa da caixa e voltou a colocá-la sobre o papel de Leesha.

— É uma caixa pesada — disse. — Queres que peça a um rapaz para a levar?

Abban curvou-se.

— Por favor.

— Acho que todos os rapazes estão ocupados — disse Elona. — E fazia-me bem o passeio. Levo eu o papel.

Abban voltou a sentir-se confuso. Em Krasia, era esperado que fossem as mulheres a fazer tal trabalho, mas, pela forma como Erny olhava a mulher, percebeu que estava chocado.

Observou Elona a contornar o balcão, interiorizando a sua beleza, mesmo perdida a juventude. Talvez fosse uma esposa de almofada, a quem eram atribuídas tarefas leves para a manter por perto, se a luxúria do marido fosse despertada. Muitos homens krasianos faziam o mesmo, mas Abban nunca tolerara aquele tipo de preguiça, esperando que as suas esposas mais jovens e

belas trabalhassem tão arduamente como as restantes.

Enquanto percorriam o caminho isolado desde a oficina de Erny, Abban voltou-se para ela.

— Peço a Everam que a minha falta de compreensão dos vossos costumes não tenha provocado ofensa duradoura a ti e ao teu marido.

Elona abanou a cabeça.

— Não somos muito diferentes de vós. Aqui, os pais aprovam os casamentos, mas são as mães a combiná-los. Erny não abençoará nada até se definir o dote.

Abban parou, compreendendo por fim.

— Claro. Lamento que a mãe do meu mestre, Kajivah, esteja ainda na Dádiva de Everam com as suas esposas. Poderei negociar em seu nome?

Elona acenou afirmativamente, mas arqueou uma sobrancelha.

— Tem outras esposas?

— Claro — respondeu Abban. — Ahmann Jardir é o Shar'Dama Ka.

Elona franziu a testa.

— Diz-lhe que, se for sensato, nunca referirá à minha filha que tem outras esposas. A rapariga ficará ciumenta como uma tempestade.

Abban acenou afirmativamente.

— Transmitir-lhe-ei a recomendação, obrigado. Presumo que a tua filha seja virgem?

— Claro que sim — replicou Elona.

Abban curvou-se.

— Por favor, não te ofendas. Em Krasia, a Primeira Esposa de um homem examinará pessoalmente as noivas posteriores, mas, se o vosso costume é diverso, bastará a tua palavra.

— O Núcleo! O nosso costume não permite que ninguém além dos maridos e das Herbanárias nos espreite entre as pernas — disse Elona. — Por isso, que tu ou o teu mestre percam as esperanças de provar o doce.

— Claro — disse Abban, acenando com a cabeça e sorrindo ao perceber que haviam começado a regatear.

Jardir caminhava de um lado para o outro no seu pavilhão como um animal,

esperando o regresso de Abban.

— Que disse ela? — perguntou assim que o khaffit entrou na tenda. — Está feito?

Abban abanou a cabeça e Jardir inspirou profundamente para acolher a desilusão e permitir que o atravessasse sem provocar dano.

— Mestra Leesha assemelha-se mais às dama'ting do que julguei possível — disse Abban. — É livre de escolher o seu marido, mesmo que seja necessário pagar um dote pela bênção do pai.

— Pagarei qualquer preço — disse Jardir.

Abban curvou-se.

— Como disseste antes — afirmou. — Mas eu, teu humilde servo, iniciei, mesmo assim, negociações para minimizar o impacto no teu tesouro.

Jardir acenou-lhe com a mão, retirando importância ao que dizia.

— Então posso abordá-la directamente?

— O seu pai deu-te permissão para a corte — disse Abban. Jardir sorriu, erguendo a lança e parando para se olhar num espelho de prata.

— Que lhe dirás? — perguntou Abban.

Jardir olhou-o.

— Não faço ideia — respondeu, com honestidade. — Mas é esta a vontade de Everam. Por isso, confio que as minhas palavras serão as correctas.

Abban franziu a testa.

— Não me parece que funcione dessa forma, Ahmann.

Jardir olhou-o, compreendendo as palavras que ficavam por dizer. Abban era muito semelhante ao Par'chin naquele aspecto. Delicado. Tolerante. E completamente céptico.

Jardir olhou o seu velho amigo e sentiu grande piedade no coração, compreendendo, por fim, o que significava ser khaffit. Everam não se lhes dirigia. Abban podia invocar o nome do Criador a cada duas frases, mas nunca ouvira verdadeiramente a Sua voz nem sentira a emoção de se submeter à Sua vontade divina. Apenas o lucro falava a Abban e nunca deixaria de ser seu escravo.

Mas também isso fazia parte do plano de Everam, pois o khaffit via coisas que escapavam a qualquer outro homem, coisas essenciais a Jardir, se pretendesse vencer a Sharak Ka.

Pousou uma mão sobre o ombro de Abban, esboçando um sorriso triste.

— Sei que não, meu amigo, mas, se não confiares no Criador, deposita a tua fé em mim.

Abban curvou-se.

— Claro. Mas, pelo menos, evita referir as tuas outras esposas. A sua mãe diz-me que o ciúme de mestra Leesha pode ser intenso como uma tempestade.

Jardir acenou afirmativamente, não o surpreendendo minimamente que tal mulher conhecesse o seu valor e esperasse que outras lhe saíssem do caminho. Apenas o fazia desejá-la mais.



Rojer orientava os seus aprendizes ao longo dos exercícios com coração pesado. Tinham melhorado um pouco, mas, sempre que Kendall se dobrava para o estojo do seu violino, via o topo das cicatrizes que lhe cruzavam o peito. As marcas de demónios podiam ser distintivos de honra, mas também recordavam a Rojer a distância que os aprendizes tinham de percorrer antes de poderem ter alguma utilidade na noite. Esperou que os instrutores da Associação dos Jograis chegassem em breve.

Do lado oposto da estrada, os Lenhadores treinavam-se no Cemitério dos Nuclitas. Havia muito trabalho a fazer na construção da nova grande guarda, mas, enquanto os krasianos permanecessem acampados na clareira, nenhum dos Lenhadores manifestava qualquer interesse em fazê-lo. Gared organizava grupos para patrulhar a aldeia e os restantes reuniam-se no cemitério para treinar, pretendendo estar prontos se fossem necessários. Leesha ficaria furiosa quando visse que o trabalho não era feito, mas, mesmo após tudo o que tinha passado, confiava demasiado nas pessoas.

Ouviu-se um grito e Rojer ergueu o olhar para ver que o líder krasiano se aproximava, seguido pelos seus dois guarda-costas, Hasik e Shanjat. Traziam as lanças e os escudos às costas, mas, se Jardir parecia descontraído e sereno, os seus guerreiros comportavam-se como homens rodeados por inimigos. As suas mãos flectiam-se inconscientemente, ávidas por segurar a lança.

Jardir avançou ao encontro de Rojer e Gared gritou apressando-se a atravessar-se no seu caminho, juntamente com alguns Lenhadores. Os guarda-costas de

Jardir voltaram-se para eles, com as lanças e os escudos surgindo-lhes nas mãos de imediato. Os Lenhadores ergueram também as armas em resposta e o confronto pareceu inevitável.

Mas Jardir dirigiu-se em simultâneo a Lenhadores e Sharum.

— Somos convidados de mestra Leesha! — gritou. — Não será derramado o sangue dos nossos povos até ela anular esse estatuto.

— Então diz aos teus homens para baixarem as lanças — disse Gared, segurando um machado numa mão e a lâmina guardada na outra. Dezenas de Lenhadores atravessaram o cemitério e reuniram-se atrás de si, mas Hasik e Shanjat não pareciam impressionados, estando perfeitamente dispostos a defrontá-los a todos. Tendo visto os guerreiros krasianos em acção, Rojer esperava que saíssem vencedores.

A seguir, Jardir gritou algo em krasiano e os seus guarda-costas arrumaram as lanças, mantendo os escudos no braço.

— Não disse «afastarem as lanças». Disse «baixarem» — rosnou Gared.

Jardir sorriu.

— Não se pede a convidados que deixem as facas à porta, Gared, filho de Steave.

Gared abriu a boca para responder, mas Rojer antecipou-se.

— Claro. Tens razão — disse, elevando a voz e olhando Gared.

— Afasta o machado — disse ao Lenhador gigante.

Gared arregalou os olhos. Era a primeira vez que Rojer dava uma ordem a Gared em público e era uma ordem que poderia recusar-se a aceitar, pois, se afastasse a sua arma, os outros Lenhadores fariam o mesmo.

Olharam-se e Gared tentou amedrontá-lo, mas Rojer era um actor e a sua face imitou com facilidade a expressão feroz do Homem Pintado, com a voz tornando-se mais grave e adquirindo o tom que Arlen usava para assustar as pessoas e para se distanciar delas.

— Não to direi outra vez, Gared — disse, sentindo que a determinação do gigante quebrava. Gared acenou afirmativamente e recuou, devolvendo o machado ao arnês nas costas e a lâmina à bainha. Os outros Lenhadores olharam-no, surpresos, mas fizeram o mesmo, tranquilizados pela vantagem numérica.

Rojer voltou-se para Jardir.

— Posso ajudar-te em alguma coisa?

— Podes — respondeu Jardir, curvando-se. — Desejo falar com mestra Leesha.

— Não está na aldeia — disse Rojer.

— Compreendo — disse Jardir. — Poderás dizer-me onde a encontrarei?

— O Núcleo! — rosnou Gared, mas Rojer e Jardir ignoraram-no.

— Porquê? — perguntou Rojer.

— A capa que me ofereceu foi uma dádiva de grande valor — explicou Jardir. — Desejo conferir-lhe uma dádiva equivalente.

— Que dádiva? — perguntou Rojer.

Jardir sorriu.

— Esse assunto dirá respeito a mestra Leesha e a mim próprio.

Rojer olhou-o. Parte dele gritava que não confiasse naquele demónio sorridente do deserto, que matara e violara em tão grande número, mas Jardir parecia seguir um código de honra próprio e não acreditava que algum homem tentasse magoar Leesha enquanto a trégua se mantivesse. E, se a dádiva que pretendia oferecer fosse realmente magia de igual valor, seriam tolos se recusassem.

— Levar-te-ei até ela se deixares os teus guerreiros para trás — disse Rojer.

Jardir curvou-se.

— Claro. — Os guarda-costas protestaram, tal como Gared e alguns Lenhadores, mas novamente Rojer e Jardir os ignoraram.

— As minhas intenções para com mestra Leesha são honradas e aceitarei, obviamente, um acompanhante durante o nosso encontro.

A escolha de palavras parecia estranha, mas Rojer não conseguiu encontrar justificação para continuar a discutir. Pouco depois, percorriam o caminho até à cabana de Leesha. Gared insistiu em vir com eles e olhou Jardir com desconfiança durante todo o tempo, apesar de, felizmente, o líder krasiano parecer alheado.



— Por que não vive a mestra dentro da protecção da assombrosa grande guarda da vossa aldeia? — perguntou Jardir. — Julgá-la-ia demasiado preciosa para correr riscos com os alagai.

Rojer riu-se.

— Se todo o Núcleo se erguesse esta noite, ficarias mais seguro na cabana de Leesha do que em qualquer outro lugar no mundo.

Jardir sentiu dificuldades para acreditar naquilo, mas, quando se aproximaram da cabana, viu que o caminho estava pavimentado com pedras guardadas, cada uma suficientemente grande para que alguém se erguesse sobre ela sem cobrir o símbolo.

Parou, olhando as pedras, espantado. Agachou-se, pressionando a pedra com a mão.

— Barba de Everam. Terão sido necessários mil escravos para gravar estas pedras.

— Não somos um bando de malditos esclavagistas do deserto como a tua gente — murmurou Gared. O primeiro impulso de Jardir foi matá-lo, mas isso não impressionaria a mestra. Acolheu o insulto e não voltou a pensar nele, voltando a concentrar-se no caminho.

— As guardas foram moldadas e não gravadas — explicou Rojer.

— Fabricadas com uma mistura de pedra e água a que chamam creto e que fica rija quando endurece. Leesha talhou-as no chão e homens livres verteram a pedra.

Jardir olhou o caminho à sua frente com espanto.

— São guardas de combate. E estão unidas.

Rojer acenou afirmativamente.

— Qualquer demónio que pise este caminho sofrerá como se pisasse um raio de Sol.

Jardir percebeu que fora arrogante e ingénuo por ter menosprezado aquela gente. Mesmo que os seus costumes fossem bárbaros, nem mesmo o Sharik Hora tinha o poder de algumas das guardas daquela mulher nortenha.

O pátio não era menos impressionante, atravessado por mais caminhos de creto que teciam uma complexa rede de guardas em redor da cabana e das suas imediações. Um grande jardim resplandecia, com ervas e flores dispostas em secções ordenadas que, com as suas linhas, formavam ainda mais guardas. Jardir não conseguiu reconhecer muitas delas, mas viu o suficiente para perceber que faziam muito mais do que banir ou matar nuclitas.

Sentiu, mais forte que nunca, a vontade de Everam ecoando dentro de si. Aquela mulher estava destinada a ser sua esposa. Com ela e Inevera atrás de si,

que haveria no mundo que não estivesse a seu alcance?



Leesha ouvia o ritmo confortante do rachar de lenha de Wonda enquanto preparava o almoço. Aquela tarefa simples conferia-lhe clareza à mente permitindo-lhe recordar os eventos da noite anterior e comparar os homens que conhecera com os relatos de refugiados e com as advertências de Arlen.

Não por não confiar nos relatos, mas Leesha preferia formar as suas próprias opiniões. Muitos dos refugiados espalhavam rumores exagerados e o coração de Arlen podia ser demasiado duro e implacável. Algo lhe acontecera em Krasia, alguma dor que não conseguia perdoar, mas, porque não a referia, Leesha podia apenas tentar adivinhar a sua natureza.

Independentemente do que fosse verdade acerca dos krasianos, eram guerreiros sem igual. Leesha percebera-o de imediato quando os viu lutar. Os Lenhadores conseguiam ser maiores e mais musculados, mas faltava-lhes a precisão de movimentos que via nos dal'Sharum. Os cinquenta homens acampados na clareira conseguiriam semear um rasto de destruição no Outeiro antes de serem detidos e, se o resto do exército de Jardir possuísse metade da sua perícia, os outeireiros teriam poucas hipóteses num confronto, mesmo com todos os seus segredos do fogo.

E, assim, decidira que não deveriam lutar, se tal pudesse ser evitado. Matar demónios era uma coisa, mas todas as vidas humanas eram preciosas. Os livros do mundo antigo diziam que a humanidade atingira outrora os milhares de milhão, mas quantos restavam após o Regresso? Um quarto de milhão? Imaginar os últimos homens do mundo lutando entre si agoniou-a.

Mas também não se poderiam render. Não cuspiria na mão para humedecer o Outeiro para os krasianos. Esforçara-se demasiado para manter os outeireiros unidos depois da peste, levando-os a acolher os refugiados de Rizon e Lakton, para se limitar e a entregá-los. Se houvesse uma forma de negociar a paz, tinha de a encontrar.

O primeiro encontro com o líder krasiano parecera indicar que essa possibilidade era real. Era culto e inteligente, nada como o animal raivoso referido pelos relatos, e era claro que não abdicava das suas crenças, mesmo que

Leesha as achasse brutais e cruéis
por vezes. Olhara profundamente os seus olhos e não viu neles qualquer crueldade. Como um pai severo administrando uma sova merecida, Ahmann Jardir fazia o que achava melhor para a humanidade.

Leesha fez uma pausa no seu trabalho, percebendo que Wonda parara de rachar lenha no exterior. Ergueu o olhar quando a porta se abriu e aquela entrou.

— Lava-te e põe a mesa — disse Leesha. — Mais alguns minutos e o almoço fica pronto.

— Com tua licença, mestra, mas Rojer e Gared vieram ver-te — disse Wonda.

— Diz-lhes que entrem e põe mais dois pratos na mesa — disse Leesha.

Mas Wonda não se moveu.

— Não estão sozinhos.

Leesha pousou a faca sobre a tábua e limpou as mãos a um pano enquanto saía pela porta. Ahmann Jardir erguia-se no seu alpendre, calmo e ignorando o olhar feroz que Gared lhe lançava. Vestia uma rica túnica branca sobre as vestes negras de guerreiro, que combinava com o turbante branco sob a coroa. Os olhos de Leesha dançaram sobre as guardas desta, mas forçou-se a não olhar especada. Baixou os olhos para os seus, mas foi ainda pior, pois viu que se fixavam nela com tamanha intensidade que sentiu que lhe conseguia ver a própria alma.

Jardir curvou-se.

— Perdoa a minha chegada não anunciada, mestra.

— Basta dizeres e arrasto-o de volta, Leesha — disse Gared.

— Tolice — disse Leesha. — Bem-vindo — disse a Jardir. — Wonda e eu estávamos prestes a almoçar. Queres juntar-te a nós?

— Seria uma honra e um prazer — disse Jardir, com nova vénia. Seguiu Leesha para dentro da cabana, parando para descalçar as sandálias, deixando-as à porta. Leesha notou que até os pés estavam cobertos com cicatrizes de guardas. Um pontapé seu talvez provocasse tanto dano a um nuclita como um pontapé do Homem Pintado.



A refeição que mestra Leesha tinha preparado era um guisado sem carne servido com pão fresco e queijo. Jardir baixou a cabeça, ouvindo-a invocar uma

bênção sobre a comida, e, a seguir, todos começaram a comer ao mesmo tempo. Começou a erguer a malga para comer quando notou que os hortelões deixavam as suas sobre a mesa, usando uma espécie de ferramenta para erguer a comida até aos lábios.

Olhou o que tinha à frente e viu um utensílio semelhante, um pedaço longo de madeira com uma concavidade na ponta. Observou Leesha e imitou-lhe as acções ao provar o guisado. Estava delicioso, com legumes pesados que nunca tinha provado. Começou a comer com maior vigor, usando o grosso pão das terras verdes para ensopar as últimas gotas da malga como via fazer a Gared e Wonda.

— Magnífico — disse à mestra, sentindo a emoção de ver o prazer que o elogio provocava nela. — Não temos comida semelhante em Krasia.

Leesha sorriu.

— Há muito que poderíamos aprender uns com os outros, se conseguíssemos encontrar uma forma de viver em paz.

— Em paz, mestra? — repetiu Jardir. — Não existe tal coisa em Ala. Não enquanto os alagai dominarem a noite e os homens fugirem diante deles.

— Então as histórias são verdadeiras? — perguntou Leesha. — Pretendes conquistar-nos e recrutar o nosso povo para a Sharak Ka?

— Por que desejaria conquistar-vos? — perguntou Jardir. — A tua gente é humilde diante do Criador, ergue-se com valentia na noite e derramou sangue na alagai'sharak com os meus guerreiros. Isso faz de vós seguidores do Evejah, mesmo que não o saibam.

— Não faz! — rosnou o gigante. — Não temos nada a ver com o vosso maldito...

— Gared Lenhador! — A voz de Leesha soou como um chicote de dama, silenciando-o. — Serás educado à minha mesa ou aplico-te uma dose de pimenta tão grande que não conseguirás falar durante um mês!

Gared encolheu-se e, novamente, Jardir ficou espantado perante o poder da mulher. Fazia as dama'ting parecerem dóceis.

Leesha voltou-se para ele.

— Peço desculpa, Ahmann. — Pareceu surpreendida quando ele lhe esboçou um sorriso brilhante. — Que disse eu?

— O meu nome — disse Jardir, simplesmente.

— Lamento — disse Leesha. — Não devia tê-lo feito?

— Pelo contrário — considerou Jardir. — Parece-me belíssimo quando o ouço nos teus lábios.

Sem véu para lhe cobrir a face, Jardir viu como as suas palavras lhe faziam ruborizar a pele pálida. Nunca antes cortejara uma mulher, mas parecia-lhe que o próprio Everam lhe guiara as palavras.

— Há mais de três mil anos — disse Jardir —, Kaji, o meu antepassado, governou esta terra do Mar do Sul à imensidão gelada.

— Segundo rezam as histórias — concordou Leesha. — Apesar de três mil anos serem muito tempo e de as histórias se poderem tornar... pouco fiéis à realidade.

— Talvez aqui no Norte — disse Jardir. — Mas o templo de Sharik Hora na Lança do Deserto ergue-se há mais tempo e os nossos registos são claros. Kaji governou realmente esta terra, por vezes pela lança e, por vezes, estabelecendo alianças com as tribos locais e selando-as com laços de sangue.

Olhou em redor.

— O sangue de Kaji continua forte aqui. Até o nome Outeiro do Libertador o honra. Não são chin para serem conquistados, mas irmãos perdidos para serem acolhidos no nosso seio. Nomeio-vos tribo do Outeiro e concedo-vos os direitos condizentes.

— Que direitos? — perguntou Leesha.

Jardir levou a mão ao interior da túnica, retirando a sua cópia pessoal do Evejah. A capa era de couro flexível com guardas em relevo e as páginas tinham arestas de ouro. Uma fita vermelha pendia, preparada para marcar uma página. As páginas estavam moles e gastas pelo uso diário.

— Estes direitos — disse, entregando-lhe o volume.

Leesha recebeu o livro como alguém que conhecia o seu valor e Jardir lembrou que era filha de um encadernador quando a viu voltá-lo e examinar-lhe a lombada. Afastou a malga e abriu sobre a mesa o pano que tinha no colo antes de pousar sobre ele o livro, folheando-o.

— É belíssimo — disse, após um momento. — Mas, por mais que adorasse aprender a língua, receio não conseguir compreender uma palavra. — Fechou o livro e devolveu-lho.

Jardir ergueu uma mão.

— Fica com ele. Que livro poderá ser melhor para te ajudar a aprender? Talvez descubras que as verdades que contém são mais próximas do que imaginas das tuas crenças.

— Não posso! — disse Leesha. — É demasiado precioso!

Jardir riu-se.

— Ofereces-me uma capa capaz de rivalizar com a do próprio Kaji e recusas um livro pelas suas verdades? Posso escrever outro.

Leesha baixou o olhar para o livro e voltou a olhá-lo.

— Escreveste este?

— Com o meu sangue — disse Jardir. — Durante os anos de estudo no Sharik Hora.

Leesha arregalou os olhos.

— Compreendo que não é ouro nem jóias — disse Jardir. — Cobrir-te-ia com tesouros se pudesse, mas não trouxe tais enfeites para norte. É o objecto mais precioso que possuo, além da minha coroa, da minha lança e da capa nova. Espero que o aceites enquanto Abban negoceia um dote adequado com a tua mãe.

— Um dote? — repetiu Leesha, surpresa.

— Claro — disse Jardir. — O teu pai autorizou-me a cortejar-te e a tua mãe garantirá que o preço será justo. Não to disseram?

— Não, pelo Núcleo! — gritou Leesha, erguendo-se tão depressa que a cadeira caiu ao chão. Num instante, todos estavam de pé. Jardir sentiu uma súbita pontada de medo. Ofendera-a, mas, sem compreender como, nem sequer podia pedir desculpa.

— Filho do Núcleo! — gritou o gigante, lançando um punho carnudo sobre a mesa em direcção a Jardir.

Jardir não conseguia recordar a última ocasião em que um homem se atrevera a atacá-lo. Se estivessem em qualquer outro lugar que não a mesa de mestra Leesha, tê-lo-ia matado pela afronta, mas, recordando o desagrado com que reagia à violência, agiu apenas para se defender. Segurou o pulso de Gared e girou, afastando-o da mesa e projectando-o de costas. Colocou um dedo do pé contra a garganta de Gared e manteve preso o pulso grosso como um tronco de árvore usando apenas dois dedos. Mesmo que se debatesse, o gigante estava firmemente preso e indefeso, a face mais vermelha a cada segundo que passava.

— Os teus superiores falam entre si, Sharum — disse. — Tolerei a tua indelicadeza constante por respeito a mestra Leesha, mas, se voltares a tentar tocar-me, arrancar-te-ei o braço. — Puxou ligeiramente e Gared rugiu de dor. Todos olharam Leesha, esperando que lhes dissesse como reagir.

Leesha cruzou os braços.

— É bem feito, Gared Lenhador. Ninguém te pediu que atacasses alguém na minha casa. — Indicou a porta com um aceno de cabeça.

— Para a rua. Rojer e Wonda também. Podem esperar todos no pátio.

— O Núcleo! — gritou Rojer, enquanto Wonda acenava afirmativamente a seu lado. — Não penses que te deixaremos sozinha com este...!

Ouviu-se um estouro e viu-se um clarão a seus pés e ambos saltaram, chocados. Leesha não disse nada, mas a sua expressão era tenebrosa enquanto lhes apontava a porta. Os dois saíram num instante. Jardir libertou Gared e também ele se apressou a sair.

Jardir voltou-se para Leesha e curvou-se numa vénia demorada.

— Peço desculpa, mestra, apesar de não compreender por que provoquei tamanha comoção. Procurei-te a ti e à tua família com intenções honradas e, no entanto, reages como se tentasse levar-te à força depois de roubar um poço.

Leesha não respondeu durante longo tempo e a sua fúria era terrível de contemplar, de tal forma que Jardir sentiu vontade de escudar os olhos como se enfrentasse uma tempestade de areia. Lentamente, viu-a acolher a sensação e as suas feições tornaram-se novamente calmas.

— Também peço desculpa — disse. — O meu incómodo não é provocado por ti, mas por ser a última a saber que vieste cortejar-me.

— Abban informou os teus pais de que viria imediatamente — disse Jardir. — Presumi que te tivessem informado.

Leesha acenou afirmativamente.

— Acredito em ti. Não é a primeira vez que a minha mãe tenta fazer tais acordos sem o meu conhecimento.

Jardir curvou-se.

— Se precisares de tempo para ponderar, não terás de responder já.

— Sim... — começou Leesha. — Ou melhor, não. Ou seja, sinto-me lisonjeada, mas não posso casar contigo.

«Casarás», pensou Jardir. «Estás destinada a amar-me como eu já te amo.»

— Porque não? — perguntou-lhe. — A tua mãe diz que não foste prometida e pagarei qualquer dote que a tua família deseje. Em breve, controlarei todo o Norte e tu estarás a meu lado. Que marido poderia oferecer-te mais?

Leesha hesitou por um momento e abanou a cabeça, como se pretendesse ordenar as ideias.

— Não importa. Mal te conheço, os dotes não me dizem nada e, francamente, não sei se quero que «controles» o que quer que seja.

— Vem comigo par a Dádiva de Everam — disse Jardir. — Vem ver o meu povo e o que construímos. Ensinar-te-ei a nossa língua como pediste e poderás conhecer-me e decidir o que sou... digno de controlar.

Leesha olhou-o durante longo tempo, mas Jardir esperou pacientemente, sabendo que a sua resposta seria inevera.

— Muito bem — disse, por fim —, mas com um acompanhante e sem ter de decidir até regressar ao Outeiro.

Jardir curvou-se.

— Claro. Juro-o por Everam.



Rojer calcorreou o pátio, olhando a cabana de Leesha. Os punhos cerrados de Gared eram como presuntos e Wonda colocara a corda no arco. Por fim, a porta abriu-se e Leesha seguiu Jardir para o alpendre.

— Wonda, acompanha o Sr. Jardir de volta à aldeia — disse.

— Gared, podes acabar de rachar a lenha.

Gared grunhiu e pegou no machado de Wonda enquanto esta e Jardir percorriam o caminho. Rojer olhou Leesha, que apontou a porta com a cabeça. Entrou e ele seguiu-a, vendo-a sentar-se na cadeira de balouço de Bruna e colocar o seu xaile. Nunca era bom sinal.

— Como reagiu à rejeição? — perguntou Rojer, sem se sentar.

Leesha suspirou.

— Não reagiu. Disse-me que pensasse durante o tempo que fosse necessário. Convidou-me para voltar a Rizon com ele.

— Não podes ir — disse Rojer.

Leesha arqueou uma sobrancelha ao ouvi-lo.

— Não tens mais autoridade sobre a minha escolha de marido do que a minha mãe, Rojer.

— Estás a dizer que queres casar com ele? — perguntou Rojer.

— Depois de um chá e de um almoço estranho?

— Claro que não — disse Leesha. — Não tenho qualquer intenção de aceitar a sua proposta.

— Então por que te entregarás nas suas mãos, pelo Núcleo? — perguntou Rojer.

— Há um exército às nossas portas, Rojer — disse Leesha. — Não reconheces valor a vê-los com os nossos olhos? A contar tendas e a aprender como pensa o seu líder?

— Não se isso nos custar a nossa líder — disse Rojer. — O duque Rhinebeck não vai pessoalmente a Miln ver o que faz Euchor. Envia espiões.

— Não tenho espiões — disse Leesha.

Rojer roncou.

— Tens mais de mil rizonanos que te devem a vida, muitos dos quais deixaram família na cidade. Certamente, alguns poderiam ser persuadidos a voltar a casa e a manter os ouvidos atentos.

— Não ordenarei a ninguém que arrisque a vida — disse Leesha.

— Mas arriscarás a tua? — perguntou Rojer.

— Não me parece que Ahmann me magoasse — disse Leesha.

— Há dois dias, era o demónio do deserto — disse Rojer. — Agora, passou a ser Ahmann? Agrada-te qualquer homem que se ache o Libertador?

Leesha franziu a testa.

— Não quero continuar a discutir este assunto, Rojer.

— Não me importa o que queiras — ripostou Rojer. — Ouviste como os krasianos tratam as mulheres. Não importa o que aquela serpente oleosa te disser. Assim que estiveres fora do alcance dos arcos dos outeireiros, serás propriedade sua e quem te acompanhar levará com uma lança no olho.

— Então não virás comigo? — perguntou Leesha.

— Noite, não ouviste nada do que disse? — quis saber Rojer.

— Ouvi cada palavra — respondeu Leesha. — Mas irei mesmo assim. Se Ahmann for esse tipo de homem, então a guerra será inevitável e não importará o que façamos. Mas, se existir uma hipótese remota de ter sido sincero no que

disse à mesa, poderemos descobrir uma forma de coexistir sem nos matarmos uns aos outros e isso é mais importante para o mundo do que a segurança de Leesha Papel.

Rojer suspirou, deixando-se cair sobre uma cadeira.

— Quando partimos?

Secção 4

O Chamamento do Núcleo

Vinte e Seis

Regresso ao Ribeiro de Tibbet

333 DR Verão

A DISPOSIÇÃO DO HOMEM PINTADO era negra ao distanciar-se de Forte Miln. Qualquer felicidade que tivesse sentido após deixar a mansão de Ragen e Elissa foi varrida pelo encontro com Jaik. A conversa repetia-se uma e outra vez na sua cabeça, com todas as palavras que devia ter dito apresentando-se tarde demais e fazendo pouco para negar uma suspeita incómoda de que o amigo podia estar certo.

Para esquecer, folheou o livro que Ronnell lhe dera, mas não lhe trouxe qualquer conforto. Expunha os cobiçados segredos do fogo de Leesha, com diagramas de estruturas metálicas capazes de transformar a sua força em instrumentos precisos de morte. Ferramentas concebidas para matar homens e não demónios.

«Terão sido os nuclitas a aproximar-nos da extinção», pensou, «ou teremos sido nós próprios a fazê-lo?»

Avistou um forte arruinado junto à estrada quando o Sol começou a cair sobre o horizonte. Um dos antecessores de Euchor mantivera ali uma guarnição, mas o forte fora vencido pelos demónios e nunca fora reconstruído. A maioria dos Mensageiros acreditava que estava assombrado e mantinha a distância. Um portão enferrujado pendia, amolgado e esburacado, de gonzos torcidos e grandes buracos tinham sido abertos na muralha exterior.

Cavalgou para dentro do forte, prendendo Dançarino do Ocaso a uma estaca no centro de um círculo guardado. Despiu-se até ficar apenas com a sua tanga, escolhendo uma lança e um arco. À medida que a escuridão caía, as névoas peçonhentas começavam a erguer-se entre as pedras fracturadas do pátio. Os

nuclitas erguiam-se em grande número em ruínas não guardadas, com o seu instinto dizendo-lhes que as presas almejadas poderiam regressar uma noite. Cinquenta homens haviam morrido quando as guardas daquele forte falharam, provavelmente mortos pelos mesmos demónios que se erguiam naquele momento. Mereciam vingança.

O Homem Pintado esperou até os demónios o avistarem e atacarem antes de erguer o arco. Na dianteira, seguia um demónio da chama, mas a sua primeira flecha roubou-lhe a vida. Seguia-se um demónio da rocha cujo abate exigiu várias flechas.

Quando o demónio da rocha tombou, os outros demónios hesitaram, com alguns a recuar, mas as pedras guardadas que o Homem Pintado colocara em redor das aberturas na muralha mantiveram-nos aprisionados no forte com ele. Quando esgotou as flechas, carregou com lança e escudo, acabando por as abandonar também e lutando com mãos e pés nus.

Tornava-se mais forte com a progressão da noite e a absorção de cada vez mais magia. Perdido no frenesim da matança, não pensou em mais nada até que, por fim, coberto de sangue de demónio a ferver sobre as suas guardas, se esgotaram os demónios que podia matar. O céu começou a clarear pouco depois e os nuclitas restantes nas imediações desfizeram-se em névoa para fugir ao Sol que queimava os restos inanimados dos seus, limpando a superfície do mundo.

Nesse momento, a luz atingiu-o e foi como fogo sobre a pele. O brilho feriu-lhe os olhos, deixando-o zonzo e agoniado e sentiu a garganta a arder. Suportá-la era uma tortura.

Acontecera antes. Leesha dissera que seria a luz do Sol a incendiar o excesso de magia, mas havia outra parte de si, uma parte primordial, que conhecia a verdade.

O Sol rejeitava-o. Tornava-se um demónio e já não pertencia à superfície.

O Núcleo chamava-o, aliciando-o com promessas de abrigo. Os caminhos, como condutas de magia, que desciam pelo chão eram inconfundíveis aos seus olhos guardados e todos entoavam a mesma canção. O Sol não conseguiria queimá-lo na protecção do Núcleo.

O Homem Pintado começou a desmaterializar-se, deixando escorrer uma parte da sua essência por um caminho abaixo, saboreando-o.

«Apenas uma vez», disse a si próprio. «Para procurar fraquezas. Para ver se a

luta pode ser levada lá abaixo.» Era um pensamento nobre, ainda que não fosse inteiramente verdadeiro. O mais provável seria que fosse destruído.

«Seja como for, o mundo ficaria melhor sem mim.»

Mas, antes que conseguisse desaparecer por completo, ouviu um ruído e viu um clarão quando um dos cadáveres em brasa no pátio foi alcançado por um raio de Sol e irrompeu em chamas. Olhou-o, vendo os corpos incendiarem-se um após outro como fogo-de-artifício festivo.

À medida que os nuclitas ardiam, a sua dor acalmou. O Sol deixou-o enfraquecido como sempre fazia, mas não o destruiu.

«Ainda», pensou. «Mas em breve. Será melhor levares ao Ribeiro as suas guardas enquanto ainda consegues fazê-lo.»



Marcos reconhecíveis começaram a surgir quando o Homem Pintado se aproximou do Ribeiro de Tibbet, trazendo a sua mente, ainda presa a pensamentos sobre o Núcleo, de volta ao presente. Ali estava a caverna de Mensageiros onde se abrigara com Ragen e Keerin. Ali estavam as ruínas onde o tinham encontrado. Aquelas, pelo menos, estavam livres de demónios. Uma alcateia de lobos-nocturnos ocupara-a e o Homem Pintado sabia que devia manter-se distante. Até os nuclitas pensavam duas vezes antes de perturbar uma alcateia de lobos-nocturnos. Séculos de ataques demoníacos a eliminar os mais pequenos e os mais fracos haviam deixado a imensidão selvagem povoada apenas por números reduzidos de predadores formidáveis. Deviam o nome à sua pelagem completamente negra e os adultos podiam alcançar os cento e trinta quilos. Encurralada, uma alcateia conseguiria abater até um demónio da madeira.

Continuando pela estrada, viu a seguir a pequena clareira onde mutilara Um Braço. O Homem Pintado esperara que o local estivesse como o deixara: um destroço chamuscado e enegrecido rodeado pelo espaço desimpedido onde construíra o seu círculo.

Mas catorze anos se passaram e esse sítio ermo florescia agora com nova vida, mais viçosa ainda do que em redor. Poderia ser um bom auspício, se acreditasse em tais coisas.

Num povoado distante como o Ribeiro de Tibbet, um Mensageiro ou qualquer

forasteiro, mesmo alguém do Pasto Soalheiro, o povoado seguinte, seria uma coisa rara e atrairia atenções. Quando o Homem Pintado se aproximou da aldeia tão cedo, parou e esperou. O melhor seria entrar mais tarde, quando a sua gente estivesse ocupada a conferir as guardas e sem tempo para olhar a estrada. Alcançaria a Praça Central perto do anoitecer, restando-lhe tempo à justa para alugar um quarto na taberna de Leitão. Quando o Sol nascesse, precisaria apenas de procurar o Orador da Aldeia, dando-lhe um compêndio de guardas de combate e distribuindo um punhado de armas a quem as desejasse, partindo antes de a maior parte da população perceber a sua presença. Pensou se ainda seria Selia a falar pela aldeia, como acontecera quando era jovem.

A primeira quinta pela qual passou foi a de Mack Pasto, mas, apesar de ouvir animais no celeiro, não viu ninguém. Chegou à de Harl pouco depois. A quinta dos Curtidores estava completamente deserta. Parecia que acontecera há pouco tempo, já que as suas guardas continuavam intactas e os campos não tinham sido queimados. Mas o gado desaparecera e as sementeiras apresentavam sinais de não terem sido adequadamente cuidadas desde há algum tempo. Não havia sinais de um ataque de demónios. Pensou no que teria acontecido.

A quinta de Harl tinha para ele um significado especial. Durante onze anos, a quinta de Harl representara a distância máxima que se afastara de casa, mas, mais do que isso, fora ali que beijara Beni e Renna na noite anterior à morte da sua mãe. Era irónico. Já não conseguia recordar a cara da sua mãe, mas recordava os beijos em pormenor. A forma como os seus dentes embateram atabalhoadamente com os de Beni e a forma como ambos se tinham afastado, chocados. A suavidade e o calor da boca de Renna, o sabor do seu hálito.

Há muito tempo que não pensava em Renna Curtidor. Os seus pais tinham-nos prometido um ao outro e, se Arlen não tivesse fugido, seria provável que se tivessem casado, criando filhos e ocupando-se da quinta de Jeph. Pensou no que lhe teria acontecido.

As coisas tornaram-se mais estranhas quando seguiu caminho. Não havia motivo para cautela na aproximação porque não viu vivalma a caminho do Ribeiro. Todas as casas estavam trancadas. Conferiu mentalmente a data, mas era demasiado cedo para o festival do solstício de Verão. Deveriam ter sido convocados pela Grande Trombeta.

A Grande Trombeta estava na Praça Central e era soprada quando havia um

ataque, transmitindo indicações para que os mais próximos pudessem ajudar a procurar sobreviventes e proceder à reconstrução, se fosse possível. As pessoas trancavam o gado e partiam quando sucedia. Por vezes, permaneciam ausentes até durante a noite.

O Homem Pintado sabia que julgara aquela gente com demasiada severidade quando partiu de casa. Não eram diferentes do povo do Outeiro do Libertador ou de dúzias de outros povoados que vira. A gente do Ribeiro podia não enfrentar os nuclitas como faziam os krasianos, mas resistiam à sua maneira, unindo-se uma e outra vez para reforçar os laços que os uniam. Quando havia disputas, os motivos eram insignificantes. Ninguém no Ribeiro permitiria que um vizinho passasse fome ou fosse deixado sem abrigo, como sucedia com tanta frequência nas cidades.

Cheirou o ar e olhou o céu, mas não havia sinais de fumo, o indicador mais seguro de um ataque. Forçou os ouvidos, mas não havia nada que o guiasse e, após olhar em redor durante algum tempo, começou a descer a estrada para a Praça Central. Haveria por lá quem lhe pudesse falar do ataque.

A escuridão era quase total quando se aproximou da Praça Central e o alvoroço de centenas de vozes lhe chegou aos ouvidos. Descontraiu, percebendo que os seus receios não tinham fundamento, e pensou na ocasião que poderia fazer todos os residentes do Ribeiro passar a noite no centro da aldeia. Uma das filhas de Leitão ter-se-ia finalmente casado?

As ruas estavam desimpedidas, mas parecia que todo o Ribeiro estava reunido. Cada alpendre, porta e janela voltada para a praça apinhava-se de gente. Alguns, como os Vigias, tinham mesmo traçado os seus círculos próprios, mantendo-se à parte dos restantes e segurando os Cânones, em oração fervorosa. Contrastavam grandemente com a gente da Colina da Charneca, unidos em choro. Avistou entre eles Beni, a irmã de Renna, abraçando-se com força a Lucik Charneca.

Seguiu o seu olhar até ao centro da cidade, onde uma jovem belíssima estava presa a um poste.

E o Sol se punha.



O Homem Pintado demorou um instante a reconhecer Renna Curtidor. Talvez

por ter pensado nela pouco antes ou por ter acabado de ver a sua irmã, mas a face redonda de Renna, mesmo após tanto tempo, permanecia inconfundível, tal como o longo cabelo castanho que lhe caía quase até à cintura.

Pendia, inerte, mantida na vertical mais pelas cordas que lhe rodeavam os braços e o peito do que pela sua própria força. Tinha os olhos abertos, mas mirava o vazio.

— Que se passa, pelo Núcleo? — bradou, golpeando com os calcanhares os flancos de Dançarino do Ocaso. O garanhão gigante avançou para o centro da praça, abrindo grandes sulcos na erva perante o olhar chocado da multidão. A praça estava iluminada com o brilho ténue e irregular de archotes e lanternas, mas o céu coloria-se de um violeta intenso. Os nuclitas erguer-se-iam em segundos.

Desmontou com um salto, correndo para o poste para libertar Renna das cordas. Um velho caminhou para ele, brandindo uma grande faca de caça com lâmina manchada. As narinas do Homem Pintado captaram o cheiro de sangue seco e reconheceu Raddock Meirinho, o Orador do Charco da Pesca.

— Este assunto não te diz respeito, Mensageiro! — disse Meirinho, apontando-lhe a faca. — Essa rapariga matou um dos meus e o seu próprio pai. Vê-la-emos ser nucleada por isso!

O Homem Pintado olhou Renna, chocado, e, como um tabefe, tudo o atingiu de repente. As brincadeiras de casamento em que ela e Beni tinham querido envolvê-lo no sótão, jogos que diziam ter aprendido ao observar Ilain com o seu pai. As palavras de súplica de Ilain dirigidas em segredo a Jeph, implorando-lhe que a levasse. Os grunhidos vindos do quarto de Harl durante a noite.

As memórias dominaram-no, mas, daquela vez, viu-as como um homem adulto e não como um rapaz ingénuo. Sentiu-se horrorizado e depressa esse sentimento foi substituído pela raiva. Estendeu o braço com ligeireza, antecipando-se a qualquer reacção de Raddock, segurando o pulso do homem numa torção de sharusahk que o lançou ao chão enquanto soltava a faca.

O Homem Pintado ergueu a lâmina para que todos a vissem.

— Se Renna Curtidor matou o seu pai — gritou —, digo-vos que o mereceu!

Voltou-se para cortar as cordas de Renna, mas vários Pescadores, incluindo Garric, avançaram para ele com as suas lanças finas. Cravou a faca ensanguentada no poste e enfrentou-os.

Chamar-lhe luta seria demasiado elogioso para os Pescadores. Eram homens fortes, mas não eram guerreiros. O Homem Pintado era um lutador experiente e mais forte do que todos eles juntos. Foi apenas cuidadoso em evitar que ficassem permanentemente feridos quando embateram no chão.

— Ninguém será nucleado enquanto aqui estiver — gritou. — Vou levá-la e ninguém pode fazer nada para me impedir!

Ouviu uma pancada e voltou-se, arregalando os olhos. Jeorje Vigia erguia-se à sua frente, sem ter mudado muito desde a última vez que o vira, apesar de terem passado mais de dezasseis anos e de Jeorje ser já um velho com mais de noventa anos.

— Talvez não possamos fazer nada — disse, acenando afirmativamente e apontando com a bengala —, mas calculo que não terás de nos enfrentar a nós. Que a Praga vos leve aos dois!

O Homem Pintado seguiu a bengala e viu que estava certo. Névoa erguia-se do solo da praça e alguns nuclitas já solidificavam. Os Pescadores no chão gritaram e correram para a protecção das guardas.

Jeorje Vigia esboçava um sorriso sinistro de satisfação justiceira, mas o Homem Pintado não vacilou. Ao invés, baixou o capuz e enfrentou o olhar do Protector da Vigia-Sul.

— Já defrontei muito pior, velho — rosnou, despindo a túnica. A multidão espantou-se ao ver a sua pele tatuada.

Como sempre, os primeiros foram os demónios da chama. Um saltou para Renna, mas o Homem Pintado segurou-lhe a cauda, projectando-o para o lado oposto da praça. Outro saltou sobre ele, mas as guardas na pele cintilaram e o demónio não conseguiu cravar as garras. Segurou as mandíbulas do nuclita antes que conseguisse morder e viu-o cuspir-lhe chamas sobre os olhos.

As guardas na face cintilaram por um instante, absorvendo o ataque e transformando-o numa brisa fresca. Entretanto, as guardas nas mãos brilharam com intensidade cada vez maior, até esmagar o focinho do demónio, lançando-o ao chão.

Um demónio da madeira formou-se a seguir, atacando Dançarino do Ocaso, mas o garanhão ergueu-se e esmagou-o, com os cascos guardados a faiscar.

Ouviu-se um guincho do alto e o Homem Pintado voltou-se a tempo de segurar o demónio do vento que mergulhava e voltar contra este o seu impulso,

lançando-o com força ao chão e esmagando-lhe a garganta com um golpe do pé e um clarão trovejante de magia.

Mais dois demónios da madeira avançaram e pontapeou o primeiro no ventre, projectando-o com uma explosão mágica antes de se lançar sobre o outro. Segurou um dos seus braços numa chave de sharusahk e puxou com toda a força, arrancando o braço do demónio. Atirou-o a Jeorje Vigia, mesmo que o membro ressaltasse do círculo guardado do Protector da Vigia-Sul.

Três demónios da chama lançaram-se sobre o demónio da madeira mutilado e o nuclita ferido não tardou a guinchar quando as chamas o consumiram. O outro demónio da madeira recuperou e deu um passo para o Homem Pintado, mas este rosnou-lhe e o demónio manteve a distância.

— É o Libertador! — gritou alguém na multidão. Muitos outros ecoaram as suas palavras, alguns caindo mesmo de joelhos, mas o Homem Pintado limitou-se a franzir o sobrolho.

— Não libertarei ninguém capaz de sacrificar uma rapariga à noite! — rugiu. Voltou-se para Renna, puxando a faca do poste e cortando-lhe as cordas. Amparou-a, quando esta lhe caiu nos braços e os seus olhares cruzaram-se por um instante. Os olhos de Renna voltaram a focar-se e abanou a cabeça como se pretendesse clarear as ideias. Ergueu-a para o dorso de Dançarino do Ocaso.

— A bruxa matou o meu filho! — gritou Garric Pescador.

O Homem Pintado voltou-se, recordando com demasiada clareza os muitos espancamentos que sofrera às mãos de Cobie Pescador em criança.

— O teu filho era um rufia e não valia o mijo de um nuclita — disse, montando o cavalo atrás de Renna. Esta aninhou-se contra ele como uma criança, tremendo, apesar de a noite estar quente.

O Homem Pintado olhou as faces aterradas na multidão. Viu o seu pai, abraçando Ilain Curtidor e voltou a sentir raiva. Nada mudara, se Jeph podia limitar-se a observar Renna presa a um poste, sabendo ambos o que sabiam acerca de Harl.

— Vim ensinar-vos a lutar contra os nuclitas! — gritou-lhes. — Mas vejo que o Ribeiro de Tibbet continua a gerar apenas cobardes e tolos!

Voltou-se para partir, mas uma pontada fê-lo virar a cabeça, lançando um último olhar à multidão, concedendo-lhes uma última oportunidade.

— Qualquer homem, mulher ou criança que prefira matar nuclitas a entregar-

lhes o seu vizinho encontre-se comigo aqui amanhã ao anoitecer — gritou. — Se não o fizerem, nucleados sejam!

Viu que Jeph o olhava, apesar de nada no seu olhar indicar reconhecimento.

— Renna Curtidor é minha parente! — gritou, atraindo olhares dos que o rodeavam. — Abriga-te na minha quinta na estrada do norte! Renna conhece o caminho! — O Homem Pintado não precisava de indicações para a quinta de Jeph, mas acenou afirmativamente, voltando Dançarino do Ocaso para norte.

— Espera. Não podes abrigar aquela bruxa assassina, Jeph Fardos! — gritou Raddock Meirinho. — O conselho votou!

— Então ainda bem que não faço parte do conselho — gritou-lhe Jeph. — Porque, e a noite é minha testemunha, se vieres tu ou mais alguém à minha quinta procurá-la, haverá mais sangue!

Raddock abriu a boca para responder, mas ouviu-se um murmúrio irado entre a multidão e que o fez olhar em redor, inseguro, sem saber de que lado estariam.

O Homem Pintado grunhiu e fez galopar Dançarino do Ocaso para fora da Praça e pela estrada que conduzia à quinta do seu pai.



Renna permaneceu em silêncio durante toda a viagem, encostando-se a ele e segurando-lhe as vestes. Alguns demónios atacaram, mas Dançarino do Ocaso esquivou-se e aumentou a velocidade, não tardando a deixá-los para trás. Por duas vezes, o garanhão limitou-se a esmagar demónios sobre a estrada sem abrandar.

A quinta do pai permanecia quase como a recordava, apesar de ter sido construído um anexo nas traseiras da casa. Alguns dos postes de guarda nos campos de cevada eram ainda os que ele próprio gravara, cobertos com muitas camadas de laca ao longo dos anos. Jeph mantinha os postes com devoção religiosa, um hábito que inculcara no filho e que salvara muitas vezes a vida de Arlen desde então e que definira em grande parte o rumo da sua vida.

Atraídos pela casa, muitos nuclitas povoavam o pátio, testando as guardas. O Homem Pintado atingiu dois com flechas abrindo caminho para o celeiro e, quando alcançou a segurança das suas guardas, preparou Dançarino do Ocaso para a noite e ergueu-se junto à porta, eliminando os restantes com o arco, um a

um. Em breve, o caminho ficou desimpedido e escoltou Renna até à casa.

Tremia quando a depositou na sala comum e acendeu as lanternas, ateando o fogo na lareira. Tudo no local lhe era tão familiar que provocava dores no coração. Até o cheiro era o mesmo. Quase esperou que a sua mãe saísse da despensa e o mandasse lavar-se para o jantar. Um velho gato aproximou-se e farejou-o, ronronando e esfregando-se contra a sua perna. Ergueu-o e coçou-lhe as orelhas, recordando como a mãe deste tinha dado à luz uma ninhada atrás da carroça partida no celeiro.

Aproximou-se de Renna, que continuava sentada onde a deixara, passando as mãos pelas saias.

— Estás bem?

Renna abanou a cabeça, mantendo os olhos no chão.

— Não sei se algum dia voltarei a estar bem.

— Sei como é — disse-lhe o Homem Pintado. — Tens fome?

Depois de Renna acenar afirmativamente, pousou o gato e dirigiu-se à despensa, não o surpreendendo encontrá-la tal como a recordava. Havia presunto, vegetais frescos e a caixa de pão estava cheia. Levou tudo para a tábua de corte e encheu uma panela no barril de água. Não tardou a ter um guisado a ferver sobre o fogo, enchendo a casa com o seu aroma. Abriu o armário e dispôs malgas e colheres sobre a mesa. Foi buscar Renna e viu que o gato se tinha enroscado no seu colo. Acariciava-o mecanicamente enquanto chorava, com as lágrimas a humedecer-lhe o pêlo.

Renna não falou muito ao comer e deu consigo a olhá-la, desejando conhecer as palavras que lhe devolveriam a vida ao olhar.

— Está bom, o guisado? — perguntou, enquanto ela partia pão para ensopar os restos na malga. — Há mais, se quiseres. — Acenou afirmativamente e o Homem Pintado foi buscar a panela à lareira, voltando a encher-lhe a malga.

— Obrigada — disse. — Sinto-me como se não comesse há dias. E não comi. Não tenho tido fome.

— Calculo que tenhas tido uma semana má — disse-lhe.

Olhou, finalmente.

— Mataste aqueles demónios. Mataste-os com as mãos nuas.

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

— Porquê? — perguntou.

O Homem Pintado arqueou-lhe uma sobrancelha.

— Preciso de um motivo para matar demónios?

— Mas contaram-te o que fiz — disse Renna. — E estão certos. Nada disto teria acontecido se tivesse dado ouvidos ao meu pai. Talvez mereça ser nucleada. — Voltou a afastar o olhar, mas o Homem Pintado segurou-lhe os ombros com firmeza e forçou-a a olhá-lo. Os olhos dele faiscavam e os de Renna arregalaram-se com receio.

— Ouve-me, Renna Curtidor — disse-lhe. — O teu pai não merecia que lhe dessem ouvidos. Sei o que te fez a ti e às tuas irmãs naquela quinta. Esse tipo de homem não merece atenção. Foi ele que provocou isto e não tu. Nunca foste tu.

Vendo que se limitava a olhá-lo, abanou-a.

— Ouviste?

Por um momento mais, Renna continuou a olhá-lo. Depois, acenou lentamente com a cabeça. E repetiu o gesto, com maior determinação.

— Não foi certo o que nos fez.

— Isso é dizer pouco — disse o Homem Pintado.

— E o pobre Cobie nunca fez nada de mal — prosseguiu Renna, com palavras que lhe saíam com maior ligeireza dos lábios. Olhou-o. — Não era nenhum rufia. Pelo menos comigo. Só quis casar comigo e o meu pai...

— Matou-o por isso — completou o Homem Pintado, vendo-a hesitar.

Acenou afirmativamente.

— Um homem como aquele não é muito melhor do que um demónio.

Foi a vez dele acenar afirmativamente.

— E tens de lutar contra os demónios, Renna Curtidor. É a única forma de viver com a cabeça erguida. Não poderás confiar em mais ninguém para fazer o que não farás por ti mesma.

Renna encolhia-se junto à lareira, dormindo profundamente, quando a carroça de Jeph chegou ao pátio bem cedo na manhã seguinte. O Homem Pintado observou pela janela, engolindo em seco quando quatro crianças saltaram das traseiras da carroça. Irmãos e irmãs que nunca conhecera.

Foram seguidas pela velha Norine e por Ilain. O Homem Pintado gostara de

Ilain na infância e via que continuava bela, mas ver o seu pai ajudá-la a descer do banco da frente como costumava fazer à sua mãe roía-o. Não culpava Ilain por ter querido fugir a Harl. Já não o fazia, pelo menos. Mas isso não tornava mais fácil ver a rapidez com que ocupara o lugar da sua mãe.

Olhou a estrada, mas não viu mais ninguém. Abriu a porta e saiu ao seu encontro. As crianças estacaram, olhando-o fixamente enquanto se aproximava de Jeph.

— Dorme junto à lareira — disse-lhe.

Jeph acenou afirmativamente.

— Obrigado, Mensageiro.

— Espero que cumpras a promessa de a proteger de quem lhe quiser fazer mal — disse o Homem Pintado, apontando um dedo tatuado ao seu pai.

Jeph engoliu em seco, mas acenou com a cabeça.

— Cumprirei.

Os olhos do Homem Pintado estreitaram-se. Era frequente que Jeph fizesse promessas sinceras, mas, quando chegava o momento de agir, falhava.

Sem outra opção, o Homem Pintado acenou-lhe afirmativamente.

— Vou buscar o meu cavalo e partirei.

— Espera, por favor — disse Jeph, segurando-lhe o braço.

O Homem Pintado olhou a mão e Jeph retirou-a de imediato.

— Eu... — hesitou. — Gostávamos que ficasses para o pequeno-almoço. É o mínimo que poderemos fazer. É possível que toda a aldeia esteja na praça ao anoitecer, como disseste. Podes repousar aqui até lá.

O Homem Pintado olhou-o, querendo partir, mas parte dele ansiava por conhecer os irmãos e o seu estômago roncava ao pensar num verdadeiro pequeno-almoço do Ribeiro. Tais coisas tinham significado pouco para ele na infância, mas, agora, eram memórias preciosas.

— Suponho que poderei ficar um pouco — disse, permitindo-se ser acompanhado para dentro de casa enquanto as crianças se ocupavam das suas tarefas e Norine e Ilain iam para a despensa.

— Este é o pequeno Jeph — disse Jeph, apresentando o filho mais velho

quando se reuniram à volta da mesa para o pequeno-almoço. O rapaz saudou-o com um aceno, mas não conseguia deixar de fitar as mãos tatuadas, tentando espreitar-lhe as sombras sob o capuz.

— Ao lado está Jeni Alfaiate — prosseguiu Jeph. — Estão prometidos há quase dois anos. Ao fundo estão os nossos mais novos, Silvy e Cholie.

Sentado de frente para as crianças, ao lado de Renna e Norine, o Homem Pintado tossiu ao ouvir os nomes. Eram os nomes da mãe e do tio falecidos. Bebeu um gole de água para camuflar a surpresa.

— Os teus filhos são magníficos.

— O Protector Harral diz que és o Libertador regressado — exclamou a pequena Silvy.

— Mas não sou — disse-lhe o Homem Pintado. — Apenas um Mensageiro com boas notícias.

— Os Mensageiros passaram a ser todos como tu? — perguntou Jeph. — Todos pintados?

O Homem Pintado sorriu.

— Nisso sou único — admitiu. — Mas sou apenas um homem, de qualquer forma. Não vim Libertar ninguém.

— Libertaste Renna — disse Ilain. — Não tenho como te agradecer por isso.

— Não deveria ter sido necessário — disse o Homem Pintado.

Jeph permaneceu em silêncio por um momento depois de o ouvir.

— Estás certo no que dizes — disse, por fim. — Mas, por vezes, quando somos uma voz na multidão e a multidão decidiu...

— Basta de desculpas, Jeph Fardos — exclamou Norine. — O homem está certo. Que temos neste mundo além da família e dos amigos? Nada deveria impedir-nos de os protegermos.

O Homem Pintado olhou-a. Não era a Norine que recordava, a que ficara no alpendre na noite em que a sua mãe fora nucleada. Que lá ficara sem fazer nada além de tentar impedir Arlen de ir em seu auxílio. Acenou-lhe afirmativamente, voltando a olhar Jeph.

— É verdade — disse-lhe. — É necessário enfrentar quem pretende fazer mal a ti e aos teus.

— Falas como o meu filho — disse Jeph, com um olhar que pareceu focar algo muito distante.

— Que disseste? — disse-lhe o Homem Pintado, sentindo um aperto na garganta.

— Eu? — perguntou o jovem Jeph.

Jeph abanou a cabeça.

— O teu irmão mais velho — disse ao filho e todos em redor da mesa traçaram rapidamente uma guarda no ar, excepto Renna e o Homem Pintado.

— Há anos, tive outro filho chamado Arlen — explicou Jeph. Ilain pegou-lhe na mão, apertando-a para lhe dar força. — Aliás, estava prometido a Renna. — Indicou Renna com a cabeça. — A sua mãe foi nucleada e ele fugiu. — Baixou o olhar para a mesa e a voz tornou-se tensa. — Fazia-me muitas perguntas sobre as Cidades Livres. Gosto de pensar que talvez tenha conseguido chegar até lá... — Calou-se, abanando a cabeça, como se quisesse afastar aquela ideia.

— Mas tens esta bela família agora — considerou o Homem Pintado, esperando orientar a conversa para algo positivo.

Jeph acenou afirmativamente, cobrindo a mão de Ilain com as suas e apertando-a.

— Agradeço ao Criador por eles todos os dias, mas isso não significa que não suporte o peso dos que perdi.

Depois do pequeno-almoço, o Homem Pintado dirigiu-se ao estábulo para verificar Dançarino do Ocaso. Fê-lo mais para escapar por um momento do que por ser realmente necessário. Começara a escovar o cavalo quando a porta do estábulo se abriu e Renna entrou. Cortou uma maçã e estendeu as metades para Dançarino do Ocaso comer, acariciando os flancos do garanhão quando terminou. O cavalo nitriu mansamente.

— Era noite quando corri até aqui, há uns dias atrás — disse. — Os demónios ter-me-iam apanhado se Jeph não tivesse atravessado as guardas, atingindo um com o machado.

— A sério? — perguntou o Homem Pintado, sentindo um nó na garganta quando a viu acenar afirmativamente.

— Não lhe vais dizer, pois não? — perguntou.

— Dizer-lhe o quê? — perguntou o Homem Pintado.

— Que és o seu filho — disse Renna. — Que estás vivo e com saúde e que o perdoas. Esperou tanto tempo. Por que continuas a puni-lo quando consigo ver perdão nos teus olhos?

— Sabes quem sou? — perguntou-lhe, surpreso.

— Claro que sei! — ripostou Renna. — Não sou estúpida, por mais que o possam pensar. Como saberias o que o meu pai fez se não fosses Arlen Fardos? Como saberias que Cobie era um rufia ou qual era a quinta de Jeph? Noite, abriste os armários como se a casa ainda fosse a tua!

— Não queria que ninguém soubesse — disse o Homem Pintado, percebendo subitamente que o seu sotaque do Ribeiro, que perdera enquanto vivera em Miln, tinha regressado. Era um velho truque de Mensageiro para deixar a gente dos povoados à-vontade, alterando o sotaque para se assemelhar aos seus. Fizera-o um cento de vezes, mas, daquela vez, era diferente, como se tivesse feito o truque desde que partira e voltasse, finalmente, a falar com a sua própria voz.

Renna pontapeou-o com força na canela. Gemeu de dor.

— Obrigada por achares que não sabia e não dizeres nada! — gritou, empurrando-o com tanta força que o fez cair na pilha de feno ao fundo da divisória. — Catorze verões a esperar-te! Sempre a acreditar que voltarias por mim. Fomos prometidos. Mas não regressaste por mim, pois não? Nem sequer agora! Pretendias passar por aqui e partir sem que ninguém soubesse! — Voltou a pontapeá-lo e ergueu-se rapidamente, colocando-se do lado oposto de Dançarino do Ocaso.

Estava certa, claro. Tal como na sua visita a Miln, pensara que podia espreitar a sua antiga vida sem lhe tocar, como se removesse uma ligadura para ver se a ferida por baixo estaria sarada. Mas a verdade era que deixara a ferida infectar e chegara a altura de a sangrar.

— Uma conversa de cinco minutos entre os nossos pais não nos faz prometidos, Ren — disse.

— Pedi ao meu pai para falar com Jeph — disse Renna. — Disse-te que estávamos prometidos e disse as palavras no alpendre ao pôr-do-sol, no dia em que partiste. Isso fez-nos prometidos.

Mas o Homem Pintado abanou a cabeça.

— Dizer algo ao pôr-do-sol não muda nada. Nunca me prometi a ti, Renna. Fui o único a não ter direito a opinião nessa noite.

Renna olhou-o com lágrimas nos olhos.

— Talvez não — aceitou. — Mas eu sim. Foi a única coisa que alguma vez fiz realmente minha e não vou voltar atrás. Soube-o quando nos beijámos. Soube

que estávamos destinados.

— Mas terias casado com Cobie Pescador — disse ele, não conseguindo afastar uma pontada de azedume da voz. — Alguém que costumava espancar-me com os seus amigos.

— Conseguiste mudá-los — disse Renna. — Cobie sempre foi amável comigo... — Soluçou, tocando o colar que trazia. — Nem sequer sabia se estavas vivo e precisava de escapar...

Pousou-lhe uma mão sobre o ombro.

— Eu sei, Ren. Não era isso que queria dizer. Não te culpo por teres feito o que fizeste. Queria apenas dizer que nada está «destinado». Todos vivemos a vida fazendo o que achamos ser melhor.

Olhou-o.

— Quero ir contigo quando partires. É isso que acho ser melhor.

— Sabes o que isso significa, Ren? — perguntou o Homem Pintado. — Não me escondo dentro de um círculo quando o Sol se põe. Não levo uma vida segura.

— Como eu estou segura aqui? — perguntou Renna. — Mesmo que não voltem a prender-me a uma estaca quando te fores, com quem poderei contar? Quem não se limitará a olhar enquanto sou nucleada?

Olhou-a durante muito tempo, tentando encontrar palavras para lhe retirar razão. Os Pescadores não eram diferentes de quaisquer outros rufias. Ensinar-lhes-ia uma lição quando caísse a noite, se não o tivesse feito já. Renna ficaria segura no Ribeiro. Merecia ficar segura.

Mas a simples segurança bastaria? Para ele não. Por que haveria de bastar para ela? Sempre olhara com desprezo aqueles que viviam com medo da noite.

Estar perto de Renna era como aplicar sal numa ferida, recordando-lhe tudo aquilo de que abdicara quando começou a guardar a pele. Era suficientemente duro perto daqueles que não o tinham conhecido antes. Renna fazia-o sentir que ainda tinha onze anos.

Mas precisava dele e isso repelia o apelo do Núcleo. O amanhecer daquele dia fora o primeiro pelo qual ansiara desde Miln. No seu coração, o Homem Pintado sabia que nunca sobreviveria se tentasse entrar no mundo dos demónios, mas ver a sua gente sacrificar Renna à noite fê-lo querer abandonar a humanidade para sempre. Se partisse sozinho do Ribeiro de Tibbet, poderia fazê-lo.

— Muito bem — disse, por fim. — Desde que consigas acompanhar-me. Se me atrasares, deixar-te-ei na primeira aldeia por onde passarmos.

Renna olhou em redor, avistando um raio de Sol entrando pelas portas do sótão usadas para armazenar feno. Avançou cuidadosamente para a luz e olhou-o nos olhos.

— Não te atrasarei — prometeu, puxando pela faca de Harl. — Que o Sol seja a minha testemunha.

— Seguras essa faca como se pudesse ajudar-te contra um nuclita –
disse o Homem Pintado. — Deixa-me guardá-la. — Renna pestanejou, olhando a faca. Estendeu-a. O Homem Pintado estendeu a mão, mas Renna fê-la recuar de repente, apertando-a contra si.

— Esta faca é uma das poucas coisas no mundo que me pertence –
disse. — Gostaria de ser eu a guardá-la, se me ensinares a fazê-lo.

O Homem Pintado fitou-a com dúvida, recordando a fraca qualidade das suas guardas quando eram crianças. Renna percebeu o olhar e franziu o sobrolho.

— Já não tenho nove anos, Arlen Fardos — exclamou. — Há dez anos que guardo a minha propriedade e nunca um demónio entrou. Por isso, poupa-me a esse olhar de superioridade. Acredito que consigo desenhar um círculo ou uma guarda térmica tão bem como tu.

Chocado, o Homem Pintado abanou a cabeça para recuperar a compostura.

— Perdoa-me. Os Guardadores das Cidades Livres trataram-me da mesma forma quando deixei o Ribeiro. Esqueci como me senti insultado.

Renna aproximou-se do local onde Arlen guardava o seu equipamento, retirando uma faca guardada da bainha na sela.

— Esta — disse, aproximando-se dele. — Que faz esta? — Apontou uma guarda isolada na extremidade. — E por que está o resto do gume coberto com repetições desta guarda giradas em várias direcções? Como forma uma rede sem conectores? — Voltou a arma nas mãos, passando o dedo sobre dúzias de guardas na lâmina.

O Homem Pintado apontou a extremidade.

— Esta é a guarda de perfuração, para furar a armadura. As do lado são guardas de corte, para fazer entrar o gume depois de a armadura estar quebrada. As guardas de corte ligam-se a si próprias, se as girares de forma adequada.

Renna acenou afirmativamente, passando os olhos sobre as linhas.

— E estas? — Apontou os símbolos além do gume cortante.



Depois do jantar, Jeph preparou a carroça e a família subiu para se dirigirem à Praça Central. Renna viajou com o Homem Pintado, montada atrás dele sobre Dançarino do Ocaso.

Chegaram escassos minutos antes do anoitecer. Se a praça estivera apinhada no dia anterior, passara a rebentar pelas costuras. Todas as localidades do Ribeiro de Tibbet estavam representadas por cada homem, mulher e criança. Enchiam as ruas e a maior parte da praça, mais de um milhar de almas no total, abrigadas apenas por pedras de guarda erguidas e pintadas à pressa.

Todos olharam quando se aproximaram, ignorando a família de Jeph por completo e fitando o forasteiro encapuçado sobre o seu enorme garanhão guardado e a rapariga que montava atrás dele. A multidão afastou-se quando o Homem Pintado cavalgou até ao centro da praça, voltando Dançarino do Ocaso algumas vezes em várias direcções para que todos conseguissem vê-los. Ergueu a mão e baixou o capuz, motivando uma exclamação conjunta de espanto.

— Vim das Cidades Livres para ensinar a boa gente do Ribeiro de Tibbet a matar demónios! — gritou. — Mas, até agora, não vi «boa gente» nenhuma. Boa gente não oferece raparigas indefesas aos nuclitas! Boa gente não observa sem agir enquanto alguém é nucleado! — Enquanto falava, continuava a fazer girar o cavalo para um lado e para o outro, enfrentando tantos olhares quantos conseguia.

— Não era uma rapariga indefesa, Mensageiro! — gritou Raddock Meirinho, avançando para falar pela população do Charco da Pesca. — Era uma assassina sem coração e o conselho votou que fosse presa a um poste por isso.

— É verdade que sim — concordou o Homem Pintado, elevando a voz. — E ninguém os enfrentou.

— O povo confia nos seus Oradores — disse Raddock.

— É verdade? — perguntou o Homem Pintado, dirigindo-se à multidão. — Confiam nos vossos Oradores?

Ouviu-se um coro de «sins» apaixonados de cada secção. O povo do Ribeiro de Tibbet orgulhava-se das suas localidades e dos apelidos que partilhavam.

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

— Então suponho que testarei os vossos Oradores. — Desmontou e escolheu dez lanças leves dos arreios de Dançarino do Ocaso, espetando-as com a ponta para baixo na terra, deixando as hastes estremecer.

— Cada homem ou mulher no conselho da aldeia que se erga comigo e lute esta noite, ou o seu herdeiro se morrerem, receberá uma lança com guardas de combate — disse, erguendo uma das armas. — Bem como os segredos para as traçar, para que possam fabricar as suas.

Seguiu-se um silêncio chocado, enquanto todos olhavam os seus Oradores.

— Dás-nos tempo para pensar no assunto? — perguntou Mack Pasto. — Não quero tomar a decisão errada.

— Claro — respondeu o Homem Pintado, olhando o céu. — Diria que terão... uns dez minutos. Por esta hora, amanhã, pretendo estar a caminho das Cidades Livres.

Selia Estéril destacou-se da multidão.

— Esperas que nós, anciãos do Ribeiro de Tibbet, nos ergamos na noite desprotegida, com nada além destas lanças?

O Homem Pintado olhou-a. Continuava alta e capaz de intimidar após tantos anos. Açoitara-lhe o traseiro mais do que uma vez e sempre para seu próprio bem. A ideia de enfrentar Selia Estéril era-lhe mais estranha do que enfrentar o olhar de um demónio da rocha, mas, daquela vez, era ela quem precisava de açoites.

— Teriam maiores hipóteses do que as que deram a Renna Curtidor — disse-lhe.

— Nem todos nós votámos contra ela, Mensageiro — disse Selia.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

— Mesmo assim, permitiram que acontecesse.

— Ninguém está acima da lei — disse Selia. — Depois de o conselho voltar, tivemos de pôr a aldeia em primeiro, acima dos nossos sentimentos pessoais.

O Homem Pintado cuspiu para o chão junto aos pés da anciã.

— Para o Núcleo com a vossa lei, se manda entregar o vosso semelhante à noite! Se querem pôr a aldeia em primeiro, venham até aqui e mostrem que suportam o vosso próprio remédio. De outra forma, pegarei nas lanças e partirei.

Selia semicerrou os olhos e, a seguir, segurou as saias, avançando com firmeza

para a praça. Ouviram-se exclamações de choque em redor, mas Selia ignorou-as, pegando numa das lanças. Foi seguida de imediato pelo Protector Harral e por Brine Ombros Largos. O Lenhador gigante segurou a lança com um brilho faminto nos olhos. Praças e Lenhadores incentivaram-no.

— Mais alguém tem perguntas a colocar? — perguntou o Homem Pintado, olhando em redor. Quando era rapaz, no Ribeiro de Tibbet, não lhe seria permitido erguer a voz, mas, finalmente, pretendia dizer tudo o que pensava. A multidão mostrou-se subitamente animada, mas localizou facilmente os Oradores. Eram como ilhas num regato.

— Suponho que eu terei — disse Jeorje Vigia.

O Homem Pintado voltou-se para ele.

— Pergunta e responderei com sinceridade.

— Como poderemos saber que és realmente o Libertador? — perguntou Jeorje.

— Como disse, Protector — respondeu o Homem Pintado —, não sou. Sou apenas um Mensageiro.

— Um Mensageiro de quem? — quis saber Jeorje.

O Homem Pintado hesitou, percebendo a armadilha. Se respondesse «de ninguém», muitos presumiriam que isso significava que seria um Mensageiro do Criador. A sua melhor saída seria referir Euchor como seu patrono. Oficialmente, o Ribeiro de Tibbet pertencia a Miln e as pessoas entenderiam que as guardas de combate eram uma dádiva do duque. Mas prometera ser sincero.

— Esta mensagem não tem patrono — admitiu. — Encontrei as guardas numa ruína do mundo antigo e decidi espalhá-las por todos os povos honrados, para que possamos lutar contra o inimigo.

— A Praga não poderá terminar sem a vinda do Libertador — disse Jeorje, como se o Homem Pintado tivesse sido apanhado numa cilada lógica.

Mas este limitou-se a encolher os ombros, estendendo-lhe uma lança guardada.

— Talvez sejas tu. Mata um demónio e descobre.

Jeorje deixou cair a bengala e aceitou a arma, com determinação férrea no olhar.

— Vi mais de cem anos da Praga — disse. — Vi a morte de todos os que conhecia, incluindo os meus netos. Sempre pensei no motivo pelo qual o Criador me manteria vivo durante tanto tempo quando chamava tantos outros para Seu lado. Suponho que seria porque me restava algo a fazer.

— Dizem em Forte Krasia que um homem não poderá ascender ao Paraíso se não arrastar um nuclita consigo para a morte — disse o Homem Pintado.

Jeorje acenou afirmativamente.

— Gente sábia. — Posicionou-se ao lado de Selia e os Vigias traçaram guardas no ar enquanto passava por eles.

Rusco Leitão avançou para a praça a seguir, arregaçando as mangas sobre braços grossos. Segurou também uma lança.

— Pai, o que fazes? — perguntou Catrin, a sua filha, correndo para lhe segurar o braço.

— Usa a cabeça, rapariga! — ripostou Leitão. — Quem vender armas guardadas fará uma fortuna! — Libertou o braço e colocou-se ao lado dos outros Oradores.

Notou-se movimento no contingente Pantanoso, onde Coran Pantanoso se sentava numa cadeira de costas rectas.

— O meu pai não consegue erguer-se sem a bengala — gritou Keven Pantanoso. — Deixa-me lutar por ele.

O Homem Pintado abanou a cabeça.

— A lança é tão boa como uma bengala para qualquer homem que se julgue capaz de participar num conselho e fazer de Criador. — Os Pantanosos começaram a agitar os punhos e a gritar-lhe, furiosos, mas o Homem Pintado ignorou-os, mantendo o olhar em Coran, desafiando-o a avançar. O Orador Pantanoso franziu a testa, mas ergueu-se da cadeira e cambaleou lentamente para segurar uma lança. Deixou a bengala no chão, junto à de Jeorje.

Os olhos do Homem Pintado voltaram-se para Meada Charneca, vendo-a quebrar um abraço ao filho e avançar para fora do aglomerado da Colina da Charneca. Olhou Coline de passagem, mas a Herbanária abanou a cabeça.

— Tenho de zelar pelos doentes — disse. — E também por aqueles de vós que tiverem a sorte de sobreviver à noite.

Mack Pasto também abanou a cabeça.

— Não sou tolo para passar as guardas — disse. — Tenho família e gado que dependem de mim. Não vim aqui para ser nucleado. — Deu um passo atrás e ouviu-se um coro de reprovação simultânea de Pastos e Fardos.

— Deixa-nos escolher um novo Orador se este não tem tomates! –
gritou alguém.

— Por que o faria? — perguntou-lhes o Homem Pintado. — Nenhum de vós teve tomates para defender Renna Curtidor!

— Não é verdade! — gritou Renna. O Homem Pintado voltou-se para ela, surpreso. Enfrentava-lhe o olhar com determinação.

— Jeph Fardos enfrentou um demónio da chama por mim, há menos de cinco noites.

Todos os olhos se voltaram para Jeph, que a atenção fez encolher-se. O Homem Pintado sentiu-se como se Renna o tivesse pontapeado nos dentes, mas o seu pai era testado e queria conhecer o resultado mais do que ninguém.

— É verdade, Fardos? — perguntou. — Defrontaste um demónio no teu pátio?

Jeph olhou o chão durante muito tempo e, a seguir, olhou os filhos. Vê-los pareceu dar-lhe força e endireitou as costas.

— Sim.

O Homem Pintado voltou-se para Fardos e Pastos, lavradores e pastores de todos os cantos do Ribeiro.

— Elejam Jeph Fardos Orador antes do anoitecer e deixarei que se junte a mim.

O rugido de aprovação foi imediato e Norine empurrou Jeph para o fazer andar. O Homem Pintado voltou-se, por fim, para Raddock Meirinho.

— Nem sequer há provas de que as lanças funcionam! — gritou Meirinho.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

— Confias e ergues-te comigo ou não o fazes.

— Não te conheço, Mensageiro — disse Meirinho. — Não sei de onde és ou em que acreditas. Não sei nada além do que dizes e o que dizes é que os Pescadores não têm direito a justiça! — Muitos dos Pescadores acenaram afirmativamente e grunhiram o seu acordo. — Perdoar-me-ás — continuou Raddock, avançando para a praça e olhando não apenas os Pescadores, mas também outros habitantes do Ribeiro — se não confiar cegamente na tua palavra.

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

— Perdoo-te. — Apontou a névoa que começava a erguer-se junto aos pés do Orador. — E aconselho-te a pegar numa lança ou a voltar para lá das tuas guardas.

Raddock Meirinho reagiu com um gritinho pouco digno e fugiu para as guardas dos Pescadores tão depressa quanto as suas velhas pernas conseguiam mover-se.

O Homem Pintado voltou-se para os Oradores que tinham avançado. Seguravam as lanças de forma atrapalhada, habituados a lidar com ferramentas e não com armas. Mas a falta de medo era surpreendente. À excepção de Jeph, que parecia pálido como as escamas de um demónio da neve, aparentavam tranquilidade. Os Oradores não questionavam decisões depois de estas serem tomadas.

— Os demónios são mais vulneráveis agora, quando ainda não estão completamente formados — disse o Homem Pintado. — Se forem rápidos...

Antes mesmo de completar a frase, Leitão grunhiu, avançando para um demónio da madeira que solidificava. O Homem Pintado recordava os festivais de solstício de Verão realizados em cada ano da sua infância. Leitão colocava porcos inteiros em grandes espetos e pagava às crianças para os fazerem girar sobre o fogo. Ergueu a lança e cravou-a no peito do demónio com a mesma calma e eficiência que empregava para espetar os porcos.

As guardas na ponta da lança cintilaram e o nuclita gritou. A multidão rugiu, vendo no corpo translúcido do demónio a forma como a magia o percorria como um relâmpago. Leitão segurou a lança com firmeza à medida que o demónio se debatia, com a magia subindo-lhe os braços enquanto as guardas da lança se iluminavam. Por fim, os movimentos do nuclita pararam e Leitão puxou a lança, deixando o corpo agora sólido tombar ao chão.

— Conseguiria habituar-me à sensação — grunhiu Leitão, cuspindo no cadáver.

Selia avançou a seguir, escolhendo um demónio da chama que começava a formar-se. Trespassou-o repetidamente como se mexesse manteiga e a magia cintilou, provocando-lhe a morte.

Coran fez o mesmo, trespassando outro demónio da chama como se fosse uma rã do Pântano, mas a sua perna cedeu e desequilibrou-se, falhando por completo o demónio. Ouviu-se ao nuclita um gargarejo quando solidificou, acumulando saliva incandescente na boca.

— Pai! — gritou Keven Pantanoso, correndo para a praça. Segurou uma das lanças que continuavam espetadas no chão e moveu-a como um machado, forçando o demónio a libertar a saliva incandescente enquanto o golpe o fazia rebolar. A saliva deixou uma linha flamejante no solo e Keven seguiu-a, trespassando o demónio como o pai tentara fazer.

Olhou o Homem Pintado com olhar duro.

— Não podia deixar o meu pai ser nucleado — disse, expondo os dentes e desafiando-o a protestar. Fil, o seu filho, correu para Coran e ajudou-o a regressar para trás das guardas.

O Homem Pintado curvou-se.

— Bom trabalho.

Jeph apressou-se a trespassar um demónio da chama quase sólido, mas não foi suficientemente rápido e o nuclita cuspiu chamas sobre ele. Jeph gritou, erguendo diagonalmente a lança como se quisesse bloquear o fogo.

A multidão gritou, assustada, mas as guardas na haste da lança de Jeph cintilaram e a chama foi transformada numa brisa fresca. Jeph recuperou rapidamente, golpeando o nuclita como se atingisse com uma enxada uma raiz problemática. Pisou-lhe as costas fumegantes ao retirar a lança, como poderia pisar uma meada de feno para libertar os dentes do ancinho.

Um demónio do vento solidificou e o Homem Pintado despiu a túnica, segurando o demónio e encostando-o às pedras guardadas dos Charnecas, onde estrebuchou contra a rede guardada antes de cair ao chão, atordoado.

— Meada Charneca — chamou, apontando o demónio imóvel e indefeso.

Um demónio da madeira tentou golpeá-lo com um braço semelhante a um ramo, mas o Homem Pintado segurou-lhe o pulso e voltou o seu ímpeto contra ele, fazendo-o cair de costas diante de Jeorje Vigia, que lhe cravou a lança como se batesse com a bengala no chão. A magia percorreu-o e os seus olhos iluminaram-se com um brilho fanático.

O Protector Harral e Brine Ombros Largos acompanharam Meada até à sua presa, mantendo as lanças a postos para a eventualidade de o demónio conseguir recuperar antes de ser golpeado. A preocupação era desnecessária. Meada aplicou no golpe a força que usaria para abrir um barril de cerveja com um pé-de-cabra.

Outro demónio da chama se formou e Brine e Harral abateram-no em conjunto.

Todos os demónios se tinham tornado sólidos. Um número considerável formara-se na praça, mas mais de metade tinha morrido e as pedras guardadas da multidão impediam a chegada de reforços.

Um demónio da chama aproximou-se de Renna e esta gritou, mas continuava montada sobre Dançarino do Ocaso e o garanhão ergueu-se, esmagando-o sob os

cascos.

— Cerrem fileiras! — ordenou o Homem Pintado aos Oradores. Lanças para diante! — Fizeram o que lhes mandava e encurralaram dois demónios do vento, partilhando a sua morte. O Homem Pintado guiou-os calmamente à volta da praça, orientando as mortes e preparado para intervir se fosse necessário.

Mas não foi chamado a agir e os demónios restantes foram rapidamente eliminados. Os Oradores olharam em redor, segurando as lanças de forma muito diferente.

— Não me sentia tão forte há vinte anos, quando costumava rachar a minha própria lenha — disse Selia. Os outros manifestaram a sua concordância.

O Homem Pintado olhava a multidão reunida.

— Os vossos anciãos conseguiram! — gritou. — Recordem-no da próxima vez que houver um demónio nos vossos pátios.

— Não restam demónios na praça — referiu Leitão. — Cumprimos a nossa parte do acordo. Agora, o pagamento.

O Homem Pintado curvou-se.

— Agora?

Leitão acenou afirmativamente.

— Tenho uma pilha de pergaminho em branco na taberna que podemos preencher.

— Muito bem — disse o Homem Pintado. Leitão curvou-se e apontou a venda. Os outros Oradores e o Homem Pintado começaram a dirigir-se nessa direcção, mas Leitão voltou-se para a multidão.

— Venham de manhã — disse. — Aceitarei encomendas de lanças guardadas e contratarei gente com mão firme que as saiba fabricar! Os primeiros a chegar serão os primeiros a ser servidos! — Um burburinho espalhou-se pela multidão depois do anúncio.

O Homem Pintado abanou a cabeça. Sabia que Leitão não perderia tempo a fazer negócio. Encontrava sempre uma forma de lucrar com coisas que as pessoas poderiam fazer por si mesmas.

Vinte e Sete

Fuga para Diante

333 DR Verão

RENNA SENTOU-SE A UM CANTO enquanto Arlen ensinava guardas de combate ao conselho na sala traseira da taberna de Leitão. Dasy e Catrin entravam e saíam, servindo café acabado de fazer. Olhavam Renna com suspeição, como se esperassem que saltasse subitamente sobre elas e as atacasse com a faca de Harl, que permanecia sobre a mesa a seu lado. Pintava guardas na lâmina com mão firme e usava uma das ferramentas de precisão de Arlen, gravando lentamente os símbolos no metal. Arlen aproximou-se uma vez, tentando observar o que fazia, mas voltou-lhe as costas. Não tornaria a pedir ajuda.

A luz da madrugada entrava pelas frestas das portadas quando os Oradores terminaram, cada um erguendo-se com um rolo de pergaminho nas mãos.

Arlen falou com Leitão durante mais alguns momentos e aproximou-se de Renna.

— Estás bem?

Renna acenou afirmativamente, suprimindo um bocejo.

— Apenas cansada.

Arlen duplicou-lhe o aceno afirmativo e ergueu o capuz.

— Talvez possas dormir umas horas na quinta enquanto Leitão reúne os mantimentos de que precisamos para a viagem. — Emitiu um grunhido de desprezo. — O velho vigarista teve tomates para os cobrar, mesmo depois de lhe oferecer uma forma de fazer fortuna.

— Não sei por que esperaste outra coisa — disse Renna.

— Deixas a aldeia? — perguntou Selia, quando se aproximaram da porta. — Voltas o Ribeiro do avesso e partes antes de ver o resultado?

— A aldeia já estava voltada do avesso quando cheguei — disse Arlen. — Suponho que a endireitei.

Selia acenou afirmativamente.

— Talvez o tenhas feito. Que notícias há das Cidades Livres? Todos guardam armas e matam nuclitas?

— As Cidades Livres não devem preocupar-te por agora — disse Arlen. — Quando o Ribeiro estiver livre de demónios, poderás voltar a tua atenção para o resto do mundo.

Jeorje Vigia bateu com a sua nova lança no chão.

— «Cuida do teu campo antes de olhares para o do teu vizinho» –
citou. Era um versículo popular do Cânone.

Arlen voltou-se para Rusco Leitão.

— Quero que faças cópias e as envies aos Oradores do Pasto Soalheiro.

— Não serão baratas — disse Leitão. — Só o pergaminho custará quase vinte créditos, sem contar com a escrita...

Arlen interrompeu-o, erguendo uma pesada moeda de ouro. Leitão arregalou os olhos ao perceber o tamanho e a grossura.

— Se não receberem as guardas, serei informado — disse, quando Leitão aceitou a moeda. — E farei pergaminho com a tua pele.

Renna viu a face vermelha de Leitão empalidecer e, apesar de ser muito mais corpulento, o olhar de Arlen fê-lo recuar e engolir em seco.

— Duas semanas — disse. — Palavra de honra.

— Também aprendeste a ser um pouco rufia — disse Renna ao Homem Pintado em voz baixa quando este voltou para junto dela. Não a olhou e mantinha o capuz erguido. Por um momento, pensou que poderia não a ter ouvido.

— Durante o treino de Mensageiro, recebi lições muito completas sobre o assunto — disse, abandonando o tom grave que usava quando se dirigia aos outros. Conseguiu imaginar-lhe um sorriso nos lábios guardados.

Leitão abriu as portas da venda e uma enorme multidão aguardava nos degraus.

— Para trás! — gritou. — Deixem passar os Oradores! Não aceitarei uma única encomenda até o fazerem! — As pessoas resmungaram perante o risco de perderem o seu lugar na fila, mas abriram caminho e permitiram a passagem.

Raddock Meirinho esperava diante da multidão quando Renna desceu os degraus do alpendre de Leitão.

— O assunto não está encerrado, Renna Curtidor! Não te podes esconder na quinta de Jeph para sempre.

— Já não me escondo de ninguém — disse Renna, olhando-o nos olhos. — Vou partir desta maldita aldeia e não regressarei. — Raddock abriu a boca para responder, mas Arlen ergueu-lhe um dedo guardado, silenciando-o. Olhou-os enquanto Arlen entrelaçava os dedos para ajudar Renna a montar Dançarino do Ocaso.

Retirou um pequeno livro de um alforge, voltando-se e procurando alguém entre a multidão. Avistando Coline Trigg, caminhou até ela. A Herbanária deu um passo atrás, tropeçando nos que estavam atrás de si e tombando com um guincho.

Arlen esperou que se recompusesse, corada de embaraço, antes de lhe colocar o livro nas mãos.

— Tudo o que sei sobre tratamento de ferimentos provocados por demónios está aqui — disse-lhe. — És inteligente. Vais aprender rapidamente e partilharás o conhecimento.

Coline arregalou os olhos, mas conseguiu acenar afirmativamente. Arlen grunhiu e saltou para a sela.



Arlen deixou a quinta de Jeph por volta do meio-dia para ir buscar os mantimentos prometidos por Leitão.

— Arruma as coisas — disse, ao partir. — Far-nos-emos ao caminho quando regressar.

Renna acenou afirmativamente e viu-o afastar-se. Não tinha nada para arrumar, nem sequer na quinta de Harl. Apenas o vestido de Selia que vestia, a faca do seu pai no cinto e o colar de seixos do rio que Cobie lhe oferecera, continuando enrolado duas vezes ao seu pescoço. Desejou ter algo para oferecer a Arlen por a levar consigo, mas apenas se tinha a si própria. Cobie achara que seria suficiente, mas duvidava que Arlen se considerasse compensado com a mesma facilidade.

Ilain saiu para o alpendre portando-se a seu lado. Renna permanecia sentada, gravando a lâmina do pai.

— Trouxe comida para a viagem — disse, estendendo-lhe um cesto. — Leitão cozinha pensando mais na conservação da comida do que no paladar. O seu presunto é mais fumo do que carne.

— Obrigada — agradeceu Renna, aceitando o cesto. Olhou a irmã, de quem sentira saudades tão desesperadas durante tantos anos e pensou por que não teria nada a dizer-lhe.

— Não precisas de ir, Ren — disse Ilain.

— Preciso, sim — tornou Renna.

— Aquele Mensageiro é um homem duro, Renna, e não sabemos nada sobre ele além de que mata demónios — disse Ilain. — Pode ser muito pior do que o pai. Estás mais segura aqui connosco. Depois da noite passada, ninguém tentará fazer-te mal.

— Fazer-me mal — repetiu Renna. — Suponho que isso tornará menos grave que me tenham prendido a um poste para os demónios.

— E vais fugir com um estranho suficientemente louco para se cobrir de guardas? — perguntou Ilain.

Renna ergueu-se e manifestou o seu desprezo com um ronco.

— Diz o roto ao nu! Não amavas Jeph Fardos quando fugiste com ele, Lainie. Não sabias nada sobre ele além de que era o tipo de homem que aceitava uma nova mulher quando a anterior ainda nem sequer tinha arrefecido.

Ilain esbofeteou-a, mas Renna nem sequer estremeceu, mantendo o olhar duro. Foi Ilain a encolher-se.

— A diferença entre nós, Lainie — continuou Renna — é que eu não fujo de nada. Fujo para diante.

— Para diante? — repetiu Ilain.

Renna acenou afirmativamente.

— O Ribeiro de Tibbet não é um sítio onde queira viver. É um sítio onde as pessoas deixam um homem como o nosso pai fazer o que bem entende e me sacrificam à noite. Não sei como são as Cidades Livres, mas terão de ser melhores.

Inclinou-se para diante, baixando a voz para que mais ninguém a ouvisse.

— Matei-o, Lainie — disse, erguendo a faca guardada. — Fui eu. Matei aquele filho do Núcleo. Merecia que alguém o matasse, não apenas pelo que fez, mas pelo que faria se não o tivesse matado. O nosso pai nunca pagou pela sua crueldade.

— Renna! — gritou Ilain, encolhendo-se como se a irmã se tivesse transformado num nuclita.

Renna abanou a cabeça e cuspiu para fora do alpendre.

— Se tivesses tido coragem, terias sido tu a fazê-lo há muito tempo, quando eu e Beni éramos pequenas.

Ilain arregalou os olhos, mas não disse nada e Renna não conseguiu perceber se era culpa ou choque. Voltou-lhe as costas, olhando o pátio.

— Não te culpo — disse, após um momento. — Se eu tivesse tido coragem, tê-lo-ia feito na noite em que me montou. Mas não o fiz, por medo.

Voltou-se novamente para Ilain.

— Mas já não tenho medo, Lainie. Nem de Raddock Meirinho, nem de Garric Pescador ou deste Mensageiro. Penso que seja um bom homem, mas, se revelar ser como o nosso pai, farei um favor ao mundo e matá-lo-ei também a ele. Tão certo como o Sol nascer.



O Homem Pintado cavalgou a grande velocidade até ao pátio, um par de horas mais tarde. Renna esperava no alpendre e saiu ao seu encontro enquanto Dançarino do Ocaso levantava pó à superfície.

— A luz esgota-se — disse-lhe ele, sem sequer se dar ao trabalho de desmontar. Estendeu-lhe uma mão.

— Nem sequer te vais despedir? — perguntou Renna.

— A vida no Ribeiro está prestes a tornar-se muito interessante –
disse. — Será melhor que ninguém suspeite de que algo me liga a Jeph e Lainie Fardos além do facto de te roubar.

Mas Renna abanou a cabeça.

— O teu pai merece melhor do que isto.

Olhou-a com ferocidade.

— Não lhe direi quem sou — rosnou.

Renna não se deixou amedrontar.

— Diz-lhe, pelo menos, que o filho não morreu ou não terás legitimidade para julgar quem será suficientemente bom para as tuas guardas e quem não será. — O Homem Pintado franziu a testa, mas desmontou. Renna estava certa e sabia-o, por mais que odiasse admiti-lo.

— Vamos embora! — gritou. Todos acorreram, vindos de pontos diversos do

pátio. O Homem Pintado olhou o pai e acenou-lhe com a cabeça, convidando-o a afastar-se. Jeph seguiu-o.

— Viajei numa caravana com um Arlen Fardos na Associação dos Mensageiros — disse, quando ficaram a sós. — Poderá ser o teu filho. Fardos é um nome comum por toda a parte, mas Arlen não.

Os olhos de Jeph iluminaram-se.

— É verdade?

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

— Foi há anos, mas recordo que trabalhava para a Oficina de Guardador de Cob em Forte Miln. Talvez ainda consigas ter notícias suas por lá.

Jeph estendeu a mão, segurando uma das mãos do Homem Pintado.

— Que o Sol te ilumine, Mensageiro.

O Homem Pintado voltou a acenar com a cabeça e afastou-se, aproximando-se de Renna.

— A luz esgota-se — disse novamente. Daquela vez, acenou-lhe afirmativamente e permitiu que a erguesse até ao dorso de Dançarino do Ocaso. Montou à sua frente e Renna segurou-se à sua cintura enquanto galopavam pela estrada e viravam para norte.

— A estrada para as Cidades Livres não fica para sul? — perguntou-lhe.

— Conheço um atalho — respondeu. — É mais rápido e evitamos a aldeia. — Dançarino do Ocaso acelerou o galope e voaram pela estrada acima. O vento fazia dançar o cabelo de Renna e o Homem Pintado juntou-se a ela num riso contagiante.



Mantendo-se fiel à sua palavra, Arlen recordava cada caminho e pasto das quintas locais a norte do Ribeiro de Tibbet. Antes que Renna desse por isso, estavam na estrada principal, além mesmo da quinta de Mack Pasto.

Cavalgaram a grande velocidade durante o que restava do dia e tinham percorrido boa distância quando, por fim, o Homem Pintado fez parar o cavalo, pouco mais de um quarto de hora antes do anoitecer.

— Não estamos com pressa? — perguntou Renna.

Arlen encolheu os ombros.

— Temos tempo suficiente para preparar os círculos. Se estivesse sozinho, poderia nem parar.

— Então não pares — disse Renna, engolindo o medo ao pensar na noite. — Prometi que não te atrasaria.

Ignorou-a, desmontando e retirando dois círculos portáteis dos alforges. Lançou um sobre Dançarino do Ocaso e estendeu o outro numa pequena clareira, alinhando rapidamente as guardas.

Renna engoliu em seco, mas não protestou. Retesando os músculos, segurou a faca com força e olhou em redor, esperando ver a névoa demoníaca erguer-se. Arlen olhou-a e notou o seu desconforto. Endireitou as costas, aproximando-se e procurando nos alforges.

— Ah, aqui está — disse, por fim, abrindo uma capa com fecho e colocando-a sobre os ombros de Renna. Prendeu-a e ergueu o capuz.

O tecido parecia-lhe impossivelmente macio contra a pele, como a pelagem de um gatinho. Habituada a tecidos rudes fabricados em casa, aquele material era mais fino do que imaginava possível. Olhou para baixo e gemeu de espanto. Havia guardas bordadas no tecido com pontos incrivelmente pequenos. Centenas delas.

— É uma Capa de Invisibilidade — disse Arlen. — Enquanto te envolveres nela, nenhum demónio suspeitará da tua presença.

— A sério? — perguntou, espantada.

— Juro pelo Sol — disse Arlen e, subitamente, Renna percebeu que continuava a segurar a faca com força. Sentia os nós dos dedos doridos pelo esforço quando, finalmente, descontraiu e abriu a mão. Inspirou profundamente pela primeira vez no que lhe parecera uma hora.

Arlen debruçou-se sobre os círculos e preparou-os num ápice, enquanto Renna abria e abastecia uma cova para a fogueira e trazia o cesto de Ilain. Sentaram-se juntos durante algum tempo, partilhando empadas de carne frias e presunto, legumes frescos, pão e queijo. Nuclitas lançavam-se ocasionalmente contra as guardas, mas Renna confiava nas guardas de Arlen e não lhes prestou atenção.

— Montas de forma estranha com esse vestido grande — disse Arlen.

— Hã? — perguntou Renna.

— Não posso deixar o cavalo atingir a sua velocidade máxima se não estiveres sentada convenientemente — explicou.

— Consegue galopar ainda mais depressa? — perguntou Renna, incrédula.

Arlen riu-se.

— Muito mais.

Inclinou-se para ele, rodeando-lhe os ombros com os braços.

— Se esperas tirar-me o vestido, Arlen Fardos, basta dizeres. –

Sorriu, mas Arlen encolheu-se, colocando as mãos na sua cintura e afastando-a dele como ela ergueria a Sra. Garra do seu colo. Levantou-se num instante.

— Não te trouxe para isso, Ren — disse, recuando.

— Não te estás a aproveitar de mim — replicou ela, confusa.

— Não é isso — disse Arlen, retirando um estojo de costura de um alforge. Atirou-lho e voltou as costas. — Divide as saias e fá-lo rapidamente. Temos assuntos a resolver ainda esta noite.

— Assuntos? — repetiu Renna.

— Vais matar um demónio até ao amanhecer — disse Arlen. — Ou deixo-te na próxima aldeia.



— Está feito — gritou Renna. Despira o saiote e encurtara a saia, abrindo-a bem alto de cada lado. Arlen ergueu os olhos do local onde se sentava, guardando uma flecha no limiar do círculo, e os seus olhos dançaram sobre as suas coxas nuas.

— Gostas do que vês? — perguntou, sorrindo perante o seu desconforto quando se sobressaltou e a olhou brevemente nos olhos.

— Aproxima-te da fogueira se queres ver melhor.

Arlen olhou a mão, por um momento, esfregando lentamente os seus dedos guardados uns nos outros, com o olhar perdido num pensamento distante. Por fim, abanou a cabeça e levantou-se, aproximando-se dela.

— Confias em mim, Ren? — perguntou.

Viu-a acenar afirmativamente pelo que retirou um pincel e tinta viscosa.

— É tinta de caulinegra — disse. — Marcar-te-á a pele durante alguns dias. Talvez uma semana.

Com cuidado, quase com ternura, afastou-lhe o cabelo longo da face e pintou-lhe guardas em redor dos olhos. Quando terminou, soprou delicadamente para

secar a tinta. Os seus lábios estavam a centímetros dos dela e Renna quis colocar a sua boca contra a dele, mas continuava a sentir a pontada dolorosa da sua rejeição e não se atreveu.

Quando terminou o trabalho, olhou-a.

— Que vês além da fogueira?

Renna olhou em redor. A noite era quase negra.

— Nada.

Arlen acenou afirmativamente e colocou-lhe as mãos sobre os olhos. Eram mãos ásperas, cobertas de cicatrizes e calos, mas eram também gentis. Sentiu um formigueiro tranquilizante na pele que ele tocava e estremeceu de prazer. Afastou as mãos e a sensação desapareceu, mas sentia que as guardas à volta dos olhos estavam quentes.

— Que vês agora? — perguntou.

Renna olhou em redor, espantada. Árvores e plantas cintilavam agora com um brilho próprio e havia uma neblina brilhante que lhe rodeava os pés como um nevoeiro lento e preguiçoso.

— Tudo — respondeu, maravilhada. — Mais do que vejo durante o dia. Tudo brilha.

— Vês a magia — disse Arlen. — Ergue-se do Núcleo e confere a todas as coisas vivas uma energia que as faz brilhar.

— É a sua alma? — perguntou Renna.

Arlen encolheu os ombros.

— Não sou um Protector. Os nuclitas acumulam-na dentro de si e passarão a brilhar-te com intensidade agora.

Renna voltou-se ao ouvir um ruído na vegetação e um demónio da madeira ali presente, invisível no momento anterior, brilhava agora no mundo iluminado pela magia. Olhou as mãos, apenas com um brilho ténue. Dançarino do Ocaso era mais brilhante. As guardas nos cascos e nos arreios brilhavam como estrelas no céu.

Mas era Arlen quem brilhava com maior intensidade. As guardas na sua pele pareciam explodir com poder. Era como se tivessem sido escritas com luz, estando permanentemente activadas.

— Demasiadas guardas — disse Arlen, notando o seu olhar e erguendo o capuz. — Ensopadas com demasiada magia demoníaca para conseguir voltar a

ser apenas um homem.

— Por que quererias abdicar de tanto poder? — perguntou Renna.

Arlen hesitou, parecendo confuso. Abriu a boca e voltou a fechá-la.

— Não sei se abdicaria — admitiu, por fim. — Mas não é uma decisão que possa inverter e estaria louco se a tomasse. — Apontou Renna. — Tu também não estás no teu perfeito juízo.

— Quem és tu, Arlen Fardos, para me dizeres que não estou no meu perfeito juízo? — exigiu saber.

Ignorou-a daquela forma enervante que já lhe conhecia, erguendo uma lança e estendendo-lha. Renna olhou-a com incerteza e não fez qualquer esforço para a aceitar.

— Todos os Oradores o fizeram — recordou-lhe Arlen.

— Sei que sim — disse Renna. — Mas, se vou lutar, será com a minha faca. — Terminara de gravar as guardas de corte e perfurantes, pelo menos. Estendeu-lha para que a examinasse.

— É uma bela lâmina — considerou Arlen, quando a recebeu. Tocou o gume com o polegar, sangrando quase sem exercer pressão. — Suficientemente afiada para que um homem se barbeie com ela.

— O meu pai cuidava melhor dela do que das suas filhas — lembrou Renna.

Arlen olhou-a, mas não disse nada. Olhou a faca de um lado e do outro, inspeccionando as guardas gravadas.

— Boas guardas — admitiu, vagamente arrependido. — Tão boas como outras que tenha visto. Precisaria de mais, mas é suficiente para começar. — Devolveu-lha, com o punho para diante e Renna grunhiu quando a recebeu.

— Resta testá-la — disse Arlen. — Está na altura de deixar o círculo.

Renna sempre soube que seria necessário, mas não conseguia suprimir a onda de medo que a dominou naquele momento, como vómito acumulado. Dissera à sua irmã que já não receava nada, mas não era inteiramente verdade. Podia já não recear homens, mas os nuclitas... As memórias da sua noite na latrina continuavam a assombrá-la, por vezes, mesmo quando estava acordada.

Arlen pousou-lhe uma mão sobre o ombro.

— Estamos a quilómetros de distância de tudo, Ren. Os nuclitas aglomeram-se onde há gente para caçar ou animais de grande porte. Encontraremos apenas alguns aqui. Tens a tua capa e eu estou contigo.

— Para me salvares — disse Renna. Viu-o acenar afirmativamente e sentiu-se enfurecer. Estava cansada de esperar que outros a salvassem, mas olhou um demónio da madeira escondendo-se junto à berma da estrada e estremeceu. — Não estou preparada para isto — admitiu, odiando mostrar a sua fraqueza.

Mas Arlen não a censurou como fizera aos Oradores.

— Sei que morres de medo — disse. — Eu também, na minha primeira vez. Mas aprendi em Krasia a acolher o meu medo.

— Como? — perguntou Renna.

— Abre-te à sensação — disse — e, a seguir, faz avançar a tua mente para um lugar mais além.

Renna suspirou.

— Isso não faz sentido nenhum.

— Faz — contrapôs Arlen. — Vi rapazes com metade da minha idade carregarem sobre demónios, armados apenas com lanças sem guardas. Vi-os ignorar a dor e continuar a lutar como se tudo estivesse bem, até vencerem ou caírem mortos. O medo e a dor apenas conseguem tocar-te se o permitires.

— A sério? — perguntou Renna.

Acenou afirmativamente e Renna fechou os olhos, abrindo-se à sensação agoniante do seu medo. À tensão nos membros e às voltas no estômago. Aos punhos cerrados e ao frio na face. Quando se sentiu consciente de tudo aquilo, ignorou-o.

Arlen ergueu um dedo, apontando um pequeno demónio da madeira junto a uma árvore próxima. De outra forma, ter-se-ia tornado invisível contra o tronco, mas passara a brilhar ferozmente visto pelos seus olhos guardados. Em contraste profundo com o brilho débil da árvore.

Confiando na capa, Renna abandonou o círculo e caminhou calmamente até ao demónio. Viu-o farejar o ar com uma expressão de vaga curiosidade, mas não deu qualquer sinal de sentir a sua aproximação. Antes de Renna perceber o que fazia, apunhalou-o nas costas. As guardas cintilaram e a armadura semelhante a casca de árvore do demónio foi trespassada sem dificuldade. Sentiu um choque pelo braço direito acima, como se tivesse acabado de colocar o braço dentro de uma fogueira, uma dor que pulsava de êxtase.

O demónio arqueou-se e guinchou, mas Renna libertou a lâmina e voltou a golpeá-lo. E outra vez. Um momento depois, o demónio caiu por terra,

libertando a névoa mágica em minúsculas colunas e rodopios.

Renna endireitou-se, inspirando o ar doce do Verão. Sentia-se mais forte, mais viva, mais do que alguma vez na vida.

Do lado oposto da estrada, avistou os olhos brilhantes de um demónio da chama e, daquela vez, não hesitou, mantendo a firmeza no olhar ao carregar e pousar um joelho por terra, cravando-lhe a lâmina na cabeça. Daquela vez, saboreou a dor da magia enquanto o demónio se debatia e tombava. Sangue negro manchou o solo, fumegando e ateando pequenos fogos onde caía.

O primeiro demónio da madeira que vira na estrada teria um metro e oitenta de altura e notou o alvoroço. Podia ter-se escondido sob a capa, mas a possibilidade nunca lhe ocorreu e arfou, lançando-se sobre ele. O demónio rugiu e tentou golpeá-la, mas Renna era rápida e forte como nunca sonhara e riu-se ao esquivar-se do ataque atabalhoado, atingindo-o com a faca no peito. Sentiu que era tão simples como matar um porco.

Olhou em redor, com respiração ofegante, mas não pela exaustão. Era mais como... luxúria. Queria que houvesse mais demónios. Queria que houvesse uma horda de demónios.

Mas não restava nenhum.

— Avisei-te — disse Arlen, sorrindo. Recolheu os círculos e segurou as rédeas de Dançarino do Ocaso. — Vamos cavalgar pela noite fora. Livres.

Renna respondeu com um aceno, erguendo-se com facilidade para a sela do garanhão gigante sem tocar no estribo. Chegou-se à frente, deixando espaço para que Arlen montasse atrás dela. Ouviu-o
rir enquanto se erguia com idêntica facilidade. Rodeou-a com os braços e Renna golpeou os flancos de Dançarino do Ocaso com os calcanhares, emitindo um grito de júbilo quando começaram a galopar pela estrada nocturna reluzente.



Passara-se um ciclo completo desde que o príncipe nuclita avistara a sua presa no ninho muralhado. Foi forçado a passar duas noites a perseguir o escolhido, acabando, por fim, por pairar sobre uma ruína abandonada onde o seu cheiro era inconfundível. Guardas recentes protegiam a estrutura, guardas fortes, mas, mesmo assim, facilmente superáveis.

No entanto, não seria necessário, pois o demónio da mente localizou a mente do humano movendo-se através da floresta, longe das muralhas.

Com um movimento das asas gigantescas, o mimético curvou-se e mergulhou em direcção ao humano, silencioso como a morte. O demónio da mente estendeu os seus pensamentos, procurando acesso à mente da criatura, mas foi repelido por guardas poderosas. Silvou, mas, duplicando o esforço, descobriu que não estava sozinho. A mente humana viajava com uma fêmea, cuja mente estava tão aberta como o céu. Introduziu-se discretamente nos seus pensamentos e aí permaneceu, sem ser notado, vendo pelos seus olhos.



Renna apunhalara com força o demónio da madeira, torcendo a lâmina no seu coração. A seu lado, Arlen lançara o outro por terra, imobilizando-se enquanto as guardas mortíferas espalhadas pelo seu corpo cumpriam a sua função.

Ouviu-se um rugido e Renna ergueu os olhos para ver um terceiro demónio surgir nos ramos sobre ela. Rodopiou enquanto este caía, mas o punho da sua faca ficou preso nas saliências da armadura do primeiro demónio. O nuclita caiu morto e a arma foi-lhe arrancada à mão.

— Merda de demónio — disse, deitando-se de costas e arqueando as pernas como Arlen lhe ensinara. Segurou os braços semelhantes a ramos do demónio da madeira e empurrou-os para longe enquanto pontapeava, usando contra o adversário o seu próprio ímpeto. O demónio aterrou diante de Arlen, que lhe esmagou o crânio.

— Deixa-me pintar os nós dos dedos. Posso fazê-lo sem ajuda — disse Renna.

— Não há necessidade de guardares a pele — disse-lhe.

— A faca bastará por agora.

Renna aproximou-se do demónio da madeira, libertando a faca. Ergueu-a para que Arlen a visse.

— Não tinha a faca.

— Lidaste bem com a situação mesmo sem ela.

— Apenas porque já não lutavas com o outro — disse Renna. — Não queria usar uma agulha. Apenas um pincel e caulinegra.

Arlen franziu-lhe a testa.

— A reacção é diferente quando as guardas estão na pele, Ren. Suficientemente forte para te perderes. Andei perdido durante muito tempo depois de começar a fazê-lo e, mesmo agora, não sou o mesmo. Não quero que te aconteça coisa idêntica. És demasiado importante para mim.

— Sou? — perguntou Renna.

— É bom poder falar com alguém além de Dançarino do Ocaso — disse Arlen, ignorando o seu súbito interesse. — Sinto-me... sozinho.

— Sozinho — repetiu Renna. — Sei como é. Também aí te podes perder. O mundo está cheio de coisas em que te podes perder. Não quer dizer que devamos passar a vida toda atrás de guardas.

Arlen olhou-a longamente. Por fim, encolheu os ombros.

— Não posso dizer-te o que deves fazer, Ren. Se quiseres ignorar o meu conselho e pintar as mãos, a decisão é tua.



O príncipe nuclita observou a corte durante vários minutos, divertido pelos rituais de acasalamento humanos. Era claro que o escolhido possuía uma compreensão falhada da sua magia, não percebendo a presença do demónio da mente ou a extensão dos seus poderes. Tinha potencial para ser um líder unificador, mas, ali na imensidão selvagem, não constituía ameaça e podia ser observado em segurança.

O demónio abandonou a superfície dos pensamentos da fêmea, penetrando-lhe mais profundamente na mente em busca de informação sobre o escolhido, mas havia pouco que tivesse valor. Colocou uma questão nos seus lábios.



— Como recuperaste as guardas perdidas? — perguntou Renna, surpreendendo-se a si própria. Sabia que Arlen odiava falar sobre o que lhe acontecera depois de deixar o Ribeiro.

— Já te disse. Encontrei-as numa ruína — respondeu Arlen.

— Que ruína? Onde? — insistiu.

— Que importa? — ripostou Arlen. — Não é nenhuma saga de Jogral.

Renna abanou a cabeça para clarear as ideias.

— Desculpa. Não sei por que me interessei tanto. Não importa. Não quero intrometer-me.

Arlen grunhiu e dirigiu-se para o forte onde tinham passado as semanas anteriores. Guardava enquanto treinava Renna para caçar demónios.



O príncipe nuclita silvou ao ouvir o escolhido rejeitar a questão. A lógica ditava que os matasse aos dois, mas não era urgente. O número de guardas em volta do seu abrigo sugeria que não partiriam tão cedo. Podia observá-los por mais alguns ciclos.

Quando os humanos passaram além das guardas, o demónio da mente foi expulso da mente da fêmea. Um momento depois, o mimético aterrou numa clareira e transformou-se em neblina, patrulhando o caminho enquanto o príncipe nuclita regressava ao Núcleo para ponderar.

Vinte e Oito

O Palácio de Espelhos

333 DR Verão

ANOITECERA HÁ MUITO quando a reunião do conselho chegou ao fim. Como Leesha esperara, tinham votado unanimemente contra a sua ida a Rizon com Jardir e todos se tinham mostrado adequadamente chocados quando lhes recordou que o significado real dos seus votos era absolutamente nulo.

Leesha não pôde contar com a sua capa guardada no regresso à cabana, mas Rojer rodeou o grupo com um campo de música protectora tão potente como

qualquer rede de guardas. Os seus poderes pareciam ter aumentado dez vezes com o novo violino, mas Wonda e Gared mantiveram as armas prontas ao escoltarem Darsy e Vika.

— Continuo a achar que estás louca — rosnou Darsy. Era tão ameaçadora como Wonda, mais corpulenta, ainda que mais baixa, e sendo igualmente pouco atraente, apesar de não ter cicatrizes.

Leesha encolheu os ombros.

— Tens direito à tua opinião, mas a minha decisão não será alterada.

— Que poderemos fazer se ficarem contigo? — perguntou Darsy. — Não podemos montar uma operação de salvamento e és tu a manter esta aldeia unida, sobretudo desde que o Libertador partiu para onde só o Criador saberá.

— O príncipe Thamos e a Guarda Silvestre chegarão em breve — disse Leesha.

— Também não te vão resgatar — disse Darsy.

— Não espero que o façam — considerou Leesha. — Terão de confiar que saberei cuidar de mim própria.

— Preocupo-me mais com o resto de nós — disse Vika. — Se casares com este homem, perder-te-emos para sempre. E, se não casares... É provável que também te percamos dessa forma. Que haveremos de fazer?

— Foi por isso que vos trouxe aqui esta noite — explicou Leesha. A sua cabana tornou-se visível e tinham acabado de entrar quando fez sinal a Wonda para abrir o alçapão para a oficina na cave.

— Ficam todos aqui em cima menos Vika e Darsy — ordenou Leesha. — É assunto de Herbanárias. — Os outros responderam com acenos concordantes e Leesha acompanhou as duas mulheres pelas escadas abaixo, acendendo as suas frias lanternas químicas pelo caminho.

— Criador — sussurrou Darsy. Há muitos anos que não ia à cave, desde que Bruna a dispensara como aprendiz. Leesha aumentara-a grandemente desde então e preenchia agora todo o subsolo da cabana e também a área abaixo do pátio, numa extensão enorme. Pilares de suporte guardados alongavam-se junto às paredes da câmara principal e dos muitos túneis que irradiavam desta.

Onde outrora Bruna armazenara um punhado de paus de trovão para remover raízes teimosas do solo e um par de bilhas de fogo demoníaco líquido, Leesha possuía o que parecia ser uma provisão inesgotável.

— Há aqui fogo suficiente para fazer desaparecer o Outeiro da face do mundo

— disse Vika.

— Por que achas que mantive a cabana tão longe da aldeia? — perguntou Leesha. — Tenho preparado fogo demoníaco e paus de trovão todas as noites durante um ano.

— Por que não disseste a ninguém? — perguntou Vika.

— Porque ninguém precisava de saber — respondeu Leesha. — Não admitirei que os Lenhadores ou o conselho da aldeia determinem como este material será usado. É assunto das Herbanárias e irão fornecê-lo com moderação durante a minha ausência e apenas quando puder poupar vidas. Espero as vossas promessas de que guardarão o mesmo silêncio ou drogarei o vosso chá para apagar qualquer memória deste sítio.

As duas mulheres olharam-na, como se tentassem perceber se falava ou não a sério, mas a seriedade de Leesha era total. Percebiam-no nos seus olhos.

— Juro — disse Vika. Darsy hesitou por um momento mais, mas, por fim, acenou afirmativamente.

— Juro pelo Sol — disse. — Mas nem isto durará para sempre, se não voltares.

Leesha acenou com a cabeça, voltando-se para uma mesa suportando uma pilha de livros.

— Estes são os segredos do fogo.



Jardir esboçou um sorriso amplo quando Leesha chegou com a sua escolta. Era um grupo mais pequeno do que antecipara para uma mulher tão poderosa: apenas os seus pais, Rojer, o gigante Gared e a mulher Sharum, Wonda.

— Aquela vai deixar os dama num frenesim — disse Abban, indicando Wonda. — Exigirão que abdique das suas armas e se cubra. Deverias pedir-lhe que ficasse.

Jardir abanou a cabeça.

— Prometi a Leesha que poderia escolher quem a acompanharia e não voltarei atrás com a palavra. O nosso povo deverá começar a aceitar os costumes da tribo do Outeiro. Talvez mostrando-lhes uma mulher que trava a alagai’sharak seja um bom início.

— Se conseguir comportar-se de forma adequada diante deles — considerou

Abban.

— Vi a mulher lutar — lembrou Jardir. — Com treino adequado, poderá tornar-se tão formidável como qualquer Sharum.

— Cautela, Ahmann — aconselhou Abban. — Impõe mudanças demasiado bruscas ao teu povo e muitos as rejeitarão.

Jardir concordou com um aceno, reconhecendo a verdade das palavras de Abban.

— Quero que te mantenhas próximo de Leesha na viagem de regresso à Dádiva de Everam — disse. — Usa como pretexto ensinar-lhe a nossa língua, como solicitou. Seria pouco adequado que me aproximasse demasiado, mas os seus acompanhantes hortelões deverão aceitar-te.

— Melhor do que os dal'Sharum, estou certo — murmurou Abban.

Jardir acenou afirmativamente.

— Quero saber tudo a seu respeito. A comida que prefere comer, os aromas que lhe dão prazer. Tudo.

— Claro — disse Abban. — Farei como desejas.



Enquanto os dal'Sharum levantavam o acampamento, Abban coxeou até à carroça coberta em que viajavam Leesha e os seus pais. Surpreendeu-se ao notar que era a mulher a ocupar-se de segurar as rédeas. Não tinha criados para poupar as suas mãos ao trabalho. O seu respeito por ela cresceu.

— Posso viajar contigo, mestra? — perguntou, curvando-se. — O meu mestre ordenou que te instruísse na nossa língua, como pediste.

Leesha sorriu.

— Claro, Abban. Rojer pode montar um cavalo. — Sentado a seu lado no banco do condutor, Rojer gemeu e fez uma careta.

Abban curvou-se profundamente, apoiando-se sobre a muleta. Como a dama'ting receara, a sua perna nunca tinha sarado completamente e, mesmo agora, cedia em momentos inoportunos.

— Se preferires, filho de Jessum, poderás montar o meu camelo — disse, indicando o local onde a besta estava presa. Rojer olhou o animal com suspeição, até ver o assento espaçoso, coberto, almofadado e ricamente

equipado. Os seus olhos brilharam. — É um animal dócil e segue os outros sem necessidade de direcção — referiu Abban.

— Bom, se é um favor que te faço... — disse Rojer.

— Com certeza — concordou Abban. Rojer pegou no violino e saltou da carroça, correndo para o camelo. Abban mentira, claro, e o animal tinha mau feitio, mas, assim que lhe cuspiu, Rojer ergueu o instrumento, acalmando-o com a facilidade com que acalmaria um alagai. Leesha podia ter mais valor para Ahmann, mas também Rojer merecia atenção.

— Posso fazer-te uma pergunta, Abban? — perguntou Leesha, despertando-o da sua reflexão.

Abban acenou afirmativamente.

— Claro, mestra.

— Usas essa muleta desde o nascimento? — perguntou.

A ousadia surpreendeu Abban. Entre a sua gente, a sua disformidade era ridicularizada ou ignorada. Ninguém se importava com um khaffit ao ponto de colocar tal questão.

— Não nasci assim — respondeu. — Fui ferido durante o Hannu Pash.

— Hannu Pash? — repetiu Leesha.

Abban sorriu.

— Será um ponto tão bom como qualquer outro para iniciarmos o teu aprendizado — disse, trepando para a carroça e instalando-se a seu lado. — Na tua língua, significa «caminho de vida». Todos os rapazes krasianos são retirados às mães em tenra idade e levados ao Sharaj da sua tribo, um... quartel onde são treinados, para se descobrir se Everam os destinou a serem Sharum, dama ou khaffit.

Tocou a perna ferida com a muleta.

— Isto era inevitável. Nunca fui um guerreiro. Soube-o desde o primeiro dia. Nasci khaffit e os... rigores do Hannu Pash provaram-no.

— Tolice — disse Leesha.

Abban encolheu os ombros.

— Ahmann pensava como tu.

— Pensava? — perguntou Leesha, surpresa. — Não o suporia pela forma como te trata.

Abban acenou afirmativamente.

— Suplico que o perdoes por isso, mestra. O meu mestre foi chamado ao Hannu Pash no mesmo dia que eu e lutou contra a vontade de Everam uma e outra vez, amparando-me às costas no Kaji'sharaj. Deu-me hipóteses consecutivas e desiludi-o sempre que fui testado.

— Os testes foram justos? — perguntou Leesha.

Abban riu-se.

— Nada em Ala é justo, mestra. Como não será justa a vida de um guerreiro. Ou se é fraco ou forte. Sanguinário ou piedoso. Bravo ou cobarde. O Hannu Pash revela o homem interior num rapaz e, no meu caso, pelo menos, foi bem-sucedido. Não tenho coração de Sharum.

— Não é nada que deva envergonhar-te — disse Leesha.

Abban sorriu.

— É verdade que não e não me envergonho. Ahmann conhece o meu valor, mas seria... impróprio que me demonstrasse gentileza diante dos outros homens.

— A gentileza nunca será imprópria — disse Leesha.

— A vida no deserto é dura, mestra — explicou Abban. — E tornou dura a minha gente. Imploro-te que não nos julgues até nos conheceres bem.

Leesha acenou afirmativamente.

— É por isso que vou convosco. Entretanto, permite que te examine. Posso conseguir fazer algo pela tua perna.

Uma imagem passou pela mente de Abban. Imaginou Ahmann vendo-o baixar as calças de seda para que Leesha o examinasse. A sua vida não valeria um saco de areia depois disso.

Recusou com um gesto.

— Sou khaffit, mestra. Não sou digno da tua atenção.

— És um homem como qualquer outro — disse Leesha. — E, se vais passar tempo comigo, não aceitarei que o contradigas.

Abban curvou-se.

— Outrora, conheci determinado hortelão que pensava como tu — disse, como se o comentário lhe tivesse ocorrido de repente.

— Sim? — perguntou Leesha. — Como se chamava?

— Arlen, filho de Jeph, dos Fardos do Ribeiro de Tibbet — respondeu Abban, vendo iluminarem-se os seus olhos em reconhecimento, apesar de a sua face não dar qualquer sinal.

— O Ribeiro de Tibbet fica longe daqui, no ducado de Miln — disse. — Nunca tive o prazer de conhecer alguém oriundo de tais paragens. Que tal era?

— Era conhecido pelo meu povo como Par'chin, ou «bravo forasteiro» — disse Abban. — Mostrava-se igualmente à-vontade no bazar e no Labirinto dos Sharum. Infelizmente, abandonou a nossa cidade há anos e não mais voltou.

— Talvez um dia voltes a encontrá-lo — disse Leesha.

Abban encolheu os ombros.

— Inevera. Se for essa a vontade de Everam, agradar-me-ia voltar a ver o meu amigo e saber que se encontra bem. — Viajaram juntos durante o resto do dia, falando de muitas coisas, mas o assunto do Par'chin não voltou a ser referido. O silêncio de Leesha foi eloquente para Abban.

Atrasados pela carroça lenta, os dal'Sharum não podiam fazer galopar a toda a velocidade os seus cavalos de guerra quando o Sol se pôs, deixando-os vulneráveis aos demónios. Ahmann ordenou que parassem e montassem um acampamento. Abban erigia a sua tenda quando Ahmann o convocou.

— Como foi o vosso primeiro dia? — perguntou.

— Tem uma mente ágil — respondeu Abban. — Comecei por lhe ensinar frases simples, mas levou apenas minutos a dissecar toda a estrutura. Será capaz de se apresentar a qualquer um dos nossos e de discutir o clima quando chegarmos à Dádiva de Everam. Com a chegada do Inverno, será fluente.

Ahmann acenou afirmativamente.

— É a vontade de Everam que aprenda a nossa língua.

Abban encolheu os ombros.

— Que mais descobriste? — perguntou Ahmann.

Abban sorriu.

— Gosta de maçãs.

— Maçãs? — repetiu Ahmann, confuso.

— O fruto de uma árvore do Norte — explicou Abban.

Ahmann franziu o sobrolho.

— Falaste com a mulher durante todo o dia e apenas descobriste que gosta de maçãs?

— Vermelhas e duras, acabadas de apanhar da árvore. Lamenta que, com tantas bocas para alimentar, as maçãs se tenham tornado raras. –

Abban sorriu à medida que a expressão de Ahmann se tornava severa. Levou a

mão ao bolso e retirou uma peça de fruta. — Maçãs como esta.

O sorriso de Ahmann quase lhe chegou às orelhas.

Abban saiu da tenda de Ahmann, sentindo uma ligeira pontada de culpa por ocultar a reacção de Leesha quando referiu o Par'chin. Não tinha mentido, mas Abban não conseguia explicar sequer a si próprio por que não o referira. O Par'chin fora seu amigo, era verdade, mas Abban nunca permitira que a amizade se intrometesse no caminho da prosperidade e a sua prosperidade ligava-se de forma clara ao sucesso de Ahmann na conquista do Norte. A estrada mais segura para o sucesso seria permitir que Ahmann encontrasse e matasse o Par'chin rapidamente. O filho de Jeph não era inimigo que qualquer homem pudesse encarar com leviandade.

Mas Abban sobrevivera como khaffit por guardar segredos e esperar pela oportunidade de os explorar. E não havia segredo em todo o mundo maior do que aquele.



Leesha mexia uma panela quando Jardir entrou no seu círculo. Tal como o Homem Pintado, caminhava casualmente pelas áreas desprotegidas do acampamento improvisado dos krasianos. Trazia sobre os ombros a capa guardada que lhe oferecera, mas não estava apertada, não o escudando dos olhares dos nuclitas.

Não que fosse provável que precisasse de protecção, a não ser que um demónio do vento o avistasse do alto. Os dal'Sharum entretinham-se a caçar os demónios do campo que infestaram o acampamento quando anoiteceu, empilhando os cadáveres desses parentes mirrados dos demónios da madeira no que seria uma enorme fogueira quando o Sol nascesse para os incendiar.

— Permites que usufrua da tua fogueira? — perguntou Jardir em thesano.

— Claro, filho de Hoshkamin — respondeu Leesha em krasiano. Como Abban lhe ensinara, partiu um pedaço de pão fresco e entregou-lho. — Partilha o nosso pão.

Jardir sorriu, curvando-se ao aceitar o pão.

Rojer e os outros aproximaram-se da panela para comerem, mas afastaram-se após um olhar severo de Leesha. Só Elona ficou onde pudesse ouvi-los, o que

Jardir pareceu considerar perfeitamente adequado, ainda que Leesha não apreciasse a indiscrição.

— A tua comida continua a deleitar-me o paladar — disse Jardir, quando terminou de comer a sua segunda malga de guisado.

— É um simples guisado — disse Leesha, mas não conseguiu evitar sorrir ao ouvir o elogio.

— Espero que não tenhas ficado demasiado saciada — disse Jardir, mostrando uma grande maçã vermelha. — Afeiçoei-me a este fruto nortenho e gostaria de o partilhar contigo, como partilhaste comigo o teu pão.

Leesha sentiu água na boca ao vê-la. Quanto tempo passara desde que comera uma maçã madura? Com refugiados famintos a vaguear pelas terras que rodeavam o Outeiro do Libertador como pragas de gafanhotos, as maçãs desapareciam das árvores assim que se tornavam comestíveis e, com frequência, antes ainda.

— Gostaria muito — disse, tentando afastar a avidez da voz. Jardir retirou das vestes uma faca pequena, cortando tiras finas que ambos comeram. Leesha saboreava a doçura de cada dentada estaladiça e levaram algum tempo a terminar. Leesha notou que, mesmo tendo dito gostar de maçãs, ele lhe guardou quase todo o fruto, mordiscando apenas pedaços de tamanho irregular e vendo-a mastigar com olhos maravilhados.

— Obrigada. Estava maravilhosa — disse Leesha, quando terminaram.

Jardir curvou-se do local onde se sentava, diante dela.

— O prazer foi meu. E agora, se desejares, seria um prazer ler-te passagens do Evejah, como prometi.

Leesha sorriu e acenou afirmativamente, retirando o livro encadernado a couro de um dos bolsos fundos do seu vestido.

— Gostaria muito, mas, se me lês o teu livro, deverás começar do princípio e prometer lê-lo por completo, sem esconder nada.

Jardir inclinou-lhe a cabeça e, por um momento, Leesha pensou que pudesse tê-lo ofendido. Então, lentamente, um sorriso animou-lhe a expressão.

— Isso levará muitas noites — disse.

Leesha olhou em redor, vendo o acampamento e as planícies vazias.

— As minhas noites parecem estar bastante livres de momento.

Surpreendentemente, não foi Wonda quem mereceu maiores atenções quando chegaram à Dádiva de Everam, mas sim Gared. Jardir observou os olhares dos Sharum fixos no enorme porte e músculos poderosos do Lenhador, procurando fraquezas, avaliando-o como possível adversário, tal como sempre faziam. Era natureza dos Sharum a preparação para lutar contra quem quer que fosse, inimigo, irmão, pai ou amigo. Cada um dos seus guerreiros ficaria ansioso para testar a sua força contra o gigantesco guerreiro nortenho. O Sharum que o vencesse mereceria grande honra.

Foi apenas depois de os guerreiros terem avaliado Gared, a ameaça mais óbvia, que os seus olhos se voltaram para Wonda e alguns olharam segunda vez, percebendo que era uma mulher.

Não enviaram qualquer mensagem, mas, quando entraram no pátio do palácio de Jardir, Inevera e as Damaji'ting esperavam-nos. Inevera deitava-se num palanquim almofadado, erguido por escravos chin musculados, vestindo apenas bidos
e coletes. Vestia-se de forma tão escandalosa como sempre e até os hortelões a olharam com espanto, quando os escravos fizeram descer o palanquim e se ergueu. As suas ancas moviam-se de forma hipnótica ao dirigir-se para Jardir com os braços estendidos.

— Quem é aquela? — perguntou Leesha.

— A minha Primeira Esposa, a Damajah Inevera — respondeu Jardir. — As outras são as minhas esposas secundárias.

Leesha olhou-o com intensidade e, como Abban advertira, a sua face transformou-se numa nuvem de tormenta.

— Já és casado?!

Jardir olhou-a, curioso. Certamente o teria compreendido, mesmo que fosse propensa a ciúmes.

— Claro. Sou o Shar'Dama Ka.

Leesha abriu a boca para retorquir, mas Inevera alcançou-os e engoliu o que se preparara para dizer.

— Marido — disse Inevera, abraçando-o e aplicando-lhe um beijo demorado. — Como senti a falta do teu calor na nossa cama.

Jardir pareceu abalado por um momento, mas viu como os olhos de Inevera não paravam de se voltar para Leesha e sentiu-se tão imundo como se tivesse sido marcado por um cão.

— Permite-me que apresente a nossa distinta hóspede — disse. — mestra Leesha, filha de Erny, Primeira Herbanária da tribo do Outeiro. — Inevera semicerrou os olhos ao ouvir o título e fitou Jardir em primeiro lugar e, apenas a seguir, Leesha.

Pela sua parte, Leesha comportou-se à altura, não recuando um centímetro enquanto enfrentava o olhar de Inevera com serenidade e saudando-a com a vénia de saias presas que as mulheres das terras verdes favoreciam.

— É uma honra conhecer-te, Damajah.

O sorriso de Inevera e a vénia que lhe retribuiu foram igualmente imperscrutáveis e Jardir soube nesse momento que Abban estivera certo. Inevera não aceitaria aquela mulher como Jiwah Sen e, certamente, não veria com bons olhos que Jardir casasse com ela e lhe atribuísse a primazia sobre as mulheres do Norte.

— Desejo falar-te em privado, marido — disse Inevera. Jardir acedeu. Agora que o momento de a enfrentar chegara, não desejava adiá-lo. Agradeceu a Everam por o Sol ir alto, com a luz impedindo-a de usar a magia dos hora.

— Abban, certifica-te de que o Palácio de Espelhos é preparado para mestra Leesha e para os seus acompanhantes durante a sua estadia — disse, em krasiano. O palácio não era digno de alguém como Leesha, mas era o melhor que a Dádiva de Everam tinha para oferecer, com os seus três andares, ricamente decorados com tapetes, tapeçarias e espelhos prateados.

— Penso que o Damaji Ichach ocupará o Palácio de Espelhos presentemente — disse Abban.

— Nesse caso, o Damaji Ichach precisará de procurar novo alojamento — disse Jardir.

Abban curvou-se.

— Compreendo.

— Com tua licença — disse Jardir, curvando-se para Leesha. — Preciso de conversar com a minha esposa. Abban ocupar-se-á do teu alojamento. Quando estiveres instalada, irei visitar-te.

Leesha acenou afirmativamente. Era um gesto frio que deixava claro o fogo

que ardia no seu interior. Jardir sentiu o pulso acelerar ao vê-lo e deu-lhe forças para entrar no palácio com Inevera.



— Qual o propósito de trazer aqui aquela mulher? — perguntou Inevera quando ficaram a sós na sua câmara repleta de almofadas ao lado da sala do trono.

— Os ossos não to disseram? — Jardir sorriu.

— Claro que sim — replicou Inevera. — Mas esperei que, por uma vez, se tivessem equivocado e não fosses tamanho tolo.

— Os casamentos fortaleceram o meu poder em Krasia — disse Jardir. — Será tolice acreditar que serviriam o mesmo propósito no Norte?

— São chin, marido — lembrou Inevera. — Podem gerar filhos dos dal'Sharum, mas nenhuma das suas mulheres é digna de carregar a tua semente.

— Discordo — disse Jardir. — Esta Leesha é tão válida como qualquer mulher que conheça.

Inevera franziu a testa.

— Não importa. Os ossos não a aprovaram e eu não aprovarei tal casamento.

— Estás certa. Não importa — disse Jardir. — Casar-me-ei com ela de qualquer forma.

— Não podes fazê-lo — disse Inevera. — Sou a Jiwah Ka e decido com quem te casas.

Mas Jardir abanou a cabeça.

— És a minha Jiwah Ka krasiana. Leesha será a minha Jiwah Ka nas terras verdes e dominará todas as minhas esposas no Norte.

Inevera arregalou os olhos e, por um momento, Jardir acreditou que poderiam sair-lhe das órbitas. Guinchou e avançou para ele, com as unhas longas e pintadas à sua frente. As costas de Jardir, tantas vezes marcadas por aquelas unhas em circunstâncias muito diferentes, testemunhavam como eram aguçadas.

Apressou-se a sair-lhe da frente. Recordando a última vez que o golpeara, bloqueou e afastou-se com contacto mínimo quando Inevera repetiu o ataque. As suas pernas longas, cobertas apenas pela seda fina e diáfana, pontapearam alto e com a rapidez com que os dedos tinham tentado apunhalá-lo, procurando os

pontos fracos onde os músculos e nervos de um homem se uniam. Se conseguisse atingi-los, os membros deixariam de lhe obedecer.

Era a primeira demonstração real de sharusahk de dama'ting que Jardir alguma vez presenciara e estudou os movimentos precisos e letais fascinado, sabendo que Inevera conseguiria matar um Damaji, antes que este percebesse o que o atacara.

Mas Jardir era o Shar'Dama Ka. Era o maior mestre vivo de sharusahk e o seu corpo era mais forte e rápido do que alguma vez fora, graças à magia da Lança de Kaji. Respeitando a sua competência guerreira e mantendo as defesas, nem Inevera conseguiria vencê-lo. A certa altura, prendeu-lhe o pulso e projectou-a sobre o amontoado de almofadas.

— Ataca-me outra vez — advertiu-a — e, dama'ting ou não, matar-te-ei.

— A rameira infiel enfeitiçou-te a mente — exclamou Inevera, com desprezo.

Jardir riu-se.

— Talvez. Ou talvez tenha começado a libertá-la.



O Damaji Ichach olhou-os com desprezo ao sair do Palácio de Espelhos com as esposas e os filhos.

— Se os olhos conseguissem nuclear-nos — disse Rojer.

— Como se não tivesse roubado a mansão a algum aristocrata rizonano — replicou Leesha.

— Quem poderá saber com esta gente? — perguntou Rojer.

— Poderia ter considerado que era uma honra se lhe tivéssemos feito a cortesia de o matar a ele e à família.

— Isso não tem graça, Rojer — disse Leesha.

— Não sabia que gracejava — disse Rojer.

Abban saiu da mansão pouco depois, curvando-se.

— O teu palácio aguarda, princesa. As minhas esposas prepararão os pisos inferiores para o teu séquito, mas os teus aposentos privados, todo o piso superior, estão prontos para te receber.

Leesha olhou a gigantesca mansão. Havia dúzias de janelas apenas no piso superior. Todo o piso se destinava a seu uso pessoal? Facilmente seria dez vez

maior do que a cabana que partilhava com Wonda.

— Terá o piso inteiro? — perguntou Rojer, olhando-a com olhos muito abertos.

— Claro que os vossos aposentos também serão ricamente equipados, filho de Jessum — explicou Abban, curvando-se. — Mas a tradição dita que uma noiva virgem seja mantida a sós no piso superior e com os seus acompanhantes por baixo, para assegurar que envergará o véu do casamento com a honra intacta.

— Não aceitei o pedido de Ahmann — lembrou Leesha.

Abban curvou-se.

— É verdade, mas tampouco o recusaste e, assim, permanecerás como desejada do meu mestre até tomares uma decisão. Receio que as regras impostas pela tradição não possam ser questionadas aqui. — Aproximou-se, cobrindo os lábios ao fingir acariciar a barba. — E recomendo, mestra, que, a não ser que a tua resposta seja positiva, não tomes nenhuma decisão final enquanto estiveres na Dádiva de Everam. — Leesha acenou afirmativamente, tendo já chegado à mesma conclusão.

Entraram na mansão, vendo mulheres vestidas de negro por toda a parte, polindo e arrumando. O vestíbulo principal era ladeado por espelhos, reflectindo as paredes até ao infinito. A carpete que percorria o centro do piso de pedra polida era rica e grossa, com cores garridas. A balaustrada da larga escadaria estava pintada com cores de ouro e marfim. Retratos, presumivelmente dos anteriores proprietários, cobriam as paredes, observando-os miseravelmente enquanto subiam os degraus. Leesha pensara no que lhes teria acontecido depois da chegada dos krasianos.

— Se quiseres esperar aqui com o teu séquito, mestra — disse Abban —, voltarei em breve para os acompanhar aos aposentos respectivos.

Leesha acenou afirmativamente e Abban curvou-se e deixou-os na enorme sala cujas janelas permitiam ver toda a cidade de Rizon.

— Sai e guarda a porta, Gared — disse Leesha, quando Abban saiu. Depois de garantida a segurança da entrada, Leesha avançou para a mãe.

— Disseste-lhes que era virgem? — perguntou.

Elona encolheu os ombros.

— Presumiram que sim. Limitei-me a não contrariar a presunção.

— E se casar com ele e descobrir que não sou? — perguntou Leesha.

Elona grunhiu de desprezo.

— Não serias a primeira noiva a ocupar o leito conjugal já mulher. Nenhum homem rejeitará por esse motivo uma mulher que cobiça. –
Olhou Erny, que observava os sapatos com grande atenção, como se estivessem cobertos de letras.

Leesha franziu a testa, mas abanou a cabeça.

— Não importa. Não serei apenas mais uma noiva num harém. Que audácia a dele, trazendo-me aqui sem me dizer!

— Pela noite! — exclamou Rojer. — Nada desculpa que não soubesses. Todas as histórias krasianas alguma vez contadas começam com um senhor com dúzias de esposas aborrecidas trancadas num harém. Que diferença faz, seja como for? Já disseste que não tinhas qualquer intenção de casar com ele.

— Ninguém te perguntou nada — disse Elona. Leesha olhou-a, surpresa.

— Já sabias que era casado, não sabias? — acusou Leesha. — Sabias e, mesmo assim, tentaste negociar-me como gado!

— Sabia, sim — admitiu Elona. — Também sei que pode reduzir o Outeiro a cinzas ou fazer da minha filha uma rainha. A minha escolha foi assim tão má?

— Não te cabe escolher com quem casarei — disse Leesha.

— Alguém terá de o fazer — replicou Elona. — E parece-me certo como a noite que não serás tu.

Leesha olhou-a com ferocidade.

— O que lhes prometeste, mãe? E que ofereceram em troca?

— O que lhes prometi? — Elona riu-se. — É um casamento. Tudo o que o noivo deseja é um brinquedo para a sua cama e uma fábrica de bebés. Prometi que eras fértil e que lhe darias filhos. Nada mais.

— És enojante — disse Leesha. — E como podes saber isso?

— Poderei ter referido os teus seis irmãos mais velhos — admitiu Elona. — Todos mortos em circunstâncias trágicas quando combatiam demónios. — Abanou a cabeça, parecendo pesarosa.

— Mãe! — gritou Leesha.

— Parece-te que seis foram demasiados? — perguntou Elona.
— Receei ter exagerado, mas Abban aceitou sem pestanejar e pareceu mesmo desiludido. Acho que podia ter apostado num número ainda mais elevado.

— Até um seria demasiado! — disse Leesha. — Inventaste filhos mortos. Não respeitas nada?

— Que há para respeitar? — perguntou Elona. — As pobres almas de filhos que nunca existiram?

Leesha sentiu latejar atrás do olho esquerdo e percebeu que vinha a caminho uma terrível dor de cabeça. Massajou a têmpora.

— Vir aqui foi um erro.

— É um pouco tarde para o perceber — disse Rojer. — Mesmo que nos deixassem partir, partirmos agora equivaleria a cuspir-lhes na cara.

A dor atrás do olho de Leesha intensificou-se, trazendo consigo uma onda de náusea.

— Wonda, traz a minha bolsa de ervas. — Seria mais fácil lidar com a mãe depois de ingerir uma tintura para facilitar o fluxo sanguíneo e acalmar a dor de cabeça.



Jardir chegou pouco após os aposentos inferiores terem sido preparados e os seus amigos acompanhados até eles. Leesha pensou se teria esperado propositadamente até estar sozinha para a visitar.

Manteve-se atravessado na porta e curvou-se, mas sem entrar.

— Não pretendo ofender. Preferes que a tua mãe esteja presente?

Leesha roncou.

— Preferia ter um nuclita como pau-de-cabeleira. Penso que saberei lidar contigo se colocares uma mão onde não pertença.

Jardir riu e curvou-se novamente, entrando.

— Quanto a isso, não duvido. Devo pedir desculpa pela pobreza do teu alojamento. Gostaria de te oferecer um palácio digno do teu poder e beleza, mas, enfim, este pobre tugúrio é o melhor que a Dádiva de Everam poderá oferecer por enquanto.

Leesha quis dizer-lhe que nunca tinha visto um local tão belo, exceptuando o forte do duque Rhinebeck, mas conteve o elogio, sabendo que os krasianos tinham roubado o palácio e não lhes era devido qualquer mérito pelo seu esplendor.

— Porque não me disseste que já eras casado? — perguntou, indo directa ao assunto.

Jardir sobressaltou-se e Leesha detectou surpresa sincera na sua face. Viu-o curvar-se numa vénia lenta.

— Perdoa-me, mestra. Presumi que o soubesses. A tua mãe sugeriu que não o referisse, dizendo que os teus ciúmes rivalizam com a tua beleza e, se assim for, serão tormentosos.

Leesha sentiu novamente a têmpora palpitar ao ouvir referida a sua mãe, apesar de não conseguir negar uma pontada de prazer pelo elogio, por mais açucarado que fosse.

— O teu pedido lisonjeou-me — disse Leesha. — Criador, cheguei mesmo a ponderar! Mas não me agrada ser mais uma, Ahmann. Tais coisas não se fazem no Norte. O casamento é uma união entre dois e não entre duas dúzias.

— Não posso alterar o que está feito — disse Jardir —, mas imploro-te que não tomes uma decisão apressada. Faria de ti a minha Primeira Esposa no Norte, com poder para rejeitar todas as que se seguirem. Se desejares que não tenha outras esposas nas terras verdes, assim será. Pensa com cuidado. Se me deres filhos, o meu povo não terá escolha senão aceitar a tribo do Outeiro.

Leesha franziu a testa, mas tinha noção de que não devia rejeitá-lo com demasiada veemência. Estavam todos nas suas mãos e sabia-o. Mais uma vez, deu consigo a arrepender-se da decisão de vir até ali.

— A noite cairá em breve — disse Jardir, mudando de assunto ao perceber que não lhe respondia. — Vim convidar-te a ti e aos teus guarda-costas para a alagai’sharak.

Leesha olhou-o durante um longo momento, pensativa.

— A nossa guerra contra os alagai é o terreno comum em que os nossos dois povos se erguem — explicou Jardir. — Ajudará os meus guerreiros a aceitar-te, se virem que somos... irmãos na noite.

Leesha concordou com um aceno.

— Muito bem. Mas os meus pais não participarão.

— Claro — disse Jardir. — Juro pela barba de Everam que ficarão seguros aqui.

— Existia alguma razão para recear o contrário? — perguntou Leesha, recordando o olhar do Damaji Ichach.

Jardir curvou-se.

— Claro que não. Limitava-me a constatar o óbvio. Perdoa-me.



Leesha ficou impressionada com o porte das unidades de guerreiros krasianos formados para inspecção quando Jardir a conduziu a si e aos outros até à alagai'sharak. Abban coxeava a seu lado e Leesha sentiu-se tão grata como sempre pela sua presença. A sua compreensão da língua krasiana progredia a bom ritmo, mas havia centenas de normas culturais que ela e os restantes não compreendiam. Tal como Rojer, Abban conseguia falar sem mover os lábios e os seus conselhos sussurrados acerca dos momentos em que devia curvar-se ou acenar afirmativamente, discordar ou manter-se firme, conseguiram evitar o conflito.

Mais do que isso, Leesha descobriu que simpatizava com Abban. Apesar de um ferimento que o remetia para o nível mais baixo da sua sociedade, o khaffit conseguia manter elevados o ânimo e o humor e conseguira erguer-se até uma nova forma de poder.

— Não podem ser apenas estes — murmurou Rojer, olhando os Sharum reunidos, em número superior a um milhar. — É impossível que tão poucos homens tenham conquistado um ducado inteiro. Conseguiremos recrutar igual número de guerreiros no Outeiro.

— Não, Rojer — respondeu Leesha, também num murmúrio, abanando a cabeça. — Conseguimos recrutar carpinteiros e padeiros. Lavadeiras e costureiras que pegarão em armas se for necessário para se defenderem na noite. Estes homens são soldados profissionais.

Rojer grunhiu e voltou a olhar os homens ali reunidos.

— Mesmo assim, não são suficientes.

— Estás certo, claro — disse Abban, tendo ouvido claramente cada palavra da sua discussão sussurrada. — Vês apenas uma minúscula fracção dos guerreiros sob comando do meu mestre. — Indicou as doze unidades de homens no pátio, junto ao grande portão. — São a elite dos guerreiros de cada uma das doze tribos de Krasia, escolhidos como guardas de honra dos seus Damaji dentro da cidade. Diante de ti, encontra-se a força guerreira mais invencível que o mundo alguma vez viu, mas nem eles poderão comparar-se ao milhão de lanças ao dispor do Shar'Dama Ka. O resto das tribos dispersou-se pelas centenas de povoados da Dádiva de Everam.

«Um milhão de lanças.» Se Jardir possuísse um quarto desse número, a melhor hipótese das Cidades Livres seria a rendição rápida e Leesha deveria habituar-se à ideia de ser o brinquedo de cama de Jardir. Arlen parecera convencido de que o exército krasiano era muito mais pequeno. Leesha olhou Abban, pensando se estaria a ser sincero. Surgiram-lhe dúzias de perguntas na cabeça, mas guardou-as para si própria, sensatamente, para que não revelassem ainda mais das suas opiniões.

«Nunca permitas que alguém saiba o que pensas até ser necessário», ensinara-lhe Bruna, uma filosofia com a qual a duquesa Araine parecia concordar.

— E os habitantes desses povoados? — perguntou. — Que lhes aconteceu?

— Ainda lá vivem — respondeu Abban, soando genuinamente magoado. — Deverás considerar-nos monstros, se pensas que chacinaríamos inocentes.

— Receio que circulem tais rumores pelo Norte — disse Leesha.

— São falsos — disse Abban. — Os povos conquistados são taxados, é verdade, e os rapazes e homens são treinados para a alagai'sharak, mas as suas vidas não são alteradas de outra forma. Em troca, obtêm orgulho na noite.

Novamente, Leesha estudou a expressão de Abban à procura de um indício de exagero que se transformasse em mentira, mas não encontrou nada. Recrutar rapazes e homens para a guerra era um horror, mas, pelo menos, poderia dizer aos refugiados desesperados no Outeiro que era provável que os seus maridos, irmãos e filhos capturados ainda estivessem vivos.

Ouviu-se um burburinho pelas fileiras de guerreiros ao avistarem Leesha e os outros, mas os seus líderes de véu branco gritaram e os Sharum silenciaram-se e aguardaram a inspecção. À sua frente, erguiam-se dois homens, um com turbante branco sobre vestes negras de guerreiro, o outro vestindo o branco de um dama.

— O primogénito do meu mestre, Jayan — explicou Abban, indicando o guerreiro. — E o seu segundo filho, Asome. — Apontou o clérigo.

Jardir avançou diante dos homens e o poder que irradiava era palpável. Os guerreiros olharam-no com assombro e até os filhos exibiam um brilho fanático nos olhos. Leesha surpreendeu-se por descobrir que, após apenas duas semanas de instrução, compreendia a maior parte do que era dito.

— Sharum da Lança do Deserto! — gritou Jardir. — Esta noite, teremos a honra de ser acompanhados na alagai'sharak pelos Sharum da tribo nortenha do Outeiro, nossos irmãos na noite. — Apontou o grupo de Leesha e um murmúrio

chocado espalhou-se entre os guerreiros.

— Irão combater? — perguntou Jayan.

— Pai, o Evejah é claro ao determinar que as mulheres estão proibidas de participar na sharak — protestou Asome.

— O Evejah foi escrito pelo Libertador — disse Jardir. — Eu sou o Libertador agora e decidirei como se travará a sharak.

Jayan abanou a cabeça.

— Não lutarei junto a uma mulher.

Jardir avançou como um leão e o movimento da sua mão foi quase demasiado rápido para acompanhar com os olhos quando segurou o filho pela garganta. Jayan engasgou-se e levou as mãos ao braço do pai, mas este era firme como uma barra de ferro e não conseguiu afastá-lo. Os seus pés ergueram-se acima do chão, com os dedos mal raspando a terra, enquanto Jardir estendia o braço.

Leesha deu um passo em frente, horrorizada, mas Abban bloqueou-lhe o caminho com a muleta, exercendo força surpreendente.

— Não sejas tola — sussurrou. Algo na urgência da sua voz deteve Leesha e ela recuou, observando, impotente, enquanto Jardir estrangulava o filho. Suspirou de alívio quando o rapaz foi deixado tombar no chão, tossindo e debatendo-se, mas vivo.

— Que tipo de animal ataca o seu próprio filho? — perguntou Leesha, chocada.

Abban abriu a boca para falar, mas Gared antecipou-se.

— Não tinha escolha. Ninguém seguirá na noite um pai incapaz de manter na ordem os seus filhos.

— Dispenso a opinião do rufia da aldeia, Gared — replicou Leesha.

— Não. Ele está certo — afirmou Wonda, para choque de Leesha. — Não compreendi o que disseram, mas o meu pai ter-me-ia arrancado o nariz com tabefes se lhe falasse naquele tom. Suponho que lhe fará bem comer um pouco de pó.

— Parece que os nossos costumes não são tão diferentes como poderão parecer a princípio, mestra — considerou Abban.



A alagai’sharak consistia numa deslocação nocturna pelo perímetro da cidade.

Os Sharum saíam pelo portão norte e colocavam-se ombro contra ombro, escudo contra escudo, seis tribos indo para leste e seis para oeste, matando os alagai que se atravessassem no seu caminho até se encontrarem no portão sul. Para evitar mais conflitos, Jardir enviou deliberadamente Jayan e Asome para leste enquanto levava Leesha e os outros para oeste. Abban ficou para trás, no portão.

Ninguém na tribo do Outeiro tinha escudos e, por isso, Jardir colocou-os atrás da linha, escoltando pessoalmente Leesha com Hasik e um punhado de Lanças do Libertador. Demónios acorriam rapidamente depois da passagem dos dal'Sharum para se alimentarem dos cadáveres dos nuclitas oferecidos ao Sol e não hesitavam em atacar o grupo reduzido.

A princípio, os krasianos procuraram protegê-los, mas, como Jardir esperara, Leesha e os outros depressa lhes mostraram não ser necessário. O violino de Rojer conduzia os demónios a armadilhas ou fazia-os atacarem-se entre si. Leesha lançava a sua magia flamejante contra os alagai, fazendo-os dispersar como areia ao vento. Gared e Wonda avançavam contra grupos de demónios sem oposição, com o Lenhador gigante despedaçando-os com machado e faca de mato enquanto o arco de Wonda se ouvia como as cordas do violino de Rojer, matando cada demónio que avistava de longe. Chegou mesmo a derrubar vários do céu antes que pudessem mergulhar sobre a barreira de escudos.

Estava bem distante dos outros quando as flechas se esgotaram. Um demónio da chama silvou e atacou-a e um elemento das Lanças do Libertador gritou, correndo em sua defesa.

Não precisava de se ter preocupado. Wonda pendurou o arco ao ombro e segurou o demónio pelos cornos, girando para evitar o seu cuspo flamejante e lançando-o por terra com uma torção fluida de sharusahk. Uma faca guardada surgiu-lhe na mão, abrindo a garganta do demónio.

Ergueu o olhar e a ânsia sanguinária nos seus olhos era idêntica à de qualquer Sharum que Jardir tivesse visto. Sorriu ao dal'Sharum chocado que, um momento antes, correra para a salvar, mas, a seguir, arregalou os olhos e apontou o céu.

— Cuidado! — gritou, demasiado tarde, enquanto um demónio do vento mergulhava do alto, rasgando a armadura do guerreiro e cravando-lhe as suas garras mortíferas.

Todos reagiram de imediato. Erguendo uma faca guardada, Rojer correu para

golpear o demónio, em simultâneo com a lâmina lançada por Wonda e três Lanças do Libertador, derrubando-o antes que conseguisse erguer-se no céu. Leesha ergueu as saias e correu para o guerreiro caído. O alagai continuava a debater-se, a meros centímetros de distância, quando ajoelhou a seu lado. Jardir correu para junto dela enquanto Gared e os guerreiros punham fim ao demónio e se mantinham atentos ao ataque de outros.

O guerreiro, Restavi, servira Jardir lealmente durante anos. A sua armadura estava ensopada de sangue. Resistiu com fervor enquanto Leesha tentava examinar-lhe o ferimento.

— Segurem-no — ordenou Leesha, num tom em tudo idêntico ao de uma dama'ting habituada a ser obedecida. — Não consigo trabalhar se não parar quieto.

Jardir obedeceu, segurando os ombros de Restavi e imobilizando-o com firmeza. O guerreiro olhou Jardir com olhos muito abertos.

— Estou pronto, Libertador! — gritou. — Abençoa-me e faz-me percorrer a estrada solitária!

— Que diz ele? — perguntou Leesha, ao cortar-lhe a grossa túnica, afastando os estilhaços das placas de cerâmica no interior. Praguejou ao perceber a dimensão da ferida aberta.

— Diz-me que a sua alma está pronta para o Paraíso — respondeu Jardir. — Pede que o abençoe com uma morte rápida.

— Não farás tal coisa — disse Leesha. — Diz-lhe que a alma pode estar pronta, mas o corpo não está.

«Como é semelhante ao Par'chin», pensou Jardir, percebendo subitamente que sentia saudades profundas do seu velho amigo. Era óbvio que Restavi morria, mas a curandeira nortenha recusava-se a deixá-lo partir sem luta. Havia honra nisso e percebeu bem que a insultaria muito se ignorasse os seus desejos e matasse o homem, mesmo que lho pedisse.

Jardir segurou a face de Restavi nas mãos, olhando-o nos olhos.

— És uma Lança do Libertador! Percorrerás a estrada solitária quando to ordenar e não antes. Acolhe a dor e não te mexas!

Restavi estremeceu, mas acenou afirmativamente, enchendo os pulmões de ar e deixando de se debater. Leesha olhou os homens, surpresa, e afastou Jardir para continuar o seu trabalho.

— Faz a muralha de escudos avançar — disse Jardir a Hasik.

— Esperarei com a mestra enquanto se ocupa de Restavi.

— Para que fim? — perguntou Hasik. — Mesmo que sobreviva, não voltará a erguer uma lança.

— Não sabes isso, tal como eu não sei — disse Jardir. — É inevera. Não interferirei com esta mulher que desejo tal como não interferiria com as acções de uma dama'ting.

As Lanças do Libertador haviam permanecido para trás, formando um círculo com Leesha e Restavi no seu centro, mas era desnecessário. Rojer rodeava-os com um escudo musical e nenhum alagai se atrevia a aproximar-se.

— Podemos movê-lo — disse Leesha, por fim. — Estanquei a hemorragia, mas precisará de ser operado e, para isso, necessitarei de uma mesa e da luz adequada.

— Viverá para lutar outro dia? — perguntou Jardir.

— Está vivo — disse Leesha. — Não bastará por agora?

Jardir franziu o sobrolho, escolhendo as palavras com cuidado.

— Se não conseguir lutar, será provável que tire a própria vida mais tarde.

— Ou tornar-se-á khaffit? — perguntou Leesha, olhando-o com desagrado.

Jardir abanou a cabeça.

— Restavi matou centenas de alagai. O seu lugar no Paraíso está assegurado.

— Então por que haveria de se suicidar? — quis saber Leesha.

— É Sharum — respondeu Jardir. — Espera morrer nas garras dos alagai, não velho e mirrado numa cama, sendo um fardo para a sua família e para a sua tribo. É por isso que as dama'ting não se ocupam dos feridos até ao amanhecer.

— Para que os feridos mais graves estejam mortos? — perguntou Leesha.

Jardir respondeu com um aceno afirmativo.

— É desumano — considerou Leesha.

Jardir encolheu os ombros.

— É o nosso costume.

Leesha olhou-o e abanou a cabeça.

— E é essa a diferença entre nós. O teu povo vive para lutar e o meu luta para viver. Que farás quando venceres a Sharak Ka e não restar motivo para lutar?

— Então, Ala e o Paraíso serão idênticos — disse Jardir. — E todos estaremos no Paraíso.

— Então por que não mataste este homem quando te pediu que o fizesses? — perguntou Leesha.

— Porque me pediste o contrário — disse Jardir. — Cometi uma vez o erro de ignorar tal pedido de um dos teus e isso quase custou a nossa amizade.

Leesha inclinou a cabeça, curiosa.

— Daquele a quem Abban chama Par'chin?

Jardir semicerrou os olhos.

— Que te disse o khaffit a seu respeito?

Leesha olhou-o com severidade.

— Nada, além de ter referido a sua amizade e de dizer que eu lho recordava. Porquê?

A fúria de Jardir desapareceu tão rapidamente como surgiu, deixando-o vazio e triste.

— O Par'chin também era meu amigo — disse, por fim. — E és como ele de muitas formas. Também és diferente de outras. O Par'chin tinha coração de Sharum.

— E isso significa? — perguntou Leesha.

— Significa que lutava para que outros vivessem, como tu, mas fazia-o por ele. Vivia para lutar. Quando o seu corpo foi vencido e a esperança desapareceu, ergueu-se a custo e lutou até ao último fôlego.

— Morreu? — perguntou Leesha, surpresa.

Jardir acenou afirmativamente.

— Há muitos anos.

Leesha trabalhou até altas horas da noite na sala de operações de um antigo hospício rizonano, cortando e cosendo o dal'Sharum ferido. Os seus braços estavam cobertos de sangue e as costas doíam-lhe de se curvar sobre a mesa, mas Restavi sobreviveria e era provável que recuperasse plenamente.

As dama'ting que se ocuparam do edifício sussurraram entre si enquanto trabalhava, observando Leesha com uma mistura de assombro e horror. Conseguia sentir a fúria pela intrusão, especialmente por ocorrer durante a noite, e o seu ressentimento ao gritar-lhes ordens, mas o seu tradutor era o próprio

Jardir e nenhuma das mulheres vestidas de branco se atreveria a recusar algo ao Shar'Dama Ka. Wonda e Gared tinham sido forçados a permanecer no exterior, tal como Rojer e os guarda-costas de Jardir.

As dama'ting, comportando-se como prisioneiras no seu próprio lar, suspiraram de alívio quase de forma palpável quando Inevera irrompeu pela sala de operações. Tinha a face lívida de raiva ao caminhar até Leesha, colocando-se diante dela, cara a cara.

— Como te atreves? — rosnou Inevera, num thesano de sotaque cerrado, mas perceptível. Rodeava-a uma nuvem de perfume e o traje sugestivo fez Leesha pensar na sua mãe.

— Como me atrevo a quê? — replicou Leesha, sem recuar um centímetro. — A salvar a vida de um homem que terias deixado esvair-se em sangue até ao amanhecer?

A única resposta de Inevera foi esbofetear Leesha, fazendo-a sangrar com as unhas afiadas. Leesha foi lançada por terra e, antes que conseguisse recuperar, a mulher puxou por uma lâmina curva e avançou novamente para ela.

— Não és digna de te ergueres na presença do meu marido e muito menos de partilhares a sua cama — exclamou Inevera.

Leesha levou a mão a um dos muitos bolsos do seu avental e, quando Inevera se aproximou, estalou os dedos junto à face da Damajah, dispersando pó cegante numa minúscula nuvem.

Inevera guinchou e afastou-se, esfregando a cara com as mãos, enquanto Leesha se recompunha. Inevera lançou um jarro de água à cara e, quando voltou a olhar Leesha, a maquilhagem formara-lhe faixas horrendas na pele. A sua cara avermelhada e os olhos repletos de ódio prometiam morte.

— Basta! — gritou Jardir, colocando-se entre as duas. — Proíbo que continuem a lutar!

— Proíbes-me? — perguntou Inevera, incrédula. Leesha sentiu quase o mesmo. Jardir não podia proibi-la de fazer algo, tal como Arlen não poderia. Mas Jardir olhava apenas Inevera. Ergueu a Lança de Kaji para que todos a vissem.

— Proíbo — repetiu. — Pretendes desobedecer-me?

O silêncio caiu sobre a sala de operações e as outras dama'ting trocaram olhares confusos. Inevera poderia ser a sua líder, mas Jardir era a voz do seu deus. Leesha conseguia imaginar o que aconteceria se Inevera continuasse a

resistir.

E, com efeito, a mulher pareceu percebê-lo também e acalmou-se. Voltou-se e saiu do hospício com passos largos, estalando os dedos às outras dama’ting, que a seguiram.

— Pagarei por isto — murmurou Jardir para si mesmo em krasiano, mas Leesha compreendeu. Por um momento, os seus ombros caíram e deixou de parecer o invencível e infalível líder de Krasia, parecendo-se mais com o seu pai depois de uma discussão com Elona. Quase conseguia ver Jardir a imaginar a miríade de formas como Inevera poderia tornar-lhe a vida miserável e sentiu-se solidária com ele.

Mas, a seguir, um grito de mulher quebrou o silêncio e o homem fatigado desapareceu num piscar de olhos, sendo novamente substituído pelo homem mais poderoso do mundo.

Vinte e Nove

Uma Pitada de Folha-Negra

333 DR Verão

O GIGANTE HORTELÃO rugia como um leão quando Jardir saiu do espaço das dama'ting, seguido de perto por Leesha. Amkaji e Coliv tinham rodeado os seus pulsos com cordas e três dal'Sharum puxavam cada uma das cordas que lhe prendiam os braços, como se tentassem domar um garanhão enfurecido. Um guerreiro tentava manter-se tenazmente sobre as suas costas largas, cruzando os braços diante da garganta do gigante, procurando estrangulá-lo. Mas, se Gared notou, não deu qualquer sinal. Os pés do guerreiro agitavam-se muito acima do solo e até os que puxavam as cordas se debatiam para conseguir controlar-lhe os movimentos.

Rojer estava imobilizado, indefeso, quase casualmente, contra uma parede. Um dal'Sharum mantinha-o seguro com uma mão e observava o que acontecia com um sorriso divertido.

— Que se passa aqui? — perguntou Jardir. — Onde está a mulher?

Antes que qualquer Sharum pudesse responder, ouviu-se outro grito, vindo de uma viela entre edifícios.

— Qualquer guerreiro que toque nos hortelões quando regressar perderá as mãos! — gritou, correndo para a viela, passando além deles com velocidade urgente.

Wonda estava na viela, aprisionada por trás por um guerreiro que rugiu quando ela lhe mordeu o braço. Outro guerreiro estava caído no chão, com as mãos entre as pernas, e um terceiro, Jurim, encostava-se à parede, olhando horrorizado um braço torcido numa direcção impossível.

— Libertem-na! — rugiu Jardir. Todos o olharam. Wonda foi libertada imediatamente e cravou um cotovelo no estômago do guerreiro atrás dela. Este dobrou-se para diante e Wonda levou a mão à faca no seu cinto.

Jardir apontou-lhe a sua lança.

— Não o faças — advertiu. Nesse momento, Leesha chegou à viela, ficando boquiaberta perante o que viu. Correu para junto de Wonda.

— Que aconteceu? — perguntou-lhe.

— Estes filhos do Núcleo tentaram violar-me! — respondeu Wonda.

— A pega nortenha mente, Libertador — afirmou Jurim. — Atacou-nos e partiu-me o braço! Exijo a sua vida!

— Esperas que acreditemos que Wonda vos atraiu aos três aqui e vos atacou? — perguntou-lhe Leesha.

Jardir ignorou-os aos dois. Era óbvio o que acontecera. Esperara que o talento de Wonda no campo de batalha impressionasse os guerreiros o suficiente para dissuadir tal comportamento, mas Jurim e os outros pareciam ter sentido necessidade de lhe recordar que, fora do campo de batalha, continuava a ser não apenas uma mulher, mas uma mulher solteira. A lei do Evejah não lhe reconhecia o direito de rejeitar um Sharum ou de atacar um homem por qualquer motivo. Jurim e os outros não tinham cometido qualquer crime e estavam no seu direito de exigir a vida da rapariga.

Mas os hortelões não viam o assunto da mesma forma. Jardir sabia-o. E precisava dos guerreiros destes, homens e mulheres, para a Sharak Ka. Olhou Leesha e soube também que nem todos os seus motivos eram altruístas. Os Sharum teriam de aprender a controlar-se. Com uma lição abjecta como a que ministrara a Hasik tantos anos antes.

Jardir indicou com o braço Jurim e os outros e, a seguir, apontou a parede. Alinharam-se, obedientemente, com costas direitas, ignorando os ferimentos infligidos pela rapariga. Era uma guerreira nata, independentemente do seu sexo.

Jardir ouviu Leesha inspirar profundamente e ergueu a mão antes que pudesse falar, caminhando diante dos seus homens.

— Tenho intenções para com mestra Leesha — disse, calmamente. — Quem insultar um dos seus serviçais, insultá-la-á a ela. E quem a insultar a ela, insulta-me a mim.

Olhou Jurim nos olhos, tocando-lhe de leve o peito com a ponta da Lança de

Kaji.

— Insultaste-me, Jurim? — perguntou, baixando a voz.

Jurim arregalou os olhos. Olhou freneticamente Wonda e voltou a olhar Jardir. A ponta da lança fê-lo encolher-se, apesar de o toque ser tão leve, e começou a tremer. Sabia que a sua vida dependia da resposta, mas mentir ao Libertador custar-lhe-ia o seu lugar no Paraíso.

Jurim caiu de joelhos, chorando. Pressionou a testa contra o chão e soluçou, segurando os pés de Jardir.

— Perdoa-me, Shar'Dama Ka!

Jardir pontapeou-o, dando um passo atrás e olhando os guerreiros que ladeavam Jurim. De imediato, também eles caíram de joelhos e encostaram as testas ao chão, chorando.

— Silêncio! — gritou-lhes. Os homens silenciaram-se nesse instante. Apontou Wonda. — Aquela mulher matou mais alagai esta noite do que os três combinados e a sua honra vale as vossas três vidas.

Os homens encolheram-se, mas não se atreveram a dizer algo em sua defesa.

— Vão ao templo e passem a noite e o próximo dia a rezar — disse-lhes Jardir. — Levarão as vossas lanças para a noite amanhã, sem escudo e vestindo apenas bidos negros. Quando forem abatidos, os vossos ossos irão para o Sharik Hora.

Os homens estremeceram de alívio e soluçaram, beijando os pés de Jardir, pois, com aquelas palavras, garantira-lhes a única coisa que um Sharum receava verdadeiramente perder: a possibilidade de uma morte de guerreiro e a entrada no Paraíso.

— Obrigado, Libertador — disseram, uma e outra vez.

— Vão! — gritou Jardir e os homens partiram de imediato.

Jardir olhou Leesha, vendo a sua expressão inquieta.

— Deixaste-os ir sem mais nem menos? — perguntou. Jardir percebeu que tinha falado em krasiano e que ela teria compreendido apenas uma parte do que dissera.

— Claro que não — respondeu, voltando a expressar-se na sua língua. — Morrerão.

— Mas agradeceram-te! — exclamou Leesha.

— Por não os castrar e por não lhes tirar as vestes negras — explicou Jardir.

Wonda cuspiu no chão.

— Os filhos do Núcleo mereciam.

— Não mereciam, não! — disse Leesha. Jardir percebia que continuava irritada, mas não fazia ideia de qual seria o motivo. Deveria tê-los matado pessoalmente, diante dela? Os hortelões tinham regras diferentes relativas às suas mulheres e não fazia ideia de como lidariam com assuntos como aquele.

— Que mais exiges? — perguntou Jardir. — Não conseguiram violar ou sequer magoar a rapariga — indicou Wonda com respeito.

— Não se espera que possam compensar a sua virgindade perdida.

— Seja como for, não sou virgem — disse Wonda. Leesha olhou-a com severidade, mas a rapariga limitou-se a encolher os ombros.

— Mas espera-se que paguem com a vida? — perguntou Leesha.

Jardir fitou-a com curiosidade.

— Morrerão com honra. Enfrentarão a noite nus, amanhã, apenas com as lanças como protecção.

Leesha arregalou os olhos.

— Isso é bárbaro!

Foi então que Jardir compreendeu. O tabu hortelão era a morte. Curvou-se.

— Pensei que o castigo te agradaria, mestra. Posso ordenar que sejam chicoteados, se preferires.

Leesha olhou Wonda, vendo-a encolher os ombros. Voltou-se novamente para Jardir.

— Muito bem. Mas exigimos presenciar e quero tratar os ferimentos dos homens depois de o castigo ser aplicado.

O pedido surpreendeu Jardir, mas escondeu bem a surpresa, curvando-se. Os costumes dos hortelões eram fascinantes.

— Claro, mestra. Será feito amanhã ao pôr-do-sol, para que todos os Sharum vejam e recordem. Aplicarei pessoalmente as chicotadas.

Leesha acenou afirmativamente.

— Obrigada. Será suficiente.

— Desta vez — rosnou Wonda. Jardir sorriu ao ver a ferocidade nos seus olhos. Tinham sido necessários Três Lanças do Libertador para a segurar e nenhum deles conseguira consumar o acto! Com treino, até os kai’Sharum cairiam diante dela. Olhando-a, tomou uma decisão que sabia poder fracturar o seu exército, mas Everam escolhera-o para liderar a Sharak Ka e liderá-la-ia

como achasse melhor.

Curvou-se diante da mulher. Era uma vénia de guerreiro.

— Não haverá outra vez, Wonda vah Flinn am'Lenhador am'Outeiro. Tens a minha palavra.

— Obrigada — agradeceu Leesha, pousando-lhe uma mão no braço. Jardir sentiu-se animar pelo toque.



Ouviu-se uma batida sonora na porta.

— Qué? — gritou Rojer, acordando e olhando em redor. O quarto estava às escuras, apesar de ver nesgas de luz em redor das cortinas de veludo.

A cama era diferente de qualquer outra em que Rojer tivesse dormido desde os seus dias no bordel do duque Rhinebeck. O colchão e as almofadas eram recheados com penas de ganso e os lençóis lisos e macios por baixo de uma colcha quente. Era como dormir numa nuvem aquecida. Não ouvindo mais nada, Rojer não conseguiu resistir ao seu apelo e a cabeça caiu novamente sobre a almofada.

A porta abriu-se e Rojer abriu um olho, vendo entrar uma das esposas de Abban, ou talvez uma das suas filhas (nunca conseguia perceber a diferença). Todas se vestiam com túnicas negras soltas, que escondiam tudo excepto os olhos. A mulher mantinha-os no chão diante dele.

— Tens uma visita, filho de Jessum — disse.

Avançou para abrir as pesadas cortinas de veludo e Rojer gemeu, cobrindo os olhos com uma mão enquanto a luz entrava pelas janelas do quarto ricamente mobilado. Leesha podia ter um piso inteiro da gigantesca mansão, mas Rojer recebera uma ala completa do segundo piso, com mais divisões do que a estalagem dos seus pais em Ponteflúvia. Elona ficara furiosa ao saber da grandeza que os krasianos lhe reconheciam, tendo recebido apenas um quarto e uma sala, por mais luxuosos que fossem.

— Que horas são? — perguntou Rojer. Sentiu que não teria dormido mais de uma ou duas horas.

— Acaba de nascer o Sol — disse a mulher.

Rojer voltou a gemer. Não dormira uma hora.

— Diz a quem quer que seja que volte mais tarde — ripostou, caindo novamente sobre o colchão.

A mulher curvou-se.

— Não posso fazê-lo, mestre. A visita é a Damajah. Terás de a ver imediatamente.

Rojer sentou-se na cama, perdendo completamente o sono.



Todo o palácio estava agitado quando Rojer se sentiu suficientemente apresentável para deixar os seus aposentos. A caixa de maquilhagem de Jogral escondera o negro sob os olhos e o cabelo ruivo berrante foi escovado e preso. Vestiu o seu melhor traje multicolorido.

«A Damajah», pensou. «Que quererá de mim, pelo Núcleo?»

Gared aguardava-o no corredor e seguiu-o. Rojer não podia negar que se sentia mais seguro com o grande Lenhador e, quando chegou à escadaria, Leesha e Wonda desciam do piso superior, trazendo consigo Erny e Elona.

— Que quer ela? — perguntou Leesha. Não dormira mais do que ele, mas não se notava tanto, mesmo sem maquilhagem.

— Revista-me os bolsos — respondeu Rojer. — Não encontrarás respostas.

Seguiram Rojer pela escadaria abaixo, fazendo-o sentir que os liderava no salto de um penhasco. Rojer era um artista, habituado a ser o centro das atenções, mas aquilo era diferente. Levou a mão ao peito, segurando o medalhão sob a camisa. A forma rígida confortou-o e seguiu os gestos das mulheres de Abban até ao salão principal.

Tal como antes sucedera, Rojer sentiu-se corar ao ver a Damajah. Tinha-se deitado com dúzias de raparigas aldeãs e com mais do que uma aristocrata culta angierana, todas atraentes, bonitas ou mesmo belas. Sendo verdade que Leesha as superava a todas em beleza, parecia quase não o perceber, não fazendo qualquer esforço para aproveitar o seu poder.

Mas a Damajah sabia. A curva perfeita do seu queixo e a forma delicada do nariz por trás do véu transparente. Os olhos grandes e exóticos com pestanas longas e os caracóis negros oleados que lhe caíam em cachos sobre os ombros. A túnica diáfana cobria tudo e nada, expondo a suavidade dos braços e a curva das

coxas, os seios redondos e cheios e as aréolas escuras, o sexo sem pêlos. O ar que a rodeava era adocicado por perfume.

Cada gesto seu, cada postura, cada expressão conferia a todos aqueles elementos uma harmonia que influenciava cada homem diante dela. O que Rojer fazia aos demónios com o violino, a Damajah fazia aos homens com o corpo. Sentiu-se enrijecer e deu graças pela largura das calças multicoloridas.

Erguia-se no salão, diante de duas raparigas, cobertas de acordo com o preceito krasiano que Inevera desprezava, apesar de as suas túnicas serem de seda fina. Uma vestia o branco das dama'ting e a outra vestia-se de negro. Tranças pretas longas pendiam dos toucados, cingidas com anéis dourados e caindo abaixo da cintura. Os seus olhos observavam-no atrás dos véus.

— Rojer asu Jessum am'Pousada am'Ponte — disse Inevera, com um sotaque cerrado que fez Rojer estremecer de prazer. Tentou recordar-se de que era o inimigo, mas o esforço pareceu-lhe fútil. — É uma honra conhecer-te — prosseguiu a Damajah, curvando-se tão baixo que Rojer receou que os seios lhe escapassem das vestes. Pensou se a afectaria se tal sucedesse. As raparigas atrás dela curvaram-se ainda mais.

Rojer retribuiu com a sua melhor vénia.

— Damajah — disse, simplesmente, não conhecendo a forma adequada de se lhe dirigir. — A honra é minha que tenhas vindo ao encontro de alguém tão insignificante como eu.

— Não exageres, Rojer — murmurou Leesha.

— O meu marido pediu-me que viesse — disse Inevera —, dizendo-me que aceitaste a sua oferta para te encontrar esposas, para que a tua magia possa ser transmitida a uma nova geração.

— Aceitei? — perguntou Rojer. Recordou o diálogo no Outeiro do Libertador, mas não o levara a sério. Não podiam acreditar que...

— Claro — disse Inevera. — O meu marido oferece-te a sua filha mais velha, Amanvah, como tua Jiwah Ka. — A rapariga vestindo o branco das dama'ting avançou, ajoelhando-se sobre a grossa carpete e encostando a testa ao chão. A postura esticava-lhe a túnica de seda, permitindo adivinhar a forma feminina por baixo. Rojer afastou os olhos antes que alguém surpreendesse o seu olhar fixo, voltando a olhar a Damajah como um coelho assustado.

— Haverá algum... — queria dizer «engano», mas a palavra ficou-lhe presa na

garganta quando Inevera fez avançar a outra rapariga. — Esta é Sikvah, serva de Amanvah — disse, enquanto a rapariga se juntava a Amanvah no chão. — Filha de Hanya, irmã do Shar'Dama Ka.

— A sua filha e a sua sobrinha? — perguntou Rojer, surpreso.

Inevera baixou a cabeça.

— O meu marido deixou claro que Everam fala contigo. Não te honraria com menos do que o seu próprio sangue. Sikvah será uma segunda esposa adequada, se assim o desejares. Amanvah poderá então ocupar-se de te procurar as noivas seguintes, de acordo com o teu gosto.

— Criador, de quantas esposas precisa um homem? — perguntou Leesha.

«Ciumenta?», pensou Rojer, irritado. «Óptimo. Vê que tal te sabe, por uma vez.»

Inevera olhou Leesha com desdém.

— Se for digno e elas dele, um homem poderá ter tantas esposas quantas as que conseguir sustentar e manter de esperanças. Mas algumas — disse, sublinhando a palavra — não são dignas.

— Quem é a mãe de Amanvah? — perguntou Elona, antes que Leesha pudesse responder.

Inevera olhou-a e arqueou uma sobrancelha. Elona segurou as saias e curvou-se numa vénia respeitosa que parecia completamente contrária à mulher que Rojer conhecia.

— Elona Papel do Outeiro do Libertador. A mãe de Leesha.

Inevera arregalou os olhos e esboçou um amplo sorriso, aproximando-se da mulher e abraçando-a.

— Claro. É uma honra conhecer-te. Precisamos de discutir muitos assuntos, mas isso ficará para outra ocasião. Fui informada de que a mãe de Jessum se reuniu a Everam. Aceitarás substituí-la?

— Com certeza — disse Elona, acenando afirmativamente, enquanto Leesha a fitava com ódio.

— Substituí-la de que forma? — perguntou Rojer.

Inevera sorriu, timidamente.

— Para garantir que te comportarás à altura quando erguerem os véus e para verificar a sua virgindade. — Rojer sentiu-se corar novamente e engoliu em seco.

— Eu... — começou, mas Inevera ignorou-o.

— Sou a mãe de Amanvah — disse a Elona. — Aprovas?

— Certamente — respondeu Elona, com gravidade, como se uma pessoa mentalmente sã se atrevesse a dar outra resposta.

Inevera acenou afirmativamente e olhou os outros.

— Com a vossa licença.

Todos permaneceram imóveis por um momento, mas Elona bateu com as mãos, sobressaltando-os a todos.

— Ouviram-na. Saiam! Tu não, Rojer. — Segurou-lhe o braço quando se voltou para sair com os restantes.

Só Leesha ficou para trás.

— A tua presença não é necessária, filha de Erny — disse Inevera. — Não pertences à família do noivo ou das noivas.

— Pelo contrário, Damajah — disse. — Se a minha mãe substitui a mãe de Rojer, eu, como sua filha, poderei ocupar o lugar de sua irmã. — Sorriu e aproximou-se, baixando a voz. — O Evejah é claro nesse aspecto — afirmou, com sobranceria.

Inevera franziu a testa e abriu a boca, mas Rojer antecipou-se.

— Quero que fique. — As palavras terminaram num guincho quando Inevera se voltou para ele, mas um enorme sorriso iluminou-lhe a face e curvou-se.

— Como desejares.

— Tranca as portas, Leesha — ordenou Elona. — Não podemos permitir que Gared entre, dizendo que se esqueceu do machado. — Inevera riu-se e presenciar a diversão das duas mulheres assustou Rojer mais do que qualquer outra coisa. Elona parecia perceber muito melhor do que Rojer o que acontecia.

Leesha parecia igualmente perturbada, mas não conseguia perceber ao certo se era pela diversão ou pela forma casual como Elona lhe dava ordens. Voltou-se e avançou para as grandes portas douradas, correndo a tranca com um som que fez Rojer saltar. Sentiu que o trancavam ali dentro e não que trancavam Gared no exterior.

Inevera estalou os dedos e as duas raparigas endireitaram as costas, mantendo-se ajoelhadas no chão.

— Amanvah é dama’ting — explicou Inevera, pousando-lhe uma mão no ombro. — Curandeira, parteira e escolhida por Everam. É jovem, mas talhou os

seus dados e passou cada prova.

Olhou Leesha e sorriu.

— Talvez consiga tratar esses cortes na tua face — disse, indicando as linhas vermelhas na face de Leesha, deixadas pelas suas unhas, quando a esbofeteara.

Leesha retribuiu o sorriso.

— Pareces pestanejar muito, Damajah. Os teus olhos ardem? Posso preparar-te uma solução de limpeza, se desejares.

Rojer voltou a olhar Inevera, esperando uma resposta feroz, mas Inevera limitou-se a sorrir e prosseguiu.

— Dei oito filhos e três filhas ao meu marido. As mulheres da minha família são igualmente férteis e os ossos dizem que Amanvah será boa parideira.

— Ossos? — repetiu Leesha.

Inevera franziu o sobrolho.

— Não te diz respeito, chin — ripostou.

Num instante, o sorriso voltou.

— O que importa é que Amanvah te dará filhos, filho de Jessum. A mãe de Sikvah foi igualmente fértil. Também te dará filhos em abundância.

— Sim, mas sabem cantar? — perguntou Rojer, esperando repelir o desconforto que sentia. Era a piada final de uma das anedotas preferidas de Arrick, a história de um homem que nunca se mostrava satisfeito por mais mulheres que levasse para a cama.

Mas Inevera apenas sorriu e acenou afirmativamente.

— Claro — disse, estalando os dedos e dando uma ordem às raparigas em krasiano.

Amanvah pigarreou e começou a cantar, com voz melodiosa e pura. Rojer não compreendeu as palavras e nunca tivera grande talento para o canto, mas, após anos a actuar com Arrick, o maior cantor do seu tempo, aprendeu a ouvir e a avaliar o que ouvia.

A voz de Amanvah faria corar Arrick de vergonha. Levou-o como um grande vento, fazendo os seus pés erguer-se sobre o chão e transportando-o para longe nas suas notas.

Mas, então, chegou um segundo vento, rodeando o primeiro quando Sikvah se juntou à canção. Harmonizaram num instante e Rojer sentiu-se atordoado. Mulheres ou não, se procurassem a Associação dos Jograis em Angiers, as suas

carreiras estariam asseguradas.

Não disse nada, erguendo-se em silêncio ao ouvir as duas mulheres cantar. Quando, por fim, Inevera pôs fim à sua canção com um aceno da mão, sentiu-se como uma marioneta a que tivessem sido cortados subitamente os cordéis.

— Sikvah é também uma cozinheira dotada — disse Inevera. — E ambas foram instruídas nas artes do amor, ainda que não tenham conhecido homem.

— Nas... hmm... artes? — repetiu Rojer, voltando a sentir-se corar.

Inevera riu-se e estalou os dedos. Amanvah ergueu-se de imediato, num movimento gracioso e elevou uma mão para soltar o véu. A seda branca e fina afastou-se como fumo, revelando uma face de beleza estonteante. Era, verdadeiramente, filha da sua mãe.

Sikvah aproximou-se por trás dela, abrindo-lhe um fecho escondido nos ombros e as vestes de Amanvah pareceram dissolver-se, com a seda descobrindo-a e flutuando até ao chão. Erguia-se nua diante dele e Rojer ficou boquiaberto.

Inevera descreveu um círculo com o dedo e, obediente, Amanvah voltou-se para que Rojer pudesse inspeccioná-la de todos os ângulos. Tal como o da sua mãe, o corpo de Amanvah era perfeito e Rojer começou a recear que as calças não fossem suficientemente largas. Pensou se esperariam que também se despisse, expondo a sua excitação às mulheres ali presentes.

— Criador, isto é realmente necessário? — perguntou Leesha.

— Silêncio — disse-lhe Elona. — Claro que é.

Amanvah voltou-se e abriu o fecho da túnica de seda de Sikvah, que desapareceu como uma sombra repelida pelo Sol, tornando-se um amontoado de tecido diáfano a seus pés. Talvez não fosse tão bela como Amanvah, mas, exceptuando as outras mulheres no salão, Rojer nunca vira igual.

— Poderás verificar a sua pureza agora — disse Inevera.

— Eu... hmm... — Rojer olhou as mãos e escondeu-as nos bolsos. — Não será necessário.

Inevera riu-se.

— As tuas mulheres — clarificou, com um sorriso matreiro. — Afinal, algo deverá ser guardado para a noite do casamento. — Piscou-lhe o olho e Rojer sentiu-se zonzo.

Inevera voltou-se para Elona.

— Importas-te de fazer as honras?

— Ah... bom... — disse Elona. — A minha filha é mais qualificada...

Leesha roncou de desprezo.

— A minha mãe não saberia reconhecer um hímen se o visse — sussurrou a Rojer. — Perdeu o seu muito antes de poder olhá-lo com atenção.

Elona ouviu a frase e franziu a testa, mas não disse nada, limitando-se a olhar Leesha com ferocidade.

— Está bem — rosnou Leesha, por fim. — Tudo para terminar isto. –

Curvou-se para erguer as túnicas das raparigas, segurou-as pelo braço e conduziu-as a um pequeno nicho resguardado por uma cortina usado pela criadagem, num dos lados do salão.



Leesha baixou a cortina, bloqueando a vista, e as raparigas debruçaram-se sem demora sobre uma pequena mesa, mostrando-se como éguas de cobrição. Examinara centenas de raparigas nos seus anos como Herbanária, incluindo a duquesa de Angiers, mas fizera-o sempre por motivos de saúde e não para cumprir algum ritual de honra. Bruna tinha pouca paciência para tais tolices e a sua aprendiza não era diferente.

Mas Leesha sabia também como era frágil o seu relacionamento com os krasianos. Não conquistaria aliados se cuspisse publicamente sobre as suas tradições.

O hímen de Amanvah estava intacto, mas, quando Leesha estendeu a mão para Sikvah, a rapariga estremeceu e gemeu um pouco. Cobria-a uma película de suor e a sua pele morena parecia mais pálida do que antes. Contraiu-se com força quando Leesha lhe introduziu um dedo, mas não foi suficiente. Não era virgem.

Leesha sorriu. Por mais bárbaro que fosse o ritual, dera-lhes um motivo para alegar ofensa e recusar as raparigas antes que Rojer dissesse alguma coisa menos ajuizada. Mas a rapariga olhou-a e o medo nos seus olhos foi como um tabefe. Amanvah percebeu o olhar e franziu a testa.

— Vistam-se — disse Leesha às raparigas, passando-lhes as túnicas. Sikvah vestiu-se prontamente e apressou-se a assistir Amanvah, que a olhou intensamente enquanto esta a ajudava a prender a túnica de seda de dama’ting.



A expressão de Leesha era serena quando regressou com as raparigas. Rojer soube que o veredicto seria irrelevante. Não casaria com a filha de Jardir tal como Leesha não casaria com o pai, mas, por algum motivo, sentia o coração acelerado no peito, como se a sua vida dependesse da resposta que desse.

— São ambas virgens — disse Leesha. Rojer inspirou fundo.

— Claro. — Inevera sorriu. Mas Amanvah pareceu não concordar. Aproximou-se da mãe, sussurrando-lhe ao ouvido e apontando primeiro Sikvah e, depois, Leesha.

A face de Inevera tornou-se feroz como o céu antes de uma tempestade e caminhou até Sikvah, segurando a rapariga pela longa trança. Rojer avançou para as duas, mas Elona segurou-lhe o braço com tanta força que o magoou, travando-o com força surpreendente.

— Não sejas estúpido, violinista — silvou. Sikvah guinchou ao ser arrastada para trás da cortina onde decorrera o exame. Amanvah seguiu-a, correndo a cortina atrás dela.

— Que aconteceu, pelo Núcleo? — perguntou Rojer.

Leesha suspirou.

— Sikvah não é virgem.

— Mas disseste que era — lembrou Rojer.

— Sei o que pode acontecer a uma rapariga quando as pessoas começam a questionar a sua «pureza» — disse Leesha. — E o Núcleo me leve se farei o mesmo a alguém.

Elona abanou a cabeça.

— Não podes salvar as pessoas de si próprias, Leesha. É provável que a tua mentira inocente lhe tenha piorado ainda mais as coisas. Se tivesses dito a verdade e me deixasses pedir um saco de ouro para compensar a afronta, estaríamos despachados.

— É um ser humano, mãe, não é uma...!

Rojer ignorou-as, mantendo os olhos na cortina e pensando na pobre rapariga com a voz bela. Ouviram-se gritos abafados, mas Rojer não percebia o que era dito sobre as vozes iradas a seu lado.

— Podem calar-se as duas?!

As duas mulheres lançaram-lhe olhares furiosos, mas silenciaram-se. O som além da cortina cessou e isso assustou Rojer ainda mais. Estava prestes a aproximar-se quando a cortina foi aberta e Inevera voltou para junto deles, trazendo consigo Amanvah e uma Sikvah chorosa. Amanvah rodeava a rapariga com o braço, confortando-a e oferecendo a sua compreensão. Rojer sentiu-se grato e a sua mão ergueu-se para tocar o medalhão sob a camisa.

Inevera curvou-se diante de Rojer.

— Peço desculpa pelo insulto que te foi feito, filho de Jessum. A tua apanhadora de ervas mentiu-te. Sikvah é impura e será, obviamente, punida com severidade pelas suas mentiras. Imploro-te que não duvides da honra da minha filha por te surgir associada com esta rameira. — Enquanto falava, passava os dedos sobre a faca decorada com jóias que trazia à cintura e Rojer não conseguiu evitar pensar no tipo de castigo que gente tão dura consideraria «severo».

Seguiu-se uma pausa em que todos esperavam a sua resposta. Rojer olhou em redor e pareceu-lhe que as mulheres sustinham a respiração. Porquê? Não lhe tinham dado qualquer importância no momento anterior.

Foi então que o atingiu. «Sou eu o ofendido.»

Sorriu, mascarando a expressão com uma máscara de Jogral endireitando as costas e enfrentando directamente o olhar de Inevera pela primeira vez.

— Depois de as ouvir cantar, não separarei o dueto. A voz de Sikvah é mais importante para mim do que a sua pureza.

Inevera descontraiu um pouco.

— É muito bondoso da tua parte. Mais do que merece esta pega.

— Ainda não decidi nada — clarificou Rojer. — Mas preferia que não fosse submetida a... pressão desnecessária que lhe possa afectar a voz, antes de decidir. — Inevera sorriu por trás do seu véu diáfano, como se Rojer tivesse passado alguma espécie de teste.

Elona segurou-o pelo braço, puxando-o para trás.

— Isto afectará o dote, claro.

Inevera acenou afirmativamente.

— Claro. Se aceitares ser a acompanhante, as raparigas poderão permanecer na ala do filho de Jessum para que se possa acostumar a elas e assegurar a inexistência de... pressão, antes de decidir.

— A minha mãe é uma excelente acompanhante — murmurou Leesha. Inevera

olhou-a com curiosidade, como se não conseguisse interpretar o sarcasmo no tom de Leesha, mas não disse nada.

Rojer abanou a cabeça, como se despertasse de um sonho. «Acabo de ser prometido?»



Abban chegou pouco após o pôr-do-sol para os escoltar até à aplicação das chicotadas. Leesha conferiu uma última vez as ervas e ingredientes no seu cesto, inspirando profundamente para acalmar o estômago revolto. Pelo que tinham feito a Wonda, os dal'Sharum não mereciam melhor, mas isso não significava que Leesha quisesse ver as suas costas serem dilaceradas. Mas, depois de testemunhar a pouca importância que os krasianos conferiam ao tratamento dos feridos, receou que os ferimentos pudessem infectar e matar os homens de qualquer forma, se não fosse ela própria a tratá-los.

Em Forte Angiers, Leesha e Jizell tinham tratado semanalmente homens chicoteados pelo juiz, mas nunca conseguira presenciar o castigo sem chorar e, habitualmente, sem voltar a cara. Era uma prática horrenda, apesar de raramente Leesha ter necessitado de tratar o mesmo homem duas vezes. Recebiam a lição e recordavam.

— Espero que compreendas a honra que o meu mestre te concede a ti e à filha de Flinn por administrar pessoalmente o castigo — disse Abban — em vez de passar a tarefa a algum dama que pudesse demonstrar simpatia pelo seu acto e afrouxar os golpes.

— Os dama demonstram simpatia por violadores? — perguntou Leesha.

Abban abanou a cabeça.

— Deverás compreender, mestra, que os nossos costumes são diferentes dos vossos. O facto de tu e as tuas mulheres caminharem livremente com as faces e com as... hmm... — indicou com a mão o decote baixo de Leesha — ... com os encantos expostos ofende muitos homens, que receiam que coloquem ideias ilícitas na cabeça das suas mulheres.

— E quiseram mostrar a Wonda o seu lugar — disse Leesha. Abban acenou com a cabeça afirmativamente.

Leesha franziu a testa, mas, de repente, o estômago acalmou-se. Magoar

intencionalmente outro ser humano ia contra o seu juramento de Herbanária, mas nem Bruna teria hesitado em ministrar lições dolorosas a gente que não conseguia comportar-se de forma civilizada.

— O meu mestre ordenou também a presença dos Damaji, bem como dos kai'Sharum respectivos — explicou Abban. — Deseja que percebam a necessidade de aceitar alguns dos vossos costumes.

Leesha acenou afirmativamente.

— Ahmann disse que foi quase o mesmo quando conheceu o Par'chin.

A expressão de Abban permaneceu cuidadosamente neutra, mas Leesha viu a sua pele mudar ligeiramente de cor. Não a surpreendia que Arlen tivesse aquele efeito nas pessoas antes mesmo de começar a tatuar a pele.

— O meu mestre mencionou o Par'chin? — perguntou Abban.

— Na realidade, fui eu a fazê-lo — disse Leesha. — Surpreendeu-me que Ahmann também o conhecesse.

— Ah sim. O meu mestre e o Par'chin eram grandes amigos — disse Abban, surpreendendo Leesha. — Ahmann era o seu ajin'pal.

— Ajin'pal? — repetiu Leesha.

— O seu... — Abban franziu a testa procurando a expressão adequada — ... irmão de sangue. Talvez fosse assim que o dirias. Ahmann mostrou-lhe o Labirinto e sangraram um pelo outro. Entre o meu povo, isto gera um laço tão forte como se o mesmo sangue corresse nas veias de cada um. — Leesha abriu a boca, mas, antes que pudesse dizer algo, Abban interrompeu-a. — Devemos partir agora, se desejarmos chegar a tempo, mestra — disse. Reuniram a restante delegação do Outeiro, incluindo Amanvah e Sikvah, que se mantinham próximas de Rojer.

Foram escoltados até à praça da cidade de Forte Rizon, um enorme anel empedrado no centro da cidade, com um grande poço ao centro e rodeado por lojas movimentadas. Leesha viu mulheres rizonanas e krasianas fazendo compras, mas, apesar de continuarem a vestir as suas roupas nortenhas, as suas faces estavam cobertas por tecido que pendia sobre os seus pescoços enquanto caminhavam em público. Muitas fitaram Leesha e a sua mãe com olhos arregalados, vendo-as mover-se com a face exposta, como se esperassem que os dal'Sharum da sua escolta as atacassem a qualquer momento.

Muitos krasianos já estavam reunidos, incluindo os Damaji nos seus palanquins

cobertos e muitos Sharum e dama. Três postes de madeira tinham sido erigidos no círculo, mas não se viam grilhetas ou cordas.

Ouviu-se um burburinho e a multidão voltou-se para ver Jardir entrar no círculo, seguido por Inevera sobre o seu palanquim e pelas suas restantes esposas. Leesha contou catorze, mas não soube se seriam todas. Aproximaram-se e ergueram-se junto a Leesha e aos outeireiros, suficientemente perto para que Leesha cheirasse o perfume da Damajah.

Jardir caminhou até aos postes, acenando com a mão às Lanças do Libertador. Os três dal'Sharum não precisaram de ser empurrados nem escoltados, caminhando para a praça e despindo-se até à cintura. Ajoelharam e encostaram a testa às pedras do chão diante de Jardir. A seguir, ergueram-se e rodearam os postes com os braços, sem nada que os prendesse. Aquele cujo braço tinha sido partido por Wonda tinha o membro afectado contido por gesso branco.

Jardir levou a mão ao interior da túnica, puxando um chicote de três caudas feito de couro entrançado, com pedaços de metal aguçado presos nos últimos centímetros de cada cauda.

— O que é aquilo? — perguntou Leesha a Abban. Esperava que Jardir usasse um simples chicote de montar. Aquele parecia-lhe muito mais brutal.

— Chama-se cauda de alagai — explicou Abban. — É um chicote de dama. Dizem que ser golpeado por um se assemelha a ser golpeado pela cauda de um demónio da areia.

— Quantas chicotadas receberá cada um? — perguntou Leesha.

Abban riu-se.

— As que conseguirem suportar. Os Sharum são chicoteados até largarem o poste e tombarem.

— Mas... isso poderá matá-los! — disse Leesha.

Abban encolheu os ombros.

— Os Sharum são grandes guerreiros, mas não são conhecidos pela sua inteligência nem pelo instinto de autopreservação. Considerarão um teste de virilidade suportar o máximo de chicotadas. Os seus irmãos apostarão no que resistir mais tempo.

Leesha franziu o sobrolho.

— Nunca compreenderei os homens.

— Nem eu — concordou Abban.

Foi um espectáculo brutal, com cada golpe da cauda de alagai deixando marcas ensanguentadas nas costas das vítimas. Jardir aplicava uma chicotada a cada homem, antes de voltar ao primeiro, mas Leesha não percebeu se o fazia por bondade ou para tentar impedir que a dor os deixasse dormentes. Estremeceu com cada golpe, sentindo que também ela era atingida. Lágrimas escorreram-lhe pela face e desejou poder fugir daquele espectáculo horrível à medida que as costas dos homens se transformavam em enormes feridas abertas que expunham as suas costelas ao mundo. Nenhum deles gritou ou revelou o bom senso de cair.

Em determinado ponto, afastou o olhar e viu que Inevera observava o castigo com total calma. Percebeu que Leesha a olhava e sorriu de troça ao ver as lágrimas na sua face.

Algo quebrou em Leesha nesse momento, uma pontada de fúria agindo como guarda contra o sofrimento dos homens. Endireitou as costas, secou os olhos e observou as chicotadas restantes com a mesma calma fria demonstrada pela Damajah.

Pareceu durar para sempre, mas, por fim, um dos guerreiros caiu, seguindo-se outro. Leesha viu guerreiros trocando moedas perante os resultados e sentiu vontade de cuspir. Quando o último homem caiu, Jardir acenou-lhe com a cabeça e Leesha correu para junto dos homens, puxando pela linha, unguentos e ligaduras que preparara. Esperou que fosse suficiente.

Jardir bateu com a lança no chão, fazendo-a olhá-lo.

— Passem palavra a todos os que desejam ver o Paraíso no fim da estrada solitária! — gritou Jardir, com voz trovejando pelo círculo e alcançando as ruas. — Qualquer mulher que derrube um demónio na alagai’sharak será Sharum’ting e merecerá todos os direitos reconhecidos aos Sharum!

Um murmúrio chocado percorreu os guerreiros reunidos e Leesha viu faces horrorizadas em dama e Sharum. Ouviram-se protestos irados, mas Jardir silenciou-os com um rugido.

— Se alguém se opuser a esta determinação na próxima noite — disse, mostrando os dentes — que avance. Prometo uma morte rápida e honrosa. Quem se opuser à minha palavra amanhã não merecerá idêntica misericórdia. — Viam-se muitas expressões descontentes entre a multidão, mas ninguém foi tolo ao ponto de avançar.



No dia seguinte, Abban chegou ao pátio do Palácio de Espelhos acompanhado por um dal’Sharum. O véu nocturno vermelho do guerreiro pendia-lhe junto aos ombros e a barba negra tinha áreas grisalhas. Não havia nada remotamente fraco no homem, mas, mesmo assim, Leesha surpreendeu-se. Poucos guerreiros krasianos pareciam viver o suficiente para que as suas barbas se colorissem com pêlos grisalhos. Caminhava com porte orgulhoso, mas a sua expressão era grave, como se contivesse um esgar de desaprovação.

— Permite-me que apresente Gavram asu Chenin am’Kaval am’Kaji, instrutor do Kaji’sharaj — disse Abban. O guerreiro curvou-se ao ser apresentado e Leesha segurou as saias e respondeu com uma vénia.

O guerreiro disse alguma coisa em krasiano, demasiado rápido para que Leesha conseguisse compreender, mas Abban não perdeu tempo a traduzir.

— Diz: estou aqui por ordem do Libertador para treinar os teus guerreiros para a alagai’sharak. O instrutor Kaval supervisionou a formação do Shar’Dama Ka e também a minha quando estávamos no sharaj — acrescentou Abban. — Não há melhor.

Leesha semicerrou os olhos e olhou Abban, procurando a verdade escondida na tranquilidade treinada da sua expressão. Afinal, fora no sharaj que ficara mutilado.

Leesha voltou-se para Gared e Wonda.

— Desejam ser treinados?

Kaval e Abban trocaram impressões por breves instantes, voltando a falar tão rapidamente que Leesha, apesar de perceber muitas das palavras, continuava a não conseguir compreender. Abban pareceu querer fazer valer um ponto, mas Kaval cerrou um punho e o khaffit curvou a cabeça de forma submissa.

— O instrutor pede que transmita aos teus guerreiros que a sua vontade é irrelevante. O Shar’Dama Ka deu uma ordem e será obedecida.

Leesha franziu a testa e abriu a boca, mas Gared antecipou-se.

— Não faz mal, Leesha. — Ergueu uma mão. — Eu quero aprender.

— Eu também — disse Wonda.

Leesha acenou afirmativamente e deu um passo ao lado enquanto Kaval convidava os dois a aproximarem-se para serem examinados.

Grunhiu em aprovação do gigante Gared, mas pareceu menos impressionado com Wonda, apesar de ser tão grande e forte como a maioria dos dal'Sharum. Voltou novamente para junto de Leesha.

— Posso fazer do gigante um grande guerreiro — traduziu Abban – se for disciplinado. Quanto à mulher... veremos. — Não pareceu ter grandes esperanças.

O instrutor atravessou novamente o pátio, com movimentos rápidos e graciosos. Olhou Gared e bradou uma ordem, batendo no peito.

— O instrutor gostaria que o atacassem — explicou Abban.

— Não precisavas de traduzir isso — disse Gared. Avançou, erguendo-se sobre o instrutor, mas Kaval não parecia impressionado. Gared rugiu e atacou, mas os seus murros, por mais cuidadosos que fossem, encontravam apenas ar. Projectou-se para o prender numa chave de braços e deu consigo deitado de costas no momento seguinte. Kaval torceu-lhe o braço até Gared gritar. A seguir, libertou-o.

— Será ainda mais duro contigo — advertiu Abban, dirigindo-se a Wonda. — Prepara-te.

— Não tenho medo — disse Wonda, avançando.

Wonda durou mais tempo do que Gared, com movimentos mais fluidos e velozes, mas o resultado nunca esteve em dúvida. Por duas vezes, os golpes de Wonda aproximaram-se o suficiente para forçar o instrutor a bloqueá-los, mas respondeu com um golpe com as costas da mão no queixo que a fez dobrar-se e cuspir sangue. Na ocasião seguinte, recorreu a um golpe no estômago que quase a fazia vomitar.

Kaval prendeu-lhe o braço antes que conseguisse recuperar e torceu-o até cair sobre o empedrado. Wonda pontapeou-o na face ao cair, atingindo o alvo, mas Kaval não se mostrou afectado, esboçando um sorriso amplo ao torcer-lhe o braço. A face de Wonda tornou-se mais pálida e cerrou os dentes, mas recusou-se a gritar.

— O instrutor partir-lhe-á o braço se não aceitar a derrota — advertiu Abban.

— Wonda — disse Leesha. Por fim, a rapariga teve o bom senso de gritar.

Kaval libertou-a e disse algo a Abban num tom rancoroso.

— Talvez possa fazer algo dela, afinal — traduziu Abban. — Deixem-nos, por favor, para que possamos treinar sem distracção.

Leesha olhou Gared e Wonda e acenou afirmativamente.

— Por que não te juntas a mim e a Rojer para o chá, Abban?

— Seria uma honra — disse Abban, curvando-se.

— Mas, em primeiro lugar — disse Leesha, com um tom de voz mais duro —, deixa claro a mestre Kaval que o esperará uma viagem ao Núcleo se, quando voltar, descobrir que os meus guerreiros estão demasiado feridos para lutar esta noite.



As esposas de Abban tentaram servi-los, mas Amanvah silvou e fê-las recuar. Bateu com as mãos e Sikvah correu a preparar o chá. Leesha torceu o nariz. A rapariga podia ser sobrinha de Jardir, mas era pouco mais do que uma escrava.

— Desde ontem que o fazem — disse Rojer. Amanvah disse qualquer coisa em krasiano e Abban acenou-lhe com a cabeça.

— É nosso dever servir as necessidades de Rojer — traduziu. — Não permitiremos que outras o façam.

— Podia habituar-me a isto — disse Rojer, sorrindo, esticando as costas e colocando as mãos atrás da cabeça.

— Mas não te habitues demasiado — disse Leesha. — Não durará. –

Viu os olhos de Amanvah estreitarem-se depois de falar, mas a rapariga não disse nada.

Sikvah regressou pouco depois com o chá. Serviu-os em silêncio e, a seguir, recuou para onde Amanvah esperava junto à parede. Leesha provou o chá, manteve-o na boca por um momento e voltou a cuspi-lo para a chávena.

— Juntaste uma pitada de folha-negra à mistura — disse a Sikvah, voltando a pousar a chávena sobre a mesa. — Inteligente. A maioria das pessoas não teria conseguido sentir-lhe o sabor e, com esta dosagem, levaria semanas a matar-me.

Rojer engasgou-se e cuspiu o chá por si abaixo. Leesha segurou-lhe a chávena que deixava cair e passou um dedo pelo bordo de porcelana, levando-o à boca.

— Não tens motivo de preocupação, Rojer. Parece que não sentem a mesma avidez para se livrarem de ti.

Abban pousou cuidadosamente a sua chávena na mesa. Amanvah olhou-o e disse alguma coisa em krasiano.

— Ah... — disse Abban a Leesha. — Fazes acusações sérias. Desejas que traduza?

— Por favor — riu-se Leesha. — Apesar de não duvidar de que compreendeu cada palavra.

Abban falou e Amanvah guinchou, correndo para Leesha e gritando-lhe.

— A dama'ting chama-te mentirosa e tola — traduziu Abban.

Leesha sorriu e ergueu a chávena.

— Nesse caso, diz-lhe que beba.

A fúria fazia brilhar os olhos de Amanvah. Retirou-lhe a chávena da mão sem esperar tradução. O líquido continuava quente, mas ergueu o véu e engoliu-o de uma só vez. Fitou Leesha com um olhar de triunfo, mas Leesha limitou-se a sorrir.

— Diz-lhe que sei que poderá tomar o antídoto esta noite — disse.

— Mas, se for o mesmo que usamos no Norte, ficará com diarreia sangrenta durante uma semana. — A cor desapareceu da pequena área de pele visível em redor dos olhos de Amanvah antes que Abban terminasse a tradução.

— Da próxima vez que tentares alguma coisa semelhante, informarei o teu pai — disse Leesha. — E, se o conheço, o sangue que partilham não o impedirá de arrancar as tuas bonitas vestes brancas para te curtir o couro, se não optar por matar-te.

Amanvah fitou-a com ódio, mas Leesha limitou-se a acenar-lhe com a mão.

— Deixa-nos.

Amanvah silvou qualquer coisa.

— Não te cabe dispensar-nos — traduziu Abban.

Leesha voltou-se para Rojer, que parecia agoniado.

— Envia as tuas noivas para os seus aposentos, Rojer.

— Vão! — gritou Rojer, acenando com a mão. Nem sequer as olhou. As sobrancelhas de Amanvah formaram um V irado e exclamou qualquer coisa em krasiano para Leesha antes de sair, seguida por Sikvah. Leesha memorizou as palavras, arquivando o insulto para utilização futura.

Abban riu-se.

— Não admira que a Damajah te receie.

— Não parece recear-me agora — notou Leesha. — Revela ousadia tentar matar-me em pleno dia.

— Depois do último decreto de Ahmann, não surpreende — disse Abban. — Mas alegra-te. É uma grande honra. Em Krasia, se ninguém tentar matar-te, é porque não tens importância suficiente.



— Talvez esteja na altura de partir — sugeriu Rojer, quando Abban os deixou.
— Se nos autorizarem a fazê-lo. — Não podia negar que Amanvah e Sikvah o tinham tentado, mas, depois do que presenciara, conseguia apenas imaginar facas escondidas por baixo das almofadas de seda macia na câmara de cada uma.

— Ahmann deixar-nos-ia partir se lho pedisse — disse Leesha.
— Mas não vou a parte alguma.

— Leesha, tentaram matar-te! — disse Rojer.

— Inevera tentou e falhou — corrigiu Leesha. — Fugir agora seria tão bom para ela como se tivesse morrido. Recuso-me a ser afugentada por... por aquela...

— Bruxa? — completou Rojer.

— Bruxa — concordou Leesha. — Já tem demasiado poder sobre Ahmann. Não vou abdicar da influência que posso ter sobre ele sem luta.

— De certeza que é só a influência que cobiças? — perguntou Rojer. Leesha fitou-o, mas enfrentou o olhar com frieza. — Não sou cego, Leesha. Vejo como o olhas. Talvez não o faças como uma esposa krasiana, mas também não o fazes como uma amiga.

— O que sinto por ele é irrelevante — afirmou Leesha. — Não tenho qualquer intenção de integrar o seu harém. Sabes que Kaji teve mil esposas?

— Pobre coitado — exclamou Rojer. — Suponho que a maioria dos homens sinta dificuldades para lidar com uma.

Leesha roncou de desprezo.

— Bem podes recordá-lo. Além disso, Abban e Ahmann conhecem Arlen e ambos dizem ser seus amigos.

— Não foi isso que nos contou — lembrou Rojer. — Sobre Jardir, pelo menos.

— Eu sei — disse Leesha. — E quero descobrir a verdade.

— E quanto a Amanvah e Sikvah? — perguntou Rojer. — Mandamo-las embora?

— Para que possam matar Sikvah por mentir acerca da sua virgindade e por

não ter conseguido matar-me? — perguntou Leesha.
— Nem pensar. Assumimos a responsabilidade por ela.

— Isso foi antes de tentar matar-te — disse Rojer.

— Vê a luz, Rojer — disse-lhe Leesha. — Se mandasse Wonda trespassar o olho de Inevera com uma flecha, não duvido de que o faria, mas o crime seria meu. Será melhor mantê-las por perto, onde as poderemos vigiar. Talvez aprendamos alguma coisa útil.



Os gritos acordaram Leesha a meio da noite. Bateram-lhe à porta com urgência e acendeu uma lanterna, cobrindo-se com o roupão de seda krasiana que Jardir lhe enviara. Era frio e deliciosamente suave contra a sua pele.

Abriu a porta e deparou com Rojer, com aspecto desmazelado.

— É Amanvah — disse. — Ouço-a gritar nos seus aposentos, mas Sikvah não abre a porta.

— Eu sabia — murmurou Leesha, prendendo com mais força o roupão e colocando o avental com bolsos. — Muito bem — disse, suspirando. — Vamos vê-la.

Desceram à ala de Rojer e Leesha bateu na porta dos aposentos que as duas raparigas krasianas ocupavam. Ouvia os gritos abafados de Amanvah do outro lado da porta. Sikvah gritou-lhes em krasiano que se fossem embora.

Leesha franziu a testa.

— Rojer — gritou —, vai buscar Gared. Se esta porta não estiver aberta quando voltares, manda-o deitá-la abaixo. — Rojer acenou afirmativamente e correu.

Como era esperado, abriu-se uma nesga no momento seguinte e uma Sikvah aterrada espreitou.

— Tudo soalheiro — disse, mas Leesha empurrou-a e entrou, seguindo a voz de Amanvah até à sua câmara privada ao fundo. Sikvah gritou e tentou colocar-se na sua frente, mas Leesha voltou a ignorá-la e tentou abrir a porta. Estava trancada.

— Onde está a chave? — perguntou. Sikvah não lhe respondeu, falando em krasiano, mas Leesha estava farta. Esbofeteou a rapariga com força na face e o

ruído ecoou pelos aposentos. — Pára de fingir que não me percebes! — gritou. — Não sou uma idiota. Se disseres mais uma palavra em krasiano, a fúria da Damajah será a menor das tuas preocupações.

Sikvah não respondeu, mas a expressão aterrada na sua face deixou claro que tinha compreendido.

— Onde. Está. A. Chave? — perguntou novamente Leesha, acompanhando cada palavra com uma exibição de dentes. Sikvah levou rapidamente a mão à túnica, retirando-a.

Leesha entrou num ápice. A câmara ricamente decorada tresandava a fezes e vómito e o fedor conseguia ser agravado pelo jasmim ardendo no incensário, uma combinação doentia capaz de induzir o vómito a quase qualquer pessoa. Leesha ignorou o cheiro, correndo para Amanvah, deitada no chão junto à cómoda, gritando e gemendo. O toucado e os véus estavam afastados e a pele morena parecia quase branca.

— Está desidratada — disse Leesha. — Traz um jarro de água fria e põe uma chaleira sobre o lume. — Sikvah correu e Leesha continuou a examinar a rapariga, bem como o conteúdo da cómoda. Por fim, cheirou a chávena sobre a mesa e saboreou os restos que continha.

— Não preparaste isto da forma correcta — disse a Amanvah. — Poderias ter usado um terço da raiz-carneira para contrariar em segurança a folha-negra. — A jovem dama'ting não disse nada, olhando o vazio e respirando com dificuldade, mas Leesha soube que ouvira e compreendera cada palavra.

Retirou um almofariz e um pilão do avental, com mãos entrando e saindo de vários bolsos sem sequer olhar ao encher o recipiente com a mistura adequada de ervas. Sikvah trouxe a água quente e Leesha ferveu uma segunda poção, pedindo a Sikvah que erguesse a sua ama, enquanto forçava a mistura pela garganta da rapariga.

— Abre as janelas para que entre ar fresco — disse-lhe Leesha. — E traz almofadas. Precisará de ficar aqui durante as próximas horas, enquanto a hidratamos.

Rojer e Gared espreitaram e Leesha não perdeu tempo a mandá-los para a cama. Juntamente com Sikvah, ocupou-se de Amanvah até as suas entranhas acalmarem e conseguirem levá-la para a cama.

— O sono será o melhor remédio para ti — disse Leesha, erguendo outra poção

até aos lábios de Amanvah. — Acordarás daqui a doze horas e tentaremos que comas algum arroz e pão.

— Por que fazes isto? — sussurrou Amanvah, com sotaque carregado como o da sua mãe, mas pronunciando cada palavra com clareza. — A minha mãe não revelaria a mesma compaixão por quem tentasse envenená-la.

— Nem a minha, mas não somos as nossas mães, Amanvah — disse Leesha.

Amanvah sorriu.

— Quando voltar a enfrentá-la, talvez deseje que o veneno me tivesse matado.

Leesha abanou a cabeça.

— Estás sob o meu telhado agora. Ninguém te fará nada, incluindo forçar-te a casar com Rojer se não quiseres fazê-lo.

— Mas queremos, mestra — disse Sikvah. — O belo filho de Jessum é tocado por Everam. Que mais poderia desejar qualquer mulher que pudesse tornar-se primeira ou segunda esposa de tal homem?

Leesha abriu a boca para responder e voltou a fechá-la de imediato, sabendo que qualquer resposta que desse não seria compreendida.



Elona sentava-se no corredor quando, por fim, Leesha saiu da câmara de Amanvah. Leesha suspirou, querendo apenas voltar para a cama, mas Elona ergueu-se e acompanhou-a pelas escadas acima.

— É verdade o que diz Rojer? — perguntou. — As raparigas tentaram envenenar-te?

Leesha respondeu com um aceno afirmativo.

Elona sorriu.

— Significa que Inevera acredita que tens boas hipóteses de lhe roubar o marido.

— Estou bem. Obrigada pela preocupação — disse Leesha.

— Claro que estás — tornou Elona. — És minha filha, gostes ou não. Nenhuma bruxa do deserto conseguirá travar-te quando gostares de um homem.

— Não quero roubar o marido de outra mulher, mãe — disse Leesha.

Elona riu-se.

— Então por que estás aqui?

— Para tentar impedir uma guerra — disse Leesha, secamente.

— E se o custo de impedir uma guerra for roubar o marido de uma mulher que tentou assassinar-te? — perguntou Elona. — Será um preço demasiado elevado? — Roncou. — Não é roubo, seja como for. Estas mulheres partilham os maridos como as galinhas partilham o seu galo.

Leesha revirou-lhe os olhos.

— Que privilégio ser uma das galinhas poedeiras de Ahmann.

— É melhor do que ser uma das que acabam no matadouro — ripostou Elona.

Chegaram aos aposentos de Leesha e Elona seguiu-a para o interior. Leesha deixou-se cair sobre um divã coberto de almofadas, escondendo a cara nas mãos.

— Quem me dera que Bruna aqui estivesse. Saberia o que fazer.

— Casaria com Jardir e amansá-lo-ia — disse Elona. — Se tivesse o teu corpo e juventude, teria vergado os dois Libertadores à sua vontade e ter-se-ia aproveitado deles para adoçar o fardo.

— Não podes saber isso, mãe — argumentou Leesha.

— Sei melhor do que tu — disse Elona. — Fui aprendiza daquela bruxa miserável antes de nasceres e, nesse tempo, havia quem recordasse Bruna no seu auge. Pelo que diziam os poucos que a recordavam, as suas pernas nunca se fecharam até casar, já em idade avançada. E governava a aldeia com maior segurança ainda do que na velhice. Com maior segurança do que tu porque tinha poder. Não apenas aqui — Elona espetou um dedo na têmpora de Leesha —, mas também aqui. — Estendeu um dedo para apontar as suas próprias virilhas. — É esse o poder de uma mulher, tanto quanto a recolha de ervas. E apenas uma tola se recusa a tirar proveito dele.

Leesha abriu a boca para protestar, mas, por algum motivo, as palavras da sua mãe pareciam-lhe verdadeiras e não lhe ocorreu nenhuma refutação. Bruna fora uma velha imunda, fazendo comentários indecorosos com frequência e contando histórias da sua juventude promíscua. Leesha rejeitara a veracidade de muitas dessas histórias, pensando que a velha gostava apenas de chocar quem a ouvia, mas, agora, perdera essa certeza.

— Tirar proveito como? — perguntou.

— Jardir está obcecado por ti — disse Elona. — Qualquer mulher consegue percebê-lo após olhar para ele. É por isso que Inevera te receia e é por isso que tens uma oportunidade de apanhar esta serpente do deserto pela garganta e

afastá-la do teu povo.

— Do meu povo — repetiu Leesha. — Do Outeiro.

— Claro que falo do Outeiro! — gritou Elona. — O Sol de Rizon pôs-se e não há nada a fazer.

— E quanto a Angiers? — perguntou Leesha. — Lakton? Todos os povoados entre as duas cidades? Poderei conseguir proteger o Outeiro, mas que posso fazer por eles?

— Da cama de Jardir? — perguntou Elona, incrédula. — Existe outro local no mundo de onde conseguisses influenciar mais a guerra? Sacia a luxúria de um homem e dar-te-á tudo o que pedires. Certamente, esse teu grande cérebro conseguirá imaginar alguns pedidos simples que consigam acalmar as suas pretensões mais violentas. — Debruçou-se para Leesha, aproximando os lábios do seu ouvido. — Ou preferes que seja a voz de Inevera a segredar-lhe conselhos enquanto adormece em cada noite?

Era um pensamento aterrador e Leesha abanou a cabeça, sem deixar de se sentir insegura.

— Os portões do Paraíso não se situam entre as tuas pernas, Leesha — disse Elona. — Sei que querias esperar pela noite do teu casamento e, verdade seja dita, também te desejei o mesmo. Mas não aconteceu dessa forma e a vida continua.

Leesha olhou a mãe com intensidade e viu o olhar desafiador de Elona fixo nela, mostrando que estava preparada para defender cada palavra.

— Vês o mundo com muita clareza, mãe — disse Leesha. — Às vezes, invejo-te.

Elona sentiu-se abalada.

— Invejas? — repetiu, incrédula.

Leesha sorriu.

— Mas não com muita frequência.

Trinta

Selvagem

333 DR Verão

RENNA ESPEROU PACIENTEMENTE enquanto o demónio da rocha se materializava. Escolhera com cuidado o seu poiso, sobre uma árvore alta isolada numa colina, onde uma grande elevação rochosa se projectava do chão como um osso partido rasgando a carne.

O padrão dos rastos no solo dizia-lhe que o nuclita gigante, rondando os três metros de altura, se materializava no mesmo local em quase todas as noites. Ao longo das seis semanas anteriores, Arlen ensinara-lhe muitas coisas, incluindo que os demónios da rocha eram criaturas de hábitos e que os demónios menores teriam aprendido a afastar-se de qualquer território de materialização reclamado por um deles.

Enquanto a peçonhenta névoa cinzenta se erguia da rocha, consolidando-se lentamente na forma do demónio, fechou os olhos, inspirando profundamente ao acolher o medo e encontrar o seu centro.

Espantava-a a eficiência da técnica krasiana. A princípio, fora um desafio, mas, agora, bastava-lhe apenas um momento para mudar de perspectiva, colocando-se num refúgio mental em que não existia dor nem medo de qualquer inimigo ou do fracasso.

O mundo parecia-lhe diferente quando abriu os olhos e se ergueu, com os pés descalços sobre o ramo da árvore em equilíbrio perfeito. Segurava na mão esquerda a faca de Harl, passando distraidamente o polegar sobre as guardas que gravara no cabo de osso. Na mão direita, segurava uma única castanha.

Uma brisa fresca fez agitar as folhas amareladas à sua volta e inspirou, permitindo que o ar lhe acariciasse a pele nua, sentindo que integrava tanto a noite como o demónio que se materializava por baixo, alheio à sua presença.

O cabelo castanho pela cintura atrapalhara-a e tornara-se um resquício curto e espetado, com uma única trança para recordar o seu anterior comprimento. Rejeitara por completo o vestido, cortando-o em duas partes: um colete com atilhos apertados que lhe mantinham os seios presos, mas que se abria abaixo para expor a barriga guardada, e uma saia com rachas elevadas de ambos os

lados que libertavam as pernas guardadas.

Arlen continuava a recusar guardar-lhe a pele, mas ignorara-o, preparando as suas próprias tintas com caulinegra. A tinta manchava-lhe a pele de castanho-escuro, resistindo vários dias antes de desaparecer.

Olhou para baixo, vendo que o demónio solidificava por fim e lançou a castanha. Sem esperar que atingisse o alvo, abandonou o ramo e deixou-se cair em silêncio.

A castanha atingiu o ombro mais distante do demónio enquanto caía e a guarda térmica que pintara na sua superfície lisa iluminou a escuridão ao sugar a magia do poderoso nuclita. A castanha dura sobreaqueceu num instante e explodiu com estrondo.

O demónio da rocha permaneceu ileso, mas o clarão e o ruído fizeram-no voltar a cabeça noutra direcção, no momento em que Renna aterrava sobre o seu amplo ombro couraçado. Segurou-lhe um dos chifres com a mão livre para conseguir equilibrar-se e cravou-lhe a faca na garganta. As guardas na lâmina cintilaram e foi recompensada pelo influxo de magia e por um esguicho de sangue negro que lhe cobriu a mão.

Rosnou e ergueu o braço para novo golpe, mas o demónio uivou, projectando a cabeça para trás e Renna conseguiu apenas segurar-se ao chifre para não cair.

Moveu-se freneticamente para evitar as garras enquanto o demónio golpeava a própria cabeça num esforço para a desalojar e para fazer com que parasse de cravar a faca, pontapeando com pés guardados os alvos que conseguisse alcançar. A magia explodia a cada golpe, fazendo um arrepio eléctrico percorrê-la, tornando-a mais rápida, mais forte, mais resistente com cada toque. As guardas em redor dos olhos activaram-se e a noite iluminou-se com o brilho da magia.

Os seus golpes distraíram o demónio, mas conseguiram pouco mais. Já não conseguia alcançar os olhos e a garganta vulneráveis e não tinha equilíbrio suficiente para cravar a faca no crânio duro. Mais cedo ou mais tarde, um dos seus movimentos frenéticos esmagá-la-ia. A emoção fê-la rir-se.

Embainhando a faca, Renna levou a mão ao cinto, libertando o longo cordão de seixos do rio que Cobie Pescador lhe tinha oferecido no que parecia ser outra vida. Rodeou o pescoço do demónio com o colar, libertando o chifre e segurando a ponta do fio quando voltou até ela. Cruzou os braços e deixou-se cair no vão

entre as suas omoplatas couraçadas, pendendo da extremidade do cordão de couro, longe do alcance do nuclita.

Foi projectada em redor, mas conseguiu segurar-se, usando o seu peso para apertar os seixos guardados à volta da garganta do demónio. Renna pintara as pedras lisas com guardas de protecção e estas cintilaram para repelir, com magia que esmagava de todos os lados.

Momentos depois, os movimentos selvagens do gigantesco demónio da rocha transformaram-se em estremeções e passos cambaleados. O frio aqueceu à medida que a intensidade da magia aumentava, iluminando a noite.

Por fim, ouviu-se um estalo e um clarão final antes de a magia amainar. A gigantesca cabeça cornuda soltou-se e Renna pontapeou o ar, saltando para fora do seu caminho. Aterrou facilmente com os pés sobre a terra enquanto o demónio tombava a seu lado. Conseguia sentir a magia roubada arrepiando-lhe a pele, sarando cada arranhão e nódoa negra resultantes da batalha. Olhou o sangue negro de demónio nas mãos e voltou a rir, recolhendo o colar e partindo a correr para continuar a caçada.

Nunca se sentira tão livre.



Um demónio da chama avançou para ela. Era um nuclita solitário caçando entre a vegetação que rodeava as árvores. Renna fincou os pés perante a carga, esperando a inspiração que assinalava o ataque.

Os demónios da chama iniciavam sempre os seus ataques com uma rajada de saliva flamejante assim que se aproximavam o suficiente. A saliva conseguia incendiar qualquer coisa e, habitualmente, atordoava a presa, deixando-a indefesa para eles prosseguirem com o ataque, servindo-se de dentes e garras. Mas, se o ataque inicial pudesse ser deflectido, seguia-se um breve período até poderem voltar a cuspir fogo.

Renna agachou-se, aproximando a face do solo e apresentando-se como um alvo claro quando o demónio apareceu à sua frente, inspirando. Fechou os olhos ao começar a soprar, um reflexo semelhante ao de um humano durante um espirro e Renna moveu-se imediatamente para a esquerda, com a explosão brilhante de saliva flamejante atingindo o vazio.

Quando o nuclita abriu os olhos e viu que desaparecera, Renna estava atrás dele, segurando-lhe os chifres. Puxou-lhe a cabeça para trás e esventrou-o como se fosse uma lebre apanhada no campo do seu pai.

O sangue do demónio da chama salpicou-a, queimando como carvões em brasa, mas Renna estava num local além da dor. Cobriu com lama as gotas, arrefecendo a pele, antes de se erguer.

Um ruído ténue dissera-lhe que, nos breves momentos que durara a batalha com o demónio da chama, tinha sido rodeada. Voltou-se para ver um demónio da madeira agachado diante dela, com os ombros curvados quase dois metros acima do chão. Mais atrás, esperando entre as árvores, os seus olhos guardados captaram os dois companheiros, com a armadura áspera confundindo-se com o bosque circundante, mas não conseguindo camuflar-lhe a magia. Quando atacasse o primeiro, o mais forte, os outros atacá-la-iam pelos flancos.

Renna matara demónios da madeira muitas vezes, mas nunca enfrentara mais do que um de cada vez sem Arlen a seu lado.

«Conseguirei enfrentar três em simultâneo?» Repeliu o pensamento inútil. Não conseguiria fugir-lhes. Não poderia esconder-se depois de ter sido avistada. Poderia apenas matar ou ser morta.

— Vamos lá — rosnou, apontando a faca ao demónio diante dela.

O Homem Pintado observou Renna entre as árvores do outro lado da estrada, abanando a cabeça. Levara algum tempo a localizá-la. Fora recolher ervas e lenha e obrigara-a a prometer que esperaria no abrigo até regressar, para poderem caçar juntos. Não era a primeira vez que Renna se tornara impaciente ou que ignorara os seus desejos e partira sozinha.

Vendo-a esquivar-se ao alcance do demónio e abrindo-o do dente à cauda com a faca do pai, teve de admitir que aprendia depressa. Mais depressa até do que Wonda dos Lenhadores, Renna Curtidor aplicara-se de corpo e alma na arte de caçar demónios e a sua perícia após apenas algumas curtas semanas era disso testemunho.

Pensou se a sua decisão teria sido a correcta quando a ensinou a acolher os seus medos. Renna levara-o longe demais e depressa se tornava descuidada, e um

perigo tanto para os demónios como para si própria.

Compreendeu aquilo por que passava, mais do que ela alguma vez saberia. A noite era implacável, mesmo para quem se lhe entregava, tal como revelava o grupo de demónios da madeira que vira aproximar-se enquanto Renna se concentrava no demónio da chama. Era provável que apenas visse o que a atacava abertamente. Os que se escondiam atrás de um tronco e na ramagem seriam o seu fim.

O Homem Pintado colocou uma flecha no seu grande arco, retesando a corda. Esperaria até que Renna visse os três e percebesse que estava perdida. Talvez então começasse a revelar maior cautela.



O demónio da madeira rugiu, pretendendo assustá-la e atordoá-la, tal como tentara o demónio da chama com as labaredas cuspidas. Entretanto, os seus companheiros aproximavam-se, posicio
-nando-se para o ataque.

Mas Renna não lhes deu qualquer hipótese, avançando no que parecia ser um ataque suicida. O demónio da madeira expôs fileiras de dentes e garras em gancho, erguendo o peito para receber o seu primeiro ataque. Os demónios da madeira apenas eram superados em força pelos demónios da rocha e era provável que a besta nunca tivesse enfrentado quem lhe perfurasse a armadura semelhante a casca de árvore.

Renna rodopiou, usando o impulso para aplicar um pontapé rotativo. O seu pé e a canela atingiram o peito do demónio e projectaram-no para trás, atordoado, numa explosão de magia.

Os outros demónios rugiram e saíram de entre as árvores e Renna avançou para um, segurando-lhe o pulso e fincando os pés, movendo as ancas para voltar a força do ataque do demónio contra ele. Quase não exigiu esforço a forma como projectou o demónio da madeira pelo ar, fazendo-o embater contra o terceiro elemento do grupo. Correu para eles, cravando a faca de Harl em todas as oportunidades que se lhe apresentavam enquanto os dois nuclitas tentavam separar-se e erguer-se.

Um dos demónios caídos atacou Renna quando esta ficou ao alcance dos seus

braços longos e semelhantes a ramos. Esta lançou-se para trás, sentindo o ar assobiar-lhe diante do peito à passagem das garras. Fora incapaz de guardar eficientemente o tecido do colete e as garras teriam deixado cortes profundos se tivessem atingido o alvo. Invejava a Arlen a possibilidade de lutar sem camisa.

Endireitou-se, ilesa, mas perdeu o impulso e os três demónios da madeira tinham-se erguido e ameaçavam novo ataque. Ostentavam ferimentos incandescentes onde os golpeara, mas, enquanto a magia que lhes roubara sarava as suas feridas, também eles recuperavam rapidamente. Levariam momentos a estar completamente restabelecidos.

Levou a mão à bolsa na cintura enquanto atacavam, lançando um punhado de castanhas guardadas sobre eles. Os demónios guincharam e ergueram os braços para se protegerem à medida que as guardas térmicas cintilavam e as castanhas se incendiavam com minúsculos estalidos.

Os dois nuclitas dos flancos escaparam ilesos, mas o do centro recebeu a salva em cheio e o seu ombro incendiou-se. Num momento, toda a criatura estava coberta por chamas, guinchando e debatendo-se num pânico tresloucado.

Vendo o seu companheiro arder, os demónios que o ladeavam afastaram-se dele dando a Renna o espaço de que precisava. Atacou um deles, apunhalando-o no vão vulnerável entre a terceira e a quarta costelas no lado direito do corpo. A faca longa trespassou o coração negro do nuclita.

Esquivou-se aos seus últimos golpes desesperados e segurou-lhe o ombro com a mão esquerda ao avançar. A guarda na palma da mão aqueceu, queimando a armadura nodosa do demónio, sentindo um impulso de poder quando a magia lhe entrou no corpo. Voltou-se e cravou ainda mais a faca, usando-a para erguer o demónio de noventa quilos acima da cabeça. Gritou, parecendo também um demónio, e lançou-o sobre o seu companheiro em chamas.

A faca de Harl, cravada no demónio, deveria ter-se libertado nesse momento, mas o punho ficou preso nas costelas. Gritou enquanto a faca lhe era arrancada.

Vendo-a desarmada, o último demónio rugiu e atacou, fazendo-a cair sobre a erva e a terra.

Guardas cintilaram por todo o seu corpo, mas o demónio, enlouquecido pela dor e pela raiva, mordeu e arranhou freneticamente até conseguir fincar as garras. Cravou-as e Renna gritou, à medida que o sangue quente ensopava o chão.

Ouviu um ruído nas árvores e percebeu que mais demónios da madeira, atraídos pela luz e pela actividade, não tardariam a lançar-se sobre ela. Não que importasse, se não conseguisse pôr fim rápido ao demónio que a cobria.

O demónio voltou a rugir e imitou-lhe o rugido, empurrando-o com força e colocando-se sobre ele. Era um movimento básico de sharusahk, que qualquer noviço teria conseguido evitar, mas os nuclitas regiam-se pelo instinto. Moveu os joelhos sem parar, atingindo as coxas do demónio para o impedir de mover as pernas com o intuito de a atacar novamente com as garras. Tivera gatos em número suficiente para saber que a luta terminaria rapidamente se conseguisse essa vantagem.

Conseguiu libertar uma mão e levou-a aos seixos, rodeando com eles o pescoço nodoso do nuclita, aproximando-se para lhe minimizar o alcance enquanto cruzava as extremidades do fio e puxava em direcções opostas. Continuava a tentar atingi-la com as garras, mas ela acolheu a dor e manteve-se firme até as guardas cintilarem e a grande cabeça cornuda se separar do tronco com um estalido, cobrindo-a com um jorro de sangue negro e fumegante.



Inconscientemente o Homem Pintado afrouxara a corda do arco quando Renna lançou as castanhas. Conhecia a guarda térmica. Era suficientemente comum no Ribeiro de Tibbet e os seus pais tinham-na usado com frequência no Inverno, pintando grandes pedras em redor da casa e do celeiro para que absorvessem e conservassem o calor. Tentara usá-la para fabricar armas no passado, mas, sendo aplicável a pontas de flecha, acabava sempre por incendiar armas de mão ou por queimar o revestimento do punho, chamuscando-lhe os dedos. Até as minúsculas guardas térmicas na sua pele ardiam horrivelmente quando activadas.

Nunca lhe ocorrera usá-la para guardar castanhas. Tinham-se passado poucas semanas desde que Renna começara a combater na noite e já fazia aplicações criativas de guardas de formas que nunca lhe haviam ocorrido.

Observou-lhe a expressão selvática nos olhos ao erguer o demónio acima da cabeça e pensou se teria tido a mesma expressão das primeiras vezes que sentira o influxo de magia nuclita. Imaginou que sim. Era uma sensação intoxicante e dava ilusões de invencibilidade.

Mas Renna não era invencível e isso foi tornado claro no instante seguinte, quando foi desarmada e o demónio da madeira se lançou sobre ela. O Homem Pintado gritou, com o receio paralisando-lhe a tentativa de usar o arco. Tentou mirar enquanto se debatiam no chão, mas não conseguiu um ângulo limpo e não arriscaria atingir Renna. Baixando o arco, deixou o esconderijo para a salvar.

Descobrindo que o seu auxílio não seria necessário.

Manteve-se imóvel, com o coração acelerado no peito ao ver Renna, a bela Renna, com cujo suave beijo de infância sonhara em tantas noites solitárias na imensidão, ensanguentada e ferida sobre o cadáver do demónio.

Voltou-se para ele, rosnando, até o reconhecimento lhe iluminar os olhos. A seguir, sorriu-lhe, parecendo um gato que acabara de depositar uma ratazana morta aos pés do dono.



Renna rebolou de cima do cadáver, esforçando-se por se colocar de pé antes de outros demónios poderem lançar-se sobre ela. Estava coberta com o seu próprio sangue, apesar de sentir já o estancar do fluxo à medida que a magia roubada começava a curar os ferimentos. Mesmo assim, não se sentia em condições para prosseguir com a luta.

Rosnou, recusando-se a ceder, mas, quando ergueu os olhos, viu apenas Arlen, brilhando intensamente com magia como um dos serafins aureolados do Criador. Vestia apenas a sua tanga e era belo, com músculos pálidos salientes sob as guardas que lhe cobriam a pele. Não era alto como Harl nem encorpado como Cobie, mas Arlen transmitia uma sensação de força que faltava a esses homens. Sorriu-lhe, sentindo-se corar de orgulho pela vitória. Três demónios da madeira!

— Estás bem? — perguntou ele, mas o tom da sua voz era de severidade e não de orgulho.

— Sim — respondeu. — Preciso apenas de um momento para descansar.

Viu-o acenar afirmativamente.

— Senta-te e respira profundamente. Deixa que a magia te cure.

Renna fez o que lhe disse, sentindo os cortes profundos em todo corpo começarem a fechar. Em breve, a maioria ficaria reduzida a cicatrizes finas e até essas desapareceriam rapidamente.

Arlen ergueu os restos queimados de uma das suas castanhas.

— Inteligente — grunhiu.

— Obrigada — disse Renna. Até o elogio mais simples a emocionava.

— Mas, com guardas inteligentes ou sem elas, foi estúpido, Ren — prosseguiu. — Poderias ter incendiado a floresta, sem referir a loucura de enfrentar três demónios da madeira em simultâneo.

Renna sentiu-se como se a tivesse esmurrado no estômago.

— Não lhes pedi para me atacarem.

— Mas ignoraste o que te disse e foste caçar o maldito demónio da rocha sozinha — censurou Arlen. — E deixaste a capa no forte.

— A capa atrapalha quando caço — explicou Renna.

— Não importa — tornou Arlen. — O último demónio quase te matou, Ren. A tua prestação contra ele, no chão, foi horrível. Um nie'Sharum teria conseguido libertar-se dos seus braços.

— Que importa? — ripostou Renna, magoada, mesmo sabendo que estava certo. — Venci.

— Importa — respondeu Arlen — porque, mais cedo ou mais tarde, não vencerás. Até um demónio da madeira poderá ter sorte e libertar-se de uma chave, Renna. Por mais forte que te sintas com a magia fluindo no teu corpo, continuas a não ter sequer metade da sua força. Esquece isso, deixa de os respeitar por um instante, e serás sua. Terás de aproveitar todas as vantagens possíveis e ser invisível aos olhos dos demónios é uma grande vantagem.

— Então por que não usas a capa? — perguntou Renna.

— Porque ta ofereci — respondeu Arlen.

— Merda de demónio — exclamou Renna. — Vasculhaste nos alforges à sua procura como se não a visses há semanas. Aposto que nunca a usaste.

— Isto não é sobre mim — disse Arlen. — Faço-o há muito mais tempo que tu, Ren. A magia embriaga-te e não é seguro. Sei como é.

— Diz o roto ao nu! — gritou Renna. — Fazes o mesmo e estás óptimo.

— Para o Núcleo, Renna! Não estou óptimo! — gritou. — Noite, sinto-me a mudar enquanto falamos. A agressividade, o desdém por quem vive de dia. É a magia a falar. Magia demoníaca. Um pouco torna-te forte. Demasiada torna-te... selvagem.

Ergueu a mão, coberta com centenas de minúsculas guardas.

— O que fiz não é natural. Enlouqueceu-me durante bom tempo e, hoje, acho que a minha sanidade não consegue ser metade do que era. — Colocou-lhe as mãos sobre os ombros. — Não quero que te aconteça o mesmo.

Renna segurou-lhe a face nas mãos.

— Obrigada por te preocupares — disse. Viu-o sorrir e tentar baixar o olhar, mas manteve-lhe a cara segura e não permitiu que quebrasse o contacto visual. — Mas não és o meu pai nem o meu marido e, mesmo que fosses, o meu corpo pertence-me e farei com ele o que entender. Não voltarei a viver a minha vida como me disserem outras pessoas. A partir de agora, sigo o meu caminho.

Arlen franziu a testa.

— Segues o teu caminho ou segues o meu?

Renna arregalou os olhos e cada músculo no seu corpo lhe gritava que se lançasse sobre ele, pontapeando, arranhando e mordendo até... Abanou a cabeça, inspirando profundamente.

— Deixa-me em paz — disse.

— Vem comigo para o forte — disse Arlen.

— Maldito seja o teu forte! — gritou. — Deixa-me em paz, filho do Núcleo!

Arlen olhou-a durante um longo momento.

— Está bem.

Renna firmou o queixo, recusando chorar enquanto ele se afastava. Ergueu-se, mantendo as costas direitas apesar da dor recuperando a faca entre os restos chamuscados do demónio. Apesar das chamas, a faca não apresentava qualquer dano e continuava carregada com magia residual. Limpou-a e devolveu-a à bainha na anca.

Manteve-se ali durante muito tempo depois de Arlen partir, sentindo o conflito interior. Por um lado, queria gritar e avançar pela noite, procurando demónios sobre os quais pudesse vingar-se. Por outro, pensou se Arlen estaria certo e sentiu-se prestes a cair no chão, chorando, a qualquer momento.

Fechou os olhos, acolhendo igualmente a dor e a raiva e afastando-se dos dois sentimentos. Era espantosa a rapidez com que acalmou.

Arlen limitava-se a ser demasiado protector. Depois de tudo o que ela fizera, continuava a não merecer a sua confiança.

Num local além do sentimento, fincou os pés e iniciou o primeiro sharukin, fluindo de um movimento para o seguinte, tentando forçar as posturas aos

músculos de forma tão intensa que viriam sem sequer pensar nelas. Ao fazê-lo, recordava cada momento das batalhas da noite, procurando formas de melhorar.

Ele poderia ser o todo-poderoso Homem Pintado para os outros, mas Renna sabia que era apenas Arlen Fardos do Ribeiro de Tibbet e seria nucleada antes de admitir que havia alguma coisa que pudesse fazer que não estivesse também ao seu alcance.



«Correu bem», pensou o Homem Pintado com sarcasmo ao afastar-se. Não se afastou muito, sentando-se, encostando as costas a uma árvore, fechando os olhos. Os seus ouvidos conseguiam captar o movimento de lagartas sobre folhas. Se Renna precisasse dele, ouviria e correria ao seu encontro.

Amaldiçoou a ingenuidade infantil que o impedira de ver Harl pelo que era. Quando Ilain se ofereceu ao seu pai, achara-a incrivelmente maldosa, mas fazia apenas aquilo que era necessário à sua sobrevivência, tal como ele fizera no deserto krasiano.

E Renna... se tivesse regressado com o pai em vez de fugir depois da morte da sua mãe, teria regressado à quinta com eles, ficando a salvo do pai e sendo poupada à sentença de morte. Os filhos de ambos estariam já em idade de serem prometidos.

Mas voltara-lhe as costas, abandonando outro caminho para a felicidade e, como resultado, a vida dela tornara-se um horror.

Errara ao trazê-la consigo. Fora egoísta. Pensava apenas em si próprio ao condená-la àquela vida apenas para se impedir de enlouquecer por completo. Renna escolhia aquele caminho por sentir que não tinha nada a perder, mas não era demasiado tarde. Nunca poderia regressar ao Ribeiro, mas, se conseguisse levá-la até ao Outeiro do Libertador, veria que ainda havia gente boa no mundo, gente disposta a lutar sem abdicar do que lhe conferia humanidade.

Mas o Outeiro, mesmo que percorressem o caminho mais directo possível, ficava a uma semana de viagem do forte. Precisava de fazer regressar Renna à civilização de imediato, antes de a sua recém-adquirida ferocidade se tornar a única coisa que conhecia.

Ponteflúvia ficava a menos de dois dias de distância. Daí, podiam seguir para o

Córrego do Grilo, para Angiers e para o Coto do Lavrador, antes de chegarem ao Outeiro. Em todas as oportunidades que surgissem, forçá-la-ia a interagir com pessoas e a permanecer desperta durante o dia em vez de perder manhãs a dormir e as tardes a seguir rastos de demónio, como ambos se tinham acostumado a fazer.

Odiava a ideia de passar tanto tempo entre outras pessoas, mas não havia nada a fazer. Renna era mais importante. Se as pessoas vissem as suas guardas e começassem a falar, que assim fosse.



Euchor mantivera a sua palavra e deixara os refugiados atravessarem o Divisor, mas com a perda da colheita de Rizon e depois de passado o solstício de Verão, os tempos seriam difíceis para todos. Ponteflúvia via as suas dimensões aumentadas em ambas as margens do rio por um aglomerado cada vez maior de tendas de refugiados, estendendo-se além das muralhas da aldeia, mal guardado e com imundície e pobreza crescentes. Renna torceu o nariz como sinal de repugnância ao passarem e o Homem Pintado soube que o cenário não contribuía para amainar a sua rejeição da civilização.

O número de guardas no portão também aumentara e olharam o Homem Pintado e Renna com desconfiança quando se aproximaram. Não surpreendia. Coberto da cabeça aos pés mesmo sob o Sol quente, a aparência do Homem Pintado atraía sempre atenções e Renna, vestida com farrapos escandalosamente reveladores e coberta com manchas parcialmente apagadas de caulinegra, não fazia nada para minorar a sua desconfiança.

Mas o Homem Pintado ainda não conhecera um guarda em qualquer cidade e aldeia que não se tornasse favorável ao ver uma moeda de ouro e trazia muitas nos seus alforges. Pouco depois, estavam dentro das muralhas, recolhendo as montadas num estábulo pertencente a uma estalagem apinhada. A tarde chegava ao fim e a gente de Ponteflúvia regressava a casa após o trabalho do dia.

— Não gosto disto — disse Renna, olhando em redor e vendo as pessoas passar às centenas. — Metade das pessoas morre de fome e a outra metade parece esperar que os roubemos.

— Não importa — disse o Homem Pintado. — Preciso de notícias e não as

podemos obter na floresta. Habitua-te às aldeias durante algum tempo. — A resposta não pareceu agradar a Renna, mas manteve a boca fechada e acenou afirmativamente.

A taberna da estalagem estava repleta de clientes naquela altura do dia, mas a maior parte da actividade centrava-se junto ao balcão e o Homem Pintado avistou uma pequena mesa vazia ao fundo. Sentou-se com Renna e uma empregada aproximou-se momentos depois. Era jovem e bonita, apesar de os seus olhos parecerem tristes e cansados. O seu vestido estava bastante limpo, ainda que muito gasto, e percebeu de imediato pelo tom da sua pele e pela forma da face que era rizonana, provavelmente uma das primeiras refugiadas, suficientemente afortunada para encontrar trabalho.

Havia um grupo ruidoso de homens sentados na mesa ao lado.

— Ei, Milly, outra rodada para aqui! — gritou um deles, atingindo o traseiro da empregada de forma sonora. A palmada fê-la saltar e fechar os olhos, inspirando fundo antes de esboçar um sorriso falso, voltando-se para os homens.

— É certo como o dia, rapazes — disse, alegremente.

O seu sorriso dissipou-se e voltou-se para a mesa dos recém-chegados.

— Que querem?

— Jantar e duas cervejas — respondeu o Homem Pintado. — E um quarto, se houver algum livre.

— Há — respondeu a rapariga —, mas com as pessoas que passam pela aldeia, o preço é alto.

O Homem Pintado acenou afirmativamente, pousando uma moeda de ouro sobre a mesa. Os olhos da empregada arregalaram-se. Era provável que nunca tivesse visto ouro real na vida.

— Isto deverá pagar a nossa refeição e as bebidas da noite. Podes guardar o troco. Com quem devo falar acerca do quarto?

A rapariga recolheu imediatamente a moeda, antes que algum dos clientes em redor a visse.

— Fala com o Mich. É ele o dono — disse, apontando um homem grande com mangas arregaçadas e avental branco, suando atrás do balcão à medida que tentava encher todas as canecas que lhe eram estendidas. Quando se voltou para olhar, o Homem Pintado viu-a guardar a moeda num bolso à frente do vestido.

— Obrigado — agradeceu.

A rapariga acenou com a cabeça.

— Já trago as vossas cervejas, Protector. — Curvou-se e partiu.

— Fica aqui e não fales com ninguém enquanto nos consigo um quarto — disse o Homem Pintado a Renna. — Não demoro. — Renna acenou-lhe afirmativamente antes de ele se erguer.

O bar estava muito cheio, com homens procurando as suas últimas cervejas antes de se abrigarem atrás das guardas para passar a noite. Precisou de esperar ao fundo a atenção do estalajadeiro, mas, quando o homem o olhou, o Homem Pintado mostrou outra das suas moedas de ouro e este aproximou-se rapidamente.

Mich parecia um homem outrora musculado que se tornara gordo. Talvez fosse suficientemente volumoso para pôr na rua um cliente desordeiro, mas o sucesso e a meia-idade pareciam ter minado a força da sua juventude.

— Um quarto — disse o Homem Pintado, passando-lhe a moeda. Retirou outra da bolsa e ergueu-a. — E notícias do Sul, se as tiveres. Andei pelo Ribeiro de Tibbet.

Mich acenou afirmativamente, mas semicerrou os olhos.

— Notícias é o que não falta por aqui — afirmou, inclinando-se um pouco para espreitar o interior do capuz.

O Homem Pintado deu um passo atrás e o estalajadeiro recuou de imediato, olhando nervosamente a moeda, receando que desaparecesse.

— Todos falam do Sul nos dias que correm, Protector — disse Mich. — Desde que as ratazanas do deserto raptaram a Herbanária do Outeiro como noiva para o seu líder, o demónio da areia.

— Jardir — rosnou o Homem Pintado, cerrando o punho. Deveria ter-se infiltrado no acampamento krasiano, matando-o quando deixaram o deserto. Outrora, considerara Jardir um homem honrado, mas via agora que tudo fora uma fachada para esconder a sua sede de poder.

— Diz-se — continuou Mich — que lá foi para matar o Homem Pintado, mas o Libertador desapareceu.

A fúria dominou o Homem Pintado, queimando como ácido. Se Jardir tivesse magoado Leesha de alguma forma, se lhe tivesse tocado, matá-lo-ia e faria os seus exércitos recuar para o deserto.

— Sentes-te bem, Protector? — perguntou Mich. O Homem Pintado atirou-lhe

a moeda que segurara no punho fechado e voltou-se sem esperar a chave de um quarto. Precisava de regressar ao Outeiro sem demora.

Nesse momento, ouviu Renna gritar e seguiu-se um gemido de dor.



Renna sustivera a respiração quando entraram na taberna. Nunca vira um sítio como aquele, onde as pessoas se reunissem num aglomerado tão desconfortável. O ruído era ensurdecedor e o ar abafado e fedorento, cheirando a fumo de cachimbo e suor. Sentiu o coração acelerado, mas, quando olhou Arlen e viu que se erguia com firmeza, avançando com passos seguros, recordou quem ele era. Quem eles eram. Endireitou também as costas, enfrentando os olhares dos que a fitavam com fria indiferença.

Ouviram-se uivos e assobios quando alguns dos homens a viram, mas olhou-os com intensidade e a maioria apressou-se a afastar os olhos. Mas, ao abrirem caminho entre a multidão, sentiu uma mão tocar-lhe o rabo. Voltou-se, segurando firmemente o punho da faca, mas não havia sinal do dono da mão. Poderia ter sido qualquer um entre uma dúzia de homens, todos ignorando-a de forma teatral. Cerrou os dentes e apressou-se a seguir Arlen, ouvindo alguém rir atrás de si.

Quando o homem na mesa a seu lado bateu no traseiro da empregada, Renna sentiu-se enfurecer como nunca. Arlen fingiu não ver, mas conhecia-o bem. Como ela, era provável que lutasse contra o desejo de lhe partir o braço.

Depois de Arlen se levantar para falar com o estalajadeiro, o homem voltou a cadeira para ela.

— Pensei que o Protector não se ia embora — disse, com um sorriso amplo. Era um milnês alto, com ombros largos, barba áspera loura e cabelo dourado longo. Os seus companheiros em torno da mesa voltaram-se para olhar Renna, devorando-lhe a pele nua com os olhos.

— Protector? — repetiu, confusa.

— O teu acompanhante de túnica — disse o homem. — Calculei que uma rapariga tão bonita como tu precise de um sacerdote para a escoltar, pois nenhum outro homem conseguiria guardar as mãos para si. — Levou a mão abaixo da mesa, cobrindo-lhe a coxa nua e apertando. O atrevimento chocou Renna.

— Acho que és mulher que chegue para nós os três — sussurrou o homem. — Aposto que já pingas só de pensar nisso. — A sua mão subiu por baixo da saia.

Renna achou que bastava. Baixou a mão e segurou-lhe o polegar com a mão esquerda enquanto pressionava com o nó de um dedo da mão direita o ponto de pressão entre o polegar e o indicador. O homem corpulento perdeu as forças na mão e gemeu de dor. Um movimento de sharusahk torceu-lhe o pulso e espalmou-lhe firmemente a mão sobre a mesa.

Onde a sua faca lha cortou.

Os olhos do homem arregalaram-se e, por um instante, o tempo pareceu deter-se, não havendo reacção sua ou dos seus companheiros. A seguir, subitamente, o sangue começou a esguichar da ferida e o homem começou a gritar. Os amigos ergueram-se, derrubando as cadeiras.

Renna estava preparada para eles. Pontapeou o homem que gritava, lançando-o sobre um dos seus companheiros e saltou para cima da mesa, agachando-se e segurando a faca do pai contra o antebraço, ocultando-a da maior parte das testemunhas, mas mantendo-a preparada para dilacerar quem se aproximasse.

— Renna?! — gritou Arlen, segurando-a por trás. Pontapeou e debateu-se enquanto a puxava da mesa.

— Que se passa aqui? — quis saber Mich, abrindo caminho entre a multidão, armado com uma moca pesada.

— A bruxa cortou-me a mão! — gritou o louro.

— Tiveste sorte por não te ter cortado mais do que a mão! — ros
-nou-lhe Renna sobre o ombro de Arlen. — Não tinhas o direito de me tocar onde tocaste! Não te fui prometida!

O estalajadeiro avançou para ela, mas viu Arlen e arregalou os olhos. O capuz caíra enquanto tentava controlar Renna, expondo a pele guardada.

— O Homem Pintado — murmurou o estalajadeiro. O nome foi repetido e espalhou-se entre a multidão.

— Libertador! — gritou alguém.

— Temos de ir — sussurrou Arlen, segurando-lhe o braço. Renna conseguiu segui-lo abrindo caminho com empurrões entre aqueles que não lhe saíam da frente. Voltou a erguer o capuz, mas um grupo de dimensões consideráveis seguiu-o para fora da estalagem.

Arlen acelerou, arrastando Renna para o estábulo, onde lançou outra moeda ao

moço de estrebaria, avançando para Dançarino do Ocaso.

Momentos depois, saíram do estábulo e atravessaram a aldeia a galope. Os guardas do portão gritaram-lhe quando a multidão da estalagem os seguiu, mas a noite caía e ninguém se atreveu a segui-los pela escuridão.



— Pelo Núcleo, Ren! Não podes andar por aí a cortar mãos às pessoas! — repreendeu-a Arlen quando pararam para passar a noite numa clareira a pouca distância da aldeia.

— Mereceu — disse Renna. — Nenhum homem voltará a tocar-me ali, excepto quem eu quiser.

Arlen fez uma careta, mas não insistiu.

— Para a próxima, parte-lhe o polegar — disse, por fim. — Ninguém te censurará por isso. Depois do que fizeste, não poderemos voltar a Ponteflúvia durante algum tempo.

— Seja como for, odiei aquilo — disse Renna. — É aqui — abriu os braços, como se pretendesse abraçar a noite — que pertencemos.

Mas Arlen abanou a cabeça.

— É ao Outeiro do Libertador que pertenço e, com o que o estalajadeiro me disse antes de enlouqueceres, não podemos perder tempo.

Renna encolheu os ombros.

— Então vamos.

— Como poderemos ir quando acabas de nos impedir de atravessar a única ponte em Thesa? — bradou Arlen. — O Divisor é demasiado profundo para passar a vau e demasiado largo para que Dançarino do Ocaso o atravesse a nado.

Renna olhou os pés.

— Desculpa. Não sabia.

Arlen suspirou.

— Está feito, Ren. Encontraremos uma forma, mas terás de te tapar um pouco nas aldeias. Podes expor as guardas à noite, mas tanta carne visível porá ideias na cabeça de qualquer homem que te veja à luz do dia.

— Na cabeça de qualquer homem menos na tua — murmurou Renna.

— Apenas vêem o decote e as pernas nuas — disse Arlen. — Eu vejo a

rapariga sanguinária que pensa mais com a faca do que com a cabeça.

Renna arregalou os olhos.

— Filho do Núcleo! — guinchou, lançando-se sobre ele, com a faca erguida. Arlen desviou-se sem esforço, segurando-lhe o pulso e torcendo-lho até ela deixar cair a faca. Colocou a mão contra o seu cotovelo e usou a força do ataque para a fazer cair de costas.

Renna tentou erguer-se, mas Arlen caiu sobre ela, segurando-lhe os pulsos e imobilizando-a. Tentou golpeá-lo com o joelho entre as pernas, mas este percebeu o movimento e, no momento seguinte, os seus joelhos pressionavam-lhe as coxas com todo o seu peso. A força mágica de Renna dissipara-se com o Sol, como sucedia em cada dia, e não conseguiu afastá-lo. Gritou e debateu-se selvaticamente.

— Dás-me razão! — rosnou Arlen. — Pára!

— Não era isto que querias? — gritou Renna. — Alguém que não te atrasasse? Alguém que não receasse a noite? — Tentou libertar os braços, mas era como forçar grilhetas de ferro. As suas faces estavam separadas por centímetros.

— Não queria nada, Ren — disse Arlen. — Apenas tirar-te de um sítio mau. Não quis tornar-te... igual a mim.

Renna parou de se debater.

— Não me obrigaste a nada, apenas a olhar-me com atenção. Tudo o resto foi feito porque quis. Se me deixares amanhã, continuarei a pintar a pele. Não voltarei à prisão agora que saboreei a liberdade.

Sentiu os seus dedos afrouxarem e poderia ter libertado as mãos se o desejasse, mas havia algo nos olhos de Arlen, uma centelha de compreensão que não vira antes.

— Pensei na noite em que brincámos aos beijos no sótão, quando era uma miúda — disse-lhe. — Quis que esse beijo fosse uma promessa e sentia-o nos lábios anos depois, enquanto esperava que regressasses. Sempre pensei que o fizesses. Não beijei mais ninguém até beijar Cobie Pescador e, então, fi-lo porque passara a ser a única forma de não ficar sozinha com o meu pai. Cobie era um bom homem, mas não o amava, como ele não me amava a mim. Mal nos conhecíamos.

— Mal me conhecias a mim, quando éramos pequenos — disse Arlen.

Acenou afirmativamente.

— E também não sabia o que significava uma promessa ou que não estava certo o que Lainie fazia com o meu pai. Não compreendia muitas coisas que agora sei.

Sentiu lágrimas acumularem-se-lhe nos olhos e não conseguiu evitar que caíssem.

— Vi o que és e como vives. Não tenho ilusões. Mas ainda conseguiria ser uma esposa para ti. Quero sê-lo, se me aceitares.

Arlen olhava-a em silêncio, mas os seus olhos diziam mais do que quaisquer palavras. Aproximou-se ainda mais. Os seus narizes tocaram-se de passagem e Renna sentiu um arrepio.

— Por vezes, ainda consigo sentir aquele beijo — sussurrou, fechando os olhos e abrindo os lábios. Por um momento, teve a certeza de que a beijaria, mas soltou-lhe os braços e afastou-se. Abriu os olhos, surpresa, vendo-o erguer-se e voltar-lhe as costas.

— Não sabes tanto como achas que sabes, Ren — disse.

Renna quis gritar de frustração, mas a tristeza no tom da sua voz amansou-a. Engasgou-se, ao ajoelhar-se.

— Criador. Já és casado! — Sentiu-se incapaz de respirar.

Mas Arlen voltou a olhá-la e riu-se. Não era a gargalhada educada com que reagiria a uma graça ou um som cruel destinado a magoar, mas uma gargalhada plena que lhe fez estremecer tanto o corpo que precisou de colocar uma mão sobre Dançarino do Ocaso para se equilibrar. Renna sentiu os pulmões aliviados à medida que o som anulava o seu medo. Algo nela cedeu e deu consigo a rir com ele, rodeando o tronco com os braços e esperneando. Durou algum tempo e a tensão entre os dois desaparecera quando, por fim, a gargalhada abrandou e cedeu lugar a risinhos esporádicos, antes de se silenciar por completo.

Renna ergueu-se e colocou uma mão sobre o braço de Arlen.

— Se há alguma coisa que não sei, diz-me o que é.

Arlen olhou-a e acenou afirmativamente. Novamente, afastou-se dela, caminhando alguns metros, de olhos postos no chão.

— Aqui — disse, após um momento, pontapeando a terra. — Há um caminho para o Núcleo aqui.

Renna aproximou-se, olhando com os olhos guardados. A névoa cintilante que lhe rodeava os pés fluía daquele local como fumo de um cachimbo.

— Consigo senti-lo — disse Arlen — até ao Núcleo. Chama-me, Ren. Tal como a minha mãe fazia à hora de jantar. Chama-me e, se quisesse... — Começou a desvanecer-se, como se fosse um fantasma... ou um nuclita.

— Não! — gritou Renna, estendendo os braços, mas sem conseguir tocá-lo. — Diz-lhe que mandas o chamamento às urtigas!

Arlen voltou a solidificar e Renna suspirou de alívio, mesmo continuando a ver-lhe tristeza nos olhos.

— Não é a tinta que me impede de ter uma vida normal, Ren. É a isto que conduz o excesso de magia roubada. Sou mais demónio do que homem agora. E, a cada amanhecer, penso se será esse o dia em que o Sol me fará arder.

Renna abanou a cabeça.

— Não és um demónio. Um demónio não se preocuparia com o Outeiro do Libertador ou com o Ribeiro de Tibbet. Um demónio não se importaria por uma rapariga ser nucleada nem suspenderia a sua vida durante meses para tentar ajudá-la.

— Talvez — considerou Arlen. — Mas apenas um demónio pediria a essa rapariga que se tornasse igual a ele.

— Não me pediste nada — disse Renna. — Tomo as minhas decisões.

— Então leva o teu tempo e decide com cuidado — recomendou Arlen. — Pois não é uma decisão que possa ser invertida.

Trinta e Um

Alegre Batalha

333 DR Verão

ROJER DISSE A TODA A GENTE que praticava com o violino junto à grande escadaria da mansão e não na sua ala porque esse local preciso

permitiria que o som ecoasse por todo o edifício. Não era falso que assim fosse, mas o verdadeiro motivo para ter escolhido aquele local era a vista perfeita da porta dos aposentos de Amanvah e Sikvah. Durante três dias, não vira sinal das raparigas.

Não sabia por que se importava. Em que pensara quando defendera Sikvah quando tivera a desculpa perfeita para as recusar a ambas? Ou quando permitiu que ficassem depois de tentarem matar Leesha? Estaria realmente a considerar a possibilidade de se tornar genro do demónio das areias? Pensar em casamento sempre aterrorizara Rojer. Deixara povoados meia dúzia de vezes ao longo dos anos anteriores para evitar o nó.

«O casamento é a morte profissional», dissera sempre Arrick. «As mulheres estão ansiosas para se deitarem com Jograis e fazemos-lhes a vontade. Mas, quando se fica prometido, subitamente, todas as coisas que as atraem em nós precisam de ser repensadas. Não querem que continuemos a viajar. A seguir, não querem que actuemos todas as noites. Ou a horas tardias. Depois, querem saber por que escolhemos sempre a rapariga vistosa como alvo para as facas. Quando damos por isso, trabalhamos como um maldito carpinteiro e temos sorte se pudermos cantar no Sétimo Dia. Dorme na cama das mulheres que quiseres, mas mantém por perto um saco pronto para a viagem e parte da primeira vez que ouvires a palavra ‘promessa’.»

E, no entanto, acorrera em auxílio de Sikvah sem sequer pensar e, mesmo naquele momento, a bela harmonia das suas vozes ecoava-lhe na cabeça. Rojer ansiava por se juntar a essa harmonia e, quando pensava na forma como as suas vestes haviam caído no chão, sentia outro tipo de ânsia, uma que não sentira por qualquer outra mulher desde que conhecera Leesha.

Mas Leesha não o queria e Arrick morrera bêbado e sem amigos.

As esposas de Abban vinham ocasionalmente trazer comida e levar bacios, mas a porta dos aposentos das raparigas nunca abria mais do que uma nesga e era sempre fechada com violência antes de conseguir espreitar.



Nessa noite, na alagai’sharak, Rojer manteve um olhar nervoso sobre Jardir. Kaval colocara Gared e Wonda lutando com lança e escudo entre os dal’Sharum

e saíram-se bem. Gared poderia ser demasiado trapalhão para o sharusahk, mas, numa carga de escudos, não havia ninguém mais forte, ninguém que conseguisse fazer avançar mais a lança além da muralha de escudos guardados.

Mas sentiu muito a sua ausência enquanto, juntamente com Leesha e Jardir, seguiam o avanço com várias Lanças do Libertador, mesmo que mantivesse o grupo envolto com a sua música, impedindo a aproximação dos demónios. Mais cedo ou mais tarde, Jardir questionaria Rojer acerca das suas intenções para com a filha e a sobrinha e, se a sua resposta não fosse satisfatória, violência ou morte poderiam ocorrer num ápice. Violência exercida sobre si e a sua morte.

Mas, até então, Jardir apenas dedicara atenção a Leesha, rondando-a como um homem verdadeiramente apaixonado. Claro que isso não facilitava passar tempo com ele, sobretudo quando Rojer surpreendia Leesha a devolver-lhe os seus olhares. Não era um tolo. Sabia o que isso significava, mesmo que ela não soubesse.

Rojer suspirou de alívio quando o percurso terminou e lhes foi permitido regressar à cidade. Sentia-se profundamente miserável, com dedos dormentes pelo tempo que passara a tocar e com dores em cada músculo do seu corpo. Estava banhado em suor e coberto com uma camada pegajosa de fuligem dos demónios incendiados.

Não ajudava que Gared e Wonda, revitalizados pela magia dos demónios, parecessem ter acabado de saltar da cama em vez de regressarem a ela. Rojer nunca sentira a magia. Depois de ver o Homem Pintado dissipar-se e falar em descer ao Núcleo, aterrorizava-o. Seria melhor manter os demónios à distância com música e facas de arremesso.

Mas, após quase um ano no Outeiro do Libertador, os efeitos da magia naqueles que a sentiam com frequência eram óbvios. Tornavam-se mais fortes. Mais rápidos. Nunca adoeciam. Nunca se cansavam. Os novos cresciam mais depressa e os velhos envelheciam mais devagar. Rojer, em contraste, sentia-se quase a desfalecer.

Cambaleou até à sua câmara, pensando deixar-se cair no esquecimento durante algumas horas, mas as lanternas a óleo krasianas do seu quarto estavam acesas, perfumando o ar com um aroma adocicado, e isso era estranho pois havia luz no exterior quando saíra. Um jarro de água fria erguia-se sobre a mesa-de-cabeceira, juntamente com um pão ainda quente.

— Ordenei a Sikvah que te preparasse também um banho, destinado — disse uma voz atrás dele. Gritou assustado e voltou-se, com facas de arremesso surgindo-lhe nas mãos, mas era apenas Amanvah, com Sikvah ajoelhando-se por trás, junto a uma grande banheira contendo água fumegante.

— Que fazem no meu quarto? — perguntou Rojer. Ordenou às mãos que guardassem as facas, mas estas recusaram-se teimosamente a obedecer-lhe.

Amanvah ajoelhou, lentamente, de forma ritual, encostando a testa ao chão.

— Perdoa-me, destinado. Tenho-me sentido... indisposta ultimamente e dependia de Sikvah para a minha recuperação. O meu coração está dorido por não termos podido ocupar-nos de ti.

— Não... hmm... não faz mal — disse Rojer, fazendo desaparecer as facas. — Não preciso de nada.

Amanvah cheirou o ar.

— Com o teu perdão, destinado, precisas de um banho. Amanhã começa a Lua Minguante e deverás estar preparado.

— Lua Minguante? — repetiu Rojer.

— A Lua Nova — explicou Amanvah. — Quando se diz que Alagai Ka, o príncipe dos demónios, vagueia pelo mundo. Um homem precisará de dias soalheiros durante a Lua Minguante, para lhe garantir coragem durante a noite mais escura.

Rojer pestanejou.

— Isso é maravilhoso. Alguém deveria compor uma canção sobre o tema. — Pensava já em melodias.

— Com o teu perdão, destinado — disse Amanvah —, mas existem várias. Pretendes que cantemos uma enquanto te banhamos?

Rojer foi assolado por uma visão súbita em que as duas o estrangulavam no banho, nuas e cantando. Riu-se, nervosamente.

— O meu mestre recomendou-me cautela com coisas demasiado boas para serem verdadeiras.

Amanvah inclinou a cabeça.

— Não compreendo.

Rojer engoliu em seco.

— Talvez devesse banhar-me a mim próprio.

As raparigas riram por trás dos véus.

— Já nos viste despidas, destinado — recordou Sikvah. — Receias o que veremos?

Rojer corou.

— Não é isso. Eu...

— Não confias em nós — disse Amanvah.

— Há alguma razão para confiar? — perguntou Rojer. — Fingiram ser raparigas inocentes que não falavam uma palavra de thesano e, a seguir, tentam matar Leesha e percebo que compreendiam tudo o que ouviam. Como posso saber que não há folha-negra naquela banheira?

Encostaram as duas as testas ao chão.

— Se é isso que sentes, mata-nos, destinado — disse Amanvah.

— O quê? — disse Rojer. — Não vou matar ninguém.

— É o teu direito — disse Amanvah. — E não é mais do que o que merecemos pela nossa traição. É o mesmo destino que nos espera se nos rejeitares.

— Matar-vos-ão? — perguntou Rojer. — Ao sangue do Libertador?

— Ou a Damajah nos matará por não termos conseguido envenenar mestra Leesha ou o Shar'Dama Ka matar-nos-á por termos tentado fazê-lo. Se não estivermos seguras nos teus aposentos, não estaremos seguras em parte alguma.

— Estão seguras aqui, mas isso não significa que precisem de me banhar — disse Rojer.

— A minha prima e eu nunca quisemos ofender-te, filho de Jessum — disse Amanvah. — Se não nos desejas como esposas, procuraremos o nosso pai e confessaremos.

— Eu... não sei se posso aceitar — disse Rojer.

— Não precisarás de aceitar nada esta noite — disse Sikvah — além de uma canção sobre a Lua Minguante e um banho. — Em uníssono, as raparigas krasianas baixaram os véus e começaram a cantar, com vozes tão belas como recordava. Não compreendia as palavras, mas o tom encantador estava à altura da força da noite mais escura. Ergueram-se e aproximaram-se dele, guiando-o delicadamente para a banheira e puxando-lhe as vestes. Não tardou a estar nu, sentado na água quente, sentindo o calor delicioso varrer-lhe a dor dos músculos. Teceram um véu musical em seu redor tão hipnótico como qualquer um que tivesse tecido sobre um demónio.

Sikvah encolheu os ombros e a sua túnica de seda negra caiu ao chão. Rojer

ficou boquiaberto quando se voltou para despir também a túnica de Amanvah.

— Que fazem? — perguntou, enquanto Sikvah entrava na banheira à sua frente. Amanvah seguiu-a.

— Banhamos-te, claro — respondeu Amanvah. Voltou de imediato à canção, recolhendo água quente com as mãos em concha e fazendo-a cair-lhe sobre a cabeça pegando Sikvah numa escova e num pedaço de sabão.

Era firme e eficiente, esfregando a sujidade e o sangue ao massajar os seus músculos doridos, mas Rojer mal notou, fechando os olhos, embriagado pelas suas vozes e sentindo a sua pele, até as mãos de Sikvah mergulharem na água. Deu um salto.

— Shhhh — sussurrou Amanvah, roçando-lhe a orelha com os lábios suaves. — Sikvah já conheceu homem e foi treinada na dança das almofadas. Que seja ela o nosso presente de Lua Minguante para ti.

Rojer não sabia exactamente o que significava «dança das almofadas», mas conseguia imaginar sem dificuldade. Os lábios de Sikvah encontraram os seus e engasgou-se quando ela se moveu para o seu colo.



Leesha não percebera que o quarto de Rojer se situava directamente por baixo do seu até ouvir os gritos de Sikvah. A princípio, pensou que a rapariga sentisse dores e ergueu-se, preparada para correr para o seu avental, mas depressa percebeu a natureza dos sons.

Tentou voltar a adormecer, mas, apesar da indiscrição, nem Rojer nem a rapariga pareciam dispostos a sossegar. Cobriu os ouvidos com uma almofada, mas o ruído ultrapassou essa barreira.

Não a surpreendeu. De alguma forma, era mais surpreendente que tivesse levado tanto tempo. O estado de Sikvah, depois de Inevera se ter mostrado tão favorável a um teste de virgindade, nunca fora bem aceite por Leesha. Era uma jogada demasiado fácil contra o cavalheirismo de Rojer, uma forma demasiado conveniente de o tentar a aceitá-las como esposas. Afinal, Rojer era apenas um homem.

Roncou, sabendo que seria apenas metade da história. Inevera também a manipulara a ela.

Na realidade, apesar de não aprovar que um homem casasse com mais do que uma mulher, pensava que Rojer poderia ser uma boa influência junto das raparigas e talvez as responsabilidades de marido o pudessem ajudar também a amadurecer. Se era aquilo que desejava...

«Mesmo que seja, não tenho de o ouvir», pensou, desistindo de tentar dormir e percorrendo o corredor, escolhendo um dos muitos quartos vazios no seu piso. Puxou as cobertas da cama com gratidão e esperou adormecer de imediato, mas os sons tinham-na afectado, invocando-lhe imagens que não conseguia controlar. Jardir, com a camisa despida, a sua pele morena coberta de guardas. Pensou se provocariam formigueiro quando tocadas, como as de Arlen.

Quando adormeceu, por fim, fê-lo com pensamentos de paixão. Nos seus sonhos, recordou o calor da lareira quando ela e Gared se tinham tocado no chão da sala comum na casa dos seus pais. Os olhos de lobo de Marick. O desejo ardente nos beijos e no abraço de Arlen.

Mas Gared e Marick tinham-na traído e Arlen rejeitara-a. O sonho tornou-se um pesadelo à medida que a assolavam vislumbres, mais detalhados do que nunca, da tarde na estrada em que fora imobilizada por três homens. Ouviu novamente os seus gritos e gracejos, sentiu a forma como lhe haviam puxado o cabelo, voltou a viver o que tinham feito sobre ela. Coisas que bloqueara na mente, mas que sabia serem horrorosamente verdadeiras. Além de tudo aquilo, conseguia ver o sorriso trocista que Inevera lhe esboçara durante as chicotadas aplicadas aos Sharum.

Acordou com o coração acelerado. Tacteou com as mãos à procura de algo com que se defender, mas, obviamente, estava sozinha.

Quando conseguiu voltar a orientar-se, o medo partiu, substituído por uma raiva súbita. «Roubaram-me algo naquela estrada, mas nucleada seja se permitir que me roubem tudo.»



Leesha sentiu a espessura da camada de maquilhagem na cara enquanto experimentava o que lhe parecia ser o centésimo vestido, com grande cuidado para não danificar a forma do cabelo preso com alfinetes.

Jardir vinha cortejá-la. Enviara recado nessa manhã de que desejava visitá-la

durante a tarde para continuar a sua leitura do Evejah, como fizera na estrada, mas ninguém tinha ilusões quanto ao seu intento.

Shamavah, a Primeira Esposa de Abban, trouxe-lhe dúzias de vestidos para experimentar, sedas krasianas mais suaves do que a pele de um bebé, com cores garridas e cortes escandalosos. Juntamente com Elona, vestiram Leesha como se fosse uma boneca, pavoneando-a diante dos espelhos que cobriam as paredes e discutindo quais as peças que mais a favoreciam. Wonda observava, divertida, talvez sentindo-se vingada pelo tratamento semelhante que sofrera às mãos da costureira da duquesa Araine.

— Este é demasiado, até para os meus padrões — disse Elona, referindo-se à última escolha.

— Demasiado? Não quererás dizer que não é suficiente? — disse Leesha. — O vestido era praticamente transparente, como algo que Inevera vestisse. Precisaria de um dos xailes grossos de Bruna para se sentir minimamente decente assim vestida.

— Não queres mostrar tudo à primeira vista — concordou Elona.

— Que se esforce um pouco para merecer mais do que um vislumbre. –

Escolheu um vestido mais opaco, mas, mesmo assim, a seda caía sobre Leesha de uma forma que a fazia sentir-se nua. Estremeceu, percebendo por que aquela moda não era tão popular no Norte como no deserto.

— Tolice — disse Shamavah. — mestra Leesha tem um corpo que rivaliza com o da Damajah. Que o Shar'Dama Ka veja bem o que não poderá possuir até se assinar o contrato. — Ergueu uma peça de tecido tão diáfana e curta que Leesha pensou se valeria a pena vestir-se de todo.

— Basta — disse, despindo o vestido escolhido por Elona e lançando-o ao chão. Ergueu um pano e começou a limpar a maquilhagem que Samavah lhe aplicara na face enquanto Elona espreitava sobre o seu ombro e ia discutindo as cores.

— Wonda, vai buscar o meu vestido azul — disse Leesha. — O seu tom de voz anulou o sorriso da rapariga e fê-la apressar-se.

— Essa coisa velha e sem graça? — perguntou Elona. — Parecerás...

— Parecerei eu própria — antecipou-se Leesha. — E não uma pega angierana. — As duas mulheres pareceram prontas para protestar, mas olhou-as com severidade e mudaram de ideias.

— Pelo menos, deixa o cabelo — disse Elona. — Trabalhei-o durante toda a manhã e não te matará teres bom aspecto.

Leesha voltou-se, admirando o que a mãe fizera com o seu cabelo negro espesso, fazendo-o cair em cascatas encaracoladas pelas costas, com uma madeixa rebelde pendendo sobre a testa. Sorriu.

Wonda regressou com o vestido azul de Leesha, mas Leesha olhou-o e reagiu com um ruído de desaprovação.

— Pensando melhor, traz o meu vestido de festa. — Piscou o olho à mãe. — Não há motivo nenhum para não ter bom aspecto.



Leesha caminhou para trás e para diante nos seus aposentos, esperando a chegada de Jardir. Fizera partir as outras mulheres. A sua conversa servia apenas para a enervar ainda mais.

Ouviu uma batida na porta e conferiu a sua aparência no espelho, encolhendo a barriga e erguendo uma última vez o peito antes de abrir.

Mas não era Jardir quem esperava do outro lado, mas sim Abban, baixando os olhos para uma minúscula garrafa e para um copo ainda mais diminuto.

— Uma oferenda para dar coragem — disse, estendendo-lhe os objectos.

— O que é? — perguntou Leesha, abrindo a garrafa e cheirando. Torceu o nariz. — Cheira a algo que destilaria para desinfectar uma ferida.

Abban riu-se.

— Não duvides de que terá sido utilizado muitas vezes para esse fim. Chama-se couzi, uma bebida que o meu povo usa com frequência para acalmar os nervos. Até os dal'Sharum a usam, para ganharem coragem quando o Sol se põe.

— Embriagam-se antes de combater? — perguntou Leesha, incrédula.

Abban encolheu os ombros.

— Há uma... clareza na névoa do couzi, mestra. Um copo e sentir-te-ás quente e tranquila. Dois e terás a coragem de um Sharum. Três e sentirás que conseguirás dançar no limiar do abismo de Nie sem cair.

Leesha arqueou uma sobrancelha, mas o canto da sua boca elevou-se num sorriso.

— Talvez um copo — disse, enchendo o copo minúsculo. — Um pouco de

calor ser-me-ia benéfico agora. — Levou-o aos lábios e ergueu-o, com o ardor na garganta a fazê-la tossir.

Abban curvou-se.

— Cada copo é mais fácil do que o anterior, mestra. — Partiu e Leesha serviu-se de um segundo copo. Era verdade. Bebeu-o com maior facilidade.

O terceiro soube-lhe exactamente a canela.



Abban estava certo quanto ao couzi. Leesha sentia-o rodeá-la como a sua capa guardada, aquecendo e protegendo em simultâneo. As vozes contraditórias na sua mente tinham-se silenciado e, nesse silêncio, havia uma clareza que nunca conhecera.

A câmara parecia-lhe quente, mesmo com o decote descaído do seu vestido festivo. Abanou com o leque os seios e notou, divertida, os olhares furtivos lançados por Jardir tentando fingir desinteresse.

O Evejah permanecia aberto entre os dois enquanto repousavam sobre almofadas de seda, mas Jardir não lhe lia uma passagem há algum tempo. Falavam de outros assuntos. Da evolução dos seus conhecimentos da língua, da vida de Jardir no Kaji'sharaj, do aprendizado com Bruna, do repúdio à mãe de Jardir por ter demasiadas filhas.

— Também não agradou à minha mãe ter apenas uma filha — disse Leesha.

— Uma filha como tu vale uma dúzia de filhos — disse Jardir. — Mas e os teus irmãos? O facto de estarem com Everam não diminui a bênção do seu nascimento.

Leesha suspirou.

— A minha mãe mentiu a esse respeito, Ahmann. Sou a sua única filha e não tenho dados mágicos que me permitam prometer-te filhos. — Ao falar, sentiu um peso erguer-se dos seus ombros. Como sucedia com as roupas que escolhera, que Jardir conhecesse a verdadeira Leesha.

Jardir surpreendeu-a, encolhendo os ombros.

— Será como Everam desejar. Mesmo que comeces por gerar três filhas, amá-las-ei e terei fé na chegada de filhos.

— Também não sou virgem — afirmou Leesha, sustendo a respiração.

Jardir olhou-a durante longo tempo e Leesha pensou se teria dito demasiado. Por que haveria ele de saber, afinal, se era virgem ou não?

Mas, nos seus olhos, percebeu que lhe dizia respeito e que a mentira da mãe pendia sobre ela como se tivesse sido sua, pois autorizou-a com o seu silêncio.

Jardir olhou para um lado e para o outro, como se pretendesse confirmar que estavam sozinhos. A seguir, aproximou-se mais, com os lábios quase tocando os dela.

— Eu também não sou — sussurrou, fazendo-a rir. Juntou-se a ela na gargalhada e o seu riso pareceu-lhe honesto e verdadeiro. — Casa comigo — suplicou.

Leesha respondeu com um ronco de desprezo.

— Que necessidade tens de outra esposa quando já tens...

— Catorze — completou Jardir, acenando com a mão como se não fosse nada. — Kaji teve mil.

— Alguém recorda o nome da décima quinta? — perguntou Leesha.

— Shannah vah Krevakh — respondeu Jardir, sem hesitar. — Diz-se que o seu pai roubou sombras para fazer o seu cabelo e, do seu ventre nasceram os primeiros Vigias, invisíveis na noite e sempre atentos ao lado de seu pai.

Leesha semicerrou os olhos.

— Estás a inventar.

— Beijar-me-ás se não estiver? — perguntou Jardir.

Leesha fingiu ponderar.

— Apenas se puder esbofetear-te se estiveres.

Jardir sorriu, apontando o Evejah.

— Todas as esposas de Kaji estão registadas aqui, com os seus nomes honrados para todo o sempre. Algumas das referências são sublimes.

— Estão registadas as mil? — perguntou Leesha, duvidando.

Jardir piscou-lhe o olho.

— E as referências apenas começam a encurtar muito depois da centésima.

Leesha sorriu e ergueu o livro.

— Página duzentos e trinta e sete — disse Jardir. — Oitava linha. — Leesha passou as páginas até encontrar a correcta.

— Que diz? — perguntou Jardir.

Leesha continuava a sentir dificuldades para compreender a maior parte do

texto, mas Abban ensinara-a a ler as palavras.

— Shannah vah Krevakh — leu. Recitou a passagem inteira, tentando duplicar a pronúncia musical da língua krasiana.

Jardir sorriu.

— Dá-me grande alegria ouvir-te falar a minha língua. Também eu registo a minha vida no Ahmanjah, escrito com o meu sangue, tal como Kaji escreveu o Evejah. Se receias ser esquecida, diz que serás minha e reservarei uma Duna inteira apenas para ti.

— Continuo sem saber se o desejo — respondeu Leesha com honestidade. O sorriso de Jardir começou a desaparecer, mas Leesha inclinou-se para ele, sorrindo-lhe. — Mas mereceste o teu beijo. — As suas bocas uniram-se e uma energia mais forte que qualquer magia percorreu-o.

— E se a tua mãe nos apanhar? — perguntou Jardir, afastando-se, quando percebeu que ela não fazia qualquer esforço para terminar o beijo.

Leesha segurou-lhe a face nas mãos, puxando-o para ela.

— Tranquei a porta — disse, abrindo a boca para a sua.



Leesha era Herbanária. Uma estudante da ciência do mundo antigo e com experiências próprias. Não amava nada acima da descoberta de algo novo e, quer fossem ervas, guardas ou línguas estrangeiras, não havia perícia que não conseguisse dominar e inovar.

O mesmo sucedeu nas almofadas naquele dia, enquanto despiam as roupas e Leesha, que passara a década e meia anterior aprendendo a sarar corpos, aprendeu finalmente a fazê-los cantar.

Jardir pareceu concordar quando se afastaram, suados e ofegantes.

— Fazes envergonhar até os esforços das dançarinas de almofada jiwah’Sharum.

— Anos de paixão reprimida — disse Leesha, arqueando as costas de forma deliciosa, sem vergonha da sua nudez. Nunca se sentira tão livre. — Tens sorte por seres o Shar’Dama Ka. Um homem inferior poderia não ter sobrevivido.

Jardir riu, beijando-a.

— Fui treinado para a guerra e travarei esta deliciosa batalha contigo cem mil

vezes, se for necessário. — Ergueu-se e curvou-se.
— Mas receio que o Sol se ponha e será necessário dedicar-me a uma batalha de outro tipo. Esta será a primeira noite da Lua Minguante e os alagai estarão fortes.
— Leesha acenou afirmativamente e vestiram-se, com relutância. Jardir ergueu a lança e Leesha o seu avental com bolsos.

Ninguém lhes disse nada quando Gared, Wonda e Rojer se reuniram a eles no pátio, onde os esperavam as Lanças do Libertador. Leesha sentiu-se tão diferente que não teve dúvidas de que seria óbvio para os outros, mas, se fosse, não deram disso qualquer sinal.

Mesmo durante a alagai'sharak, percebeu que era difícil concentrar-se estando tão perto de Jardir. Também ele parecia sentir o mesmo, nunca se afastando dela enquanto examinava e tratava ferimentos menores sofridos pelos guerreiros experientes.

— Posso voltar a ler para ti amanhã? — perguntou Jardir quando a batalha chegou ao fim. Permaneceria ocupado durante horas, mas os outeireiros poderiam regressar ao Palácio de Espelhos.

— Podes ler para mim todos os dias, se o desejares — respondeu, vendo como os seus olhos dançavam.



O príncipe nuclita manteve uma distância respeitosa ao observar o herdeiro e os seus homens ocupando-se com a matança dos seus sequazes. O demónio da mente observava o herdeiro durante cada ciclo há vários períodos e, como os príncipes tinham receado, era um unificador. Era claro que não conhecia a extensão dos poderes da lança e da coroa de osso de demónio, mas, de qualquer forma, o seu poder crescia e os sequazes humanos começavam a tornar-se mais do que um inconveniente. Seria já difícil matar o herdeiro e, mesmo que o príncipe nuclita conseguisse fazê-lo, havia muitos com potencial para o substituírem.

A fêmea nortenha era uma nova variável, uma fraqueza na armadura do herdeiro. A sua mente não estava protegida e sabia muito sobre o herdeiro e sobre o que o seu irmão localizara no Norte.

Quando se separou dos outros, o demónio da mente seguiu-a.



De volta ao palácio, Leesha quase voou pelos degraus acima até aos seus aposentos.

— Que bicho te mordeu? — perguntou Wonda.

— Nada que não te tenha mordido também a ti, parece-me. — Wonda fitou-a sem perceber e Leesha riu-se. — Vai para a cama. O instrutor Kaval não tardará a chegar para te gritar.

— Kaval não é assim tão mau — disse Wonda, mas obedeceu.

Leesha passou diante da porta dos aposentos da mãe em bicos de pés, esperando que a mulher tivesse, pelo menos, a decência de esperar pela manhã antes de a interrogar. Agradeceu ao Criador quando conseguiu escapar e trancou-se na câmara em que fizera amor com Jardir.

Sozinha por fim, o sorriso amplo que contivera durante toda a noite explodiu-lhe na face.

E um capuz foi-lhe enfiado pela cabeça abaixo.

Tentou gritar, mas um cordão na base do capuz foi puxado com força, cortando-lhe o fôlego e transformando o grito num gemido abafado. Uma mão forte prendeu-lhe os braços atrás das costas e o mesmo cordão foi usado para lhe atar os pulsos. O seu atacante pontapeou-lhe os joelhos por trás e atou-lhe os tornozelos com a extremidade do cordão. Leesha começou por se debater, mas cada movimento apertava-lhe mais a garganta e depressa acalmou antes que se estrangulasse a si própria.

Foi erguida sobre um ombro volumoso e levada até à janela, tremendo com o ar frio da noite ao ser levada para fora, por uma escada abaixo. Não fizeram qualquer ruído, mas Leesha percebeu pela forma como a escada estremecia que teria, pelo menos, dois raptores.

O homem que a transportava não deu sinais de ser incomodado pelo seu peso, correndo ligeiramente pelas ruas nocturnas, com respiração controlada e batimento cardíaco regular. Leesha tentou manter-se orientada, mas revelou-se impossível. Foi levada por uma escadaria acima, para o interior de um edifício, percorrendo uma série de corredores e passando uma porta. Os homens pararam e, sem qualquer cerimónia, deixaram-na cair no chão.

O impacto fê-la expelir o ar dos pulmões, mas uma carpete grossa impediu que

se magoasse com gravidade. O cordão nos tornozelos e pulsos foi cortado e o capuz foi-lhe arrancado da cabeça. A iluminação não era intensa, mas, depois de ter estado encapuçada, precisou de erguer uma mão trémula para escudar os olhos à medida que se habituavam à claridade. Quando se habituaram, percebeu que estava deitada de bruços no chão diante de Inevera, vendo-a estendida sobre um leito de almofadas, olhando-a como um gato olharia um rato encurralado.

A Damajah olhou os dois guerreiros atrás dela. Vestiam-se de negro da cabeça aos pés como todos os dal'Sharum e os seus véus nocturnos estavam erguidos, mas não traziam lança nem escudo. Cada um mantinha uma escada em equilíbrio perfeito sobre um dos ombros.

— Nunca estiveram aqui — disse-lhes Inevera. Os homens curvaram-se e desapareceram. Baixou os olhos para Leesha e sorriu. — Os homens têm a sua utilidade. Por favor, junta-te a mim. — Indicou uma pilha de almofadas à sua frente.

Leesha cambaleou ligeiramente enquanto o sangue regressava aos seus pés dormentes, mas ergueu-se com a rapidez possível,
resistindo ao impulso de passar a mão pela garganta e olhando em redor, contemplando a divisão ampla. Era uma câmara conjugal repleta de almofadas, perfumada e com luz ténue, com todas as superfícies revestidas por veludo ou seda. A porta ficava atrás de si.

— Ninguém guarda do outro lado — disse Inevera, rindo-se e acenando com a mão como se autorizasse Leesha a conferir. Foi o que fez, estendendo a mão para o puxador de latão em forma de argola. Seguiu-se um clarão de magia e foi projectada para trás, aterrando com estrondo sobre a carpete. Viu guardas cintilarem sobre o lintel, ombreira e soleira da porta, mas desapareceram num instante, deixando para trás apenas clarões fantasmagóricos nos olhos que continuavam a tentar ajustar-se à súbita explosão luminosa.

Mais curiosa do que receosa, Leesha voltou a erguer-se e caminhou até à porta, estudando as guardas pintadas meticulosamente com tinta prateada e dourada em redor da porta. Muitas eram-lhe desconhecidas, mas notou que havia guardas de silêncio integradas com as restantes. Ninguém no exterior ouviria o que ali se passava.

Estendeu um dedo para a rede, vendo as guardas em redor do ponto de contacto cintilarem por um momento, iluminando uma barreira densa.

«O que lhe confere energia?», pensou. Não havia nuclitas por perto para assegurarem a magia necessária e, sem magia, as guardas não passavam de escrita.

Com tempo, Leesha sabia que conseguiria desactivar as guardas e fugir, mas teria de ignorar Inevera e era impossível adivinhar o que a mulher poderia fazer. Voltou-se para a Damajah, que continuava estendida sobre as suas almofadas.

— Muito bem — disse Leesha, aproximando-se e sentando-se diante dela. — Que gostarias de discutir?

— Fazes-te de tola? — perguntou Inevera. — Achas que não saberia assim que lhe tocasses?

— E se souberes? — perguntou Leesha. — Não foi nenhum crime. Pelas vossas leis, um homem pode deitar-se com quem desejar, desde que não o faça com a esposa de outro homem.

— Talvez seja por se comportar como uma rameira que uma mulher consegue conquistar um marido no Norte — disse Inevera.

— Mas, entre o meu povo, tais mulheres são responsabilizadas perante as esposas das suas vítimas.

— Ahmann pediu a minha mão muito antes de me deitar com ele — disse Leesha, incitando intencionalmente a mulher a continuar enquanto pensava na fuga. — E duvido que se considere uma vítima. — Sorriu. — A sua disposição foi bastante aparente no vigor que demonstrou. — Inevera silvou e endireitou as costas e Leesha soube que tinha conseguido atingi-la.

— Rejeita a proposta de casamento do meu marido e foge da Dádiva de Everam esta noite — disse Inevera. — Concedo-te esta oportunidade de salvares a vida.

— As duas últimas tentativas de me matar fracassaram, Damajah — disse Leesha. — Que te faz pensar que mais uma terá sucesso?

— O facto de, esta vez, não esperar que seja uma rapariga de quinze anos a fazê-lo — respondeu Inevera. — E o facto de o meu marido não nos encontrar a tempo de te salvar. Direi a todos que vieste assassinar-me na noite em que seduziste o meu marido. Ninguém questionará o meu direito de te pôr fim à vida.

Leesha sorriu.

— Eu questiono a tua capacidade para o fazer.

Inevera retirou um pequeno objecto de debaixo das almofadas e uma língua de

chama iluminou a câmara, atingindo Leesha com um calor intenso antes de desaparecer.

— Posso incinerar-te antes que consigas mover-te — ameaçou Inevera.

Era um truque impressionante, mas Leesha, que preparava fogos há mais de uma década, considerou o efeito menos interessante do que a forma como era conseguido. Inevera não fizera qualquer faísca, não misturara químicos, não provocara qualquer impacto. Observou com maior atenção o objecto que segurava na mão e tudo se tornou claro.

Era o crânio de um demónio da chama.

«É assim que confere poder às guardas», percebeu Leesha, pensando porque não tivera a mesma ideia meses antes. «Alagai hora. Ossos de demónio.»

A percepção abria possibilidades infinitas, mas nenhuma delas importaria se não conseguisse sobreviver à noite. Não podia traçar guardas para travar o fogo antes que Inevera a incinerasse.

— É assim que a activas? — perguntou Leesha, voltando-se para olhar a porta. — Há alagai hora escondidos na madeira?

Inevera olhou a porta e, nesse instante, Leesha levou a mão a um bolso do avental, retirando-a com um molho de estalos de arremesso que lançou a Inevera.

Os pequenos papéis torcidos explodiram com ruído e clarões perfeitamente inofensivos, mas Inevera guinchou e ergueu os braços diante da cara. Leesha não perdeu tempo, cobrindo num ápice o espaço que as separava e segurando a mão que sustinha o crânio de demónio. Pressionou um aglomerado de nervos com força, usando o polegar, e o crânio caiu ao chão. A outra mão de Leesha não demorou a formar um punho. A cartilagem frágil do nariz da Damajah foi esmagada de forma muito satisfatória.

Leesha fez recuar a mão para novo golpe, mas Inevera encolheu-se no chão e torceu-se, segurando os ombros de Leesha e golpeando-a com um joelho entre as pernas com força que teria orgulhado um camelo.

— Pega! — gritou Inevera, enquanto a dor dominava Leesha. — O meu marido investiu bem? — gritou, repetindo a joelhada. — O meu marido investiu com força? — Atingiu-a uma terceira vez.

Leesha nunca sentira dor igual. Às cegas, tentou segurar o cabelo da Damajah, mas Inevera prendeu-lhe os punhos das mangas com dedos firmes, afastando-lhe

os braços como um Jogral manipularia os braços de uma marioneta. As suas saias pesadas impediam Leesha de resistir enquanto Inevera se posicionava atrás dela e largava as mangas para lhe rodear o pescoço com os braços.

— Obrigada — sussurrou-lhe Inevera ao ouvido. — Ter-te-ia matado com fogo limpo, poupando o verniz das unhas, mas isto é muito mais satisfatório.

Leesha contorceu-se e debateu-se, mas de pouco servia. Inevera rodeou-lhe a cintura com as pernas e manteve a face escondida pelos braços. Leesha não conseguia atingir nenhum ponto vulnerável com a mão ou pó e o mundo começou a tornar-se um borrão à medida que o ar nos pulmões se esgotava. Levou a mão ao crânio de demónio no chão, mas Inevera pontapeou-o para longe. Leesha começava a perder os sentidos quando retirou uma faca guardada do cinto e a cravou na coxa de Inevera.

Um esguicho de sangue quente atingiu-lhe a mão, agoniando-a, mas Inevera gritou e afrouxou o aperto. Leesha conseguiu projectá-la, inspirando ao rebolar com a faca estendida à sua frente. Inevera rebolou na direcção oposta, levando a mão a uma bolsa à cintura e lançando algo na direcção de Leesha.

Leesha desviou-se para o lado enquanto por ela passava o que parecia ser um enxame de moscardos. Gritou quando um dos projécteis lhe atravessou a coxa e outro se alojou no seu ombro. Arrancou-o e viu que segurava nos dedos um dente de demónio. Estava coberto com o seu sangue, mas conseguia sentir com o polegar as guardas gravadas na superfície. Guardou-o num bolso para estudo posterior.

Inevera voltou a erguer-se correndo para Leesha, mas Leesha ergueu a faca e endireitou as pernas. Inevera parou e começou a rodeá-la. Puxou uma faca curva do cinto. A lâmina guardada era tão afiada como qualquer um dos bisturis de Leesha.

A Herbanária levou uma mão a outro bolso do avental e Inevera repetiu o gesto, fazendo desaparecer a mão no saco de veludo negro à cintura.



O príncipe nuclita observava, divertido, as fêmeas que se defrontavam como príncipes quando a rainha estava preparada para acasalar. Pretendera consumir a mente da fêmea nortenha e substituí-la pelo seu mimético para conseguir

aproximar-se e matar o herdeiro, mas a política dos humanos era muito mais deliciosa. Conseguiriam quebrar de imediato tanto o espírito do herdeiro como o seu sonho de unidade.

Precisavam apenas de um empurrão.

Trinta e Dois

Escolha Demoníaca

333 DR Verão

A NOITE IA ALTA quando Jardir regressou finalmente ao seu palácio. Não se sentia cansado. Não se sentia verdadeiramente cansado desde a primeira vez que usara a Lança de Kaji, mas, mesmo assim, ansiava pela sua cama, mesmo que apenas pela possibilidade de fechar os olhos e sonhar com ela durante as horas que deveria esperar antes de poder voltar a visitá-la.

Leesha Papel era verdadeiramente um dom de Everam. A sua aceitação da proposta de casamento parecia assegurada e, com ela, a consolidação da sua posição nas terras do Norte. Mas percebeu que isso lhe importava menos do que o desejo de a ter a seu lado. Era brilhante, bela e suficientemente jovem para lhe dar muitos filhos. Reconhecia-lhe também uma paixão infindável que a dominava na fúria e no amor. Uma noiva digna do Libertador e uma forma valiosa de contrabalançar o crescendo de poder da Damajah. Inevera tentaria travar o casamento, claro, mas essa preocupação ficaria para outro dia.

Jardir viu a luz nos seus aposentos e franziu o sobrolho. A Dádiva de Everam não possuía Subcidade para as mulheres e para as crianças, nem mesmo na Lua Minguante. Ao invés, as suas esposas alternavam-se, esperando nos seus aposentos com banho preparado e corpo disposto, mas Jardir não queria água

nem esposa. A sua luxúria só poderia ser saciada por uma única mulher e, sob as suas vestes, o cheiro desta continuava-lhe presente na pele. Queria mantê-lo durante mais algum tempo.

— Não quero nada — disse, ao entrar. — Deixem-me.

Mas as mulheres na sua câmara não eram esposas inferiores e não mostraram qualquer intenção de partir.

— Precisamos de falar — disse Leesha. A seu lado, Inevera acenou afirmativamente.

— Por uma vez, concordo com a pega nortenha — disse Inevera.

Seguiu-se um momento de silêncio que pareceu a Jardir durar muitos minutos enquanto lutava para se desembaraçar daquele desenvolvimento e voltar a centrar-se.

Olhou as mulheres com maior atenção. Tinham as roupas esfarrapadas e rasgadas. Inevera tinha um lenço ensopado de sangue rodeando a perna e o ombro de Leesha estava ligado de igual forma. O nariz de Inevera estava torcido e inchado, tendo três vezes o seu tamanho normal, e a garganta de Leesha estava roxa. Inclinava-se sobre uma perna.

— Que aconteceu? — perguntou.

— Estive a conversar com a tua Primeira Esposa — respondeu Leesha.

— E decidimos que não te partilharemos — disse Inevera.

Jardir tentou avançar para elas, mas Leesha ergueu um dedo que o deteve como se fosse uma criança.

— Mantém a distância. Não toques em nenhuma de nós até fazeres a tua escolha.

— Escolha? — repetiu Jardir.

— Ela ou eu — disse Leesha. — Não nos podes ter às duas.

— A que escolheres será a tua Jiwah Ka — disse Inevera. — A outra sofrerá uma morte rápida pela tua mão na praça central.

Leesha lançou um olhar de repulsa a Inevera, mas não argumentou.

— Concordas com isto? — perguntou Jardir, surpreso. — Mesmo com os teus votos de Herbanária?

Leesha sorriu.

— Despe-a e lança-a à rua para que todos a vejam, se achares melhor.

— Fraca como todos os nortenhos — troçou Inevera. — Deixaria inimigos

vivos para voltarem a atacar.

Leesha encolheu os ombros.

— Ao que chamas fraqueza, eu chamo força.

Jardir olhou de uma mulher para a outra, incapaz de acreditar que as coisas tivessem chegado àquele ponto, mas os seus olhares eram duros e soube que eram sinceras.

A escolha era impossível. Matar Leesha? Impensável. Mesmo que não destruísse com isso qualquer possibilidade de alianças no Norte, Jardir preferiria arrancar o seu próprio coração a magoá-la.

Mas a alternativa era igualmente impossível. As dama'ting não seguiriam Leesha e, se retirasse o poder a Inevera, atribuindo-o a uma mulher do Norte, poderiam optar por continuar a seguir a sua antiga mestra, provocando um cisma que o império talvez não conseguisse sarar.

E era a sua Primeira Esposa, a mãe dos seus filhos, que orquestrara a sua ascensão ao poder e lhe fornecera os meios para vencer a Sharak Ka. Apesar da dor que lhe causava com frequência, olhava-a e percebia que continuava a amá-la.

— Não posso fazer tal escolha — disse Jardir.

— Deves fazê-lo — disse Inevera, puxando pela faca guardada.

— Agora. Ou cortarei eu própria a garganta desta rameira.

Leesha desembainhou também a sua faca.

— Não o farás se cortar a tua primeiro.

— Não! — gritou Jardir, fazendo voar a Lança de Kaji. Atingiu a parede com violência, com a haste abanando entre as duas mulheres. Lançou-se sobre elas, veloz como um felino, segurando-lhes os pulsos e afastando-as.

Mas, ao fazê-lo, as guardas na sua coroa cintilaram, iluminando as mulheres e fazendo-as abanar a cabeça, como se despertassem de um sonho.

Leesha foi a primeira a recuperar a consciência.

— Atrás de ti! — gritou, apontando.

— Alagai Ka! — gritou Inevera.

Alagai Ka. O nome que Jardir e os seus homens haviam atribuído em troça ao demónio da rocha que seguira o Par'chin. Mas era um nome ancestral, que arrastava consigo uma aura de poder imenso. Alagai Ka era o consorte da Mãe dos Demónios e dizia-se que ele e os seus filhos eram os mais poderosos

senhores demoníacos, generais das forças de Nie.

Voltou-se para o demónio, mas, a princípio, não havia nada para ver. Depois, quando se concentrou, a Coroa de Kaji aqueceu mais uma vez e conseguiu ver que parte da câmara estava obscurecida pela magia. Houve um tremor na nuvem e, de repente, um demónio ergueu-se, mais aterrador do que qualquer outro que alguma vez o tivesse atacado.

Estendeu a mão para a lança, mas não a conseguiu arrancar da parede durante o centésimo de segundo que o demónio demorou a avançar e a derrubá-lo. Foi projectado sobre o leito e caíram os dois com estrondo do lado oposto, com o demónio a golpeá-lo freneticamente com as garras. Sentiu as placas de cerâmica dentro das suas vestes estilhaçarem-se sob as garras, mas absorveram o ataque inicial. O demónio pareceu senti-lo e a sua boca abriu-se de forma impossível, com fileiras de dentes nascendo diante dos seus olhos e prefazendo mandíbulas suficientemente largas para engolirem a sua cabeça inteira.

Jardir rebolou e empurrou com os braços, conseguindo distanciá-lo o suficiente para colocar uma perna entre os dois. Pontapeou, repelindo o demónio durante tempo suficiente para arrancar a túnica e expor as cicatrizes com que Inevera lhe marcara a pele. Cintilaram intensamente quando recebeu de peito aberto o ataque seguinte do demónio.

Leesha não percebera que o demónio lhe ocupava a mente até Jardir lhe tocar e as guardas na sua coroa cintilarem. Ouviu os sussurros do demónio nesse instante e reconheceu-os pelo que eram. O demónio estava no meio deles.

Inevera também o soube. Tiveram apenas tempo suficiente para gritar uma advertência antes que o guarda-costas do demónio atingisse Jardir, projectando-o para o extremo oposto da câmara e arrastando consigo a aura de poder que rodeava a coroa. Sentiu o demónio da mente tentar reentrar-lhe na mente.

Leesha resistiu, tal como Inevera, debatendo-se selvaticamente contra o seu controlo, mas o resultado nunca esteve em dúvida. O demónio voltaria a dominá-las num instante. Sentia já um enorme peso nos membros, à medida que o demónio lhe ordenava que se deitasse, indefesa e fraca, vendo o guarda-costas matar Jardir.

Leesha olhou em redor, num frenesim, avistando um incensário na mesa-de-cabeceira que ainda não fora limpo. Lançou-se em sua direcção ao cair, fingindo ter sido acidental e enfiando a mão nas cinzas oleosas, lançando o incensário ao chão com uma nuvem de cinza.

Inevera também caiu, com os membros inertes e débeis, e Leesha rastejou para ela, usando a sua última energia para lhe traçar uma guarda na testa. A mesma guarda que ocupava o centro da coroa de Jardir.

De imediato, o símbolo cintilou e, à medida que Leesha caía, com os membros inutilizados, Inevera endireitou-se. O demónio pareceu não notar, mantendo a sua atenção em Jardir, vendo-o lutar pela vida.

Inevera franziu a testa e segurou o cabelo de Leesha.

— Continuas a ser uma pega — rosnou, cuspindo-lhe na face. Véus longos iam do seu corpete às pulseiras douradas nos pulsos. Retirou uma e usou a saliva para limpar a testa de Leesha, mergulhando um dedo nas cinzas e traçando-lhe também uma guarda mental na testa.

Leesha ergueu-se, alcançando a faca guardada. Inevera retirou o que parecia um pedaço de carvão guardado da bolsa de feltro negro à cintura e ergueu-a para o demónio da mente. Sussurrou uma palavra e um relâmpago projectou-se do carvão, atingindo o demónio. Guinchou quando foi projectado pela câmara, embatendo contra a parede com um estalar de osso quebrado antes de tombar, inerte, no chão.



O demónio não parava de mudar de forma, mas Jardir intensificou o ataque, com as guardas fervilhando ao golpear com cotovelos e joelhos, punhos e pés. Reagiu à agressividade crua do demónio com a fúria de um guerreiro criado para o Labirinto. A sua coroa brilhava com intensidade e sentiu-se tão poderoso que os ferimentos infligidos pelo demónio começaram a sarar antes de provocarem dano real.

«Luto contra Alagai Ka», pensou. «E venço.»

Esse pensamento sustentou-o durante um momento, mas o demónio ergueu uma mesa com garras gigantes e fê-la cair sobre ele como um martelo atingiria a cabeça de um prego.

As guardas na sua pele não ofereceram protecção contra a madeira e apenas a magia que fluía nas suas veias lhe impediu a morte. Mesmo assim, ossos lascaram-se com o impacto, rasgando-lhe a carne da perna e apunhalando-lhe as entranhas. Percebeu que a magia acelerava a normal recuperação do corpo até uma velocidade incrível, mas não conseguiria endireitar ossos partidos e sentiu que saravam em ângulos bizarros.

Pouco importava, pois o demónio voltou a erguer a mesa para terminar o que começara. Jardir, desarmado, não podia fazer nada além de olhar.

Mas, antes que o demónio conseguisse baixar a mesa, guinchou e levou as mãos à cabeça, deixando cair a arma improvisada. Jardir pontapeou com a perna intacta para o repelir enquanto a pele do demónio parecia derreter como cera e este caía, debatendo-se loucamente.

Jardir ergueu o olhar e percebeu porquê. Afinal, não lutara contra Alagai Ka. Leesha e Inevera erguiam-se sobre o corpo fumegante de um demónio esguio com cabeça gigantesca. Mesmo do outro lado da câmara, Jardir conseguia sentir o imenso poder irradiado pela criatura. O demónio com que lutara era o seu Hasik. Músculo para desimpedir caminhos e quebrar crânios que não eram dignos de serem quebrados pessoalmente pelo mestre.

O demónio esguio ergueu a cabeça. Inevera gritou e projectou outro relâmpago sobre ele, mas o demónio traçou uma guarda no ar, dispersando a energia. Estendeu a mão e o osso demoníaco voou-lhe da mão. O demónio esguio segurou-o e o osso brilhou por um instante na mão do demónio antes de a magia ser absorvida e de o osso se reduzir a pó.

O demónio voltou a estender a mão e a bolsa de hora de Inevera voou para o seu alcance. Inevera gritou quando o nuclita abriu o saco, despejando os dados preciosos na mão.

Leesha e Inevera avançaram com as facas guardadas, mas o demónio traçou outra guarda no ar que as projectou pela câmara como se fossem levadas por um vento forte.

Os alagai hora brilharam à medida que o demónio absorvia o seu poder. Jardir sentiu uma estranha mistura de medo e alívio, quando os dados que haviam controlado a sua vida durante mais de vinte anos se reduziram a pó. Inevera gritou como se ver aquilo lhe provocasse dor física.

O demónio mimético voltou a si assim que o seu mestre recuperou, mas Jardir

já se movia, saltando sobre o que restava da cama, servindo-se da perna intacta. Segurou a Lança de Kaji nas mãos ao mover-se para o extremo oposto, usando o seu peso para arrancar a arma da parede.

Sentiu uma dor dilacerante na perna ferida ao erguer-se, mas acolheu-a sem esforço, com movimentos precisos enquanto fazia recuar o braço e lançava.

Antes que algum dos demónios conseguisse reagir, o confronto chegava ao fim. A lança atravessou o crânio do demónio, deixando uma abertura medonha e prosseguindo o seu voo até se cravar na parede. O demónio da mente caiu morto e, sem ele, o mimético tombou, guinchando e esbracejando como se estivesse em chamas. Por fim, imobilizou-se, reduzido a uma pilha derretida de escamas e garras.



Leesha despertou com um estalido sonoro, abrindo os olhos e vendo Jardir, com olhos fechados e face serena, enquanto Inevera lhe puxava o pé com força para conseguir endireitar o osso que furava a pele.

Ignorando as dores que sentia, Leesha colocou-se a seu lado, pressionando o osso com a mão e guiando-o para a incisão aberta por Inevera. Tal como sucedia com Arlen, o ferimento começou a fechar quase de imediato, mas, mesmo assim, Leesha procurou agulha e linha para o coser com minúcia.

— Não será necessário — disse Inevera, erguendo-se e aproximando-se do cadáver do demónio da mente. Puxou pela faca guardada e cortou uma das saliências que se assemelhavam a chifres. Regressou com o objecto peçonhento e ensanguentado e retirou um pincel fino e um frasco da bolsa. Pintou guardas aprumadas em torno da ferida de Jardir e, enquanto passava o osso sobre elas, estas cintilaram, fechando a incisão como se nunca tivesse existido.

Fez o mesmo com o seu ferimento e, sem palavras, ocupou-se de Leesha, não a olhando. Leesha observou em silêncio, memorizando as guardas que Inevera usava e a forma como as unia.

Olhou o chifre depois de terminar. Permanecia intacto e Inevera grunhiu.

— Seja como for, talharei melhores dados com os ossos deste. — Leesha aproximou-se do demónio da mente, cortando o outro chifre e um dos seus braços. Enrolou-os numa tapeçaria pesada para os estudar mais tarde. Inevera

semicerrou os olhos, mas não disse nada.

— Por que não acorreu ninguém ao ruído do confronto? — perguntou Jardir.

— Penso que terá sido fácil para Alagai Ka traçar guardas de silêncio à volta dos teus aposentos — disse Inevera. — Será provável que permaneçam activas até a luz do Sol banhar as muralhas.

Jardir olhou-as.

— Controlou tudo o que disseram e fizeram?

Inevera acenou afirmativamente.

— O demónio... hmm... fez-nos lutar uma contra a outra, para sua diversão. — Tocou com cuidado o nariz inchado.

Leesha sentiu-se corar e tossiu.

— Sim — concordou. — Forçou-nos a fazê-lo.

— Qual o motivo de tais jogos cruéis? — quis saber Jardir. — Por que não fazer uma de vós cortar-me o pescoço enquanto estivéssemos deitados sobre almofadas?

— Porque não queria matar-te — respondeu Inevera. — Receia mais o teu poder para inspirar do que a tua capacidade de luta. E nada será mais inspirador do que um mártir.

— Seria preferível desacreditar-te e quebrar a unidade das tuas forças — acrescentou Leesha.

— Mas és o Shar'Dama Ka — afirmou Inevera. — Não poderão restar dúvidas, com Alagai Ka morto pela tua mão.

Jardir abanou a cabeça.

— Este não era Alagai Ka. Foi demasiado fácil. Será mais provável que fosse um príncipe menor. Haverá outros. E mais poderosos.

— Concordo — disse Leesha, olhando-o. — E é por isso que cobrarei a tua promessa, Ahmann. Vi a Dádiva de Everam e desejo regressar a casa. Devo preparar o meu povo.

— Não precisas de ir — disse Inevera. Leesha percebeu que pronunciara as palavras a custo. — Aceitar-te-ei como uma das Jiwah Sen do meu marido.

— Uma esposa inferior? — riu-se Leesha. — Não. Não me parece.

— Farei de ti a minha Jiwah Ka nortenha, se o desejares — disse Jardir. Inevera franziu a testa.

Leesha esboçou um sorriso triste.

— Continuaria a ser uma entre muitas, Ahmann. O homem com quem casar será apenas meu. — Viu a sua expressão entristecer-se, mas manteve-se firme e Jardir acabou por concordar com um aceno da cabeça.

— A tribo do Outeiro será honrada, de qualquer forma — disse.

— Não posso impedir as tribos de tentarem roubar alguns dos vossos poços, mas saberás que ficarão sujeitas à minha fúria se tentarem fazer-vos guerra.

Leesha baixou o olhar, receando chorar se continuasse a ver a tristeza nos seus olhos.

— Obrigada — disse, com voz embargada.

Jardir estendeu a mão, tocando-lhe o ombro e apertando com gentileza.

— E eu... peço desculpa, se o que aconteceu no Palácio de Espelhos não foi vontade tua.

Leesha riu-se alto, perdendo todo o medo das lágrimas. Lançou-se para ele, abraçando-o com força e beijando-o na face.

— Fizemo-lo à luz do dia, Ahmann — disse, piscando o olho.



— Entristece-me ver-te partir, mestra — disse Abban, alguns dias mais tarde, quando as suas esposas preparavam para a viagem a última das oferendas intermináveis de Jardir. — Sentirei falta das nossas conversas.

— E sentirás falta do Palácio de Espelhos para esconder as mais belas das tuas esposas dos dal’Sharum? — perguntou Leesha.

Abban olhou-a, surpreso. A seguir, curvou-se com um sorriso.

— Aprendeste melhor a nossa língua do que dás a entender.

— Por que não informas Ahmann? — perguntou Leesha. — Que seja ele a disciplinar Hasik e os outros. Não podem andar por aí a violar quem lhes apetece.

— Com o teu perdão, mestra, mas a lei diz o contrário — disse Abban. Leesha abriu a boca para responder, mas viu-o erguer uma mão. — O poder de Ahmann não é tão absoluto como ele próprio acredita. Punir os seus homens por algo que fizeram às esposas de um khaffit semearia discórdia entre os guerreiros em quem confia para se erguerem, armados, atrás de si.

— E isso é mais importante do que a segurança da tua família? — perguntou

Leesha.

O olhar de Abban endureceu.

— Não presumas conhecer todos os nossos costumes por teres vivido algumas semanas entre nós. Encontrarei uma forma de proteger a minha família que não coloque em risco o meu mestre.

Leesha curvou-se.

— Desculpa-me.

Abban sorriu.

— Compensa-me com a autorização para erguer um pavilhão na tua aldeia. A minha família possui um semelhante junto de cada tribo, para negociar bens e gado. A Dádiva de Everam possui mais cereal do que aquele de que necessita e sei que há bocas famintas no Norte.

— É bondoso da tua parte — disse Leesha.

— Não é — replicou Abban. — Como perceberás quando as minhas esposas regatearem com a tua gente pela primeira vez. — Leesha sorriu também.

Ouviram chamar no exterior e Abban coxeou até à janela e olhou para baixo, para o pátio.

— A tua escolta está pronta. Vem, acompanho-te.

— Que aconteceu entre Ahmann e o Par'chin, Abban? — perguntou Leesha, incapaz de continuar a conter-se. Se não obtivesse uma resposta naquele momento, seria provável que nunca a obtivesse. — Por que pareceu Ahmann furioso por mo teres referido? Por que sentiste medo quando te contei que o referira a Ahmann?

Abban olhou-a, suspirando.

— Se não colocarei em risco o meu mestre pela minha família, que te faz pensar que o faria pelo Par'chin?

— Responder à minha pergunta não constituirá qualquer risco para Jardir. Juro-o — disse Leesha.

— Talvez sim, talvez não — tornou Abban.

— Não compreendo — disse Leesha. — Ambos afirmam que Arlen era vosso amigo.

Abban curvou-se.

— E era, mestra. Por isso, dir-te-ei apenas: se conheceres o filho de Jeph, se puderes fazer-lhe chegar uma mensagem, diz-lhe que fuja para o fim do mundo e

mais além. Porque essa será a distância que Jardir estará disposto a percorrer para o matar.

— Mas porquê? — perguntou Leesha.

— Porque poderá existir apenas um Libertador — replicou Abban. — E o Par'chin e Ahmann... discordaram quanto a quem deverá sê-lo.



Abban dirigiu-se directamente à sala do trono de Jardir quando partiu do Palácio de Espelhos. Quando Jardir viu o khaffit, dispensou os seus conselheiros, ficando a sós com ele.

— Partiu? — perguntou.

Abban respondeu com um aceno afirmativo.

— Mestra Leesha aceitou autorizar-me a estabelecer um entreposto comercial junto da tribo do Outeiro. Ajudará a facilitar a integração e permitir-nos-á contactos valiosos no Norte.

Jardir acenou com a cabeça.

— Muito bem.

— Precisarei de homens para guardar os carregamentos e os armazéns do posto — disse Abban. — Antes, tinha criados para esse serviço pesado. Eram khaffit, mas eram também homens robustos.

— Todos esses homens se tornaram kha'Sharum — disse Jardir.

Abban curvou-se.

— Compreendes a minha dificuldade. Nenhum dal'Sharum aceitará ordens de um khaffit, em circunstância alguma, mas, se me permitires escolher alguns kha'Sharum para me servirem, seria bastante satisfatório.

— Quantos? — perguntou Jardir.

Abban encolheu os ombros.

— Cem seriam suficientes. Uma ninharia.

— Nenhum guerreiro, nem mesmo um kha'Sharum, será uma ninharia, Abban — considerou Jardir.

Abban curvou-se.

— Pagarei dos meus próprios cofres estipêndios às suas famílias, claro.

Jardir ponderou por um momento e encolheu os ombros.

— Escolhe a tua centena.

Abban curvou-se numa vénia tão profunda quanto permitia a sua muleta.

— As promessas que fizeste à mestra da tribo do Outeiro alterarão os teus planos?

Jardir abanou a cabeça.

— As minhas promessas não afectam nada. Continua a ser meu dever unir o povo do Norte para a Sharak Ka. Marcharemos sobre Lakton com a Primavera.

Trinta e Três

Uma Promessa Cumprida

333 DR Verão

- PARA QUE SERVEM TODAS ESTAS JANGADAS se há uma ponte perfeitamente sólida? — perguntou Renna, apontando o amontoado desordenado de cabanas, em número demasiado pequeno para merecer a designação de aldeia. Cada uma das estruturas minúsculas tinha uma jangada junto à água, rodeada por estacas guardadas cravadas na margem do Divisor.

Alguns demónios deambulavam pela área, testando as guardas nas cabanas, mas Renna cobria-se com a capa guardada e Arlen irradiava tamanho poder que um silvo ou um olhar ocasionais bastavam para manter os nuclitas à distância enquanto caminhavam junto ao rio.

— Por vezes, os mercadores que não querem os seus bens roubados pelos guardas da ponte pagam a barqueiros para os levarem até à margem oposta — explicou Arlen. — Habitualmente, porque transportam algo ou alguém que não deviam.

— Então podemos fazer o mesmo? — perguntou Renna.

— Poderíamos — respondeu Arlen. — Mas isso implicaria esperar até ao

amanhecer e lidar com mais rumores. Não posso levantar o braço por aqui sem atingir alguém que se comporte como um imbecil por achar que sou o Libertador.

— Não te conhecem como eu — disse Renna, sorrindo.

— Ali — disse Arlen, apontando uma jangada suficientemente grande para transportar Dançarino do Ocaso com conforto. Havia um grande sulco na margem, por onde era puxada em cada dia. Passou a Renna uma das suas moedas de ouro antigas. — Deixa-a junto à porta.

— Porquê? — perguntou Renna. — Estamos na lua nova. Não nos verá levá-la e, mesmo que ouça, não passará as guardas para correr atrás de nós.

— Não somos ladrões, Ren — disse Arlen. — Contrabandista ou não, alguém ganha a vida com aquela jangada. — Renna acenou afirmativamente e recebeu a moeda, deixando-a à porta da cabana.

Arlen examinou a jangada.

— Nem uma única guarda aquática! — Cuspiu sobre a margem.

Renna regressou, pontapeando uma das estacas.

— Estas também não valem nada. Mais do que outra coisa, é a sorte que as protege.

Arlen abanou a cabeça.

— Não consigo explicá-lo, Ren. Qualquer criança de dez anos do Ribeiro consegue superar as guardas da maioria das pessoas das Cidades Livres, onde são ensinados a não confiar em alguém sem licença da associação para guardar uma simples janela.

— Podes guardá-la agora? — perguntou Renna, apontando a jangada com a cabeça.

Arlen abanou a cabeça.

— Não de forma a que as guardas sequem antes do amanhecer.

Renna olhou o rio largo. Mesmo com os seus olhos guardados, não conseguia ver a margem oposta.

— Que acontecerá se tentarmos atravessar sem guardas?

— É costume existirem sapeiros escondidos na margem — disse Arlen. — Começamos por matá-los... — Encolheu os ombros. — É lua nova. Não há luz que brilhe sobre a jangada do alto e nos ilumine para os demónios do rio. É provável que consigamos atravessar as águas profundas em segurança. Quando

alcançarmos a margem oposta, o céu estará mais claro e a maioria dos sapeiros terá regressado ao Núcleo.

— Sapeiros? — repetiu Renna.

— Demónios da margem — explicou Arlen. — As pessoas chamam-lhes sapeiros porque parecem grandes sapos. A diferença é que são suficientemente grandes para te comerem a ti como se fosses uma mosca. Saltam da água e apanham-te com a língua, engolindo-te inteira ao arrastar-te. Se resistires muito, mergulham no rio e afogam-te.

Renna acenou afirmativamente e puxou pela faca. Havia guardas pintadas recentemente com caulinegra nos nós dos seus dedos.

— Qual é a melhor forma de matar um?

— Com uma lança — disse Arlen, pegando em duas lanças e passando-lhe uma. — Observa.

Moveu-se lentamente para a água, produzindo um assobio estridente. Por um momento, tudo pareceu calmo. A seguir, a água junto à margem explodiu quando um nuclita gigantesco e de boca escancarada se ergueu. Fincou duas patas robustas e com membranas interdigitais na margem e moveu a cabeça, projectando sobre Arlen a sua língua grossa e pegajosa.

Mas Arlen estava preparado e desviou-se com facilidade. O demónio coaxou e saltou para a margem, cobrindo com um único salto uma distância que rondaria os três metros. Voltou a lançar a língua, mas Arlen voltou a desviar-se, aproveitando para se aproximar antes que a língua retraísse. Com um golpe rápido e preciso, cravou a lança entre as pregas de pele dura no queixo do demónio, atingindo-lhe o cérebro e torcendo com violência. A magia cintilante iluminou a noite ao libertar a lança e, quando o demónio embateu no solo, golpeou-o novamente para se assegurar da sua morte.

— O truque é fazê-los subir à margem — explicou, voltando para junto de Renna. — Esquiva-te à primeira língua e saltam da água para tentar novamente. São bons saltadores, mas as patas dianteiras não têm o mesmo alcance de uma lança. Podes atingi-los de distância segura.

— Não há grande diversão nisso — disse Renna, mas segurou a lança com firmeza e aproximou-se da água, tentando imitar-lhe o assobio.

Esperou que levasse alguns momentos a obter resposta, mas, quase de imediato, a água voltou a explodir e um demónio da margem lançava-lhe a

língua a mais de quatro metros de distância. Esquivou-se, mas não foi suficientemente rápida e a língua atingiu-a
de raspão, fazendo-a cair.

Antes que conseguisse recuperar, o demónio saltou, aterrando sobre a margem e tentando novamente. Renna rebolou para um dos lados, mas a língua prendeu-a pela coxa, arrastando-a lentamente. Renna largou a lança para tentar cravar os dedos na margem, sem sucesso. A boca do nuclita, suficientemente ampla para a engolir inteira, estava preenchida com fileiras de dentes curtos e afiados.

Renna ignorou-a, voltando-se para Arlen, que já corria na sua direcção.

— Não te metas nisto, Arlen Fardos! — rosnou, fazendo-o parar.

Estava quase ao alcance dos dentes do demónio da margem quando se voltou para ele. Descalçou a sandália do pé livre e pontapeou o nuclita no queixo com um clarão de magia. A língua afrouxou ligeiramente o aperto e Renna voltou-se, cortando-a com a faca. Enquanto o nuclita recuava, pôs-se de pé e apunhalou-o num olho. Saltou para evitar o seu estertor e moveu-se com ligeireza, cravando a faca no outro olho para assegurar a morte.

Voltou a olhar Arlen, desafiando-o a criticar. Não disse nada, mas havia um indício de sorriso a um canto da boca e os seus olhos brilhavam.

Ouviram-se gritos da cabana e viu-se a luz de uma lanterna numa das janelas. Alguém havia sido acordado pelo alvoroço.

— Está na hora de ir — disse Arlen.



O escolhido movia-se. O príncipe nuclita silvou, manifestando a sua frustração. Mas, de imediato, saltou sobre o dorso do mimético e elevou-se nos ares, seguindo-lhe o rasto.

Fora arriscado permitir que o humano vivesse mais um ciclo, mas o demónio da mente considerara o risco aceitável pela esperança de conseguir aprender como o escolhido obtivera poderes há muito repelidos. O escolhido matava demónios inferiores todas as noites, mas o número de mortes não importava, tal como não importavam as armas que distribuía. Não era um unificador, como o humano perigoso a Sul.

Mas tinha potencial para se tornar um unificador. Bastar-lhe-ia chamar e os

humanos acorreriam. Se isso acontecesse, poderiam ameaçar a Colmeia.

E movia-se com grande determinação de regresso ao ninho humano. O príncipe nuclita estava certo de que convocaria os humanos nesse momento, dando início a uma unificação. Não podia tolerá-lo.

O demónio da mente passou o resto da primeira noite a localizar o escolhido. Antes do amanhecer, chegou ao rio e silvou quando as suas presas se tornaram visíveis. Não podia fazer nada com o Sol prestes a erguer-se, mas encontrá-los-ia com facilidade na noite seguinte.

O mimético pousou com leveza sobre a margem, baixando-se para permitir ao príncipe nuclita que desmontasse. À medida que começavam a desmaterializar-se, o mimético emitiu um rosnado baixo, sentindo a antecipação do seu mestre pela matança.



Renna e Arlen cavalgavam quando o Sol se ergueu, passando por uma encruzilhada com uma velha tabuleta de direcção, poucas horas mais tarde.

— Não paramos na aldeia? — perguntou Renna.

Arlen olhou-a.

— Sabes ler?

— Claro que não — tornou Renna. — Não preciso de ler para saber o que significa uma tabuleta na estrada.

— Bem visto — disse Arlen. E Renna conseguiu pressentir o seu sorriso por baixo do capuz. — Não temos tempo a perder com outras aldeias. Preciso de chegar ao Outeiro com rapidez.

— Porquê? — perguntou Renna.

Arlen olhou-a por um longo momento, pensando.

— Uma amiga está em sarilhos — respondeu, por fim. — E suponho que a culpa será em grande parte minha por me ter ausentado durante tanto tempo.

Renna sentiu um aperto no coração.

— Que amiga? Quem é ela?

— Leesha Papel — respondeu. — Herbanária do Outeiro do Libertador.

Renna engoliu em seco.

— É bonita? — Arrependeu-se assim que as palavras lhe saíram da boca.

Arlen voltou-se para olhá-la com uma expressão que mesclava irritação e diversão.

— Porque me parece que ainda temos dez verões de idade?

Renna sorriu.

— Por que não sou uma daquelas pessoas que te vê como o Libertador. Não viram a tua cara depois de os teus dentes chocarem com os de Beni no sótão.

— O teu beijo foi melhor — admitiu Arlen. Renna rodeou-lhe a cintura com os braços e o desconforto fê-lo mover-se sobre a sela. — Não tardaremos a deixar a estrada — disse. — Gente demais a percorre nestes dias. Há um caminho que nos conduzirá a um dos meus esconderijos de armas e mantimentos. A partir daí, poderemos atravessar o Rio Angiers e chegaremos ao Outeiro num par de noites.

Renna acenou afirmativamente, suprimindo um bocejo. Sentira-se carregada com energia depois de matar o demónio da margem, mas, como sempre, o aumento de força desaparecera com o Sol. Adormeceu sobre a sela durante algum tempo até Arlen a acordar, sacudindo-a gentilmente.

— É melhor desmontares e vestires a capa — disse. — Está a ficar escuro e faltam algumas horas de viagem para chegarmos ao meu esconderijo.

Renna acenou com a cabeça e Arlen parou o cavalo. Estavam numa área escassamente arborizada, com coníferas altas suficientemente espaçadas para permitir que caminhassem de cada lado de Dançarino do Ocaso. Desmontou e ouviu o ruído das sandálias sobre o chão da floresta.

Levou a mão à sacola e retirou a capa guardada.

— Odeio usar isto.

— Não me importa o que odeies — disse Arlen. — Os nuclitas são mais numerosos deste lado do Divisor. Há aldeias e ruínas em maior número para os atrair. As copas das árvores por aqui enchem-se de demónios da madeira, saltando de ramo em ramo e caindo sobre ti do alto.

Renna ergueu o olhar, de repente, esperando que um demónio caísse sobre ela naquele preciso instante. Mas, obviamente, ainda não se tinham erguido. O Sol começara apenas a pôr-se.

Enquanto as sombras cresciam, Renna observou a névoa a erguer-se lentamente através das camadas de agulhas e pinhas que cobriam o solo entre as árvores. Rodeou os troncos como fumo erguendo-se de uma chaminé.

— Que fazem? — perguntou.

— Alguns gostam de se materializar no topo das árvores, longe da vista, para que ninguém veja a sua aproximação — disse Arlen.

— Costumam esperar que passes e caem-te sobre as costas.

Renna pensou no demónio da rocha que matara de forma semelhante e apertou a capa guardada em seu redor, olhando para cima, em todas as direcções.

— Há um mais à frente — disse Arlen. — Mantém-te atenta. — Permitiu que segurasse as rédeas de Dançarino do Ocaso e caminhou alguns metros adiante.

— Não vais despir a túnica? — perguntou Renna, mas Arlen abanou a cabeça.

— Vou mostrar-te um truque — disse. — Nem precisas de ter a pele guardada, se o fizeres da forma certa.

Renna acenou afirmativamente, observando com atenção. Caminharam um pouco mais e, como previsto, ouviu-se um ruído vindo de cima e um demónio com pele de casca de árvore caiu sobre as costas de Arlen.

Mas Arlen estava preparado. Voltou-se e baixou a cabeça junto a uma das axilas do demónio em queda, usando o braço livre para lhe prender o pescoço por trás, segurando-o sob o focinho. Com um movimento ligeiro, voltou-se, permitindo que a força da queda do demónio lhe partisse o pescoço.

— Santo dia — exclamou Renna.

— Há várias formas de o fazer — disse Arlen, fazendo fervilhar um dedo guardado ao furar um dos olhos do demónio, para confirmar a sua morte. — Mas o princípio é sempre o mesmo. O sharusahk ensina a usar contra o inimigo a sua própria força, tal como fazem as guardas. Foi assim que os krasianos sobreviveram durante os últimos séculos, travando a alagai’sharak todas as noites.

— Se são tão bons a matar demónios, porque os odeias tanto? — perguntou Renna.

— Não odeio os krasianos — corrigiu Arlen. A seguir, hesitou.

— Não todos, pelo menos. Mas a sua forma de vida, transformando em escravos quem não for homem e guerreiro... não está certa. Sobretudo se for imposta aos thesanos sob ameaça de lança.

— O que são thesanos? — perguntou Renna.

Arlen olhou-a, surpreso.

— Somos nós. Todos os habitantes das Cidades Livres. E pretendo que permaneçam livres.



O escolhido percorrera grande distância enquanto o príncipe nuclita esperava no Núcleo o fim do dia, mas o mimético era veloz e o demónio da mente não demorou a avistar a sua presa, conduzindo a montada através de arvoredo disperso. O demónio da mente descrevia círculos no alto, observando enquanto demónios da madeira atacavam o humano. O escolhido matava-os com rápida eficiência, quase sem abrandar o passo.

O crânio do demónio da mente palpitou e o mimético mudou de direcção e mergulhou sobre as árvores, com as asas encolhendo ao assumir a forma de um gigantesco demónio da madeira. Segurou um grosso ramo de árvore e travou a queda, projectando-se para diante. Saltou com facilidade de ramo em ramo, transportando a sua mente às costas.

Imobilizaram-se num ponto elevado, vendo o escolhido aproximar-se. Não havia sinais da fêmea, mesmo que o demónio da mente não conseguisse encontrar o fim do seu rasto. Farejou o ar, saboreando-a. Estivera por perto e há pouco tempo, mas não conseguia senti-la naquele momento.

Uma pena. Teria sido uma ferramenta útil contra o escolhido e a sua mente estava deliciosamente vazia, mas temperada com raiva intensa. Uma refeição digna da caçada, depois de a mente do escolhido ter sido consumida de igual forma.



— Outro demónio da madeira à frente — suspirou o Homem Pintado, quando o que seria o oitavo demónio da madeira numa hora se tornou visível. Era maior do que os restantes, quase demasiado grande para ser suportado pelos ramos. As suas dimensões aproximavam-se mais das dimensões de um demónio da rocha.

— Posso ficar com este? — perguntou Renna.

O Homem Pintado abanou a cabeça. Voltou-se para ela, mas demorou um instante a encontrá-la. A capa guardada continuava a deixá-lo zonzo e era fácil que os seus olhos passassem sobre ela sem a ver, se não se concentrasse.

— Precisas de dormir quando chegarmos ao esconderijo — disse-lhe. — E não

dormirás se estiveres carregada com magia.

— E tu? — perguntou Renna.

— Tenho guardas para fazer esta noite. Dormirei quando regressarmos ao Outeiro — respondeu, observando o demónio pelo canto do olho, enquanto se empoleirava, pronto para a emboscada.

Mas o demónio da madeira não esperou que passassem, ganhando balanço e lançando-se sobre ele de frente. Era um movimento inesperado, mas o Homem Pintado teve, mesmo assim, tempo suficiente para se esquivar para o lado, alcançando as garras estendidas e voltando contra o agressor a sua força.

Mas deveria ter calculado mal o comprimento dos membros do demónio porque, de alguma, forma, não conseguiu segurar o pé de garras aguçadas, fincando-se estas na perna coberta pela túnica e desequilibrando-o. Embateram os dois com força no solo e o nuclita rebolou para longe, erguendo-se ambos ao mesmo tempo.

Defrontaram-se e, de imediato, o Homem Pintado percebeu que havia algo de diferente no demónio. Contornou-o pacientemente, esperando uma oportunidade. Por algumas vezes, o Homem Pintado baixou os olhos ou fingiu voltar as costas, convidando um ataque, mas o nuclita não mordeu o isco, continuando a fitá-lo atentamente.

— Inteligente — disse.

— Precisas de ajuda? — perguntou Renna, levando a mão à faca.

O Homem Pintado riu-se.

— Fará frio no Núcleo no dia em que precisar de ajuda para matar um demónio da madeira solitário. — Baixou uma mão e abriu a túnica.

O nuclita rugiu e lançou-se sobre ele antes que pudesse desatar as vestes, lançando-o por terra. O Homem Pintado caiu de costas e pontapeou-o, aplicando um golpe mais violento do que teria conseguido Dançarino do Ocaso, mas os braços do demónio transformaram-se nos tentáculos de um demónio do lago, rodeando-o e apertando com força. Sentiu a superfície de espinhos aguçados e as ventosas que se prendiam à túnica, imobilizando-o e mantendo as guardas cobertas. As mandíbulas do demónio cresceram diante dos seus olhos, transformando-se na boca de um demónio da margem, suficientemente grande para lhe engolir a cabeça e os ombros inteiros.

O Homem Pintado golpeou com a cabeça para trás, atingindo o maxilar inferior

do demónio com a guarda de impacto no alto da cabeça. Viu-se um clarão e o demónio uivou quando alguns dos seus dentes se estilhaçaram, mas havia centenas de outros e não o largou. O Homem Pintado expirara violentamente durante o golpe e percebeu que não conseguia voltar a inspirar.

Com o último ar nos pulmões, emitiu um assobio estridente e Dançarino do Ocaso moveu a cabeça poderosa, arrancando as rédeas a Renna e avançando, baixando os chifres. Rasgaram o ombro do demónio num clarão sangrento de magia e o nuclita gritou de agonia, afrouxando por fim o aperto. O Homem Pintado rebolou para longe, respirando com dificuldade.

O nuclita pareceu derreter para longe dos chifres de Dançarino do Ocaso e voltou a crescer, com a armadura transformando-se e mudando de cor enquanto se transformava num demónio da rocha. Atingiu o garanhão com um golpe com as costas da mão, sem nunca afastar os olhos do Homem Pintado.

Mesmo sem os arreios e os alforges, Dançarino do Ocaso pesava quase uma tonelada, mas, mesmo assim, o poderoso demónio lançou o cavalo pelos ares. Embateu contra uma árvore alta e o Homem Pintado não conseguiu perceber se o ruído que ouviu fora o estalar do tronco ou da coluna vertebral do cavalo.

— Dançarino! — gritou, rasgando a túnica e lançando-se sobre o demónio. Renna correu para junto do cavalo.

Os golpes do Homem Pintado fizeram recuar o nuclita e este cedeu terreno, mas o ferimento provocado pelos chifres de Dançarino do Ocaso já tinha sarado e os murros e pontapés do Homem Pintado pareciam não provocar efeito duradouro. A sua carne pulsava em redor dos pontos de impacto chamuscados, sarando-os de imediato.

Fez o demónio cair, equilibrando-se sobre um braço, mas cravou as grandes garras no chão e alvejou-o com um grande naco de terra e folhas molhadas. O Homem Pintado não pôde desviar-se e foi atingido em cheio. Recuperou rapidamente o equilíbrio, sacudindo a imundície, mas sabia que as suas guardas estavam enfraquecidas nos pontos cobertos, se ainda funcionassem.

Mas não ficou mais ferido do que o nuclita e não pretendia deixar escapar um demónio tão poderoso. Voltaram a contornar-se, expondo os dentes e rosnando. Um dos braços do demónio transformou-se em meia dúzia de tentáculos, cada um com três metros de comprimento e terminando num chifre aguçado.

— Noite! De que parte do Núcleo vieste? — perguntou o Homem Pintado. O

mimético não deu qualquer resposta, atacando com os novos membros.

O Homem Pintado desviou-se e correu para o demónio. Havia uma abertura entre as placas couraçadas na axila e cravou os dedos endurecidos, pintados com guardas de perfuração, nessa junta, tentando atingir algum órgão vital que pudesse provocar dano duradouro.

O nuclita gritou e contorceu-se e a sua carne dissolveu-se em torno da mão agressora. Foi só então, em contacto com o demónio enquanto este se transformava, que o Homem Pintado percebeu o que a criatura fazia. Desmaterializava-se e voltava a formar-se, tal como ele próprio fazia ou como qualquer nuclita. A diferença era que aquele demónio conseguia reconstituir-se com formas diversas. Mil possibilidades abriram-se ao Homem Pintado ao percebê-lo. Demasiadas possibilidades para as conter mentalmente a todas. Afastou a revelação como se fosse uma mosca irritante e concentrou-se no adversário, voltando a atacar.

Na fracção de segundo que o demónio levou a transformar-se o Homem Pintado desmaterializou-se também, mesclando-se parcialmente com ele para o impedir de solidificar. O demónio continuava a parecer-lhe sólido, mas o grito de Renna pareceu vir de grande distância. Sabia que seria uma visão assustadora para ela, vê-los desaparecer aos dois, como se fossem fantasmas, mas não havia nada a fazer.

Lutara contra outro demónio daquela forma e sabia que, naquele estado, a força e as guardas não tinham significado. Era a vontade que detinha o poder e sabia que a sua vontade era superior à de qualquer demónio.

Prendeu-se às moléculas do mimético, mantendo-as dispersas e imateriais, guiadas pela sua vontade. Sentiu o medo repentino da criatura e respondeu-lhe com a sua fúria e raiva, dominando-lhe a vontade como um pai faria a uma criança desobediente.

Mas, no momento em que sentia a vontade do mimético a quebrar, outra vontade o tocou, uma vontade mil vezes mais forte.



O príncipe nuclita equilibrava-se sobre a copa alta de uma árvore olhando o duelo, mas a sua mente erguia-se sobre o dorso do mimético, transmitindo

ordens ao servo.

Contra qualquer outro inimigo, a morte teria sido rápida, pois o demónio da mente podia ler os pensamentos do oponente, respondendo a ataques antes mesmo que estes fossem concretizados. Mas os pensamentos da mente do humano estavam guardados e o demónio permaneceu cego aos seus planos. O mimético deveria ter prevalecido, de qualquer forma, mas o humano fez algo que nem a mente do demónio esperaria.

Desmaterializou-se.

O príncipe nuclita nunca vira nada assim. Nem sequer imaginara que seria possível para uma criatura da superfície. Por um momento, sentiu uma pontada de receio perante o poder do humano.

Mas durou apenas um momento porque, logo a seguir, enquanto o humano quebrava a vontade do mimético, o príncipe nuclita tocou-lhe a mente. As guardas não tinham qualquer poder no estado intermédio. Qualquer príncipe novato o saberia. A imprudência do escolhido deixara-o vulnerável.

O demónio da mente atacou antes que o humano pudesse recuperar da surpresa e, nesse momento, por fim, conheceu o seu inimigo, mergulhando no rio das suas memórias. O humano sentiu-se horrorizado perante a invasão, mas era indefeso para a travar. A sua raiva impotente era inebriante.

A seguir, o escolhido voltou a surpreender. Um ser inferior teria vacilado, mas o humano deixou as memórias para trás, desprotegidas, e projectou a sua vontade contra o rio do demónio, a essência do seu ser. Rompeu-lhe as defesas, sem preparação para tamanha ferocidade e uniram-se por um instante até o príncipe nuclita concentrar a sua vontade e cortar a ligação.

No momento em que a sua mente ficou livre, o escolhido solidificou, forçando o mimético a fazer o mesmo.

— Renna! — gritou o humano. O príncipe nuclita olhou, chocado, o ponto em que o ar ondulava e a fêmea humana parecia surgir do nada, cravando no mimético a sua faca guardada.

O demónio da mente ignorou os uivos do mimético, estudando a distorção no ar em redor da fêmea, vendo-se algum tipo de vestimenta esvoaçar atrás dela ao atacar. Guardas poderosas para conseguirem escondê-la até dos olhos de um príncipe.

Quando o escolhido solidificou, as suas guardas mentais voltaram a activar-se,

mas também perdeu o controlo exercido sobre o mimético. O demónio da mente ordenou ao seu servo que o repelisse e se lançasse sobre a fêmea, arrancando-lhe a vestimenta guardada e derrubando-a.

Quando o escolhido conseguiu erguer-se, duas fêmeas se defrontavam, idênticas em aparência e acções. O demónio da mente uniu os seus pensamentos, permitindo ao mimético duplicá-la por completo e, a seguir, libertou as garras do tronco da árvore. Lançou-se ao vazio e pairou até ao chão como uma folha em queda.



O Homem Pintado pestanejou, vendo duas Rennas Curtidor diante dele, idênticas até às manchas de caulinegra sobre a pele em níveis variáveis de esbatimento. Olhavam-no com os mesmos olhos, usavam as mesmas roupas esfarrapadas, seguravam a mesma faca. Até a magia que irradiavam parecia ser idêntica.

Correu para junto de Dançarino do Ocaso, forçando-se a ignorar a respiração laboriosa do cavalo enquanto retirava
o seu arco e o armava com uma flecha. Vacilou, não sabendo para onde deveria apontá-la.

— Arlen, é ela o demónio! — gritaram as duas Rennas em uníssono, apontando a outra.

Olharam-se, chocadas, e voltaram-se para ele.

— Arlen Fardos — disseram as duas, posicionando as ancas como Renna fazia quando estava irada — não me digas que não consegues distinguir-me de um nuclita!

O Homem Pintado olhou as duas e encolheu os ombros. Dois pares de olhos castanhos idênticos olharam-no com ferocidade.

Franziu a testa.

— Por que tive de jogar aos beijos naquela noite?

As duas Rennas pareceram alegrar-se com a pergunta.

— Porque perdeste um jogo de abrigo — disseram em simultâneo, voltando-se novamente para olhar a outra com expressão horrorizada.

O Homem Pintado concentrou-se, observando as duas em simultâneo.

— Como perdi?

As Rennas hesitaram, olhando-o.

— Beni fez batota — admitiram. Um brilho homicida iluminou os olhos de ambas e voltaram-se novamente uma para a outra, erguendo as facas.

— Não! — disse o Homem Pintado, erguendo o arco. — Dá-me um momento.

Ambas lhe lançaram um olhar irritado.

— Nucleado sejas, Arlen. Deixa-me matá-lo e pôr fim a isto!

— Não estás à sua altura, Ren — disse o Homem Pintado. As duas mulheres fitaram-no com ódio, mais uma vez. — A Renna verdadeira dar-me-ia ouvidos — acrescentou.

As mulheres lançaram as cabeças para trás e riram-se do comentário, mas não avançaram para se atacarem. O Homem Pintado acenou afirmativamente.

— Mais vale que te mostres! — gritou para a noite. — Sei que aí estás! Este demónio camuflado não tem inteligência para tanto!

Ouviu-se um restolhar num dos lados e um demónio surgiu. Era pequeno e esguio, com uma cabeça demasiado grande um crânio longo e coberto de saliências. Os seus olhos eram grandes espelhos negros e expunha uma única fileira de dentes. As garras na extremidade dos seus dedos delicados eram como as unhas pintadas de uma dama angierana.

— Pensei muitas vezes no momento em que encontraria um demónio como tu, maldito — disse-lhe o Homem Pintado. Tocou com a mão na grande guarda tatuada no centro da testa. — Guardei-me especialmente para a ocasião.

O demónio inclinou a cabeça, estudando-o. A seu lado, as duas Rennas paralisaram-se por um momento.

— A tua mente pode estar protegida, mas a desta fêmea não está — disseram as duas Rennas em simultâneo, enquanto o demónio continuava a olhá-lo. — Podemos matá-la quando desejarmos.

O Homem Pintado puxou a corda e disparou num instante, mas o demónio traçou rapidamente uma guarda no ar e um clarão de magia reduziu a flecha a cinzas antes de atingir o alvo. Puxou nova flecha até junto da orelha, mas seria um gesto inútil contra aquele novo demónio. Baixou o arco, afrouxando a tensão na corda.

— Que queres? — perguntou.

— Que quer a tua montada dos insectos que enxota com a cauda? –

perguntaram as Rennas. — És um incómodo que será esmagado. Nada mais.

O Homem Pintado sorriu.

— Tenta fazê-lo.

Mas as Rennas abanaram as cabeças.

— A seu tempo. Não tens sequazes que te defendam e eu tenho muitos. Em breve, abrirei o teu crânio e consumirei a tua mente, mas diverte-me permitir que negoceies a fêmea.

— Pensei que não tivesse nada que desejasses — afirmou o Homem Pintado.

— E não tens — concordaram as Rennas. — Mas abdicar de algo que desejas ocultar provocar-te-á dor e isso adoçará a refeição em que transformaremos a tua mente.

O Homem Pintado semicerrou os olhos.

— Onde soubeste da nossa existência? — perguntaram as Rennas.

O Homem Pintado olhou-as e, a seguir, voltou a olhar o demónio da mente.

— Porque deveria dizer-to? Não podes arrancar-mo da cabeça e ela não sabe.

As Rennas sorriram.

— Os humanos são fracos no que diz respeito às suas fêmeas. Essa fragilidade foi cuidadosamente introduzida nos vossos antepassados. Diz-nos ou morre. — Enquanto falavam, as duas mulheres empunharam facas guardadas idênticas e aproximaram-se, erguendo a sua faca contra a garganta da outra.

O Homem Pintado apontou o arco, hesitando entre uma e outra.

— Poderia atingir uma delas. Tenho metade das hipóteses de matar o teu camuflado.

As mulheres encolheram os ombros.

— É apenas um sequaz. A fêmea, no entanto, tem grande importância para ti. Sofrerás muito se morrer.

— Grande importância? — ecoaram as duas Rennas e o Homem Pintado voltou-se para as olhar com atenção. Havia medo nos seus olhos. E desespero.

— Lamento, Ren — disse o Homem Pintado. — Não quis que isto acontecesse. Adverti-te.

As duas Rennas acenaram com a cabeça.

— Eu sei. A culpa não foi tua.

O Homem Pintado apontou-lhes o arco.

— Não te conseguirei salvar desta vez, Ren — disse, engolindo em seco. —

Nem mesmo se soubesse qual das duas és tu. — Renna conteve as lágrimas e o Homem Pintado quase conseguiu sentir o prazer do demónio da mente. — Por isso, terás de ser forte e terás de te salvar a ti própria — disse. — Porque aquele monstro é a face do mal e não o deixarei escapar.

O demónio da mente retesou os músculos ao perceber o significado do que ouvira, mas perdeu um segundo precioso enquanto o Homem Pintado largava o arco e se lançava sobre ele, cobrindo a distância que os separava num ápice. Antes que pudesse ordenar a Renna e ao mimético que se matassem, um punho guardado atingiu a cabeça bolbosa do príncipe nuclita com uma explosão de magia.

O demónio esguio foi projectado vários metros pela força do golpe e aterrou de costas, silvando de raiva. O seu crânio palpitava e o Homem Pintado conseguia sentir a vibração de poder que projectava, apesar de não lhe provocar qualquer dano.

Atrás dele, o mimético guinchou, mas o Homem Pintado ignorou-o, saltando novamente sobre o demónio da mente, imobilizando-o e aplicando golpes violentos. Cada ferimento sarava instantaneamente, mas não desistiu, mantendo-o atordoado até encontrar uma forma de o matar. Se o sentisse desmaterializar, estaria preparado para enfrentar a sua vontade.

Mas o demónio da mente permaneceu sólido, talvez receando precisamente isso. A cada golpe, ficava mais atordoado, demorando um segundo mais a recuperar. O Homem Pintado prendeu o demónio numa chave de sharusahk, com as guardas de pressão nos antebraços aquecendo enquanto cintilavam contra a sua garganta, acumulando poder. Terminaria em segundos.

Mas, então, um demónio do vento caiu sobre ele, quebrando a chave e separando-os. O Homem Pintado rebolou sobre o demónio do vento e atingiu-o com força na garganta, fazendo-o perder os sentidos quando um demónio da madeira caía sobre ele das árvores antes que conseguisse pôr fim à vida do primeiro adversário. Foi prontamente seguido por muitos mais.



O demónio da mente sentiu quebrar-se a sua ligação com o mimético enquanto o choque do golpe do escolhido lhe fazia estremecer o crânio. Nunca conhecera

tal dor. Nos dez mil anos desde que saíra do ovo, nenhuma criatura alguma vez se atrevera a golpear o príncipe nuclita. Era impensável.

O demónio embateu violentamente contra o chão e, de imediato, aplicou o seu desespero num chamado. Demónios inferiores responder-lhe-iam de todas as partes. O mimético respondeu com um grito, mas não conseguiu acorrer. O humano saltou sobre o demónio da mente, martelando-lhe a cabeça com as guardas.

Acostumado a lutar por intermédio do seu mimético, o demónio da mente não se sentia preparado para a dor e para a confusão provocadas pelo confronto físico. O humano não lhe dava tempo para recuperar e não conseguia impedir que o escolhido o imobilizasse numa chave primitiva. As guardas activadas sugavam a magia do príncipe nuclita e transformavam-na em dor.

Poderia ter sido o fim, mas um demónio do vento respondeu ao seu chamado, caindo sobre o escolhido e afastando-o. Outros demónios inferiores se seguiram, correndo em defesa do príncipe nuclita. No momento em que o adversário foi afastado, o demónio da mente sarou os ferimentos, silvando perante a afronta. Emitiu outro chamado, pretendendo sepultar o escolhido sob os seus sequazes. Conseguia sentir dúzias deles nas imediações, correndo rapidamente para se juntarem ao amontoado, mas a ausência do mimético era incontornável.

O humano projectou os demónios da madeira para fora do seu caminho, atacando novamente o príncipe nuclita, mas, daquela vez, estava preparado, traçando uma guarda que projectou uma rajada de vento para atingir o escolhido como um golpe físico, fazendo-o voar sobre a clareira. Quando se ergueu, estava novamente rodeado por demónios da madeira. Comandados pelo demónio da mente, arrancaram ramos às árvores para usar como armas, conseguindo superar até as guardas de protecção enlameadas na pele do humano.



A imitação das suas palavras e actos era suficientemente terrível, mas Renna sentiu-se verdadeiramente agoniada quando
o demónio da mente lhe controlou a voz, fazendo-a perceber que sempre estivera escondido dentro dela, como um passageiro clandestino que, de repente, tomasse as rédeas de uma carroça.

Era uma violação inacreditável, pior do que qualquer coisa que Harl alguma vez tivesse feito. Pior do que a latrina, pior do que ser montada durante a noite. Conseguia sentir o demónio abrir caminho entre os seus pensamentos como um rato abrindo um túnel por um campo, usando as suas memórias mais queridas e privadas como armas contra Arlen.

Enfureceu-se e sentiu o prazer do demónio da mente pela sua reacção. «Já te possuí antes», sussurrou nos seus pensamentos. «Muitas vezes.»

Renna olhou Arlen e sentiu-se desesperada pela resignação no seu olhar. Pensara que seria suficientemente forte para o acompanhar no seu caminho. Que conseguiria fazer tudo o que ele fazia. Mas a mentira estava provada. Tudo o que podia fazer era permitir a sua morte.

Conteve as lágrimas e tentou erguer a faca para a cravar na própria garganta, mas o demónio da mente controlava-lhe o corpo como se fosse uma marioneta de Jogral e não conseguia contrariar a sua vontade. Mesmo que Arlen adivinhasse correctamente e conseguisse matar o mimético, o demónio da mente poderia forçá-la a apunhalá-lo no coração com a mesma facilidade. Quis advertilo, mas não conseguia pronunciar as palavras.

Então, o olhar da Arlen alterou-se, como se tivesse tomado uma decisão e olhou-a com uma confiança que nunca ninguém depositara nela.

— Terás de ser forte e terás de te salvar a ti própria — disse. — Porque aquele monstro é a face do mal e não o deixarei escapar.

Aquele olhar fê-la perder o medo e os seus olhos endureceram. Acenou afirmativamente e sentiu o súbito sobressalto do demónio da mente, compreendendo Arlen ao mesmo tempo que ela. Este tentou reagir, mas não foi suficientemente forte e Arlen aplicou-lhe um golpe na cabeça que dissipou as trevas com magia.

A presença do demónio na sua mente findou, deixando Renna atordoada e desorientada. Olhou o mimético, ainda com a sua forma, e viu-o cambalear como ela, desligado da mente superior.

Segurando com maior força a faca do pai, Renna rosnou e saltou sobre a criatura, cravando a lâmina no seu ventre exposto. Rodeou o demónio com o braço livre, puxando-o para junto de si enquanto as guardas de caulinegra na sua pele eram activadas. Sentiu a magia nos músculos, fortalecendo-a ao empurrar a faca para cima, abrindo a criatura do umbigo às clavículas.

O corpo do mimético podia parecer-se com o seu por fora, mas o sangue negro fedorento que jorrou do ferimento não pertencia ao mundo da superfície.

Olhou-lhe a face, a mesma face que vira milhares de vezes em espelhos de água. Renna quase chorou ao ver a dor e a confusão nos seus próprios olhos, mas, nesse momento, a face rosnou como se pertencesse a um cão e os dentes começaram a alongar-se enquanto silvava.

Renna rodopiou quando o mimético a atacou, voltando a sua energia contra ele como Arlen lhe ensinara. Segurou a trança grossa com a mão livre quando passou por ela, travando-lhe a queda e expondo-lhe a nuca. O movimento conferiu-lhe tamanho ímpeto que a faca trespassou o pescoço sem esforço.

A luta terminou naquele momento. O corpo do demónio caiu ao chão sem vida e Renna segurou a sua própria cabeça pelo cabelo, com olhos revirados e pingando sangue negro do pescoço. Inspirou fundo, enchendo os pulmões com o que lhe parecia ser o primeiro ar em horas.

Ergueu o olhar, esperando ver o demónio da mente morto aos pés de Arlen, mas, ao invés, viu Arlen rodeado por demónios da madeira segurando ramos nas garras enquanto o demónio da mente recuava. Os nuclitas ainda não a tinham visto, concentrando-se exclusivamente em Arlen.

Renna olhou em redor, deixando cair a cabeça ao chão e erguendo a capa guardada. O mimético rompera os fechos junto ao pescoço, mas, além disso, a vestimenta permanecia intacta. Guardando a faca na bainha, cobriu os ombros com a capa, levantando o capuz e usando as duas mãos para a manter fechada pelo lado de dentro.

Ergueu-se com cuidado, caminhando para o local da batalha a um ritmo lento e regular para maximizar a eficácia das guardas. Um dos demónios golpeou Arlen nos ombros enquanto se aproximava. Ouviu-o gritar e ser lançado por terra, cuspindo sangue. Os outros demónios fizeram o mesmo e Arlen rebolou em desespero para se esquivar aos seus golpes, apenas com sucesso parcial.

O que mais queria era correr em auxílio de Arlen, mas sabia no seu coração que não desejaria que o fizesse. O demónio da mente ergueu-se novamente com coragem, já sem tentar escapar. Valeria mais do que a vida de ambos se conseguisse mostrar-lhe o Sol.

O Homem Pintado sentiu as costelas quebrarem quando o ramo o lançou ao chão. Cuspiu uma mistura fétida de bílis e sangue sobre o solo.

Antes que conseguisse recuperar, outro ramo o atingiu. Rebolou para se esquivar ao terceiro e ao quarto, mas não conseguiu erguer-se e o quinto atingiu-o em cheio na face, rasgando a pele e fazendo um dos seus olhos saltar da órbita, ficando pendurado por um fio de músculo. O som da pancada ecoou-lhe na cabeça, abafando tudo o resto.

Com o olho intacto, olhou para cima, vendo vários demónios golpeando em uníssono com ramos. Por um momento, acreditou que chegara o seu momento de morrer, mas recuperou os sentidos por um centésimo de segundo e amaldiçoou-se por ser tão tolo.

Quando os ramos caíram, atingiram apenas neblina. O Homem Pintado esgueirou-se para fora do círculo, voltando a solidificar atrás de um dos demónios da madeira, com os ferimentos instantaneamente sarados. Pontapeou uma das pernas do demónio, segurando-o pelos chifres ao cair e usando o seu peso para o voltar, partindo-lhe o pescoço. Saltou sobre o demónio seguinte, trespassando-lhe os olhos com os polegares. Um terceiro demónio tentou atingi-lo com o seu ramo, mas novamente se desmaterializou e o demónio atingiu apenas o seu irmão cego. O Homem Pintado tornou a solidificar-se, golpeando com os dedos rijos uma falha na armadura semelhante a casca de árvore do demónio que o atacara, fazendo-lhe explodir o coração como se esmagasse uma castanha.

Pensara que nenhuma arma mortal poderia feri-lo se percebesse o ataque, mas via agora que era muito mais do que isso. Qualquer forma de morte ou desmembramento poderia ser sarada num instante. Os nuclitas em seu redor tornaram-se meras moscas que enxotaria do seu caminho. Não eram suficientemente inteligentes para se desmaterializarem de forma ofensiva por iniciativa própria e o demónio da mente não pensaria em fazê-lo por seu intermédio, receando um confronto de vontades no outro plano.

Ignorou os demónios da madeira restantes, passando entre eles como um fantasma e solidificando apenas quando o caminho para o príncipe nuclita ficou desimpedido. Olhou o demónio e sentiu-se dominar por uma tontura. A confiança que o movera no momento anterior desapareceu ao perceber que acabara apenas de descobrir poderes que o demónio conhecia há milhares de

anos. Viu-o expor-lhe os dentes e erguer uma garra para travar uma guarda no ar.

Mas, nesse momento, a extremidade de uma lâmina rompeu-lhe o peito, brilhando com magia. A tontura abandonou-o quando a capa de Renna se abriu e a viu segurando o demónio pela garganta com o braço livre, com as guardas de contacto na lâmina acumulando poder.

O príncipe nuclita guinchou de surpresa e dor e o Homem Pintado não hesitou, saltando para diante e golpeando com força para impedir que recuperasse o equilíbrio. Renna soltou a faca, rodeando-lhe o pescoço com o colar de seixos do rio. As guardas cintilaram e o demónio da mente abriu a boca como se pretendesse gritar, mas sem emitir qualquer som. Em vez disso, o seu crânio pulsou e a vibração resultante atingiu o Homem Pintado como um vento forte, repelindo-o.

Renna pareceu não notar o efeito, mas entre as árvores, ao longo de quilómetros em redor, demónios guinchavam em agonia. Um demónio do vento tombou do céu, caindo entre os ramos de uma árvore e embatendo contra o tapete de folhas no solo, morto. Os demónios da madeira que o tinham atacado também caíram, eliminados pelo grito psíquico do demónio.

E, nesse instante, o demónio da mente fugiu.



O príncipe nuclita nunca conhecera o medo. Nunca conhecera a dor. Estava acima de tais coisas, saboreando-as apenas de forma superficial nas mentes dos seus sequazes e das suas presas, como iguarias a serem desfrutadas.

Mas não havia nada de superficial na morte do seu mimético ou na lâmina que lhe atravessava o peito. No cordão que o estrangulava ou nos golpes que anulavam os esforços para aplicar o seu poder. Gritou e sentiu as mentes dos sequazes em redor incendiadas pela dor.

O escolhido distraiu-se por um instante e o príncipe nuclita aproveitou a oportunidade para se desmaterializar e fugir para o Núcleo. Aí, criaria um novo mimético e ganharia forças para o ciclo seguinte, regressando à frente de uma hoste de demónios como os habitantes da superfície não viam há milénios.



Renna berrou e o Homem Pintado voltou-se, vendo o demónio da mente dissolver-se nos braços dela, transformando-se em névoa que se infiltrava por um caminho no solo em direcção ao Núcleo.

Por instinto, seguiu-o.

— Arlen, não! — gritou Renna, mas a sua voz era um ruído distante.

O caminho para o Núcleo era como seguir um regato na escuridão. Conseguia descortiná-lo, mas a visão não lhe servia de nada. Limitava-se a sentir o fluxo da magia irradiado pelo centro do mundo, avançando contra a sua corrente. O Homem Pintado manteve a sua vontade focada na presença malévola do príncipe nuclita à sua frente e pareceu-lhe que percorreu quilómetros antes de se aproximar o suficiente para conseguir alcançá-lo.

Não tinha mãos com que pudesse agarrá-lo, mas forçou a sua essência a colar-se ao demónio e, como dois homens soprando fumo para uma única nuvem, misturaram-se e as suas vontades embateram.

O Homem Pintado esperara que a vontade do demónio tivesse enfraquecido, mas não perdera potência e atacaram as mentes um do outro, golpeando em qualquer ponto que lhes parecesse poder provocar dor, por mais ínfimo que fosse o alvo. O príncipe nuclita expunha todos os falhanços da sua vida, troçando dele com o destino a que abandonara Renna ou com o abandono dos rizonanos. Provocava-o com imagens de Jardir forçando a pobre e inocente Leesha.

Era quase demasiado, mas conseguiu superar a dor e contra-atacar, penetrando as defesas do demónio da mente. Viu, nesse momento, um vislumbre do Núcleo, um local de escuridão eterna, mas iluminado pelo brilho de magia com intensidade superior à do Sol sobre as imensidões desérticas.

De imediato, a vontade do demónio recuou, cessando o ataque para proteger os seus pensamentos. O Homem Pintado sentiu a vantagem e intensificou o ataque. O príncipe nuclita guinchou mentalmente quando o seu oponente soube da existência da Colmeia.

O Homem Pintado poderia ter vencido nesse momento, não fosse pelo horror da visão. Os nuclitas que subiam à superfície para caçar eram apenas uma ínfima fracção do que o Núcleo conseguiria produzir. Milhões de demónios. Milhares de milhão. Pela primeira vez desde que encontrara as guardas da antiguidade,

sentiu desespero e duvidou da possibilidade de vitória.

A vontade do demónio da mente rugiu e o confronto desceu a um nível mais básico, limitando-se à simples luta pela sobrevivência. Mas o Homem Pintado detinha a vantagem nessa luta, pois não temia a morte e não olhava sobre o ombro quando esta se aproximava de ambos.

O demónio fazia-o e, nesse instante, a sua vontade quebrou e o Homem Pintado absorveu-lhe a magia na sua própria essência, deixando uma ruína queimada que projectou do caminho para o Núcleo, fazendo-a perder-se para sempre.

Sozinho no caminho, o Homem Pintado pôde finalmente ouvir o verdadeiro chamado e era belíssimo. Estava na presença de poder. Poder que, por si só, não era malévolo. Como o fogo, estava além do bem e do mal. Era apenas poder e chamava-o como um mamilo chamaria um recém-nascido faminto. Estendeu-se para ele, preparado para o saborear.

Mas, então, outro chamado o alcançou.

— Arlen! — A voz era um eco distante que reverberava pelo caminho abaixo. — Arlen Fardos, volta já para mim!

Arlen Fardos. Um nome que não usava há anos. Arlen Fardos morrera no deserto krasiano. A voz chamava um fantasma. Voltou-se novamente para o Núcleo, pronto para se lhe entregar.

— Não voltes a abandonar-me, Arlen Fardos!

Renna. Deixara-a em apuros por duas vezes, mas a terceira seria o golpe mais profundo, condenando-a à vida a que ele próprio desejara escapar depois de a ver esforçar-se tanto para o salvar.

Que poderia o abraço do Núcleo oferecer-lhe que não lhe oferecesse o seu?



Renna sentia a garganta dorida de gritar quando a névoa se ergueu do solo e começou a assumir a forma de Arlen. Riu-se entre lágrimas e quase se engasgou. Parecia-lhe que, no momento anterior, estava praticamente nucleado, não lhe dando quaisquer esperanças, mas agora, de repente, todos os demónios em redor estavam mortos e o silêncio da noite era pesado enquanto ela e Arlen se olhavam. O retorno da magia do demónio da mente fora intenso e Renna sentia

os seus sentidos mais vivos do que alguma vez sentira na vida. Quase crepitava com energia e o seu coração batia como uma pandeireta de Jogral. Arlen brilhava de forma tão intensa que era doloroso olhá-lo.

— Dançarino — sussurrou Arlen, subitamente, interrompendo o silêncio. Correu para o seu cavalo.

— Partiu muitos ossos — disse Renna, tristemente. — Não voltará a correr, mesmo que sobreviva. O meu pai diria que o melhor seria abatê-lo.

— Para o Núcleo com qualquer coisa que o teu pai tivesse feito! — rosnou Arlen. Renna sentiu a sua dor como um bofetão na cara e percebeu nesse momento o amor que sentia pelo cavalo. Sabia como era, quando um animal era o único amigo que alguém tinha no mundo. Desejava que conseguisse dedicar-lhe metade daquele amor.

— As feridas estancaram — referiu. — Deve ter absorvido alguma magia daquele demónio camuflado antes de ser golpeado.

— Mimético — disse Arlen. — Chamam-se miméticos.

— Como sabes? — perguntou Renna.

— Aprendi muito quando toquei a mente do príncipe nuclita — respondeu Arlen. Estendeu as mãos, segurando uma das patas partidas do garanhão e endireitando-lhe os ossos. Mantendo-os no sítio com uma mão poderosa, traçou uma guarda no ar com a outra.

O cavalo gemeu de dor, mas a guarda cintilou e os ossos remendaram-se diante dos seus olhos. Uma a uma, cada ferida do cavalo foi tratada por Arlen, mas, enquanto Dançarino do Ocaso começava a respirar com facilidade, a respiração de Arlen tornava-se laboriosa. A sua magia, tão intensa no momento anterior dissipava-se rapidamente. O seu brilho tornara-se mais fraco do que Renna alguma vez o vira.

Tocou-lhe o ombro e sentiu uma pontada de dor quando alguma da sua magia fluiu para ele. Arlen gemeu, espantado, e olhou-a.

— Basta — sussurrou ela, vendo-o acenar afirmativamente.



O Homem Pintado olhou Renna e sentiu um profundo sentimento de culpa.

— Desculpa-me, Ren — disse.

Renna olhou-o com curiosidade.

— Desculpo-te o quê?

— Voltei-te as costas quando éramos pequenos, abandonando-te com Harl para poder caçar demónios — disse. — E, esta noite, voltei a fazê-lo.

Mas Renna abanou a cabeça.

— Senti aquele demónio na cabeça. Senti-o penetrar-me de forma mais repelente e dolorosa do que o meu pai alguma vez conseguiu. Era mal puro, vindo directamente do Núcleo. A morte daquele monstro valeria mil vezes a vida de Renna Curtidor.

O Homem Pintado ergueu um braço e tocou-lhe a face, com um olhar imperscrutável.

— Pensei o mesmo antes — disse. — Mas, agora, não tenho tanta certeza.

— Não retiro a minha promessa — disse Renna. — Se esta é a tua vida, pretendo apoiar-te como deveria fazer uma verdadeira esposa. Custe o que custar.

O amanhecer aproximava-se e o Núcleo continuava a chamar o Homem Pintado, mas tornara-se um chamamento distante e facilmente ignorado. Por ela. Porque, com Renna, recordou finalmente quem era. Pronunciou as palavras com facilidade.

— Eu, Arlen Fardos, prometo-me a ti, Renna Curtidor.